

SABRINE MANTUAN DOS SANTOS COUTINHO

**“A DONA DE TUDO”: O QUE É SER MULHER, MÃE E
ESPOSA DE ACORDO COM AS REPRESENTAÇÕES
SOCIAIS DE MULHERES DE DUAS GERAÇÕES**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia, sob a orientação do Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro.

UFES
Vitória, Abril de 2008

**“A DONA DE TUDO”: O QUE É SER MULHER, MÃE E ESPOSA
DE ACORDO COM AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE
MULHERES DE DUAS GERAÇÕES**

SABRINE MANTUAN DOS SANTOS COUTINHO

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovada em 25 de Abril de 2008, por:

Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro (Orientador) – UFES

Prof. Dr. Celso Pereira de Sá – UERJ

Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Rocha-Coutinho – UFRJ

Prof^a. Dr^a. Zeidi Araújo Trindade – UFES

Prof^a. Dr^a. Maria Margarida Pereira Rodrigues- UFES

AGRADECIMENTOS

À Deus, que me permitiu mais essa conquista.

Ao meu orientador, Professor Dr. Paulo Rogério Meira Menandro, uma pessoa realmente brilhante! Serei eternamente grata pela disponibilidade, generosidade, pelo incentivo em todos os momentos do trabalho, pelas colocações sempre inteligentes, e, principalmente, por ter acreditado em mim e me estimulado a “saltar”. Sentirei muita falta de nossas conversas sempre bem humoradas!

Aos todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES, em especial à Professora Dra. Maria Margarida Pereira Rodrigues, pelas ricas contribuições no Exame de qualificação e durante as aulas, e à Professora Dra. Zeidi Araújo Trindade, com quem aprendi muito nesse tempo que pude estar mais próxima - agradeço as oportunidades e as sugestões sempre pertinentes.

Aos professores Celso Pereira de Sá e Maria Lúcia Rocha-Coutinho, membros da Banca de Defesa, que gentilmente se dispuseram a contribuir com o trabalho.

À professora Maria Cristina Smith Menandro, pela gentileza e disponibilidade de sempre.

Aos meus pais, João e Tereza, pela formação que me deram, pelo apoio, carinho, e por sempre acreditarem em mim. Meu eterno agradecimento a vocês!

À todos da minha família, em especial, minhas irmãs, sobrinhas, avós, que souberam entender minha ausência e respeitar meu processo. Agradeço a torcida!

Ao meu marido, Bruno, companheiro de todas as horas! Soube compreender meus momentos, minha ansiedade, fazer concessões e mais concessões, e ainda ser um grande incentivador. Obrigada por fazer parte da minha vida!

À família do meu esposo, especialmente, minha sogra, que me apoiou e acolheu quando foi preciso.

Aos grandes amigos que conquistei nessa jornada, especialmente, Sibelle, Daniel, Mariana, Milena Bertollo e Rafaela Rölke. A companhia de vocês tornou tudo mais agradável.

Aos amigos de antes, que souberam entender o afastamento que se tornou inevitável, e ficaram na torcida, especialmente Rahulla, Elaine Busnardo, Hédila, Milena, Wal, Elaine Daher e Vanessa.

Aos participantes da RedePso - Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social, com quem compartilhei momentos de crescimento. Em especial ao pessoal que colaborou

com as infindáveis transcrições, e às meninas, Rafaela Moreira, Luciana Britto e Paula Coimbra, que trabalharam comigo em outras pesquisas.

À secretária do PPGP/UFES, Lúcia Fajóli, que com simpatia e respeito está sempre disposta a nos ajudar.

Ao Coordenador Acadêmico da Unes, Professor Everaldo Duarte Silva, pela compreensão e apoio, sobretudo, na etapa final do trabalho.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa durante parte do meu doutorado.

Às mulheres que gentilmente abriram suas vidas para mim... Foi muito bom conhecer suas histórias!

Coutinho, Sabrine Mantuan dos Santos (2008). **“A Dona de Tudo” – O que é ser mulher, mãe e esposa de acordo com as representações sociais de mulheres de duas gerações**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, 425 pp.

RESUMO

É bastante difundida na atualidade, especialmente pela ação dos meios de comunicação, a convicção de que, nas últimas décadas, as mulheres têm compreendido e vivenciado a experiência da maternidade e do casamento com muitas transformações em relação à geração anterior. Há incerteza, entretanto, quanto ao grau de consolidação de tais transformações no contexto das práticas cotidianas correntes na vida familiar e conjugal. O presente estudo objetivou identificar as práticas cotidianas nas quais as mulheres estão envolvidas e a rede de representações sociais que orienta as ações e atribuições da mulher na família (representações sociais de maternidade, gênero, casamento, esposa). Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas individuais com 20 mulheres de estrato socioeconômico de média para baixa renda: 10 que tiveram filhos na década de 1960, com idades entre 60 e 74 anos (consideradas 1ª geração), e 10 que tiveram filhos na década de 1990, filhas das participantes da 1ª geração, com idades entre 34 e 45 anos (2ª geração). O roteiro de questões proporcionou às participantes falarem de suas experiências e práticas cotidianas na família de origem e na família constituída, indicando transformações e permanências nas representações e práticas entre as gerações. Os dados foram organizados a partir de dois procedimentos que se complementaram: o *método fenomenológico para investigação psicológica*, visando desvendar/construir a *estrutura* do fenômeno experienciado, e o *software Alceste*, que possibilita conhecer o conteúdo das representações sociais, e identificar seu campo comum. Buscou-se identificar as oposições/antinomias presentes nos discursos que

podem contribuir para elucidar a origem das representações sociais que interessavam ao estudo. Os resultados evidenciaram pontos de aproximação e distanciamento entre as duas gerações estudadas em relação à forma de compreenderem e vivenciarem o papel feminino na família e no casamento. Mesmo que as transformações de uma geração a outra não tenham deslocado completamente o lugar da mulher no âmbito das relações familiares e de gênero no intervalo de tempo considerado, mudanças expressivas no papel feminino no contexto familiar e conjugal foram detectadas.

Palavras-chave: maternidade, casamento, gênero, família, representações sociais, práticas cotidianas, themata, relações intergeracionais

Coutinho, Sabine Mantuan dos Santos (2008). "**Happy Housewife"- What is it like to be a woman, mother and wife according to the social representations of women from two generations.** Doctor Thesis, Postgraduation Program in Psychology, Human and Natural Sciences Center at Federal University of Espírito Santo, 425 pp.

ABSTRACT

The notion that women have, in the past few decades, understood and lived the experience of maternity and marriage with numerous transformations with respect to the previous generation is, nowadays, widespread, specially as a function of communications media actions. There is uncertainty, though, with respect to the degree of consolidation of such transformations in the context of current quotidian practices in familial and conjugal life. The objective of the present study was to identify quotidian practices in which women are involved and the social representation network that guides the actions and attributions of women in the family (social representations of maternity, gender, marriage, wife). Semi-structured individual interviews with 20 women of a socio-economical background from average to low income: 10 who had children in the sixties, with ages varying from 60 to 74 years (considered 1st generation), and 10 who had children in the nineties, daughters of the 1st generation participants, with ages varying from 34 to 45 years (2nd generation). The questions script allowed the participants to talk about their daily experiences and practices in the original family and the constituted family, indicating transformations and permanences of the representations and practices between generations. The data were organized from two complementary procedures: *the phenomenological method for psychological investigation*, in order to unveil/construct the *structure* of the experienced phenomenon, and the software *Alceste*, which makes possible to know the social representations and to identify their common ground. It was attempted to identify the

oppositions/antinomies present in the speeches that can contribute to elucidate the origin of the social representations of interest in this study. The results highlighted approximation and distancing points between the two generations studied, with respect to the way to comprehend and live the feminine role in the family and marriage. Even if the transformations from one generation to the other have not completely displaced the woman position in the scope of family and gender relations for the considered time span, expressive changes in the feminine role at a familial and conjugal context were detected.

Keywords: maternity, marriage, gender, family, social representations, quotidian practices, *themata*, intergenerational relations

Coutinho, Sabine Mantuan dos Santos (2008). "**La maîtresse de tout**" - Être femme, mère et épouse selon les représentations sociales de femmes de deux générations. Thèse de Doctorat, Programme de Pós-Graduação em Psicologia, Centre de Sciences Humaines et Naturelles de l'Université Fédérale de Espírito Santo, 425 pp.

RÉSUMÉ

Actuellement, la conviction que les femmes d'aujourd'hui comprennent et vivent l'expérience de la maternité et du mariage de façon très différente par rapport à la génération antérieure est très diffusée, surtout par les médias. Cependant, il y a incertitude sur le degré de consolidation de ces transformations dans le contexte des pratiques quotidiennes de la vie familiale et conjugale. L'étude ci-présent a eu l'objectif d'identifier les pratiques quotidiennes qui concernent aux femmes, si bien que le réseau de représentations sociales qui orientent les actions et les attributions de la femme dans la famille (représentations sociales de maternité, genre, mariage, épouse). Des entretiens semi-structurés et individuels ont été conduits avec 20 femmes de niveau socio-économique moyen/ bas. Parmi elles, 10 femmes ont eu ses enfants vers les années 1960, ayant entre 60 et 74 ans (ce group a été considéré la première génération). Les autres participantes de la recherche sont filles des femmes de la première génération et elles ont eu ses enfants vers les années 1990, ayant entre 34 et 45 ans (ce group a été considéré la deuxième génération). Les participantes ont parlé de ses expériences et pratiques quotidiennes dans la famille d'origine et dans la famille constituée, ce qui a indiqué des transformations et des traits permanents dans les représentations et pratiques entre les générations. Les données ont été organisées à partir de deux procédures qui ont été complémentaires: la *méthode phénoménologique pour l'investigation psychologique*, avec l'objectif de déceler/ construire la *structure* du phénomène vécu, et le *logiciel Alceste*, qui permet de connaître le contenu des représentations sociales et

d'identifier leur champ commun. On a cherché à identifier les oppositions/ antinomies, présentes dans les discours, qui peuvent contribuer à élucider l'origine des représentations sociales concernées dans cette étude. Les résultats ont montré des points de proximité et d'éloignement entre les deux générations étudiées, en ce qui concerne les formes de comprendre et de vivre le rôle féminin dans la famille et dans le mariage. Les transformations des représentations et des pratiques n'ont pas changé complètement le rôle de la femme dans les relations familiales et de genre, tenant compte de l'intervalle de temps considéré. Cependant, on a trouvé des modifications expressives du rôle féminin dans le contexte familial et conjugal.

Mots-clés: maternité, mariage, genre, famille, représentations sociales, pratiques quotidiennes, themata, relations intergénérationnelles.

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| AGRADECIMENTOS..... | iv |
| RESUMO..... | vi |
| ABSTRACT..... | viii |
| RÉSUMÉ..... | x |
| LISTA DE QUADROS..... | 14 |
| LISTA DE FIGURAS..... | 15 |
| 1. INTRODUÇÃO..... | 16 |
| 1.1 CONFLUÊNCIAS DO FEMININO - SOBRE O OBJETO DE ESTUDO..... | 16 |
| 1.2 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL DO FEMININO – SER MULHER, MÃE E ESPOSA..... | 24 |
| 1.4 O LUGAR DA MULHER NA FAMÍLIA E NA SOCIEDADE: IDENTIDADE FEMININA E RELAÇÕES DE GÊNERO..... | 50 |
| 1.5 AS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS EM ESTUDO..... | 66 |
| 1.6 A TEORIA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA O ESTUDO DAS RELAÇÕES INTERGERACIONAIS..... | 72 |
| 1.7 OBJETIVOS..... | 87 |
| 2. MÉTODO – OS TRAJETOS PERCORRIDOS..... | 88 |
| 2.1 AS PARTICIPANTES..... | 88 |
| 2.2 INSTRUMENTO E PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS..... | 90 |
| 2.3 O CONTEXTO DAS ENTREVISTAS..... | 92 |
| 2.4 ORGANIZAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS..... | 94 |
| 3. RESULTADOS – CONHECENDO AS PARTICIPANTES E SUAS EXPERIÊNCIAS..... | 105 |
| 3.1 CARACTERIZAÇÃO DAS PARTICIPANTES..... | 105 |
| 3.2 AS EXPERIÊNCIAS DAS PARTICIPANTES – AS “ESTRUTURAS”..... | 108 |
| ESTRUTURA 1 – A EXPERIÊNCIA DE ANA..... | 108 |
| ESTRUTURA 2 – A EXPERIÊNCIA DE ALICE..... | 113 |
| ESTRUTURA 3 – A EXPERIÊNCIA DE BERENICE..... | 119 |
| ESTRUTURA 4 – A EXPERIÊNCIA DE BÁRBARA..... | 124 |
| ESTRUTURA 5 – A EXPERIÊNCIA DE CÉLIA..... | 130 |
| ESTRUTURA 6 – A EXPERIÊNCIA DE CLARA..... | 137 |
| ESTRUTURA 7 – A EXPERIÊNCIA DE DALVA..... | 142 |
| ESTRUTURA 8 – A EXPERIÊNCIA DE DIANA..... | 147 |
| ESTRUTURA 9 – A EXPERIÊNCIA DE EVA..... | 152 |
| ESTRUTURA 10 – A EXPERIÊNCIA DE ELISA..... | 158 |
| ESTRUTURA 11 – A EXPERIÊNCIA DE FÁTIMA..... | 163 |
| ESTRUTURA 12 – A EXPERIÊNCIA DE FERNANDA..... | 169 |

| | |
|---|------------|
| ESTRUTURA 13 – A EXPERIÊNCIA DE GLÓRIA | 176 |
| ESTRUTURA 14 – A EXPERIÊNCIA DE GIOVANA | 181 |
| ESTRUTURA 15 – A EXPERIÊNCIA DE HILDA | 187 |
| ESTRUTURA 16 – A EXPERIÊNCIA DE HELENA | 192 |
| ESTRUTURA 17 – A EXPERIÊNCIA DE IVONE | 197 |
| ESTRUTURA 18 – A EXPERIÊNCIA DE ISA | 202 |
| ESTRUTURA 19 – A EXPERIÊNCIA DE JOANA | 208 |
| ESTRUTURA 20 – A EXPERIÊNCIA DE JULIA | 213 |
| 3.2 VISÃO GERAL DOS DADOS – O PROGRAMA ALCESTE | 218 |
| 3.4.1 CASAMENTO, MATERNIDADE E FAMÍLIA NA ANÁLISE ALCESTE: A 1ª GERAÇÃO | 219 |
| 3.4.2 CASAMENTO, MATERNIDADE E FAMÍLIA NA ANÁLISE ALCESTE: A 2ª GERAÇÃO | 249 |
| 4. DISCUSSÃO - COMPREENDENDO AS TRAJETÓRIAS | 277 |
| 4.1 A 1ª GERAÇÃO DE MULHERES | 278 |
| 4.2 A 2ª GERAÇÃO DE MULHERES | 316 |
| 4.3 DESVENDANDO A REDE DE REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO SER MULHER NA FAMÍLIA E CONTRASTANDO GERAÇÕES | 357 |
| 5. ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS | 376 |
| 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 382 |
| APÊNDICES | 393 |
| APÊNDICE A – PROTOCOLO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA | 393 |
| APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO | 396 |
| APÊNDICE C – UNIDADES DE SIGNIFICADO E FASES DE CONSTRUÇÃO DA “ESTRUTURA” | 398 |
| ENTREVISTA 1 – FASE IV | 412 |
| ESTRUTURA 1 – A EXPERIÊNCIA DE ANA | 412 |

Lista de Quadros

| | |
|--|-----|
| Quadro 1 – Conhecendo as participantes | 107 |
| Quadro 2 – Formas significativas da Classe 1 (1ª geração) | 230 |
| Quadro 3 – Formas significativas da Classe 2 (1ª geração) | 233 |
| Quadro 4 – Formas significativas da Classe 5 (1ª geração) | 237 |
| Quadro 5 – Formas significativas da Classe 3 (1ª geração) | 240 |
| Quadro 6 – Formas significativas da Classe 4 (1ª geração) | 243 |
| Quadro 7 – Formas significativas da Classe 6 (1ª geração) | 246 |
| Quadro 8 – Formas significativas da Classe 1 (2ª geração) | 257 |
| Quadro 9 – Formas significativas da Classe 2 (2ª geração) | 261 |
| Quadro 10 – Formas significativas da Classe 3 (2ª geração) | 266 |
| Quadro 11 – Formas significativas da Classe 4 (2ª geração) | 268 |
| Quadro 12 – Formas significativas da Classe 5 (2ª geração) | 271 |
| Quadro 13 – Contrastando as participantes componentes dos pares mãe-filha..... | 364 |

Lista de Figuras

| | |
|---|-----|
| Figura 1 – Dendrograma das Classes estáveis (1ª geração) | 220 |
| Figura 2 – Dendrograma das Classes estáveis (1ª geração) | 224 |
| Figura 3 – Análise Fatorial de Correspondência - Projeção das classes, das variáveis e das participantes no plano fatorial (1ª geração) | 225 |
| Figura 4 – Análise fatorial de Correspondência - Projeção das classes e formas reduzidas no plano fatorial (1ª geração) | 226 |
| Figura 5 – Análise fatorial de Correspondência (1ª geração) | 227 |
| Figura 6 – Dendrograma das Classes estáveis (2ª geração) | 250 |
| Figura 7 – Dendrograma das Classes estáveis (2ª geração) | 252 |
| Figura 8 – Análise fatorial de Correspondência - Projeção das classes, das variáveis e das participantes no plano fatorial (2ª geração) | 254 |
| Figura 9 – Análise fatorial de Correspondência - Projeção das classes e formas reduzidas no plano fatorial (2ª geração) | 255 |
| Figura 10 – Análise fatorial de Correspondência (2ª geração) | 256 |
| Figura 11 – Diagrama da Rede de representações sociais | 358 |

1. INTRODUÇÃO

1.1 Confluências do feminino - Sobre o objeto de estudo

Sob a influência dos discursos de igualdade de gênero que marcam os dias atuais, muito se tem falado sobre as inúmeras modificações referentes às práticas femininas na família e na sociedade. O discurso corrente no Brasil há pelo menos quatro décadas é o de que uma expressiva parcela das mulheres não mais se realiza atuando apenas no âmbito do cuidar do lar e dos filhos. Deve ser ressaltado que, em verdade, o alvo primordial de tal discurso é a mulher dos estratos médios quanto à condição econômica e de escolaridade, uma vez que grande parte das mulheres de baixa renda nunca viveu plenamente tal condição em decorrência da necessidade financeira de trabalhar fora de casa (ou atender demandas externas à casa) simultaneamente ao cuidar da casa e dos filhos.

As condições socioculturais transformaram-se paralelamente ao aumento da complexidade da vida social, à ampliação das oportunidades educacionais e profissionais para as mulheres, e ao desenvolvimento e difusão da tecnologia contraceptiva, passando a facultar, para a mulher desses estratos médios, novas possibilidades para as quais ela se tornou preparada: exercer funções profissionais qualificadas remuneradas e externas ao lar, que antes eram consideradas exclusivamente masculinas; casar-se e descasar-se quando e com quem considerar apropriado; decidir se quer ter filhos e em que momento tê-los. Com isso ela não mais se encontra limitada à esfera doméstica e às atribuições de esposa e mãe, gerando a possibilidade de romper a

condição de dependência, em diversos aspectos, do marido, e, evidentemente, do poder masculino até então consolidado.

Na frase anterior mencionamos que aquela mulher não mais se encontra limitada à esfera doméstica, o que não significa que as configurações internas de tal esfera tenham sofrido modificações substanciais. Um olhar mais cauteloso sobre essas transformações atuais do papel feminino esbarra na incerteza e na ambigüidade sobre a forma como a mulher vive tal processo e articula suas novas atividades com as exigências que os papéis tradicionais de esposa e mãe ainda lhe impõem, e como, em tal contexto, precisam reinventar a noção de feminilidade.

Portanto, é com muita propriedade e justificativa que diversas investigações têm se ocupado com o estudo do papel da mulher na família e na sociedade nas últimas décadas. Cada uma dessas investigações, não obstante seu foco de interesse incidir sobre um mesmo tema geral, freqüentemente consegue revelar aspectos novos que contribuem para o aumento da compreensão das mudanças nas relações de gênero e nas configurações conjugais e familiares.

Não se questionam aqui as diversas conquistas femininas das últimas décadas do século XX e a mudança de mentalidade decorrente das mesmas. Contudo, enfatizamos que essas conquistas não deslocaram completamente o lugar da mulher no espaço familiar e social, como às vezes supõe-se.

Em uma canção brasileira de exaltação da figura materna, intitulada “Mãe”, que mereceu grande receptividade desde o ano de sua divulgação (1958), os compositores Herivelto Martins e David Nasser (esse um ativo jornalista da época) captaram de forma muito fiel a perspectiva cultural tradicional de atribuir determinado papel à mulher e valorizá-lo a todo custo, reduzindo as chances de qualquer contestação: “ela é a dona de

tudo, ela é a rainha do lar”¹. Passados exatamente cinquenta anos ainda é possível dizer que, de certa forma, permanece apoiada principalmente nos ombros femininos a responsabilidade pelo bom funcionamento das relações entre os familiares e pelo equilíbrio emocional entre eles, paralelamente à administração do lar?

O amplo tema da mulher na família há muitos anos suscita interesse entre os pesquisadores das Ciências Humanas. Vários são os estudos em que tal problemática ocupa lugar central, o que tem possibilitado descobertas e reflexões de grande interesse histórico, antropológico, sociológico, além, evidentemente, de grande interesse para a compreensão dos processos psicossociais envolvidos e de suas articulações com aspectos culturais e políticos da comunidade específica sob foco.²

Por apresentar-se em estreita relação com uma série de outras questões atuais e relevantes do ponto de vista social, como o surgimento de novos arranjos familiares, a “generalização” das uniões consensuais e o aumento do número de divórcios, a profissionalização da mulher, entre outras, a relação mulher-família mostra-se fonte inesgotável para investigação, sobretudo por permitir intercâmbio entre diferentes áreas de investigação, como Psicologia, História, Sociologia, Antropologia, Filosofia, Educação, podendo ainda ser incluídas Economia e Ciência Política.

Tendo em vista a relevância do tema e os diversos níveis de interesse que o envolvem (pessoal, social, teórico), pareceu-nos muito atraente investigar como a maternidade, o casamento e as práticas familiares femininas (inclusive as práticas de socialização) têm sido compreendidas e vividas pelas mulheres em meio às diversas mudanças socioculturais mais recentes. Interessou-nos perceber como mulheres

¹ Vale mencionar que a letra dessa canção serviu como inspiração para a proposição do título da tese.

² (Alguns exemplos: Almeida, 1987a; Almeida, 2007; Badinter, 1985; Benincá & Gomes, 1998; Biasoli-Alves, 2000; Del Priore, 1995; Dias & Lopes, 2003; Féres-Carneiro & Szapiro, 2002; Fidalgo, 2003; Grisci, 1995; Kitzinger, 1978; Quintas 2000; Rocha-Coutinho, 1994, 2003, 2004, 2007; Soihet, 1986; Torres, 2005; Trindade, 1991, 1998a, 1999; Trindade & Enumo, 2002; Unbehaum, 2001).

brasileiras vêm lidando com os discursos hegemônicos a respeito de gênero, família e relação conjugal, discursos esses que, geralmente, pressupõem atitudes, sentimentos e comportamentos universais e imutáveis, como se em todas as épocas e culturas devesse vigorar um mesmo modelo do que seja ser mulher (e, em contraposição, de homem), muitas vezes como herança de perspectivas biológicas.

Produções recentes no meio acadêmico/científico brasileiro ressaltam o caráter de produção sócio-histórica da maternidade³, e diversos estudos têm sublinhado as transformações na forma como as mulheres do final do século XX vivenciam a maternidade e os diferentes papéis que têm assumido no contexto familiar, como, por exemplo, o gerenciamento de unidades domésticas (Bastos, 1997; Grzybowski, 2002; Nader, 2001). Apesar disso, ainda há considerável espaço para investigações sobre o tema serem renovadas, viabilizando o surgimento de novos ângulos a partir dos quais podem ser construídas reflexões inovadoras.

Vale ressaltar aqui que a compreensão que adotamos da expressão “produção sócio-histórica da maternidade” não ignora que a maternidade seja um fenômeno biológico que obedece a um conjunto de determinações e implicações próprias em tal esfera, mas, não obstante, admite considerar que a forma como a maternidade é vivida e a forma como afeta as relações familiares, as relações de gênero e as relações de poder nas várias configurações culturais em que vivem os seres humanos pode ser diversa, assim como pode se modificar ao longo do tempo em uma mesma cultura.

Mesmo com produções acadêmicas que questionam as naturalizações a respeito do lugar da mulher na família e levam em conta o processo de construção sócio-histórica, ainda é forte a presença de idéias tradicionais que não contribuem para

³ (Almeida, 1987a; Dias & Lopes, 2003; Grisci 1995; Rocha-Coutinho, 1994, 2007; Rodrigues & Trindade, 1999; Rodrigues, 2000; Soihet, 1986; Trindade, 1991, 1998a, 1999, entre outros).

qualquer transformação das práticas e das representações que configuram o imaginário popular. Além desse evidente descompasso entre produção acadêmica e imaginário popular, há o fato de que mesmo na academia esse ideário parece se manter, apesar de, normalmente, (melhor) camuflado.

Os meios de comunicação de massa, que têm grande influência sobre o pensamento popular, assim como a escola e a religião, entre outras instituições, não acompanham passo a passo as produções científicas. Apesar de enfatizarem cotidianamente as grandes modificações que vêm se dando na forma das mulheres compreenderem a maternidade e o relacionamento conjugal e familiar, passando a idéia de superação de modelos que vigoravam no passado, acabam por reforçar tais modelos na medida em que partem do princípio de que as atividades envolvidas são inerentes à condição feminina.

Medrado (2001) ressalta, a partir de uma análise de peças publicitárias, que de um total de 26 comerciais classificados como referentes ao cuidado infantil, 15 apresentavam as figuras maternas como as grandes protagonistas da interação baseada no afeto e no cuidado em relação aos filhos. Os pais (protagonistas em apenas quatro) apareciam com uma função relacionada à educação moral das crianças e jovens e à garantia de futuro em termos financeiros, aparecendo também uma alusão à figura do “pai pastelão” e, de diversas formas, a máxima “homem, nessas horas, só atrapalha”.

Em virtude das considerações anteriores, um questionamento nos serviu como ponto de partida: em que medida as mudanças veiculadas a respeito do papel da mulher podem ser observadas nas relações sociais concretas, e em que proporção as representações tradicionais, que apontam como sinônimas as expressões ser mulher, ser mãe e ser esposa, estão se transformando, de modo a permitir a configuração de outros

papéis para as mulheres e de um maior espaço de atuação para os homens na esfera familiar?

Assim sendo, nosso objetivo foi investigar a rede de representações sociais que orienta o ser mulher na família, especificamente as representações de gênero, casamento e maternidade, a partir dos relatos de mulheres de duas gerações (mães e filhas). Também buscamos averiguar transformações e permanências nas representações e práticas cotidianas a partir do contraste dessas gerações, e a intersecção dessas representações e práticas cotidianas com as modificações no contexto familiar e conjugal na sociedade brasileira ao longo das cinco décadas finais do século XX.

Como o objetivo é o de investigar representações sociais e práticas cotidianas em duas gerações de mulheres (ou melhor, os relatos dessas práticas), é necessário enfatizar que representações e práticas sociais não são tratadas aqui como se fossem a mesma coisa, e nem como coisas totalmente distanciadas e dicotômicas; mas sim concebidas como fenômenos de naturezas diferentes, que estão interligados e que, portanto, precisam ser considerados em conjunto.

Ao falar em mudanças e permanências nas representações sociais e nas práticas cotidianas da mulher na família partimos da idéia de que o contexto no qual o indivíduo está inserido pode favorecer a transformação ou manutenção de suas práticas, e tais práticas, por sua vez, se forem constantemente diferenciadas, também podem levar à modificação/reconfiguração das representações sociais (em um processo que certamente não é muito simples), com as quais se encontram intimamente ligadas.

Sendo assim, o objetivo de nosso estudo contemplou também uma preocupação com a relação entre as representações sociais relacionadas ao papel da mulher na família

e o cotidiano da mulher/mãe (o contexto) e, nesse sentido, com as condições envolvidas na construção das representações sociais e de sua manutenção e/ou transformação.

A manutenção e/ou transformação de representações sociais tem relação direta com processos intergeracionais, visto que as representações são socialmente construídas, compartilhadas e transmitidas, e no caso de grupos sociais muito próximos (por exemplo, o grupo familiar), é grande a probabilidade de uma homogeneidade das representações (Trindade, 1991).

Estudos intergeracionais têm sido desenvolvidos no Brasil⁴. O estudo intergeracional traz a possibilidade de contrastar como um mesmo fenômeno é considerado por representantes de diferentes gerações, evidenciando o grau de influência dos valores e atitudes das gerações anteriores e também a interferência das aceleradas transformações socioculturais na compreensão de tal fenômeno.

Optamos pelo uso do termo intergeracionalidade para marcar o interesse pela relação estabelecida entre as diferentes gerações, de uma mesma família ou não, buscando verificar permanências e transformações de valores, comportamentos e visões de mundo ao longo do tempo. Outros termos também são utilizados em pesquisas que se dedicam ao estudo de diferentes gerações. Falcke e Wagner (2005), por exemplo, propõem o uso do termo transgeracionalidade para referir-se aos “processos que são transmitidos pela família de uma geração a outra e se mantêm presentes ao longo da história familiar” (p.26). Essas autoras partem da idéia de que os indivíduos, conscientes ou não de tal fato, inevitavelmente estão ligados aos padrões familiares, o que muitas vezes pode se dar “pela busca do modelo oposto” (p.27).

⁴ Almeida (1987a); Amaral (1997); Benincá e Gomes (1998); Dias e Lopes, (2003); Marcon (1998); Leite (2004); Lins de Barros (2006); Rêgo, Bastos e Alcântara (2002); Rocha-Coutinho (1994); Torres (2005); Vitale (2002).

De acordo com Amaral (1997), o enfoque intergeracional mostra-se bastante promissor para o campo de estudos da Psicologia Social, pois possibilita a compreensão de experiências e significados que permanecem ou se modificam num espaço de tempo que não se limita ao tempo vivido individualmente. Neste enfoque, passado e futuro se entrelaçam na situação presente, ampliando a visão de tempo.

Em se tratando de uma pesquisa intergeracional, preocupamo-nos com os contextos histórico-sociais em que as duas gerações de mulheres privilegiadas no presente estudo estavam/estão inseridas quando se casaram e tiveram filhos. O conhecimento desse contexto mais amplo mostra-se de fundamental importância para a compreensão do cotidiano como condicionante da formação de elementos da representação social.

Assim sendo, procuramos trazer alguns elementos do momento histórico-político-social-cultural em que as duas gerações de mulheres se casaram e tiveram filhos (em torno da década de 1960 para a geração mais velha, e a partir dos anos 1990 para a mais nova), atentos ao “lugar” da mulher na relação familiar/conjugal e sua relação imediata com a vivência da maternidade em ambos os contextos.

O contexto da geração que se casou e se tornou mãe na década de 1960 merece destaque. Isso porque partimos da idéia de que nesse momento da história – em que a sociedade brasileira viveu expressivas transformações econômicas e culturais, conheceu a esperança de mudanças políticas significativas e sintonizadas com uma nova ordem internacional, e ficou marcada por conflitos e pela exacerbação da repressão – as questões relacionadas à mulher, principalmente a partir da segunda metade da década, começam a oscilar entre a aceitação e a contestação dos valores morais, religiosos e educacionais, que interferiam diretamente na questão da experiência da maternidade, da

profissionalização da mulher, do relacionamento familiar/conjugal, enfim, na definição do universo feminino de forma mais ampla.

A seguir discorreremos sobre diferentes contornos que o lugar da mulher na família e na sociedade foi assumindo em certos pontos da história e em algumas sociedades (com especial ênfase na sociedade brasileira). Tal revisão pretendeu favorecer o contato com certos contextos nos quais emergiram representações sociais específicas de mulher, mãe, esposa, possibilitando, assim, maior compreensão do surgimento dessas representações. Também buscamos explicitar como tais temas vêm sendo tratados em outras pesquisas e quais as contribuições da Teoria das Representações Sociais para a compreensão do objeto em questão.

Para tanto, este estudo promoveu uma interlocução com fontes de distintas áreas de conhecimento que também se debruçam sobre o estudo dessas temáticas (como a Sociologia, a Antropologia, a História, entre outras), entendendo que “a pesquisa social exige uma perspectiva interdisciplinar” (Menandro, 1998, p. 414), o que também se aplica à Teoria das Representações Sociais.

1.2 A construção histórico-social do feminino – Ser mulher, mãe e esposa

Mesmo com todas as mudanças socioculturais ocorridas, principalmente no final do século XX, *o mito do amor materno* ainda tem grande força na definição do feminino, estando ainda muito entranhado no pensamento social contemporâneo, mesmo tendo assumido outras roupagens e modificado em alguns de seus elementos.

Queiroz (2002) destaca que apesar de muitos avanços,

a ideologia dominante reafirma incessantemente, de maneira explícita e implícita, a existência do instinto materno, que vincula a mulher de forma inevitável à função de mãe,

mantendo-se como suporte estrutural do feminino, no imaginário e nas representações sociais (p. 48).

A compreensão dos diferentes matizes que a maternidade apresentou no decorrer da história mostra-se de fundamental importância para a desnaturalização da idéia de que ser mãe é o destino precioso e indiscutível de toda mulher, e para romper com a ideologia do instinto materno, que ainda tem lugar nas práticas sociais atuais.

Nesse sentido, Soihet (1986) propõe:

a maternidade tem se constituído em um dos mitos de nossa cultura, exercendo-se em seu nome forte manipulação sobre a mulher que, desde muito cedo, é bombardeada com estímulos para o exercício de tal mister como algo para o qual não cabe qualquer modalidade de opção (p.191).

Badinter (1985), buscando mostrar os diferentes significados que essa questão da maternidade foi incorporando, na França, desde o século XIII até meados do século XIX, fez um exaustivo estudo com base em dados históricos, explicitando momentos em que a idéia de amor materno (e de amor, de uma forma bem ampla) não tinha qualquer valor social, e também momentos na história em que a mesma idéia começa a mostrar-se relevante sócio-economicamente, tornando-se parte do discurso dominante.

Enveredando pela realidade brasileira no período colonial, Del Priore (1995) realizou um interessante estudo, com base em fontes documentais, a respeito da condição das mulheres, suas mentalidades e sensibilidades da época da colonização do Brasil até vésperas da proclamação da independência, passando pela história do corpo feminino e abordando diretamente a questão da maternidade.

Del Priore (1995) constata que a construção de uma identidade “materna” na época da colonização não decorreu de um instinto feminino ou de uma natureza materna, mas de interesses convergentes da Igreja e do Estado em instituir um modelo de “mãe ideal”, num projeto normatizador de disciplinamento das mulheres, ou melhor,

de seus corpos. Aquelas que não se enquadravam no perfil de esposa e mãe eram estigmatizadas, sofrendo vários tipos de discriminação:

O que se assistiu, ao longo dos primeiros séculos de colonização, foi a obstinada imposição por parte da Igreja da instituição do matrimônio, através do adestramento crescente de tantas mulheres na figura da mãe. Mãe esta que (...) devia, sim, conformar-se com o desejo que tinham a Igreja e o Estado para o seu corpo (Del Priore, 1995, p. 105).

Em seu estudo sobre a história das mulheres dos segmentos populares no Rio de Janeiro nos séculos XIX e XX, Soihet (1986) também discute a questão da maternidade no Brasil, atentando para a desvalorização da mulher na época e para o desconhecimento do corpo e da sexualidade feminina. Submetidas à ideologia da honra e da maternidade no casamento, e diante da falta de condições de sobrevivência, muitas mulheres pobres viram-se diante da necessidade de livrarem-se dos filhos, quase sempre inesperados (o que se dava tanto por meio de abortos quanto por infanticídios), desafiando o estereótipo feminino de *mãe santa*, que emerge com a preocupação burguesa com a produção e reprodução da força de trabalho.

Criticadas pela ideologia vigente e vítimas de sua condição de sexo e de classe, essas mulheres passam a ser vistas como monstros e punidas judicialmente por recusarem ou macularem a santa maternidade com atitudes criminosas, o que na realidade tinha uma conseqüência da qual não se tinha claramente idéia – a diminuição de “braços” para o trabalho (Soihet, 1986).

Venâncio (2002), ao discutir a questão da “negação” da maternidade nos séculos XVIII e XIX no Brasil, aponta que entre as várias razões que levavam as mães a abandonarem ou colocarem seus filhos na Roda dos Expostos⁵ ou na casa de parentes e vizinhos (sem contar os que eram deixados em praias e terrenos baldios), predominava a

⁵ Dispositivo instituído no Brasil na época colonial, em geral de madeira e de formato cilíndrico, com um dos lados vazados, instalado junto à parede lateral ou frontal das Casas de Misericórdia, que produzia um movimento rotativo ligando a rua ao interior do hospital, e possibilitava o ocultamento da identidade de quem abandonava a criança.

questão da pobreza, da condenação moral às mães solteiras e aos amores ilícitos, e o esfacelamento das famílias (o que também pode ser motivador do abandono dos filhos nos dias atuais, em muitos casos). Diante dessas condições, o ato de “abandonar um filho” ou “dá-lo para outros o criarem” (o que muitas vezes, levava à morte da criança) não necessariamente significava um ato de desamor, podendo, ao contrário, ser visto como uma paradoxal forma de amor materno. O mesmo autor registra ainda a sugestão de alguns historiadores de que o abandono dos filhos pelas mães representaria uma forma primitiva de controle da natalidade, ou seja, uma forma de manter um número ideal de filhos.

Kitzinger (1978) investiga a questão da maternidade e do nascimento em distintas civilizações e momentos históricos, levantando uma discussão acerca da “natureza” da maternidade. Propõe que o infanticídio e o aborto sempre foram praticados no decorrer da história em situação de pobreza extrema e de fome, e também em decorrência de outras questões culturais (como na Roma Antiga, por exemplo, em que um excesso de crianças não era visto como conveniente, ou na África, cuja tradição mandava que se matasse uma das crianças no caso de gêmeos, e no caso de mães solteiras, que o bebê fosse morto ao nascer e a mãe repudiada).

Além disso, indica que o controle da natalidade pode ser evidenciado já em papiros egípcios de 1550 a.C., na Grécia, nos ensinamentos do islamismo, na Idade Média (em que bruxas e parteiras eram especialistas no controle dos nascimentos e nos abortos, o que era condenado pela Igreja Católica, que via tal fato como uma afronta à sua autoridade), sendo largamente utilizado nos séculos XVII e XVIII (Kitzinger, 1978).

A autora enfatiza ainda que a forma como a maternidade é compreendida depende da experiência empírica das mulheres de uma cultura específica, adaptada ao sistema de

valores da sociedade na qual vivem, de modo que não é universalmente válida. E ressalta que o mito do amor absoluto pelos filhos é muito forte na sociedade ocidental, ganhando forma com “a imagem da Virgem Mãe serenamente sentada com o Menino ao colo. Ela está isenta de ansiedade ou paixão e representa a pureza das mulheres ao serviço do filho” (Kitzinger, 1978, p. 161).

Em virtude do aspecto santificador e romântico quase sempre associado à mãe, Kitzinger (1978) chama a atenção para o fato de que quando se fala sobre a experiência da maternidade, geralmente, são destacados os aspectos positivos e as maravilhas do “ser mãe”, enquanto a questão de este momento comportar uma série de sentimentos contraditórios (inclusive sofrimento) e acarretar grande quantidade de novas tarefas e desafios para a mulher (que ainda é considerada em nossa sociedade como a “responsável” direta pela criança, e por seu bem estar futuro), fica dissimulada pela ideologia de que a maternidade é uma “dádiva” para as mulheres.

Grisci (1995) corrobora tal consideração, afirmando que pouco se fala da dimensão negativa da maternidade, visto que a ideologia patriarcal aponta a maternidade como meta de toda mulher, tanto biologicamente quanto historicamente, romanceando esse momento ao máximo.

Não por acaso muitas mulheres, quando se defrontam com a vivência desse período, vêm-se despreparadas e confusas, e se colocam na busca de caminhos para se tornarem “mães ideais”. É comum, por exemplo, mães de classe média se debruçarem sobre a leitura de tudo o que há de mais difundido sobre maternidade, além de, muitas vezes, procurarem a ajuda dos especialistas no assunto.

A esse respeito Kitzinger (1978) propõe que “muitas vezes os profissionais pensam que sabem as respostas e procuram impor um estilo de maternidade essencialmente determinado

pela cultura, efêmero e que reflete preocupações relacionadas com a moda na educação de crianças” (p.17). Quando assim agem, esses profissionais fornecem “receitas” de como uma boa mãe deve ser (Woollett & Phoenix, 1991a; 1991b), o que na maioria das vezes, está assentado no mito do amor materno.

Falcke e Wagner (2000) destacam que tal mito ainda está na base da discussão atual acerca dos papéis da mulher na sociedade, e a forma como a mãe, e também a madrasta, são vistas e experienciam a maternidade, normalmente, tem relação direta com o mesmo. Não é à toa que os resultados do referido estudo apontam a forte influência de crenças e mitos sociais (que refletem o imaginário social) com relação a gênero e maternidade, imaginário esse que parece apontar para a homogeneização do que é ou não papel de mãe (e conseqüentemente, de madrasta), interferindo também na forma como estas mulheres se autoconceituam.

É importante destacar que os discursos apoiados em argumentos biológicos simplistas, mas com expressiva difusão patrocinada por instituições sociais poderosas, também tiveram papel essencial no “aprisionamento” da mulher à função da maternidade e na biologização do amor materno. Na visão de alguns autores que se valeram de argumentos do tipo mencionado acima, a procriação era uma das únicas capacidades das “fêmeas”, para a qual estavam devidamente equipadas, sendo superadas em tudo mais pelos “machos”. Esses discursos, questionados por pensadoras feministas e por outros estudiosos com pontos de vista compatíveis com os seus, difundiam a idéia da ligação instintiva entre mãe e filhos e da mãe abnegada (descrita pelo médico francês E. Gilibert), o que ancorava a idéia de uma base biológica para o amor materno (Hyrd, 2001).

A idéia da mulher/mãe como responsável *natural* pelos filhos também encontrou eco na literatura sobre o desenvolvimento infantil. Rodrigues e Trindade (1999), incomodadas com a ausência quase absoluta da figura paterna em pesquisas relacionadas ao desenvolvimento infantil, ficando implícita a importância apenas do vínculo mãe-criança para o desenvolvimento, decidem investigar a maneira como pais e mães eram vistos na Psicologia do Desenvolvimento através do estudo de manuais da área editados na década de 1970. Os resultados apontam que a Psicologia do Desenvolvimento praticada nas décadas de 1960 e 1970 apenas refletia as concepções compartilhadas pela sociedade, em que a mãe aparece como figura imprescindível para o desenvolvimento infantil e em que o papel paterno é subvalorizado, de modo que o pai raramente aparece nesse contexto de desenvolvimento. Influenciada pelas tradicionais diferenciações de gênero, essa área enfatizava apenas os aspectos emocionais e afetivos presentes na relação mãe-criança, colocando o pai como responsável apenas por questões da esfera extrafamiliar.

Woollett e Phoenix (1991b) também apontam que em muitos estudos na área da Psicologia (estudos hoje não muito populares, mas que embasam, de formas variadas, uma série de novas pesquisas acerca de como ser uma “boa mãe”) as mães são, normalmente, consideradas as figuras fundamentais para o desenvolvimento dos filhos, de maneira que seus comportamentos são vistos como elementos cruciais na determinação do desenvolvimento da criança e de sua competência futura, sendo elas, usualmente, foco dos estudos. Também enfatizam que quando se usa nos estudos o termo “pais”, geralmente está sendo estudada apenas a mãe, de modo que o pai ou o contexto social não é considerado.

Essas autoras destacam que alguns profissionais da Psicologia, principalmente da Psicologia do Desenvolvimento, acabam reproduzindo a concepção dominante segundo a qual a sensibilidade materna está na base da constituição de um ambiente saudável para a criança, não havendo qualquer menção ao pai, ao contexto sócio-econômico, enfim, a outros fatores. O importante é que a criança tenha uma boa mãe, que é aquela que fica em casa, cuidando dos filhos; nesse sentido os profissionais prescrevem como a maternidade deve ocorrer e como as mães devem agir (Woollett & Phoenix, 1991b).

Contudo, as autoras ressaltam também que feministas, sociólogos e teóricos da Psicologia Social têm se preocupado com a construção social da maternidade, atentando para a questão de que o desejo de ser mãe não decorre de uma herança biológica natural da mulher, sendo aprendido por elas à medida que crescem (Woollett & Phoenix, 1991b).

Rodrigues (2000), interessada em explorar os papéis atribuídos ao pai e à mãe no que se refere ao desenvolvimento infantil, investiga a delimitação e influência dos papéis parentais em textos de uma revista de divulgação publicados no final dos anos 1960 e início dos 1990. Os achados, mais uma vez, apontam a mãe como a grande responsável pelo desenvolvimento do filho, cuja influência se dá antes mesmo do nascimento, aparecendo como a figura à qual o bebê necessariamente se vincula. Mostram ainda algumas transformações na atribuição de influência no desenvolvimento da criança, como o aumento das citações de gestante e mãe, principalmente nos primeiros anos de vida, o que revela uma incorporação da premissa da importância do desenvolvimento precoce pelo senso comum.

Tais resultados demonstram que a definição dos papéis parentais no desenvolvimento infantil encontra-se atrelada aos modelos tradicionais de maternidade,

paternidade e gênero, o que contribui de maneira efetiva para a disseminação da idéia da mulher como responsável absoluta pelos filhos, aos quais se encontra *naturalmente* ligada.

É difícil nos dias de hoje, tendo em vista a força dessa ideologia do instinto materno, reconhecer o caráter de construção sócio-histórica da maternidade, e pensar em momentos da história e em contextos culturais específicos em que houve predominância entre as mulheres de um padrão muito diverso de relação com os filhos, o que podia incluir desinteresse e descaso, chegando até mesmo à admissão de sua morte como solução para determinados impasses.

Badinter (1985) chama a atenção para o fato de que há alguns séculos os comportamentos e atitudes das mães na sociedade francesa evidenciavam desinteresse e frieza em relação às crianças, variando entre a rejeição e a indiferença. As mulheres que nutriam uma afeição muito grande pela prole eram vistas como “aberrações”, contrariando a idéia corrente de o amor como principal característica de uma mãe.

Convém explicitar que nesse momento da história da França a mulher só podia ser pensada a partir da autoridade paterna e marital, sendo destinado a ela e também aos filhos um lugar de inferioridade (único espaço que lhes era reservado), o que se pautava na idéia de desigualdade natural entre homem e mulher, assim como no Direito, tanto o divino como o humano.

Respaldado por alguns discursos que afirmavam a autoridade paterna e marital ilimitada, esse poder do homem implicava a submissão tanto da esposa quanto dos filhos, ficando excluído qualquer tipo de expressão de afeto. “Em lugar de ternura é o medo que domina no âmago de todas as relações familiares” (Badinter, 1985, p. 51). Mesmo no Brasil, vale a digressão, é preciso lembrar que a expressão “autoridade

marital ilimitada” não era apenas metafórica. O Código Filipino, que vigorou no Brasil de 1603 até 1830 (quando foi instaurado o Código Criminal do Império), não deixava dúvida: “*toda a mulher que fizer adultério a seu marido morra por isso*” (Goldschmidt, 1998, p. 44). Completa a autora, informando:

Não era apenas a severidade da lei que incidia sobre a adúltera, mas também a do marido, pois no título “Do que matou sua mulher por a achar em adultério”, ficou estabelecido que *achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela como ao adúltero, salvo se o marido for peão e o adúltero fidalgo, ou nosso Desembargador, ou pessoa de maior qualidade* (Goldschmidt, 1998, p. 44).

Como se pode perceber, a ternura e intimidade entre pais e filhos, e também entre o próprio casal, postulada como indispensável nos dias atuais, não constitui fator universal e independente de época. Até o século XVIII não se falava em casamento “por amor”, figurando os casamentos arranjados (por conveniência), que embutiam uma natureza diferente no que se refere às relações conjugais, e atribuíam outro significado à criança (o que não quer dizer que nenhum casal se amasse ou que nenhuma criança fosse amada).

Nesse período, a prática do infanticídio era muito comum e a criança, de certa forma, não apresentava significância especial como personagem social. Conforme aponta Ariès (1981) - que com base no exame de pinturas, de antigos diários de famílias, de registros de igrejas, de testamentos e de túmulos, relata a modificação dos sentimentos de infância e de família ao longo dos séculos - até essa época não havia um sentimento de especificidade da infância instaurado socialmente.

É importante atentar, porém, no que se refere à descrição de Ariès, para as crianças e famílias que estavam retratadas nas pinturas, diários e registros analisados por esse autor (de qual classe social, com que propósito, se eles de fato poderiam ser vistas como refletindo a maioria das famílias e crianças da época, entre outras coisas)

para não se correr o risco de uma generalização, como se nenhuma criança até o século XVIII fosse objeto de atenção e amor.

Badinter (1985) ressalta que vigorava também a idéia de criança como um “empecilho” para os pais, por exigirem muita dedicação. Logo, as mulheres francesas queriam mais do que nunca se livrar desse encargo (o que muitas vezes se dava com culpa), e isso ficava evidente, por exemplo, na recusa à amamentação e educação das crianças.

Respaldadas pela ideologia moral da época, que não valorizava a maternagem, e influenciadas pelas idéias de emancipação feminina, essas mães deixavam de lado suas supostas atribuições maternas (que não eram objeto de atenção e valorização social), em favor de desejos pessoais, independente de serem legítimos ou não, ignorando os maus tratos geralmente recebidos por seus filhos na casa das amas, que podiam culminar na morte de seus bebês (Badinter, 1985).

Cabe enfatizar, mais uma vez, que com isso não se quer dizer que as mulheres não tinham qualquer relação de afeto com seus filhos. Nem sempre o ato de abandonar um filho, entregá-lo a uma ama ou mandá-lo para um internato correspondia a falta de afeição por ele. Em realidade, estavam difundidas e até predominavam convicções da pouca importância das crianças. Além disso, no caso de famílias mais pobres não restava alternativa, tendo a mãe, muitas vezes, que escolher entre ficar com a criança e a sua própria sobrevivência.

Foi apenas no final do século XVIII que se presenciou uma “espécie de revolução das mentalidades. A imagem de mãe, de seu papel e de sua importância, modifica-se radicalmente, ainda que, na prática, os comportamentos tardassem a se alterar” (Badinter, 1985, p. 145). Surge uma série de publicações nessa época recomendando às

mães cuidarem e amamentarem seus filhos, emergindo a imposição da maternidade em primeiro lugar, o que permitiu a produção do mito que persiste até a atualidade: o do amor espontâneo de toda mãe por seu filho.

É nesse momento, então, que o amor materno surge como valor tanto natural quanto social, visto como importante para o indivíduo e para a sociedade, de uma forma geral. Agora a ênfase recai sobre a mulher, que é promovida ao estatuto de mãe, a quem passa a associar-se a idéia de amor e proteção (Badinter, 1985; D’Incao, 2002; Rocha-Coutinho, 1994).

Rocha-Coutinho (1994) aponta que embora os discursos dominantes associem a maternidade a uma tendência instintiva feminina, o confinamento da mulher à esfera doméstica “só começa a se verificar como tal a partir da ascensão da burguesia e do aparecimento da sociedade industrial e do capitalismo” (p.27).

Esta autora acrescenta ainda:

Em decorrência desta "naturalização" das funções femininas, passou a ser demarcada uma série de características femininas (como, por exemplo, dedicação, abnegação, docilidade), quase todas elas vinculadas àquelas características necessárias a uma “boa mãe”, levando-se muitas vezes a se identificar feminilidade e maternidade (Rocha-Coutinho, 1994, p. 41).

Com o intuito de convencer as mulheres francesas da importância da função materna, vários discursos (econômico, filosófico, entre outros) buscaram mostrar às mesmas os benefícios e as delicadezas da maternidade, principalmente o discurso de felicidade e igualdade. Contudo, nem todas foram atingidas, recusando-se às “delícias” do ser mãe.

Badinter (1985) aponta que nesse contexto também a relação conjugal sofreu modificações, passando, gradualmente, a ser temperada pelo afeto. É quando advém a prática do casamento por amor, e o desprezo pelos casamentos de conveniência e surge com maior força a moderna família nuclear, abrangendo marido, esposa e filhos.

Baseado no amor, na igualdade e felicidade, o novo caráter assumido pelo casamento completa-se com a procriação.

O discurso médico também contribuiu para a propagação destas idéias, afirmando que a mãe “é inteiramente responsável pela sobrevivência e pela saúde futura de seu filho. É dela que tudo depende agora” (Badinter, 1985, p. 198-199).

Essa responsabilização da mãe alcança seu ponto máximo a partir do século XIX, quando o pai, voltando-se para os negócios (trabalho), para a política, passa a assumir na família o papel de “autoridade muda” (Badinter, 1985), ficando a cargo da mãe, pronta a qualquer sacrifício em favor dos filhos e do lar, tudo que diz respeito à educação (que não se limita à instrução, abarcando também a transmissão de valores morais) e ao cuidado com esses filhos e lar.

A mulher assume, então, com a emergência da família burguesa, o papel de dedicada guardiã do lar e da família, passando a ser considerada, na condição de esposa e mãe, como base moral da sociedade, o que foi endossado pelo meio médico, educativo e pelas publicações da época (D’Incao, 2002).

Entendida como base moral da sociedade, a mulher chega até mesmo a ser diretamente responsabilizada, no discurso médico, por eventual alcoolismo do marido ou por ser por ele traída, como constata Matos (2000), a partir do exame de texto publicado em 1926 pela Faculdade de Medicina de São Paulo, intitulado “Da hygiene mental e sua importância em nosso meio”:

Nos espaços, e com eles, delineavam-se as funções e estabeleciam-se as relações entre os gêneros. A casa, além de refúgio, era o espaço onde o homem deveria ser o arrimo da família, trabalhador esforçado, provedor do sustento para a mulher. O lar também era o espaço onde se explicitam as funções femininas da “rainha do lar”, além do *locus* idealizado de um casamento feliz. A mulher não estava isenta de responsabilidade, devendo criar na casa um ambiente saudável e acolhedor no qual o homem-provedor pudesse voltar, encontrar aconchego e descansar depois de um dia de trabalho. A esposa devia ser prestativa ao marido e estar sempre disposta sexualmente, chegando a ser acusada pelo alcoolismo e pelas “saídas sexuais” do marido (p. 76).

Torres (2000) ressalta aspecto em tudo similar ao discorrer sobre o contexto português, evidenciando compreensível similaridade com as constatações de investigadores do contexto brasileiro comparável. Diz a mencionada autora que às mulheres cabe maior responsabilidade pelo “trabalho” do amor, por terem vocação orientada para as emoções, para a domesticidade e para as relações familiares. Não é surpreendente que a elas seja tributada, caso as coisas corram mal, “a responsabilidade por não terem tido a *arte* de saber guardar o seu par” (p. 154).

Nesse mesmo âmbito temático, mas visto por outro ângulo, Rocha-Coutinho (1994) enfatiza:

Nesta realidade familiar baseada na afeição, na intimidade maior entre pais e filhos, a família agora se recentra em torno da mulher-mãe. Ela passa a ser a principal responsável pelo bem-estar da criança e do esposo e é importante intermediária entre o pai – cada vez mais ausente em seu trabalho fora de casa – e os filhos, e entre a família e os dois novos elementos que surgem, o médico (...) e a escola (p. 29).

Vendo na maternidade uma possibilidade de desempenharem um papel mais importante na família e na sociedade, as mulheres abraçaram o papel da “boa mãe”, tornando-se “guardiãs naturais da moral e da religião e (...) da maneira como educavam os filhos dependia o destino da família e da sociedade. E o povoamento do céu!” (Badinter, 1985, p. 257).

A esse respeito Trindade (1999) propõe:

Historicamente, a concepção da mulher como um ser inferior ao homem pode ter contribuído para a difusão e manutenção da ideologia do instinto materno e do sacrifício entre as mulheres. Talvez as mulheres tenham assimilado tão prontamente esse papel porque, aparentemente, lhes conferia um espaço, o único, no qual eram consideradas superiores aos homens (p. 35).

É preciso considerar, entretanto, que mesmo diante de todos esses “esforços” para uma nova maneira de se ver e pensar a maternidade na França, as transformações nas formas das mulheres representarem a mesma deram-se de forma lenta e de diferentes

maneiras, de modo que elas não passaram de uma hora para outra a se sacrificar em favor dos filhos, colocando-os acima de tudo (mesmo que tivessem interesses econômicos e sociais ou sofressem pressões morais).

Contudo, a partir do momento em que a maternidade torna-se um imperativo entre as mulheres francesas, aquela que não se adequasse ao modelo maternal era discriminada e desacreditada, sofrendo vários tipos de preconceito – o que não é de tudo diferente nos dias atuais. “Ainda hoje a mulher que não quer filhos é vista com estranheza. Além disso, é impossível à mulher não reconhecer a maternidade e, socialmente, não lhe é permitido não querer o filho, sob pena de contrair o estigma de ‘mãe desnaturada’” (Trindade, 1999, p. 35).

Também no Brasil, no período de colonização, quando os papéis femininos não estavam claramente definidos, delineou-se um processo de convencimento das mulheres em favor da maternidade. Del Priore (1995) aponta que era interesse do Estado (que tinha um conjunto de objetivos que embutiam projetos de normatização para os gêneros) e também da Igreja que as mulheres se voltassem para o modelo de “*santa-mãezinha*”. Este correspondia à “mulher casada, mãe, afeita à domesticidade, à piedade religiosa, preocupada em consolidar a família” (Del Priore, 1995, p. 81), e que deveria ser passado para as gerações seguintes (de mãe para filha).

Nesse sentido, a maternidade, legitimada apenas no casamento (que consistia num fator de saneamento econômico e social), assumia um caráter quase assexuado, “cuja moldura era o cuidado dos filhos, a obediência a Deus e ao marido” (Del Priore, 1995, p. 82). As mulheres que não se enquadrassem nesse perfil ou que o recusassem (mantivessem relacionamentos extraconjugais e/ou tivessem frutos dos mesmos; as mães solteiras) sofriam todo tipo de estigmatização, até porque a maternidade no

matrimônio passou a significar o “universal feminino”. Assim, “o importante era caricaturar as práticas transgressivas e comuns das mulheres das classes subalternas, até transformá-las num excesso. (...) Importante, finalmente, era fazer da mãe um exemplo, e da maternidade uma tarefa” (Del Priore, 1995, p.106).

A medicina, outra vez, teve grande importância na propagação dessas idéias e no adestramento feminino, produzindo um lugar social para a mulher. Os conceitos desenvolvidos pelos médicos tinham obviamente uma função que excedia o domínio médico, de modo que ao estatuto biológico da mulher procurava-se associar o estatuto moral e metafísico - ser “mãe, frágil e submissa”. Assim, “a mulher não se diferenciava do homem apenas por um conjunto de órgãos específicos, mas também por sua natureza e por suas características morais” (Del Priore, 2002, p. 79).

A ciência médica, auxiliando a Igreja em seu projeto de disciplinar as mulheres para a procriação, e perseguindo as mulheres que tinham algum conhecimento sobre como cuidar do corpo feminino definia que “apenas como mãe, a mulher revelaria um corpo e uma alma saudáveis” (Del Priore, 1995, p. 31).

Dessa forma, as mulheres estéreis (também em virtude do desconhecimento sobre o corpo feminino nessa época) eram vistas como apresentando uma natureza morta, já que não eram capazes de sua mais importante e natural função: procriar.

Trindade e Enumo (2002), em pesquisa acerca das representações sociais da infertilidade feminina entre mulheres de diferentes estratos sociais, apontam que nos dias atuais a maternidade ainda continua sendo vista como uma função “natural” da mulher, e ressaltam:

Apesar das transformações observadas nas concepções e práticas relacionadas à infertilidade, fundamentadas principalmente no avanço do conhecimento médico, a condição de infértil tem se constituído em um anátema para as mulheres, atravessando séculos de história e rompendo limites geográficos e culturais. É farta a literatura

mostrando a imposição social da maternidade para a "mulher normal" e as conseqüências pessoais e sociais de problemas reprodutivos (p. 153).

Ao discutirem os resultados da referida pesquisa, Trindade e Enumo (2002) enfatizam que as falas das entrevistadas associam diretamente infertilidade feminina à idéia de incompletude e frustração, o que aponta para a manutenção de uma representação social da infertilidade “que implica depreciação e estigmatização da mulher, intrinsecamente associadas às representações da maternidade. Esta é sempre naturalizada, ora como destino biológico inarredável, ora como valor social inseparável da concretização da identidade feminina” (p. 172).

Ulrich e Weatherall (2000) encontraram resultados semelhantes em estudo sobre maternidade e infertilidade, pois os achados apontam que a maternidade ainda é vista como um “instinto natural”, conferindo identidade e status à mulher, enquanto a condição de não poder ter filhos (infértil) é experienciada como fracasso, castigo, levando à culpa, estigmatização e patologização da mulher, o que muitas vezes é reforçado pelos próprios termos médicos que descrevem e definem a infertilidade.

É importante perceber que na época da colonização todos os discursos (médico, religioso e político) que estigmatizavam as mulheres inférteis e ressaltavam o ideal da “santa maternidade” visavam, na verdade, camuflar as desigualdades das quais as mulheres eram vítimas, tornando-as úteis às necessidades do Estado e da Igreja e aos fundamentos da colonização portuguesa - não que isso fosse algo intencional e percebido pelos indivíduos, quer sejam médicos, políticos ou religiosos, pois eles também estavam submetidos a tal ideologia. Logo, a “imposição” da maternidade vinha cumprir um objetivo.

Assim, percebe-se que no período da colonização, no Brasil, a maternidade era uma prática imposta, a única saída para a mulher, mesmo que dissimulada pelos

discursos ideológicos da vocação feminina para ser mãe. Nesse sentido não compreendia o aspecto que hoje lhe “caracteriza”: o amor natural e incondicional.

Como destaca Tubert (1996), “a história nos ensina que o lugar e a valorização da maternidade no âmbito sociocultural modifica-se e varia em função de distintas épocas e contextos, respondendo a interesses econômicos, demográficos, políticos, etc.” (p. 104-105)

1.3 – Família e conjugalidade no cenário das transformações histórico-sociais

Apesar de ser concebida por muitos como uma instituição natural, um invariante histórico, a família nem sempre teve a configuração que a caracteriza atualmente. Sua constituição histórico-social foi negligenciada por décadas, o que permitiu que o formato da família nuclear burguesa, marcado pelo número reduzido de membros e pela intimidade e afetividade entre os mesmos, tão conhecidas na contemporaneidade, fosse considerado (embora proveniente de um contexto específico – advento do capitalismo e da industrialização) como modelo universal.

Costa (1999), ao estudar a relação entre a instauração da ordem médica e o processo de constituição da família nuclear burguesa, faz um retrospecto de como a instituição familiar e as relações intrafamiliares se configuraram ao longo dos séculos até os dias atuais, destacando o processo de normatização e de tutela da família que passou a vigorar com o movimento higienista.

O Higienismo impunha à família uma revolução de costumes e práticas, defendendo a existência do amor entre pais e filhos, a privacidade do lar e impondo uma “educação física, moral, intelectual e sexual, inspirada nos preceitos sanitários da época” (Costa, 1999, p. 12), o que visava à manutenção e reprodução da ordem social

burguesa, apregoadas pelos ideais urbanistas e pelos interesses médico-estatais. Além disso, também passou a impor à família a figura do médico, que conseguiu assim reverter sua posição de desprestígio social, passando a disciplinar e a ditar normas sobre os comportamentos, afetos e o cotidiano familiar (o que ainda hoje é realizado por muitos especialistas).

Logo, tal modelo de família nuclear surgiu em um contexto específico e a partir de interesses específicos, não podendo ser tomado como independente de época e como modelo universal.

Cabe ressaltar que, de acordo com Quintas (2000), a família só passou a ser objeto de interesse científico na segunda metade do século XIX, quando alguns autores como Engels, Morgan e Bachofen passaram a vê-la como uma instituição social e histórica, questionando a proposição do determinismo biológico que, ainda hoje, costuma ser acionada para explicá-la plenamente.

Os estudos relacionados à família avançaram muito ao longo dos anos, e atualmente, no Brasil, muitas são as produções acadêmico-científicas em que esse tema alcança destaque – até porque a questão da família está na base da discussão de muitos outros temas relevantes⁶.

Com o recorrente surgimento de novos modelos de família e com o enfraquecimento do modelo de família patriarcal, extensa e hierárquica (considerado predominante na sociedade brasileira até as primeiras décadas do século XX), muitas são as reflexões que podem ser desenvolvidas acerca da família, de modo que pesquisas envolvendo tal problemática são cada vez mais justificáveis.

⁶ Almeida (1987); Assmar, Ferreira, Novaes & Tomaz (2000); Benincá & Gomes (1998); Corrêa (1993); Costa (1999); Dias e Lopes (2003); Féres-Carneiro (2001); Figueira (1987); Grzybowski (2002); Jablonski 1998; Lins de Barros (1987); Quintas (2000); Rêgo et al. (2002); Romanelli (2003); Samara (1987), (1998), (2002); Vitale (2002), entre outros.

Cabe fazer aqui uma ressalva. Família patriarcal está sendo entendida, nesse trabalho, como o modelo em que predomina a autoridade e poder do pai/homem, ou seja, forma de organização em que o chefe da família é o patriarca. O termo família extensa, por sua vez, refere-se ao modo de configuração familiar, assim como o termo família nuclear. Embora sejam utilizados, muitas vezes, como interdependentes, esses termos família patriarcal e família extensa indicam questões diferentes. Assim sendo, diferentes configurações familiares (nuclear, extensa) podem organizar-se de forma semelhante.

A questão do fim do patriarcado também é controversa. Há quem o afirme, e há aqueles, com quem concordamos, que o questionam, enfatizando que os valores patriarcais estão presentes ainda hoje, apesar de terem perdido força nas últimas décadas.

Therborn (2006) ressalta que apesar de atualmente em algumas sociedades, como na Europa, Oceania e parte das Américas, os valores patriarcais terem perdido força, o que chamou de “sociedades pós-patriarcais”⁷, em outras, como a China, a Turquia, entre outras, esses valores ainda são determinantes. E destaca:

A despeito das tremendas e marcantes mudanças, é pesada a carga de dominação paterna e marital trazida para o século XXI. A longa noite patriarcal da humanidade está chegando ao fim. Está alvorecendo, mas o sol é visível apenas para uma minoria (Therborn, 2006, p. 195).

É importante ressaltar que alguns autores (Corrêa, 1993; Samara, 1987; 1989; 2002) discordam de que a família patriarcal extensa tenha sido predominante no Brasil há alguns séculos, especialmente na época da colonização, e de que algumas configurações atuais da família nunca tenham existido antes na sociedade brasileira.

⁷ O autor deixa claro que não está se referindo com esse termo à igualdade de gênero, mas à significativa autonomia dos filhos em relação ao pai, da mulher em relação ao marido, e a igualdade de direitos na família entre filhos e filhas.

Samara (2002) chama a atenção em seu artigo baseado em dados de recenseamentos da população, manuscritos e impressos dos últimos 150 anos, para o fato de que o modelo de família extensa (difundido por Gilberto Freire, nos anos 1930, a partir da obra *Casa Grande e Senzala*) – apesar de sempre ter sido tomado como requisito e único ângulo para compreensão da vida familiar brasileira no decorrer da história, sendo considerado pela historiografia como uma das instituições mais importantes da sociedade brasileira – acabou sendo indevidamente tomado como modelo predominante em todo Brasil e como equivalente de família brasileira. Ressalta que estudos recentes mostram que este não era o único formato de família existente na época da colonização (sendo este modelo característico apenas das lavouras canavieiras do Nordeste). Começaram a figurar, já naquela época, famílias compostas por menos integrantes e com estruturas mais simples, especialmente no sul do país.

Samara (2002) aponta a relevância de serem levados em conta nas pesquisas sobre família as questões de temporalidade, etnias, grupos sociais, contextos econômicos regionais e movimento da população. A este respeito Corrêa (1993) indaga:

A chamada “família patriarcal brasileira” era o modo cotidiano de viver a organização familiar no Brasil colonial, compartilhado pela maioria da população, ou é o modelo ideal dominante, vencedor sobre várias formas alternativas que se propuseram concretamente no decorrer de nossa história? Sugiro que uma releitura cuidadosa de textos clássicos de nossa historiografia (cronistas, viajantes, agentes coloniais, etc.) pode apontar alternativas até agora obscurecidas pela ênfase que se tem dado a apenas uma forma de organização familiar (p.18).

Prossegue afirmando que “a ‘família patriarcal’ pode ter existido, e seu papel ter sido extremamente importante, apenas não existiu sozinha, nem comandou do alto da varanda da casa grande o processo total de formação da sociedade brasileira” (Corrêa, 1993, p.27).

Samara (2002) traz questionamentos acerca da adequação ou não de se falar de uma “nova” família no Brasil atual. Destaca que já no século XVIII, em virtude do contexto econômico da época, podiam ser encontradas mulheres chefiando famílias e trabalhando fora de casa (mesmo que em atividades informais e sem abandonarem suas tradicionais funções de esposas e mães), embora muitos autores vejam a atuação feminina no mercado de trabalho como recente e o gerenciamento de unidades domésticas por mulheres como uma “nova” forma de arranjo familiar. Na verdade, percebe-se que o que é recente é a mulher trabalhar em certas profissões e em certas condições e não o trabalho fora de casa.

Samara (1987; 1998) ressalta também que já no início do século XIX, especificamente em São Paulo, eram predominantes famílias nucleares, com poucos membros, e a forma de organização patriarcal constituía apenas uma das formas de funcionamento. Enfatiza que as uniões consensuais mostravam-se presentes, mesmo com toda a argumentação e com as ameaças de punição da Igreja, e que o casamento era uma opção apenas para uma parcela da população, fatos que apontam para a diversidade de modos de vida e de relações familiares.

Apesar das colocações de Samara (1987; 1998; 2002) e Corrêa (1993) de que algumas formas distintas de organização familiar já podiam ser evidenciadas no passado, é indiscutível que num contexto de aceleradas transformações culturais em que valores tradicionais e modernos coexistem, a instituição familiar tem sido palco de uma série de modificações, que são concomitantes às mudanças mais amplas decorrentes do processo de modernização.

O processo de modernização é aqui compreendido de forma bastante ampla, considerando tanto as transformações decorrentes do processo de industrialização,

urbanização crescente, expansão do capitalismo, “tecnologização” e globalização, quanto as modificações nas mentalidades que foram se dando concomitantemente às transformações econômicas, políticas, sociais e culturais que se processaram no Brasil do século passado.

Nader (2001) esclarece que diversos foram os fenômenos que produziram uma série de situações que colaboraram para a dificuldade de manutenção do modelo de família tradicional, composto pelo casal e os filhos:

Dentre eles, destaca-se a incompatibilidade manifesta nos vários planos do funcionamento da sociedade diante de novas tendências tecnológicas, culturais e de representação social; o aprofundamento da pobreza, decorrente da instabilidade econômica que o Brasil desde há muito atravessa; a incorporação da mulher no mercado de trabalho; a emancipação feminina gerada pela ideologia feminista; o poder conservador e autoritário masculino; o afrouxamento dos laços familiares gerado pela instabilidade conjugal; a institucionalização do divórcio no país a partir de 1977, etc. (Nader, 2001, p. 66-67).

Para diversos estudiosos do tema, muitas são as diferentes configurações que hoje podem ser atribuídas à família, e cada vez mais o modelo tradicional nuclear constituído por pais e filhos cede espaço para outras formas de arranjos familiares. Segundo Romanelli (2003), esse modelo, que pode ser variável dependendo da camada social e do repertório cultural, apresenta como atributos básicos:

Uma estrutura hierarquizada, no interior da qual o marido / pai exerce autoridade e poder sobre a esposa e os filhos; a divisão sexual do trabalho bastante rígida, que separa tarefas e atribuições masculinas e femininas; o tipo de vínculo afetivo existente entre os cônjuges e entre esses e sua prole, sendo que neste último caso há [ou deve haver] maior proximidade entre mãe e filho; o controle da sexualidade feminina e a dupla moral sexual (p. 75).

Brasileiro, Jablonski e Féres-Carneiro (2002) destacam que “a ‘família nuclear’ começa a ceder espaço para novas configurações familiares que não seguem os modelos tradicionais” (p.291). Neste sentido, Grzybowski (2002) acrescenta:

O crescente número de pessoas que preferem viver sozinhas, casais que vivem juntos sem estar casados oficialmente, casais de homossexuais, netos sendo criados por avós, pais

com guarda conjunta, mães e pais singulares (divorciados, viúvos, separados, solteiros e adotivos), pais que dividem a guarda dos filhos, famílias provenientes de recasamento, não podem mais ser ignorados (p. 40).

Assim, como destaca Jablonski (1998), não apenas a família nuclear urbana vem perdendo força na atualidade, como também a própria instituição do casamento, que não pode ser pensada independente da primeira. As transformações sócio-econômico-culturais das últimas décadas do século XX, sem dúvida, promoveram mudanças na forma como homens e mulheres pensam o casamento e a vida familiar/conjugal, de forma que o casamento tradicional figura apenas como uma alternativa entre tantas outras possíveis.

Diante das novas expectativas femininas e masculinas de realização pessoal, profissional e afetiva, novas configurações de união e relacionamento estão emergindo, de modo que o número de divórcios e de uniões consensuais cresce a cada dia. O “até que a morte nos separe” vem sendo substituído pelo “que seja eterno enquanto dure”, permitindo o estabelecimento de outras formas de união. Talvez valha dizer, embora menos romântico, que já seria bastante que se cumprisse a expressão “que seja terno enquanto dure”.

Fonseca (2002) destaca que as dinâmicas familiares "alternativas", conquanto não se enquadrem no modelo dominante de família, gozam de popularidade e até de legitimidade entre determinados setores da sociedade, sugerindo também, através da evocação de casos etnográficos, que a hegemonia da família nuclear conjugal não se exerce com a mesma força em todas as camadas sociais.

Essa autora enfatiza a questão de que o modelo de família nuclear não deve ser tomado como parâmetro para julgamento e compreensão das diferentes formas de

relações familiares, destacando que as pessoas atualizam, nas suas práticas cotidianas, certas lógicas que não podem ser explicadas em termos das normas dominantes.

Partindo da indagação “mãe é uma só?”, Fonseca (2002) tenta avançar em relação aos tradicionais debates acerca das conseqüências de os filhos não serem criados e cuidados por suas mães biológicas ou dentro do modelo de família constituído por pai, mãe e filhos, enfatizando a questão da circulação de crianças em esferas que não se fecham na questão do parentesco, e ao mesmo tempo, recusando-se a reforçar os estereótipos negativos em relação a tal prática, que deve ser vista como uma entre várias práticas familiares possíveis.

Ressaltando a importância da instituição familiar, independente da forma como se mostra estruturada, Nader (2001) salienta que “a família pode ser considerada uma instituição que atravessa a história, com formas e objetivos que transmudam numa mesma época e lugar, conforme as circunstâncias nas quais o grupo social em que se insere esteja sendo observado” (p.41).

A mesma autora continua afirmando que se trata da “instituição fundamental da sociedade humana, pois não é apenas um grupo biológico, mas o ambiente onde os acontecimentos mais importantes da vida são vividos” (Nader, 2001, p. 42).

Menandro, Rocha e Silveira (2003) também ressaltam a relevância da família nas relações sociais, e destacam que a família “é a primeira unidade reprodutora da estrutura de classe, além de funcionar como propagadora dos valores e práticas sociais característicos da cultura na qual tal família existe” (p. 33).

Também é preciso considerar que a família apresenta importante papel como fonte de apoio e suporte aos seus membros. Bastos, Alcântara e Ferreira-Santos (2002) enfatizam que a família possibilita a estruturação da vida cotidiana e a constituição de redes de apoio para o indivíduo, mesmo quando os direitos humanos mais básicos não

são garantidos pelas políticas públicas. Ressaltam que o contexto familiar apresenta um considerável potencial para a mudança, atuando como recurso tanto em nível individual quanto coletivo.

Dessen e Braz (2000) apontam que não só a dinâmica de funcionamento interno da família exerce influência nas interações e no desenvolvimento dos seus membros, mas também o fazem outros sistemas fora da família, como a vizinhança, a comunidade, a escola, o local de trabalho e a rede social. Tais autoras discutem a importância da rede social de apoio das famílias para a manutenção do equilíbrio e da dinâmica familiar, especialmente no enfrentamento de transições, como por ocasião do nascimento dos filhos.

A rede social pode fornecer ao indivíduo tanto apoio instrumental (ajuda financeira, divisão de responsabilidades, etc.) quanto emocional (afeto, suporte, simpatia, preocupação, prestação de informações, etc.), e os indivíduos que integram a rede social de apoio e as funções que executam variam segundo o contexto histórico, social e cultural, e segundo o estágio de desenvolvimento pessoal e familiar, assim como a própria rede se altera durante períodos de transições (Dessen & Braz, 2000).

O nascimento de um filho exige uma série de novos arranjos e estratégias dos membros da família para lidar com tal momento, principalmente da mulher, ainda considerada como principal responsável pela criança. De acordo com Dessen e Braz (2000), os suportes sociais são “fatores importantes para a adequação dos comportamentos maternos em relação aos filhos” (p. 222), sobretudo o suporte do marido/companheiro e das avós maternas dos bebês (cujas importâncias são ressaltadas por várias outras investigações, segundo as autoras).

Com base em todas as considerações anteriores, pode-se perceber que mesmo com todas as transformações que estão sendo processadas na atualidade e com os diferentes formatos que a família tem assumido, esta ainda continua sendo contexto importante na definição da identidade dos indivíduos, cumprindo seu papel de referência, de modo que a idéia de que a família está em decadência e perdendo lugar não é pertinente e não encontra eco na literatura especializada.

1.4 O lugar da mulher na família e na sociedade: identidade feminina e relações de gênero

O papel da mulher no grupo familiar, que historicamente a atrela de forma limitante em relação às suas possibilidades de inserção na sociedade, vem sofrendo sensíveis modificações no atual contexto de mudanças, especialmente com a crescente participação feminina no mercado de trabalho - cujos reflexos na vida doméstica são inevitáveis. Almeida (1987a) propõe que “no âmbito das relações familiares, no que inclui aspectos relacionados à posição da mulher, a modernização vem revelando seus efeitos de forma igualmente sensível” (p. 13).

Ao longo da história, a mulher teve sua existência circunscrita ao âmbito da vida familiar, tendo sido sua identidade construída “em torno do casamento, da maternidade, da vida privado-doméstica e da natureza a qual foi ligada” (Nader, 2001, p. 68). Além disso, como salienta a mesma autora:

Tradicionalmente a história reservou para a mulher um lugar pequeno, principalmente porque, por muito tempo privilegiou o espaço e as cenas públicas, privilegiou os heróis, as batalhas e as guerras, lugares por excelência masculinos, onde a mulher quase não aparece (p.68).

Após longo percurso, foi a partir do século XIX que começaram a ganhar forma na sociedade brasileira algumas novas idéias contrárias aos ideais moralizantes da igreja e da escola, que difundiam um ideal feminino caracterizado pela submissão, necessária face à inferioridade da mulher decorrente de sua própria natureza. “Apregoadas pelas idéias liberais, as mudanças sociais e culturais proclamavam a autonomia da mulher dentro da família e uma maior liberdade na vida social” (Nader, 2001, p. 90). Essas idéias tiveram forte influência, de modo que o papel da mulher foi se modificando sensivelmente a partir da adoção de novas práticas de sociabilidade e com a incorporação de novos hábitos e valores.

Contudo, outras correntes de pensamento pregavam que a mulher deveria continuar em seu território naturalmente doméstico, ficando afastada dos processos econômicos e políticos para os quais não tinha habilidades, sem participar diretamente das mudanças que vinham se processando na sociedade. Também a Igreja Católica compartilhava da idéia de que a mulher deveria ficar longe da vida pública, limitando-se à esfera familiar (Nader, 2001).

Sendo assim, Nader (2001) reconhece que o lugar da mulher ainda ficou marcado pela vida doméstica por longo período (na verdade, o é até hoje), permanecendo as diferenças em relação ao homem e à mulher, tanto na esfera familiar quanto na sociedade - diferenças estas baseadas principalmente na determinação biológica.

Foram os movimentos e reivindicações feministas, na última metade do século XX, que buscavam mudanças na condição da mulher, os maiores inspiradores das modificações na compreensão da família e da mulher na sociedade brasileira. Especialmente a partir de transformações resultantes desses movimentos, a mulher passou a encontrar mais brechas que se abriram em espaços para o desempenho de

outros papéis que não se restringem ao de esposa e mãe, da mesma forma que o homem também passou a se constituir como personagem integrado à dinâmica familiar, não mais ficando voltado, exclusivamente, para a esfera pública – o que também têm reflexos nas diferentes conformações do casamento na atualidade.

Assmar *et al* (2000), ao falarem da nova posição da mulher na sociedade e na cultura, ressaltam que “atribui-se ao movimento feminista especial responsabilidade nesse processo de renovação de valores e crenças” (p. 92). Isso porque, acrescenta Romanelli (2003), “ao questionarem os fundamentos das relações entre homens e mulheres, as diversas linhas desse movimento deram legitimidade à luta pela igualdade entre os gêneros e construíram novas representações sobre a posição feminina na família e na sociedade” (p. 77).

É com as feministas que o termo gênero passa a ser largamente adotado, utilizado de forma a enfatizar o caráter social das diferenças entre homens e mulheres (Scott, 1995). Por influência do conhecimento afeto à Biologia, esse termo foi utilizado por muito tempo e em qualquer contexto como sinônimo de sexo. Esclarecendo a diferença entre esses termos, Strey (1998) discute o caráter cultural da noção de gênero:

Sexo não é gênero. Ser uma fêmea não significa ser uma mulher. Ser um macho não significa ser um homem. Sexo diz respeito às características fisiológicas relativas à procriação, à reprodução biológica. (...) O sexo biológico com o qual se nasce não determina, em si mesmo, o desenvolvimento posterior em relação a comportamentos, interesses, estilos de vida, tendências das mais diversas, responsabilidades ou papéis a desempenhar, nem tampouco determina o sentimento ou a consciência de si mesmo, nem das características da personalidade, do ponto de vista afetivo, intelectual ou emocional, ou seja, psicológico. Isso tudo seria determinado pelo processo de socialização e outros aspectos da vida em sociedade e decorrentes da cultura. (...) Enquanto as diferenças sexuais são físicas, as diferenças de gênero são socialmente construídas (p. 182-183).

Dessa forma, o conceito de gênero é aqui utilizado no sentido proposto por Scott (1995), ou seja, como construção cultural e histórica. Logo, o que produz o agir como

homem e o agir como mulher em determinada sociedade não é exclusiva e automaticamente a condição biológica, mas o contexto sócio-cultural.

Embora esse termo tenha sido utilizado por certo período como sinônimo e/ou substituto de feminino – uma das abordagens do conceito, conforme aponta Scott (1995) – e os estudos de gênero tenham se centrado basicamente no estudo da mulher por décadas, concordamos com a abordagem de gênero que propõe o conceito numa perspectiva relacional/histórica, que preocupa-se com a compreensão das relações de gênero (como foram produzidas, porque foram produzidas, como funcionam), inscritas num contexto histórico, político, econômico, social e cultural (Araújo, 2005; Arilha, Medrado & Unbehaum, 2001, Scott, 1995; Strey, 1998).

Scott (1995), em sua definição de gênero, destaca a conexão entre gênero e poder, ressaltando a importância do gênero na legitimação das relações de poder e das relações sociais em geral, que por sua vez, também o constituem reciprocamente.

Acompanhando a tendência internacional de não mais estudar apenas as mulheres, mas as relações de gênero, os estudos brasileiros também passaram a considerar a dimensão relacional do gênero, abrindo-se, então, “uma perspectiva complexa, qual seja a de conceituar gênero como categoria analítica, que permitiria compreender ou interpretar uma dinâmica social que hierarquiza as relações entre o masculino e o feminino” (Arilha, Medrado & Unbehaum, 2001, p. 24).

Essa hierarquização entre masculino e feminino, construída na história e, portanto, relacionada às outras formas de hierarquia social, serviu de base para a diferenciação do que é considerado próprio do homem e da mulher em nossa cultura. Na sociedade patriarcal, por exemplo, o poder, o controle e a agressividade são associados ao homem, ao passo que a submissão, a docilidade e a subordinação são atribuições femininas. Essa

hierarquia entre papéis masculinos e femininos é justificada por discursos ideológicos que a identificam como natural e ligada à determinação biológica (Strey, 1998).

Rocha-Coutinho (2001) destaca que a partir do surgimento da sociedade industrial moderna e da separação das esferas de produção e reprodução são demarcados limites específicos para a identidade feminina e para a identidade masculina, a primeira marcada por características supostamente importantes para o funcionamento do espaço privado – da reprodução (como fragilidade, abnegação, docilidade, afetividade, entre outras), e a segunda por aspectos positivamente valorizados relacionados ao espaço público da produção (racionalidade, pensamento lógico, entre outros). Com essa demarcação, evidencia-se uma desigualdade de valorização entre os atributos masculinos e femininos, e é arbitrariamente definido o que é ou não próprio da “natureza” do homem e da mulher. Logo, paralelamente ao aprisionamento da mulher às funções domésticas, deu-se o aprisionamento do homem em determinados papéis sociais, que o afastaram da esfera privada. Como indica Verucci (2002) “... a construção do mito do instinto materno é paralela à ideologia da paternidade distante” (p. 91).

Cabe fazer aqui uma breve consideração sobre a noção de identidade, antes de prosseguirmos na discussão sobre a identidade feminina, especificamente. Existem diferentes abordagens da identidade no campo das Ciências Humanas, e dentro da própria Psicologia encontramos desde perspectivas individualistas até perspectivas psicossociais⁸. Apesar da existência de uma dicotomização entre identidade pessoal e social, há abordagens que consideram a articulação entre essas noções, propondo a intersecção entre elas. É dentro dessa perspectiva psicossocial / integradora que

⁸ Optamos por não discorrer aqui sobre as diversas abordagens do conceito de identidade, limitando-nos à explanação da perspectiva com a qual compartilhamos.

compreendemos a identidade, rejeitando a separação entre individual e social. Nesse sentido, concordamos com Andrade (2000), que enfatiza:

O processo identitário é, ao mesmo tempo, individual e social, supõe uma interestruturação entre a identidade individual e a identidade coletiva dos atores sociais, em que componentes psicológicos e sociológicos se articulam organicamente. Os indivíduos se integram em diferentes grupos sociais, assumindo diferentes identidades coletivas, identificando-se com esses grupos, tendo o sentimento de a eles pertencerem, mas, simultaneamente, tendem a diferenciar-se, tornando-se autônomos e afirmando-se como indivíduos, como sujeitos, como atores sociais. Mesmo com todo peso das estruturas sociais, cada indivíduo é único e irrepetível. (p. 142)

Dentro desse ponto de vista, a identidade não é considerada imutável, estática, fixa, mas, ao contrário, é entendida “como um processo, um fenômeno construído de forma dinâmica e dialética, um processo identitário, um processo de personalização sempre mutável e provisório” (Andrade, 2000, p. 142). Na verdade, essa noção de identidade articula dimensões aparentemente dicotômicas, como *estabilidade x mudança*, *igualdade x diferença*, *individual x social*, pois ao mesmo tempo em que a identidade é percebida como algo “dado”, “único”, “pessoal”, envolve sempre processualidade e pluralidade, formando-se e transformando-se a partir das relações sociais, dentro de um contexto sócio-historicamente determinado (Jacques, 1998).

Cabem as considerações de Rocha-Coutinho (2004) a esse respeito:

Identities, portanto, são na verdade, continuamente formadas e transformadas em relação aos nossos Outros, de acordo com as formas como temos sido representados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Sujeitos que fazem parte de grupos marginalizados – tais como as mulheres, os negros, os índios, entre outros – sempre tiveram suas identidades construídas pelo seu Outro, o “colonizador”, e, portanto, só podem vir a se representar através da recuperação de suas histórias, há muito escondidas por trás do discurso do “colonizador” (p. 3).

Hall (2000), ao falar sobre identidades “fragmentadas”, traz importantes considerações sobre essa questão, propondo que as identidades:

Emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais o produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente constituída, de uma ‘identidade’ em seu significado tradicional – isto é, uma

mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (p. 109).

É importante assinalar que nas sociedades contemporâneas, marcadas por rápidas e constantes transformações, os indivíduos se confrontam com uma multiplicidade de identidades possíveis, com as quais podem, ao menos provisoriamente, identificar-se (Rocha-Coutinho, 2004). Assim o sujeito, que “costumava viver a falsa ilusão de uma identidade unificada e estável, está experimentando agora, nem sempre de forma consciente, uma identidade fragmentada, composta, não de uma identidade unitária, mas sim de múltiplas e, freqüentemente contraditórias, identidades” (Rocha-Coutinho, 2004, p. 4).

As características socialmente prescritas, valorizadas, ensinadas e cobradas em relação às mulheres durante muito tempo foram marcadas por homogeneidade muito expressiva, na qual dois aspectos tinham especial proeminência: esposa prendada e dependente e mãe afetuosa e dedicada (padrão já mencionado diversas vezes no presente texto). Com isso, o grupo principal com o qual se estabeleciam os contrastes mais nítidos era o dos homens, havendo chances reduzidas (até mesmo pelo controle explícito) de que grupos específicos entre as mulheres viessem a se diferenciar de forma suficientemente perceptível para forçar questionamentos à identidade feminina cristalizada. Não se está dizendo aqui que a identidade feminina carecia de complexidade (uma discussão pertinente pode ser encontrada em Caixeta & Barbato, 2004), mas apenas que, durante um longo período, a identidade feminina, mesmo marcada por algumas variações relacionadas às condições socioeconômicas, às especificidades culturais, e ainda que fossem evidenciadas tensões (intermitentes, mas moderadas), estava caracterizada como continente efetivamente capaz conter quase todas as mulheres. Talvez seja possível dizer que não fazia o mesmo sentido que faz

hoje falar em identidades, no plural. Talvez seja possível dizer também que não fazia o mesmo sentido que faz hoje enfatizar a idéia de que a identidade pode se deslocar continuamente a partir do contato com situações significativas que revelem inovações, multiplicidades ou contradições. Nas palavras de Relvas (2002):

Pensamos no caminho que a mulher e a família percorrem, hoje, e que as transporta da *identidade da mulher ligada aos papéis familiares* de cuidadora do marido, dos filhos e dos idosos, para uma *identidade pessoal* complexificada pela atribuição complementar de objetivos de carreira, individual e relativamente autônoma perante as funções familiares (p. 330).

De qualquer modo, como propõe Rocha-Coutinho (2004), a definição da identidade feminina “sempre caminhou paralelamente a uma maciça discriminação das mulheres” (p. 4), que, então, foram excluídas das esferas de poder e influência social por acreditar-se não serem portadoras de todas as competências consideradas indispensáveis à vida pública. Mesmo nos dias atuais a situação não é em tudo diferente, pois apesar dos avanços e conquistas a mulher continua a ser alvo de discriminação na esfera pública, o que é fortemente evidenciado pela desigualdade de oportunidades no mercado de trabalho.

O período coberto pela vida das participantes de nosso estudo corresponde ao período de consolidação de novas possibilidades de identidades femininas, construídas como “uma multiplicidade dinâmica de papéis sociais” (Caixeta & Barbato, 2004, p. 214), aí incluídos os papéis de esposa e mãe, cuja importância como fonte de identificação permanece evidente. Pode-se dizer, então, que ocorreu “uma ampliação dos significados que compõem este conceito complexo [de identidade feminina, esclarecendo] para que novas funções sociais pudessem participar desse construto” (Caixeta & Barbato, 2004, p. 212). Usamos o termo possibilidades uma vez que a

identidade feminina apoiada fundamentalmente no casamento e na maternidade ainda é a realidade de muitas mulheres.

Desigualdade e hierarquia de gênero, características do modelo patriarcal, permaneceram inabaladas por longo período, começando a estremecer na segunda metade do século XX. Mudanças mais significativas em relação ao papel da mulher na sociedade e na família brasileira começam a se delinear a partir da segunda metade dos anos 1960. Até os anos 1950 e início dos anos 1960 a mulher de classe média só encontrava espaço nas carreiras do casamento e da maternidade (e, eventualmente, como professora, “numa continuidade de seu papel como mãe e educadora”, como ressalta Matos, 2000).

Vale lembrar aqui a influência do cinema romântico norte-americano, a partir do qual surgem as fotonovelas que por muito tempo constituíram parte importante das publicações femininas no Brasil (Mira, 2001) e que privilegiavam enredos nos quais o amor, por maiores que fossem as dificuldades práticas de cultivá-lo diante das situações engendradas pelos autores, superava tudo e levava ao casamento para sempre, ao final feliz almejado pelas mulheres. São enredos ainda hoje largamente disponíveis (certamente com adaptações às transformações socioculturais havidas), na tradição dos romances produzidos sob o pseudônimo M. Delly, componentes da Coleção Biblioteca das Moças, e intensamente lidos pelas mulheres brasileiras entre os anos de 1930 e 1960, certamente contribuindo para a educação feminina com seus modelos e estereótipos (Cunha, 1999).

Bassanezi (2002) aponta que na ideologia dos anos dourados (anos 1950) a condição de ser mãe, esposa e dona de casa era considerada parte da essência feminina e destino natural de toda mulher, de modo que, mesmo com o aumento da participação

feminina no mercado de trabalho nessa época, os preconceitos com relação ao trabalho da mulher fora de casa eram evidentes. Isso porque, argumentava-se, trabalhando fora a mulher deixaria de lado suas funções primordiais – cuidado da casa, dos filhos e do marido – e colocaria em risco o bem sagrado do matrimônio, além de estar ocupando um espaço essencialmente masculino (as distinções entre papéis masculinos e femininos eram muito nítidas na época).

Torres (2005, p.80) arrola fragmentos de textos publicados nos primeiros anos de existência da Revista *Claudia*, dirigida ao público feminino, que corroboram o quadro delineado acima: a) *A mulher é preparada para o casamento e nunca para enfrentar e lutar pela vida* (Agosto de 1962); b) *Embora sendo prejudicado pelas limitações e defeitos da condição humana, o casamento tem uma beleza incomparável e merece, da mulher, alguns sacrifícios* (Fevereiro de 1962); c) *A ciência tem demonstrado também que o homem e a mulher que em virtude de uma química secreta se uniram para completar-se, realizam-se dentro do casamento monogâmico* (Maio de 1963); d) *O sonho de toda mulher é o casamento, os filhos... Realizado o sonho, o importante é saber arcar com as conseqüências, ser uma boa esposa, uma boa mãe* (Fevereiro de 1963); e) *Sim, ela é uma dona-de-casa feliz. Feliz porque sabe cuidar bem da casa e da família! Cada gesto para com a família demonstra seu carinho; cada detalhe da casa revela seu bom gosto* (Abril de 1963, em peça publicitária).

Apesar das barreiras ao trabalho fora de casa, com o advento da urbanização e industrialização, e com o aumento do grau de escolaridade feminina, a mulher passa a poder transitar com maior facilidade entre os espaços públicos e privados, alcançando comunicação mais aberta com o homem na rede familiar (Quintas, 2000). Ao entrar para o mercado de trabalho e ocupar outros espaços (ao mesmo tempo em que passa a

exercer sua sexualidade com maior liberdade), acabam sendo produzidas alterações nas relações familiares e de gênero (Unbehaum, 2001). O homem passa a ser convocado para uma maior atuação na esfera familiar, mesmo que a natureza dessa participação seja diferente da feminina. Unbehaum (2001), Féres-Carneiro (2001) e Jablonski (1998) observaram que a atuação masculina apresenta-se como coadjuvante no cuidado com os filhos e com a casa. Cuidar é uma tarefa essencialmente feminina, cabendo aos homens apenas auxiliar as mulheres.

Quintas (2000) descreve algumas das principais inovações do contexto histórico-político-econômico-sociocultural dos anos 1960, ressaltando, contudo, que tais transformações não se deram tão facilmente, havendo avanços e retrocessos:

E chegam os anos 60, trazendo transformações fundamentais à vida da mulher. A descoberta da pílula anticoncepcional, os movimentos de contracultura, o chamamento ao mercado de trabalho, a invasão das universidades pincelaram uma paisagem atrativa que reverte alguns quadros agudamente opressores. O conhecimento maior do corpo, a capacidade de controlar a fecundação, a entrega ao prazer sexual sem as incertezas de uma concepção indesejada sacudiram a mentalidade vigente e contribuíram para mudanças eficazes na balança macho-fêmea. A mulher já começa a se posicionar num mundo até então dominado por homens. A independência passa a ser a grande meta feminina. Trabalhar fora de casa, realizar-se profissionalmente, ter a sua sexualidade reconhecida são valores em alta para a construção da identidade da mulher (Quintas, 2000, p. 186-187).

Neste período em que se falava de “revolução sexual” e de invasão do erotismo no cinema, na moda, no teatro, na publicidade, a “santa maternidade” também passa a ser questionada, pois agora aparece como barreira à idéia de igualdade entre os sexos. Tudo que possa remeter à desigualdade entre homens e mulheres, nas esferas pública e privada, deve ser objeto de questionamento.

Féres-Carneiro e Szapiro (2002), ao discutirem a emergência da problemática da “produção independente” (de filhos) a partir dos anos 1960 e 1970, enfatizam que com o surgimento de um novo lugar para a mulher, a maternidade como função / obrigação

feminina passa a ser questionada, cabendo à mulher a “escolha” de ter, não ter, quando ter, e com quem ter filhos.

Contudo, Rocha-Coutinho (1994) destaca que mesmo com todas estas mudanças na forma como a maternidade passa a ser vista, ainda assim muitas mulheres persistiram em colocá-la como centro de suas vidas, visto que “o discurso social, apesar de ter incorporado estes novos papéis à identidade feminina e de ter, até certo ponto, questionado a doutrina da maternidade como essência, mudou muito pouco a sua definição de mulher” (p.61).

Essa autora discute que mesmo com as novas possibilidades trazidas pelo movimento feminista, as mulheres, em sua maioria, não abandonaram definitivamente seu lugar de esposa e mãe, mas assumem ao mesmo tempo vários outros papéis, muitas vezes, contraditórios entre si. Explica:

Isto se dá, em grande parte, porque muitas destas mulheres, de um lado foram submetidas ou influenciadas pela socialização tradicional – que as treinou durante a sua infância para pensar, agir e sentir de maneira apropriada a suas funções de esposa, mãe e dona-de-casa, funções estas que continuam a ser amplamente reforçadas pela cultura – e, de outro, foram levadas a buscar sua satisfação pessoal também fora da família, como decorrência do questionamento destes valores tradicionais e da integração da mulher nos últimos anos ao mundo da produção, através de seu trabalho e carreira profissional (Rocha-Coutinho, 1994, p. 62).

As mulheres criadas dentro dessa configuração tradicional, muitas vezes, acabaram treinando os filhos da mesma forma como foram criadas (daí a importância de investigar as práticas de socialização), passando para as filhas o que é papel de menina (brincar de boneca e de casinha, ajudar nas tarefas de casa, etc.) e para os filhos o que é papel de menino (gostar de futebol, de carro, não fazer atividades domésticas, trabalhar, entre outras), além de impedirem que seus maridos / companheiros executem determinadas tarefas em casa (vistas como exclusivamente tarefas suas), o que contribui

para o fortalecimento / perpetuação das representações tradicionais de práticas parentais e conjugais.

Como se pode notar, para as mulheres que participaram do momento histórico, social e cultural em que se defendia a derrocada de uma série de tabus e mitos acerca do papel da mulher na família e na sociedade, ao mesmo tempo em que havia o peso da socialização tradicional, restava o conflito e a insegurança. Até porque, como enfatizam Assmar *et al* (2000), o movimento feminista, por colocar em questão as raízes da condição social da mulher, não foi recebido sem resistências pela sociedade. Um claro exemplo de como essas resistências acompanhavam a influência inicial dos movimentos internacionais feministas se verifica na força das campanhas do pós-guerra que pregavam a volta das mulheres ao lar e aos valores da sociedade tradicional (Torres, 2005).

Tal situação não é de tudo diferente nos dias atuais em que, com todos os avanços e progressos relacionados ao lugar da mulher, persiste a ambigüidade da questão:

Apesar de todas estas mudanças, podemos afirmar, no entanto, que a questão a respeito do papel e da posição da mulher na sociedade está longe de ser resolvida. Na prática, tanto ao nível da sociedade quanto ao nível do sujeito, o que se pode observar é que a 'nova' identidade atribuída à mulher apenas se ampliou para incluir, também, seus novos interesses com a carreira e a profissão. Ainda hoje continuam a ser enfatizadas, com o amplo esforço dos meios de comunicação de massa, suas funções de esposa, mãe e dona-de-casa (Rocha-Coutinho, 1994, p.119).

Além disso, apesar do fato de terem sido produzidas transformações nas relações familiares e de gênero com a entrada da mulher para o mercado de trabalho, e de ter sido favorecida a participação do homem no contexto familiar e no cuidado com os filhos, não foi destruída a assimetria entre homens e mulheres no que se refere “às oportunidades no mercado de trabalho, à ocupação de cargos de comando e políticos, e à igualdade salarial” (Unbehaum, 2001, p. 167). No Brasil, o trabalho feminino, sob

diversos aspectos, ainda é visto como secundário em relação ao trabalho do homem (Torres, 2005).

Rocha-Coutinho (2003), com base em resultados de estudo acerca de como são divididos os cuidados com a casa e a criação dos filhos quando pai e mãe trabalham fora de casa, ressalta que mesmo com o aumento na participação e envolvimento dos homens no espaço familiar, as mulheres continuam a ser consideradas como responsáveis pela casa e pelos filhos. Por isso, sentem-se culpadas por não dedicarem aos filhos o tempo que gostariam ou acham que deveriam dedicar, o que faz com que a divisão de tarefas continue a ser determinada pela antiga divisão entre os sexos, fazendo com que as mulheres, mesmo trabalhando fora, dispensem mais tempo e se envolvam mais nas atividades domésticas. Torres (2000), referindo-se à realidade portuguesa contemporânea, identifica aspecto adicional respeitante a tal fenômeno que parece claramente análogo ao que se pode observar na realidade brasileira:

As mulheres com menores rendimentos e menores qualificações *pagam o preço* da maior autonomia relativa que a atividade profissional lhes proporciona com a equivalente sobrecarga do desempenho das tarefas domésticas e da responsabilidade dos cuidados com os filhos (p. 142).

Convém destacar que por muito tempo a presença do homem na esfera familiar / doméstica esteve vinculada, basicamente à questão do suporte financeiro, o que não suscitava grande interesse entre os estudiosos, que quase sempre se debruçavam em pesquisas relacionadas à díade mãe-criança. Tanto que, segundo Brasileiro et al. (2002), a vivência da paternidade só começou a atrair a atenção dos pesquisadores recentemente (meados dos anos 80), de modo que pouco se discutia acerca da implicação do homem no cuidado dos filhos e na vida doméstica. Até então esse era “lugar” de domínio feminino, e a divisão de tarefas domésticas entre marido e mulher, na maioria dos casos, inexistia.

Unbehaum (2001) aponta que aos poucos o papel masculino foi alcançando outros significados, tanto no imaginário popular quanto na comunidade científica, de forma que:

Na prática, podemos observar um número significativo de homens assumindo as mais diversas tarefas com as crianças e com a casa. No cinema, nos parques, nos restaurantes é sempre possível encontrar homens sozinhos com seus filhos, enfrentando situações de indisciplina, preocupados com o filho menor que não quer comer, perdendo o fôlego no jogo de futebol, ou ainda ensinando os filhos a andarem de patins ou bicicleta. Outros levam seus filhos no pediatra ou no dentista sem nenhum constrangimento, enquanto suas mulheres estão no trabalho ou estudando (p.167).

Mesmo com todas as transformações socioculturais que prevêm maior igualdade nos papéis de pai e mãe e no relacionamento familiar / conjugal, ainda hoje é difícil romper com valores tradicionais de maternidade e paternidade, com as diferenças de gênero instituídas, e escapar da contradição entre o moderno e o tradicional, principalmente quando os mesmos são reforçados a todo o momento por discursos religiosos, pedagógicos, psicológicos, entre outros, que insistem em colocar a mulher / mãe como essencial no cuidado dos filhos (tarefa essencialmente feminina), excluindo o homem de tal atividade.

Sobre esse aspecto, Brasileiro *et al.* (2002) enfatizam:

O fato de já existirem imagens ou representações sociais de maternidade e paternidade, e destas construções sociais serem reforçadas no nível institucional constitui, muitas vezes, uma constrição à possibilidade de escolha individual de qualquer casal sobre como desejam se tornar pai e mãe juntos (p. 296).

Rêgo *et al.* (2002), ao discutirem os resultados de pesquisa longitudinal que analisa, a partir da perspectiva de mulheres de três gerações diferentes que convivem na mesma casa (avó, mãe e neta), o cotidiano de uma família multigeracional, destacam que as entrevistadas apontam o cuidado dos filhos, da casa e da família como atribuição feminina, competindo aos homens contribuir com o sustento.

Também os achados de Dessen e Braz (2000) apontam supervalorização por parte da mulher de seu papel na família, de forma que a mesma pode estar, na prática, impedindo a maior participação masculina na rotina doméstica.

A idéia dos cuidados com os filhos serem essencialmente responsabilidade da mulher também encontra eco no campo jurídico, em que a mulher de novo é vista como principal responsável pelos mesmos. Dessa forma, ainda é pouco comum nas disputas judiciais pela custódia dos filhos, estes ficarem com o pai, sobretudo se forem pequenos (Unbehaum, 2001).

Todos esses fatores contribuem para restringir a participação dos homens no envolvimento e cuidado com os filhos, o que aponta para a questão de que do lado dos pais (que têm tentado assumir um novo lugar na esfera familiar) a situação também comporta dificuldades, pois mesmo que estes queiram se envolver e participar ativamente da vida doméstica há uma série de barreiras decorrentes de valores culturais que determinam papéis maternos e paternos, que afetam não só as mulheres, mas igualmente os homens. Além disso, “esta supervalorização do papel materno, longe de beneficiar as mulheres, tem implicado responsabilização quase total da Mãe por todos os aspectos da criação dos filhos” (Rodrigues & Trindade, 1999, p. 137).

Scavone (2004) sintetiza bem a questão:

É possível observar em relação à família e à experiência da maternidade que estamos vivendo um período de transição para a consolidação de um novo modelo de maternidade, cujo ideal é a busca pela igualdade na responsabilidade parental, que ainda está longe de ser alcançada em todos os seus aspectos, visto que pressupõe uma relação igualitária entre os sexos (Scavone, 2004, p. 185).

Não se pode perder de vista que estamos falando de relações de poder, e por isso, em muitos casos, as próprias mulheres impedem e boicotam a participação masculina na

esfera privada, travando verdadeiras batalhas (mesmo que sutis) para preservar o espaço onde, por muito tempo, reinaram sozinhas.

Contudo, apesar de todos esses entraves para uma prática mais igualitária na relação familiar e conjugal, é inegável que foram muitas as transformações processadas no contexto familiar nas últimas décadas do século XX, especialmente no que se refere ao papel da mulher / mãe.

1.5 As relações intergeracionais em estudo

As idéias de liberdade e realização da mulher anunciadas com o feminismo coexistem com concepções inspiradas no papel tradicional da mulher. Tais concepções tradicionais são passadas, geralmente, por meio das relações intergeracionais. As diferentes gerações atuam transmitindo aos seus descendentes valores, normas e costumes que, ao serem internalizados, podem, em muitos casos, ser conflitantes com outros valores também circulantes na sociedade, mas cuja consolidação é mais recente.

Thompson (1993) enfatiza que apesar da importância de outros grupos (amigos, escola, igreja, etc.) para a transmissão cultural intergeracional, a família continua tendo um enorme papel, pois não inclui apenas a transmissão da memória familiar, como também “da linguagem (...) do nome, do território e da moradia, da posição social e da religião (...) dos valores e aspirações sociais, visões de mundo, habilidades domésticas, modos de comportamentos, modelos de parentesco e casamento” (p. 9-10).

Essas considerações não devem gerar a interpretação de que o indivíduo fica aprisionado ao que lhe é transmitido, uma vez que, dependendo do contexto em que está inserido, pode acatar ou recusar modelos, valores e comportamentos que lhes são transmitidos, ou ainda conciliá-los com modelos modernos e contemporâneos.

Ao discutir a transmissão geracional na família, Rocha-Coutinho (2006) destaca que embora o grupo familiar seja importante referência para a construção de identidades sociais e exerça papel relevante na transmissão de valores e comportamentos, estes não podem ser vistos como independentes da realidade social da qual a família faz parte. Além disso, a autora acrescenta, as relações entre as diferentes gerações na família passaram a ser mais igualitárias, distanciando-se da imposição de modelos fixos, abrindo espaço para a coexistência de novas formas de ver o mundo.

Marcon (1998) registra que o conceito de geração tem sido compreendido de diferentes maneiras e a partir de diferentes critérios nos estudos realizados com famílias que se valem de perspectiva intergeracional. Em seu estudo, a autora adotou um conceito que associou o critério de lugar de descendência (geração como posição na fila de descendentes numa relação vertical entre avós, pais e filhos) com o critério “coorte”, que considera geração como indivíduos que nasceram em um mesmo momento histórico e que passaram por experiências de vida similares, o que possibilita identificar o efeito da mudança social entre os indivíduos. Na presente investigação o conceito de geração também está sendo considerado a partir desses critérios.

Segundo Vitale (2002), “as relações intergeracionais compõem o tecido de transmissão, reprodução e transformação do mundo social. As gerações são portadoras de história, de ética e de representações peculiares do mundo. As gerações, no entanto, estão construídas umas em relação às outras” (p. 91-92), e podem oferecer, ao mesmo tempo, idéias de continuidade e de transformação (Lins de Barros, 1987).

Especificamente com relação ao papel da mulher brasileira ao longo da história, Biasoli-Alves (2000) chama a atenção para o fato de que não se pode falar apenas em “rupturas”, pois “numa sociedade que envelhece também rapidamente, estão

convivendo na mesma família, os bisavós, os avós, os filhos e os netos” (p. 239), o que permite a transmissão de normas e valores, e “as continuidades”.

Em pesquisa com famílias de classe popular, Nascimento (2006) procurou conhecer como gerações de uma mesma família (pais e filhos) compreendem o papel da mulher e do homem, buscando identificar continuidades e mudanças na representação social de gênero entre essas gerações. A autora também analisou a interferência dessas representações na interação cotidiana e nas práticas de socialização dos filhos. Os resultados encontrados apontam que, de forma geral, há mais semelhanças do que diferenças no que se refere às representações de gênero entre pais e filhos das famílias pesquisadas, de modo que as continuidades são mais evidentes do que as transformações.

Lisboa, Féres-Carneiro e Jablonski (2007) verificaram, no âmbito de diferentes gerações de uma mesma família, como elementos culturais são transmitidos em processo de equilíbrio entre preservação e mudanças inevitáveis em função de conflitos, destacando aspectos como casamento, sexo e religião.

Benincá e Gomes (1998), em seu estudo sobre transformações familiares em três gerações, ressaltam que as relações intergeracionais “mostraram-se organizadas por duas forças antagônicas: a da descontinuidade, no sentido da promoção de padrões alternativos e da modernidade social; e a da continuidade, no sentido de promoção da linearidade familiar” (p.197).

Almeida (1987a) analisa em seu estudo algumas linhas de continuidades e descontinuidades com relação à experiência da maternidade entre a geração de mães dos anos 1980 (participantes dos grupos de preparação para gravidez e parto e primíparas) e a geração da década de 1950 (suas respectivas mães). A autora buscou investigar as

implicações da proliferação no Rio de Janeiro, na década de 1980, de grupos de orientação e preparação psicológica para a gravidez e o parto (organizados por homeopatas, especialistas em psicologia e em trabalho de corpo) sobre os valores e comportamentos nas formas de organização da família, o que culminou com a realização de entrevistas, não só com mães da década de 1980 e 1950, mas também com profissionais da área médica e de Psicologia vinculados a tais cursos de preparação de gestantes.

Tomando como referencial teórico o conceito de desmapeamento desenvolvido por Sérvulo Augusto Figueira, o objetivo mais amplo do trabalho de Almeida (1987a) foi investigar o processo de modernização na família de classe média brasileira, atentando para as transformações nas formas de controle e autoridade vigentes no interior da família nas décadas investigadas. A autora constata que estas duas gerações apresentam contrastes marcantes, que apontam na direção de uma modernização da maternidade nos anos 1980 (que a autora chama de “nova maternidade”), embora essa nova maternidade não se distancie completamente da antiga. Almeida (1987b) acrescenta que “é a mãe dos anos 50 que passa, de certa maneira, a submeter-se ao conjunto de valores difundidos pela nova visão das filhas sobre a maternidade, valores que têm a força suplementar da autoridade médica e terapêutica ‘moderna’” (p.65).

Dias e Lopes (2003) também abordam a questão da maternidade por meio do enfoque intergeracional, investigando as representações de maternidade de jovens mães e de suas mães, a partir das seguintes dimensões: você como mãe, a sua mãe (ou filha) como mãe, e como uma boa mãe deveria ser. Os resultados revelam representação da maternidade, em ambas as gerações, sustentada em concepção bastante individualizada da maternidade, na qual se destaca o afeto e o cuidado dos filhos. As autoras destacam

ainda que ao contrastar os dois grupos não se evidenciou qualquer forma de contestação de modelos de maternidade no grupo das mães jovens, embora algumas características mais destacadas por esse grupo pareçam apontar para a emergência de novos valores em relação à maternidade.

Silva e Salomão (2003) investigam a maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês a partir de um estudo intergeracional com 25 mães adolescentes e 25 avós maternas dos bebês (todas as participantes de baixa renda). Nesse estudo as autoras constataam que 72% das avós maternas dos bebês também foram mães na adolescência, o que denuncia, segundo elas, “a influência das gerações passadas e a possível transmissão a gerações futuras” (Silva & Salomão, 2003, p.142). Contudo, acreditamos que não se pode desconsiderar que a geração mais nova pode estar vivendo sob as mesmas circunstâncias / condições que as avós, de modo que não vislumbram muitas alternativas.

Os resultados do referido estudo também mostram que as reações iniciais frente à gravidez no caso das mães adolescentes e principalmente no caso de suas mães foram desfavoráveis, e que, comparando os grupos, notou-se que o aspecto favorável da maternidade foi mais ressaltado no grupo das adolescentes que no das avós, que exerciam mais o papel de cuidar / apoiar a mãe adolescente e seu bebê, tornando-se, em muitos casos, mãe substituta do neto. As autoras ressaltam ainda que apesar de evidenciarem satisfação com suas atribuições, algumas avós apresentavam queixas no que se refere a conflitos envolvidos no exercício de sua função.

Lins de Barros (1987), buscando explorar a família de camadas médias urbanas brasileiras a partir da perspectiva das avós, enfoca as relações intergeracionais, e justifica:

A escolha desta perspectiva traz de imediato a vivência de relações sociais que cobrem o espaço de cinco gerações sucessivas, incluindo desde os avós até os netos dos indivíduos entrevistados. A amplitude de tal vivência permite que os relatos de vida construam diacronicamente as representações de família e teçam, com isso, preâmbulos de uma história social da família nas camadas médias (Lins de Barros, 1987, p. 21).

Em trabalho mais recente, Lins de Barros (2006) propôs-se ao estudo das diferenças entre mulheres de duas gerações no que se refere aos processos de autonomia individual, reiterando a importância da análise das relações intergeracionais.

Amaral (1997) realizou um estudo de caso com três gerações de mulheres de uma mesma família, investigando o sentido do trabalho na vida de mulheres pertencentes à camada média / alta da população urbana de São Paulo. A autora justifica a escolha de trabalhar com três gerações de mulheres de uma mesma família pelo objetivo de investigar possíveis mudanças e/ou repetições de padrões nos sentidos atribuídos ao trabalho nas últimas décadas, e pela questão da família ser “um espaço privilegiado para trocas afetivas, para a construção de modelos significativos, para o desenvolvimento de uma memória grupal” (p. 91).

Outro interessante estudo que se debruçou sobre relações intergeracionais foi desenvolvido por Leite (2004), que investigou como a velhice e o papel da avó são compreendidos por duas gerações de mulheres (avós e netas de mesma família), buscando conhecer suas trajetórias de vida e identificar a transmissão de experiências e valores de uma geração à outra. Seus resultados indicam que apesar dos conflitos e tensões entre as gerações, evidencia-se, de forma geral, o aprendizado de valores e práticas passados pelas avós por parte de suas netas (que, inclusive, desejam se tornarem avós semelhantes às suas avós).

Também cumpre destacar o estudo de Rocha-Coutinho (1994) que ao tentar decodificar algumas estratégias de controle e poder das mulheres sobre suas próprias

vidas, ao longo dos anos, valeu-se da perspectiva intergeracional. O estudo foi realizado com pares de mães e filhas, visando perceber a continuidade ou não do uso, por parte das filhas, das estratégias de controle utilizadas por suas mães. Os resultados indicam que o uso de estratégias sutis e manipulativas empregadas pelas mães encontram-se presentes no grupo das filhas, apesar de apresentarem contornos um pouco distintos.

Mesmo a sociedade atual estando impregnada de novos valores e padrões de comportamento, é inegável que antigos modelos insistem em permanecer entre nós, como mostra a maioria dos estudos anteriormente citados.

1.6 A Teoria das Representações Sociais e suas contribuições para o estudo das relações intergeracionais

Como se vem discutindo até este ponto, os discursos e práticas que atuam reforçando a idéia do “amor materno incondicional” e da maior responsabilização da mulher pelos filhos e pelo lar, enquanto o homem fica responsável por atividades extrafamiliares e pelo sustento da família, ainda se mostram fortemente arraigados na atualidade, mesmo com todas as modificações socioculturais das últimas décadas. É interessante perceber como tais discursos / práticas foram produzidos, mantidos e reforçados ao longo dos anos, não cedendo completamente aos inúmeros avanços que sugerem outras possibilidades à mulher além da maternidade e do casamento.

Isso significa que foi sendo produzido, no decorrer da história, um conhecimento acerca do que é ser mulher (adequado aos interesses que prevaleciam na época, obviamente), que não ficava restrito ao campo das ciências, mas que perpassava também o senso comum, permitindo-lhe compreender a realidade e dar significado a certos comportamentos e atitudes considerados importantes para aqueles contextos.

Esse conhecimento, socialmente estabelecido, transmitido de geração a geração a partir das experiências cotidianas, da memória social e das instituições sociais, é aceito como certeza, não deixa brecha para dúvidas, como destaca Marcová (2006). Tal conhecimento, que é decorrente da interação social cotidiana na qual o conhecimento científico também circula, só que de modo adaptado pelos indivíduos, começa a receber ênfase e deixa de ser considerado um conhecimento menor com o conceito de representação social proposto por Serge Moscovici a partir de seu estudo sobre a representação social da psicanálise na França, nos anos 1950.

Moscovici sofreu influência direta das idéias de vários pensadores das Ciências Sociais e de forma muito significativa do sociólogo Durkheim (que desenvolveu o conceito de representações coletivas, mantendo ainda uma separação entre o indivíduo e o social) e da psicologia de Jean Piaget. Suas considerações abriram caminho para uma nova vertente de estudos na Psicologia Social – a Teoria das Representações Sociais –, entendida como uma vertente psicossociológica que considera tanto aspectos psicológicos, quanto sociais.

Para Moscovici, os processos cognitivos e afetivos, ou seja, os processos psicológicos, estão na base da compreensão da realidade e estão integrados ao meio social que é próprio da realidade dos grupos humanos, contribuindo em parte para a configuração desse meio social e constituindo-se em parte sob sua influência (o que diverge de perspectivas nas quais se considera simplesmente que existe um “cenário” de natureza social que funciona como ambiente em que diversos processos se desenrolam, sem qualquer interdependência ambiente-processos). Daí ser possível dizer que a proposta moscoviciana não pressupõe dicotomia entre psicológico e social.

Vala (1997) ressalta que por meio do conceito de representação social Moscovici se propunha à análise dos processos a partir dos quais os indivíduos, em interação social, produzem teorias sobre os objetos sociais, as quais viabilizam a comunicação e a organização dos comportamentos.

Nas palavras do próprio Moscovici (1978), a representação social consiste numa “modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos” (p. 27). Consiste em “um *corpus* organizado de conhecimento e uma das atividades psíquicas graças às quais os homens tornam inteligível a realidade física e social, inserem-se num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas, e liberam os poderes de sua imaginação” (p. 28).

Moscovici (1978) chama atenção para o fato de não existir representação sem objeto. “Uma representação é sempre uma representação de alguém, tanto quanto de alguma coisa” (p.27). Sujeito e objeto são ligados por um saber prático – a representação social, e é nela que se manifestam as características de ambos (Jodelet, 2001).

Discutindo a questão do abandono da dicotomia sujeito-objeto, Abric (2000) propõe que “o objeto está inscrito num contexto ativo, sendo este contexto concebido pela pessoa ou grupo, pelo menos parcialmente, enquanto prolongamento do seu comportamento, de suas atitudes e das normas às quais ele se refere” (p. 27). Nesse sentido, não há uma realidade objetiva a priori, pois “toda realidade é representada, quer dizer, reapropriada pelo indivíduo ou pelo grupo, reconstruída no seu sistema cognitivo, integrada no seu sistema de valores, dependente de sua história e do contexto social e ideológico que o cerca” (Abric, 2000, p. 27).

De acordo com Jodelet (2001), a representação social estabelece uma relação de simbolização e de interpretação com seu objeto. Dessa forma, o significar (a representação) implica uma construção e uma expressão do sujeito.

Em outras palavras, as representações sociais "exprimem a relação de um sujeito com um objeto, relação que envolve uma atividade de construção, de modelização e de simbolização" (Vala, 1997, p. 357). Nessa acepção, não constituem simples reprodução ou reflexo do mundo exterior (que nessa teoria não é considerado separado do mundo do indivíduo), mas envolvem uma atividade de reconstrução da realidade, de organização significativa, adquirindo um status de realidade natural para as pessoas.

Queiroz (2002) enfatiza o aspecto dinâmico das representações sociais, afirmando que "é no processo de significação que os sujeitos, na sua relação com o mundo, reconstróem novos significados e são recriados por estes" (p. 94). Sendo assim, as representações sociais não são estáticas; ao contrário, as representações constituem um *processo*, de modo que elas não *são* desse ou daquele jeito, mas *estão* desse ou daquele modo. Dependem tanto de fatores circunstanciais quanto de fatores mais globais, que vão além da situação em si mesma (Abric, 2000). Logo, apenas quando se faz um recorte em determinado momento (por exemplo, no caso de um estudo) é que as representações aparecem como estado.

Jodelet (2001) explicita bem a presença a importância das representações sociais no cotidiano dos indivíduos:

Sempre há necessidade de estarmos informados sobre o mundo à nossa volta. Além de nos ajustarmos a ele, precisamos saber como nos comportar, dominá-lo física ou intelectualmente, identificar e resolver os problemas que se apresentam: é por isso que criamos representações. Frente a esse mundo de objetos, pessoas, acontecimentos ou idéias, não somos (apenas) automatismos, nem estamos isolados num vazio social: partilhamos esse mundo com os outros, que nos servem de apoio, às vezes de forma convergente, outras pelo conflito, para compreendê-lo, administrá-lo ou enfrentá-lo. Eis porque as representações são sociais e tão importantes na vida cotidiana. Elas nos guiam no modo de nomear e definir conjuntamente os diferentes aspectos da realidade diária, no

modo de interpretar esses aspectos, tomar decisões e, eventualmente, posicionar-se frente a eles de forma defensiva (p. 17).

E acrescenta que a representação social “é uma forma de conhecimento, socialmente elaborada e partilhada, com um objetivo prático, e que contribui para a construção de uma realidade comum a um conjunto social” (Jodelet, 2001, p. 22). Daí ser possível falar em teorias de senso comum.

Cabe considerar que as representações não ditam as ações dos indivíduos, como se eles fossem forçados a agir conforme determinada representação, apenas reproduzindo-a. Na verdade, as representações funcionam como orientadores para a ação, estando a esta última intimamente relacionada. “Representação social e ação estão, por conseguinte, diretamente interconectadas numa operação de mútua interferência: tanto a ação pode reconfirmar ou resignificar os conteúdos da primeira, quanto esta pode perpetuar ou remodelar as maneiras habituais de atuação do indivíduo” (Santos, Novelino & Nascimento, 2003, p. 257).

Na verdade, as representações e práticas sociais, que são concretizadas por ações, numa relação dialética e não de dependência causal, influenciam-se mutuamente, embora essas influências não sejam da mesma modalidade. As representações atuam como guia para as práticas (e não como *determinantes* das práticas), e as práticas como agentes na transformação das representações, e não apenas como reflexo das mesmas. Nessa relação entre representação e prática, os indivíduos têm papel ativo, já que as representações sociais não ditam as ações, mas apenas definem as possíveis condições da ação (Rouquette, 2000).

É relevante enfatizar, como o faz com propriedade Trindade (1998b), que as práticas sociais são constituídas pelas relações e hábitos cotidianos, e são materializadas

por ações, embora as práticas não sejam apenas ações independentes, sendo necessário que apresentem significado, ou seja, que estejam conectadas a uma rede simbólica.

Também é importante esclarecer que as práticas sociais produzidas pelos indivíduos não são estanques, mas se entrecruzam, ultrapassando atividades e contextos específicos da vida do sujeito. Representações sociais não guardam relação linear com as práticas, mas com elas estão em interação. Da mesma forma, as representações sociais também não estão isoladas, mas sim inscritas em sistemas de representações imbricados.

Nas palavras de Sá (1998), as representações sociais consistem em uma modalidade de pensamento prático que emerge das práticas em vigor na sociedade e na cultura, alimentando-as, perpetuando-as ou contribuindo para a sua própria transformação. Remetem à produção de sentido, que permite ao indivíduo e ao grupo dar significado às suas condutas e ações e compreender a realidade através de seus referenciais, possibilitando que o indivíduo se adapte e se localize nesta realidade (Abric, 2000).

Também é importante considerar como as representações sociais se formam e quais fatores as sustentam, tendo em vista sua função primordial que é tornar familiar o não-familiar, ou seja, “representar uma realidade pouco conhecida a partir do que se sabe dela” (Veloz, Nascimento-Schulze & Camargo, 1999). Também cabe mencionar como funções fundamentais da representação a interpretação da realidade e a orientação dos comportamentos e das comunicações sociais (Nóbrega, 2003).

Moscovici definiu dois principais processos formadores das representações sociais (com base em suas funções): a *objetivação* e a *ancoragem* – processos sociocognitivos,

ou processos cognitivos regulados por fatores sociais, que se encontram intrinsecamente relacionados (Vala, 1997).

Vala (1997) propõe que esses processos estão articulados a fatores sociais, que são condições que afetam a emergência e o funcionamento das representações sociais, tais como: a *dispersão da informação* (que compreende a circulação das informações, o que se dá de forma ambígua e imprecisa; as informações não são as mesmas e não circulam do mesmo modo nos grupos sociais, o que resulta em representações distintas), a *focalização* (relacionada à focalização pelos indivíduos de determinados aspectos do cotidiano que se mostrem mais importantes, justificando a formação ou manutenção de uma representação) e a *pressão à inferência* (diz respeito à necessidade de posicionamento do indivíduo frente ao não familiar, o que se dá de acordo com objetivos pessoais ou do grupo do qual faz parte).

No que se refere ao processo de *objetivação*, Nóbrega (2003) ressalta que tal processo consiste em “materializar as abstrações, corporificar os pensamentos, tornar físico e visível o impalpável, enfim, transformar em objeto o que é representado” (p.65). Nesse processo “as palavras são acopladas às coisas, o abstrato é tornado concreto, o conceito é transformado ‘em uma imagem ou em um núcleo figurativo” (p. 65). Para Moscovici (2003) a objetivação consiste na descoberta da qualidade icônica de uma idéia; na reprodução de um conceito em uma imagem.

Vala (1997) complementa afirmando que “a objetivação diz respeito à forma como se organizam os elementos constituintes da representação e ao percurso através do qual esses elementos adquirem materialidade e se formam expressões de uma realidade vista como natural” (p. 360). Tal percurso passa por três etapas: 1) construção seletiva / processo de seleção e descontextualização (determinado pelos critérios culturais e

normativos); 2) esquematização estruturante / organização dos elementos (conceito de esquema ou núcleo figurativo, que implica a condição de que as noções básicas que formam uma representação se encontram organizadas de modo a constituírem um padrão de relações estruturadas); e 3) naturalização (os elementos do pensamento adquirem concretude, assumindo o lugar de evidência na realidade e no campo do senso comum; o que era abstrato torna-se uma realidade plena) (Nóbrega, 2003; Vala, 1997).

Já a *ancoragem* consiste no processo por meio do qual o objeto representado é integrado ao sistema de pensamento social pré-existente, sendo responsável pelo enraizamento ou ancoragem social da representação e seu objeto. Nesse processo, as representações sociais já disponíveis podem agir como sistema de acolhimento das novas representações (Sá, 1995), oferecendo uma rede de significados que possibilitam a ancoragem da ação e a atribuição de sentido ao desconhecido, ao novo (Vala, 1997).

Vala (1997) propõe também que é a ancoragem que permite a produção de transformações nas representações sociais, e nesse sentido, é tanto um processo de redução do novo ao velho, quanto de reconfiguração do velho em novo.

Nóbrega (2003) destaca que para que o novo seja familiarizado e dominado, os sistemas de pensamento já estabelecidos tendem a predominar por meio dos mecanismos de classificação, comparação e categorização do objeto estranho que está sendo julgado.

Nesse sentido, Moscovici (2003) conclui:

Ancorar é, pois, classificar e dar nome a alguma coisa. Coisas que não são classificadas e que não possuem nome são estranhas, não existentes e ao mesmo tempo ameaçadoras. Nós experimentamos uma resistência, um distanciamento, quando não somos capazes de avaliar algo, de descrevê-lo a nós mesmos ou a outras pessoas. O primeiro passo para superar essa resistência, em direção à conciliação de um objeto ou pessoa, acontece quando nós somos capazes de colocar esse objeto ou pessoa em uma determinada categoria, de rotulá-lo com um nome conhecido (p. 61-62).

Moscovici (2003), com a colaboração de Georges Vignaux, introduziu mais recentemente um novo conceito à TRS, o conceito de *themata*. Este conceito, proposto por Gerald Holton⁹, para o qual os *themata* são princípios de base do conhecimento científico, que operam por oposições (tais como, *complexidade x simplicidade*, *estabilidade x mudança*), foi ampliado e adaptado à proposta de Moscovici, e possibilitou nova ênfase à relação entre RS e linguagem / comunicação. Segundo Marková (2006), o conceito de *themata* explicita o compromisso da TRS com a linguagem e a comunicação.

Os *themata*, de acordo com as proposições de Moscovici (2003), são idéias primeiras, idéias-fonte, que estão na base do modo como o homem constrói o conhecimento. Nesse sentido, são idéias em torno das quais famílias de representações são geradas, ou seja, que estão na origem dinâmica das representações. “Temas comuns, tomados como a origem daquilo ao qual nos referimos cada vez, como conhecimento aceito ou mesmo como idéias primárias. São essas idéias primárias que vêm instruir e motivar regimes sociais de discursos” (Moscovici, 2003, p.223). Assim sendo, também caracteriza um processo de formação das representações, assim como a objetivação e a ancoragem, podendo contribuir para a compreensão da origem das representações sociais.

Com esse conceito, Moscovici (2003) aponta a importância da busca dessas idéias primeiras (que incluem também imagens e pré-concepções), das quais derivam nossos discursos, crenças e representações. Propõe conhecer a gênese da representação social (entendida na condição de processo inacabado). Em outros termos, propõe conhecer as

⁹ Embora outras disciplinas, como a lingüística e antropologia, também utilizem o termo *thema/themata*, foi com Holton que o mesmo ganhou significados específicos – *thema* como antinomias de oposições determinantes do desenvolvimento das teorias científicas (Marková, 2006).

pré-concepções que estão na base da representação social, que foram estabelecidas e legitimadas ao longo da história e que estão ancoradas em sistemas de oposições (por exemplo, *moralidade x imoralidade; liberdade x restrição*, entre outras). Assim, o estudo dos *themata* implica o resgate da dimensão histórica nas pesquisas de representações sociais.

O próprio Moscovici ressalta, porém, que em virtude de sua dinâmica os *themata* (temas) não são facilmente identificados:

‘Temas’ nunca se revelam com clareza; nem mesmo parte deles é definitivamente atingível, tanto porque eles estão completamente interligados com certa memória coletiva inscrita na linguagem, como também porque são combinações, iguais às representações que eles sustentam, ao mesmo tempo cognitivas (invariantes ancorados em nosso aparato neurossensor e em nossos esquemas de ação), como culturais (universais consensuais de temas objetivados pelas temporalidades e histórias do longo espaço de tempo [*longue durée*]). (Moscovici, 2003, p. 248-249)

Marková (2006), ao articular dialogicidade¹⁰ e representações sociais, também se dedicou à compreensão das oposições, por ela denominadas *antinomias*, reiterando a idéia de que as mesmas estão na base do conhecimento social, e são geradoras de representações sociais. Aponta que pensar em antinomias / fazer distinções “é fundamental para a vida; nos humanos essa capacidade é essencial também para o pensamento e para a comunicação” (p. 55). Considera que o pensamento é, por natureza, antinômico, ou seja, se desenvolve a partir do conflito de opiniões contrárias, e esclarece:

Por que nós falamos e pensamos em antinomias? Porque, eu imaginei, o ato de pensar e falar em antinomias é uma expressão da dialogicidade da mente humana. A dialogicidade é a capacidade do *Ego* de conceber e compreender o mundo em termos do *Alter*, e de criar realidades sociais em termos do *Alter* (Marcová, 2006, p. 277).

¹⁰ Marcová (2006) define dialogicidade como condição sine qua non da mente humana, “(...) capacidade fundamental da mente humana de conceber, criar e comunicar realidades sociais em termos do *Alter*” (p. 128). A dialogicidade implica engajamento mútuo (interdependência) do *Ego* (Eu) e do *Alter* (Outro) no pensamento e na comunicação, ou seja, é dessa relação dialógica do *Alter-Ego* que se originam o pensamento e a linguagem, potencializando o conhecimento do senso comum.

Embora a idéia do pensamento em antinomias esteja presente em muitos estudos na Psicologia e nas ciências sociais de uma forma geral, Marková (2006) propõe que sua relevância não é reconhecida pela maioria das abordagens psicológicas.

A mencionada autora destaca que nem todas as antinomias do pensamento de senso comum se tornam *themata*, apesar do pensamento ser antinômico por natureza. Isso porque, em sua concepção, adotamos o pensamento em antinomias sem nos darmos conta disso, sem reflexão, no processo de transmissão geracional. Só quando as antinomias no pensamento, a partir de eventos / acontecimentos sociais e históricos, tornam-se fonte de tensão e conflito, de discussões públicas, e passam a ser o foco da atenção social é que se tornam *themata*, e podem ser geradores de representações sociais.

Para Marcová (2006), a TRS estuda os fenômenos (antinomias) que são *thematizados* no discurso público, ou seja, fenômenos que “incomodam as rotinas” (p. 279), que geram tensão e passam a ser debatidos pela sociedade, pois são esses os objetos das representações sociais.

É importante enfatizar que as representações sociais raramente são geradas por um único *thema*. Além disso, um *thema* pode ser *re-thematizado* em conexão a outros *themata*, tendo seus conteúdos transformados ao longo do tempo (Marcová, 2006). Isso explicita, mais uma vez, a importância da história para a compreensão da gênese das representações sociais.

O conceito de *themata* ainda é pouco discutido na área das representações sociais, e encontramos poucos trabalhos que abordam esse conceito (Barros, 2007; Lima, 2005; 2007; Marcová, 2006). O próprio Moscovici (2003) revela que suas considerações sobre essa questão dos *themata* ainda não estão totalmente concluídas, sendo passíveis de

discussão e aprofundamento. Temos a esperança de trazer algumas contribuições para a utilização desse conceito com o presente trabalho.

Como já enfatizado, as representações sociais apresentam importantes funções na dinâmica das relações sociais. Abric (2000) definiu quatro funções essenciais: 1) função de saber: as representações permitem compreender e explicar a realidade; 2) função identitária: as representações definem a identidade e possibilitam a proteção da especificidade dos grupos; 3) função de orientação: as representações guiam os comportamentos e as práticas; 4) função justificadora: as representações possibilitam, *a posteriori*, a justificativa das tomadas de posição e dos comportamentos.

Em se tratando da representação social do papel da mulher na família, percebemos que ao longo da história foram emergindo, de acordo com o contexto social, econômico, político e cultural, discursos e idéias articulados sobre maternidade, casamento, gênero e família, que encontraram assento nas práticas sociais, sendo compartilhados pela sociedade de uma forma geral. Desse modo, foram sendo produzidas representações sociais de mulher, esposa, mãe, que possibilitaram aos indivíduos dar um sentido para suas condutas e comportamentos, orientando-os; representações estas que foram se mantendo e sendo mantidas com o passar dos anos. Até porque, como ressalta Jodelet (2001) a representação preenche “certas funções na manutenção da identidade social” (p.35).

O fato de existirem representações compartilhadas não significa que todas as pessoas apresentem exatamente a mesma representação de determinado objeto, ou seja, signifiquem esse objeto exatamente da mesma forma, com os mesmos elementos. Na verdade, o que existe é uma base comum compartilhada, ou melhor, elementos compartilhados, que são fortes, significativos e amparam a identidade grupal, enquanto

há elementos que são particulares na medida em que são determinados pelas circunstâncias e pelo tipo de inserção no grupo. Além disso, as representações estão sempre em interação com outras representações, estando inscritas (“ancoradas”) num sistema mais amplo.

As representações que pressupõem a idéia de que as mulheres são responsáveis pelos assuntos relacionados aos filhos (pelos quais devem nutrir um “imenso amor”) e à vida doméstica, ainda se encontram fortemente presentes no pensamento social contemporâneo, sendo muito reforçadas pelas próprias mulheres, muitas vezes criadas no interior de tal configuração. Essas mulheres, com frequência, também criam seus filhos a partir das representações tradicionais, de modo que educam os meninos e meninas, geralmente, de maneiras distintas (inspiradas pela tradicional divisão de papéis de acordo com o sexo), além de excluírem o esposo / companheiro do âmbito das atividades de casa e cuidado com os filhos, lugar tido como de domínio feminino, apesar de os homens, nas últimas décadas, estarem se mostrando relativamente mais envolvidos no contexto familiar.

A Teoria das Representações Sociais proporciona a apreensão das aparentes ambigüidades e incoerências com relação à compreensão do objeto em estudo. No caso específico do estudo da maternidade, citamos algumas investigações em que a referida teoria aparece como pano de fundo: Barros (2007); Dias e Lopes (2003); Santos, Novelino e Nascimento (2003); Trindade (1991), (1998a), (1999); Trindade e Enumo (2002).

Nas palavras de Trindade e Enumo (2002), a Teoria das Representações Sociais “têm cumprido importante papel no desvendamento do sentido das metáforas, das

simbologias, das imbricações sincréticas e das aparentes contradições que são parte constituinte do pensamento social” (p. 158).

Santos, Novelino e Nascimento (2003), em estudo sobre as representações sociais da maternidade e o grau de centralidade e de importância desse fenômeno na estruturação da identidade pessoal de mulheres de diferentes níveis sócio-econômicos, enfatizam que a lógica social tem fundido mulher e maternidade, produzindo critérios bem demarcados acerca do que significa ser uma boa mãe. Nesta pesquisa, as autoras percebem que a relação mulher-maternidade é, em todos os momentos, valorizada, sendo recorrente nas falas das entrevistadas, sobretudo quando indagadas a respeito do significado de ser mulher. Isso mostra o quanto tais representações estão naturalizadas no pensamento social, sendo transmitidas e mantidas na interação social cotidiana.

Sá (1998) enfatiza algumas considerações de Jodelet a este respeito, que usa o termo *suporte* para referir-se aos meios através dos quais as representações são veiculadas:

São basicamente os discursos das pessoas e grupos que mantêm tais representações, mas também os seus comportamentos e as práticas sociais nas quais se manifestam. São ainda os documentos e registros em que os discursos, práticas e comportamentos ficam institucionalmente fixados e codificados. Finalmente, são as interpretações que eles recebem nos meios de comunicação de massa, que dessa forma retroalimentam as representações, contribuindo para sua manutenção ou transformação (p. 73).

Para melhor caracterizar os desdobramentos da proposta construída por Moscovici convém explicitar, com base em Sá (1998), que essa teoria origina três linhas ou vertentes teóricas complementares que, embora apresentem certos desacordos, não podem ser vistas como incompatíveis e irreconciliáveis, já que derivam da mesma base teórica. Uma dessas linhas é liderada por Denise Jodelet, em Paris - considerada por Banchs (2000) como uma abordagem *processual* - e é mais fiel à teoria original de Moscovici, partindo da compreensão da complexidade das representações, e enfatizando

a importância de uma ampla base descritiva dos fenômenos de representação social, no intuito de permanente elaboração da Teoria das Representações Sociais. Outra vertente é liderada por Jean-Claude Abric, em Aix-en-Provence, e ressalta a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais, propondo que o conteúdo da representação organiza-se em um sistema central e em um sistema periférico, com funções e características distintas. A terceira linha é liderada por Willem Doise, em Genebra, que procura articular a teoria de Moscovici com uma perspectiva mais sociológica, propondo que a posição ou inserção social dos indivíduos e grupos é o principal determinante de suas representações sociais, que segundo ele, são “princípios organizadores”.

Não se teve a pretensão aqui de discutir detalhadamente cada uma dessas vertentes, que trazem diferentes contribuições teóricas e metodológicas, e que, como enfatizou Sá (1998), podem ser diferentemente apropriadas e articuladas. A intenção é apenas situar quais os desdobramentos que têm se delineado a partir da proposta de Moscovici, e as diversas possibilidades de articulação e trabalho a partir da Teoria das Representações Sociais, e marcar nossa maior aproximação com a vertente seguida por Jodelet, que se manteve fiel à proposta moscoviciana original, trazendo importantes contribuições para a teoria.

1.7 Objetivos

A idéia de que as mulheres, nas últimas décadas, têm compreendido e vivenciado tanto a experiência de ser mãe como a vida familiar e conjugal de forma diferente das gerações anteriores tem sido amplamente difundida nos dias atuais, especialmente pelos meios de comunicação de massa. Uma característica comum a vários dos estudos mencionados na Introdução desse trabalho é a constatação de que as representações tradicionais de ser mulher, mãe, esposa continuam fortemente presentes no pensamento social, orientando as práticas familiares e os papéis parentais. Assim sendo, nosso objetivo foi identificar a rede de representações sociais que orienta o ser mulher na família (RS de mãe, esposa, casamento, gênero), seu conteúdo, bem como as práticas femininas cotidianas, a partir do relato de mulheres de duas gerações (mães e filhas).

Também foi nosso intuito captar as transformações e continuidades nas representações sociais e nas práticas dessas mulheres, considerando sua inter-relação com as mudanças na esfera familiar e conjugal nas últimas décadas do século XX.

Mesmo com a disponibilidade atual de muitos trabalhos sobre representações sociais de maternidade, gênero, casamento, é ainda relativamente discreto o número de investigações que se debruçam sobre esses temas a partir da articulação entre o enfoque intergeracional e a Teoria das Representações Sociais. Tal articulação muito pode contribuir no sentido de colocar em evidência os processos envolvidos na produção, manutenção e / ou transformação da rede de representações sociais que abarca o feminino na família.

2. MÉTODO – Os Trajetos percorridos

A proposta deste capítulo é descrever os trajetos metodológicos cumpridos ao longo dessa pesquisa. Como nosso objetivo foi apreender a dinâmica dos processos relacionados à forma como mulheres de duas gerações compreendem e vivenciam o casamento, a maternidade e os papéis familiares, optou-se pela abordagem qualitativa que, segundo Minayo (1995), considera “a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos” (p.21).

Essa abordagem possibilita o contato com as experiências, comportamentos, sentimentos e crenças dos participantes, e com as representações sociais que dão sentido aos seus modos de pensar, sentir e experimentar o relacionamento conjugal e o ser mãe.

O presente estudo também compreendeu procedimentos quantitativos, uma vez que foi empregada uma técnica de análise estatística para organizar os dados de forma a produzir elementos auxiliares para a sua interpretação. A este respeito, Minayo (1995) ensina que os dados qualitativos e quantitativos não se opõem, e sim “se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia” (p. 22).

2.1 As Participantes

A seleção das participantes inspirou-se nas considerações de Gaskell (2002) sobre a real finalidade da pesquisa qualitativa, que não busca “contar opiniões ou pessoas, mas ao contrário, explorar o espectro das opiniões, as diferentes representações sobre o assunto em questão” (p. 68). Dessa forma, acreditamos que um número muito grande de entrevistas não garante, necessariamente, maior qualidade à pesquisa, até porque

“representações de um tema de interesse comum, ou de pessoas de um meio social específico são em parte compartilhadas” (p.71).

O número de participantes foi definido previamente, mas estávamos dispostos a alterá-lo, caso fosse necessário, para alcançarmos o objetivo do estudo. Logo, seguimos as recomendações de Sá (1998) sobre o emprego do critério de saturação¹¹, ficando atentos à possibilidade de ampliação ou redução do mesmo no decorrer da pesquisa. Ao final, foi possível manter o número de participantes inicialmente estabelecido.

Para constituir o grupo de participantes, adotamos um critério principal. Tal critério exigiu encontrar mulheres que tivessem tido filhos na década de 1960 (aqui consideradas como 1ª geração), cada qual com pelo menos uma filha que tivesse tido filhos na década de 1990 (2ª geração).

Na seleção das participantes da 1ª geração buscamos constituir um grupo que englobasse tanto mulheres que exerceram trabalho remunerado fora de casa após o casamento, quanto mulheres que não trabalharam fora, pois consideramos que essa poderia ser uma variável interferente nas representações e práticas das participantes. Contudo, não definimos quantas mulheres deveriam ter trabalhado fora; preocupamo-nos, apenas, em garantir a presença de mulheres com esse perfil entre nossas participantes.

Também buscamos inserir nesse grupo algumas mulheres que tivessem se separado na época em que tinham os filhos pequenos, objetivando observar a possível interferência desse fator na produção de representações e práticas diferenciadas. Como na questão do trabalho, preferimos não nos comprometer com um número específico de mulheres com esse perfil, já que não se tratava de prática comum na época.

¹¹ Propõe o fim da fase de coleta quando os temas começam a se repetir nas entrevistas.

Para a constituição do grupo da 2ª geração (as filhas), não foram estabelecidos outros critérios, a não ser o de terem sido mães nos anos 1990. A existência de filhos no caso das mulheres da segunda geração foi fundamental para que pudéssemos identificar se há repetição das práticas das genitoras ou distanciamento das mesmas.

A idade das mulheres não constituiu critério para a seleção das participantes, inclusive por se tratar de característica cuja variação deveria se dar dentro de certa faixa, em decorrência do critério principal.

Foram realizadas, no total, 26 entrevistas (13 pares de mães e filhas). Porém, trabalhamos apenas com 20 (10 pares), pois 04 constituíram pré-teste e 02 (relativas a um par mãe-filha) tiveram que ser desconsideradas, já que não foi possível concluir a entrevista com a participante da 1ª geração, por dificuldades da mesma em falar de / reviver certas situações conjugais.

2.2 Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa compreendeu a realização de entrevistas qualitativas semi-estruturadas, realizadas com cada uma das mulheres individualmente. Todas as entrevistas foram realizadas pela pesquisadora, e tiveram como ponto de partida um Roteiro de Entrevista (Apêndice A) que permitiu às participantes falarem de suas experiências e práticas cotidianas, recordarem as práticas de suas mães, o casamento dos pais, e ao mesmo tempo, expressarem reflexões, julgamentos e concepções sobre como compreendem a vida conjugal e familiar. Também buscou explorar as expectativas e concepções das mulheres sobre o papel do homem nos contextos familiar e conjugal.

A fim de testar a adequação do instrumento em relação aos objetivos propostos foram realizadas entrevistas exploratórias que, juntamente com a revisão da literatura

sobre o tema, permitiram os ajustes e a configuração do roteiro de entrevista final. Este foi utilizado para as duas gerações de mulheres, com poucas questões direcionadas exclusivamente para um ou outro grupo.

O grupo de entrevistadas foi constituído a partir de conhecimentos pessoais da pesquisadora e de pessoas que lhe são próximas. Foi feito contato telefônico com todas as participantes antes da realização da entrevista para que pudessem ser explicados os objetivos e procedimentos do estudo, e para agendar as entrevistas com as interessadas. Em dois casos (duas mulheres da 1ª geração) houve recusa de participação na pesquisa em virtude da solicitação de autorização para uso de gravador; as entrevistas só seriam concedidas se não fossem gravadas. Apesar das filhas (2ª geração) de ambas já terem consentido em participar, foi necessário desconsiderar os dois pares de mães e filhas, pois seria inviável realizar a entrevista sem o uso desse equipamento.

As entrevistas foram agendadas conforme a disponibilidade das participantes. Todas foram realizadas em suas residências, com exceção de uma, que foi realizada numa sala de aula da UFES. Em alguns casos, foi necessário ir à casa da participante mais de uma vez para concluir a entrevista.

Procuramos, sempre que possível, entrevistar primeiro a mãe depois a filha de um mesmo par, embora em algumas poucas vezes a entrevista da filha tenha sido realizada antes da entrevista com a mãe (o que, em nosso entender, não trouxe nenhum prejuízo). Optamos por iniciar a entrevista com membros de outro par apenas quando já havíamos concluído com o par anterior, visando com isso contrastar pontos dos depoimentos da mãe e filha e evitar interferências de depoimento de outro par.

Houve grande preocupação de assegurar que as participantes ficassem confortáveis durante a entrevista, e destacamos a importância de realizá-la num local da

residência que garantisse certa privacidade, já que a entrevista explorava questões muito pessoais. A maioria das entrevistas foi realizada tranquilamente, sem interrupção por outras pessoas.

Antes do início da entrevista era apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para Participação em Pesquisa (conforme modelo em Apêndice B), e solicitada sua leitura e assinatura, no caso de concordância. Todas as participantes permitiram o uso de gravador.

As entrevistas foram realizadas no período de Janeiro a Junho de 2005.

2.3 O contexto das entrevistas

O pano de fundo das entrevistas, em sua maioria, foi um ambiente tranquilo e agradável, o que favoreceu a interação e a espontaneidade, e permitiu a expressão de emoção por parte das participantes. Falar e refletir sobre situações aparentemente corriqueiras, mas profundamente carregadas de afeto, conferiu um ar de “confidência” às “conversas”. O clima de confiança instaurado possibilitou a superação ou amenização do constrangimento. Eram mulheres abrindo suas vidas a uma outra mulher (mais nova que elas, em todos os casos, mas casada, psicóloga, pesquisadora, e “bem recomendada”).

Foram comuns situações de choro e euforia por parte das participantes, que reviveram, com as entrevistas, momentos bons e situações difíceis, que em alguns casos, gostariam de esquecer. A pesquisadora não ficou imune a tal característica do contexto, já que alguns relatos foram muito carregados de emoção.

Em geral, as participantes foram muito acolhedoras e disponíveis, e não demonstravam preocupação com o tempo das entrevistas. Era visível em algumas

participantes da 1ª geração a satisfação em falar sobre suas experiências e em serem ouvidas.

Em vários momentos das entrevistas as participantes demonstravam interesse em saber sobre a vida da entrevistadora, perguntando sobre religião, vida familiar, filhos, sobretudo as evangélicas, o que foi contornado na medida do possível.

Notamos certo receio de algumas participantes, sobretudo as mais idosas, no início da entrevista, de não “saberem” responder devidamente as questões. Esse fato foi facilmente contornado à medida que a entrevista ia acontecendo e ficava claro que o interesse da pesquisa era conhecer as experiências e concepções pessoais, não havendo respostas certas ou erradas.

As questões que envolviam situações muito íntimas, como aquelas respeitantes ao relacionamento afetivo-sexual, foram discutidas com tranquilidade pela maioria das participantes, mesmo nos casos em que percebemos certo desconforto e esquivas em falar sobre o assunto, num primeiro momento.

Apesar do tempo de gravação das entrevistas ter variado entre uma e quatro horas, com média de duas horas e meia, em várias entrevistas a permanência na casa da participante se deu por longos períodos (seis a sete horas). Isso porque havia as conversas que precediam as entrevistas, e o fato das participantes quererem mostrar fotos e vídeos da família, apresentar os familiares que estavam em casa, oferecer lanches, mostrar a casa, entre outras coisas.

2.4 Organização e Análise dos Dados

Em virtude da abrangência da entrevista e da disponibilidade da maioria das participantes em falar sobre suas experiências familiares foi obtido grande volume de dados (mais de 700 páginas de transcrição)¹².

Após a transcrição integral das entrevistas, os dados resultantes das experiências individuais foram organizados a partir da apreensão das “unidades de significado” presentes nos discursos, visando desvendar / construir a “estrutura” do fenômeno experienciado.

Essa forma de organização / apresentação dos dados adotada no presente estudo baseou-se em Trindade (1991). Essa autora trabalhou com o modelo de organização dos dados desenvolvido por Bullington e Karlsson (1984) a partir do *método fenomenológico para investigação psicológica*, e tem inspirado uma série de trabalhos no campo da Psicologia.

Esse método propõe a busca da experiência “tal qual foi ou é vivenciada” pelo indivíduo, ou seja, o significado de determinado fenômeno a partir das descrições e explicações das experiências fornecidas pelo próprio indivíduo. Logo, com o método fenomenológico buscam-se “os *significados psicológicos* ou as constituintes de significados”, ou seja, temas constituintes das descrições e reveladores da *Estrutura* do fenômeno vivido (Trindade, Menandro & Gianórdoli-Nascimento, 2007, p. 78).

Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007) destacam ainda que com o método não se objetiva apenas conhecer as experiências individuais dos indivíduos, mas

¹²Vale mencionar que algumas informações acabaram não sendo aproveitadas no âmbito do presente trabalho, pois foi necessário delimitar focos de interesse de acordo com os objetivos do estudo.

conhecer também como indivíduos diferentes vivenciam uma situação que lhes é comum:

Ao investigar determinado fenômeno a partir de um conjunto de sujeitos-participantes, o pesquisador tem em consideração que as trajetórias pessoais de experiência do fenômeno devem ser analisadas e consideradas conjuntamente de forma a aproximá-lo do fenômeno vivido coletivamente (p. 74).

Nas palavras de Bullington e Karlsson (1984): “a completa compreensão de um fenômeno não é o resultado de uma simples enumeração de constituintes, mas sim o modo como cada constituinte se relaciona com cada outro constituinte” (p. 61).

Seguindo as considerações dos proponentes desse método fenomenológico de investigação psicológica, Trindade (1991) trabalhou com quatro fases na organização dos dados individuais em sua tese de doutorado. São elas: 1^a) após a transcrição integral das entrevistas procede-se à leitura e análise individual de cada uma delas, buscando identificar, com base nos objetivos do estudo, as chamadas *unidades de significado*; 2^a) inclusão das falas dos participantes nas *unidades de significado*, de modo a dividir as entrevistas com base nas unidades identificadas; 3^a) conversão das *unidades de significado* da linguagem dos participantes para uma linguagem parcialmente padronizada, considerando os significados e a transcrição de algumas falas que se mostrem importantes para exemplificar a questão sob foco; 4^a) transformação das *unidades de significado* em uma “*estrutura*”, de forma a articular os constituintes significativos obtidos nas respostas dos participantes, possibilitando apreensão mais integrada de cada um deles.

No presente trabalho, para a organização dos dados e construção das *estruturas*, seguimos as quatro fases, tal como proposto por Trindade (1991). Como as entrevistas foram, em geral, muito longas, a elaboração das *estruturas* revelou-se processo bastante demorado, pois fomos fiéis aos proponentes do método, seguindo exatamente todas as

fases. Ao final do trabalho (Apêndice C) anexamos as unidades de significado identificadas e a organização de uma entrevista com base nas fases acima descritas.

Com relação ao uso das estruturas, Esteves (2003) – que também se inspirou em Trindade (1991) – aponta:

As estruturas não substituem as transcrições completas para qualquer finalidade de análise dos dados, mas podem contribuir para que o leitor (...) tenha um retrato mais fiel e com matizes reais da vida das entrevistadas, o que se perde em parte quando os dados são apresentados já configurados de acordo com as categorias de análise (p. 48).

Trindade, Menandro e Gianórdoli-Nascimento (2007) também destacam o grande valor dessa forma de organização dos dados:

Ao resultar em uma sinopse integrada dos constituintes de significado presentes nos discursos, permite uma compreensão mais globalizada dos sujeitos. O próprio processo de reconstrução do discurso, procurando focalizar de forma articulada os constituintes de interesse nos obriga a diversas leituras do material, conduzindo a um melhor conhecimento de cada um dos participantes, mostrando o que é compartilhado e o que é singular (p. 90).

Como forma de enriquecer a análise dos dados e complementá-la, utilizamos ainda uma técnica computadorizada de análise estatística de texto, que detecta e analisa co-ocorrências: o software *Alceste (Analyse Lexicale par Contexte d'un Ensemble de Segments de Text)*, desenvolvido por Max Reinert (1990). Esse programa se mostra bastante adequado à análise de dados provenientes de entrevistas, e tem sido empregado em vários estudos no campo das representações sociais, já que permite “conhecer o conteúdo das representações sociais, identificando seu campo comum” (Menandro, 2004, p. 95).

O *Alceste*, segundo Kronberger e Wagner (2002), consiste em:

Técnica para investigar a distribuição de vocabulário em um texto escrito e em transcrições de texto oral. É também uma metodologia, porque o programa integra uma grande quantidade de métodos estatísticos sofisticados em um todo orgânico que se ajusta perfeitamente ao seu objetivo de análise de discurso (p. 426).

Ainda segundo os autores supracitados, o *Alceste* busca “distinguir classes de palavras que representam diferentes formas de discurso a respeito do tópico de interesse” (p. 427). Analisa co-ocorrências localizadas de palavras, de modo que não pode dar conta do sentido e contexto das sentenças. Uma das vantagens de tal técnica, entretanto, é que em um curto período de tempo, o pesquisador tem possibilidade de conseguir uma visão geral do volumoso corpus de dados.

A análise de co-ocorrência de palavras, segundo Bardin (2000), revela-se de grande utilidade para estudos dos estereótipos, ideologias e representações sociais, pois permite perceber a presença de associações significativas entre os temas, explicitando a co-ocorrência (aparecimento simultâneo) de dois ou mais elementos, assim como a não co-ocorrência (ausência) de certos elementos na mesma unidade de contexto, o que também pode se mostrar significativo.

Conforme discute Camargo (2005), as classes resultantes do processamento do programa podem ser consideradas representações sociais ou somente aspectos de uma única representação, o que vai depender de seu conteúdo e sua relação com fatores atinentes aos objetivos do estudo. Como nesse estudo estamos trabalhando com objetos de representação distintos, mas que acreditamos estarem inseridos num mesmo sistema de representações, buscamos ver como o programa poderia captar essas representações.

O emprego do programa *Alceste* requer uma preparação específica dos dados textuais resultantes das entrevistas. Antes de falarmos especificamente do programa, consideramos conveniente trazer algumas considerações sobre a preparação do corpus para servir como exemplo para outros pesquisadores.

De posse das entrevistas transcritas, organizamos um banco de dados para cada geração. Para tanto, seguimos as considerações de Camargo (2005) acerca da

preparação do corpus. Inserimos todas as entrevistas das participantes da 1ª geração em um único arquivo e as da 2ª geração em outro, nomeando-os, respectivamente, de *bancomães* e *bancofilhas*. Em seguida, separamos as entrevistas de cada corpus através de linhas com asteriscos (as linhas de comando, no software), que definem cada entrevista como uma unidade de contexto inicial (UCI). As linhas com asteriscos trazem a identificação das participantes e as variáveis importantes para o delineamento do estudo (palavras com asteriscos), que no nosso estudo foram: escolaridade, idade, trabalho fora e religião.

Posteriormente, fizemos uma correção dos arquivos através dos recursos do Word, observando a pontuação. Transformamos todas as palavras com todas as letras em maiúscula para minúscula, excluimos os caracteres que o software exige que sejam retirados (aspas, apóstrofe, cifrão, hífen, percentagem e asterisco), e fizemos as substituições recomendadas (hífen por traço baixo, ligação de nome composto através de traço baixo). Também retiramos dos arquivos todas as falas e intervenções da pesquisadora para não haver interferência na análise.

O próximo passo, e que exigiu mais cuidado e maior tempo, foi fazer as substituições necessárias nos bancos a partir do conhecimento dos dados, visando melhor aproveitamento do material. Palavras como *ele* que no contexto das entrevistas aqui consideradas pode estar se referindo ao filho, ao marido, ao pai, ao irmão, ao funcionário, etc., foram substituídas, de forma que *ele* se referindo ao marido foi substituída por *meu_marido*, se referindo ao filho por *meu_filho*, ao pai por *meu_pai*, e assim por diante. Nomes de pessoas também foram substituídos por expressões como as acima. Palavras que formam expressões, tais como, mercado de trabalho, lua de mel, jardim de infância, a gente (no sentido de nós), graças a Deus, bater papo, etc., foram

ligadas por traço baixo para serem consideradas como uma única palavra. Excluímos expressões como *né, hum, haham, ai, assim, uai, ué*, entre outras, que não apresentam importância para análise. Também realizamos correção na ortografia, pois como foi feita uma transcrição literal das entrevistas, muitas participantes empregaram a linguagem coloquial. Então, onde encontramos *tava* substituímos por *estava*, *tô* por *estou*, e assim sucessivamente.

Outra alteração importante foi substituir expressões que faziam menção a um passado mais distante, como *naquela época, na época, antes*, pela palavra *antigamente*; nos casos em que se referiam a um passado próximo, utilizamos *naquela_época*; expressões como *hoje em dia, hoje, agora, nesse tempo*, que indicam o presente, foram substituídas por *atualmente*.

Tivemos o cuidado de unir os verbos que vinham precedidos pela palavra *não* com traço baixo (*não_fazia, não_mandou, não_dava*, etc.) para preservar a idéia que estava em questão. Os pronomes *me* e *se* precedendo verbos (*me deu, me chamou, se feriu, se machucou*) também foram ligados ao verbo com traço baixo, de forma indireta (*deu_me, chamou_me, feriu_se, machucou_se*).

Também encontramos palavras que estavam sendo utilizadas com diferentes sentidos, como por exemplo, *casa*. Às vezes tal palavra era empregada no sentido concreto, de local de moradia, então substituímos pela palavra *residência*; em outros momentos, com na expressão *lá em casa*, essa palavra era utilizada se referindo a própria família, então foi substituída por *na minha_família*. A palavra *passar* também apresentou diferentes significados: *passar na rua* (transitar), *passar roupa*, *passar valores* (transmitir valores), de modo que também foi necessário alterá-las de acordo com o sentido.

Não obstante todos esses cuidados, foi necessário aplicar o software aos bancos de dados várias vezes, buscando atingir o maior aproveitamento possível. A cada análise realizada ficávamos atentos às indicações de alterações que ainda se faziam necessárias, até porque os bancos de dados eram muito extensos. No caso do corpus referente às mães da 2ª geração, por exemplo, rodamos o programa seis vezes, até atingirmos um resultado estável e apropriado para análise.

Sobre a atuação do programa, o Alceste, num primeiro momento, reconhece as unidades de contexto iniciais (UCI), constituídas pelas próprias entrevistas no presente estudo, e divide cada corpus em segmentos de texto (unidade de contexto elementar ou UCE), frases dimensionadas pelo programa (de três a seis linhas) de acordo com o tamanho do corpus e de sua pontuação. Agrupa, em seguida, as ocorrências das palavras, considerando seus radicais (conforme registro em dicionário que integra o programa), e efetua o cálculo das suas respectivas frequências. Feito isso, o programa executa uma série de cálculos a partir da classificação hierárquica descendente (CHD), cruzando os segmentos de texto de modo a conseguir classes de UCE que compartilhem seus vocabulários, ao mesmo tempo em que se diferenciam dos outros conjuntos de UCE, chegando-se a uma hierarquia de classes; apresenta ainda a posição de cada classe sob a forma de uma árvore - dendrograma (Teixeira, Schulze & Camargo, 2002).

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) apresenta ao pesquisador classes léxico-semânticas compostas de conjuntos de palavras associadas significativamente à determinada classe (usando o teste do qui-quadrado para aferir o nível da associação), assim como as UCE típicas de cada classe, o que possibilita recuperar o contexto de significação / ocorrência de cada palavra. Tais classes podem apresentar, quando existir, associações com as características (variáveis) dos autores do material textual

(entrevista), visto que o software reconhece as UCI (Teixeira, Schulze & Camargo, 2002).

O Alceste executa ainda uma Análise Fatorial de Correspondência (AFC) que possibilita a observação das relações de dependências entre as classes em um plano fatorial.

De acordo com Camargo (2005), durante o processo de análise o programa executa quatro etapas de procedimento. Na primeira etapa (Etapa A) o programa faz uma leitura do texto e cálculo dos dicionários. Aqui acontece a preparação do corpus, o reconhecimento das UCI, uma primeira segmentação do texto, o agrupamento das ocorrências das palavras em função de seus radicais, e o cálculo da frequência das formas reduzidas das palavras (por exemplo, as palavras grávida, grávidas e gravidez são agrupadas na forma reduzida “*gravid+*”). Ainda nessa fase o programa faz a diferenciação entre as palavras “com conteúdo” (verbos, substantivos, adjetivos, advérbios), que são as palavras analisáveis, e as palavras “com função” ou palavras instrumento (preposições, pronomes, artigos, conjunções), com papel meramente sintático. A análise vai se basear, principalmente, nas palavras com conteúdo, pois são elas que contêm o sentido do discurso. (Kronberger & Wagner, 2002).

Num segundo momento (Etapa B) o programa realiza o cálculo das matrizes de dados e classifica as UCE em função dos respectivos vocabulários. O conjunto de UCE é repartido em função da frequência das formas reduzidas. A partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o programa executa o cruzamento das formas reduzidas e UCE, variando o tamanho das UCE, obtendo-se uma classificação definitiva das mesmas. O objetivo dessa análise, que se utiliza do teste de associação X^2 , é obter

classes de UCE que apresentem vocabulário semelhante entre si, e, ao mesmo tempo, vocabulário diferente das UCE das outras classes.

Na terceira etapa (Etapa C), o programa fornece a descrição das classes obtidas pelo seu vocabulário característico e pelas variáveis, e as relações entre as mesmas através do dendrograma da CHD. Ainda nessa etapa acontece a Análise Fatorial de Correspondência (AFC), que resulta na representação das relações entre as classes num plano fatorial.

Por último (Etapa D) são realizados cálculos complementares, que fornecem as UCE mais características de cada classe, possibilitando a contextualização do vocabulário típico de cada classe obtido na etapa anterior. Nessa etapa também se realiza a Classificação Hierárquica Ascendente (CHA), realizada a partir do cruzamento de formas associadas a uma mesma classe com as UCE da classe associada. Essa etapa fornece ainda a seleção das palavras mais características de cada classe.

O programa, ao final de todas as etapas gera um relatório que detalha todas as operações realizadas e todas as informações importantes para a interpretação dos dados, a ser realizada pelo pesquisador. Desse relatório apresentaremos as classes obtidas com seus respectivos vocabulários e valor do X^2 , percentuais de relação entre as classes, o dendrograma resultante da CHD, algumas UCE características de cada uma das classes (possibilitando uma contextualização das classes), e ainda o gráfico da AFC.

Após o delineamento das *estruturas* individuais das participantes e da apresentação dos resultados provenientes do Alceste, passaremos à discussão dos dados a partir de três eixos de análise, estabelecidos com base nos objetivos do trabalho:

1) *O casamento*

- Concepções e expectativas

- Experiência pessoal (aspectos positivos, dificuldades)
- Comparando épocas e gerações (transformações culturais e práticas)

2) *A maternidade*

- Concepções e expectativas
- Experiência pessoal (aspectos positivos, dificuldades)
- Práticas cotidianas
- Comparando épocas e gerações (transformações culturais e práticas)

3) *Papéis masculinos e femininos na família*

- Trabalho feminino
- Participação masculina

Como se trata de estudo intergeracional, essa análise será apresentada considerando três níveis: 1) Comparação entre mulheres de uma mesma geração – geração anos 1960 e geração anos 1990; 2) Comparação entre as diferentes gerações; 3) Comparação entre mulheres da mesma família (mãe e filha).

QUEM É (Scena Doméstica)
(1937 - Custódio Mesquita e Joracy Camargo)

*Quem é que muda os botõezinhos da camisa
quem é que diz um adeusinho no portão
e de manhã não faz barulho quando pisa
e quando pedes qualquer coisa não diz não.*

*Quem é que sempre dá um laço na gravata,
quem é que arruma teus papéis na escrivaninha
quem é que faz o teu bifezinho com batatas
e esfrega tanto as lindas mãos lá na cozinha.*

*E no entretanto é só você que não me liga
e ainda descobre sempre em mim cada defeito
pois é talvez porque eu sou muito sua amiga
e nunca estás por isso mesmo satisfeito.*

*Quem é que reza por você lá no oratório
quem é que espera por você sempre chorando
quem é que sabe que não paras no escritório
e acredita que estivestes trabalhando.*

*Quem é que trata dos botões da tua roupa
quem é que mais economiza luz e gás
quem é que sopra no jantar a tua sopa
quem é que diz no telefone que não estás.*

*E no entretanto você pensa em me deixar
leva dizendo que eu sou qual não sei o que
e no entretanto você vai me abandonar
mas é porque eu sou louquinha por você.*

*Quem é que paga a costureira o ano inteiro
quem é que aluga um automóvel todo mês
quem é que paga seu chatô, sua empregada
quem é que gasta os cobres todos de uma vez.*

*Quem é que vive esbodegado, amofinado
e que trabalha noite e dia sem parar
quem é que só para o seu luxo extravagante
anda sem ter um niquelzinho prá gastar.*

*E no entretanto é só você que não me liga
todas as outras tão querendo o meu amor
se eu fosse um pouco mais pão duro e menos trouxa
você me dava com certeza mais valor.*

*Quem é que finge que não vê o seu namoro
quem é que dorme se você quer passear
quem é que espera por você sempre sorrindo
e cochilando fica às vezes sem jantar.*

*Quem é que traz os embrulhinhos todo dia?
Quem é que compra tanta coisa na cidade?
Que é que não me liga nem um bocadinho?
Quem é que faz comigo assim tanta maldade?*

*E no entretanto aturo tudo tão quietinho(a)
fico calado(a) sem dizer nada a ninguém
você precisa dar valor ao meu carinho
precisa ver que finalmente eu sou alguém*

3. RESULTADOS – Conhecendo as participantes e suas experiências

3.1 Caracterização das Participantes

Para facilitar a compreensão dos leitores, e garantir o anonimato das participantes, foram utilizados nomes fictícios. As mulheres de uma mesma família (1ª e 2ª geração) são identificadas por nomes iniciados pela mesma letra, e aparecem em seqüência, conforme Quadro 1. A ordenação das participantes no referido Quadro está de acordo com a seqüência de realização da entrevista do par mãe-filha.

A idade das participantes da 1ª geração variou entre 60 e 74 anos, com média de 64,6 anos. No caso das mulheres da 2ª geração, a idade variou entre 34 e 45 anos, com média de 39 anos.

No que concerne ao grau de escolaridade, sete mulheres da 1ª geração não concluíram o ensino fundamental, duas concluíram o ensino médio e apenas uma cursou o nível superior. Em relação à 2ª geração, sete cursaram o ensino superior, cinco delas completo (três, inclusive, com cursos de pós-graduação), uma incompleto (fez até o terceiro ano) e uma está cursando. Três concluíram o ensino médio.

Com relação ao estado civil, do total de participantes da 1ª geração, três são viúvas, duas são divorciadas e cinco casadas. Uma das participantes que está sendo considerada viúva (Glória) separou-se do primeiro marido com 24 anos de casada, quando todos os filhos já eram adultos. Após poucos dias que havia saído de casa, o ex-marido faleceu, ficando oficialmente viúva. Apesar da iniciativa de sair de casa, a participante só o fez quando os filhos já eram adultos, por isso a opção por considerá-la viúva. As participantes da 2ª geração são todas legalmente casadas.

Quanto ao tempo de união das participantes, entre as mães da 1ª geração que não romperam com o casamento o tempo variou entre 40 e 53 anos, com média de 45 anos. Duas das três participantes viúvas ficaram casadas por 31 anos e uma por 24. As duas mulheres que se divorciaram ficaram casadas por 13 e 15 anos, respectivamente. O tempo de união das participantes da 2ª geração variou entre 12 e 20 anos, com média de 15,5 anos.

Considerando o número de filhos, nas mulheres da 1ª geração este variou entre três e nove filhos, com média de quatro filhos. Na geração mais jovem, sete mulheres têm dois filhos e três, apenas um.

No que se relaciona ao exercício de atividade profissional após o casamento (aqui consideradas apenas as atividades exercidas fora de casa), observa-se que entre as mulheres da 1ª geração, apenas três trabalharam fora. As demais eram responsáveis pelo cuidado dos filhos, da casa, e em dois casos, costuravam em casa. As mulheres que se separaram, após a separação assumiram atividades como costura, bordado, venda de salgados, para ajudar no sustento dos filhos. Entre as mulheres mais jovens, nove trabalharam fora após se casarem. Destas, três não estão trabalhando atualmente. Uma participante nunca trabalhou.

Embora pretendêssemos certa homogeneidade das participantes com relação ao NSEC (Nível Sócio-Econômico), isso não foi possível, pois metade das mães da 1ª geração, algumas das quais, hoje, podem ser consideradas de classe média, não o eram na época em que tinham os filhos pequenos, de forma que devemos considerar o grupo como constituído por mulheres de NSEC médio e baixo. Das cinco participantes da 1ª geração que pertenciam à classe popular quando tinham os filhos pequenos, duas tinham um NSEC médio, mas a partir da separação, passaram por dificuldades financeiras. Há

também o caso de uma das participantes, que tinha um nível médio, mas após o acidente do marido, que o deixou impossibilitado de trabalhar, passou por dificuldades econômicas. Todas as participantes da 2ª geração podem ser consideradas de NSEC médio.

Quadro 1 - CONHECENDO AS PARTICIPANTES

| Participante / Geração | Idade | Grau de escolaridade | Estado civil | Tempo de união (anos) | Nº de filhos | Exercício profissional (após casamento) | Religião | NSEC (época filhos pequenos) |
|------------------------|-------|--------------------------|--------------|-----------------------|--------------------|---|------------|------------------------------|
| Ana / 1ª G | 74 | ensino fund. incompleto | casada | 53 | 9 | não | católica | médio |
| Alice / 2ª G | 44 | ensino superior | casada | 17 | 2 | sim | católica | médio |
| Berenice / 1ª G | 65 | ensino fund. incompleto | viúva | 31 | 3 (1 falecido) | não | católica | médio |
| Bárbara / 2ª G | 38 | ensino superior | casada | 13 | 1 | sim | cardecista | médio |
| Célia / 1ª G | 60 | ensino médio | casada | 40 | 4 | sim | católica | médio |
| Clara / 2ª G | 37 | ensino médio | casada | 15 | 2 | sim | católica | médio |
| Dalva / 1ª G | 62 | ensino fund. incompleto | viúva | 31 | 3 | não | católica | baixo |
| Diana / 2ª G | 37 | ensino médio | casada | 13 | 2 | sim | católica | médio |
| Eva / 1ª G | 72 | ensino fund. incompleto | divorciada | 13 | 6 (2 falecidos) | não | católica | baixo |
| Elisa / 2ª G | 45 | ensino superior em curso | casada | 20 | 1 | sim | católica | médio |
| Fátima / 1ª G | 62 | ensino fund. incompleto | divorciada | 15 | 3 | não | evangélica | baixo |
| Fernanda / 2ª G | 39 | ensino sup. incompleto | casada | 18 | 2 | sim | evangélica | médio |
| Glória / 1ª G | 61 | ensino médio | viúva | 24 | 4 | sim | católica | baixo |
| Giovana / 2ª G | 43 | ensino superior | casada | 12 | 1 | sim | evangélica | médio |
| Hilda / 1ª G | 60 | ensino fund. incompleto | casada | 40 | 4 | não | evangélica | médio |
| Helena / 2ª G | 36 | ensino superior | casada | 19 | 2 | sim | evangélica | médio |
| Ivone / 1ª G | 60 | ensino superior | casada | 41 | 5 (1 adotiva) | sim | evangélica | médio |
| Isa / 2ª G | 34 | ensino superior | casada | 12 | 2 | sim | evangélica | médio |
| Joana / 1ª G | 70 | ensino fund. incompleto | casada | 50 | 6 | não | evangélica | baixo |
| Julia / 2ª G | 36 | ensino médio | casada | 16 | 2 | não | evangélica | médio |

3.2 As experiências das participantes – As “estruturas”

Serão apresentadas a seguir as estruturas que reúnem as informações que foram consideradas essenciais para adequada caracterização de cada entrevistada, para evidenciar a sofisticação de suas reflexões e para permitir captar o clima no qual a entrevista transcorreu. Estão dispostas de forma que os pares de mães e filhas (nesta ordem) apresentam nomes iniciados pela mesma letra do alfabeto e aparecem em seqüência, ou seja, a Estrutura 1 retrata a mãe da entrevistada representada na Estrutura 2, e assim por diante. Considerando tal forma de organização, o leitor pode optar por ler as entrevistas na seqüência numérica que corresponde aos pares mãe-filha, ou ler primeiro as Estruturas de numeração ímpar (entrevistadas da primeira geração) e em seguida as Estruturas de número par (entrevistadas da segunda geração), conforme julgue mais conveniente para a sua compreensão.

Cabe destacar que algumas informações contidas nas estruturas podem parecer imprecisas e contraditórias, como por exemplo, a questão de idade, tempo de relacionamento, etc.; porém, preferimos manter as informações tal como relatadas pelas participantes.

Estrutura 1 – A experiência de Ana

ANA tem 74 anos, é casada há 53, tem nove filhos (seis mulheres e três homens), nasceu em uma pequena cidade de MG, e aos 5 anos de idade mudou-se para uma cidade de porte médio no sul do ES, onde reside até hoje. Coursou o ensino fundamental até a 4ª série. Trabalhava fora, mas após o casamento parou. É católica praticante.

Casou com 21 anos. Conheceu seu esposo passeando na praça com as amigas. Tinha 16 anos quando começaram a namorar. *“Foram cinco anos entre namoro, noivado e casamento”*.

Na sua época de jovem as moças não saíam sozinhas, nem com o namorado. Só saíam com uma pessoa da família para tomar conta, e com horário máximo de voltar para casa. Os

namorados não se viam todos os dias, “*só dia de domingo, às vezes, sábado*”, sem dar as mãos, “*não tinha esse negócio de agarrão*”, não se beijavam. Só beijou o marido depois que casou: “*aí sim, eu aproveitei (...) por isso que eu tenho um monte de filhos*”. Muitos rapazes queriam namorá-la, mas ela não “*dava confiança*” porque tinha medo de ficar “*mal falada*” e ninguém querer namorá-la.

Sempre teve vontade de casar para ter a própria casa. “*Tenho fé em Deus que no dia que eu me casar eu quero ter a minha casa pra eu fazer o que eu quero*”. Imaginava que ia casar e viver bem.

No começo o casamento “*foi muito legal mesmo, apesar de ser pobre, vivia muito bem*”. Cuidava da casa e passeava com o marido, “*era mais amor, mais carinho, mais tempo*”. Tinham uma vida maravilhosa. O marido não quis que ela continuasse trabalhando (trabalhava desde 14 anos), e aí parou.

O marido ficava muito feliz com o nascimento dos filhos, sobretudo com o da primeira filha. Quando tinha filho recém-nascido aparecia em casa várias vezes por dia para vê-la e ao bebê. Comprava todas as coisas necessárias, era “*muito atencioso*”. Passeavam muito em família, pois ele gostava que saíssem todos juntos. Era muito amoroso e cuidadoso com os filhos, brincava, passeava. Foi ótimo pai e tem bom relacionamento com os filhos.

Com os filhos ainda pequenos, o marido se envolveu com uma vizinha. Acredita que se não fosse isso estariam bem. Crê que a mulher o “*procurou*”, “*não foi ele que foi atrás dela*”. Não podia ficar atrás do marido por causa dos filhos, tinha que cuidar deles, e demorou a descobrir que ele tinha outra pessoa.

Com o nascimento dos filhos Ana ficou com pouco tempo para ela e o marido, “*porque se cuidar muito dos filhos a gente não tem tempo*”, e acha que por isso o marido se envolveu com outra mulher. “*Porque eu fiquei muito... num tinha tempo de pensar, se eu tivesse mais tempo tinha ido lá, mas eu não tinha tempo. (...) Vê se eu podia ficar atrás do marido com um monte de filho pequeno. (...) Eu fui mais pra parte dos filhos*”.

Segundo Ana, o marido continua a freqüentar a casa da amante, com quem se relaciona por mais de trinta anos, sustentando-a e aos dois filhos que tem com ela, mas nunca dorme nessa casa. Já o mandou embora de casa, mas ele não quer se separar, “*falou que só sai daqui morto*”. Pensa em se separar, mas acha “*feio*”, “*horrível ir pra Justiça*”. Dormem em quartos separados.

Ana e os filhos não têm nenhum tipo de contato com os filhos do marido com a amante, e muito menos com essa última, embora a mesma, segundo Ana, até hoje a “*atente*” e perturbe.

Afirmou que antigamente era difícil ver casais separados. Acha que a amante deseja muito que eles se separem, mas o marido diz que, mesmo se separando, não vai morar com ninguém.

Relatou que antigamente o marido bebia muito, ficava com a amante nos bares. “*Graças a Deus, não bebe mais, só toma refrigerante agora*”.

Avalia que antigamente casamento era melhor. Hoje é melhor em muitas coisas, mas no “*desrespeito*” é pior. “*Fico admirada quando eu vejo alguém falar que casou e que tem três meses, seis meses, um ano e já separou, eu fico horrorizada*”.

Com relação ao casamento de seus pais, estes viviam muito bem, não brigavam, ambos eram de “*mais idade*”. Não tinham filhos biológicos, por isso a “*pegaram pra criar*”. A mãe era costureira e o pai trabalhava numa fábrica de bebida. A mãe costurava e ajudava ao marido.

Segundo Ana, quando se casou não pensava sobre filhos, “*pensava só em abraçar, beijar*”. Não pensava em ter muitos filhos, “*mas aí... Deus me deu né, graças a Deus, tão tudo vivo, bom demais*”. Achava que ia ser como outras pessoas que só tinham um ou dois filhos. Não planejavam filhos, não tomava remédio e nem usavam preservativo. “*Ficava esperando neném e nem sabia*”. O marido falava que não queria mais filhos, mas quando ela menos esperava, estava grávida. Teve sete filhos em casa e as duas últimas no hospital.

Mencionou que quando engravidava esperava que o filho nascesse perfeito, com saúde, e que ele pudesse estudar. Não tinha preparação alguma para ter filhos, e temia não dar conta de tantos filhos, mas “*graças a Deus, fui aprendendo com a vida mesmo e lidei com eles*”. Em sua época de jovem as pessoas não falavam sobre ter filhos “*porque naquele tempo as pessoas de idade não conversavam esse negócio com a gente não*”.

Sempre foi a responsável pelas tarefas de casa e pelo cuidado com os filhos. O marido nunca foi de fazer “*nada*” em casa, e com os filhos ajudava pouco. Ele até dava mamadeira, mas apenas se fosse para crianças maiores. Mencionou que o marido propôs que ela “*tomasse conta*” das filhas e ele dos filhos: destaca que os filhos não “*formaram*” e as filhas sim. Ele corrigia os filhos, mas como nunca estava em casa, ela que sempre “*enfrentava mesmo*”.

Continuamente preocupava-se com a questão de horário dos filhos - para comer, ir à escola, brincar: “*Tudo na hora certa*”. Acha que hoje não há preocupação com isso. Por

conta dos filhos, não tinha tempo para nada: *“era almoço, café, lavar a roupinha, lavei roupa, minha filha, até uma hora da manhã (...) enquanto eles dormiam, fazia o serviço, dava graças a Deus quando aparecia um, uma pessoa conhecida pra pegar um pouquinho pra mim fazer alguma coisa depressa”*.

Quando os filhos já eram maiores não gostava que fossem para rua, então os deixava “presos” dentro de casa com medo de acontecer alguma coisa, de se machucarem. Acha que hoje as crianças ficam muito “soltas”. *“Eu acho que a mãe tem que levar os filhos pra igreja, botar num bom caminho, ensinar o melhor possível”*. Se fosse chamada na escola por causa dos filhos batia neles.

As filhas ajudavam em casa, cada uma com sua tarefa. Os filhos, quando já estavam “rapazinho”, ficavam mais com o pai. Os filhos mais velhos, mas ainda sem idade de trabalhar com o pai, ajudavam a “olhar” os mais novos.

Acha que filhos e filhas devem ser educados de forma igual, com as mesmas regras, *“mas sabendo que o filho homem, ele, por exemplo, se ele vai pra rua, ele pode chegar mais tarde”*. Filho fica mais fora de casa e filha é mais amiga da mãe.

Sempre valorizou os estudos, embora alguns filhos homens não tenham dado continuidade. Batia quando achava necessário. Afirma que os filhos não eram “santos”, mas também não eram como as crianças de hoje. Não eram muito desobedientes, e se fossem batia neles.

Para Ana, a responsabilidade do homem/marido na família é sustentar a casa: *“acho que é um dever né, a não ser que a mulher trabalhe fora, aí cada um ajuda um pouco”*. Acha que a mulher, mesmo sem filhos, deve cuidar do almoço do marido, das coisas do marido, tem que ter tempo para ele, e se não tiver empregada, tem que cuidar da casa, fazer tudo, não deve deixar que o marido fale dela. *“Eu acho que a mulher tem que fazer tudo e fazer, como dizia o povo antigo, das tripas coração, mas não deve deixar a desejar (...) Porque uma mulher é mais suficiente de ficar sem o marido, do que o marido sem a mulher, porque o marido não faz o que uma mulher faz, uma mulher, ela trabalha fora, ela cuida de casa, ela faz tudo em casa e ainda trabalha fora, e o homem ele não faz (...) homem não guenta o que mulher agüenta não”*.

Ter muitos filhos dificultava encontrar alguém para trabalhar em sua casa, pois *“ninguém gosta de, de trabalhar na casa que tem muito filho né, porque dá muito serviço, criança amola né.”*. Agradece a Deus não ter precisado trabalhar fora, porque assim *“deu conta”* dos filhos e do marido. Contava com a ajuda dos filhos mais velhos, com a sogra, que era muito boa, e com as cunhadas: *“as minhas cunhadas eram muito boas, elas vinha,*

às vezes me ajudava, assim dia de sábado, que elas não estudavam nem trabalhavam". Uns rapazes que trabalhavam com o marido dela também ajudavam, tanto que são padrinhos de uma de suas filhas. Já a mãe adotiva não gostava de ficar com criança para tomar conta, gostava apenas de brincar, de ficar um pouquinho, mas era muito boa, *“adorava as crianças, e eles também adorava ela”*. Faleceu quando os netos ainda eram crianças.

Ana acha muito bom ser mãe, ter família grande, com os filhos sempre por perto, unidos. *“Graças a Deus, tá muito bom, (...) peço a Deus que dê saúde a todos”*. Contudo, menciona que cuidar de muitos filhos *“não foi fácil”*. Acha que hoje, quando se escolhe quantos filhos se quer ter, *“uma pessoa deveria ter três a quatro filhos, mais não, porque dá muito trabalho”*. Também não concorda com ter um ou dois filhos apenas, acha muito pouco.

Sua forma de encarar a vida não mudou com a chegada dos filhos. O relacionamento com o marido mudou no sentido de que certas coisas não podiam ser feitas perto dos filhos.

Acredita que os filhos a consideram boa mãe porque *“fazia tudo pra eles, eu queria que eles fossem melhor do que eu, toda mãe quer que os filhos sejam melhor do que ela foi né”*.

Mencionou que sua mãe era muito boa. Como não saía de casa, era Ana (já com uns doze anos) quem comprava os materiais de costura (aviamentos) para ela. A mãe não conversava com ela sobre o que era certo ou errado, e se acha uma mãe mais ou menos parecida com ela. Pelo fato de ter muitos filhos, enquanto a mãe só teve uma, acha que viveu situação mais difícil.

A mãe tinha muito cuidado com ela, a arrumava para sair com o pai, e acha que foi uma filha obediente. *“Se a minha mãe adotiva falasse uma coisa comigo, se eu respondesse ela me batia pra valer”*. A mãe sempre foi muito carinhosa com os netos e com o genro e fazia coisas para agradá-los quando iam visitá-la. Sua relação com a mãe não mudou depois que teve os filhos.

Considera duas de suas filhas parecidas com ela no sentido de *“olhar”* os filhos, de agir, de educar. Já a filha mais nova acha diferente dela. Essa filha trabalha fora o dia inteiro e não tem tempo de *“agir o filho”*, que vai fazer dezessete anos. Acha que a filha deve trabalhar, mas precisa tirar um tempo para *“olhar”* o filho.

Concorda que a mulher hoje em dia trabalhe, até para não ficar pedindo as coisas ao marido, mas não concorda que trabalhe o dia inteiro e deixe de *“olhar”* a casa, principalmente a mulher que tem filhos, *“porque se ela trabalha o dia inteiro ela não tem*

tempo (...) de cuidar do filho, de ver o que o filho fez de errado, o que ele tem que fazer, o que ele tem que estudar”.

Afirma que na época em que foi mãe era melhor do que hoje, *“porque hoje é... as minhas filhas falam que os filhos são tudo diferente”.* Acredita que os próprios pais não sabem educar, não impõem respeito, *“porque se agisse mais eu acho que os filhos não seria do jeito que são”.* Acha que se fosse hoje seria *“presa”* por bater nos filhos.

Em sua opinião a mulher de *“mais idade”* pode ter filhos, mas não concorda que a mulher tenha filhos sem casar (seja *“mãe solteira”*), inclusive conversa sobre isso com as filhas e netas. *“A maioria dos filhos de hoje em dia, que a gente ouve falar por aí, esse que é maconheiro, que é ladrão, que é não sei o que lá, isso tudo é filho de pais sem casar, né, mãe solteira, eu acho que as mulheres tão muito desvalorizando a si mesmas (...) eu acho que elas têm que se valorizar mais, resguardar mais. (...) os homens não querem casar porque tá achando quem dá de graça, vai casar pra quê?”*

Estrutura 2 – A experiência de Alice

ALICE tem 44 anos, é casada há 17, tem dois filhos homens (11 e 8 anos), nasceu em uma cidade de porte médio no sul do ES, e hoje reside em cidade de porte médio de MG. Concluiu curso superior, e é pós-graduada. Trabalha em uma escola, em um clube e em um instituto de beleza. É católica praticante.

Casou com 26 anos. Conheceu o esposo ainda criança, começando a namorar na adolescência, principalmente por carta, pois não residiam na mesma cidade, e foram oito anos e meio de namoro. Chegaram a terminar o namoro uma vez, mas reataram.

Antes de se casar arrumou um *“trabalhinho”* de secretária, porque o pai, na época, estava passando certa dificuldade financeira, mas não deu conta de trabalhar e fazer o cursinho pré-vestibular porque ficava muito cansada.

O namorado sempre a incentivou a estudar: *“sem ser meus pais, minha família toda, ele foi (...) a pessoa que mais me incentivou a estudar”.* Ele não queria que ela continuasse trabalhando na oficina, só com homens (era *“super ciumento”*). Ela fez faculdade em outra cidade, formando-se em Educação Física.

Sempre sonhou com o casamento, que era projeto de vida dela e do namorado, mas não queria se casar sem estar formada. O casamento era bastante valorizado entre amigas. Relata certo medo de terminar com o namorado e não se casar com ele.

Tinha muitas expectativas em relação ao casamento. Achava que *“seria a lua de mel, em todo o sentido da palavra, sem uma briguinha, sem um desentendimento, aquela casa maravilhosa igual de boneca, tudo limpinho, tudo arrumadinho”*.

Com o casamento, em função do trabalho do marido, mudou-se para uma cidade pequena em outro estado, onde não conhecia qualquer pessoa. Entristecia porque ficava muito sozinha, sentia medo: *“sou a oitava filha, eu nunca fiquei sozinha, nunca tinha ficado sozinha dentro de uma casa”*. Queria sair, passear, mas o marido estava sempre cansado. Chorava muito, *“e homem não gosta de mulher que chora muito”*.

Inicialmente, ela e o marido discutiam e brigavam muito, e ele chegou a agredi-la fisicamente por causa de muito ciúme. *“Se ele tivesse num lugar e eu tivesse conversando com uma pessoa, ele não gostava (...) chegou até, uma vez, a me dar uns tapas”*. Chegou a sair de casa por causa da agressão, *“foi muito difícil”*. O marido insistiu para voltar, então voltou. Acha que eram muito jovens, não tinham maturidade.

A situação começou a melhorar quando conseguiu emprego, pois começou a ampliar seu círculo de amizades. De lá, o marido pediu transferência para uma cidade de porte médio em outro estado, e foi muito difícil para ela empregar-se (*“todo lugar que vou tem que tá sempre começando de novo”*).

Crê que poderia ter feito muita coisa diferente em seu casamento, e arrepende-se de, no início, ter ficado muito dependente do esposo, muito submissa, o que considera um ponto muito negativo. Como ponto positivo apontou ter conseguido reverter essa situação. *“Hoje eu já tô mais segura, mais firme, já consigo bater de frente com ele, mas sem brigar, sem agredi-lo e sem ele me agredir, assim com palavras mesmo né”*.

Passeavam muito, viajavam, mas atualmente estão passando por uma situação financeira difícil. O marido é uma pessoa *“super organizada”*, *“metódica,”* não entende como se endividou. Não conseguem conversar sobre o assunto e acha que deveriam ter compartilhado mais as coisas. Isso deu uma *“estremecida”* no relacionamento, mas agora estão conseguindo se reerguer e acha que o relacionamento está *“muito bom”*.

O marido sempre foi pai muito presente, presente até demais na opinião dela. *“De tão presente que ele é ele incomoda, excesso de presença, o ausente é ruim, o presente demais também!”* Ajudava com os filhos pequenos, dava banho, trocava, ficava com eles, passeava, o que não tem acontecido muito hoje por conta da atual situação financeira. Durante as gestações também sempre foi muito presente, ia a todas as consultas, conversava com o bebê na barriga dela, era carinhoso e preocupado com ela.

Embora diga que ele atendeu as suas expectativas como pai, menciona que esperava que fosse parecido com o pai dela, que era calmo, não gritava, não batia, e não cobrava. Tinha expectativa de um marido que cobrasse menos, e fosse menos autoritário, o que torna seu relacionamento familiar “*estressante*”.

Alice considera a separação justificável em alguns casos, como, por exemplo, de agressões físicas constantes, e também quando já se esgotaram todas as tentativas. “*Não é isso que eu gostaria pra mim, porque eu tenho aquela imagem, aquele conceito de família sólida, igual da minha mãe e do meu pai, de morrer velhinho*”.

Um de seus irmãos se separou da esposa e todos o apoiaram, mas os pais foram contra: “*todo mundo apoiou meu irmão, nós irmãos, mas ela, minha mãe não queria que o meu irmão separasse, ela queria que o meu irmão perdoasse (...) ela usa até esse termo ‘Comeu a carne tem que roer os ossos’*”. Os pais têm um “*conceito de família sólida*”, e mesmo o pai tendo outra mulher, e a mãe sabendo, continuam juntos. Comemoraram bodas de ouro com festa, para eles é “*até que a morte nos separe*”.

Contou que a mãe dizia que o pai não teve culpa no ocorrido, pois a mulher é que “*investiu*” nele. A mãe, com muitos filhos, às vezes não podia dar atenção, e ficar atrás do marido. Para Alice, ele, apesar de bom pai, deixou muito a desejar como marido. Sua mãe chegou a ficar internada numa clínica de repouso ao descobrir a traição.

O que Alice percebe como similar ao casamento de seus pais é sua submissão, embora a considere menor do que a de sua mãe. Apontou como diferença o fato de trabalhar fora, o que a mãe nunca fez depois de casada.

Considera a vida conjugal de hoje muito diferente da de trinta anos atrás, quando a mulher era muito submissa ao homem, ele ditava as regras da casa. Hoje é totalmente diferente, pois “*o homem não é o ditador das regras da casa e do lar, né, é compartilhado*”, mesmo quando a mulher não trabalha fora.

De início, não queria filhos. Quando “*moça*” não tinha muita paciência com criança, e não gostava quando os sobrinhos iam à casa de sua mãe e desarrumavam tudo. Achava que dava muito trabalho. “*Minha mãe me prendia, então eu queria, queria ter liberdade, e eu achava que se eu tivesse filho eu não ia ter a liberdade de sair a hora que quisesse, porque eu via minhas irmãs, tem que se privar de determinadas coisas*”. A mãe sempre dizia que “*ser mãe era muito difícil e que dava muito trabalho*”, e acha que por isso que demorou a ter.

Alice e o marido queriam “*curtir a vida*”, e só com cinco anos de casados resolveram ter filhos. A primeira gravidez foi planejada – achava que seria um menino, mas não quis

saber o sexo. O marido queria menino para colocar o nome do pai dele. Alice acabou aceitando. A segunda gravidez não foi planejada, e perdeu o bebê. Quando planejavam a terceira gravidez, ela aconteceu, e foi bem recebida.

Foi levada a ser mãe pela *“necessidade de... complementar, foi ficando um vazio. É aquela coisa de, eu e ele, ele e eu, né, aquele negócio, todo dia, ficou muito rotina”*. A decisão de ter filhos foi acordada, e pensaram em ter mais filhos, mas por causa da situação financeira preferiram não ter.

Acredita não ter sido influenciada na decisão pela maternidade e revelou ter muita vontade de ver como seu filho seria: *“Eu imaginava que eu ia ter uma menina, parecida comigo, (...) meu cabelo era muito liso, aquele cabelinho chanel, não teve nada disso, mas eu tinha essa vontade de ver”*.

Pensava que a maternidade fosse algo tranquilo e fácil de lidar, mas descobriu que não é, porque *“quando eles estão bebês, você não pensa que ele (...) vai crescer, vai ter personalidade é... vai ter os seus pensamentos, querer impor suas idéias e opiniões”*. Achava-se preparada para ser mãe, mas com os filhos *“caiu tudo por terra”*. *“Não sei é nada, nunca soube de nada, sou uma... um zero à esquerda. Tudo que fazia achava que tava errado e até hoje eu sinto isso”*. Recorreu à leitura e também às experiências da sua mãe e das irmãs.

No primeiro filho, demorou muito a voltar a trabalhar, ficou *“mãe 24 horas”*, só em função do bebê, só dentro de casa, *“anulando-se”*, muito dependente do marido, embora não quisesse. Após um tempo, voltou a trabalhar por opção própria e por incentivo do esposo, mas foi muito difícil, pois teve que *“vencer barreiras, assim, dentro de mim mesma”*. Sentia-se insegura, embora se considere boa profissional. Com o segundo filho Alice não esperou muito para voltar a trabalhar. Deixava o filho com empregada, e como tinha um horário bem flexível, conseguiu conciliar.

Depois que teve os filhos sua vida melhorou, porque antes *“era tudo em cima de mim, entendeu, [o marido] cobrava demais”*. Crê que, como mulher, também melhorou porque antes *“era mais focada na vaidade, na coisa exterior, hoje eu tô mais focada no ser, não no ter, né, eu acho que isso de... mudou muito, pra melhor”*. A chegada dos filhos não alterou sua vida afetiva, *“não modificou nada, eu acho que hoje nós, enquanto marido e mulher, estamos bem melhores do que antes.”*

O marido sempre ajudou com os filhos pequenos e ela nunca precisou solicitar tal ajuda: *“Ele acordava, pegava ele, levava pra eu amamentar, punha pra arrotar, colocava*

no berço de novo. Sempre me ajudou muito". Ajudava com tarefas de casa, exceto cozinhar. Sempre gostou muito de passear com os filhos e de brincar com eles.

Quando os filhos eram pequenos não tinha parentes por perto. "*Não tive aquele contato de, de deixar com a avó, deixar com a tia pra ir numa festa*". Sempre contou com o apoio da pessoa que trabalha em sua casa desde a primeira gravidez, pessoa que permanece até hoje, sendo considerada da família. Com o filho mais velho essa pessoa cuidava mais do serviço doméstico, enquanto Alice ficava "*exclusivamente mãe*". Já no segundo, ela ajudou como babá. Nunca deixou os filhos com vizinhos.

Acredita que a tarefa do homem é trabalhar, sustentar, pagar as despesas mais pesadas, mas acha que o marido deveria deixar as coisas um pouco para ela "*porque ele tomou tudo pra ele*". Também acha que o homem deve colaborar na educação dos filhos, é tarefa dos dois. "*É 50% pra cada um, né, 50 pra mim 50 pra ele*".

Em sua casa as tarefas são divididas. Acha que hoje os papéis são mais flexíveis: "*hoje em dia não se permite mais isso, o mundo não te permite ter aquele papel de mãe, mãe só pode fazer isso e isso, pai tem que fazer só isso, isso e isso, eu acho que a gente pode, né, um ajudando o outro*".

Acredita que o marido interfere demais na educação dos filhos, cobra demais, o que não é bom. Acha que ele "invadiu" seu espaço de mãe, e seu papel ficou "*um pouco ofuscado*", por causa dele e também da empregada, pois interferem muito na criação dos filhos, tomam seu "*espaço*".

Apesar de reconhecer que filho dá trabalho e que não tem a vida de antes, sobretudo, do ponto de vista financeiro, crê que está sendo muito bom ser mãe, muito "*gratificante*": "*é um amor assim inexplicável (...) um amor diferente!*" "*Tô gostando, eu acho que a gente, é... eu acho que tinha que ser assim, não, não ia querer diferente*".

Acha que "erra" muito, culpa-se muito, e isso a está estimulando a procurar uma terapia: "*parece que eu erro mais do que acerto*". Vê como ponto negativo nela como mãe a impaciência, pois se irrita facilmente. Crê que poderia ser uma mãe melhor. Como ponto positivo ressalta "*a alegria de ver seu filho, é... aprender a andar, falar e... de olhar pra ele e, e identificar alguns pontos que você identifica nele, eu identifico nele alguma coisa que eu, que eu fui ou que eu gostaria de ser.*"

Acredita que as pessoas a percebem como mãe dedicada. O marido, às vezes, põe um "*defeitinho*", e cobra que ela é uma mãe relapsa, "*mas (...) eu acho que, no fundo, ele não acha isso direto, todo dia*".

Acha muito importante para os filhos uma formação religiosa e a transmissão de valores familiares. Considera pior criar filhos hoje, pois cada um educa de um jeito, o que acaba dificultando. A mídia também interfere bastante, assim como o consumismo.

Alice relata que a mesma educação deve ser dada para menino e menina, guardadas algumas diferenças de acordo com o sexo. *“Se é pra educar o menino cê vai falar focado no sexo masculino ali, né, no caso da camisinha, é... focar na educação, ele tem que ser tanto educado quanto ela”*.

Acha que hoje a mulher é mais envolvida diretamente com os filhos e mais preocupada com eles, pois antes, *“apesar da mulher ser submissa, ela tinha aqueles afazeres domésticos, ela não tinha aquela coisa assim... pelo menos a minha mãe, eu vejo muito por, pela minha experiência, de tá sentada conosco, assistindo (...) um programa, batendo papo, saindo, levando aqui e ali”*. Porém, crê que hoje está muito pior para criar os filhos do que antigamente. *“na nossa época parecia que os padrões eram, assim mais... nivelados, né, o que o meu pai falava, o seu falava, o da... do outro falava”*. Acha que hoje cada um educa de um jeito, o que acaba dificultando a educação.

Procura estar sempre junto com os filhos: tomam café, almoçam, jantam, conversam sobre a escola, ajuda no dever de casa, assistem TV, vão a clubes. Leva-os à missa, e tem tentado evangelizá-los, mesmo o marido não sendo católico.

Relatou que sua mãe era muito rígida e preocupada com a educação dos filhos, com a *“parte religiosa”*, e com a alimentação. Sonhava que as filhas estudassem e se formassem professoras, pois *“naquela época, né, pra ela era tudo de bom”*. Também gostaria que os filhos estudassem e tivessem uma boa profissão.

Às vezes, se identifica com a mãe e faz coisas que ela fazia, mesmo sem querer. Acha-se uma mãe parecida com ela, às vezes, no lado *“bem negativo”*, como bater nos filhos e gritar demais com eles. *“Grito muito e bato, não, não espanco não, de vez em quando eu bato”*. Contou que a mãe batia por qualquer motivo, e gritava demais, e não tinha muito tempo de pegá-los no colo, de fazer carinho, e também não conversava com eles abertamente, *“só falava assim que não queria que a gente casasse grávida, que não era bom, que era muito complicado, que a sociedade não aceitava (...) colocava isso na cabeça da gente, mas não explicava também, se fizer isso vai ficar grávida por causa disso, igual a gente conversa hoje”*. Nesse aspecto não se parece com ela, pois conversa com os filhos abertamente.

Acredita que a relação com sua mãe mudou depois que se tornou mãe. Passaram a ter uma relação mais próxima, e ela passou a dar mais valor a sua mãe e a entender suas

atitudes. Com relação ao filho, Alice acredita que será um bom pai, pois está aprendendo muita coisa boa com ela.

Estrutura 3 – A experiência de Berenice

BERENICE tem 65 anos, é viúva há 9, ficou casada por 31, tem uma filha de 38 e um filho de 33 anos. Nasceu e foi criada numa cidade de porte médio do norte do ES, e com 32 anos mudou-se para a capital, onde reside hoje. Cursou o ensino fundamental até a 5ª série. Trabalhava fora antes de se casar, após o casamento não pôde continuar. É católica não praticante.

Berenice se casou com vinte e cinco anos. Conheceu o esposo na época em que estava cursando datilografia próximo ao cinema. Ficavam se “*olhando*” e ali começaram a namorar. Foram dois anos e meio entre namoro e noivado.

O casamento não fazia parte de seus planos, apesar de ser muito valorizado entre as moças de sua época. “*Todas as moças mesmo da minha época, a função delas era o casamento*”. O casamento representava uma estabilidade para a mulher na época, “*porque geralmente a mulher não tinha profissão, ela tinha que viver submissa ao marido*”.

Berenice não pensava em se casar, dizia que ia ser freira, e atribui isso a influência de uma amiga de família muito religiosa. “*Eu sempre dizia que eu não ia casar... e quando eu vi, eu tava casada. Então eu acho que eu não fiz muito plano pra casar não, aconteceu*”. Quando dizia que não ia se casar sua mãe ria, e falava que ela não tinha encontrado ainda o que queria. Não se prendia a namorado algum, saía sozinha para bailes, e por conta disso perdeu muitos namorados.

Acreditava que casamento dava muito trabalho, era “*uma responsabilidade muito grande*”. Considera que se casou “*velha*” e para ela o casamento foi “*casa, filhos, marido, aquela rotina de vida, que eu vi a minha mãe fazendo*”. Achava que ia ser “*mais ou menos*” como o casamento da mãe.

Segundo Berenice, naquela época o casamento para a mulher era “*casar, ter filho, tomar conta de casa (...) as mulheres de antigamente, sua mãe, a minha, eu, casamos pra ser empregada de homem... Então eles não queriam uma esposa, uma companheira, eles queriam uma empregada pra tomar conta da casa, lavar roupa, passar e pronto, a barriga no fogão*”. As mulheres eram muito submissas e agüentavam caladas até mesmo agressões físicas do marido, porque não tinham como sobreviver. Aprendiam que o casamento era eterno, “*tinha que ficar até que a morte os separe*”, por isso não era comum separação. A mulher separada “*não tinha valor nenhum*”. “*A mulher tinha que viver numa prisão, não*

podia nem... se voltasse a namorar então aí que... naquela época era falada né que chamava”.

Acha que hoje há mais igualdade, porque a mulher trabalha fora, e a maioria dos homens participa mais da “*vida dentro de casa*”, ajudando com os filhos e com a casa. Também acredita que hoje há mais diálogo entre o casal, e a mulher reage mais. Atribui essas mudanças ao fato da mulher ter lutado por seus direitos. “*A mulher acordou, a mulher deixou de ser burra, ela lutou pelos direitos dela, e ainda tem muita coisa ainda pra conquistar*”. Apesar de estar mais “*aberto*” hoje, destaca que ainda existem casais com a “*cabeça de trinta anos atrás*”.

Afirma que não estudou quando jovem por “*preguiça*”. Começou a trabalhar com quatorze anos para ajudar a manter a casa. Nessa época, por incentivo da patroa, voltou a estudar, mas em seguida parou. Quando quis voltar novamente já tinha começado a namorar o esposo, e ele achou que não precisava. “*O meu marido era machista, achava que ele que tinha que, ele que tinha que dar a conta do recado (...) e eu fui aceitando*”. Hoje tem opinião diferente. “*A mulher tem que respeitar o marido, procurar ser uma boa esposa, procurar orientar a empregada, orientar os filhos, mas ela também, ela tem que ter a... pensar um pouco nela, um pouco nos desejos dela*”.

Contou que no começo do casamento se acomodou, mas depois sentiu necessidade de trabalhar e voltar a estudar. Começou a fazer bolo e torta “*pra fora*”, mas o marido proibiu. “*E a ‘besta’ aqui... abaixei a cabeça*”. Quando quis voltar a estudar o marido alegava que ela precisava ficar com os filhos, então ela desistiu.

Fazendo uma avaliação de sua vida conjugal, crê que se fosse hoje não teria se casado. “*Se fosse hoje em dia pra eu casar eu não casaria... ter meus filhos, eu ia ter meus filhos independente. Eu ia procurar estudar, ter um emprego onde eu pudesse manter os meus filhos (...) Não casaria não, ter responsabilidade com homem, marido, de jeito nenhum*”. Destaca como único ponto positivo de seu casamento os filhos. “*Negativo... quase tudo*”.

Segundo Berenice, o marido era muito machista e não foi um bom esposo. A única coisa que ele nunca fez foi agredi-la fisicamente. Como pai era “*excelente*”, foi “*muito bom pai*”. Conversava com os filhos, dava muito apoio, ajudava com as tarefas escolares. Era muito organizado, muito “*certinho*”, chegava a ser “*enjoado*” com as coisas dele, e cobrava dos filhos essa organização.

Durante suas gestações o marido não era de ficar “*paparicando*”. “*Porque hoje em dia eu vejo pai passar a mão na barriga, beijar, ele não fazia isso, porque antigamente ninguém fazia isso*”. O marido a acompanhava nas consultas de pré-natal, mas em sua

opinião, o fazia por obrigação. *“Ele sempre ia comigo e tudo, mas era assim, levava eu acho que por obrigação, mas não ficava procurando saber aquilo e isso aqui não, ia lá, o médico falava e tava tudo bem”*.

Com os filhos pequenos o marido também era muito atencioso. *“Ele dava carinho, mas era um carinho que não é igual hoje... ele pegava no colo, mas não é aquele chamego, aquela coisa que eu vejo muito pai fazer hoje com os filhos.... Antigamente os pais não faziam isso também”*. Ele não participava do cuidado direto com os filhos e não tinha nenhuma iniciativa de ajudá-la. Não levantava à noite, não levava ao médico, não cuidava. Gostava de levar os filhos para passear.

Na educação, o marido participou mais. Contudo, Berenice procurava não passar todos os problemas do dia para ele, visando poupá-lo. *“Eu procurava resolver com as crianças, quando eu via que eu, que era uma coisa mais... que passava um pouquinho dos limites, aí eu levava ao conhecimento dele, mas senão ele não sabia o que, o que se passava aqui dentro de casa não (...) poupava o máximo”*.

O marido não participava das atividades de casa. *“Deus me livre... ele não fritava um ovo! Queria tudo na mão”*. Berenice não solicitava a ajuda dele porque isso era visto como tarefa da mulher. Ela aceitava tudo *“numa boa”* para não entrar em conflito, evitava brigas ao máximo. Ressalta que ele não deixava faltar nada em casa.

Com os filhos pequenos, Berenice não teve muito apoio da família do esposo, era mais sua mãe que a apoiava. A mãe a ajudou muito na época em que o filho mais novo nasceu e também quando ele ficou doente, e seu pai também a apoiou muito.

Desde que casou Berenice sempre teve lavadeira, e em alguns momentos, empregada. Nunca foi de deixar os filhos com outras pessoas, amigas ou vizinhas, era muito superprotetora. Quando tinha empregada em casa, a mesma ficava responsável pelas tarefas domésticas, exceto cozinhar, que sempre foi tarefa sua.

Hoje, Berenice crê que o homem deve ter as mesmas responsabilidades em casa que a mulher. *“Mulher não é escrava de ninguém não... e nem o homem né (...) Hoje em dia num tem esse negócio isso é pra homem isso é pra mulher não, eu acho que os dois têm que caminhar juntos”*. Acha que errou em não ter atribuído tarefas da casa aos filhos, que, por vontade do marido, tinham como única obrigação estudar.

Depois de casados o marido cursou dois cursos superiores, e Berenice acredita que isso mudou a forma dele pensar para *“pior”*. *“Como o meu sogro dizia: Quanto mais estudo, mais burro o cara fica... porque as pessoas que tinham mais estudo gostavam de pisar nas pessoas mais humildes”*.

Acha que o seu casamento foi “*quase a mesma coisa*” que o dos seus pais. A diferença é que a mãe, apesar de ser dona de casa, lavava roupa e costurava “*pra fora*”, com a permissão de seu pai. Já seu esposo nunca permitiu. No resto acha que era a mesma coisa. “*A mesma coisa, quem cuidava dos filhos era a minha mãe, quem fazia compra era a minha mãe (...) era mamãe que fazia tudo, era cuidar das crianças, fazer comida, lavava roupa, passar*”. Acha que teve um pouco mais de conforto do que sua mãe. “*Eu tive mais conforto que minha mãe, eu não tive a vida tão apertada*”.

Berenice pensava em ser mãe. Acha que seu desejo pela maternidade se deu pelo fato de gostar muito de criança. “*Sempre gostei muito de criança... o meu marido não me obrigou não, isso aí eu quis mesmo*”. Não se conversava sobre filhos entre amigas na sua época de juventude. Pensava em educar seus filhos, ensinar “*o bom caminho*” e dar-lhes “*estudo*”.

Quando ficou grávida não pensava se estava preparada para ser mãe. “*Eu senti a maternidade normal, não tive assim (...) uma expectativa não*”. Quando se casou não adotaram nenhuma medida contraceptiva, esperavam que a qualquer momento ela fosse engravidar. Os sogros queriam muito um neto, mas não foi por isso que ela engravidou. Ficou grávida depois de um ano e oito meses de casada. Teve três filhos, um morreu logo após o nascimento, ficando com um casal. Não quis mais filhos por causa de seu tipo sanguíneo. Tinha medo da criança nascer “*excepcional*”. O sonho de seu esposo eram quatro filhos, mas o dela não. Para ela, “*dois é o bastante*”.

Crê que com o nascimento dos filhos o relacionamento conjugal muda muito. “*Sempre muda né, até porque aí tem que dividir... tá certo que o amor é diferente, o amor do filho é um e o amor do esposo é outro, mas... você tem que dividir... e muitas vezes o marido não aceita, acha que a gente está dando mais atenção à criança*”. Acha que o casal deve estar preparado, senão surgem atritos.

Acredita que a chegada dos filhos acabou afetando seu relacionamento íntimo com o marido, mas deu para contornar. “*Afeta porque, às vezes, no ‘rola e rola’ o menino grita Mãe... aí tem que parar tudo né (...) aí é um balde d’água que joga*”. Acha que isso depende muito do homem também. “*Depende da cabeça do homem também né, porque tem homem que não aceita né*”.

Para Berenice, o marido a manipulava a partir da maternidade, pois tudo o que queria fazer o marido não permitia por causa dos filhos. “*Ele sabia que eu era muito apegada aos filhos, então ele me segurava ali*”.

Crê que a relação com sua mãe não mudou pelo fato de ter se tornado mãe. Também não percebeu nenhuma mudança em si mesma em virtude da maternidade. Contudo, disse que com a maternidade a mulher fica *“mais responsável”*. *“A gente fica com outra cabeça... querer um futuro melhor pra eles, querer adquirir alguma coisa que a gente possa ajudar eles mais tarde”*.

Avalia a maternidade como *“a melhor coisa do mundo”*. Acha muito positivo ver o resultado da educação que deu aos filhos. Não vê nada de negativo na maternidade, a grande dificuldade que aponta é quando os filhos adoeciam. *“A parte ruim é isso aí, mas o resto a gente vai dum lado, vai do outro, vai contornando”*.

Segundo Berenice, as pessoas nunca a criticaram como mãe. *“Como mãe ninguém me criticou não, nunca ninguém me falou que eu era super mãe, nem mãe relaxada..., como mãe ninguém pode falar de mim não... tive erros, tive acertos”*. Reconhece que era muito super-protetora, e *“prendia”* muito os filhos, principalmente a filha.

Crê como muito importante na criação e educação dos filhos mostrar-lhes *“a verdade”*, ensinar a nunca mentir, a ser honesto, a respeitar os outros, a nunca querer passar por cima dos outros para subir na vida. Hoje, julga que menino e menina devem ser educados da mesma forma, mas antigamente não era assim, a criação era diferente. *“Antigamente tinha esse negócio Ah porque se o menino for fazer isso vai virar veado, se o menino fazer aquilo vai virar veado”*.

Berenice sempre foi responsável por tudo em relação aos filhos. Quando eram bebês, ela cuidava, trocava, dava banho, alimentava, pegava no colo, colocava para dormir. No primário levava-os para escola. Nunca foi de sentar com os filhos para estudar, apenas dava apoio e ajudava nas dificuldades, acha que a criança deve fazer as tarefas sozinha. Tinha o costume de dar mesada aos filhos como forma de ensinar-lhes a lidar com dinheiro. Hoje faz isso com a neta, e acha que nesse ponto acertou.

De acordo com Berenice, sua mãe sempre foi uma pessoa muito sofrida, muito doente e não tinha tempo de dar carinho aos filhos. *“Ela saía seis horas da manhã e chegava em casa seis horas da noite... então ela não tinha nem tempo de dar carinho a gente, nem muita orientação pra gente”*. Quando os filhos foram crescendo, ela parou de lavar roupa para fora e ficou só cuidando da casa, aí passou a conversar mais com os filhos. *“Não era aquela mãe pegajosa não, ela dava muito conselho à gente, conversava muito com a gente, muito aberta com a gente”*.

Acha que tem *“muitas coisas”* da mãe, *“eu sou mais pra mais parecida com ela do que pra menos”*. Aponta como diferença o fato da mãe ter tido uma vida muito difícil, de

muito trabalho, e por isso acabou “*esquecendo*” um pouco dos filhos, ao passo que ela “viveu para os filhos”. Crê que sua mãe era “mais aberta” do que ela em certo ponto, e dava mais liberdade aos filhos. “*Mamãe era muito aberta com a gente, a gente tinha liberdade com mamãe, pra gente sair e tudo, ela dava muita liberdade pra gente, com limitações sim*”. Berenice prendia muito os filhos, o marido era mais liberal. “*Eu não sei também se foi a época que eu fui criada, tinha menos violência, não sei se tinha... esses aspectos contribuíram também pra isso né*”. Acha que a criação que deu aos filhos é parecida com a que recebeu, mas nem tudo é igual. “*Alguns exemplos a gente segue né, mas outros a gente... tem a personalidade da gente que é diferente*”.

Acha que a filha é uma mãe “*bem diferente*” dela. Crê que essa diferença é por causa da época. A filha é mais aberta e carinhosa com a filha do que ela foi. O que vê de parecido é o fato da filha ensinar coisas que ela também ensinava aos filhos, como boas maneiras, convivência com as outras pessoas.

Berenice acredita que atualmente tanto a mulher como o homem estão mais abertos. Outra diferença é que hoje os filhos vão para creches. “*Na minha época não tinha isso, não podia nem, nem cogitar né, criança ia pra creche pra poder a mulher ficar em casa sem filho, e a mulher também não aceitava, eu não aceitava (...) Hoje em dia também as mães não ficam muito grudada com os filhos*”. Crê que as coisas mudaram por causa do “*progresso*”. “*A mãe com esse negócio de precisar trabalhar fora e... quer ser independente né (...) elas tão criando o espaço delas e eu acho isso certo... não é que ela perdeu o amor aos filhos nem nada não, só que elas estão também olhando pro lado delas... Porque na minha época a gente só vivia pros filhos*”.

Estrutura 4 – A experiência de Bárbara

BÁRBARA tem 38 anos, é casada há 13, tem uma filha de 9. Nasceu numa cidade de porte médio do estado do ES, mas foi criada na capital. Coursou o ensino superior completo, e está cursando pós-graduação. Sempre trabalhou fora. É cardecista.

Bárbara se casou com vinte e oito anos. Conheceu o esposo num grupo de amigos, e foram cinco anos entre namoro e noivado. Pensava em ter uma família, filhos, mas apenas depois que estivesse “*estabilizada*” profissionalmente. Afirma que pensava assim por influência da mãe, que sempre foi muito dependente do marido, e não queria isso para a filha. “*E eu acho que eu assumi isso pra mim, achei que era uma coisa válida*”.

Bárbara não conversava sobre casamento com amigas, pois não era uma coisa que a preocupava. Crê que suas expectativas quanto ao casamento foram alcançadas, pois nunca

idealizou um “*príncipe encantado*” e nem “*casamento pra sempre*”. Pensava no casamento como um espaço para dividir sua “*vida afetiva*”.

Segundo Bárbara, o casamento não interferiu em outros aspectos de sua vida. “*Nunca permiti que o casamento interferisse em absolutamente nada que fosse meu projeto de vida*”. Também atribui isso a uma influência de sua mãe. Em relação ao casamento, considera-se uma “*felizarda*”, pois encontrou “*o que procurava*”. Como não tinha expectativas de algo perfeito, não se decepcionou com o casamento. “*Como eu nunca procurei um príncipe encantado... como eu nunca tive expectativa de nada muito perfeito e sem problemas, não tive decepções nesse sentido*”.

Afirma que seu esposo atendeu as suas expectativas como marido e pai. Procurava um homem que fosse companheiro, bom caráter, e que não fosse “*machista*”. Acha que vêem o mundo de forma muito parecida, apesar de serem diferentes.

Sempre existiu uma divisão de tarefas entre ela e o esposo com relação à filha. O marido sempre participou do cuidado e não demonstrava preferência em termos de atividades. A filha, por sua vez, quando era bem pequena, preferia brincar e passear com o pai, e no caso de fome, sono e doença, preferia a mãe.

Como ela e o marido sempre trabalharam fora, nenhum dos dois nunca se dedicou muito a casa. “*A casa, eu nem poderia falar assim em relação à divisão, até porque eu não sou boa dona de casa*”. Sempre contaram com a ajuda de empregada, mas quando estão sem esse apoio, dividem. Acha que a mãe a influenciou muito nesse sentido, pois não queria que a filha passasse o que ela passou. “*Falava muito isso, não cuide da... não fique cuidando da casa, não deixa homem te explorar*”.

Afirma que o que determina a divisão de tarefas em sua casa são características suas e do marido e não o fato dela ser mulher e ele homem. Crê que não há tarefas especificamente do homem ou da mulher em casa. “*Acho que depende do contexto, depende da necessidade, depende das possibilidades*”. A única coisa que crê ser tarefa exclusivamente da mulher é a amamentação.

Acha importante estabelecer responsabilidades em casa para a filha, mas não conseguiu colocar isso como uma obrigação. “*Sabe qual é problema, eu sou uma péssima dona de casa, então é difícil você ensinar algo que você não tem*”.

Segundo Bárbara, quando era pequena não brincava de boneca, apesar de ter muitas. “*Meu avô dizia que eu tinha sangue de homem, porque eu brincava na rua, eu brincava de queimada, de bolinha de gude, de, de pega ladrão, de... eu gostava de brincar na rua, eu não brincava de casinha, de boneca*”.

Para Bárbara, sempre foi possível conciliar o casamento e a maternidade com o trabalho. O fato de ter encontrado uma babá de muita confiança quando a filha era pequena também favoreceu a conciliação. Nunca permitiu que o marido ou qualquer outra pessoa se “*intrometesse*” em sua vida profissional. Ela e o marido negociam suas atividades em função da filha, que é prioridade, e ressalta que se tivesse que assumir uma atividade que prejudicasse a filha não assumiria. Reconhece que a maternidade acabou interferindo em outros projetos de vida, mas conseguiu adaptar todos os seus projetos. A filha está em primeiro plano.

Para Bárbara, não dá para afirmar que o casamento hoje é diferente de trinta anos atrás, pois há diferentes realidades. Afirma conhecer casais que têm um casamento parecido com o de seus pais, e outros que têm um casamento muito parecido com o seu. “*Mudou pra uns, pra outros não*”. Contudo, admite que hoje há muito mais informação.

Acha que não há nada em seu casamento parecido com o casamento de seus pais. Crê que sua mãe a preparou para não passar pelos mesmos erros que ela e isso foi “*determinante*”. “*Eu não consigo pelo menos enxergar nada de parecido*”.

Com relação à separação de pessoas próximas, segundo Bárbara, os comentários são sempre de “preocupação” e nunca de “julgamento”. Enquanto sua mãe sempre quer saber o porquê da separação, ela e o esposo se preocupam com o bem estar da pessoa que está se separando.

Em relação à questão de ter filhos, ela e o marido decidiram juntos. Contou que teve muita dificuldade para engravidar e que a gravidez foi muito desejada e planejada. Sempre pensou em ser mãe, desde muito pequena. Não acha que foi influenciada nesse desejo. Sua mãe não era muito favorável a ela ter filhos, inclusive teve muita dificuldade em aceitar a gravidez da filha. “*Eu já tava com vinte e oito anos e ela dizia que era cedo, muito cedo pra eu ter filho (...) influenciada eu fui pra não ter filhos, se eu seguisse a onda dela eu não teria filho não*”.

Afirma que depois que teve sua filha ficava se lembrando com raiva de cenas divulgadas na mídia em que tudo transcorria tranquilamente com a criança. “*O que eu escutava, na verdade, não era realidade, o que eu escutava assim, o que a mídia me trazia não era realidade*”. Apesar disso, não acha que foi influenciada por isso. “*Não fui influenciada porque a minha decisão de ser mãe era maior que isso*”. A quantidade de trabalho gerada pela maternidade não era clara para ela, reconhece que ser mãe é “*extremamente trabalhoso*” e “*sacrificante*”. “*A minha sorte é que como o desejo era muito grande, aí todo o resto fica fácil*”.

Segundo Bárbara, ela e o esposo não puderam contar com a ajuda de familiares quando a filha era pequena. *“Não contamos porque todo mundo doente, né, minha mãe doente, minha sogra doente... o avô da minha filha, o meu sogro, ele não era uma pessoa que saberia lidar com um bebê, é um ótimo avô, mas... não, não saberia lidar”*. Tiveram que contar apenas um com o outro em relação ao cuidado com a filha. *“Como eu não tinha sobrinhos, nada, a primeira fralda que eu troquei foi na maternidade, eu não sabia trocar fralda, né, e fizemos tudo, assumimos tudo”*. Não podiam contar com outros tipos de suporte, como amigos, vizinhos. Contaram com a ajuda de uma *“babá maravilhosa”*, que tinha uma relação muito boa com sua filha. Tinham uma empregada para cuidar da casa.

Mesmo na gestação não pode contar com o apoio da família, pois logo os pais sofreram o acidente de carro, que acabou ocasionando a morte de seu pai e o adoecimento da mãe. Acha que tudo o que passou nesse período pode ser uma das causas da dificuldade de sua filha com sono. Sua mãe teve amnésia pós-traumática e rejeitou o bebê. *“Ela aprontava horrores comigo durante a gravidez, e ela não se lembra de absolutamente nada, então... foi muito complicado”*. O marido foi fundamental nesse momento e a ajudou muito.

Como mudança decorrente da maternidade ressalta seu medo da morte em virtude de ter alguém sob sua responsabilidade. *“Depois da maternidade a maneira como eu encaro os cuidados com a minha própria vida são diferentes, é diferente, eu não me sinto mais no direito de me colocar a certos riscos, assim, é, sem necessidade, entendeu, isso é marcante pra mim”*.

Crê que o nascimento de sua filha mudou seu relacionamento com o esposo. *“Muda porque o tempo que você tem pra dedicar ao outro é menor”*. O fato de não ter ninguém da família para ajudar com a criança contribuiu nesse sentido, pois ficava tudo por conta deles. *“Nós nunca tivemos assim uma avó pra deixar pra poder sair”*. Ressalta que a dificuldade foi agravada em virtude de um problema da filha em relação ao sono.

Em virtude desse problema da filha, seu relacionamento íntimo com o marido também ficou afetado. Mas depois que ela foi melhorando, tudo foi voltando ao normal. *“Se você perguntasse pra mim Você quer transar ou você quer dormir? Eu quero dormir. Você quer dormir ou quer comer? Eu quero dormir. Você quer fazer qualquer coisa ou quer dormir? Eu quero dormir. Porque eu morria de sono”*. Crê que o amor foi fundamental para superar essa situação. *“É amor né, que segura a gente, senão, senão você não vai não, só, só amor dá conta”*.

Acha que a relação com a mãe não mudou em decorrência da maternidade, até porque sua mãe não aceitava a criança em consequência do acidente. Acredita que o que pensava

da sua mãe como mãe continuou pensando, não mudou pelo fato dela ter se tornado mãe. Afirma que sua mãe sempre foi uma mãe legal. *“As coisas legais que ela fazia, as coisas ruins que ela fazia, eu continuo achando legais e ruins, é, mesmo sendo mãe, mesmo repetindo algumas delas”*.

Para Bárbara, com a maternidade veio a idéia de *“completude”*, de *“potencialidade completa do feminino”*, pois pelo fato de ter tido dificuldade para engravidar sabe exatamente *“o que é se sentir uma árvore que não dá frutos”*. A vivência da maternidade superou suas expectativas, e está sendo melhor do que ela tinha imaginado. *“Ah, é muito melhor do que eu tinha imaginado, muito melhor do que eu tinha imaginado”*.

Achava que não estava preparada para a maternidade em relação aos aspectos práticos e julgava estar preparada do ponto de vista emocional. *“Na verdade eu me enganei nas minhas duas avaliações sobre mim... Porque eu achava que eu não estava nem um pouco preparada para os aspectos práticos, e razoavelmente dei conta, e achava que tava bastante preparada para os aspectos emocionais e não dei tanto conta assim”*.

Crê que a maternidade *“é uma experiência maravilhosa”*, e que não acha que tenha algo negativo nessa experiência. *“Com tudo que eu falei, com todas as noites sem dormir, ainda assim é maravilhoso”*. Menciona os *“preços que paga pra viver essa experiência maravilhosa”*. Ressalta que não são preços pesados de pagar, pois toma cuidado de não fazer uma concessão em relação a filha que lhe seja muito custosa.

Segundo Bárbara, a maternidade trouxe um grande enriquecimento pessoal. *“Veio um sentimento que eu não consigo ter por mais ninguém... eu nunca me imaginei dando a minha vida por alguém e por ela eu daria... me traz um enriquecimento pessoal enorme porque é uma experiência tão única, te alarga o sentimento em relação às outras pessoas”*.

Bárbara procura curtir cada fase de sua filha. *“Eu curto cada fase, não gostava muito quando ela era bebê, bebê não faz a minha cabeça, só faz cocô, chora, mama, sabe, é... agora a partir do momento que ela começou a interagir comigo, aí... a cada fase eu curto tudo”*. Nunca se preocupou com o que os outros pensam dela como mãe. Sua mãe acha que ela e o marido são melhores pais do que eles foram, e que ela é mais dedicada, mas Bárbara não concorda. *“Eu acho que eles foram melhores que nós dois em muitas coisas, acho mesmo”*. Sua *“comadre”* acha que ela é uma boa mãe, mas ao mesmo tempo, acha que é superprotetora e controladora. Afirma não saber bem o que o esposo pensa dela como mãe. Acha que ele também a considera superprotetora, e sabe que ela não permite que alguém tente prejudicar a filha. *“Quando alguém a está prejudicando, menina! Eu viro algo irreconhecível, eu tô falando sério, ele tem razão”*.

Bárbara considera muito importante na criação e na educação da sua filha, em primeiro lugar, valor moral. Também classifica como importante ela se respeitar, respeitar o coletivo, entender um pouco esse mundo à volta dela, ser feliz. *“Na verdade, eu só me preocupo com aquilo que eu preciso passar de valores pra ela, porque o resto eu não tenho como garantir”*. Afirma não saber se há diferença entre educar uma menina e um menino.

Bárbara acredita que acaba sendo um pouco dura com a filha para que ela aprenda a lidar com a vida. Desde pequena procura não fazer e dar tudo o que ela quer, e é muito preocupada com a questão ética. *“A questão da ética, dos valores, das normas e do correto e do perfeccionismo eles são muito fortes em mim, e eu acho que eu peguei pesado com ela nesse sentido, eu acho que eu sou dura com ela às vezes”*. Ressalta que não é de cobrar muito da filha, mas acaba passando isso na convivência. *“Eu acabo fazendo ela ficar adulta muito rápido por conta disso”*. Ela e a filha brigam muito, pois ambas têm um gênio difícil, mas logo depois fazem as pazes. Nunca pensou em como será a filha como mãe, porque nunca faz projetos para a filha.

Segundo Bárbara, sua mãe sempre foi uma mãe muito presente. *“Uma mãe que nunca foi muito de contato físico, mamãe não é de carinho de, de abraço e beijo, mas assim, nunca houve uma atividade na escola que a minha mãe não estivesse presente, nunca houve um aniversário que ela não fizesse uma festa pra mim com tudo que você puder imaginar”*. Admira-se com o fato dos pais terem conseguido não demonstrar diferenciação entre ela e o irmão na criação deles.

Bárbara se acha uma mãe muito diferente de sua mãe, mas reconhece algumas coisas parecidas, como falar muito alto, o que não considera *“legal”* na educação de uma criança. Acaba sendo superprotetora como a mãe, só que num grau bem menor. A mãe também tinha muita preocupação com a questão da ética. Como diferença aponta o fato de ser mais carinhosa com a filha. *“Eu beijo, eu abraço, eu agarro, eu digo que eu amo ... eu fico nua na frente da minha filha, minha mãe não ficava na minha frente”*. Acha que a participação dos pais também interfere muito na questão da educação. *“O meu pai e a minha mãe combinavam muito no estilo de educação, e eu e meu marido também”*.

Segundo Bárbara, não é possível estabelecer diferença entre ser mãe hoje e ter sido mãe anos atrás apenas em virtude de época. *“Eu não consigo aliar a uma época exatamente porque eu vejo mães de tudo quanto é jeito, passando por inúmeras situações”*. Acha que depende de vários fatores. *“Depende do marido que você escolhe, depende da sua condição financeira e depende do seu desejo”*.

Estrutura 5 – A experiência de Célia

CELIA tem 60 anos, é casada há 40, tem quatro filhos (dois homens, 38 e 22 anos, e duas mulheres, 37 e 28 anos), nasceu e foi criada numa cidade de porte médio do sul do estado do Espírito Santo, onde reside até hoje. cursou o ensino médio, não trabalhava fora na época em que se casou, mas após algum tempo de casada passou a trabalhar fora. Atualmente trabalha na organização de festas. É católica praticante.

Célia começou a namorar o esposo com catorze anos e se casou com dezenove. Disse que o namoro era mais de *“olhar e tal”*, pois o pai vigiava muito e não gostava do rapaz porque era pobre. Por isso que se casou *“cedo”*. O pai não entrou com ela na igreja porque *“não fazia gosto”* no casamento, queria que ela se casasse com outro. Como sempre teve muita *“personalidade”* não cedeu à vontade do pai.

Sempre encarou o casamento como *“coisa séria”*, por isso casou com quem amava. *“Pra poder ficar casada, entendeu?”* O namorado também era muito apaixonado por ela. O casamento era muito valorizado entre as moças da época, e tinha expectativas que seu casamento iria dar certo porque sempre teve *“fundo religioso”*. *“[Em] qualquer área a pessoa tem que ter fundo religioso. Tem que temer a Deus, porque temendo a Deus você suporta tudo, não é? Porque o casamento, o dia-a-dia não é fácil (...) Tem que ter renúncia, muita renúncia, muita coisa”*. Um irmão dele achava que o casamento não iria dar certo por conta do *“desnível de condição financeira e de escolaridade”*, pois o marido não concluiu o ensino fundamental (só cursou até o terceiro ano primário).

Acha que suas expectativas em relação ao casamento foram alcançadas. Para ela, seu casamento foi *“alicerçado na rocha”*, foi uma *“benção”*. *“Foi uma liberdade, foi uma coisa assim muito boa! Muito boa mesmo. Casamento pra mim foi ótimo”*. Afirma que o casamento foi um *“alívio”*, e mesmo depois de casada ainda sonhava com o pai vigiando-os.

Célia sempre *“segurou”* sua liberdade para conseguir *“segurar”* seu casamento, e procura fazer tudo sempre junto com o marido, mesmo sem muita vontade, às vezes, para não dar motivo dele querer fazer sozinho. *“Então a mulher tem que ter sabedoria”*. Quando se casou deixou os seus costumes e foi se adaptando ao que o marido gostava mais. Nos quarenta anos de casamento nunca teve uma decepção com o marido por conta de traição, e vivem muito tranquilos.

O único *“problema”* do marido é o jogo, mas hoje acha que não pode privá-lo de tudo o que gosta. Considera sua vida familiar boa - *“graças a Deus, não tenho droga na família, não tenho vício nenhum”*. Valoriza muito a família, é *“apaixonada”* por sua família, e passa isso para os filhos *“(…) família, dentro do plano de Deus, é a melhor coisa que existe”*. O

esposo também ama seus filhos e netos. Acredita que só é possível construir uma família assim, com muito amor.

Ela e o esposo saem muito, sempre foram de sair, de ir bailes, serestas. Nunca deixou sua vida ficar “*monótona*”, e nunca foi de ficar pensando em “*doença*”. O marido acha que agora estão com a vida “*toda enrolada*” por causa do neto que está praticamente morando com eles, pois às vezes têm que deixar de fazer algumas coisas, como sair, por causa dele. “*Inclusive [ele] tem reclamado com os outros, não tô nem gostando disso*”. Ela não concorda, acha que precisam cuidar do neto, já que ele não pode contar com a mãe dele.

Segundo Célia, os filhos são “*apaixonados*” pelo pai, que é um “*paizão*”, um “*pai para vinte e quatro horas*”. Ele atende a todos sem reclamar, inclusive a ela, que também o chama de pai. A filha mais velha sempre dizia que queria arrumar um marido igual ao pai. Afirma que ele sempre foi muito presente, e ela nunca precisou solicitar sua ajuda com os filhos. “*Meu filho quando acordava não chamava mãe era Pai*”. À noite ele levantava, trocava os filhos, fazia o que precisasse. Durante as gestações ele também era muito presente, ele a “*curtia*” muito, ia a todas as consultas de pré-natal. Atendeu as suas expectativas como pai.

Mesmo hoje, com os filhos todos adultos, é um pai interessado, “*que se mexe*”. O marido é uma pessoa muito tranqüila, muito calma, mas acha que também não “*almeja*” muito. “*Se ele tem cinco não precisa de dez, ele não tá fazendo esforço também não*”. Acha que por isso que conseguem conciliar, “*porque o querer que eu vejo hoje tá absorvendo muitas famílias*”.

Com relação ao casamento dos pais, Célia contou que, mesmo o seu pai sendo “*muito levado*”, a mãe levou o casamento “*ao tûmulo*”, tendo ficado casada por quase 50 anos. “*E ele morreu, daí dois meses e onze dias ela morreu apaixonada*”. A única coisa que quer copiar do casamento deles é essa questão de levar o casamento “*ao tûmulo*”. “*Ainda bem, graças a Deus, que o meu é bom, mas eu teria... dignidade pra levar um casamento, até assim... uma separação dentro de casa, assim pelos meus filhos, pelos meus netos e coisa, eu levaria, entendeu? Sem ninguém saber, né. Foi o que mamãe levou, isso eu acho que faria (...) porque só se tem filho equilibrado quando a vida é equilibrada*”.

Afirma que seu casamento não é parecido em nada com o da mãe. “*Meu casamento foi em cima assim de liberdade (...) E minha mãe não usava um batom, a minha mãe não... papai não deixava nada! Cortar cabelo... nada*”. Ressalta que está casada por quarenta anos e nunca passou pelo que a mãe passou. Acha que não é igual a mãe, porque a mãe era “*boba*” e ela não.

A mãe teve uma vida muito difícil, *“era difícil tirar um sorriso dela”*, pois o pai era muito ruim. A única coisa que o pai nunca fez foi bater na mãe, *“mas tudo quanto ele podia fazer pra sacanear ela, ele fazia”*. Ela não fazia parte da vida do pai. *“Bom pai! Marido horrível! Horrível, mesmo”*. A mãe era como *“escrava”* do marido, tinha que cuidar dele e dos filhos. O pai era muito *“seguro”* em casa, mas não com as *“mulheres de rua”*. A mãe sempre foi uma mulher *“muito apagada”*, e nesse sentido ela é totalmente diferente. *“Então eu não queria copiar nada, nunca quis, só o caráter dela”*. A mãe era analfabeta, ela que a ensinou a assinar o nome.

Acredita que hoje tem muito casamento por interesse, e cita o exemplo da nora, que segundo ela, casou por interesse, ao passo que seu filho se casou por amor. *“Inclusive ela já era mãe solteira, e ele casou civil e religioso”*. Acha que antigamente não era assim, era amor mesmo. *“Era amor, era umas... tinha as coisas, mas era menos, a moça se guardava mais”*. Crê que o casamento hoje está pior, principalmente por causa da ambição e da falta de pudor.

Relatou o caso de uma amiga que se separou na época em que era jovem porque o marido a traiu. *“Começou, tipo assim, saía, queria ter uma vida de rapaz, ela não agüentou, ela até tentou segurar”*. Aconselhava a amiga que não se separasse por causa da filha, que ela agüentasse, mas a mãe da amiga dizia para ela se separar. *“Agora tá uma coisa comum, entendeu, mas há uns trintas e seis anos atrás, trinta e sete, nossa, era uma coisa horrível! Ela tinha vergonha de sair, entendeu?”*

Célia começou a trabalhar quando o primeiro filho tinha dois anos, foi fazer uma substituição numa escola e gostou. Começou a trabalhar por necessidade também. *“Tinha que trabalhar pra sobreviver, porque pra eu poder dar tudo aos meus filhos, até, tudo até que eu não tive, entendeu?”* Como o pagamento demorava sair, *“a gente ficava seis meses sem receber do Estado, era uma coisa horrorosa”*, o marido falava que não valia a pena. Mesmo assim continuou.

Quando os filhos mais velhos eram pequenos, Célia os deixava com seus pais para poder trabalhar. *“Igual os meus netos ficam comigo bem, meus filhos ficavam com, com meu pai e com minha mãe”*. Acha que a mãe tinha todo o *“seu jeito”*. Quando a terceira filha estava com dois meses o pai morreu, e em seguida a mãe, e acabou ficando sem esse apoio. Nessa época a sua licença maternidade venceu, e ela não voltou mais a dar aulas, passando a trabalhar com venda de jóias, e *“graças a Deus, foi um sucesso”*. Levava a filha ainda bebê sempre com ela. Quando teve o filho caçula, os dois filhos mais velhos já eram adolescentes, e ajudaram a cuidar dele.

Nunca teve nenhum tipo de apoio da família do esposo. Os sogros não gostavam de ficar os filhos dela porque diziam que ela era muito “*enjoada*” e as crianças muito “*cheias de luxo*”. Também nunca foi de deixar na casa de vizinhos. Os filhos sempre tiveram babás, mas quando ela ia trabalhar a babá ficava na casa da mãe dela com as crianças.

Como Célia sempre trabalhou fora, ela e o marido dividiam as tarefas de casa, ele sempre a ajudou. Ele colaborava quando os filhos eram pequenos, “*dava mamadeira e tudo*”. Sempre dividiram a educação e o cuidado dos filhos, e procuraram dar bom exemplo. Quando não tinha empregada, era mais ela que fazia as tarefas de casa, era “*escrava de tudo*”, pois se desse para fazer não deixava para o marido, acabava não solicitando sua ajuda, até porque ele ficava muito cansado.

Crê que hoje os casamentos não estão “*indo pra frente*” por falta de responsabilidade da mulher, pois ela não está “*privilegiando*” os filhos e o marido, o que acredita ser sua tarefa. “*Eu acho que primeiro, o primordial seria, é, são os filhos e o marido (...) E mesmo eu trabalhando eu sempre fiz tudo pra não prejudicar nem o meu marido e nem as crianças, porque eu acho que as coisas caminham junto*”.

Segundo Célia, os filhos também tinham tarefas em casa quando eram pequenos. Não havia separação das tarefas entre meninos e meninas, todos faziam de tudo. Inclusive acha que a educação tem que ser a mesma para meninos e meninas. Afirma que quando a família está reunida e há algum tipo de tumulto ela é quem organiza e ninguém revida, “*aí quem lidera, quem segura, quem fala sou eu*”. Atualmente ela e o esposo trabalham juntos, “*então não tem dividido é tudo num bolo só*”.

Antigamente, quando o marido jogava muito, ela que controlava as coisas, pois tinha medo de passarem necessidade ou vergonha, e ele acabou se acomodando com a situação, e deixa tudo por sua conta. Acha que a tarefa do homem não é só sustentar a família, e também acredita que não é porque a mulher trabalha e ganha bem que não precisa de homem, pois uma mulher bem acompanhada “*todo mundo olha pra ela com bons olhos*”. Também acredita que atrás de um homem sempre existe uma grande mulher. Acha que tudo deve ser compartilhado entre os dois.

Célia sempre pensou em ter filhos, sempre gostou de criança, de cuidar de criança, mesmo quando ainda muito nova. Critica as mulheres que já têm algum tempo de casadas e dizem não querer ter filhos. “*E o casamento só é completo, gente, com os filhos, né? Como é que vai... a menos que a pessoa tenha problema*”.

Antes de ter filhos, Célia acreditava que estava preparada para ser mãe, porque sempre ajudou a cuidar dos sobrinhos, “*tive sobrinhos que passaram por minhas mãos*”.

Tinha expectativas de que o filho nascesse perfeito. Sonhava em ter parto normal, mas todos foram cesária.

Acredita que não foi influenciada em sua decisão pela maternidade, “*eu sempre fui muito cabeça, eu sempre quis o que eu quis, entendeu*”. Não estava satisfeita em ter apenas um casal de filhos, por isso quis ter mais, mesmo contra a vontade dos pais, do esposo e até do médico, que achava que ela não deveria ter por questões de saúde. Contou que essa decisão ficou por sua conta, mas o marido achava que dois eram suficientes. Teve a terceira filha depois de mais de nove anos e depois de seis anos teve o caçula, “*um temporão*”.

Célia queria que o primeiro filho fosse menina. “*Gente, eu era louca por uma menina! Amo meus filhos, mas se fossem todos meninas acho que eu... Sempre fui louca por menina*”. Ficou muito triste e decepcionada quando soube que o último filho era menino, pois queria uma menina, inclusive estava planejando o enxoval. Depois ficou na expectativa de ter uma neta, “*fiquei na luta pela neta*”, tem três netos homens, agora o filho caçula teve uma filha.

Quando teve o primeiro filho a situação ficou mais “*apertada*”, mas depois as coisas foram melhorando. Comentou que não gostava de aproveitar coisas que foram de algum dos filhos em outro, “*eu valorizava a criança que vinha, então tinha que ter um enxoval novo e belo*”. Achava que isso era um capricho, era “*um amor*”.

De acordo com Célia, na época em que teve os filhos eles tinham uma situação financeira muito boa, então viajavam muito, passeavam, sempre ela, o esposo e os filhos. Acredita que os filhos foram uma “*benção*”, era tudo o que queria, por isso não interferiram em outros projetos. Era vaidosa, gostava de arrumar seus filhos, e ficava orgulhosa de sair com eles arrumados. “*Nossa, eu curti, nossa. Pra mim foi um deslumbre, foi uma coisa maravilhosa!*”

Para Célia a maternidade foi uma “*realização*”, foi uma coisa que sempre quis. Nunca reclamou pelo fato de ficar ser dormir por causa do filho ou por qualquer outra coisa, pois eram situações que ela como mãe teria que passar. Acredita que a maternidade não interferiu em sua vida conjugal, pois começaram a ter “*outro tipo de vida, com mais amor*”. “*A gente sentia dentro do hospital ele tão gratificado com o filho que eu dei pra ele*”. Também não interferiu em seu relacionamento íntimo com o marido, conseguiam conciliar.

Acredita que ter os quatro filhos perfeitos é uma “*benção de Deus*”, e tem muito amor por eles. Para ela, ser mãe é um “*papel lindo*”. Acha que se não tivesse filhos seria uma pessoa “*frustrada*”, “*doente*”, porque é louca por criança. “*Até hoje, que eu tenho meus*

filhos, tenho os meus netos, eu vejo uma criança eu fico louca. E tem outra! Se eu me aproximo de uma criança ela já se joga". Por isso quis ter mais que dois filhos.

O cuidado com os filhos era "excessivo", e mesmo trabalhando fora "o tempo deles era tempo deles". Acha que como mãe sempre procurou acertar. Procura sempre dialogar, mesmo com os filhos já casados, e sempre procura ajudá-los em seus problemas, pois "a união é tudo". Crê que hoje em dia os filhos são "ombros" com os quais pode contar. Na criação dos filhos considera o diálogo "importantíssimo", pois acha que deve "passar" a realidade para os filhos, "não criar um mundo irreal". Acha que hoje muitos filhos têm pouco contato com os pais, não conversam, e isso não é bom.

Orgulha-se pelo fato dos filhos serem pessoas "de caráter", pois sempre orientou que tivessem dignidade, soubessem respeitar para serem respeitados. Sempre orientou os filhos e acha que "surtiu efeito". Agora está começando a fazer isso com o neto que está morando com ela. Está levando-o pra igreja, está tentando encaminhá-lo.

Quando os filhos eram pequenos, Célia não gostava de vê-los sujos, gostava de tudo "muito certinho", organizado, "nem amanhecia o dia, eu engomando as roupas das crianças, e sete horas eu tava na roça trabalhando, deixava tudo... e era tudo organizadinho, você pegava no escuro as coisas". O seu dia-a-dia era cuidar dos filhos, tinha que ser tudo no horário certo, acabou os acostumando mal. Nunca foi de bater nos filhos, nem o esposo, procurava conversar com eles. Afirma que os ensinou a trabalhar, e hoje estão todos bem encaminhados, e não quer que os filhos tenham a vida que ela teve.

O esposo brigava com ela por causa de comprar muito brinquedo para os filhos, pois ele achava que ela queria recompensar as crianças pelo fato de trabalhar muito. Afirma que não era isso, queria dar tudo aos filhos por achar que mereciam. "Filho merece tudo, você vai ter os filhos você vai achar, você deixa de comprar pra si pra dar pros filhos". Para ela, os filhos estão em primeiro lugar, pois "assumi o que Deus lhe deu".

Célia não vê nada como negativo na experiência de ser mãe, "é tudo positivo". Afirma que só tem alegria e agora está na fase ser avó. "Eu era louca pra ser vovó". Acredita que o marido a considera muito protetora, e que facilita muito as coisas para os filhos. Acha que deve fazer tudo pelos filhos, e que todos a consideram uma boa mãe.

Acredita que sua relação com sua mãe não mudou pelo fato de ter se tornado mãe, pois sempre foi boa filha, sempre fez "tudo" para a mãe. "Eu sempre fui muito amiga da minha mãe". Os irmãos acham que ela tem filhos bons porque foi boa filha. "Não parece não, mas é uma semente tá, que vigora do jeito que você planta".

Como mãe, Célia se acha “*parecidíssima*” com a mãe. Ela era excelente, uma “*mãezona*”, muito caprichosa, muito dedicada, “*vivia pros filhos*”. Era muito boa, calma, mas não sabia dialogar com o esposo para conseguir as coisas para os filhos, já que não tinha acesso a dinheiro. Nesse aspecto é muito diferente. “*Eu não sei se é porque logo também comecei a trabalhar, né, e ter o meu recurso*”.

Acha que a criação que deu aos filhos foi “*melhorada*”, porque ela é muito de conversar, e a mãe não sabia fazer isso. A mãe não sabia apaziguar as brigas dos filhos, não conseguia controlar, “*aí ficava irmãos seis meses, um ano, de mal*”. Isso não acontece em sua casa porque ela não deixa, ela tem “*voz ativa*”, não é como a mãe. Também ressalta a questão de não ter tido uma educação religiosa quando pequena.

Segundo Célia, a filha que é casada “*é uma esposa excelente, dona de casa, resignada*”, e orgulha-se disso. Acha que essa filha é bem parecida com ela, “*é igualzinho*”. Critica o fato de uma gestante andar com a barriga de fora, acha isso um “*desamor*”, e a filha que é mãe também pensa assim, e acha que a outra filha também vai ver assim. Célia tem um filho separado, mas afirma que a separação não se deu por causa dele, o problema foi da esposa, que o traía.

Acha que os netos são loucos por ela, apaixonados por ela, e irão retribuir todo o amor que ela dá para eles. “*Gente, se precisar de empurrar a minha cadeira de roda eles vão empurrar com muito amor porque eu dou muito amor pra eles*”. O neto mais velho diz que queria muito ter “*saído da barriga dela*”, e não faz isso com a mãe dele, o que até gera ciúme. Quando vai para sua casa pede para dormir com ela, aí o avô tem que dormir em outro quarto.

Para Célia, ter filhos hoje é mais fácil em termos práticos, pois tem “*fraldinha descartável, tudo mais*”. Acha que na sua época de trinta anos atrás era menos “*badalação*”, menos disputa, menos competição e as mulheres hoje acabam deixando o ser mãe a desejar, pois não têm tempo para nada, nem para os filhos. “*Então, uma mãe de trinta anos atrás ela já pensava nisso (...) a gente vivia com menos. Era feliz com menos*”.

Afirma que tem mãe que acha que a escola é que tem que educar a criança, mas ela não concorda, “*a escola tem que ter paralelo com a mãe, com a família, com o pai, porque a escola resolve parte, parte nós que temos que resolver*”. Critica as mulheres que deixam seus filhos por conta de empregada, ou de avó, de tia, pois acabam recebendo os valores dessas pessoas. Acha que as mães com boas condições financeiras, que podem contratar enfermeira, acabam perdendo a parte melhor, que é cuidar dos filhos. Crê que a mulher

deve pensar bem para ter um filho, deve ter “*afinidade*”, pois muitas mães têm filhos, mas não querem que eles atrapalhem a vida delas.

Estrutura 6 – A experiência de Clara

CLARA tem 37 anos, é casada há 15, tem dois filhos homens (12 e 8 anos). Nasceu e foi criada numa cidade de porte médio do ES, e atualmente reside na capital do estado. Cursou o ensino médio, trabalhava com organização de festas, mas parou quando se mudou para a capital. É católica praticante.

Clara se casou com vinte e um anos. Conheceu o esposo na adolescência, e com dezessete anos começaram a namorar. O namorado morava em outra cidade, mas à medida que o namoro foi ficando mais “sério”, mudou-se para onde ela morava, e continuaram lá após o casamento. Há cerca de três anos mudaram de cidade em virtude do trabalho dele.

Segundo Clara, sua mãe não queria o casamento. “*A minha mãe não aceitava de jeito nenhum meu casamento*”. Foi muito difícil, e sofreu muito. Afirma que se casou por amor, e sabia que com o casamento sua vida iria mudar, pois o namorado “*não tinha nada*”, “*ganhava uma miséria*”, e antes de se casar tinha tudo o que queria.

Mesmo depois de casada sua mãe não falava com o genro, e essa situação durou muitos anos. O pai dela sempre tratou o genro bem. Acha que a mãe só começou a mudar, de fato, em relação ao genro quando eles mudaram para outra cidade. Hoje a mãe diz se arrepender de ter sido “tão ruim” com ele, e a situação foi superada.

O casamento e a constituição de uma família faziam parte dos planos de vida de Clara e do namorado também. Crê que o casamento não interferiu em outros projetos, o marido nunca a impediu de trabalhar fora, “*nunca teve nada contra*”. Arrepende-se de não ter estudado mais, mas na época isso não tinha muita importância para ela.

Para Clara, o casamento “*tem seus altos e baixos*”. Acha que é difícil no início, e que o dia a dia traz dificuldades. “*É difícil, né, porque você namora com a pessoa, igual eu namorei cinco anos, então você acha que conhece a pessoa, mas não adianta que não é a mesma coisa, a partir do momento que você mora no mesmo teto as coisas mudam muito, então eu acho que o início é difícil pra todo mundo*”. Acha que o casamento precisa ter amor, “*porque com amor já é difícil*”.

Afirma que nunca foi de sonhar “*com tudo lindo, maravilhoso*”. Mesmo nas dificuldades, nunca foi de reclamar, e sempre procurou ter sua vida, mesmo morando próximo à mãe. “*Quando casei eu falei que eu não ia trazer problema (...) Tentei assumir o casamento*”. Acha que conseguiram lidar com as dificuldades.

Após seis meses que haviam se mudado para a capital o esposo pediu demissão na empresa onde trabalhava e ficou três meses desempregado. Foi um momento muito difícil. O esposo conseguiu outro emprego que o levou a trabalhar em outro estado, ficando a semana toda fora. Clara sentiu muito no início, pois tinha pouco tempo que havia se mudado e ficava a semana inteira sozinha.

O marido queria fazer uma festa para comemorar os quinze anos de casamento, e ela não queria muito, por conta da situação que estavam vivendo. Depois repensou, e acabou aceitando, pois viu que “*não é comum*” um marido querendo comemorar tempo de casamento. Inclusive, ele já está planejando a próxima festa.

O marido tem um bom relacionamento com os filhos, “*é bem amigo mesmo*”, sempre procura participar da vida deles, mesmo não tendo muito tempo por conta do trabalho. Ele gosta muito de brincar com os filhos, e, às vezes, suas brincadeiras a deixam irritada. Ele atendeu às suas expectativas como pai, é um “*paizão*”, “*os filhos dele em primeiro lugar*”. Durante as gestações ele também era bastante participativo, ia às consultas sempre que podia, conversava com a barriga, com o bebê.

Clara sempre trabalhou com a mãe na organização de festas. Pensava em trabalhar em outra coisa, porque trabalhar em família “*não é fácil*”, mas acabou “*ficando*”. Só parou há cerca de três anos, quando mudou de cidade. Na época em que só tinha o filho mais velho levava-o com ela para o trabalho, porque não passava o dia todo fora. Depois contratou uma empregada, que ficava com ele.

Hoje tem sentido falta do “*corre-corre*” do trabalho, pois agora só fica dentro de casa. Sua irmã cobra o fato dela não voltar a trabalhar, mas ela e o marido acham que no momento é melhor ela ficar com os filhos. Crê que não vale a pena deixá-los com outra pessoa e teme que algo ruim aconteça. Tem expectativas de voltar a trabalhar ou até mesmo a estudar quando os filhos forem maiores.

Clara acredita que o casamento “*antigamente era mais fácil*” em termos de “*vivência mesmo*”. Acha que as coisas se tornaram mais difíceis porque as opções de vida são muito maiores. “*Mas eu acho que antigamente não era ruim e nem agora é ruim, é, épocas diferentes, situações diferentes*”.

Contou que seu irmão mais velho acabou de se separar, estava casado há nove anos. Acha que eles nunca viveram bem, sempre foi um casamento “*frio*”. Brigavam muito, “*porque ela sempre quis mais do que ele podia dar*”. O irmão resolveu se separar por causa do filho, pois não dava para continuar do jeito que estava. Estranha o fato de com quatro

meses de separados a ex-cunhada já estar morando com outro. Desconfia que isso já acontecia.

Clara percebe semelhanças em relação ao casamento dos pais, como a questão de, às vezes, discutir perto dos filhos. “*Tem coisa que a gente infelizmente ainda traz*”. Mas acredita que não tem muita coisa parecida, pois procura que seja diferente, e acha que lida com as coisas de forma muito diferente da mãe.

Contou que o pai jogava muito, às vezes, saía de casa e só chegava no outro dia. Lembrou de situações em que foi com a mãe e o irmão mais velho de madrugada buscá-lo. Acha que se fosse ela, teria feito diferente, não envolveria os filhos. Procura evitar discussões perto dos filhos, porque “cansou” de ver isso acontecer com os pais.

Segundo Clara, a mãe sempre foi mais autoritária e o pai mais pacífico. A mãe começou a trabalhar para poder ajudar o esposo, mas acabou “*crescendo*” mais do que ele. Chegou uma época em que ela “*mandou*” ele fechar a oficina e ir trabalhar com ela, e ele foi.

Clara, quando teve o primeiro filho, não contou com auxílio de empregada. O marido a ajudou bastante nessa fase, acordava à noite para ajudar com o bebê, e ajudava com a casa. “*Não era muito de tomar a frente não, você tinha que pedir, até hoje né, cê tem que pedir*”. Após um ano arrumou uma pessoa que ficou em sua casa até quando mudou de cidade. Essa pessoa fazia tudo em casa, mas ela fazia questão de cuidar dos filhos quando era possível. No segundo filho foi “*tudo muito tranquilo*”, e o marido também ajudou bastante.

Em relação às tarefas de casa precisa solicitar a ajuda do esposo. “*Agora com os filhos, não*”, ele faz espontaneamente, “*ele é bem cuidadoso, sai pra brincar, não deixa sair sozinho, brinca, participa bastante*”. Crê que a principal tarefa de seu esposo, já que ela não trabalha fora, é arcar com as despesas da casa. Está ensinando tarefas de casa aos filhos, especialmente ao mais velho, pois acha que precisam aprender para o futuro.

A principal tarefa da mulher, em sua opinião, é participar da vida dos filhos, “*a participação é muito importante na vida da criança, é coisa que... que marca muito (...) partir do momento que você quer ser mãe, você tem que assumir o ser mãe mesmo*”. Critica as mães que deixam tudo por conta de babás.

Clara sempre sonhou em ser mãe. Quando o irmão mais novo nasceu ela tinha quase dezesseis anos, então participou bastante. Acha que não foi influenciada, “*era uma coisa que eu queria mesmo*”. O marido, assim como ela, queria ter filhos. Acha que chega um momento que o casal sente necessidade de ter filhos. “*Tem alguma coisa que tem que*

preencher". Sua mãe dizia que só quando ela fosse mãe iria entender o que é ser mãe. Concorda com isso.

Clara perdeu a primeira gravidez. *"Eu falo que eu não desejo pra ninguém perder uma gravidez, que é horrível. Ai você fica naquela né, será que eu vou conseguir de novo?"* Ficou tentando engravidar de novo, mas só conseguiu quase um ano depois. Foi uma gravidez de muitos cuidados, pois temia perder o bebê. O médico pediu que ela ficasse de repouso, e tomou remédio para *"segurar"* a gravidez. Engordou trinta quilos por conta desse remédio.

O primeiro filho foi muito esperado, era o primeiro neto, primeiro sobrinho, e ela teve muito apoio da sua família. *"Tudo eles me davam na mão... eu fui bem paparicada"*. Não conseguiu ver o sexo na ultra-sonografia, mas achava que seria um menino. Sua mãe estava *"torcendo"* por uma menina. Na gravidez do segundo filho também pode contar com esse apoio. Essa gestação foi mais tranqüila, *"sem medo"*, também foi desejada. Também sentia que era um menino, mas a mãe dela ficou, mais uma vez, na expectativa de uma menina.

Não pode contar com o apoio da família do esposo, pois o pai já tinha falecido e a irmã não morava na cidade. Só tinha a sogra por perto, mas ela era muito *"fria"*. Seus amigos sempre foram muito presentes, mas nunca foi de deixar os filhos com eles ou com vizinhos.

Clara imaginava que quando fosse mãe iria assumir os filhos, e não iria passar a responsabilidade para outros. Acha que conseguiu, pois nunca foi de deixá-los na casa da mãe para sair ou fazer qualquer outra coisa. Para ela, a mulher abre mão de muita coisa por causa dos filhos. *"Eu acho que isso é coisa de mãe mesmo (...) É o sentimento, é a doação, é o abrir mão, né da gente mesmo pra gente poder fazer tudo por um filho"*.

Quando teve o primeiro filho sentiu certa insegurança, pois queria ser o mais perfeita possível. *"Você fica com medo de errar né, então a gente tem aquela... um cuidado maior, tanto que o primeiro filho a gente acaba estragando eu acho né, o meu filho mais velho é totalmente dependente"*. Já no segundo filho foi mais tranqüilo.

Acha que com o nascimento dos filhos o relacionamento conjugal muda bastante, porque a mulher fica em função do bebê. *"No início (...) muda o ritmo porque você acorda de noite, é neném o dia todo, então até você pegar aquele pique você meio sem querer você deixa realmente o casamento meio de lado"*. Por isso, o casal tem que querer muito o filho, porque muda muito a vida dos dois. *"Então não só né, eu mulher tenho que querer como ele também, porque senão mexe bastante no casamento, mexe muito, mas mexe muito"*. Acha

que o homem tem que ter muita paciência para poder passar o período de adaptação, senão o casamento não resiste.

Crê que a maternidade não interferiu em outros projetos de vida, e que ela não mudou com a maternidade, pois nunca foi muito presa à “*vaidade*”. Acha que o seu relacionamento com a mãe não mudou muito depois que teve os filhos, pois sempre foi muito “*agarrada*” com a mãe, e de certa forma, até dependente dela.

Clara ressalta que ser mãe é “*ótimo*”, “*não tem coisa melhor*”. O complicado, em sua opinião, é que eles crescem e vai cada um para um lado. Acredita que não existe um ponto negativo em ser mãe. “*A gente faz realmente tudo com tanta... tanto amor, com tanto desprendimento que não existe negativo, mas positivo sim, a gente aprende muito, a gente cresce muito, amadurece bastante e eu acho que é isso*”. Enfatiza o prazer de amamentar, “*o que é bom de ser mãe é amamentar*”.

Acredita que os irmãos a avaliam como um mãe muito “*enjoada*”, no sentido do cuidado com os filhos, e super protetora. O marido é como ela, é bem “*enjoado*” também, e acha que ela tenta fazer tudo da melhor forma tanto para as crianças quanto para ele, nunca reclamou.

Aponta que sua mãe era muito “*enjoada*” com os filhos também, e é bem parecida com ela nesse aspecto. “*Eu tenho bastante dela nesse, nesse cuidado*”. Ela sempre foi muito cuidadosa, gostava que os filhos andassem arrumados, cheirosos e limpos. Sempre foi de participar muito, conversar, e sua casa sempre foi ponto de encontro para amigos dos filhos.

Considera muito importante na criação e na educação dos filhos, em primeiro lugar, uma formação religiosa. “*Sem o fundo religioso não tem como você educar*”. Também acha importante dar uma boa escola e ensinar os filhos a serem “*gente*”. “*Porque né, as pessoas hoje tão virando bicho, ainda falo assim, tão virando bicho, então vocês têm que ser gente... seja educado, honesto, sempre, sempre, sempre*”. Acredita que meninos e meninas devem ser educados da mesma forma.

Clara acompanha o dia-a-dia dos filhos. Procura conversar bastante com eles, saber como estão na escola. Enquanto os filhos estão na escola ela cuida da casa, e quando ela está fazendo alguma tarefa e eles estão em casa procura estar sempre atenta.

Quando os irmãos mais novos nasceram ela e o irmão mais velho acabaram ficando com muita responsabilidade, e acha que isso por um lado não foi bom. Procura não fazer o mesmo com os filhos, e tenta levar uma vida que permita que os filhos aproveitem bastante cada fase. Afirma que os irmãos mais novos tiveram uma criação muito diferente da dela e do irmão mais velho, pois a mãe era mais rígida com os filhos, depois ficou mais

permissiva. Acha que está criando os filhos “*mais ou menos*” como ela foi criada. Na época reclamava das atitudes da mãe em relação a ela, mas hoje está fazendo a mesma coisa.

Crê que pela forma como está criando seus filhos eles serão “*bons maridos e bons pais*”, e espera não ser uma sogra parecida com a mãe, pois ela foi muito ruim com o genro.

Clara acredita que os filhos, hoje, têm uma abertura maior do que antigamente pra conversar com os pais, para fazer perguntas. “*Eu acredito que essa diferença existe e é bem visível*”.

Estrutura 7 – A experiência de Dalva

DALVA tem 62 anos, é viúva há 9, ficou casada por 31, tem três filhas (39, 38 e 33 anos). Nasceu numa cidade de pequeno porte do sul do estado do ES e foi criada numa cidade de porte médio do mesmo estado. Estudou até a 5ª série do ensino fundamental, e parou de trabalhar depois do casamento. Quando solteira seguia o espiritismo por causa do pai, ao se casar converteu-se ao catolicismo por causa do marido.

Dalva se casou com vinte e dois anos. Conheceu o esposo quando trabalhava numa fábrica, “*ele passava (...) aí a gente se conheceu ali, dali a gente já começou a namorar*”. Foram quatro anos entre namoro e noivado, e o marido foi o primeiro namorado.

Não pensava sobre casamento, pois o pai não deixava as filhas saírem e namorarem, eram muito “*presas*”, e ele era muito “*enérgico*”. O pai ia buscá-la no trabalho à noite, mesmo depois de noiva. Só depois de um tempo de noivado é que permitiu que o namorado fosse buscá-la ao menos no sábado, que era o dia que namoravam. “*Mas eles eram muito enérgicos, meu pai e minha mãe era muito enérgico, chegava certo horário, ela já começava a bater janela, já sabia que era a hora dele ir embora né*”.

Não comentava com amigas a respeito de casamento, e não tinha muita “*noção*” do que era o casamento. Afirma que não tinha muita “*experiência das coisas*”, era “*muito boba*”, acha que por falta de conversar sobre isso e dos pais explicarem.

Acha que o casamento não atrapalhou outros projetos de vida. Não continuou a trabalhar após o casamento porque logo ficou grávida. A sogra interferiu, pedindo para que ela saísse do emprego, e ela saiu e nunca mais voltou. Quanto aos estudos, afirma que o pai não pode “*dar estudo*” aos filhos, pois tinham uma vida muito difícil, e todos os filhos tiveram que trabalhar para ajudar em casa. Não voltou a estudar mais tarde porque tinha muita dificuldade na escola, e também por falta de incentivo.

Acha que o seu casamento foi uma coisa muito boa em sua vida, assim como os filhos. Crê que sempre viveram muito bem. Só tem lembranças boas do seu casamento. “*Só tenho coisas boas pra falar dele, né, do nosso casamento*”.

Dalva não tinha expectativas a respeito do marido como pai. “*Eu acho que eu nunca pensei nisso, mas ele sempre foi um bom pai né, ele sempre foi um bom pai, e um bom marido*”. A relação de seu esposo com as filhas era “*maravilhosa*”, ele era um “*bom pai*”. Ele sempre foi calmo, não batia nas filhas, ao passo que ela era muito enérgica, brava, até por causa da criação que recebeu de seus pais.

O marido gostava de estar sempre junto com as filhas e de passear com a família. Sempre foi um marido “*legal mesmo*”. “*Era uma pessoa muito boa, muito amiga, sabe como, muito amiga, ele era caseiro, não era uma pessoa farrista, não bebia nem nada, ficava mais... era do trabalho pra casa, a gente só saía junto, era uma pessoa boa mesmo*”.

Dalva acha que a vivência do casamento hoje é totalmente diferente. Não acredita que atualmente seja melhor, “*porque a pessoa nem casa tá separando, às vezes tem o filho, logo separa, e as crianças que sofrem né, com a separação dos pais*”. Não se lembra de pessoas conhecidas que tenham se separado na época em que era jovem, pois não era uma coisa muito comum.

Crê que a educação dos filhos hoje também é diferente, “*é tudo muito aberto agora né, essa época agora de namoro, de tudo né, de casamento (...) É totalmente diferente, agora eles fazem aquilo que eles querem, antigamente, cê não fazia nada sem o pai num deixar, agora a filha resolve, mora antes com o namorado né... antes podia fazer isso? Nada disso*”.

Uma de suas filhas morou com o namorado antes de se casar, o que na sua época não podia, porque os pais não aceitavam. Antigamente os pais também não aceitavam quando a filha ficava grávida. “*Nossa senhora, se a filha ficasse grávida, Deus me livre, tem que forçar o rapaz a casar, agora não tem nada disso, casa se quiser, se não quiser não casa né, ninguém obriga ninguém a casar mais (...) então eu acho que tem essas diferenças*”.

Considera que seu casamento foi diferente do casamento de seus pais, pois seu pai era uma pessoa muito “*dura*”, e sua mãe reclamava que sofria um pouco com ele. Acha que o pai era uma pessoa boa, que lutou com dificuldade para criar os dez filhos, mas era uma pessoa muito “*enérgica*”, muito rígido, batia muito nos filhos por qualquer coisa. Sua mãe tentava conciliar, mas o pai era “*bravo pra caramba*”. “*Muitas coisas ela queria né, mas não podia né, por causa dele ser assim, pra evitar... de, de briga dentro de casa, né, aí ela até deixava, coitada, e ela também tinha que ser um pouco enérgica por causa dele (...) pra*

não viver em brigas, então tinha que... do jeito dele né, tinha que ser". Apesar disso, crê que os pais também viveram bem.

Seu pai era espírita, e fazia questão que os filhos seguissem essa doutrina, mesmo sem gostar. *"A gente nunca gostava de ir, mas cê sabe como que é, pai quer botar a gente pra ir, a gente ia, mas a gente nunca gostou"*. Depois que casou, logo mudou de religião.

Segundo Dalva, seu esposo sempre foi muito diferente de seu pai, era calmo e carinhoso. Ele a ajudava com os filhos, trocava fralda, passava, dava mamadeira. *"O meu esposo ele era uma pessoa muito boa, ele ajudava"*. Não precisava solicitar a ajuda dele com as filhas, *"ele ajudava mesmo, era espontâneo"*. Ele também participava das tarefas de casa, só não sabia cozinhar. Quando ela tinha filhos, ele a apoiava, ajudava a tomar conta das outras filhas, e sempre foi muito *"preocupado"*.

Para Dalva, a tarefa do homem na família é garantir educação aos filhos, dar *"estudo"* aos filhos. Já a responsabilidade da mulher é cuidar da casa e dos filhos, já que o marido trabalha fora. *"É tomar conta da casa, olhar pelos filhos, ver os estudos, na hora que eles tão estudando a gente tem que ajudar nas tarefas"*. Concorde que o marido quando está em casa pode ajudar, mas a tarefa mesmo é da mulher.

Suas filhas quando estavam maiores ajudavam com algumas tarefas, como *"arrumar uma cozinha"*, mas não deixava que isso atrapalhasse os estudos delas. *"Mas quando atrapalhava os estudos, aí não fazia nada, aí eu deixava né, porque horário de estudar, elas tinham horário pra estudar"*.

Dalva não pensava a respeito de ter filhos. *"Nunca pensei assim, de falar Ah, queria ter um filho, não, nunca pensei assim"*. Na época em que era jovem as pessoas não conversavam sobre filhos, e ela e o esposo também não conversavam sobre isso, e não era algo planejado. *"Nunca conversei sobre isso, porque eu logo casei, fiquei grávida, acho que na lua de mel eu fiquei grávida"*. Não tomava remédio para "evitar", ia acontecendo. Só depois que teve a segunda filha, é que começou a tomar remédio. Não lembra se ficou "eufórica" com a idéia de ser mãe. *"Eu fiquei alegre, assim, feliz né, mas, não lembro se eu fiquei assim muito"*.

Acredita que o nascimento das filhas não mudou o seu relacionamento com o esposo. *"Não, a gente sempre viveu bem, nós sempre vivemos bem (...) todo mundo fala Nossa, um casal que vivia bem"*. Também não interferiu em seu relacionamento íntimo com o ele. *"Tem hora que filho atrapalha um pouquinho né, mas a gente sempre dá um jeitinho"*.

Acha que a maternidade não interferiu em sua vida, *"não atrapalhou em nada não"*, mas crê que seu modo de pensar e agir mudou depois que teve filhos. *"Ah, muda um pouco"*

né, pra pessoa, porque a gente... depois que a gente é mãe tudo muda na vida da gente (...) O modo de pensar né, o modo de agir né, tudo, tudo muda". Afirmo que surge uma preocupação em não deixar faltar nada para os filhos. *"Porque a preocupação é você ter um filho e não poder dar nada ao filho né, então isso preocupa a gente né, então sempre o que a gente fez, a gente fez pros filhos"*.

Dalva acredita que sua relação com a mãe mudou depois que ela teve filhos, pois passou a dar mais valor a ela e ficaram mais amigas. *"Depois que a gente casa, aí que a gente vai dar valor às coisas, porque a gente passa também, aí a gente tem que dar valor aos pais da gente"*. A mãe foi uma pessoa muito boa para ela.

Acha que quando era solteira era uma pessoa mais calma, não era de brigar, mas depois que se tornou mãe ficou mais *"enérgica"*. *"Acho que depois que a gente tem filho, a gente começa a querer educar, e não sabe às vezes a maneira certa de educar né, a gente acaba educando... a gente fica assim né. Mas eu acho que isso tudo é falta de, da gente estudar"*. Por isso, ela e o esposo fizeram de tudo para garantir que as filhas estudassem. Também acha que algumas coisas de sua criação acabaram se refletindo em sua vida. *"Não é porque a gente teve a vida da gente, que os pais da gente foi que a gente vai ter né, mas algumas coisas eu acho que... reflete né, na vida da gente também né"*.

Segundo Dalva, ela não estava preparada para ser mãe quando ficou grávida da primeira filha. *"Sabia nada, tava preparada nada, sabia nada, fui aprendendo né, com a minha sogra, com a minha mãe (...) a gente vai aprender depois que tem o filho"*. Acredita que sempre foi uma mãe cuidadosa, sempre cuidou bem das filhas, e que ser mãe foi uma experiência muito boa: *"ser mãe é maravilhoso"*. Afirmo que é muito bom ver as filhas bem casadas, ter os netos, e acha que não há nada de negativo na experiência de ser mãe.

Uma das filhas sempre lhe diz que ela batia muito, mas ela pede a filha para esquecer isso. Reconhece que o que fazia não era certo, mas na época não sabia como lidar com isso. *"Eu acho que vai passando e a gente vai vendo que isso não se faz com o filho né, a gente vai aprendendo"*. O marido nunca *"zangou"* com ela porque batia nas filhas, mesmo ele nunca tendo batido; afirma que também não era ele quem ficava com elas o dia todo. Ela era muito enérgica com as filhas, e batia quando brigavam, *"perdia a paciência"*.

Considera muito importante na criação e na educação dos filhos criar com amor, carinho e respeito. Mesmo só tendo filhas, acredita que meninos e meninas devem ser educados de maneira igual, mas disse que não sabe como seria criar um menino. Falou que estranhou muito quando nasceu seu neto homem (só tinha netas), depois foi se acostumando.

Sua rotina quando as filhas eram pequenas era cuidar delas e da casa. Tinha que acordar muito cedo, cuidar das filhas, arrumar casa, fazer almoço, lavar roupa, era uma “*correria*”. Não gostava que as filhas andassem mal arrumadas, queria que elas estivessem sempre “*arrumadinhas*”. “*Nisso eu fui muito cuidadosa com as minhas filhas, não gostava de criança andar toda... mal arrumada, suja, acho que eu sempre fui cuidadosa com elas*”.

Segundo Dalva, sua mãe era muito cuidadosa com os filhos, e lutou com dificuldade. Mesmo trabalhando fora, Dalva e os irmãos tinham “*tarefinhas*” em casa. “*Então nós tínhamos obrigação, mas ela era uma pessoa boa, já era assim mais amiga da gente*”. A mãe conversava com os filhos, já o pai já era mais enérgico. Eram seis filhas e quatro filhos. Os filhos homens sempre ajudaram o pai na fábrica de balas que tinha em casa.

Dalva acha que é uma mãe diferente de sua mãe por causa da diferença entre o jeito do seu pai e do seu esposo. Seu pai era muito bravo, rígido, já seu marido era uma pessoa boa, mais carinhosa, tranqüila, não era bravo com ninguém. “*Às vezes as coisas que ela tinha que fazer, era por causa dele, por causa de papai né, mamãe tinha que ser mais enérgica, mas por causa dele, porque ele era bravo com ela também né*”.

Num primeiro momento, Dalva disse achar suas filhas diferentes dela como mães. Contudo, posteriormente, afirma que as filhas também são bravas com os filhos, e que não há muita diferença. “*Então eu acho que não tem tanta diferença minha não, eu falo que tem, mas acho que não tem não, porque elas também são enérgicas com os filhos delas*”. Acha que uma das filhas é muito nervosa, muito brava com os filhos, e que se tiver que bater, bate mesmo, como ela fazia. Ela até pede para a filha não bater, mas a filha diz que ela batia.

Dalva acha que não há diferença entre ser mãe hoje e antigamente, mas acredita que a vida antigamente era mais difícil do que hoje, “*agora acho que a vida é mais fácil*”. “*Antigamente as pessoas tinham pouco estudo, agora as pessoas têm trabalho, trabalham, o marido trabalha, tão tudo formado, ganha, cada um ganha o seu dinheiro pra ajudar em casa, então a vida pra... até pra educar os filhos é melhor, não é, não tem dificuldades*”.

Dalva teve o maior apoio de sua família e da família de seu esposo durante as gestações, e quando as filhas eram pequenas. “*Foram pessoas muito boas, me ajudaram muito*”. Sempre contou com o suporte da sogra, e quando tinha bebê ficava na casa dela durante todo o resguardo. “*Ela não deixava eu fazer nada, tudo é ela que cuidava, sabe como, ela não deixava eu passar uma roupinha, não podia pegar peso, nada disso*”. Mesmo antes de ter filhos, a sogra a ajudava com o enxoval. Depois que “*perdeu a sogra*”, a mãe também a ajudou bastante, inclusive quando teve a terceira filha, que nasceu em

outro estado, a mãe foi para lá ficar com ela. *“Então a minha mãe foi uma pessoa boa também pra mim, me ajudou muito né, foi uma pessoa boa”*.

Suas amigas e vizinhas também sempre a ajudaram a *“olhar”* as crianças, porque havia pouca diferença de idade entre elas, então dava *“muito trabalho”*. Dalva também tinha uma empregada quando as filhas eram pequenas, que a ajudava a *“olhar”* as crianças.

Estrutura 8 – A experiência de Diana

DIANA tem 37 anos, é casada há 13, tem uma filha de 11 e um filho de 4. Nasceu e foi criada numa cidade de porte médio do sul do ES, onde reside até hoje. Coursou o ensino médio e atualmente é comerciante. Quando se casou trabalhava numa empresa. É católica.

Diana se casou com vinte e quatro anos. Conheceu o esposo num centro de apoio ligado a igreja católica, do qual fazia parte. O esposo procurou esse centro após a se separar de sua primeira mulher, passando a participar frequentemente. Ele é onze anos mais velho que Diana, e tem um filho de vinte e dois anos. Eles namoraram por quatro anos.

Quando começaram a namorar, muitas pessoas criticavam o fato dele ser separado. A família de Diana não teve problemas em aceitar o relacionamento. *“Não em relação a minha família, de não aceitar, nada disso, mas em relação às pessoas em aceitar (...) hoje em dia ainda existe isso... pra gente foi complicado isso né, isso foi complicado, assim, a parte... a sociedade”*.

O casamento fazia parte dos seus planos de vida. Sempre se relacionou com pessoas que tinham intenção de casar. O casamento foi opção sua e não a atrapalhou em outros projetos. Relata que havia passado para um concurso em outra cidade quando estava terminando o segundo grau, e preferiu não ir porque tinha começado a namorar seu marido. Logo começou a trabalhar numa empresa, e ficou trabalhando lá por nove anos. Hoje, arrepende-se de não ter continuado a estudar, e afirma que, se tiver oportunidade, quer fazer uma faculdade.

Para Diana, o casamento não foi exatamente o que esperava. *“Quando a pessoa tá pra casar, uma jovem tá pra casar, ela pensa no casamento completamente o oposto do que o casamento é (...) eu acho que é mais complicado, a gente pensa de um jeito e na hora não é nada daquilo”*.

Afirma que, no início, o casamento *“é sempre bom”*. Um ponto positivo para ela foi a compra do apartamento onde moram. Também ressaltou como ponto positivo a chegada dos filhos, *“completa tudo, a gente vive pros filhos”*. Crê que em virtude da situação financeira, o relacionamento vai se desgastando um pouco, *“mas nada que a gente não dê a volta por*

cima e consiga superar". Esse é o único problema para ela. "O resto tá tudo tranqüilo, o resto tá tudo certo, nada que, assim, atrapalhe, não".

Diana tinha expectativa de que o marido fosse um pai como o seu. "Eu tenho uma imagem de pai, o meu pai, um paizão, aquele pai que... eu quando, por exemplo, quando eu era criança, eu acordava a noite, eu não chamava minha mãe, eu chamava o meu pai". Seu pai era muito presente, era maravilhoso, "tudo era a família". Acha que o marido também é um ótimo pai, mas não tem um bom relacionamento com a filha, é "mais chegado" ao menino que, segundo ela, "é a cópia xerox dele". Não consegue identificar qual o problema no relacionamento dos dois, parece que a filha o "incomoda". "Não é que não sinta amor, nada disso não, não é isso (...) mas é uma coisa assim, meio que afasta (...) e com o menino não é assim". Afirma que esperava mais do esposo como pai.

Durante as gestações o marido era presente, dava suporte, ia ao médico com ela. Quando os filhos eram recém nascidos ele não gostava muito de pegar e de cuidar, "tinha medo", mas depois que iam crescendo sempre participava. Ele não é muito de tomar a iniciativa, "mas se pedir vai". O marido gosta muito de levar os filhos para passear, vai com eles à praia. "A parte de lazer ele gosta muito de fazer. Em casa também, chega, senta, brinca, então quer dizer, ele participa muito".

Diana sempre trabalhou fora, e segundo ela, seu esposo sempre a incentivou. Até os quatro anos da filha mais velha Diana trabalhava em tempo integral, e achava "complicado". Depois optou por trabalhar apenas meio período para poder ficar mais com os filhos. "Esse meio período que eu trabalho, as crianças estão pra escola (...) aí a parte da tarde eu tô em casa, então pra mim isso não atrapalha em nada".

Crê que tem muita diferença entre a vivência do casamento hoje e trinta anos atrás, principalmente em relação a respeito. "As pessoas hoje em dia (...) não têm muito respeito, assim, nem respeito com os filhos, sabe, tudo bem que isso também tinha antigamente, mas as pessoas eram mais conservadoras né, e hoje em dia a gente não vê muito isso". Acredita que hoje é pior, e acha que as coisas mudaram por causa da independência feminina. "Naquela época a mulher não era independente, então, quer dizer, hoje em dia... antigamente a mulher não peitava o marido, assim, chegava na cara e falava as coisas, hoje em dia, fala, ela fala o que ela pensa, ela fala o que ela quer, se não gostou, não gostou, entendeu? Então ela... hoje a mulher não tem medo de pegar os filhos e ficar sozinha junto com eles, eu acho que o que mudou foi isso".

Segundo Diana, em seu grupo de amigas apenas ela ainda está casada. O motivo das separações, normalmente, é traição ou o amor que acaba. "Todos os relacionamentos das

minhas amigas que casaram na mesma época que eu, todos foram por causa disso, ou traição... a maior parte foi traição". Acha que com a independência feminina, as mulheres não se importam muito mais com a questão do casamento. *"A mulher que tá mais independente, não tá nem aí pra casamento, tipo assim, não deu certo, eu me viro sozinha. Hoje a preocupação não é aquela assim Ah, eu não vou me separar, porque o meu marido tem que me sustentar"*.

Acha que ainda hoje existe preconceito em relação a mulher que se separa, principalmente se tiver filho. Contudo, ressalta que, em muitos casos, *"a pessoa não fica nem mal falada por ter se separado, fica mal falada pelas atitudes que vem tomando depois do casamento"*, como por exemplo, não se preocupar com os filhos.

Crê que a única semelhança entre o seu casamento e o casamento de seus pais é a união da família, é o gostar de sempre estar juntos. Sua mãe nunca trabalhou fora, e isso é uma diferença. Outra diferença é em relação ao comportamento de seu pai e do seu esposo. *"O meu pai era aquele que ia da casa pro trabalho (...) meu marido, não é que ele faz nada, mas ele tem os amigos dele, tem o futebol dele, depois do futebol toma cerveja, então quer dizer, o temperamento do meu pai era ótimo, o do meu marido assim, não que é... mas ele é meio... entendeu, é aquele assim não leva desaforo"*.

Segundo Diana, seu marido *"não é muito chegado"* às atividades de casa. *"Ele não é muito de dividir não, as tarefas não"*. Afirma que ela não se importa com isso, porque gosta de fazer. O problema é quando estão sem empregada, pois como também trabalha fora, fica meio *"sobrecarregada"*, já que tem que fazer tudo. Com relação ao cuidado e educação dos filhos, é dividido. *"Eu sou muito exigente e ele também, então a gente assim num... tá sempre os dois juntos, na educação é bem dividido"*.

Diana sempre contou com o apoio da mãe, nas gestações e com os filhos pequenos. *"Mamãe sempre me ajudou com os dois"*. Não contou muito com o apoio da família do esposo, mas por opção própria. *"Porque a gente opta pela mãe da gente"*. Mas se precisar eles também ajudam. Os filhos não têm tarefas em casa, e a única coisa que cobra deles, principalmente da filha, é a arrumação do quarto.

Afirma que aprendeu que a responsabilidade do homem na família é sustentá-la. Contudo, crê que hoje em dia não é assim, e acha que a responsabilidade do homem é estar junto com a família, e ser presente na educação dos filhos. Com relação responsabilidade da mulher na família, aponta como principal o cuidado com os filhos. *"Eu acho que o principal da mãe é cuidar dos filhos (...) do marido, da casa né, e eu gosto disso, de não deixar faltar nada, de tá tudo ali certinho"*.

Ressalta que sempre pensou em ser mãe. Quando era criança e adolescente, pensava em ter um casal de filhos, o que se concretizou. Afirma “*viver para os filhos*”, e, às vezes, deixa de fazer as coisas para ela por causa deles, “*mas também não acho ruim por deixar de fazer não*”. Afirma que gosta muito de ser mãe, e acha que não foi influenciada em seu desejo pela maternidade. “*Foi porque eu quis mesmo*”. Como ter filhos foi opção sua, acha que a maternidade não interferiu em outros projetos.

Para Diana, só sendo mãe para saber como é. “*Então aquela... só aquela imagem de perfuminho, bonitinho, cheirosinho, que é o que a gente vê né, quando não tem filho... e a preocupação é outra, o trabalho é outro, a educação... é muito difícil educar, eu acho, hoje em dia, então, é mais complicado*”. As pessoas comentavam que era bom ser mãe, mas que era difícil também. Achava que ia ser mais fácil educar seus filhos, “*só que não é*”. “*É no dia-a-dia que a gente vai aprendendo, vai vendo ali*”.

Diana achava que não estava preparada para ser mãe antes de ter filhos. “*Eu achava que não, que eu ia passar dificuldades, mas eu acho que, assim, me dei muito bem (...) até mais do que eu imaginava*”. Sua primeira gravidez não foi planejada, mas foi bem-vinda, tinha dois anos de casada quando engravidou. Depois de seis anos teve o segundo filho. Não era sua intenção ter outro, “*aconteceu*”, mas também foi bem-vindo. O marido, apesar de já ter um filho do outro casamento, queria ter filhos com ela.

Acha que a chegada dos filhos mudou o seu relacionamento com o marido. “*Quando você casa, aquele início de casamento antes de filho é só você e o marido... Mas aí vem os filhos e, assim, não é que esfria... mas é uma coisa que tem outras pessoas pra você poder tá dando sua atenção, então o que muda é isso, que você tem que dividir sua atenção com mais... né, com outras pessoas assim*”. Com os filhos as responsabilidades aumentam e os “*custos*” também, o que acaba gerando atritos entre o casal. Em termos de relacionamento íntimo, acredita que a vinda dos filhos não chega a atrapalhar. “*Eu acho que acaba que, assim, não é sempre, né, mas... deixando pra depois, porque tem hora que é uma coisa, tem hora que é... deixa pra depois, espera pra depois (...) eu acho que a gente ia dando um jeito, dentro de casa, assim... eu acho que mais por esse lado, nada que assim incomodasse a gente, de atrapalhar nada não*”.

Acha que sua forma de encarar a vida mudou muito com o casamento e com os filhos, amadureceu muito e passou a dar valor a coisas que antes não dava. Acredita que sua relação com a mãe não mudou muito pelo fato de ter se tornado mãe também, pois sempre viveram muito juntas. A única coisa que acha que mudou é que a mãe passou a participar mais, e a ajudou muito com as crianças.

Até a fase de maiores cuidados com os filhos, acredita que foi muito bem como mãe. Depois que os filhos foram crescendo, sente que *“falha”* muito e acha que poderia ser melhor em relação à educação. *“Eu acho que eu... eu poderia ser melhor... assim, principalmente, da minha exigência, que eu sou muito exigente, eu cobro muito as coisas”*.

Vê como positivo em sua experiência de maternidade o fato de ter se descoberto uma *“mãezona”*. *“Eu não me, não imaginava que eu fosse ser tão assim mãezona”*. Critica as mães que não se importam muito com os filhos. O que vê como negativo nessa experiência é o fato de ser meio *“estouradona”*, e não ter muita paciência, o que acredita ser algo seu. *“Eu acho que é uma coisa minha, não é nem por causa das crianças, nada disso não, eu acho que eu... mas que acaba atingindo as crianças”*.

Crê que os filhos estão satisfeitos com ela como mãe, pois procura atendê-los no que pode. Acha que o mais importante na criação e educação dos filhos é o diálogo. *“O principal eu acho que é conversar muito, muito, muito”*. Procura dar a mesma educação para seus filhos, independente de ser menino e menina, e considera que as diferenças não se dão pelo fato de ser menino ou menina, mas por outros fatores.

Diana participa diretamente da vida dos filhos. Antes de ir para o trabalho os arruma e leva para a escola, depois, na hora do almoço, busca-os. Almoçam juntos, ajuda com o dever de casa. Se tiver que sair à tarde, deixa os filhos com a empregada, mas prefere não sair no horário que eles estão lá. Afirma gostar de estar sempre junto com os filhos e de participar de tudo.

Segundo Diana, sua mãe era muito brava com os filhos. *“Mamãe era muito brava, demais”* (...) *hoje em dia ela já tá mais mansa, bem mais mansa assim, até... não sei se é porque a pessoa tá envelhecendo, não sei, mas ela era brava pra caramba*”. Afirma que se lembra muito de sua infância, e não sabe ao certo se ficou alguma mágoa, pois a mãe era muito brava e batia muito nela e na irmã mais velha. Reconhece que a vida de sua mãe não era fácil, pois tinha três filhas para cuidar. Acha que talvez o fato de ficar o tempo todo em casa, já que nunca trabalhou fora, é que a deixava assim.

Acredita que é parecida com a mãe apenas com relação à exigência. *“A mamãe era exigente, eu também sou, não assim, aí vamo, vamo... vou colocar assim, mamãe era agressiva, batia muito, eu não sou muito disso, assim, se precisar eu dou... grito, mas não igual mamãe batia, mamãe batia pra valer mesmo”*. Aponta como diferença o fato de dar mais abertura para os filhos em relação a carinho e a conversar. *“Porque eu não tive isso da parte da mamãe, eu pelo menos não me lembro (...) então eu sou diferente, procuro ser*

diferente nesse ponto, porque eu quero minhas crianças, mesmo adultos, junto comigo, perto de mim, com aquele carinho”.

Diana acha que sua filha vai ser uma mãe melhor do que ela. *“Eu acho que ela vai ser melhor que eu... porque ela é muito carinhosa, ela é toda preocupada, assim, tem uma preocupação com as pessoas, de tá... de agradar”.* Acha que o filho é o oposto da filha, mas ele ainda é muito pequeno para saber. Espera que ele seja um bom pai.

Crê que hoje a mulher está mais preparada para ser mãe. *“A mulher estudou, a mulher saiu de casa, a mulher... né, e hoje em dia a mulher pode mais assim, ela domina mais o filho, porque (...) antigamente a mulher acho que muito... dependia do marido até pra isso né, até pra poder falar com o filho tinha que chamar o homem pra poder falar”.* Procura resolver as coisas sozinha e não ficar falando tudo com o esposo, principalmente se for *“coisa”* do dia-a-dia. Acha que a mulher está mais independente hoje nesse sentido. Contudo, crê que a educação dos filhos é mais complicada por causa da televisão, do computador e da influência dos outros.

Estrutura 9 – A experiência de Eva

EVA tem 72 anos, é divorciada há 27, ficou casada por 13, teve 6 filhos (dois falecidos - o filho mais velho tem 50 anos, e as filhas têm 49, 45 e 40. Nasceu e foi criada no interior do ES. Não concluiu o ensino fundamental, e não trabalhou fora após o casamento. É católica.

Eva se casou com vinte e dois anos. Conheceu o esposo *“na roça”*, onde morava, e onde ele ia passar férias. Não tinha vontade de se casar, casou para sair de casa. *“Porque lá em casa era um inferninho, a minha mãe era fogo, ela não deixava fazer nada, não deixava sair... era aquela tristeza... Acho que foi por isso mais que eu casei... Porque eu não gostava tanto dele assim não”.* Ela gostava muito de outro rapaz que morava próximo a sua casa, mas a mãe não aceitava o namoro, e queria que ela se casasse com o ex-marido dela, que era moço *“da cidade”*. *“Eu gostava de um cara lá na roça, mas ela fazia tudo pra eu ficar com ele”.* Casou sem gostar muito dele.

Eva não tinha expectativas de como seria o casamento, achava apenas que era *“para sempre”*. *“Acho que eu era muito boba... Eu pensava que a gente casava e ficava sempre casado... Porque a minha mãe e o meu pai ficaram sempre casados”.* Não se falava sobre casamento entre amigas e parentes.

Acha que ter se casado não interferiu em outros projetos. Contudo, não pôde estudar mais porque o marido estudava e trabalhava muito, então, não sobrava tempo para ela. *“Eu*

não estudei porque não tinha tempo também, porque ele estudava muito... ele trabalhava o dia inteiro quando nós casamos... eu ficava fazendo as coisas em casa, tomando conta das crianças, fazendo as coisas pra ele, não dava tempo porque só fazer as coisas pra ele bastava a minha vida". Antes de se casar, Eva trabalhou fora, mas após o casamento teve que parar. *"Ele achava que mulher era pra ficar dentro de casa".*

Como o marido sempre trabalhou muito e ainda estudava, Eva ficava muito sozinha. *"Ele não ficava em casa, eu ficava sozinha, só sozinha, e sozinha de noite, chegava onze horas toda noite".*

O marido se envolveu com outra mulher, que era amiga de Eva, e saiu de casa. Afirma que *"sabia e não sabia"* sobre a amante do marido, ele *"negava muito"*. Acha que ele se envolveu com a outra mulher porque não gostava mais dela. *"O que aconteceu é que ele não gostava mais de mim... ele se apaixonou por ela, não quis mais saber de mim, ficou de mal comigo aqui dentro de casa... Ele ficou assim... mesmo que um adolescente quando gosta"*. Antes mesmo de se separarem já dormiam em quartos separados. Não queria continuar como estava. *"Eu não queria viver com ele mais não, ele arranhou uma mulher, ele quis ficar com ela, e eu não queria mais saber dele também... Ele não dormia nem no meu quarto pra ele não me procurar"*. Os filhos sabiam de toda a situação. Hoje o ex-marido quer contato, mas ela não. *"Eu não quero nada com ele não, quando eu precisei dele ele não fez nada por mim"*.

Após a separação o marido se mudou para outro estado, pois *"detestava"* a cidade onde moravam. Antes de sair de casa tinha uma boa relação com os filhos, mas não era *"muito chegado não"*. *"Ele sempre foi um cara muito sisudo, sabe, muito sério, difícil ele rir, ele ficava de cara feia... e com os filhos era assim também"*. Hoje tem uma relação muito boa com os filhos.

De acordo com Eva, quando se casou o marido era *"muito ruim"* com ela, era muito *"ciumento"*. *"Por isso que eu digo a você que eu não acredito no que homem diz, porque ele era tão ciumento, e depois ele arranhou aquela mulher"*. Era muito *"responsável"* com a família antes de se separar, não deixava faltar nada em casa, tinha dinheiro *"em abundância"*, *"não tinha usura"*. Durante as gestações, a atenção dele se limitava a levá-la ao médico. *"Ele achava que a obrigação do homem era levar a mulher no médico, os filhos no médico, só"*. Quando os filhos eram pequenos ajudava a tomar conta quando saíam de casa. Nunca a ajudou no cuidado com os filhos. *"Trocar fralda, ele nunca trocou, nem dar banho, nunca deu banho... nem dá comida"*. Ele se preocupava com a educação escolar dos filhos, e ajudava com as tarefas escolares. Também gostava de sair com os filhos, às vezes.

O ex-marido atendeu as suas expectativas como pai. *“Eu acho que tinha que ser como ele é mesmo, porque ele pros filhos ele é muito bom”*. Porém, logo que se separaram o marido passava muito tempo sem ver os filhos. *“Ele foi embora sem dizer a ninguém, foi com ela e sumiu”*. Depois de um tempo, passou a visitá-los. Eva não permitia que entrasse em sua casa. *“Ele só não vem aqui, eu nunca aceitei ele vir aqui dentro da minha casa... Eu acho que hoje em dia é tudo moderninho, mas eu não sou moderna”*.

Mesmo com tudo o que aconteceu nunca proibiu os filhos de verem o pai. *“Eu era uma pessoa que eu tinha razão de não deixar nenhum filho olhar pra ele quando ele foi embora, porque o papel que ele fez foi muito chato”*. Logo que se separaram o ex-marido não mandava dinheiro para os filhos. *“Não dava nada, eu que me acabava todo dia na máquina trabalhando”*. Os filhos mais velhos também começaram a trabalhar para ajudar. Depois ele passou a mandar dinheiro, mas era uma *“mixaria”*, *“nunca deu nada que prestasse”*. Eva acha que o marido se arrepende do modo como agiu em relação aos filhos, e por isso age diferente. *“Eu acho que ele tem arrependimento... Por isso que ele faz isso com os filhos hoje em dia... abandonar os filhos daquele jeito, tudo crianças”*.

Eva ficou muitos anos sem se envolver com outra pessoa após a separação. *“Eu não tinha vontade de ter ninguém porque eu já tinha passado raiva com ele, como é que eu ia ter coragem de arranjar homem”*. Depois que todos os filhos haviam se casado é que *“arranjou”* um companheiro. Com três anos ele morreu, e ela não quis mais ninguém. *“Homem dá muito trabalho”*.

Na época de sua separação as pessoas *“censuravam demais”* a mulher separada. *“Quantas vezes eu passei ali na esquina, tinha uma mulher ali que os filhos dela estão todos separados hoje em dia... eu passava ali na esquina ela falava mal de mim, eu não ligava não, eu tava pouco me lixando”*. Eva não se importava com isso, pois achava que estava certa. *“Eu acho que desde a hora que cé não gosta mais tem que separar... Eu não gostei do modo que ele agiu quando ele saiu, sabe, agora que ele separou, não”*. Não conhecia ninguém separado na época. Hoje três dos seus filhos são separados. Depois que se separou foi vendo um *“monte de gente”* se separando. *“Aqui nessa rua, tá todo mundo sem o primeiro marido, tem muita gente separada”*.

Acha que hoje o casal se separa e fica amigo, e na sua época não era assim. Não fala com o ex-marido desde que se separou. Com a separação a família do esposo ficou do lado dele. *“Todo mundo virou o nariz pra mim”*. Apenas uma cunhada manteve amizade com ela. Sua mãe, quando soube da separação, mandou um dos filhos investigar a vida dela para

ver se ela estava traindo o marido. Depois do divórcio, conversou com a mãe e, só então, ela acreditou em sua versão.

Acha que seu casamento foi muito diferente do casamento dos pais. *“Eu acho que não foi parecido em nada... porque meu pai e minha mãe nunca se separaram, viveram sempre juntos, não viviam em grandes amores, mas eles tinham lá a vida deles, a intimidade deles, e eles nunca se separaram”*. Crê que os pais viviam bem. Tiveram oito filhos. O pai sempre trabalhou e a mãe ficava em casa. Ela também costurava.

Acha que hoje em dia a vivência do casamento é melhor que antigamente. *“Hoje em dia se tem mais liberdade... a moça tem mais liberdade, não é?! E naquele tempo não se tinha chance, era muito ruim”*. Atualmente as mulheres casam porque querem e com quem querem, ao contrário de antigamente. Suas filhas casaram com quem quiseram, ela nunca interferiu. Acha que as coisas mudaram porque hoje se tem mais liberdade. *“Hoje é mais liberdade... hoje tem mais separação, mas naquele tempo também as pessoas ficavam... não viviam, ficava um com o outro dentro de casa sem viver... não se gostavam”*.

Segundo Eva, ela era a responsável por todas as atividades relacionadas a casa e ao cuidado dos filhos. Antes de se separar tinha ajuda de empregada, que ficava responsável pelas tarefas de casa. Em sua opinião, a obrigação do homem na família é trabalhar, mas também acha importante ele ajudar em casa e com os filhos, embora seu esposo não agisse assim. Ela solicitava sua ajuda, mas não adiantava. Eva tem um filho que, após separar-se de sua esposa, foi morar sozinho e cuida da própria casa. Mesmo antes de se separar ele ajudava a esposa a cuidar da casa.

Acha que a responsabilidade da mulher na família é cuidar dos filhos e da casa, mas com a participação do marido. *“Hoje em dia o pai também dá banho, dá comida, muda fralda... no meu tempo não tinha esse negócio não... hoje em dia tá muito melhor”*. Critica o fato de meninas não fazerem nada em casa.

Quando se separou, teve que costurar e bordar para fora para cobrir as despesas. As filhas a ajudavam no cuidado com a casa, especialmente a mais velha. Todos tinham tarefas em casa, inclusive os filhos homens. Os filhos mais velhos começaram a trabalhar.

Eva sempre pensou em ser mãe. Achava que o casamento *“tinha que ter filho”*. *“Casamento sem filho é muito ruim”*. Segundo ela, na época em que era jovem ninguém falava esse “negócio” de ser mãe, não se comentava sobre isso como hoje, e não tinha muitas expectativas em relação à maternidade. *“Eu não tinha muito essa... não esperava nada não”*. Apenas ficava “apreensiva” por causa do dia do parto. Também não discutia com o esposo sobre essa questão dos filhos. *“Ia acontecendo, conversava não, naquele*

tempo ninguém conversava não, não é como hoje que a pessoa vai ganhar neném, sabe, idealiza e tudo". Apesar disso, afirma que tinha filhos porque queria. Não quis mais filhos depois do sexto, até porque o marido já estava saindo de casa.

Eva achava que estava preparada para ser mãe quando engravidou, pois havia ajudado a cuidar dos irmãos. *"Eu ajudei a criar meus irmãos, eu já sabia tudo, negócio de filho, lidar com neném, tudo eu sabia... eu tinha experiência"*. Quando ficava grávida e tinha os filhos pequenos uma cunhada que era solteira a ajudava. *"Ela vivia lá em casa"*. Sua mãe quase não ia em sua casa e não a ajudava. *"Ela só vinha, assim, quando eu ganhava neném ela vinha igual uma visita e depois ia embora"*. Também contava com a ajuda de vizinhos. Quando os filhos eram pequenos sempre teve empregada para cuidar da casa e também tinha lavadeira. Quando os filhos ficaram maiores passaram a ajudar, principalmente depois da separação.

Acha que seu relacionamento conjugal mudou depois que os filhos nasceram. *"Eu acho que isso muda muito né, porque quando a gente tem muito filho a gente se dedica demais aos filhos, mas eu me dedicava a ele também, ele que não se dedicava a mim"*. Acha que ter os filhos interferiu em sua vida no sentido de poder sair de casa, pois sempre gostou de sair, e por causa dos filhos não podia. Apesar disso, Eva acha que sua vida "melhorou" com a chegada dos filhos. *"A minha vida melhorou, porque filho, sei lá, filho é uma coisa boa... até quando eles são grandes é bom"*.

De acordo com Eva, com a maternidade, sua relação com a mãe permaneceu a mesma, apesar dela gostar muito dos netos. *"Ela gostava demais dos meus filhos... comigo não, mudou nada"*.

Aponta como mudança decorrente da maternidade o fato de ter mudado seu comportamento em relação a um irmão. Antes de ter filhos vivia chorando por causa dele, mas depois que teve os filhos, mudou, e os filhos passaram a estar em primeiro lugar. Sempre foi muito amorosa com seus irmãos, e é muito mais com os filhos.

Eva teve seis filhos, dois dos quais faleceram. Um faleceu ainda bebê e o outro na juventude. Sofreu muito com a perda deles e até hoje não se conforma. *"Até hoje eu não me conformo... não me conformo de jeito nenhum, mas a gente tem de se conformar... Deus é que sabe disso tudo"*.

Eva avalia positivamente a maternidade. *"Eu acho que ter filho é bom"*. Como positivo, aponta o carinho e preocupação dos filhos com ela. Crê que não há nada de negativo em ser mãe. O que foi ruim foi a perda dos filhos. Critica as mães que não se

dedicam aos filhos. *“Diz que mãe é mãe, mas não é toda mãe não, tem muita mãe ruim, eu vejo aí, tem mãe que não liga pra filho, bate nos filhos”*.

Acha que os filhos a vêem como uma boa mãe. *“Eu acho que eles acham que eu sou uma mãe muito legal com eles”*. Crê que compreensão é muito importante na criação e educação dos filhos. *“Um tem que compreender o outro”*. Em sua casa, meninos e meninas foram educados da mesma forma. *“Eu acho que foi todo mundo criado igual aqui em casa... o que é homem, é homem mesmo, graças à Deus, o que é mulher, é mulher”*.

Teve alguns dos filhos em casa e outros no hospital. Todos foram criados no ES. Afirma que a vida com os filhos sempre foi boa. *“Com meus filhos é tudo, eu adoro eles, eu sei que eles me adoram... eles gostam muito do pai, mas eles gostam muito de mim também, de mim eu acho que eles gostam até mais”*. Ela sempre fez tudo pelos filhos.

De acordo com Eva, sua mãe foi uma boa mãe, apesar de ser muito brava. *“Ela era brava demais”*, era uma *“fera”*. Ela batia muito nos filhos, era muito rigorosa, sobretudo com os filhos mais velhos. *“Ela não era mole não, eu e meu irmão sofrimos demais com ela”*. Tinham que fazer tarefas em casa. Com os filhos mais novos ela não era tão exigente.

Acha que não é parecida com a mãe como mãe. *“Deus me livre, eu nunca pareci com ela, eu dizia sempre, que eu não ia fazer com os meus filhos o que ela fez com a gente”*. Ao contrário da mãe, nunca bateu nos filhos. *“Eu nunca bati em filho, não precisa bater pra educar”*. Quando jovem, a mãe não conversava com ela sobre as coisas, não orientava. *“A minha mãe nunca conversou comigo nada não, quanto mais meu pai”*. Eva, por sua vez, sempre conversou com as filhas.

Fazendo uma comparação com as filhas como mães, aponta diferenças. Afirma que uma das filhas *“é uma mãe e tanto”*, mas não ouve seus conselhos, é permissiva, e às vezes, passa a responsabilidade de dar limite aos filhos para Eva, o que ela não concorda. Com relação a uma outra filha, acha que o neto *“responde”* muito a mãe, não obedece, e com ela isso não acontecia. A mãe faz tudo pelo filho, dá tudo o que ele pede, mas ele responde demais. Já a outra filha, é até *“mais positiva”* com o filho do que ela era. *“E não é só com filho não, com o marido também”*. Ela traz o filho *“no eixo”*, e exige que ele ajude em casa. Acha que essa filha é mais brigona que ela, mais brava, grita mais, e Eva já é mais calma.

Eva acha que tem diferença entre ter filhos hoje e ter tido anos atrás. Crê que hoje os filhos não têm o mesmo respeito e educação que antigamente. *“Hoje em dia os filhos... tem filho que grita com a mãe, briga com mãe, não obedece, não faz mais nada”*. Acha que as mães são a grandes culpadas por essa mudança, porque não exigem tarefas dos filhos como

em sua época e não impõem respeito. Acredita que hoje os filhos querem “*se mandar*” mesmo sendo dependentes dos pais e morando sob o mesmo teto.

Estrutura 10 – A experiência de Elisa

ELISA tem 45 anos, é casada há 20, tem um filho de 17. Nasceu e foi criada na região metropolitana da capital do ES. Quando se casou tinha o ensino médio completo e atualmente está cursando nível superior. Trabalhava fora quando se casou. É católica.

Casou com 25 anos. Conheceu o esposo aos 18, e começaram a namorar. Namoraram por sete anos. Achava que para casar teriam que gostar um do outro de verdade. “*Não casar só pra casar. Eu queria casar com uma pessoa que gostasse de mim e eu gostasse dela*”. Sempre teve muito “*medo*” do casamento, em virtude da separação dos pais. “*Às vezes eu tinha até assim, um pé atrás no casamento, por causa disso... eu nunca tive aquela coisa de ilusão, eu tinha pé no chão mesmo*”. Foi a última a casar de sua casa. Conversava com amigas e irmãs sobre o assunto.

Elisa acha que o casamento não interferiu em outros projetos de vida. “*Eu casei, e continuei trabalhando*”. O marido sempre a incentivou a trabalhar. “*Meu marido sempre me incentivou muito nessa parte do trabalho*”. Ele nunca interferiu no fato dela trabalhar enquanto o filho era pequeno, pois ela sempre “*deu conta*”. Elisa trabalha desde os catorze anos. Começou a trabalhar cedo, pois era “*toda ajuizada*” e queria ter dinheiro para fazer “*suas coisas*”.

Fazendo uma avaliação do seu casamento, aponta que, hoje, estão num bom momento. Atribui isso a mudança do filho, que começou a se desprender mais deles, e à mudança do marido, que parou de beber. “*Meu marido bebia... a bebida é terrível, então não precisa dizer muita coisa não, bebia de cair... todo dia*”. Até o marido parar de beber estava prestes a se separar, mesmo gostando dele, porque estava muito difícil, brigavam muito, e ela queria preservar seu filho e a si mesma. Esse era um ponto negativo de seu casamento.

Foi muito bom quando o marido parou de beber, ela o ajudou a parar. Acha que foi bom ele ter parado também por causa do filho, para não dar mau exemplo. Hoje o marido, além do trabalho, tem se dedicado à arte. “*Ele é um artista, ele sabe fazer cada coisa linda*”. Acha que o fato de ter feito análise a ajudou muito a superar as dificuldades de seu casamento.

Elisa acha que, independente da época, num casamento tem que existir respeito e amor, e que o casal deve resolver os problemas juntos. Em sua opinião, as pessoas hoje em

dia estão casando achando que é “*brincadeira*”, não estão refletindo sobre o que é o casamento, e casamento é uma coisa “*complicada*”.

Aponta que antigamente as pessoas ficavam juntas porque não queriam se separar, ficavam juntas sem se gostar, e não concorda com isso. Acha que no casamento cada um tem que ter seus projetos e estar juntos porque querem, e hoje é mais “*aberto*” nesse sentido. “*Se eu não gostar do meu marido, ele não gostar de mim, aí eu não quero ficar junto não*”.

Elisa sentiu muito a separação dos pais. Foi um momento muito difícil, pois a saída do pai foi muito “*brusca*” e tiveram que “*começar tudo do zero*”. A mãe nunca trabalhou fora, então o pai era o único provedor. A mãe ficou “*num estado horrível*” com a separação. Elisa teve depressão, e também ficou muito insegura, pois sua vida mudou completamente. Precisou fazer análise para conseguir superar toda a situação e perdoar o pai. Naquela época não era comum haver separação.

A mãe sofreu muito preconceito com a separação. “*Mamãe aqui não podia conversar com ninguém porque as mulheres achavam que ela tava querendo paquerar os maridos delas*”. Elisa também foi alvo de preconceito. As amigas não saíam mais com ela em virtude de sua mãe ser separada. Por causa disso começou a ter mais amizade com “*meninos*”. “*Menino é maravilhoso, não tem falsidade*”.

Hoje, todos os seus irmãos são separados, e a família lidou bem com isso. Apesar de acharem que “*poderia ser pra sempre*”, reconhecem que a separação era necessária, e é uma coisa “*normal*” atualmente.

Fazendo uma comparação com o casamento dos pais, Elisa aponta diferenças. Nunca foi submissa como a mãe. “*Eu sempre pensei em nunca ser igual minha mãe... mamãe era a sombra de papai, mamãe cuidava dos filhos, fazia tudo que papai queria*”. Em sua casa é diferente, acha que cada um deve ter seu espaço e seus objetivos, pois isso é que fortalece a relação. Outra diferença é que seu pai nunca aceitou que sua mãe trabalhasse fora, e era muito distante da família. Ele trabalhava muito e ainda estudava, não tinha tempo para os filhos, e quando estava em casa, não era carinhoso e atencioso. Seu marido tem uma relação mais próxima com o filho.

Segundo Elisa, nunca houve uma divisão de tarefas domésticas com o marido, mas ele ajudava, sobretudo com o filho. Quando o filho era bebê ele participava muito e sempre se prontificava para ajudar. Sempre procurou estar próximo ao filho, e ajudar no cuidado do mesmo, mas gostava mais de passear com ele. É um bom pai. Sempre foi muito atencioso, conversava muito com o filho.

Com relação ao cuidado da casa, o marido ajuda, mas não tem nenhuma tarefa específica e não se prontifica, ela que é a responsável. Acha que a responsabilidade do homem em casa deveria ser igual a da mulher, embora reconheça que não é assim que acontece. Crê que cabe a mulher solicitar essa participação do homem em casa e no cuidado com os filhos, *“porque sempre a gente quer fazer tudo sozinha, quer pegar o mundo sozinha”*. A partir da análise passou a agir assim. Seu filho não tem nenhuma obrigação em casa, mas colabora quando precisa. Apesar disso, acha que ele se vira bem sozinho, o ensinou a ser independente.

Com relação à responsabilidade da mulher, aponta que ela deve *“cuidar da família”*. *“Eu acho que ela tem que trabalhar, ela tem que dar conta de casa, ela tem que dar conta de filho, ela tem que dar conta do marido... Eu acho que a mulher tem que ser o eixo da casa, ela tem que ver tudo que ta se passando”*.

Elisa sempre pensou em ser mãe. Crê que o desejo pela maternidade nasce com a mulher. *“Acho que essa coisa, assim, já nasce com a gente... a mulher já tem essa coisa de ser mãe mesmo, eu acho que a mulher já tem esse dom de ser mãe”*.

Ela e o marido decidiram juntos o momento de ter um filho. Em princípio, não queria ter apenas um filho, mas em virtude de problemas de saúde, foi adiando e com o passar dos anos achou melhor não ter mais. *“Ah, tá bom um só, é tanta confusão, é trabalho, é um monte de coisas, e tem a saúde, tem educação, tem tanta coisa que tem que resolver”*.

Imaginava ter um filho e criá-lo como o fez. Esperava ser uma mãe que fosse amiga do filho. Achava que não estava preparada para ser mãe quando engravidou, apesar de ter buscado se preparar. Ficava insegura em relação aos primeiros cuidados.

Segundo ela, conciliar o trabalho com o cuidado do filho foi um pouco *“complicado”*. Voltou a trabalhar quando ele tinha cinco meses. Ficava muito ansiosa porque tinha que trabalhar e, ao mesmo tempo, estar atenta ao filho. *“Eu tinha que estar de olho nele e no trabalho... esse desafio assim era terrível”*. Por um tempo o filho ficou sob os cuidados de sua mãe, depois passou a deixá-lo com uma irmã. Depois contratou uma pessoa para tomar conta dele, que trabalhou em sua casa por quase nove anos. Ainda pequeno, colocou o filho numa *“escolinha”*.

Elisa não percebeu mudanças em seu relacionamento conjugal em função do nascimento do filho. Ter tido filho também não interferiu em outros projetos de vida. Apesar disso, enfatiza que as responsabilidades aumentam. *“Minha vida continuou a mesma coisa... claro que mudou muita coisa, responsabilidade, horário, tempo dele”*.

Crê que com a maternidade passou a ter uma sensibilidade muito grande, ficou mais responsável, perdeu alguns medos e descobriu outra forma de amor. *“Você quando é mãe... você é mais responsável também, é mais mãe de todo mundo, fica mais sensível a tudo... a gente perde medos, a gente fica mais corajosa pras coisas”*.

Acha que a chegada do filho não interferiu em seu relacionamento íntimo com o marido, pois crê que *“tudo tem seu momento”*. *“Eu acho que não muda muita coisa não... porque o seu filho tem o espaço dele, você tem o seu espaço, tem que saber fazer... Eu acho que isso aí quem faz são as duas pessoas”*.

Aponta que sua relação com a mãe mudou muito mais em virtude de ter feito análise do que depois que teve filho. Nessa época passou a compreendê-la melhor, e procura ajudá-la no que pode.

A gravidez do filho foi *“maravilhosa”*, recebeu muito apoio. O marido a apoiava muito. *“Ele foi muito bom, muito carinhoso, ficava passando a mão na barriga o tempo todo, conversando comigo”*. Só nunca foi de acompanhá-la ao médico, mas ela não achava necessário. Quando teve o bebê, sentia-se um pouco insegura, tinha medo, mas quis enfrentar isso e procurava cuidar dele sozinha, mesmo estando na casa da mãe. Com o tempo foi se acostumando.

Elisa sente-se realizada com a maternidade. *“Uma coisa maravilhosa porque um filho é uma coisa fantástica, é um amor que você nunca sentiu na vida”*. Acha gratificante perceber que o filho segue o que ela ensinou. *“Eu acho que todo o trabalho que eu tive com ele, eu acho que isso que é ser mãe, você conseguir passar e conseguir receber em troca... é assim, você conseguir ensinar ele a viver, ensinar os caminhos para ele, e ele conseguir captar essa mensagem”*.

Acha que a mãe tem que ser muito presente na vida do filho, mesmo quando às vezes tem que estar ausente, deve ter tempo para ele, ser fonte de apoio e ter uma relação aberta. Procura agir assim. O filho está em primeiro plano para ela. Sempre procurou preparar o filho para a vida, mostrando que o mais importante é ele estar feliz com ele mesmo. Afirmar que o filho é uma *“extensão”* da mãe, então se ele está bem, ela está bem. *“Quando ele tá bem, é tudo de bom para mim, é uma realização, é como se eu tivesse voando, realizada mesmo, então eu quero que ele esteja sempre bem”*. Afirmar que não há nada de negativo em ser mãe. A única dificuldade que aponta foi a questão de ter tido que conciliar o trabalho com a criação do filho.

Acha que as pessoas a consideram uma boa mãe, pois elas lhe dizem isso. O marido acha que ela *“paparica”* muito o filho, mas ela acredita que isso é coisa de mãe. *“A mãe é*

mais assim bobona... tem mais medo das coisas e tal, e tem mais pelo lado sensível... e o homem acho que tem um lado mais duro”.

Considera o amor muito importante na criação e na educação de um filho. *“Quando você ama, você consegue passar para ele coisas boas, você consegue criar ele com carinho”.* Apesar de não ter como comparar, disse que menino e menina tem que ser educado de maneira igual. Contudo, aponta que a menina exige um cuidado maior que o menino. *“Eu acho que uma mãe tem que ficar junto, eu acho que se fosse menina eu seria mais ainda, acho que seria mais zelo ainda porque o menino, querendo ou não você solta mais, e a menina aquela coisa... tem mais cuidado ainda”.*

Imagina que o filho será um *“pai maravilhoso”*. *“Eu acho que ele vai passar tudo que ele recebe dentro de casa, que ele tem um pai maravilhoso, uma mãe que faz tudo por ele”.* O filho é muito carinhoso, e como ela, tem um *“dom”* de conversar. Ele sempre apóia os projetos da mãe, como voltar a estudar. *“Ele me ajuda muito, essa independência que eu dei a ele, eu acho que ele tá tentando me dar também”.*

Na época em que o filho era pequeno, Elisa ficava em casa no período da manhã e era uma *“correria”*, pois tinha que deixar tudo pronto. À tarde ele ficava com a empregada. Na correria entre trabalho e filho, percebeu que o filho estava precisando de sua atenção, e que essa atenção deveria se dar na forma de qualidade e não apenas quantidade. Ficava muito preocupada quando estava fora de casa. Gostava que os amiguinhos dele fossem a sua casa brincar com ele, pois ali era seu espaço. Nunca se importou com a *“bagunça”* deles. Ajudava o filho com as tarefas escolares, pois sempre ficou mais tempo com ele. Sempre participou ativamente da vida do filho.

Quando o filho entrou na adolescência as preocupações aumentaram. Como sempre foi muito preocupada e protetora, foi soltando-o aos poucos. Teme deixá-lo sair sozinho por causa do que pode acontecer. Tem sido difícil, mas vem trabalhando isso nela mesma, e sempre procura conversar muito com o filho, orientá-lo e ouvi-lo. Ressalta que o filho é um menino *“obediente”*, que *“não dá trabalho”*.

Quando o filho era pequeno, pode contar com a ajuda de sua família. Nunca solicitou o apoio da família do esposo porque não julgava necessário, e também nunca foi de contar com ajuda de vizinhos.

Segundo Elisa, sua mãe foi boa mãe. *“Ela era uma mãe calma, não era uma mãe de ficar batendo na gente não, ela tinha uma paciência com a gente, não era gritona, nunca ficou gritando... ela fazia tudo que podia pela gente”.* Sempre foi presente, mas não tinha muita proximidade com os filhos. *“Eu acho que ela tinha medo de ficar perguntando, de*

ficar entrando na minha vida, na vida da gente, mas o certo ela seria ela entrar”. Em sua percepção, a mãe estava sempre “*insatisfeita*”, então fazia de tudo para vê-la bem. Acha que ela era assim por causa da separação e também da criação severa que recebeu.

As pessoas acham que ela é a que mais se parece com a mãe. “*Talvez eu pareça com ela, lógico, sou filha dela... de repente, tem um gen, uma coisa muito forte dentro de mim*”. Ressalta que, por meio da análise conseguiu mudar características que percebia serem da mãe, e com as quais não se sentia bem. “*Eu acho que você é moldada pelos seus pais de uma certa forma... se você quiser mudar, você vai ter que correr atrás. Foi o que eu fiz, eu corri atrás de terapia, de análise, de um monte de coisa pra poder mudar, eu não queria ser desse jeito*”.

Acha que a criação que deu ao filho é diferente da que recebeu, pensava em agir com o filho da forma como o faz. Procura estabelecer uma relação muito próxima com ele, ser sua amiga e saber ouvi-lo.

Fazendo uma comparação entre ser mãe hoje e ter tido filhos há quarenta anos atrás, Elisa aponta que antigamente era mais fácil criar os filhos em vários aspectos, como educação, saúde, segurança. Os filhos estudavam em escolas públicas de qualidade, não havia tantas doenças, e a violência era menor. Por conta disso, acha que hoje os pais devem ter muito diálogo com os filhos, e devem saber ouvi-los.

Estrutura 11 – A experiência de Fátima

FÁTIMA tem 62 anos, é divorciada há 15, ficou casada por aproximadamente 15 anos. Tem três filhos (duas filhas, 40 e 39 anos, e um filho, 31). Nasceu e foi criada numa cidade de pequeno porte em MG, e mudou para a região metropolitana da capital do ES após o casamento, onde reside até hoje. cursou o primário, e nunca trabalhou fora. É evangélica.

Fátima se casou com dezenove anos. Conheceu o esposo na adolescência, e começaram a namorar. Namoraram por três anos, e se casaram. Após o casamento mudou para a região metropolitana da capital do ES em virtude do trabalho do marido.

Quando jovem pensava em se casar, assim como as moças da época. Não imaginava como o casamento seria, pois ninguém conversava sobre isso com ela. “*Eles não conversavam nada com a gente né... e eu fiquei assim, durante a semana do casamento, achando que minha mãe ou uma pessoa ia conversar comigo sobre sexo... e acabando que a minha mãe não conversou mesmo e eu fui assim sem saber*”. Sabia apenas que o papel da esposa era trabalhar em casa, ser dona de casa.

Crê que ter se casado não atrapalhou outros projetos de vida, pois naquela época não havia o interesse profissional da mulher como hoje, e seu objetivo era o casamento. *“Se fosse hoje, sim, teria atrapalhado, mas como naquele tempo todo mundo casava novo, ninguém tinha esse interesse como tem hoje... a gente só pensava em casar, porque se não casasse o pessoal ficava falando que a gente era solteirona”*.

Seu casamento no início foi muito bom. O problema foi quando o esposo se envolveu com outra mulher. Fátima não queria que seu casamento acabasse, mas por outro lado estava *“sofrendo demais”*. Gostava muito do marido e nunca propôs a separação, mesmo depois de saber que ele tinha outra mulher. Ele foi seu *“primeiro e último homem”*. Ficou na expectativa de que ele fosse deixar a amante. Por ela, tinha levado a situação *“até o fim”*. *“Porque é chato uma mulher separada do marido né, hoje em dia é comum né, mas naquela época... a minha família, a família dele, era assim, era um escândalo né, então queria evitar esse escândalo”*. Ficou casada *“um bom tempo”* depois da descoberta.

Quando o marido contou que estava morando com a amante e que iria embora, Fátima chorou um pouco, sofreu, mas sentiu-se aliviada, pois a situação estava muito difícil. *“Eu falei assim Já que ele quer ir, ele que vá”* Os amigos dele ficaram preocupados com ela, acharam que ela fosse ficar *“doida”*. Ficou tão *“traumatizada”* com o casamento, que não pensou em se casar de novo, apesar de existirem pretendentes.

Um dia depois que o marido havia ido embora, Fátima comprou um maiô e foi com os filhos a praia, coisa que não podia fazer quando estava com ele. A partir dali sua vida *“virou”*. Voltaram para a igreja, *“fomos viver outra vida, uma vida completamente diferente daquela que a gente vivia enquanto eu morava com ele”*.

Depois da separação, ela não aceitou que o ex-marido voltasse em sua casa. Não sofreu nenhum tipo de crítica com a separação. *“Porque eu tava com a minha cabeça erguida... Todo mundo sabia que eu trabalhava muito, eu era de dentro de casa, não era de rua”*. Mencionou o caso de um casal de amigos que se separou mais ou menos na mesma época também por causa de infidelidade do marido.

O marido era muito bom antes de se envolver com a amante. *“Ele era um marido espetacular, um pai tão bacana”*. Durante as gestações a apoiava, acompanhava ao médico, era *“doido”* para ter filho. Foi o pai que ela imaginava para os filhos. Ajudava no cuidado com os filhos e com a casa, não precisava solicitar. Tinha um bom relacionamento com os filhos. Gostava de carregar a criança quando saíam para passear, era o *“dono da criança”*. Era muito ciumento com ela. Mudou muito depois que *“arrumou a amante”*.

Fátima acha que o marido se interessou pela outra mulher porque ela era “*muito meiga*”, “*uma simpatia*”. Também acha que isso aconteceu porque ele comprou um carro e passou a viajar muito por causa do trabalho. “*Eu tenho pra mim que aquele carro que foi a perdição né, aí ele pegou a viajar muito*”. A amante morava no norte do estado.

Fátima conversava com o esposo sobre sua amante. Pedia para o marido resolver com quem queria ficar. Quando o marido estava “*bem*” com a amante, chegava “*bem*” em casa, mas quando estava “*mal*” lá, “*era um purgante*”. Os amigos dele falavam muito bem da amante, e por isso ela tinha curiosidade de conhecê-la. Pediu ao esposo para apresentá-la. Após relutar por um tempo, ele aceitou. No dia em que a conheceu foi “*um alívio muito grande*”, pois a imaginava de outro jeito. “*Não era aquilo tudo que eu estava esperando*”. Entenderam-se bem, e a amante afirmou que “*nunca ia tirar ele de casa porque ele tinha três filhos pra criar*”. Mas após algum tempo o marido deixou a família para ir morar com ela, com quem teve uma filha.

Depois da separação, o marido não pagava pensão para os filhos, não dava dinheiro regularmente, e nem os via com frequência. “*Não que eu proibisse, por mim se quisesse todo mundo ir morar com ele, tinha ido todo mundo, eu não ia falar Não, entendeu, mas ele nunca quis*”. Os filhos é que iam vê-lo. Fátima considerava isso muito negativo para os filhos. Apenas uma das filhas manteve um bom relacionamento com o pai até seu falecimento. A filha mais velha nunca o perdoou. “*Tadinha né, ela gostava muito do pai, entendeu, o pai ensinava ela fazer dever, o pai ensinava ela ler, tinha aquele aconchego mesmo*”.

Avalia que após a separação sua vida ficou melhor, pois foi “*um alívio muito grande*”. Quando eram casados não saíam para passear e se divertir, só ficavam em casa. Não podiam escolher o que queriam comer, ele comprava o que “*ele*” queria.

Fátima não trabalhou fora durante o casamento, pois nunca quis. “*Antigamente a gente era boba, menina, se fosse outro tempo, olha, eu já tinha feito faculdade... mas sempre eu olhei os meus filhos, eu não pensei em mim, nunca pensei em mim, eu pensava neles, eu queria o melhor, como até hoje eu quero o melhor pra eles... o meu problema foi esse, a burrada que eu fiz na minha vida*”.

Após a separação trabalhou fora por seis meses para ajudar com as despesas da casa, depois parou. Essa experiência foi importante para que ela pudesse se aposentar. Trabalhava em casa fazendo bordados e salgados para vender, e conseguiu conciliar essa atividade com o cuidado da casa e dos filhos. Atualmente não está fazendo salgados em virtude de problemas de saúde, e acha que seu rendimento está “*fazendo falta*”. Os filhos a criticavam

pelo fato de trabalhar com isso, pois não consideravam lucrativo. A filha mais velha (que tem um filho pequeno) e o filho mais novo moram com Fátima ainda hoje.

Avalia que seu casamento foi completamente diferente do casamento dos pais. *“Foi tudo diferente... meu pai mais minha mãe viviam muito bem, a gente nunca ouviu uma discussão, um falando mais alto com o outro né, havia mais respeito, eu acho, né... deles do que no meu”*. Disse que o pai sempre procurava agradar sua mãe, *“fazia tudo por ela”*. A mãe agia da mesma forma. Conversavam muito, não havia brigas. *“Era um casal perfeito”*.

Crê que a vivência do casamento hoje em dia é pior, pois *“não há respeito um com o outro”*, e as pessoas casam pensando em se separar. *“Anos atrás a pessoa casava mais por amor né, por consideração até, hoje em dia não há isso, hoje em dia tem pessoas com quinze dias... eu conheço uma família, teve uma festa, um casamento muito chique, com quinze dias estavam separando”*. Acha que as coisas mudaram pelo fato da mulher *“querer mandar em casa”*, e não acha isso certo.

Na opinião dela, a principal responsabilidade do homem na família é *“pôr as coisas dentro de casa, não deixar faltar nada... Ajudar arrumar uma cozinha, isso, aquilo outro, já é outra parte... eu prefiro assim, ele ter o cuidado de não faltar nada dentro de casa”*. Em relação à responsabilidade da mulher, aponta o cuidado com os filhos, com a casa, e agradar o marido. Acha que há muitas mulheres que não cumprem esse papel. *“A mulher não quer ser submissa ao marido mais né, ela quer falar mais alto agora né, mudou muito porque hoje em dia em vez da mulher tá aqui, ela tá aqui, oh, por cima, oh... ela quer saber de fazer mais que o homem”*. Afirma que sua filha casada não age assim e faz tudo para agradar o marido. Crê que a mulher não pode deixar a casa nem o marido de lado. *“Você tem que fazer as coisas que ele gosta, pra agradar ele né, porque ele chega na frente acha outra que faz... A gente tem que ter cabeça, saber fazer as coisas”*. Acha importante a mulher ensinar às filhas as tarefas de casa.

Fátima era a principal responsável por cuidar da casa e dos filhos. Sua família e a do esposo moravam longe, então não podia contar com a ajuda dos mesmos. Depois que as filhas foram crescendo elas passaram a ajudar. *“Eu ficava sozinha com o serviço, então, e as meninas foram crescendo, né, eu acostumei elas a trabalhar... Elas tinham o compromisso de deixar a casa arrumada”*. O filho fazia mais atividades fora de casa, como ir ao supermercado. Os vizinhos sempre foram fonte de apoio. Ajudavam quando ela tinha os filhos pequenos e ajudaram muito depois que ela se separou. Eram *“maravilhosos”*.

Fátima sempre pensou em ser mãe. Acha que não sofreu nenhuma influência nesse sentido. Depois que casou demorou um pouco para engravidar, e quando engravidou foi uma “festa”. Achavam que na segunda gravidez era um menino.

Quando era jovem as moças não sabiam como era ter filhos, não se comentava sobre isso. *“A gente não sabia como que ia ser, como que era né, a gente ficava... por conta que quando a mãe ia ganhar neném a gente, né, tinha até que sair de casa”*. Sempre pensou que não gostaria de ter filho com parteira. *“Eu sempre pensei que eu nunca queria ter menino, filho com parteira, isso eu tinha na minha cabeça desde pequena, eu tinha um pavor de falar de parteira”*. Era sobre isso que conversava com amigas. Teve os três filhos na maternidade. Passou muito mal na primeira gestação; as outras foram mais tranquilas.

Antes de ter filhos, Fátima já tinha experiência com criança, então achava que estava preparada para ser mãe, que ia dar conta. *“E dei mesmo, e dei conta de tudinho”*. A mãe a ajudou no primeiro mês apenas. Tinha lavadeira na época. Fátima sonhava em arrumar a criança, colocar roupinha, sapatinho. Gostava muito quando fazia isso com os filhos. Ela e o marido pensavam em não ter mais filhos após o nascimento da segunda filha, pois esta era muito *“doentinha”*. Após sete anos, Fátima engravidou novamente.

Os amigos do marido falavam para ela abortar, mas ela não entendia porque e não aceitava. Achou que pelo fato de ter tido um menino o marido ia voltar a ser como antes. Nessa época estavam com uma vida muito boa. *“Já tava rolando alguma coisa, mas a gente não sabia... era muito bom... só de tá ali junto né, aquele calor humano, brincando com as meninas, brincando, todo mundo brincando, era muito bom”*. Quando descobriu, fingiu que não sabia por um tempo. O filho não conviveu muito com o pai, pois ele viajava muito.

Crê que o nascimento dos filhos não afetou seu relacionamento conjugal, nem mesmo seu relacionamento íntimo com o marido. *“Não tô falando... eu sabendo que ele passava a semana inteira com ela lá e eu aceitava, ele me procurava e eu nunca falei Não, não, não tinha Não, ainda mais que eu tinha ligado né, quando eu ganhei o menino, então eu tava despreocupava que eu não ia ficar grávida né, nunca eu neguei pra ele, você entendeu com é que é, era o maior, o maior carinho”*.

Avalia que ter filhos não interferiu em outros projetos de vida. *“Não, porque hoje em dia os meus filhos são maravilhosos”*. Acha que não houve nenhuma mudança decorrente da maternidade, e que a relação com a mãe continuou a mesma por causa da distância. Todos os filhos nasceram e foram criados aqui.

Crê que depois que se tem filhos as preocupações aumentam, e se tem mais trabalho. *“Deu mais, só mais trabalho, eu acho que foi o que mudou mais”*. Acha que a chegada dos

filhos foi bom para ela, pois passou a ter companhia, pois ficava muito sozinha, já que sua família toda estava em outro estado.

Segundo Fátima, a maternidade foi uma experiência de *“muita luta”*, *“mas com tudo isso era um prazer”*. Não tinha empregada, então tinha que cuidar da casa e dos filhos e ainda *“trabalhar pra ganhar um trocadinho”*. Sempre pensou primeiro nos filhos. *“Trabalhei a minha vida inteira pra eles, não pra mim”*. Hoje que os filhos estão *“grandes”* é *“uma maravilha”*. Acha que foi *“um estrago”* na vida dos filhos, sempre procurou fazer tudo para agradá-los. A rotina era bastante apertada, pois cuidava da casa e dos filhos, e ainda fazia salgados para vender.

Como positivo na maternidade aponta o fato de que hoje tem os filhos e netos e não está sozinha. Ressalta como negativo o fato de sua filha mais velha ser *“mãe solteira”*. *“Mais difícil foi quando a minha filha ficou grávida... Isso foi o fim da minha vida... Foi a coisa mais vergonhosa da minha vida, porque se ela fosse uma adolescente, era porque não sabia, mas depois de velha... Eu tive até vergonha de sair na rua”*. Apesar disso, agradece a Deus por ter dado esse filho a ela, pois acha que se não fosse isso ela teria se envolvido com drogas. *“Porque ela ia pras drogas por causa das amigas que ela tinha, abandonou a igreja, deixou a gente... abandonou a igreja e foi pro mundo”*.

Acha que errou em não ter exigido conhecer o pai de seu neto, pois hoje ele quer conhecê-lo e ela não sabe quem é. A filha não aceita a idéia. Pretende procurar esse homem para apresentá-lo ao neto, pois teme pelo futuro do neto financeiramente.

Crê que as pessoas a vêem como uma ótima mãe. *“Não tem uma pessoa que não fala”*. Acha muito importante na criação e na educação dos filhos o diálogo. *“Você conversar com eles! Não adianta bater, não adianta brigar, você tem que sentar e conversar”*. Acha que menino e menina devem ser educados de maneira diferente, mas disse que seus filhos tiveram a mesma criação. *“O modo da gente criar ele não foi tão diferente”*.

Fátima se considera um pouco parecida com a mãe, pois também sempre buscou fazer tudo pelos filhos. Sua mãe era muito boa, sempre procurou agradar os filhos. O pai também era muito bom e calmo. *“Nós fomos criados com muito amor, assim, nunca fomos ricos né, mas nunca faltou nada pra gente”*. A mãe não trabalhou fora e era muito dedicada em casa. *“Minha mãe não tinha preguiça de fazer nada, fazia comida, na hora que chegasse fazia, ela não tinha aquela má vontade”*.

Como diferença em relação à mãe, aponta o fato de conversar abertamente com os filhos, o que a mãe não fazia. *“Uma diferença grande né, que ela não conversava e já eu*

não, foi diferente, aqui em casa todo mundo sabe as coisas”. Acha que a mãe era “melhor” que ela.

Comparando-se com as filhas, acha que, como mães, são diferentes. “*Eu não sei se é o modo que é hoje, é mais diferente, é diferente*”. Em sua época havia mais autoridade. “*Comigo é uma vez só falar, duas vezes pra mim não dava certo, e já agora, hoje em dia a gente percebe que tem que falar mais de uma vez pra dar certo*”. Mencionou com outra diferença a questão das mães hoje darem tudo o que os filhos querem. Ao falar de como suas filhas agem com os filhos, repensou e disse que não é muito diferente dela.

Fátima acha que ser mãe hoje, quando os filhos estão pequenos, é mais fácil que em sua época, pois há mais facilidades. Contudo, crê que a criação é mais difícil depois que eles crescem, pois não obedecem aos pais, saem sozinhos, coisa que não acontecia em sua época. Ressalta que a influência dos amigos é muito grande nessa questão de desobedecer aos pais. Mencionou também a questão da vulnerabilidade às drogas. “*Se não for uma pessoa de família mesmo, como se diz, chegada mesmo, cai nas drogas fácil, fácil*”.

Estrutura 12 – A experiência de Fernanda

FERNANDA tem 39 anos, é casada há 18, tem dois filhos (filha de 16 e filho de 13). Nasceu e foi criada na região metropolitana da capital do ES. Iniciou um curso superior, mas não concluiu. Quando se casou trabalhava fora. Está sem trabalhar fora há três anos, mas pretende voltar. É evangélica.

Fernanda se casou com vinte anos. Conheceu o esposo na igreja que freqüentava. Quando jovem, teve oportunidade de ter outros namorados, mas não quis, achava que ainda não era hora. Estava à espera de “*seu grande amor*”. Achava que não iria ficar solteira. O casamento fazia parte dos seus planos de vida.

Teve uma “*revelação*” sobre seu marido, antes mesmo de conhecê-lo. Namoraram uns meses, depois terminaram. Acreditava que ainda iriam se casar e que ele seria o pai de seus filhos. Continuaram amigos, e ela sempre procurava estar perto dele. Após um ano, o marido a procurou e disse que a estava “*vendo com outros olhos*” e voltaram a namorar. Em um ano e dez meses se casaram.

Fernanda queria um casamento diferente do casamento dos pais. Esses tinham um relacionamento muito “*conturbado*” por causa do relacionamento extraconjugal do pai. A mãe não falava sobre o assunto com as filhas, mas elas ouviam suas conversas com amigas. Os pais ficaram casados por mais de sete anos ainda mesmo a mãe sabendo que ele tinha outra mulher. Quando eles se separam houve muita briga. Por conta de tudo isso pensava

que seu casamento deveria ser diferente. “*Então eu botei na minha cabeça assim: Eu vou me casar e o meu casamento vai ser diferente do que foi o da minha mãe e do meu pai*”. O marido também vinha de um lar em que os pais tinham um relacionamento conturbado, e ele também queria um casamento diferente.

Fernanda achava que no casamento deveria haver respeito e doação. “*Eu achava que tinha que ter mais respeito e você se doar mais pelo outro... fazer concessões*”. Acha que o casal deve abdicar de algumas coisas em prol do outro.

Após o casamento, Fernanda e o marido se mudaram para o interior para montarem um negócio, que não foi bem sucedido. Acha que os pais dela e dele deveriam tê-los instruído, pois tinham mais experiência. “*Eu acho que faltou esses conselhos*”. Não se arrepende de ter se casado jovem, mas se arrepende de algumas decisões que tomaram. Acha que faltou orientação também quando ela foi escolher o curso superior, pois escolheu algo que não tinha nada a ver com ela. “*Acho que minha mãe e meu pai tavam tão preocupado em brigar na época que eu não tive orientação de que faculdade escolher*”.

Fernanda estava cursando faculdade quando se casou. Teve que parar o curso para ajudar o marido em seu negócio. Sentiu-se aliviada em fazê-lo, pois o curso não era o que queria. “*Então, pra mim, na realidade, acho que foi assim um alívio sair da faculdade... A desculpa que eu precisava foi aquela ali*”. Hoje se arrepende de não ter terminado o curso, pois está fazendo falta profissionalmente.

Em relação ao seu casamento e sua família, Fernanda faria tudo de novo. Não vê nada de negativo em seu casamento, e afirma que apesar de todas as dificuldades que enfrentaram, a família nunca foi abalada. “*Nunca o nosso relacionamento familiar foi atingido. Graças a Deus!*”

Acha que a religião é essencial para o casamento dar certo. “*Uma coisa que eu acho que ajuda muito nos casais é a religião... Eu acho que a religião ela dá uma certa estrutura de moral... uma certa base de respeito dentro do lar*”. Suas expectativas em relação ao casamento foram alcançadas. Ela e o marido têm um relacionamento tão bom que a filha que diz querer um marido como o pai. Preocupa-se com isso e teme que ela esteja criando uma expectativa muito grande em relação ao casamento.

O marido sempre participou das tarefas relacionadas aos filhos. “*Ele sempre deu mamadeira, ela sempre trocou fralda, ele sempre deu banho... adorava botar pra dormir*”. Demonstrava preferência por brincar e fazer dormir. Sempre foi um pai muito presente, apesar de ficar fora o dia todo, e chegar muito tarde. Ela nunca precisou solicitar sua participação. “*Sempre foi espontâneo... Ele vai, ele se prontifica, ele se coloca a*

disposição”. Para que os filhos possam ter um momento junto com o pai, permitem que durmam tarde.

Acha que o papel do homem na família é ser “*o chefe da casa*”. Tudo o que precisa ser decidido em sua casa é o marido quem dá “*a última palavra*”. “*Eu acho que o marido ele é sim o chefe-da-casa e aqui o meu marido ele é o chefe da casa, ele é o chefe espiritual nosso também, sabe, ele tem essa preocupação de, de, de zelar pela vida espiritual de cada um*”. Critica os homens que “*abdicam desse papel*”.

Como principal função da mulher aponta a questão de “*ser conciliadora*”. “*A gente fica entre marido, filho, filho, marido... esse tripé ali de filho, marido e esposa*”. Acha que a mulher deve saber conduzir a situação e que muitos casamentos acabam porque a mulher não cumpre esse papel. “*Eu acho que a mulher é muito importante nisso aí, e muitos casamentos têm ido embora porque as mulheres não querem esse papel, e não é fácil... mas tem que ser, porque não tem quem faça. Não adianta que não é característica do homem*”. Seu marido é muito conciliador, mas fora de casa. “*Essa função dentro de casa com ele não funciona*”.

Acha também que é obrigação da mulher agradar o marido. Procura fazer todas as vontades do marido, e está sempre procurando agradá-lo. Suas amigas a criticam por isso, mas ela não se importa.. “*Eu não vejo erro você cuidar do marido... eu não me importo de lavar cueca, lavar meia, isso pra mim é bobagem... Em nenhum minuto eu me sinto diminuída, eu me sinto frustrada, eu me sinto menos mulher emancipada por fazer essas coisas*”. Em contrapartida, o marido também sempre procura agradá-la.

O marido atendeu às suas expectativas como pai. Como teve um bom relacionamento com seu pai, Fernanda “*torcia*” que fosse assim entre o marido e os filhos, o que aconteceu. Ele tem um bom relacionamento com os filhos, sempre foi muito “*aberto*” com eles, é “*super brincalhão*”, “*super descontraído*”. Era muito presente durante as gestações, acompanhava as consultas de pré-natal. “*Todas as consultas dos dois ele foi, todas as consultas, sempre ele foi, sempre cuidadoso, zeloso, preocupado*”.

Como mudaram-se para o interior após o casamento, tiveram que contar apenas um com o outro, e não puderam contar com o apoio das famílias de origem. “*A única pessoa que nós tínhamos, assim, que contava com apoio eram os irmãos da Igreja, as irmãs, que já tinham filho e tudo, e por saber que eu era novinha, que eu não tinha família ali, nos apoiava*”. Também contou com a ajuda de empregada depois do segundo filho nas tarefas de casa. Cozinhar sempre foi uma tarefa sua.

Fernanda começou a trabalhar com quatorze anos. *“Eu fui cabeleireira, eu já fui maquiadora de noiva, eu já fui professora, já fiz de tudo que você imaginar na vida”*. Após o casamento continuou trabalhando, mas passou a trabalhar com o marido num negócio próprio. Quando tinha filhos, ficava apenas quatro meses afastada do trabalho. Sempre procurou conciliar seu horário com o dos filhos, o que foi possível pelo fato de ser professora. *“Eu sempre montei meus horários de modo que à noite eu estivesse em casa. Eu gosto de que meus filhos cheguem da escola e que eu olhe, eu olho pra olhinho de cada um, eu recebo meus filhos na porta, até hoje”*. Acha isso muito importante.

O esposo sempre a incentivou muito nessa questão do trabalho. *“Sempre foi incentivador meu em tudo, em tudo que eu faço”*. A incentiva a voltar a estudar. Fernanda também procura apoiar o esposo em seus projetos. *“Um incentiva muito o outro”*.

Fernanda, às vezes, sente-se frustrada por não estar trabalhando fora, mas, por outro lado, acha importante estar em casa nessa fase da adolescência dos filhos. *“Tem hora, lógico, que eu fico triste, fico frustrada, fico chateada, porque não é isso que eu quero pra mim também... mas também Deus sabe todas as coisas né, e esta fase de adolescência é uma fase tão... e eu tô podendo dar um suporte legal pra eles”*.

Comparando épocas, acha que há quarenta anos a idéia do homem como *“chefe da família”* tinha mais força. Contudo, ressalta que às vezes o homem *“extrapolava”* nesse poder, e *“botava a mulher numa postura assim de muita submissão... de ser serviçal”*. Os casamentos duravam mais à custa do silêncio da mulher. *“Os casamentos duravam mais, mas também o marido tinha um monte de mulher do lado de fora e a mulher aceitava, e achava tudo muito bom”*. Hoje, por outro lado, acha que está liberal demais. *“E hoje, eu acho que tá uma safadeza, uma permissividade, tudo pode, tá liberado demais da conta”*.

Fernanda crê que o casamento *“tem que ser pra sempre”*, mas desde que *“realmente feito por Deus”*. Espera viver com o esposo *“pro resto da vida”*. Acha que não há consenso em relação à separação. *“Tem pessoas que acham que apanhando ou não, tem que continuar pra sempre. Outras acham que qualquer coisinha também é motivo de separar... Existem esses dois extremos”*. Pensa que, dependendo da situação, o casal deve se separar, como no caso de traição permanente e desrespeito. Em sua opinião, a mãe deveria ter se separado assim que descobriu a traição. *“A minha mãe tinha que ter separado do meu pai no momento que ela soube, não ficar sete anos e ficar agüentando ele falar da outra, chorando por causa da outra”*. Aceitou bem a separação dos pais e conseguiu *“separar as coisas”*. Não perdeu o contato com o pai.

Em relação ao casamento dos pais, as lembranças “*mais firmes*” são “*ruins*”. Crê que seu casamento é “*completamente diferente*” do casamento deles. O pai era muito ciumento, e entre ela e o marido não há ciúme. Lembra-se da mãe grávida do irmão mais novo e da confusão por causa da descoberta da amante do pai.

Fernanda sempre sonhou em ser mãe, “*biológica ou não*”. Se não pudesse ter filhos iria adotar. Crê que essa vontade era uma coisa “*sua*”, pois sempre gostou de crianças e as crianças sempre gostaram dela. “*É uma coisa minha mesmo*”.

Ouvia dizer que “*ser mãe é padecer no paraíso*”, mas não queria isso para ela. Concorde que é necessário abdicar de certas coisas, mas não concorda da mulher ceder em tudo para depois cobrar. “*Você se fazer mártir, pra depois cobrar, eu acho isso errado*”. Acha errado a mãe jogar na cara dos filhos coisas que deixou de fazer ou que teve que fazer por causa deles. “*Eu achava isso um horror e eu via muitas mães fazendo isso, jogando na cara coisas que deixaram de fazer ou fizeram*”.

Fernanda “*pedia a Deus*” para ter, pelo menos, um filho e uma filha. Ela e o esposo conversavam muito sobre isso quando namoravam, e conversavam que se não pudessem ter filhos iriam adotar. Pensavam em se casar e esperar um pouco para ter filhos, mas não foi o que aconteceu. Engravidou fazendo “*tabela*”. Ficaram felizes, apesar de ter vindo inesperadamente. A filha nasceu prematura e foi um momento muito difícil na vida deles. “*Foi muito traumático pra gente*”. O segundo filho foi planejado. Ele teve uma doença grave quando era ainda bebê, e os médicos achavam que não havia cura. Crê que Deus “*curou*” o seu filho. Não queriam ter mais filhos, então o marido fez vasectomia.

Fernanda achava que estava preparada para ser mãe. “*Eu não me preocupava não, eu achava que eu sabia já esses negócios tudo mesmo, e dei conta*”. Lia muito sobre o assunto e já tinha experiência. Na opinião de dela, o filho é a concretização do amor do casal. “*Eu queria ter um pedacinho meu e da pessoa que eu amasse... eu acho assim que o filho, quando ele é do casal mesmo, eu acho que ele é o concreto do amor, porque é um pedaço de um e um pedaço do outro*”. Sua expectativa era de que seus filhos fossem pessoas de bem. “*Eu sonhava assim, ter meus filhos e que fossem pessoas de bem... eu quero ter uma criança e eu quero ser capaz de instruí-la pra que ela venha a ser uma mulher ou venha ser um homem que seja um indivíduo bom... indivíduos que você perceba a presença de Deus ali*”. Como sempre se deu bem com a mãe, imaginava ter essa relação com seus filhos. Afirma que está sendo como esperava.

Fernanda crê que a maternidade “*amadurece*”. “*Porque não é você só, você tem uma responsabilidade, e quando você tem uma responsabilidade, você pensa duas vezes antes de*

fazer as coisas”. Passou a ter medo de fazer qualquer coisa que colocasse sua vida em risco por causa dos filhos. “*Desde que eu comecei, que eu engravidei, eu já comecei a pensar melhor nas minhas atitudes*”. Com a maternidade passou a ter um maior “*autoconhecimento*”, “*em termos de corpo, em termos psicológicos, né, de você se conhecer mesmo*”.

Acredita que a chegada dos filhos enriqueceu seu relacionamento conjugal. “*Eu acho que nossos filhos foram... só enriqueceram o nosso casamento... Eu não consigo imaginar uma casa sem filhos*”. A chegada dos filhos não afetou seu relacionamento íntimo com o marido. “*Em termos de nós dois, no relacionamento sexual, afetivo, não mudou em nada*”. Nunca esconderam sua vida sexual dos filhos. “*O nosso contato sexual, nós nunca escondemos dos nossos filhos... nós nunca tivemos horário, de que é de noite, depois que as crianças dormirem*”. Ela e o marido sempre procuraram preservar o espaço deles de casal.

Depois que teve os filhos as responsabilidades aumentaram e teve que abrir mão de algumas coisas. “*A partir do momento que você tem outras pessoas que dependem de você, você às vezes tem que abdicar de coisas... eu acho que quem casa e pensa que a vida vai continuar sendo a de solteiro, não case! Porque não é! E muito menos quando chegam os filhos*”. Critica os casais que não levam isso em consideração. Financeiramente, as coisas também mudam depois que se tem filhos.

Fernanda acredita que o relacionamento com sua mãe também mudou com a maternidade. “*Eu acho que a gente fica mais... nós já éramos muito amigas, mas eu passei a entender muitas frases, muitas atitudes que ela teve comigo e que eu não entendia*”. Acha que as mães têm uma espécie de “*sexto sentido*” em relação aos filhos. Apesar de sempre ter valorizado a mãe, acha que isso se intensificou com a maternidade. “*Agora, valor mesmo, só depois que a gente é... quer seja biológico ou não, adotivo, mas você só sabe o que que é ser pai e mãe, você só entende muitas das coisas que foi ditas depois que você é*”. Acredita que quando a filha for mãe, também vai entender muita coisa que ela faz.

Para Fernanda, a maternidade foi e é uma “*coisa maravilhosa*”. Acha que seu amor pelos filhos aumenta a cada dia. Como positivo nessa experiência aponta que se tornou uma pessoa melhor. “*Eu me tornei uma mulher muito melhor. Você passa a dar valor a muita coisa... e a tirar o valor de muita coisa também... Você passa a ser mais humano, não sei, você se emociona mais fácil com as coisas, parece que você fica com o coração mais mole*”. Crê que não há nada de negativo nessa experiência.

Fernanda sempre teve muito cuidado com os filhos. Sua rotina sempre foi organizada em função deles. No tempo livre levava os filhos no parquinho, na pracinha.

Acha que as pessoas a admiram como mãe. O marido e os filhos também a consideram boa mãe. Acredita que tem cumprido seu papel de mãe na vida dos filhos. *“Ora a Deus”* para ter sabedoria para lidar com as fases futuras dos filhos. *“Eu peço a Deus que continue me orientando assim para que eu possa continuar pelo menos do jeito que eu sou porque pelo menos eles estão gostando”*.

Considera muito importante na criação dos filhos disciplina, respeito e amor. *“Sem essas três coisas é difícil”*. Acha que em relação a isso a educação de menino e menina deve ser igual. Porém, acha que as particularidades de cada filho devem ser consideradas, e que o homem pensa diferente da mulher. *“Existem as diferenças genéticas, existem as diferenças psicológicas, de amadurecimento, porque são homem e mulher. Por ser, por existir essas diferenças, existem essas outras diferenças”*. Dá o exemplo de que menino pode começar a namorar mais cedo que a menina, pois do contrário *“a masculinidade dele é afetada”*. Acredita que a mulher amadurece primeiro do que o homem, logo, exige mais da filha.

Segundo Fernanda, sua mãe era *“muito rígida”*, mas ao mesmo tempo era muito *“amiga”* dos filhos. Sempre falou de tudo abertamente com eles. *“Muito atenciosa, muito cuidadosa, muito zelosa, muito caprichosa... E brincava muito com a gente”*. Fernanda se acha parecida com a mãe. A mãe era muito *“exigente”* em relação ao cuidado da casa, muito *“perfeccionista”*, e ela é *“mais flexível”*.

Inicialmente, Fernanda pensava em criar sua filha da mesma forma como foi criada em relação às tarefas de casa, mas não fez isso. *“Eu tinha um discurso antes de ter filhos e eu mudei”*. Os filhos não têm uma obrigação em casa como ela e a irmã tinham. Apenas organizam seus quartos. Acha que são épocas diferentes.

Fernanda crê que sua filha será uma *“mãezona também”*. *“Ela tem um doce pra tal da criança”*. Em relação à disciplina, a filha é brava como ela. *“Nesse negócio de disciplina ela é brava, igual a mim assim, sabe, assim de limites, de impor”*.

Fernanda acha que ser mãe hoje é mais fácil, por conta das facilidades. *“Eu acho mais fácil, porque você tem todo um auxílio de uma tecnologia, tá, em sentido de médicos, em sentido de microondas pra esquentar mamadeira que naquela época não tinha isso, em sentido de fralda descartável”*. Por outro lado, acha muito difícil hoje porque as mães estão *“concorrendo”* pelos filhos, pois há muitas opções, o que não acontecia antigamente. Destaca o avanço tecnológico. *“Então, hoje você concorre com o computador... você disputa com o computador espaço pra você e tempo pra você e sua filha e seu filho, com computador, com televisão, com amigos, com escola, com estudo... Hoje em dia tem muita coisa”*. Por conta disso, acha importante a mãe participar da vida do filho. Acha que essa é a

única forma de haver uma comunicação com os filhos para não “perdê-los” para as drogas, prostituição. *“Agora, tem pais que não querem nunca descer ao nível do filho”*.

Fernanda também aponta que antigamente os pais tinham mais “domínio” sobre os filhos do que hoje. *“Mas também não se tinha diálogo, então muitas vezes os filhos eram obedientes, mas por medo e não por respeito... Antigamente, eu acho que era rígido demais da conta”*. Em sua casa há limites e *“Não é Não”*. Crê que falta isso nos pais atualmente. *“Falta muito nos pais hoje em dia isso, os pais têm medo de dizer não... e, infelizmente, estão perdendo as rédeas dos filhos”*. Acha que isso deve ser construído com os filhos desde pequenos.

Estrutura 13 – A experiência de Glória

Glória tem 61 anos, ficou casada com seu primeiro marido por 24, e está casada com o segundo há 19. Tem 4 filhos do primeiro casamento (2 filhas, 44 e 43, e 2 filhos, 41 e 40). Nasceu numa cidade do interior de MG, e foi criada numa cidade de pequeno porte do ES, mudando-se posteriormente para a região metropolitana da capital do ES. Concluiu o ensino médio após o casamento. Não trabalhou fora quando os filhos eram pequenos. É católica.

Casou-se pela primeira vez com dezesseis anos. Conheceu o primeiro marido através de um amigo. Foram um ano e dois meses entre namoro e noivado. Sua expectativa em relação ao casamento era *“ter liberdade”*. Antigamente os pais *“prendiam”* muito os filhos, eram muito rígidos. Queria casar para ter mais autonomia.

Engravidou antes do casamento, mas não se casou apenas por isso. *“Achava que era tudo bonito, tudo lindo, ia ser tudo muito lindo”*. O casamento foi muito diferente do que idealizava. *“Eu idealizava uma vidinha legal... Depois que eu casei que eu vi que não era nada daquilo que eu sonhava que fosse, né, que era uma tristeza”*. O marido era muito ciumento e também a *“prendia”*. Ficou *“muito pior”* do que antes. Mudou para o interior, onde não tinha nenhum conforto, e ficava muito sozinha.

Glória pensou em se separar do marido logo no início do casamento, mas não o fez porque sua filha mais velha estava muito *“novinha”*. Havia muita desconfiança por parte do marido e muita imaturidade de sua parte. *“Então era uma vida a dois, assim, difícil, com muita perturbação, muita briga, muita ‘desavencia’, não tinha companheirismo, não tinha entendimento, não tinha diálogo, não tinha nada disso”*. Não se separou quando os filhos eram pequenos porque não tinha como sustentá-los, já que não tinha emprego, e nem podia contar financeiramente com seus pais. Reconhece que também teve sua parcela de culpa no fracasso do casamento.

Crê que não tinha “juízo” nem “responsabilidade” na época em que se casou e que ter se casado acabou interferindo em outros projetos de vida. Acha que ter se casado muito jovem foi um “erro”. Sempre dizia ao marido que quando os filhos crescessem iria se separar. “*Eu vivo com você por causa desses meninos, mas no dia que eu puder me libertar de você, aí você vai ver se eu vivo com você, nem um dia mais da minha vida*”. Depois que os filhos cresceram o relacionamento até melhorou um pouco, mas aí ela já estava “*desgastada*” e “*não dava mais*”. Também falava com os filhos que no dia que conhecesse o “*homem da sua vida*”, iria se separar.

Glória conheceu o atual marido e deixou tudo para ir viver com ele. Nessa época, os filhos já eram adultos e não foram contra, pois sabiam que os pais não viviam bem. Ficaram com o pai, e ela aceitou, pois achava que o ex-marido ia sentir muito a separação. Quarenta dias após sua saída de casa, ele enfartou e faleceu. Culpou-se pelo que aconteceu, mas os filhos disseram que ela não teve culpa. É muito feliz com o segundo marido, e os filhos nunca interferiram em seu relacionamento com ele.

Acredita que a mulher não deve se casar muito jovem, deve se preparar bastante antes, ter um projeto de vida, não se precipitar para não cometer o mesmo erro que ela. “*Eu acho que a moça hoje ela tem muita opção pra não casar nova, não tem necessidade do casamento*”.

Segundo Glória, seu primeiro marido não atendeu às suas expectativas como pai. “*Não atendeu porque ele era uma pessoa, assim, ele era um pouco, assim, nervoso*”. Crê que ele era assim devido a falta de dinheiro. “*Quando o dinheiro é pouco e a despesa é mais do que o ganho, então o homem, ele já fica estressado por ele não ter condições de assumir aquilo que ele tem que assumir*”. Ele não era uma pessoa amigável, era muito nervoso, “*sistemático*”, não tinha diálogo, e gostava de “*prender*” as filhas. Não a ajudava com os bebês recém-nascidos, e dormia em quarto separado para não ser incomodado. “*Nunca me ajudou em nada, em nada, nem quando tava doente*”. Não tinha o hábito de sair com os filhos pequenos. O cuidado e educação eram sua responsabilidade, e era muito difícil. Ajudava apenas com as tarefas escolares quando os filhos estavam maiores, e gostava de cozinhar.

Glória não solicitava a ajuda do esposo, pois não pensava “*como as mulheres de hoje*”, e até hoje não pensa assim. “*O homem não tem obrigação de chegar em casa e dar banho em filho, passar a roupa dele, lavar a roupa dele, não, a mulher tem a obrigação dela e ele tem a dele*”. Acha que a mulher casa “*para ser mãe e esposa*”, e deve cumprir tal obrigação, mesmo se trabalhar fora. Ensinou isso às filhas, que também agem assim.

Durante as gestações o marido não dava qualquer apoio, não a acompanhava ao médico, a “desprezava”. “*Ele tinha até nojo de mim quando eu ficava grávida... era a pior fase também da minha vida... eu sentia muito, assim, muito desprezo dele*”.

Em outro momento Glória afirma que o marido foi um bom pai, apesar de não ter sido bom esposo. “*Como marido não, mas ele era uma pessoa responsável, não era homem de... mulherego, não era de vício, não era de beber, a única coisa que ele fazia muito era fumar muito*”.

Glória não trabalhou fora quando os filhos eram pequenos. Quando o filho mais novo tinha sete anos, voltou a estudar. Foi difícil, um pouco desgastante, mas valia a pena. O marido interferiu um pouco no fato dela estudar, mas ela concluiu o ensino médio. Depois começou a vender roupa para ajudar no orçamento, mas isso não atrapalhava o cuidado com os filhos, o esposo a ajudava. Ele também voltou a estudar, cursou o ensino superior. Ao contrário do marido, Glória não era ciumenta.

Crê que a vivência do casamento hoje é melhor que antigamente, é “*mais fácil*”, pois hoje há mais diálogo, mais companheirismo, e as pessoas têm “*a cabeça mais aberta*”. “*Hoje é melhor, hoje o casal casa, vive sem mistério dele se separar ou não, se tá bem vão viver, se não tá, vão se separar*”. Crê que as coisas mudaram porque hoje as pessoas estudam mais e têm uma mente “*mais aberta*”, são mais “*liberais*”.

Glória não se lembra de pessoas que tenham se separado na época em que ela tinha os filhos pequenos. Acha que sua irmã mais velha “*devia ter se separado desde que casou*”, mas ela não o fez por causa dos filhos. O marido a traía muito, e agiu assim durante os cinqüenta anos de casamento. “*Então ela, coitada, suportou muita coisa... Eu não teria aceitado isso não, entendeu, eu, quando os filhos tão pequenos, eu vivo pros meus filhos, aí depois, eu sou, sou decidida*”.

Segundo Glória, o casamento de seus pais “*foi péssimo*”. Seu casamento não foi parecido com o deles, apesar de também ter sido ruim. Seu pai traía muito a mãe, que era muito nervosa, brava, e o relacionamento era difícil. “*Eu presenciei cenas horríveis de briga deles*”. O pai era muito ciumento também. Acha que é por isso que nunca teve ciúme do meu marido. “*Eu sempre falava Quando eu casar, eu nunca vou ter ciúmes, pelo amor de Deus, porque eu acho que acaba com o relacionamento*”.

Na opinião de Glória, a responsabilidade do homem na família é trabalhar e sustentar a família, ser “*um bom chefe de família*”, “*não ser preguiçoso*” e “*irresponsável*”. Também acha importante que ele seja amigo da mulher e dos filhos e tenha tempo para a família. Como responsabilidade da mulher aponta a questão dela ser “*companheira do marido*”, e

ser uma “*boa dona de casa e uma boa mãe*”. Acha que a mulher hoje não está querendo assumir sua responsabilidade.

Glória não atribuía responsabilidades aos filhos em casa. As filhas eram mais responsáveis e a ajudavam, já os filhos não. Apesar disso, acha certo a mãe ensinar. Acha que menino deve ajudar apenas organizando suas coisas, não fazendo coisas em casa. Critica mulheres que exigem que os maridos tenham atividades em casa.

Quando jovem, Glória não pensava a respeito de ter filhos. “*Eu só pensava em casar pra mim... ter meu marido, ter minha liberdade, ter minha vida, mas filho não, eu não sabia nem como é que os filhos vinham ao mundo direito, como é que eu ia planejar um filho?!*” Após o casamento, os filhos foram “*acontecendo*”. A mãe não havia lhe explicado sobre isso e nem as colegas comentavam sobre o assunto.

Quando estava para casar perguntou a uma prima como é que se tinha filhos. Achava que nasciam pelo “*ânus*”. Quando a prima explicou como era, ficou apavorada. Os filhos não foram planejados. “*Aí eu fui tendo filho, aí veio o primeiro, foi um sofrimento danado, aí veio logo também, veio o segundo, veio o terceiro*”.

Quando a primeira filha nasceu Glória morava com a mãe, então teve apoio da mesma. “*Foi muito bom*”. Com os outros filhos foi mais difícil, pois não tinha a ajuda da mãe, e não tinha nenhum conforto em casa. “*Foi uma luta*”. A sogra morava próximo, mas “*tinha a vida dela lá*”, e ela preferia a mãe”. Quando tinha bebê a mãe ficava uma semana com ela. Depois arrumava alguém durante o “*resguardo*” para cuidar da casa.

À medida que foi tendo filhos, sua vida “*virou de cabeça pra baixo*”. Porém, afirma que o nascimento dos filhos não prejudicou seu relacionamento conjugal, nem sua vida íntima com o marido, pois este “*já começou errado*”. “*Nosso relacionamento já não devia ter começado antes de os filhos nascerem... o filho piora porque vem um filho, vem dois, vem três, vem quatro, que nem vieram, aí a situação financeira complica e quando a situação financeira complica, complica o resto todinho*”. Contraditoriamente, afirma que se não tivessem tido filhos talvez seu casamento teria sido melhor.

Apenas a filha mais velha nasceu no ES, os demais nasceram no interior de MG. Ainda crianças, vieram para o ES, onde foram criados. Teve os filhos com parteira, em casa. Quando foi fazer laqueadura para não ter mais filhos, pegou uma infecção no hospital e quase morreu. Nessa época os filhos ficaram com sua sogra lá em Minas.

Crê que a maternidade interferiu em outros projetos de vida, pois era muito jovem e não estava preparada. “*Filho atrapalhou toda a minha vida, toda, acabou, eu fui viver em função deles*”. Acha que as moças hoje não deveriam ter filhos. Não se arrepende de tê-los

tido, mas afirma que se casasse hoje optaria por não ter filhos. “*Sabendo o que que é ser mãe, ter filho, eu não teria mais não, de jeito nenhum*”. Mencionou casais que não têm filhos e são muito felizes.

Quando os filhos eram pequenos sua rotina era muito “*dura*”. Tinha que cuidar deles, cuidar da casa, o que era agravado pela falta de luz e água corrente. Apesar disso, afirma que o pior era a convivência com o marido. “*O meu difícil foi a má convivência com o meu marido, ‘aquelas brigaiadas’, ‘aquela ciumada’ toda, aquela ignorância... isso que me maltratou muito*”. Os filhos presenciavam as brigas dos pais, mas nunca se envolveram. Acha que isso talvez tenha afetado um pouco suas filhas, pois nenhuma quis se casar muito nova. “*E eu sempre botei muito na cabeça delas pra não casar nova, porque eu falei Oh, sua mãe estragou a vida dela casando nova, então não estraga a de vocês não*”. Não teve esse tipo de orientação da mãe.

Avaliando a experiência da maternidade, ressalta como negativo o fato de sua vida ter mudado em todos os sentidos, ter deixado de estudar, de passear, de viver sua mocidade. “*Uma parte da minha adolescência, a minha juventude eu passei criando meus filhos*”. Como positivo, ressalta que hoje tem os filhos, que são seus amigos, são carinhosos, atenciosos, o que acredita ser “*uma recompensa de Deus*” por tudo o que passou. Crê que o amor da mãe pelos filhos nunca é “*abalado*”.

Glória nunca pensou em como as pessoas a vêem como mãe. Apesar disso, acha que os filhos a vêem como uma boa mãe. “*Eu acho que eles me vêem assim como uma boa mãe, eles gostam de mim, não me recriminam em nada, não me censuram em nada, nunca*”. Acha que errou de não ter colocado os filhos para trabalharem desde cedo, pois hoje eles poderiam ter uma vida melhor.

Crê que o principal na educação dos filhos é dar uma formação religiosa desde pequenos. “*A base de uma boa educação é religião. Infelizmente eu também não criei meus filhos na religião, mas eu acho que a religião ajuda muito*”. Também aponta a importância da mãe ser amiga dos filhos, conversar com eles, e do casal não passar seus problemas para os filhos. Acha que menino e menina devem ser educados de maneira diferente, pois a menina pode ser mais paparicada e o menino não, pois isso pode afetar sua “*masculinidade*”.

Segundo Glória, sua mãe era muito severa e batia muito nos filhos. Não os orientava e “*mal sabia assinar o nome*”. Era uma pessoa que foi criada apenas “*pro trabalho duro mesmo*”. Apesar disso, era uma mulher “*muito direita*”, “*honesto*”, “*guerreira*”, que fez tudo o que pode pelos filhos e foi uma “*excelente*” mãe. “*O que ela pôde fazer, ela fez, com*

toda... assim, falta de esclarecimento, de cultura, que ela não tinha, né, o que ela pôde fazer, ela fez por nós todos... Então a minha mãe foi uma mãe assim maravilhosa”.

Glória se considera diferente da mãe, que era muito rígida e brava com os filhos. Glória conversava muito com os filhos, os deixava saírem, explicava as coisas, e brincava muito quando eram crianças. Acha que é parecida com a mãe na questão de ser uma boa mãe e de *“ajudar muito os filhos e viver pros filhos”*. Sua relação com a mãe não mudou depois que ela teve filhos, continuou da mesma forma.

Glória acha que suas filhas são parecidas com ela como mães. *“Elas, assim, são cuidadosas também”*. Diferente dela, as filhas têm apenas um filho. A mais velha tem uma filha, é muito carinhosa com ela, mas está tendo dificuldade por causa da separação. Semelhante ao que aconteceu com ela, a filha ficou casada vários anos por causa da filha. *“Nesse ponto ela pensa igualzinho eu também pense”*.

Com relação à outra filha, a considera uma *“super mãe”*. Acha que ela cria o filho um pouco errado, o mimia muito, *“paparica muito”*. Nunca lhe disse isso porque ela é *“geniosa”*. *“Menino é um jeito de você criar, a menina é diferente, a menina você pode mimar, pode assim enfeitar, você pode fazer carinho, você pode dar banho nela até grandinha, mas menino não, menino é diferente”*. *“Pede a Deus”* para isso não prejudicar o neto, pois menino *“você não pode paparicar muito não”*. Ela não paparicou os filhos homens, apenas as filhas. Nesse sentido foi diferente.

Acredita que ser mãe hoje é mais fácil que antigamente, pois se tem menos filhos que antes. Menciona também o fato de que hoje há mais abertura com os filhos, mais liberdade. Ressalta a existência de revistas e da TV como outras fontes de informação para os jovens hoje. Enfatiza ainda que a vida urbana traz mais conforto e facilidades que a rural. Também acha que hoje a pessoa tem mais facilidade para estudar, e por conta disso tem mais cultura, tem a mente *“mais aberta pra tudo”*, inclusive para criar filho. Afirma que hoje os pais conversam mais com os filhos, são mais amigos. *“Os pais hoje têm que conversar com os filhos, tem que ser amigo... porque senão eles perdem os filhos pra coisa ruim, né, as drogas, é, homossexuais, essas coisas ruins que tem”*. Não conversou muito com as filhas sobre coisas que hoje conversa com as netas, pois não havia tanta intimidade.

Estrutura 14 – A experiência de Giovana

GIOVANA tem 43 anos, está casada há 12, tem um filho de 9. Teve um primeiro casamento que durou 5 anos, do qual não teve filhos. Nasceu numa cidade de pequeno porte do estado do ES, mas foi criada numa cidade de porte médio, onde reside atualmente.

Cursou ensino superior completo, e está cursando pós-graduação. É comerciante, trabalha apenas um período do dia. Trabalhava fora quando se casou. É evangélica.

Giovana casou-se pela segunda vez com trinta e um anos. Teve muitos problemas em seu primeiro casamento, e não pensava em se casar novamente. *“Quando eu me separei, não fazia parte dos meus planos um novo casamento”*. Conheceu o atual esposo num *“barzinho”*, namoraram seis meses e foram *“morar juntos”*. Após um ano se casaram oficialmente.

Quando mais jovem, o casamento fazia parte de seus planos de vida. *“Constituir família, ter filhos, eu acho que sempre tá assim nos planos da gente”*. Nunca idealizou o casamento, mas achava que o casamento deveria ter como base *“muito respeito, muito companheirismo”*.

Sua família a apoiou na separação de seu primeiro marido. *“Por parte da minha família, todo mundo me apoiou, porque eu me casei com uma pessoa que não tinha responsabilidade nenhuma com o trabalho, bebia muito e me traia muito”*. Seu ex-marido mantinha um relacionamento extraconjugal com uma vizinha, e foi uma situação muito *“desgastante”*. Giovana não tinha intenção de se separar, mas as circunstâncias a levaram a tal atitude. *“Eu não me casei pra separar, eu nunca achei que eu fosse me separar, mas... foi assim, muito, muito sofrido pra mim, muito sofrido”*. Não contou para a mãe que estava se separando, pois sempre tentou resolver os problemas sozinha. Quando sua mãe ficou sabendo ela já estava separada, e a apoiou.

Em seu primeiro casamento, em virtude de muitos problemas com o marido, acabou se afastando da profissão. No segundo não houve interferência nessa questão do trabalho. O atual esposo a apoiou tanto quando ela quis parar de trabalhar, quanto quando quis voltar. Ele só não aceitou bem ela voltar a trabalhar com familiares por causa de brigas. O marido a incentiva muito a voltar a estudar e a trabalhar na área do Direito, pois acha que é melhor do que ficar trabalhando com comércio. Giovana tem pensado nisso.

Avaliando seu segundo casamento, aponta como positivo ter constituído uma família e ter uma pessoa como o esposo ao seu lado. Como negativo, ressalta a questão da renúncia em favor do outro para manter a *“harmonia”*. *“Às vezes você quer uma coisa e a pessoa quer outra, então você tem que renunciar muita coisa, a gente deixa de fazer muita coisa”*. Crê que a mulher *“cede mais”* que o homem. *“A gente tem mais essa índole de ceder, não sei, não sei assim, se tem lar que o homem cede mais que a mulher, mas pelo menos no meu caso eu relevo muita coisa pra ficar bem, pra estar bem”*.

Comparando com o casamento dos pais, Giovana tentou fazer “*tudo diferente*”. Na época em que seus pais estavam casados imaginava uma “coisa diferente” para ela. “*No casamento deles era isso, era um não estar feliz com o outro e se tolerar, eu acho que a gente tem que ficar junto quando realmente você quer ficar junto, quando você tá bem com aquela pessoa. Então eu acho que é a mentira que eu nunca quis*”. Afirma que sempre achou que deveria haver “*mais verdade*” e “*mais respeito*” no casamento dos pais. O que vê de semelhança é o fato da mãe ter sido muito responsável com os filhos, ter renunciado a muita coisa por causa deles, pois ela também é muito responsável com seu filho.

Giovana não vê diferença entre a vivência do casamento hoje e na época de seus pais. “*Eu acho que os relacionamentos eles têm problemas, né, então poderia ter naquela época, os problemas serem outros, mas eu acho que não é diferente*”. Aponta como diferença a questão de que hoje as pessoas ficam juntas porque querem, e naquela época não, pois a mulher não era independente financeiramente. “*Então casava, não tava feliz, ia ficar infeliz, não tinha jeito... Se o marido traía, ia ficar, não tinha jeito. Eu acho que hoje em dia a diferença é essa... a gente sabe o que a gente quer, né, a gente quer ser respeitada*”. Crê que as coisas mudaram em virtude da independência financeira da mulher.

Giovana considera o marido uma pessoa muito especial. “*É uma pessoa muito carinhosa, muito compreensiva, me incentiva, me apóia, não é um homem que me cobra*”. Ele atendeu as suas expectativas como pai, tem uma relação “*maravilhosa*” com o filho. Apesar de o filho ficar mais com ela, é muito apegado ao pai. Ele nunca foi de participar das atividades de casa, nunca houve uma divisão de tarefas, e ela nunca solicitou sua participação, pois como ele sempre trabalhou muito, então ela não achava justo que ele ainda tivesse atividades em casa. “*Isso partiu até de mim mesma*”. Em relação ao filho, se precisar, o marido se envolve mais, porém ela não gosta muito de deixar o filho com ele, pois ele “*faz até bagunça demais*”, o que a deixa “*nervosa*”.

Crê que os papéis do homem e da mulher, hoje, são muito iguais, já que a mulher também trabalha fora o dia todo como o homem. “*Não tem porque ser diferente, né, chegar em casa e um ter um papel e o outro ter outro papel. Eu acho que os papéis deveriam, né, não sei se são, deveriam ser bem parecidos, eu acho que deveria ser meio a meio*”. Apesar disso, conhece casais jovens em que a mulher, apesar de trabalhar fora e contribuir igualmente para o sustento, tem o papel de cuidar dos filhos e da casa, e reconhece que em sua própria casa essa igualdade não acontece na realidade. “*Eu acho que deveria ser igual, mas não é muito não aqui em casa*”. Acha que ela contribuiu muito para isso.

Quando jovem, Giovana pensava em ser mãe. Depois que começou a trabalhar fora achava nunca que estava na hora. *“Eu sempre pensava Não, agora não, agora não é hora de ter filho, aí a gente vai protelando, protelando, demorei muito a ter filho por isso”*. Com o passar do tempo achou que realmente não fosse ter filhos. *“Eu sempre achei tudo muito difícil, eu sempre pensava muito assim né, no meu trabalho, em estudar”*. Depois que conheceu seu segundo marido, mudou de idéia. Ele sempre gostou muito de criança e queria ter dois filhos. Ela não tem vontade de ter outro porque a vida deles tem *“muita correria”*. *“Aí tive né, um, mas... você deixa de fazer tanta coisa que você não pensa em ter outro, você acha que um tá bom e pronto”*.

Giovana estava com trinta e dois anos quando engravidou. Achou que fosse demorar a engravidar porque tomava anticoncepcional há muitos anos, mas engravidou logo depois que parou o medicamento. Afirma que pela sua mãe não teria tido nenhum filho, mas isso não a influenciou, demorou a ter porque achava que exigiria muita responsabilidade e tinha muito medo disso. Pensava que se fosse para ter um filho iria realmente ser mãe, estar sempre presente quando ele precisasse. Nesse sentido suas expectativas foram alcançadas. Orgulha-se da criação que tem dado ao filho, pois ele é muito carinhoso, educado, se relaciona bem com todo mundo, e nem parece que é filho único. *“A nossa tendência é mimar muito, eu tento não mimar, primeiro porque é filho único e segundo porque é homem”*. O filho tem responsabilidades em casa, como organizar suas coisas, seu guarda-roupa, seus brinquedos, e, às vezes, descer com o lixo.

Giovana não trabalhou enquanto o filho era muito pequeno. Chegou a voltar para o trabalho, mas não conseguiu *“deixar”* o filho. Voltou a trabalhar quando o filho tinha em torno de seis anos. Atualmente, trabalha apenas um período do dia, o que lhe permite ter tempo para o filho. Acha que está fácil conciliar, pois o período que ela está no trabalho, o filho está na escola. Há uma pessoa que trabalha em sua casa para ajudá-la com as atividades, e fica com o filho aos sábados quando ela está na pós-graduação. Apesar disso, ressalta que ainda assim há coisas que deixa de fazer em virtude do filho.

Giovana não achava que estava preparada para ser mãe, sentia-se muito insegura com tudo. *“Eu nunca me achei preparada não, sempre tive muito medo”*. Crê que sua insegurança pode ter relação com o fato de não poder contar com sua família por perto. *“Você fica muito insegura com tudo, ele sentia muita cólica e ele chorava, gritava, e você não sabe o que faz, você fica louca”*. Até hoje fica insegura: *“Até hoje eu falo: Será que eu tô fazendo a coisa certa? A gente vai realmente pela intuição”*. Na época em que teve o bebê comprou *“um livrinho sobre como ser mãe”*, mas *“se pegou”* mais com Deus. *“Pedia*

muito a Deus pra me orientar”. Também conversava muito com sua sogra sobre suas dúvidas, e acha que foi aprendendo a medida que as coisas foram acontecendo.

Logo que seu filho nasceu sua rotina com o esposo foi muito alterada, pois acabou deixando-o um pouco de lado. Acha que o relacionamento é muito diferente de quando não se tem filho, pois se tem mais tempo um para o outro. Seu relacionamento íntimo com o marido também mudou com o nascimento do filho. *“Muda, porque às vezes você... na hora que você às vezes quer ter um relacionamento íntimo com o seu marido, às vezes você não pode, às vezes a criança chora, às vezes você tá cansada”*. Acha que ela e o marido conseguiram lidar bem com isso, e hoje, que o filho já está maior *“é muito bom”*. *“A gente passou por aquele momento de afastamento, que eu acho que foi normal, natural, mas a gente nunca deixou de ter carinho um pelo outro”*.

Afirma que a maternidade acabou interferindo em sua vida profissional. *“Você realmente deixar de fazer muita coisa, eu pelo menos deixei, porque eu não tinha uma sogra, uma mãe, ou uma secretária de confiança pra tá ali cuidando da minha casa, do meu filho”*. Hoje está tentando recomeçar, mas é difícil.

Seu modo de ver a vida também mudou com a chegada do filho, pois sente que agora há alguém que depende dela. *“Quando você não tem filho, você não tem medo de nada... depois você já começa a ter medo de tudo, você não pode morrer... você sabe que você tem uma criança que precisa de você, então você não pode mais fazer loucuras”*. Crê que, como mulher, mudou com a maternidade. *“A gente fica mais forte, eu acho que a gente enfrenta mais as coisas... quando a gente tem um filho, eu acho que a gente é capaz de tudo pra gente dar conta do recado”*. Por outro lado, aponta como uma modificação não muito *“legal”* o sentimento de insegurança e o medo de que algo ruim aconteça com o filho.

Depois que se tornou mãe sua relação com a mãe também mudou, pois passou a pensar mais na importância do respeito e do carinho do filho com os pais. *“A gente quer que o filho da gente respeite a gente, a gente quer que o filho da gente sempre trate a gente com carinho, né, então eu tento ser assim, né, eu acho que a gente acaba pensando mais nisso... porque a gente sabe como é, como dói, né”*.

Giovana descreve a maternidade como uma experiência maravilhosa, uma realização. *“Eu acho que toda mulher deveria ser mãe, é uma experiência de doação mesmo... quando você ama um homem você espera muita coisa em troca, o filho não, a gente, eu pelo menos eu espero, a única coisa que eu espero é que o meu filho seja feliz”*. Ressalta que não pensa em ter mais filhos porque hoje em dia é muito difícil educar uma criança, *“tanto emocionalmente como financeiramente”*. Acredita que não há de negativo em ser mãe.

Giovana considera muito importante na criação e educação do filho ensinar o respeito que se deve ter pelas pessoas. Acha que não tem muita diferença entre educar um menino e uma menina. *“Eu acho que não tem tanta diferença assim, eu acho que o que você tem que ensinar pra um, você tem que ensinar pro outro, que é a responsabilidade, né, da vida”*.

Seu dia a dia como mãe é *“aquela correria”*. No período da manhã ela fica por conta do filho e, quando dá tempo, resolve questões relacionadas a casa, como ir ao supermercado, pagar contas. Quando o filho vai para a escola ela vai para o trabalho. À noite quando chega do trabalho conversa com o filho, coloca para tomar banho, e procura ver o que ele está precisando. Nos finais de semana saem para passear. Seu marido a elogia muito como mãe, e diz que *“não poderia ter encontrado uma mulher melhor pra ser mãe do filho dele”*.

Giovana ressaltou sua dificuldade em falar da mãe. Ao se comparar com ela, afirma que a mesma poderia ter feito mais pelos filhos, e poderia ter tentado ser mais sua amiga. Ao contrário da mãe, sempre procurou ser amiga do filho. Ressalta a preferência de sua mãe pela outra filha, e lembra-se das críticas e ofensas de quando era criança. Acha que isso fez com que ela crescesse com uma *“certa barreira”* em relação à mãe. *“Eu acho que eu tenho muito mais obrigação com a minha mãe do que aquela afeição”*. Apesar de ter muitas diferenças com ela, sempre procurou respeitá-la. O que vê de parecido é a preocupação em relação aos filhos. Sua mãe sempre procurou dar o melhor aos filhos, mesmo com vida humilde, e deixou de fazer muitas coisas para ficar perto dos filhos, assim como ela, que também acabou abrindo mão de algumas coisas por causa de seu filho.

Giovana imagina que seu filho vai ser um pai como o seu marido. *“Ele é muito parecido com o meu marido, fisicamente e o jeito todo, então eu acho que ele vai ser assim muito brincalhão, sabe, muito responsável, de querer dar as coisas que precisa”*.

Crê que ser mãe hoje é mais difícil do que antigamente. *“É mais difícil porque a mulher trinta anos atrás, pelo menos as que eu conheço, cuidavam mais mesmo assim dos afazeres ali domésticos, né, da casa, dos filhos. E hoje a mulher tem que cuidar da casa, dos filhos e ainda tem que cuidar de fora da casa”*. Critica a postura dos homens, hoje, frente à paternidade. *“Antigamente os homens... pelo menos acho que a maioria, assumia aquela responsabilidade de ser pai, de sustentar uma casa, de assumir, e acabou. Hoje em dia os homens eles não estão assumindo muito não, se tiver que ir embora, eles vão e largam os filhos tudo pra lá, então eu acho que é mais difícil hoje”*. Crê que a criação hoje é mais difícil pelo fato da mulher trabalhar e ficar longe dos filhos, e não conseguir impor limites para os mesmos.

Giovana sempre tentou resolver as coisas sem pedir ajuda a ninguém. Na gestação, ia ao médico sozinha, não chamava o esposo. *“Eu achava estranho porque eu ia no médico, todas as mulheres grávidas com os maridos e só eu sozinha, né, aí eu falei Gente, mas pra que eu vou trazer meu marido, não tem necessidade”*. Ficou na casa da mãe quando teve o bebê, mas não ficava solicitando a ajuda da mãe para tudo. Quando o filho era muito pequeno contava mais com o esposo. Uma prima de seu esposo foi trabalhar em sua casa para ajudá-la. Depois contratou a pessoa que está em sua casa até hoje. *“Sempre contei muito com ela, o meu filho adora ela”*. Sempre tentou ser uma *“super mãe”*, e acabou assumindo essa responsabilidade para si. Não cobra muito a participação do esposo. Só contava com o marido aos domingos para ir passear, ou quando o filho estava doente.

O filho tem responsabilidades em casa, como organizar suas coisas, seu guarda-roupa, seus brinquedos, e, às vezes, descer com o lixo.

Estrutura 15 – A experiência de Hilda

HILDA tem 60 anos, é casada há 40, tem quatro filhos (uma filha de 36, e três filhos homens, 32, 30 e 25 anos). Nasceu e foi criada numa cidade de pequeno porte de MG. Após o casamento, mudou-se para a região metropolitana da capital do ES. Cursou o primeiro grau incompleto. Nunca trabalhou fora. É evangélica.

Hilda se casou com vinte anos. Conheceu o esposo em sua casa, quando ele foi à mesma a passeio. Casou praticamente *“sem namorar”*, pois apesar do namorado ir a sua casa e conversarem, não tinham comportamento de namorados. Ela era muito *“boba”*, muito *“calada”*, e o pai e irmãos eram muito ciumentos. O namorado tinha uma namorada em outra cidade, mas a deixou para casar com Hilda. Foram dois anos e meio entre namoro e casamento. Os pais aprovavam o relacionamento, pois gostavam muito do rapaz. *“Não é que eles escolheram ele pra mim, mas... as coisas, Deus faz as coisas do jeito certo, tinha que ser ele pra mim e eu pra ele pra dar certo”*.

Hilda sempre pensou em se casar. Conversava com as amigas sobre casamento, mas sua mãe nunca falou com ela sobre o assunto. Antes de se casar, sonhava com o casamento e tinha algumas expectativas, que não foram totalmente alcançadas. *“Eu sonhava, só que foi diferente assim do que eu pensei”*. Crê que o marido era muito novo e inexperiente, e não estava muito preparado para casar. *“Eu pensava que ele tivesse mais preparado pra casar, e ele continuou assim fazendo arte... aprontou muito depois que casou... muito sem juízo”*. Acha que ela estava mais amadurecida e mais preparada que ele.

Hilda acredita que o casamento não interferiu em outros planos, pois este era seu projeto de vida. *“Eu me dei bem com o casamento, assim, me realizei no casamento”*. Não pensava em trabalhar fora ou em dar continuidade aos estudos. Mesmo antes de se casar nunca trabalhou fora.

Está casada há quarenta anos. Afirma que seu casamento *“foi tudo de bom”*. Prefere não se lembrar de coisas que a magoaram. Passou *“maus pedaços”*, mas deu para *“segurar as pontas”*. Ressalta que *“a vida a dois é muito difícil”*, e que é necessário muita renúncia, paciência, calma e amor.

Seu esposo sempre trabalhou fora. Deu prosseguimento aos estudos, e fez três cursos de nível superior após o casamento. Ele é aposentado, mas continua trabalhando. Ficava a maior parte do tempo fora, mas sempre foi presente. *“Ele não podia acompanhar direto porque ficava fora, mas ele sempre preocupava muito com os filhos... quando tava presente ele era bem presente mesmo”*. Ajudava com os filhos pequenos quando podia. Sempre gostou de passear com a família nos fins de semana, era sua atividade favorita. *“Porque o tempo dele era pouco, então, o que ele podia oferecer era se oferecer pra passear com as crianças”*. Ele também ajudava nas tarefas de casa quando podia. Não precisava solicitar sua ajuda.

Durante as gestações ele também a apoiava e se preocupava muito com ela. Acha que ele é uma pessoa *“muito boa”*. *“Depois que eu acabar de falar, só vai faltar eu fazer um oratório e botar ele... tem os defeitos, que ninguém é perfeito... ele tem tanta qualidade, que as qualidades dele cobre até certos defeitos”*. Ele atendeu as suas expectativas como pai, e tem uma relação *“excelente”* com os filhos. *“Nossa, ele dá a vida pelo filho”*. Os filhos o respeitam e o amam muito

Seu esposo sempre foi responsável pelo sustento da família. Com base em sua experiência, crê que a principal responsabilidade do homem na família é assumir o sustento. *“O meu marido, a responsabilidade maior é sempre dele aqui, de assumir as coisas, sempre ele assumiu, nunca deixou nada pra mim”*. É o marido quem paga todas as despesas e inclusive quem sai para pagar as contas. *“Ele não dá tarefa pra ninguém fazer nada, ele sempre sai fazendo tudo, ele paga as contas... eu aprendi assim, ele me acostumou assim, então eu acho que é mais do homem mesmo”*. Como tarefa da mulher na família, aponta a questão de estar sempre presente, educando e corrigindo os filhos.

Hilda acha que a vivência do casamento hoje é diferente da vivência do casamento há quarenta anos. *“Eu acho muito diferente, pelo menos assim, do meu casamento, porque hoje em dia todo mundo trabalha, as mulheres trabalham... o casal agora... estão sempre os dois*

trabalhando”. Acha que antigamente era mais fácil, pois a mulher não tinha necessidade de trabalhar. Por outro lado, afirma que hoje é melhor, porque os dois trabalham e a mulher tem mais possibilidades. “*Eu acho que eu seria também diferente, eu não iria ficar parada no tempo, eu não iria ficar só fazendo bordadinho, eu ia querer crescer, né, eu ia estudar, trabalhar*”.

Afirma que antigamente a separação não era algo comum. “*Hoje em dia tá mais comum, naquela época era assim mais criticado*”. Comentou sobre a separação de um irmão mais velho. “*A culpa foi dele, porque ele bebia muito, então acabou o casamento, perdeu o emprego e tudo*”. Seus pais culpavam a esposa, pois achavam que ela devia ter suportado mais. “*Sabe como é que são os pais, eu como sou irmã, eu sabia que ele tava errado, mas os pais achavam que ela devia ter agüentado mais, mas é difícil agüentar... minha mãe achava que ela devia ter sido mais tolerante*”.

Fazendo uma comparação com o casamento dos pais, Hilda acha que seu casamento foi diferente. Acha que o pai expressava mais seu sentimento em relação a sua mãe. “*Meu pai amava minha mãe demais... ele amou ela demais, até velhinho, até na hora de morrer... ela amava ele também, mas ele tinha aquele amor que mostrava*”. Acha que seu marido é muito bom, mas ele não a ama da mesma forma que seu pai amou sua mãe. Crê que hoje em dia é raro um amor como o deles, e mesmo naquela época não era comum. Gostaria que o marido fosse como seu pai.

Acha que seu casamento é semelhante ao dos pais na questão do respeito e da união da família, que é muito “*bem estruturada*”. Como diferença, menciona o fato dos filhos terem dado muito “*trabalho*” aos pais, apesar do jeito que viviam, enquanto ela e o esposo nunca tiveram esse tipo de problema.

Hilda sempre pensou em ser mãe. “*Tinha o meu sonho de um dia casar e ter filhos*”. Acha que esse desejo já estava nela. “*Era uma coisa minha mesmo, não foi influência não de ninguém, de nada não, vem da gente mesmo*”. Não se lembra das pessoas comentando sobre a maternidade. Sua mãe não falava sobre o assunto, ia descobrindo as coisas sozinha, e também a partir de leituras, pois gostava muito de ler.

Antes de ter filhos, achava que estava preparada para ser mãe, e suas expectativas em relação a maternidade eram relacionadas ao cuidado. “*Eu imaginava assim, como eu ia cuidar*”. Acha que foi do jeito que imaginava.

Hilda e o marido queriam ter filhos e conversavam sobre isso. Ela teve dificuldades para engravidar da primeira filha, e achava que não poderia ter filhos. Quando engravidou foi um “*sonho*”. Teve a filha com três anos e quatro meses de casada. Achou que fosse ter

dificuldade para engravidar novamente, mas não teve, e foi engravidando. Apenas a gravidez do filho mais novo foi planejada, pois iria operar para não ter mais filhos. Todas as gestações foram bem vindas.

Hilda acredita que com o nascimento dos filhos seu relacionamento conjugal mudou para “melhor”. *“Acho assim que melhorou porque a gente... a ligação fica melhor... melhorou bastante”*. Acha que a chegada dos filhos não afetou seu relacionamento íntimo com o marido, e não interferiu em outros projetos de vida, como o trabalho. *“Nunca pensei em trabalhar não... eu era assim, me completava eu e os filhos, eu num... eu achava que eu tando com eles estava bom demais”*.

Hilda sempre pode contar com o apoio de sua mãe na gravidez e no nascimento dos filhos. *“Nossa, minha mãe ajudou demais!”* Quando tinha bebê a mãe ficava com ela durante todo o resguardo. Quando teve o último filho, contou com a ajuda de uma amiga. A sogra também sempre foi presente, mas não na questão de ajudar diretamente com o bebê, pois não *“levava jeito”*. Não teve muita ajuda da mãe e da sogra no cuidado com os filhos, pois elas moravam longe. Sempre se virava sozinha. Nunca fui de ocupar vizinhos.

Aponta como mudança decorrente da maternidade o fato de deixar de pensar apenas em si, e pensar nos filhos. As preocupações também aumentam. *“Eu sou muito assim de, às vezes, até sofrer por antecedência, preocupo, preocupo demais”*. Seu relacionamento com a mãe sempre foi bom, e que não houve grande mudança com a maternidade. Porém, ressalta que passou a valorizar mais a mãe. *“Eu acho que eu passei a dar mais atenção a ela... porque depois que a gente é mãe, eu acho que a gente que tem esse sentimento de mãe”*.

Acha que como mulher também mudou com a maternidade, pois era *“mais vazia”*. *“E depois, com o filho, a gente preenche, a gente fica mais... poderosa, sei lá, sei lá, não sei te dizer, eu sei que preenche a vida da gente... eles preencheram a minha vida, como mulher mesmo”*.

Fazendo uma avaliação da maternidade, Hilda considera que *“foi muito bom”*, *“é tudo de bom!”* Não teve problemas com os filhos, e crê que não há nada de negativo nessa experiência. A dificuldade que ressalta é que ficava muito sozinha com os filhos, e era *“muita luta”*. Acha que seu marido e filhos a vêem como uma boa mãe.

Em sua opinião, na educação dos filhos amor e respeito são *“fundamentais”*. Sempre procurou passar esses valores para os filhos. Agradece a Deus pelo fato dos filhos terem incorporado esses valores. Acha que a educação de meninos e meninas, hoje, deve ser igual, pois são outros tempos. Até em relação às atividades de casa deve ser igual, embora não tenha feito isso em sua casa, nem mesmo com a menina. Teve os três primeiros filhos numa

cidade de médio porte do norte do ES, e o mais novo na região metropolitana da capital do ES, onde todos foram criados.

Quando os filhos eram pequenos sua vida era “*aquela correria*”, já que tinha que dar conta dos filhos e da casa sozinha. “*Era levantar cedo, era cuidar da casa, ter a comidinha na hora, a roupa lavada... botar pro colégio*”. Ela era a responsável por educar e corrigir os filhos. Batia e castigava quando julgava necessário, mas “não espancava”. Era “brava” para que os filhos a respeitassem. “*Eu mesma que corrigia, castigava, era tudo eu porque ele não tava aqui*”. Segundo ela, “*pé de galinha não mata pinto*”. O pai nunca bateu.

Segundo Hilda, sua mãe era muito boa, mas muito brava e “sistemática”. “*Ela era brava, ela batia, nossa, apanhei muito*”. Os filhos tinham respeito e também certo medo em relação a ela. A mãe tinha que cuidar dos sete filhos e da casa sozinha. Diferentemente dela, sua mãe ensinou aos filhos tarefas de casa, sobretudo os mais velhos. “*Nessa parte ela foi até melhor do que eu*”. Acha que agia assim por necessidade, em virtude de seu problema de saúde, pois sempre estava “*passando mal*”. Apesar disso, ressalta que nenhum dos irmãos teve a masculinidade afetada. “*É tudo homem mesmo, sabe, mas todos tinham a obrigação de cuidar*”.

Outra diferença que aponta em relação à sua mãe é a questão de se considerar mais “aberta” e “mais moderna” que ela. “*Eu sou muito diferente dela porque eu sou mais aberta, mais liberal, converso mais com meus filhos, sempre conversei... nunca teve nada escondido não*”. Sua mãe não conversava com ela sobre as coisas, e sentiu muita falta disso. “*Tinha coisa que ela tinha que ter falado pra mim*”. Como semelhança, aponta a questão da preocupação com os filhos, o cuidado e a união da família.

Comparando-se com a filha, acha que ela não é parecida como mãe, pois Hilda era mais “exigente” com os filhos. Acha que pelo fato de trabalhar fora, a filha acaba sendo muito permissiva com os filhos, como se quisesse compensar a ausência. “*Às vezes ela deixa de cortar alguma coisa, corrigir um filho porque ela se sente assim, culpada de não estar presente sempre*”. Também acha que o jeito de criar é diferente. Acha que hoje as crianças sabem pedir e antigamente não. Como semelhança aponta a questão da preocupação e cuidado com os filhos. Também ressalta como diferença o fato de que quando teve a primeira filha não sabia segurar, dar banho, cuidar do umbigo, etc., enquanto que sua filha sabia fazer tudo isso sozinha.

Hilda demonstra ambigüidade na comparação entre ser mãe hoje e ter sido mãe há quarenta anos. Acha que na questão da educação hoje é mais fácil, pois há mais diálogo com os filhos, há mais abertura. Por outro lado, acha que é mais difícil hoje, pois

antigamente não tinha “*essas coisas ruins*” que acontecem hoje, que causam muita preocupação. “*Agora tem mais riscos... acho que agora é mais preocupação... por causa da violência que tem*”.

Estrutura 16 – A experiência de Helena

HELENA tem 36 anos, é casada há 19, tem dois filhos (filho de 14 e filha de 9). Nasceu numa cidade de médio porte do ES, e mudou-se para a região metropolitana da capital do ES aos 05 anos. cursou o ensino superior após o casamento. Não trabalhava fora antes de se casar, atualmente trabalha. É evangélica.

Helena se casou com dezessete anos. Conheceu o esposo aos catorze numa festa. Namoraram três anos e se casaram. Crê que “*queimou uma etapa*” casando-se muito jovem. Apesar disso, o casamento fazia parte dos seus planos de vida. “*Sempre quis casar, ter filhos, constituir uma família, não tão precocemente, mas deu tudo certo*”.

Tinha muito medo de seu casamento “*não dar certo*” em virtude de serem muito jovens. “*Porque eu muito nova, meu marido apesar de ser seis anos mais velho do que eu, mas também muito novo... e eu achei que talvez eu tivesse problemas*”. O marido a surpreendeu e acabaram superando as dificuldades.

O casamento não atrapalhou outros projetos de vida. “*Meu marido nunca atrapalhou... ele nunca colocou qualquer obstáculo, sempre me apoiou no que eu pretendia*”. cursou ensino superior e começou a trabalhar após o casamento. A decisão em relação a ela trabalhar foi tomada em comum acordo por ela e o marido, que a apoiou. Menciona que o pai a influenciou em sua escolha profissional.

Quando começou a trabalhar a filha mais nova tinha um ano de idade e o mais velho, seis. Sempre contou com o apoio da sua família, especialmente da mãe, que morava próximo de sua casa. Trabalhava em regime de plantão, e deixava os filhos com a mãe. Sempre teve uma pessoa trabalhando em sua casa, mas nunca deixou os filhos por conta da mesma. Foram cinco anos trabalhando nesse regime de plantão, o que lhe permitia estar sempre presente. Depois passou a trabalhar todos os dias, e ficava mais ausente. “*Aí os filhos já tavam um pouquinho maiores... e a escola também ocupa um pouco desse espaço, né, aí não tive problema não*”. Se precisasse também podia contar com a mãe do esposo, mas não foi preciso.

Avaliando seu casamento, aponta como positivo a constituição de sua família. “*Eu sou assim nova ainda e já tenho os meus filhos já grandinhos, isso é bom*”. Revela que não se imagina mais sem o marido. “*Não que seja assim um casamento perfeito, mas... a gente*

acaba convivendo demais com a pessoa e depois acostuma... eu dividi tanto da minha vida com ele, que a gente é muito ligado”.

Como negativo, destaca o fato de ter *“pulado algumas fases”* por ter se casado jovem. Acha que perdeu a fase de fazer amizades e hoje em dia sente falta disso. *“Foi uma fase que eu não pude fazer minhas amizades né, ter uma turminha, amigos pra sair, porque isso foi justamente a época que eu já tinha uma casa, já tinha responsabilidades”*. Na época da faculdade também não fez muitas amizades, pois haviam as limitações pelo fato dela ser casada e ter filhos. *“O pessoal da faculdade saía pra fazer alguns programas, coisas que eu não participava, porque já num cabia, ficava sem jeito, ficava estranho... eu não me sentia bem”*. Apesar de sentir falta das amizades, acha que o marido *“acabou suprindo tudo isso”*.

Para Helena, o marido atendeu às suas expectativas como pai. Ele sempre buscou fazer atividades com os filhos, e tem um bom relacionamento com eles. Foi muito presente durante as gestações, e sempre a ajudou com os filhos pequenos. Nunca demonstrou preferência por alguma atividade em relação aos filhos. Sempre a ajudou com os filhos, mas *“claro que a responsabilidade principal ficava comigo”*. Ele não tinha nenhuma tarefa pré-determinada, e ela não precisava solicitar sua participação, *“ele mesmo já fazia”*. *“Nunca precisei impor tarefa... ele sempre foi compreensivo de me ajudar bastante, de dividir”*.

Atualmente, que o filho mais velho está na adolescência, Helena tem solicitado uma participação mais efetiva por parte do marido, pois não está conseguindo administrar sozinha. Acha que o filho está se distanciando da família, e teme por isso. *“Tenho buscado mais o meu marido e pedido a ele pra ter uma conversa mais firme, tipo, sei lá, de homem pra homem, e conversar mais firme... porque eu tô percebendo que essa conversa muito mansa de mãe não tá resolvendo muita coisa não”*. O marido aceitou *“numa boa”* e estão tentando lidar com a situação.

Crê que a vivência do casamento hoje mudou muito em virtude da independência financeira da mulher. *“Eu acho que a mulher ela tá muito mais independente, a mulher ela só fica casada se ela quiser, porque a independência financeira, ela deu muita liberdade pra mulher, então hoje em dia a mulher não vive em função de casamento, filhos, família, essas coisas, mas uma busca da realização profissional, pessoal”*. Acha que isso é bom por um lado, pois a mulher *“já não fica muito presa a um homem”*. Por outro, era mais cômodo quando a mulher vivia em função do homem.

Helena comentou sobre a separação de um casal próximo. Acha que a separação foi motivada pelo fato do casal ter *“uma criança com problema”*. As pessoas comentavam que o casal era muito imaturo, e criticavam a separação. *“Eles casaram e não suportaram*

aquela situação... não conseguiram segurar". Acha que isso talvez tenha atrapalhado o tratamento da criança e que deveriam ter permanecidos juntos. *"Se tivessem ficado junto talvez tivesse sido melhor"*.

Fazendo uma comparação com o casamento dos pais, crê que há semelhanças. Compartilha da opinião do pai de que a mulher tem que ter tempo para os filhos e para a casa. Sua mãe *"vive exclusivamente pros filhos, só em casa, nunca trabalhou fora"*, e Helena considera isso positivo. Acha que sua família é bem-estruturada e unida por conta dessa dedicação da mãe. Afirma que em sua casa é semelhante. *"Acho que eu acabei assimilando isso da minha família, dos meus pais"*.

No que se refere ao relacionamento dos pais, pensou em *"mudar algumas coisas"*. Acha que a mãe é muito *"linha dura"* com o pai. *"Porque nem tudo que minha mãe faz, fazia, eu concordo... não quis fazer igual a ela... ela é muito controladora, gosta de manter as rédeas curtas e tal, e não é assim, eu não gosto muito dessa, desse domínio... eu deixo ele mais solto"*.

Crê que o papel principal do homem é *"sustentar a família"*. Em relação a mulher, aponta o suporte emocional. *"A mãe é mais o lado emocional, assim, do diálogo"*. *"Quando os filhos precisam de alguma coisa, precisam conversar, eles procuram a mãe, agora se precisam de alguma coisa material, procuram o pai"*. Os filhos não têm responsabilidades em casa, pois ela tem empregada, que fica responsável pela casa.

Sempre que precisou tinha empregada para ajudá-la. Quando não tinha o marido a ajudava. *"Algumas coisas melhores que outras... tem coisa que ele não gosta de jeito nenhum... me ajudar na casa ele não gosta, forrar uma cama, varrer, arrumar a casa, essas coisas não, agora cozinha... ele sempre me ajudou"*. O marido a ensinou a cozinhar, pois quando casou sabia muito pouco.

Helena sempre pensou em ser mãe. *"Eu sempre pensei, né, em casar, ter filhos e tal, e depois que a gente casa acaba faltando alguma coisa né, então o filho acaba sendo um desejo dos dois, e foi isso que aconteceu"*. Acha que o fato de ter sido mãe jovem não atrapalhou outros projetos. *"Eu já queria há tanto tempo, fui querendo tanto... Não interferiu não, porque era prioridade pra mim naquela ocasião"*. Havia muita cobrança para que engravidasse, mas não acha que foi influenciada em seu desejo. *"Eu sempre tive muita vontade de ser mãe, inclusive eu até comentava, falava que queria ter muitos filhos, se eu tivesse nascido a uns, a uns trinta, quarenta anos atrás talvez eu fosse mãe de uns dez, porque eu gosto muito de filho, de estar grávida, de ter filho, de ver aquele monte de menino com a minha cara"*. Quando criança, suas brincadeiras sempre envolviam essa

questão de casar e ter filhos. *“A gente cresceu pensando em casar e ter filho... acho que é mais instinto de menina, sempre tive muita boneca, sempre brinquei de casinha, essas coisas assim de menina”*.

No início, como não tinha *“muita segurança”* em relação ao seu casamento, ficaram um ano sem planejar filhos. *“Após um ano a gente decidiu que já tava tudo certo e que poderíamos tentar um filho”*. Tinha problema para engravidar, então demorou quatro anos para ter o primeiro filho. *“Mas o filho foi sempre muito desejado... muito esperado”*. Contou que teve uma outra filha depois de três anos, que faleceu por problemas de saúde. Depois de dois anos engravidou novamente e teve sua filha mais nova. Por conta da dificuldade para engravidar, os filhos não eram muito planejados, *“mas sempre foram bem vindos”*.

Suas expectativas em relação à maternidade *“foram até superadas”*. *“Depois que a gente tem filho, a gente ama tanto aquele, aquela criatura que a gente nem consegue imaginar como, como poderia ser se não fosse daquele jeito... eu fico imaginando o que seria de mim sem eles, tudo o que eu faço, que eu penso, que eu vivo é em função desses dois”*. Não imaginava que fosse um *“amor tão grande”*. Sente-se frustrada, às vezes, de não ver o *“retorno”* por parte dos filhos. Ressalta ainda que mulher acaba se anulando.

Antes de ter filhos, não se preocupava se estava preparada para ser mãe. *“Eu deixei acontecer, e as coisas foram acontecendo normalmente, nunca tive dificuldade nenhuma não, nunca me apavorei com nada, superei numa boa isso”*. Quando teve o primeiro filho, parecia que já sabia tudo. *“Inclusive minha mãe até se surpreendeu com isso porque... primeiro filho, nunca precisei pedir nada a ela... sempre me virei sozinha, e até por contar também com a ajuda do meu marido”*.

Helena acredita que seu relacionamento conjugal mudou bastante depois que teve os filhos. *“Primeiro a intimidade, porque o casal já não, não é só mais aquelas duas pessoas, agora tem uma terceira pessoa, né, e isso interfere demais... no relacionamento íntimo... então distancia um pouco mais”*. Acha que, às vezes, o homem tem dificuldade de entender isso. *“A mulher tem maior facilidade de abrir mão do que o marido abrir mão da mulher pra uma, pro filho”*. Acha que o casal deve saber administrar a situação, porque agora a mulher *“é esposa e mãe”*.

Crê que a sua forma de ver a vida mudou depois que teve filhos, passou a ser mais protetora. *“Em qualquer situação, eu fico me imaginando como mãe daquela pessoa, nas piores situações... eu costumo cuidar de todo mundo como se eu fosse a mãe de todo mundo”*. Seu relacionamento com a mãe também mudou muito depois da maternidade. *“A gente valoriza muito mais a mãe da gente porque a gente sabe tudo que ela passou, a gente*

imagina né, tudo que ela passou pelo que a gente tá passando". Ficaram mais próximas e há mais *"cumplicidade"*. Acha que *"cresceu muito depois que foi mãe"*.

Para Helena, *"ser mãe é uma experiência ímpar... filho é uma coisa maravilhosa que acontece na vida da gente. Ser mãe pra mim foi e tá sendo uma coisa boa demais"*. Afirma ser mãe é uma realização, e *"é viver em função dos filhos"*. Não menciona nada de negativo nessa experiência, a não ser questões *"estéticas"*. *"Fora as estrias e ganhar peso, mas nada de negativo"*.

Nunca havia pensado em como as pessoas a vêem como mãe, mas crê que como boa mãe. Acha que na opinião dos filhos, há críticas. *"Agora os filhos têm sempre alguma crítica pra fazer né, eles acham que eu fico muito colada... que eu vigio demais, que eu futuco demais, que eu tinha que deixar mais livre... às vezes, eles acham que eu sou chata, controlo demais"*. Crê que está certa em agir assim.

Considera muito importante na educação dos filhos passar o valor de *"respeito"* e ter *"princípios religiosos"*. *"Eu acho que é fundamental também ter esse temor de Deus, porque eu acho que o que falta muito é o temor de Deus, hoje em dia... a maioria dos problemas acontece por falta do conhecimento, da intimidade com Deus"*. Acha que menino e menina têm que ser educados da mesma forma, embora aponte algumas diferenças de acordo com o sexo. *"Menina é mais carinhosa, mais apegada, então às vezes a gente pode educá-la mais próxima da gente, agora menino não, menino já chega uma fase que é difícil pra ele você ficar até com muito carinho, porque menino é mais largado, mais agitado, mais solto"*.

Segundo Helena, sua rotina sempre foi em função dos filhos. Quando pequenos, aproveitava quando estavam dormindo para cuidar de alguma coisa da casa. *"Mas sempre igual uma leoa vigiando filhote, ouvia de longe qualquer gemidinho, a gente tá sempre atenta"*. Quando maiores, mandava para a escola, e ficava *"enciumada"* nessa fase, porque os filhos ficavam bem sem ela. Depois superou. Acha que, de certa forma isso foi bom, porque pode se *"soltar"* um pouco deles também.

Afirma que sua mãe, às vezes, era *"nervosa"*, porque tinha que dar conta dos filhos pequenos sozinha. São três filhos e uma filha, e os irmãos eram muito *"bagunceiros"*. Apesar disso, *"sempre foi uma boa mãe"*. Comparando-se com ela, acha-se uma mãe bastante parecida. *"Ela sempre se preocupou em fazer sempre uma programação com os filhos, estar sempre todo mundo junto, esse tipo de coisa que eu também valorizo, dou maior valor a isso, família, programas em família"*. Considera-se diferente em um aspecto: a mãe era mais *"rígida"* e ela é mais *"flexível"*. *"Eu sou menos brava que ela, inclusive,*

inclusive até ela, por muito menos, ela pegava a gente né... e batia, e eu não, eu sou mais frouxa”.

Helena acha que em sua época de criança havia mais respeito, os filhos não questionavam tudo como hoje. *“Se o pai falasse ou então olhasse pra gente diferente a gente já ficava né, cabreiro, hoje em dia não, as crianças já são mais soltas, já têm mais coragem, já enfrentam mais”.*

Pensando na filha como mãe, aponta diferenças. *“Ela é diferente de mim, ela parece ser mais independente... me parece que não é prioridade dela ter filhos... a prioridade dela é trabalhar, sair de casa”.* Percebe que o comportamento dela é diferente do dela quando tinha a mesma idade, e crê que essa forma dela ser é comum nos dias de hoje. Acha que o filho vai ser parecido com o pai quando for pai.

Helena acha que ser mãe hoje é diferente de antigamente. Avalia que hoje é mais difícil. *“Se eu tivesse sido mãe há uns quarenta anos eu queria ser mãe de uns dez, porque eu acredito que há uns quarenta anos atrás era muito mais fácil criar uns dez filhos do que criar hoje em dia, violência, modernidade, tudo isso atrapalha muito a vida da gente, a educação dos filhos”.* Acha que hoje há muita interferência na educação dos filhos, como por exemplo, dos meios de comunicação, e que há menos domínio por parte dos pais.

Estrutura 17 – A experiência de Ivone

IVONE tem 60 anos, é casada há 41, tem 4 filhos (filhas com 40, 34 e 27 anos, e um filho de 38). Tem uma filha adotiva de 20 anos. Nasceu numa cidade de porte médio do ES e foi criada no interior de MG. Depois de casada mudou-se para uma cidade maior de MG. Quando se casou só tinha o primário, depois voltou a estudar. Kursou ensino superior. Começou a trabalhar depois do nascimento da 3ª filha. É evangélica.

Ivone se casou com dezenove anos. Tinha dezesseis anos quando se conheceram. Moravam em cidades diferentes e se viram pela primeira vez numa praça, na cidade onde ela morava. Namoraram dois anos e quatro meses.

Seu plano de vida era o casamento. *“Minha prioridade era casamento... Naquele tempo para todas as moças, a prioridade era casamento, parece que a gente era educada, preparada pra isso”.* Ter se casado não interferiu em outros projetos, já que seu objetivo era esse. As moças se casavam muito jovens naquela época. A visão que se tinha do casamento era de que deveria ser por amor e definitivo, *“só a morte separaria”.* O pai era quem conversava com ela sobre as coisas, e a preparou para o casamento. Ensinou que a mulher devia ser submissa ao homem.

Suas expectativas em relação ao casamento foram alcançadas. *“Foi o casamento dos meus sonhos”*. Acha que Deus fez muito por ela e o marido nesses mais de quarenta anos de casados. *“Todos os dias eu agradeço a Deus e eu nunca consegui pensar a minha vida sem ele”*. Eles vivem sempre juntos, respeitam-se, mesmo com as diferenças de personalidade. Hoje têm uma relação *“tão profunda”* que vê o marido mais como *“um conselheiro, um amigo”*. Não vê nada de negativo em seu casamento, pois conseguiram superar todas as dificuldades com a ajuda de Deus.

No início do casamento o marido era muito ciumento, a *“manipulava”* muito, mas sabia entendê-lo, pois o pai também era assim com os filhos. O marido foi o que ela esperava. *“Um homem dedicado, caseiro, que participasse de tudo”*. Ele sempre trabalhou muito, mas isso não afetou o relacionamento. Depois do casamento ele terminou o segundo grau e cursou três cursos de nível superior.

O marido também atendeu às suas expectativas como pai. *“Os filhos têm paixão, amam [ele] demais... Com os filhos sempre foi muito bom o relacionamento”*. Sempre teve uma relação aberta com os filhos, apesar de sua rigidez. Os filhos sempre o respeitaram muito e o reconhecem como autoridade.

O marido a apoiou quando ela quis estudar. Ele temia pelos filhos, mas ela contratou uma pessoa para tomar conta deles, e ficou tudo bem. Após um tempo descobriu que já estava grávida, mas não quis interromper. Fez supletivo *“para adiantar”*. Depois que terminou o segundo grau fez um curso técnico, e em seguida, curso superior. Quando começou a cursar faculdade, logo engravidou da filha caçula. Não enfrentou dificuldades nessa questão dos estudos.

O marido aceitou que ela também trabalhasse. *“Eu tava admirada dele me apoiar porque é rígido, rigoroso, mas eu acho que nesse tempo eu já tinha provado para ele quem eu era”*. Nessa época estava morando próximo a casa da mãe e tinha todo suporte. Também tinha uma pessoa trabalhando em sua casa.

O trabalho foi opção sua, era seu *“sonho”*. Trabalhava e estudava, mas sempre foi possível conciliar, pois teve muito apoio. Mesmo quando trabalhava, nunca deixou os filhos e o marido de lado. Quando terminou a faculdade, passou a trabalhar de manhã, à tarde e a noite, apesar de financeiramente não precisar. Todo o dinheiro sempre foi para *“supérfluo”*, pois o marido supria todos os gastos da família. Parou de trabalhar após ter adotado uma menina.

Ivone sempre contou com o apoio de sua família. Nunca contou com a família do esposo, nem tinha contato com eles. *“Nunca contei com eles não, porque a minha família*

me supria totalmente... a gente não tinha esse laço muito afetivo com a família dele não". Não tinha muito contato com vizinhos e amigos, pois o marido não gostava.

O marido sempre colaborou em casa. "*Muito caprichoso, de guardar tudo certinho, deixar tudo adequado, tudo certinho*". Nunca fez tarefas de casa, mas era organizado, fazia alguns consertos, o que ela considera uma forma de colaboração. Também ajudava com os filhos quando podia, e ela não precisava solicitar sua participação. "*Ele gostava mesmo, gostava muito de sair pra gente passear, gostava muito, sempre foi muito participativo*". Era o que mais gostava de fazer.

Ela e o marido sempre dividiram a educação dos filhos. "*Primeiro a iniciativa era dele, mas sempre eu apoiei, e ele tomava opinião comigo*". Eram muito rígidos, segunda ela, pois queriam "*filhos equilibrados*". Os filhos nunca tiveram obrigações em casa, pois sempre tiveram empregada. Apenas a mais velha ajudou um pouco.

Acha que o papel do homem é sustentar a família, ser autoridade, ser o líder. Foi educada dessa forma, e acha que é o correto. Com relação ao papel da mulher, acha que ela tem que ser a responsável pela organização do lar e dos filhos. Crê que hoje é isso que está faltando nas famílias, o que tem trazido "*muito prejuízo*", pois "*ninguém substitui a mãe, não tem babá, não tem aparelho eletrônico, não tem bens materiais, recursos, presentes... Mãe é mãe*". Acha que ela deve acompanhar tudo o que diz respeito aos filhos e ao marido.

Segundo Ivone, antigamente a moça era preparada "*pra ser esposa, ser mãe e dona de casa*". Acha que nessa época era melhor, pois as famílias eram mais "*estruturadas*". Hoje as mulheres são muito independentes, e isso não é bom. "*Então tá pior, e o motivo é esse que a mulher tá muito independente*". Acha que a mulher deve ser submissa para que o casamento dê certo. Acredita também que devido ao consumismo de hoje, a mulher não se conforma com o que o marido ganha, está insatisfeita, por isso quer trabalhar.

Acha que hoje as mulheres idealizam muito o casamento, "*botam muito sonho na cabeça*", e por qualquer motivo querem se separar. Na época em que era jovem, as pessoas se separavam, normalmente, por causa de adultério. Seu pai se separou da primeira mulher em virtude de adultério da mesma, e ficou com todos os filhos. Sofreu muito porque não era comum a mulher adular. Depois ele se casou com sua mãe.

Antigamente, a mulher separada era muito discriminada, e ainda era culpada pela separação. "*Ih, vai ver que é relaxada em casa, não fez a parte dela, por isso que ele largou*". Por causa disso, muitas mulheres permaneciam casadas, pois além do preconceito, não tinham como se sustentar financeiramente. Hoje não é assim.

Ivone acha que seu casamento é “*totalmente diferente*” do casamento de seus pais, pois a mãe não tinha “*voz ativa*” em casa, não opinava em nada, era muito submissa e se contentava com qualquer coisa. O pai tinha “*suas paquerinhas*” fora do casamento, era agressivo, mas ela aceitava. Ivone afirma também ser submissa “*em obediência à palavra de Deus*”, mas não passou pelo que a mãe passou em seu casamento. Um ponto de semelhança é a busca de “*preservação do casamento*” e “*conservação da família*”. Outra semelhança é a questão de que o pai era o provedor e a mãe nunca precisou trabalhar fora.

Ivone sempre pensou em ser mãe. “*Naquele tempo pra ser mãe tinha que casar né, foi uma coisa que me motivou muito a casar, porque através do casamento eu teria meu marido, o meu amor, e teria também meus filhos*”. Via seus irmãos mais velhos casados com filhos e achava “*muito bonito*”. Acha que a educação que recebeu influenciou nesse sentido, e também a religião.

Segundo ela, na época, as pessoas falavam da maternidade como uma “*realização*” para a mulher. Também se falava que havia uma relação muito forte entre mãe e filho. O pai era o que mais falava com ela sobre esse assunto, pois não deixava as filhas terem amigas.

Ivone achava que estava preparada para ser mãe. “*Tava preparadíssima, meu pai me preparou pra isso*”. Sua expectativa era participar ativamente da vida dos filhos. Acha que foi como imaginava, apesar de ter tido falhas como mãe.

Logo que se casou, engravidou. O marido também queria ter filhos, e conversavam muito sobre isso. Ela queria deixar passar um tempo depois da primeira filha para engravidar de novo, mas aconteceu, e ficou grávida da segunda. Durante as gestações o marido era muito cuidadoso e a acompanhava ao médico.

Crê que ter tido os filhos nunca atrapalhou em outros projetos de vida. Ela voltou a estudar e começou a trabalhar depois que teve filhos. Apesar de achar que a chegada dos filhos não afetou sua relação com o marido, acha que depois que os filhos cresceram o relacionamento ficou melhor, pois passaram a ter mais tempo um para o outro. Quando os filhos eram pequenos atrapalhava “*um pouquinho*” a intimidade deles de casal, porque a atenção se volta toda para a criança. “*Interfere sim, interferiu... não a ponto de prejudicar porque havia entendimento da minha parte e dele*”. O marido sempre foi muito compreensivo, mais até do que ela.

Acredita que sua percepção de vida mudou depois que teve filhos. “*A gente tem mais senso de responsabilidade, o amor cresce mais dentro da gente... a gente valoriza a vida, valoriza a gente Ah vou me cuidar bastante que eu quero viver muito pra cuidar muito dos meus filhos... a gente vê a vida com amplidão... você não é mais egoísta... a gente deixa de*

pensar só na gente pra pensar neles". Acha que cresceu "como pessoa", "como ser humano", ocorre um "amadurecimento". A mulher também fica mais "mais emotiva". Não percebeu nenhuma transformação negativa.

Ivone acha que também passou a valorizar mais sua mãe depois da maternidade, e ficaram mais próximas. "Eu já era uma boa filha, mas eu valorizei mais... eu tinha muito amor, mas depois muito mais". Sua percepção em relação à mãe também mudou. "Eu passei a perceber mais... depois que eu fui mãe, que eu vi como ela é dedicada, e como ela se entrega, como que ela se esforça, e eu tenho que ser assim também".

Para Ivone a maternidade foi a "melhor coisa" de sua vida. Como positivo, aponta a questão de perceber que a educação que deu aos filhos deu resultado, e que eles seguem o que aprenderam. Não vê nada de negativo nessa experiência. "Nada, pra mim nada. Foi o auge! Foi tudo muito bom. Se eu tivesse a chance de começar de novo eu queria ter todos outra vez, muito bom".

Acha que os filhos a vêem como a "melhor mãe do mundo", um exemplo a ser seguido. Eles a têm como "referência moral e espiritual". O marido também a avalia como muito boa mãe.

Em sua avaliação, o fundamental na educação e criação dos filhos é ter uma convivência próxima com eles. "O principal, que não pode abrir mão é essa convivência de mãe com filho, e a gente ser verdadeiro pra ele, o que a gente ensina praticar, ser coerente com aquilo que ensina. Eles têm que ver em nós um espelho, uma referência, e muito também ensinar os princípios do Senhor". Afirma que educou o filho da mesma forma que as filhas. "Claro que ele tinha a maneira dele como menino, as preferências dele, mas no ensino geral era tudo igual, com direitos iguais". Todos os filhos nasceram e foram criados em MG.

Ivone, quando tinha tempo integral com os filhos, sempre procurou participar de tudo. Sua rotina era em função deles. Controlava horário e estava atenta a todas as necessidades. Quando começou a estudar e trabalhar, sempre teve uma pessoa que ficava por conta deles, e procurava almoçar sempre em casa. O fim de semana era para eles.

Ivone sofreu muito com a saída das filhas de casa. Uma delas mudou de estado por causa de trabalho, e a outra de país. Depois o filho também mudou para o exterior. Apenas uma filha ainda mora próximo. A filha adotiva mora com eles.

Na opinião de Ivone, sua mãe foi muito boa mãe. "Mansa, nunca bateu, nunca agrediu, cuidadosa... comidinha gostosa, fazia tudo, muito boa, muito amiguinha da gente... muito participativa também, muito caseira... muito amorosa... uma pessoa pura, humilde,

simples... de fazer tudo, de se doar". A mãe teve oito filhos e ainda cuidou dos quatro filhos do primeiro casamento do marido. A mãe não tinha o costume de conversar com os filhos, isso era responsabilidade do pai. Ela ensinava apenas atividades domésticas. *"Mamãe ensinava coisas práticas de casa... agora as coisas... assim, social e moral foi... papai que ensinava"*.

Comparando-se com a mãe, acha que compartilha mais as decisões com o marido que ela. Outra diferença é que a mãe nunca estudou. Também aponta como diferença a questão de que quando criou seus filhos tinha mais recursos que sua mãe na época, apesar do pai ser um grande fazendeiro. Acha que agora que está muito caseira, é parecida com a mãe nesse aspecto. Também vê semelhanças na questão do cuidado e dedicação com os filhos.

Comparando-se com as filhas, acha que a filha mais velha protege muito o filho, que é filho único, e faz todas as suas vontades. Acha que o neto é muito maduro para idade, talvez pela cultura onde é criado. A outra filha, que tem duas filhas, é mais parecida com ela. *"Mãezona, amiga, ela tem um relacionamento bonito... é muito caseira, muito participativa, muito cuidadosa com as meninas... ela vive muito, ela curte muito as filhas delas também, eu acho ela a mais parecida comigo"*.

Ivone acha que ser mãe hoje não deve ser diferente de ter sido mãe há quarenta anos em relação aos valores e princípios. *"A responsabilidade é a mesma, o compromisso é o mesmo, a educação permanece, porque os valores não mudaram... e nem podem mudar os valores de respeito, de amor, de consideração"*. Acha que, hoje, as mães têm mais recursos e são mais preparadas *"intelectualmente"*, mas deveriam criar os filhos como antigamente. *"Algumas sim, a gente vê que têm cuidado, aquele zelo, outras não, já deixam mais liberal"*. Para Ivone, isso tem relação com a forma como foram criadas. Crê que atualmente há mulheres que não impõem limites aos filhos e eles sentem falta disso.

Estrutura 18 – A experiência de Isa

ISA tem 34 anos, é casada há 12, tem duas filhas (9 e 3 anos). Nasceu e foi criada numa cidade de grande porte de MG, e mudou-se para a região metropolitana da capital do ES na juventude. Coursou o ensino superior após o nascimento da 1ª filha. Trabalhava fora quando se casou. É evangélica.

Casou com vinte e dois anos. Conheceu o esposo na igreja que freqüentava. Namoraram por quase quatro anos e se casaram. Conversava sobre casamento entre amigas e havia uma orientação na igreja a esse respeito. *"Na igreja tinha essa preocupação de falar sobre o casamento, sexo fora do casamento... essas coisas"*. O casamento era um projeto de

vida. *“Eu cresci pra casar e ter a minha família, ter minha casinha... acho que eu fui educada pra isso”*. Apesar disso, achava que não estava preparada. *“Eu morria de medo de não dar conta de cuidar de casa”*.

Suas expectativas em relação ao casamento englobavam a questão do companheirismo, *“a ajuda um do outro na realização de planos, um dando força pro outro”*. Seu casamento foi o que esperava. *“Foi o que eu pensei mesmo, aquela vida dos dois planejarem tudo junto e construir junto e buscar o mesmo ideal”*.

Acha que o casamento não interferiu em outros projetos de vida, ao contrário, *“só acrescentou”*. *“Até mesmo porque ele me apóia muito nas coisas que eu quero fazer. Então não me atrapalhou não. Nem adiou nem nada”*.

Vê como positivo em seu casamento ter encontrado uma pessoa como o esposo. *“Uma pessoa que combina comigo, que é tranqüila, não era de farra, até porque eu sempre procurei dentro da igreja”*. Como negativo, aponta o fato de, no início do casamento, não entender a necessidade do marido de sair sozinho. *“Antes de ter as filhas por eu querer ele só pra mim, e às vezes não respeitar a liberdade que ele precisava ter... então eu achava que ele tava me largando”*. Hoje não se importa mais com isso, acha que era imaturidade de sua parte, e também sai sozinha.

O marido atendeu as suas expectativas como pai. *“É um super pai, não tenho do que reclamar. Ele é presente mesmo, participa, briga na hora que tem que brigar, dá carinho na hora que tem que dá carinho”*. Também era muito atencioso durante as gestações, fazia todas as suas vontades. Quando as filhas eram bebês tinha medo de pegar. Com as filhas maiores sua atividade favorita sempre foi brincar.

Isa trabalhou na época em que a primeira filha era bebê, e foi muito difícil. O que a conformava era que *“não era a única”* a deixar a filha para trabalhar. Pôde contar com a ajuda da mãe, que ficava com a neta o tempo que ela estava no trabalho. Até hoje quando precisa os pais a ajudam. Parou de trabalhar quando a filha estava com 3 anos, em virtude de *“estresse”*, aí optou por ficar em casa com a filha.

Após um tempo, montou uma pequena empresa com o marido, mas seu horário era bem flexível, e permitia sua participação na vida da filha. Quando sentiu necessidade de voltar a trabalhar fora, a filha mais nova já tinha dois anos e meio. Voltou por opção sua, para *“realização pessoal”*, e não por necessidade financeira. O esposo preferia que ela ficasse em casa, mas como ela não quis, respeitou sua vontade. Acha que, às vezes, é meio *“complicado”* conciliar o trabalho com a vida familiar e procura dar um jeito de compensar o tempo que fica fora.

Crê que a vivência do casamento hoje é mais fácil que antigamente. *“Hoje em dia a mulher tem a vida própria dela, e antes não... casava pra ser submissa... não tinha vida própria não, era o marido que ditava... Hoje em dia você é valorizada, você é respeitada, e naquele tempo não, a mulher era empregada de marido”*. Apesar disso, acha que deve haver certa submissão da mulher em relação ao homem para que dê certo. *“Eu continuo acreditando que tem que ter uma certa submissão, um respeito, mas não como antigamente”*. Acha que para algumas pessoas antigamente era melhor. *“Tem muita gente que fala assim: Ah, eu podia ter casado tanto tempo atrás porque aí marido era obrigado a me dá isso, me dá aquilo... e eu só ia cuidar de casa”*.

Comenta sobre uma amiga que ainda hoje é totalmente submissa ao marido, e aceita suas traições. *“Ela é a esposa de antigamente. Ele fala e ela obedece... eu não consigo aceitar em pleno século vinte e um, uma mulher desse jeito”*.

Segundo Isa, uma de suas irmãs se separou recentemente. Ela vivia bem com o marido, mas eram muito *“individualistas”*. Os dois são muito bem sucedidos financeiramente, e acha que isso criou uma *“frieza”* no casamento. A separação deles não surpreendeu à família, pois já se esperava isso em virtude do jeito que viviam. Nunca aceitaria um casamento assim para ela. Não é contra a separação, mas acha que deve ser uma decisão muito bem pensada, e, se possível, evitada.

Comparando com o casamento dos pais, não percebe semelhanças. *“Eu acho que é muito diferente”*. Os pais trabalhavam muito, saíam de manhã e chegavam à noite, quando os filhos já estavam dormindo. A mãe não tinha tempo para os filhos, e sempre foi muito *“omissa”*. *“Tudo era Vê com o seu pai... seu pai é quem manda”*. Em sua casa é diferente. *“Aqui em casa não, é igual, briga igual, manda igual, um tem que respeitar a posição do outro”*. Vê como parecido a questão dos pais não trocarem carinho perto das pessoas. *“A gente nunca viu meu pai e minha mãe se abraçar, se beijar, nunca!”* Acabou incorporando isso também e tem dificuldade de abraçar e beijar o esposo em público. *“Até no namoro era assim, negócio de ficar abraçando e me beijando perto de qualquer um... eu tinha vergonha, e até hoje é assim”*.

Isa e o marido dividem as responsabilidades relacionadas aos filhos. *“A gente divide sim, tudo bem conversadinho, dividido”*. O marido participa de todas as atividades em relação as filhas desde bebês. Quando eram bebês ela não exigia a ajuda dele, pois ele trabalhava fora o dia todo. Contudo, se precisasse ele fazia. Não precisa solicitar sua participação, *“ele mesmo tem a iniciativa de ajudar”*. Atualmente, tem uma empregada que

mora em sua casa, e é responsável pelas tarefas de casa. Quando fica sem empregada, ela é a responsável por tudo em relação à casa.

Como principal responsabilidade do homem na família, aponta a questão de ser provedor. *“O homem é o provedor... é a ordem natural das coisas”*. É o marido que mantém a casa, mesmo ela trabalhando fora. Em relação à mulher, crê que sua responsabilidade é conversar com os filhos e dar suporte emocional. *“Eu acho que a gente conversa com mais jeitinho, explica melhor... a gente tem mais jeitinho pra entrar na intimidade da criança, e conversar e dá conselho”*. O marido, apesar de ser carinhoso, às vezes, é *“bruto”*. *“A gente controla mais as emoções na hora de falar e de corrigir até”*. Acha que a educação dos filhos tem ser dividida, embora a mãe participe mais. *“Eu acho que já é natural dele deixar pra mãe resolver isso”*.

Em sua casa a filha mais velha tem a tarefa de arrumar o quarto dela, suas roupas, e no fim de semana ajuda com as louças. Também ajuda a cuidar da irmã mais nova. Ensina a filha a não ser *“preguiçosa”*, *“porque é muito feio moça que não cuida das coisas”*. Apesar de não ter filho homem, acha que ele pode ter tarefas em casa, como jogar o lixo fora, cuidar do animal de estimação. *“Não concordo em dá tarefas femininas demais pro menino”*.

Isa sempre sonhou em ser mãe. Acha que sempre teve *“muito afluído”* nela o desejo de ser mãe em virtude de ter ajudado a cuidar da irmã adotiva. Crê que não foi influenciada em seu desejo. Sempre pensou em ter uma menina. *“Eu não aceitava o fato, a possibilidade de ser mãe de homem, e até na gravidez eu trabalhei muito isso até saber o sexo, porque eu tinha muito medo de ser menino e eu rejeitar”*.

Antes de ser mãe, ouvia dizer que ser mãe *“é a coisa mais divina que Deus deu”*. As pessoas falavam também que dá muito trabalho, mas *“compensa”*. Hoje em dia fala a mesma coisa para as pessoas. Tinha expectativa de ser uma mãe presente na vida dos filhos. *“Eu queria ser uma mãezona, porque eu achava que eu não tive uma mãezona”*. Durante a gravidez, também recorreu à leitura sobre a área. *“E aí a gente acaba aprendendo um pouquinho, absorvendo um pouquinho”*.

Ela e o marido sempre conversaram sobre filhos. Com dois anos de casada engravidou da primeira filha. *“A minha primeira gravidez foi a melhor fase da minha vida... a fase melhor da minha vida é a gravidez”*. Depois começou a cursar faculdade e adiou a outra gravidez. Depois que se formou, engravidou da segunda filha. Não pensam em ter mais filhos.

Durante as gestações e com as filhas pequenas sempre pode contar com o apoio dos pais. Nunca contou com a família do esposo. Também nunca foi de contar com vizinhos e amigos. Sempre teve ajuda de empregada.

Isa não se sentia insegura em relação a ser mãe. *“Insegurança de ser mãe, essas coisas, graças a Deus, eu nunca tive”*. Apesar disso, não sabia se estava preparada. Sempre buscou se informar com médico, psicólogo. Não teve dificuldades com a primeira filha por conta da experiência com a irmã adotiva. A mãe se surpreendeu.

Seu relacionamento conjugal mudou depois que as filhas nasceram. *“Antes a gente quer o marido só pra gente, parece que a gente não entende que tem as outras coisas. Quando o filho nasce a gente vê que a gente também tem que dá atenção pra filho... eu acho que a gente amadurece a ponto de conseguir dividir mais as coisas”*. Afirma que isso não significa que *“esfriou a relação”*, mas que ela aprendeu a dar mais liberdade ao marido. Crê que quando a mulher tem filhos, e passa a ter sua companhia, não tem mais a sensação de estar sendo *“abandonada”* pelo marido, e passa a dar mais liberdade ao mesmo.

Afirma que seu relacionamento íntimo com o marido também mudou com a chegada das filhas, *“não que seja tão prejudicial, eu acho que é o natural mesmo”*. Surge a preocupação com os filhos, em preservá-los, e o casal não tem a liberdade de antes. Mas acha possível conciliar.

Acredita que a maternidade não interferiu em outros projetos de vida. *“Não, porque eu sempre criei elas no meu ritmo de vida... Desde pequeninhas eu acostumei elas no ritmo de vida que a gente tem, pra poder não ser empecilho”*. Profissionalmente, também não houve interferência.

Seu modo de ver a vida mudou depois que teve filhos. *“Mudou, com certeza, porque antes era tudo do meu jeito, era do jeito que eu queria, e era pra mim, e agora não, agora primeiro é elas... a gente deixa de ser egoísta”*. Acha que a mulher amadurece com a maternidade. *“A forma de ver o mundo é diferente, de olhar pras pessoas... a gente aprende a respeitar o outro”*. Relatou também mudanças físicas decorrentes da maternidade. *“Engordei, não é, mas é tão natural acontecer que aí também eu não culpo elas por hoje eu ser mais gordinha, não”*.

Crê que sua relação com a mãe mudou depois que se tornou mãe. *“Eu acho que foi só depois que eu engravidei, não chegou nem nascer não... que eu comecei a valorizar ela como mãe”*. Acha que ficaram mais próximas. *“Aí que passou a ter um assunto em comum, que até então não tinha... hoje a gente conversa sobre outras coisas também, mas que foi através disso, através da maternidade”*.

Para Isa, ser mãe é “*fantástico*”. “*A melhor coisa da vida é ser mãe... Não trocaria por nada nessa vida a experiência de ser mãe... é divino, é maravilhoso, é tudo*”. Como positivo, aponta o amadurecimento decorrente da maternidade. “*A gente amadurece, vê o mundo com outros olhos... aprende demais com a maternidade, mais do que qualquer faculdade do mundo*”. Acha que não há nada de negativo nessa experiência. “*O que eu faço de mais bem feito na minha vida é ser mãe, se eu pudesse, eu queria ter uns cinco filhos, e viver só pra cuidar de filhos*”.

Quando as pessoas falam que ela só pensa nas filhas, para ela é “*um elogio*”. “*Eu tô conseguindo aquilo que eu sempre quis realizar... sou babona mesmo e, e tento fazer todas as vontades na medida do possível*”.

Acha que o marido a considera “*super mãe*”. As pessoas também a elogiam. “*As pessoas me elogiam muito nisso aí, de participar muito, de acompanhar em tudo, né, aconselhar, conversar muito*”. A filha mais velha a considera “*muito brava*” e exigente.

Considera muito importante na criação dos filhos impor “*limite*”. “*Criança hoje em dia tem que ter limite... eu dou liberdade, respeito a individualidade das duas que são muito diferentes, mas eu imponho muito limite pra elas*”. Acha que meninos e meninas têm que ser educados de forma diferente. “*Eu acho que é natural, a menina tem que ser mais protegida... é aquela coisa mais meiga... Menino é mais bruto... Então eu acho que as conversas são outras, o modo de agir*”.

Mesmo trabalhando, Isa procura estar a par da rotina das filhas. Telefona do trabalho para dar orientações e saber como estão as coisas. Também orienta a empregada a respeito do cuidado com as filhas e com a casa. A noite procura conversar sobre o dia. No fim de semana procura estar mais próxima.

Segundo Isa, a rotina da mãe quando os filhos eram pequenos era trabalhar. No fim de semana ela estava “*morta de cansada*”, e, como era muito vaidosa, ia para salão de beleza. Por conta disso, não tiveram um “*acompanhamento*” por parte da mãe. “*A gente viveu solta, fazendo o que queria*”. Não tem referência de como era a forma da mãe educar os filhos, porque ela sempre estava ausente. A empregada tinha que dar conta dela e dos irmãos. O pai era mais próximo, conversava com os filhos. Cumpriu o papel de autoridade e de suporte emocional. “*Sempre foi muito rigoroso, mas na hora que a gente precisava de uma voz mansa, ele também sabia dar. Então, pra mim, ele fez o papel dos dois*”. Até hoje é assim. “*Até problema conjugal eu converso com ele, mas não converso com ela... ela é telespectadora, ela vê de longe*”.

Isa afirma que faz o contrário em relação às filhas, é completamente diferente da mãe. *“Eu acompanho tudo de perto, tudo eu quero saber... Já a minha mãe não... ela nem tomava conhecimento”*. Antes não *“aceitava”* o jeito de ser da mãe, mas depois que teve filho, aprendeu a respeitar.

De acordo com Isa, a filha mais velha vai ser muito parecida com ela como mãe. Ela cuida da irmã mais nova da mesma forma que a mãe. *“Do mesmo jeito que eu brigo, ela briga, do mesmo jeito que eu faço dormir ela faz, então assim, é uma cópia minha”*. A filha teme pelo parto, e diz que não quer ser mãe por conta disso.

Acha que tem diferença entre ser mãe hoje e ter sido mãe há quarenta anos. *“É melhor, porque os filhos têm mais liberdade de questionar em casa as coisas... eles têm mais liberdade e com isso eu acho que eles aprendem mais e tão mais preparado pra cair no mundo depois”*. Acha que hoje há mais *“troca”* com os filhos.

Estrutura 19 – A experiência de Joana

JOANA tem 70 anos, é casada há 50, tem seis filhos (quatro filhas, 49, 44, 41, 37, e dois filhos, 48, 42). Nasceu e foi criada no interior do ES. Após o casamento mudou-se para a região metropolitana da capital do ES, onde reside atualmente. Cursou a primeira série do primário. Nunca trabalhou fora. É evangélica.

Tinha dezenove anos quando se casou. Conheceu o esposo no casamento de um vizinho, e em seguida começaram a namorar. *“Foi o meu primeiro namorado”*. Namoraram quase quatro anos e se casaram. Seus pais faziam *“gosto”* no casamento.

Joana sempre pensou em se casar. O casamento era o projeto de vida das moças da época, que eram preparadas para casar, ter filho e servir ao marido. Como foi preparada para o casamento, esse não interferiu na realização de outros planos.

Mudaram-se para a cidade em função do trabalho do marido, que quis montar um salão, era cabeleireiro. Ele também começou a trabalhar numa empresa, na qual sofreu um grave acidente. Em virtude disso, aposentou-se.

Segundo Joana, o marido tem uma boa relação com os filhos. *“Eles adoravam ele, e ele os filhos”*. O marido atendeu as suas expectativas como pai. Acha que ele foi um bom pai, apesar de não ter ajudado muito no cuidado e educação dos filhos.

Considera que a única dificuldade de seu casamento foi o acidente do marido e o derrame que ele teve há seis meses. *“Graças à Deus, eu não tenho queixa não do casamento”*. Quando ele sofreu o acidente Joana teve que ficar a sua disposição, pois ele ficou hospitalizado por muito tempo. Depois de muito tempo ele voltou a andar e trabalhar.

Porém, há seis meses, sofreu um “*derrame*”, e ela está tendo que cuidar dele novamente, e está mais difícil para ela em função de sua idade.

Acha que ela e o marido sempre pensaram de modo muito parecido, e que teve sorte no casamento. Ela não “*ligava muito*” para as coisas que ele fazia, pois acha que o homem deve ter mais liberdade, mesmo na época de solteiro. “*A mulher que tem que se segurar, não é o homem não*”. Ela não saía sozinha e não tinha liberdade como as mulheres de hoje.

Crê que para o casal viver bem a mulher tem que ser bem “*sábia*”. “*Ela não precisa ter estudo, ela não precisa ter muita coisa não, mas ela tem que saber dominar o marido dela... se o seu marido te procurar, você nunca diz que você ta cansada... faz pra agradar ao menos, então ali é que cativa o homem*”. Afirma que nunca deu motivos para que o marido se queixasse dela.

Joana nunca trabalhou fora. Depois do casamento não pensou em trabalhar, pois o marido não aceitava. Além disso, não gostaria que os filhos fossem criados por outras pessoas. Antes de se mudarem para a cidade, ajudava o esposo na roça, levava os filhos com ela. Já na cidade, passou a costurar para fora. Após o acidente do marido teve que parar de costurar e ficar por conta dele.

Joana também não pode estudar, fez apenas a primeira série do primário. Foi à escola apenas para aprender o “*alfabeto*”, e depois foi aprendendo mais algumas coisas em casa, com o pai. Esse achava que as filhas não precisavam estudar, deviam saber apenas assinar o nome.

Acha que a vivência do casamento hoje é muito diferente da época em que se casou. Crê que hoje não existe mais o mesmo respeito entre marido e mulher. Acha que hoje em dia as pessoas já se casam pensando em separar, e antes o casamento era “*pro resto da vida*”, “*era uma vez só*”. A mãe lhe dizia que se ela se separasse não poderia voltar para casa. Crê que a mulher quando casa tem que “*deixar passar*” muitas coisas para ficar casada. “*Porque marido ele sai, né, eles gostam de um jogo, eles gostam de tomar uma cerveja*”.

Acha que as coisas mudaram por causa da influência da “*televisão*” sobre os jovens que não têm a “*cabeça feita*”, e também em virtude do “*cumprimento da palavra de Deus*”, pois está na bíblia que essas coisas iriam acontecer. Também aponta a conquista de liberdade pela mulher como causa dessas mudanças. Crê que a mulher deveria ter liberdade apenas para trabalhar. É por isso que os casamentos não duram.

Joana não se lembra de ninguém que tenha se separado na época que tinha os filhos pequenos. “*Quase a gente não via não, era difícil*”. A mulher separada não era bem vista,

todo mundo olhava “*meio de lado*” para ela. Menciona que quem ficava grávida solteira também era vítima de preconceito, as moças tinham que casar virgens. “*Era muito feio pra moça, pra família... A moça tinha que ser virgem pra casar, porque se eu não fosse virgem... na mesma noite eu ia ser devolvida pro meu pai*”.

Fazendo uma comparação do seu casamento com o casamento dos pais ressalta como diferença a questão dos pais não trocarem carinhos perto dos filhos, enquanto que na sua época não tinha problema. Como semelhança aponta a questão do respeito um pelo outro. “*Porque eu via o respeito que ele tinha com minha mãe, eu tenho até hoje com ele, e ele comigo também*”. Como em seu casamento, os pais se entendiam bem, tomavam as decisões em comum acordo.

O marido não a ajudava com as tarefas de casa, pois não tinha tempo. Também não ajudava com os filhos, mas se precisasse, até “*olhava*”. Não tinha o costume de solicitar sua ajuda, pois aprendeu que devia dar conta sozinha. No caso de doença, era atencioso, levava os filhos ao médico. Quando estava em casa, brincava muito com os filhos, e sempre gostou muito de passear, eram suas atividades favoritas.

Ela e o marido não conversavam sobre filhos. Quando ficava grávida não tinha nenhum tipo de apoio. Não havia o costume de fazer pré-natal naquela época. Quando tinha filhos, sua mãe ficava apenas oito dias com ela. A partir daí cuidava dos filhos e da casa sozinha. Nunca teve empregada. Não contou com ajuda de vizinhos. Era a responsável por tudo. O marido achava que a mãe é que devia educar os filhos. Na primeira gravidez, ele queria um menino, como foi uma menina, ficou “*de mal com ela*”.

Os filhos, quando já estavam maiores a ajudavam, tanto as meninas quanto os meninos, ela ensinou a todos. Eles faziam o que fosse preciso, inclusive cozinhar. Os filhos homens não tinham obrigações específicas em casa, mas se pedisse eles faziam. A filha mais velha quando já estava adolescente ajudava a tomar conta da casa no período em que não estava na escola, pois Joana ficava costurando.

Com o acidente do marido Joana teve que assumir tudo sozinha, a casa, os filhos. Educou-os sozinha, levou-os para a igreja, hoje são todos evangélicos. Nessa época os filhos mais velhos começaram a trabalhar para ajudar. Quando o marido se recuperou do acidente uma das filhas já ia se casar.

Como responsabilidade do homem na família aponta, em primeiro lugar, o trabalho. Porém, hoje, acha que o homem também tem a obrigação de dar uma ajuda a mulher em casa, “*porque é muito difícil a mulher criar filho sozinha*”. Como responsabilidade da mulher ressalta o cuidado dos filhos e a preparação dos mesmos para a vida. Acha que se

for possível, a mulher não deve trabalhar fora, deve se dedicar apenas a família e a casa, pois assim não haveria *“tanta desordem no mundo”*.

Joana sempre pensou em casar e ter filhos. Logo que casou engravidou, e foi tendo um filho atrás do outro, *“tudo em carrerinha”*. Os filhos não eram planejados. *“Não tinha como evitar não, não tinha remédio, não tinha outro jeito, eu não tinha experiência”*. Pela religião, os filhos não deveriam ser evitados. *“A gente não podia tomar remédio, que era pecado, era isso, era aquilo, era contra a lei de Deus”*. Teve três dos filhos *“na roça”*, mas todos foram criados na cidade. Todos nasceram de parto normal, em casa, com exceção da mais nova.

Quando era jovem as pessoas não falavam sobre maternidade. Achava que não estava pronta para ser mãe. Aprendeu muito com a cunhada, pois a via cuidando dos filhos. Não ficava pensando em como iria cuidar dos filhos, como seriam, apenas pedia a Deus que tivessem saúde. Queria dar estudo aos filhos, já que não teve.

Joana acredita que seu relacionamento com o marido não mudou depois que teve filhos. A intimidade deles de casal também não mudou. *“Nunca teve problema por causa de filho... horário de filho é de filho, e horário de mulher e marido, é de marido e mulher”*. Contudo, afirma que a mulher fica mais amorosa com os filhos, e acaba deixando o marido um pouco de lado, e este deve ser compreensivo, como o dela foi.

Acha que sua forma de pensar e agir mudou depois teve filhos. *“Filho faz a gente mudar. Quando você é nova, solteira, você tem outras vaidades, imagina outras coisas”*. Depois que teve filhos ficou mais preocupada, mais responsável, a atenção está mais voltada para os filhos. Acha que sua relação com a mãe também mudou com a maternidade. *“Você pega assim respeito pela mãe, outro amor pela mãe, porque você teve o seu filho, você viu o quanto a sua mãe sofreu também, como é difícil criar um filho... então você tem mais amor ainda a sua mãe, mais pena dela”*.

Acha que ser mãe é muito bom, *“é a coisa melhor do mundo”*. Ter um filho é *“benção de Deus”*, e compensa qualquer sofrimento. Ressalta que ser mãe *“é muita luta”*, mas acha que Deus a abençoou, pois seus filhos *“nunca beberam, nunca fumaram, nunca usaram droga, começaram a trabalhar cedo”*. Agradece a Deus por ter conseguido criar bem seus filhos, hoje são todos casados, são pessoas de bem.

Aponta como positivo em sua experiência essa questão de ver que os filhos hoje são boas pessoas e seguiram seus ensinamentos. Não há nada de negativo em sua opinião, pois dificuldade sempre existe. Depois que casou a última filha ficou com depressão, porque não tinha mais ninguém em casa, *“fiquei eu e ele só”*.

Suas filhas acham que não há mãe como ela. “*As filhas acham assim que eu sou mais forte do que elas, e elas não fazem o que eu faço como mãe... Também acham que não tem outra mulher que faz como eu faço pra eles*”. Os filhos dizem que ela é “*uma guerreira*”, “*uma vencedora*”.

Crê que na criação e na educação dos filhos o fundamental é ter muito amor e muito carinho com os filhos, “*ensinar só o que é bom*”, e se possível, a mãe não trabalhar fora. Acha que hoje as mulheres não estão pensando assim. Educou os filhos e filhas da mesma forma.

Seu dia a dia quando os filhos eram pequenos era bom, apesar de ter muito trabalho. Quando foram crescendo ajudavam nas tarefas. Sempre procurou impor horário para as coisas, como dormir, almoçar, brincar. Sempre foi muito cuidadosa com os filhos.

Segundo Joana, sua mãe era muito boa, mas era um “*pouquinho séria*”. Ela e os irmãos tinham que trabalhar muito em casa para ajudá-la, também teve seis filhos. Se precisasse corrigir, ela batia nos filhos. O pai era muito bravo, mas não batia. Quem costumava conversar com os filhos era o pai e não a mãe.

Acha que é “*meio parecida*” com sua mãe, pois a mãe também gostava muito dos filhos. Destaca que criou os filhos da mesma forma como foi criada. A mãe intercedia muito pelos filhos com o marido, para que ele deixasse sair de casa, e Joana também sempre fez isso. Assim como a mãe, sempre chamou o marido de pai.

Como diferença aponta que conversa mais com os filhos que a mãe, que era mais “*seca*”, e dá mais liberdade a eles. Outra diferença refere-se a questão dos estudos, pois quis que todos os filhos estudassem, inclusive as filhas. Seus pais achavam que só os filhos homens podiam estudar. Também é menos exigente que a mãe, pois ela passava obrigações para os filhos, e em sua casa Joana apenas pedia aos filhos que ajudassem, não eram obrigados.

Comparando-se com as filhas, acha que sua filha mais velha dá liberdade demais aos filhos, deixa viajar com namorado sozinha, deixa ir aonde querem, é muito permissiva, e ela não era assim. Já a outra filha, que também tem filhos jovens, é mais parecida com ela, “*essa já é mais pelos filhos*”, procura estar sempre junto com os filhos, sai junto, é muito cuidadosa. A filha mais nova, apesar de só ter filhos pequenos, também age assim. Acha que apenas a mais velha é pouco diferente, mas acha que isso tem a ver com o fato de que hoje há muita liberdade. As filhas são parecidas na questão de cuidar dos filhos e dos maridos.

Crê que tem diferença entre ser mãe hoje e ter sido mãe há quarenta anos. Por um lado, aponta as facilidades de hoje. *“Eu acho que hoje é bem mais fácil ter um filho, tem médico, tem os planos de saúde, tem mais dinheiro”*. Por outro lado, ressalta as dificuldades relacionadas a educação e criação, especialmente nas camadas populares. Acha que as coisas mudaram porque está evoluindo muito rápido e está se cumprindo o que Deus prometeu. Também enfatiza que hoje as mulheres não se preocupam tanto com os filhos como antigamente. Elas vão trabalhar e não se importam com quem os filhos vão ficar, e como vão ficar.

Estrutura 20 – A experiência de Julia

JULIA tem 36 anos, é casada há 16, tem dois filhos (filha de 12 e filho de 8). Nasceu e foi criada na região metropolitana da capital do ES, onde reside atualmente. Coursou o segundo grau completo. Nunca trabalhou fora. É evangélica.

Casou com dezenove anos. Conheceu o esposo aos quinze, e namoraram por um ano *“escondido”*. *“Era aquela coisa de ter que namorar com dezoito anos e casar”*. Terminaram o namoro, e ficaram três anos sem se ver. Nesse intervalo se *“converteu”*, tornou-se evangélica. Aos 18 anos o reencontrou casualmente, e voltaram a namorar. Foi difícil falar com o pai sobre o namoro, mas ele consentiu. Namoraram um ano e meio e marcaram o casamento. O pai achava que as filhas tinham que se casar e não estudar. *“Meu pai achava que eu tinha que casar, eu não podia estudar, nada disso, então eu fui forçada a me casar... eu queria me casar sim, mas... talvez se ele tivesse me dado liberdade de namorar mais... talvez eu teria estudado”*. Quando se casou havia já concluído o segundo grau.

O início do casamento foi uma fase *“muito difícil, de adaptação”*, pois eram muito jovens e *“imaturos”*. *“Eu me casei achando que eu fosse viver pra sempre, eu pensei que eu fosse ser feliz, que eu fosse cuidar dele e ele de mim”*. Suas expectativas não foram totalmente alcançadas. Hoje é mais feliz do que quando se casou.

Com um ano e dois meses de casada o marido se envolveu com outra mulher e quis se separar. Tinham um relacionamento *“maravilhoso”* nessa época, e não entende o que aconteceu. *“Eu não acreditava, era como se eu tivesse vivendo um pesadelo”*. Por ela não teriam se separado, mas o marido insistiu. *“Não foi por causa de mim a separação... eu ainda tava disposta a perdoar e a ficar junto”*. A partir disso aprendeu *“a dar mais valor às coisas do Senhor”*. Ficaram seis meses separados e depois voltaram. *“Aí depois voltou tudo como se fosse normal, tudo bem”*.

Em seu grupo religioso não há críticas em relação ao casal que se separa, apenas “*oram*” por eles. “*No meio do nosso grupo nós não criticamos, nós oramos, nós acreditamos que Deus pode restaurar*”.

Acha que o casamento não interferiu em outros projetos de vida. Há momentos em que lamenta não ter dado continuidade aos estudos, mas não atribui isso ao casamento, e sim à criação que recebeu dos pais. “*Tem momentos que eu sinto falta de ter estudado e ter me formado... as mulheres de dentro de casa não têm valor, serviço doméstico, o pessoal não dá valor não e é muita coisa, é muito trabalho*”. Com seis meses de casada começou a fazer um curso de pré-vestibular, mas por causa da separação, parou e nunca mais voltou.

Por causa do trabalho do esposo, mudou-se para outro estado, e ficaram lá por quase cinco anos. No início teve muita dificuldade para se adaptar, teve “*depressão*”, sentia falta da família. Com o tempo foi se acostumando, sobretudo, com o apoio das “*irmãs*” da igreja. Nessa fase já não sentia mais vontade de estudar, assim como hoje.

Avaliando seu casamento, afirma que é “*ótimo*”, e que são muito felizes. Apesar disso, acha que o marido é muito “*fechado*”, e não gosta de dividir seus sentimentos com ela. “*Eu sinto um pouquinho de falta disso até, de poder compartilhar mais os meus sentimentos com ele*”. Atualmente, estão passando um momento difícil, em virtude da doença da sogra, e o marido tem sofrido muito, mas não se abre com ela. Crê que esse é um ponto negativo do casamento, mas que está começando a mudar.

Segundo Julia, seu marido é um “*excelente pai*”. “*Eu não tenho que reclamar, ele é ótimo pai, eu acho que é tudo que os filhos precisavam*”. Tem uma relação muito “*à vontade*” com os filhos, é muito carinhoso. Durante as gestações sempre foi preocupado e procurava agradá-la e. Quando podia, ajudava com os filhos pequenos. A atividade favorita com os filhos sempre foi “*brincar*”.

Julia, antes de se casar, chegou a começar a trabalhar, mas não deu prosseguimento. Há pouco tempo atrás sentiu necessidade de trabalhar, embora financeiramente não precisasse. “*Eu comecei a achar que eu tava muito inútil dentro de casa... como se ser dona de casa, ser mãe, não é alguém*”. Por conta disso, iniciou o trabalho numa empresa, mas não permaneceu, não se adaptou. Achou melhor ficar em casa com os filhos. “*Eu achava que, acho até hoje, que ficar com eles ainda vale a pena... eu não casei pra trabalho, eu casei pra ser dona de casa*”.

Crê que a vivência do casamento hoje é “*bem diferente*” de quarenta anos atrás. “*Antigamente o homem tinha uma visão de que mulher não podia fazer nada, ela tinha que ficar dentro de casa, hoje em dia eu fico por opção, se eu quisesse trabalhar meu marido*

entendia". Acha que a mulher antigamente era muito submissa e que não havia diálogo. "Eu sou submissa, mas não dá pra comparar a submissão da minha mãe, daquela época, com a de hoje". Acha que o relacionamento conjugal hoje é mais fácil.

Acredita que há semelhanças em relação ao casamento dos pais. "Sempre as piores coisas se repetem... infelizmente". No casamento dos pais houve "adultério" e no seu casamento também. O pai se envolveu com outra mulher e sua mãe sofreu muito. Abandonou a religião. Era muito "arrogante" e ignorante com a mãe, e Julia também já passou por isso em seu casamento. Seu pai se acidentou quando a mãe tinha trinta e três anos. Desde então, a mãe tem "lutado" muito. Hoje a mãe cuida do pai em virtude de um derrame. Outra semelhança é que o pai sempre foi muito responsável, sempre trabalhou muito, e a mãe nunca precisou trabalhar fora. Mesmo depois do acidente o pai continuou trabalhando.

Como diferença, aponta a questão de seus pais serem muito unidos, o que não acontece em sua casa. Esta cumplicidade ainda está começando a acontecer em seu casamento. Outra diferença é que o pai sempre foi muito "farto" na compra de alimentos, apesar de serem de família humilde, e quando casou o marido não era assim, e sentiu muito. Hoje as coisas são mais parecidas nesse sentido.

Apesar do marido sempre ter sido muito presente, nunca houve uma divisão de tarefas em casa. "Divisão de trabalho não". No início do casamento, o marido tinha uma rotina de trabalho muito pesada, e Julia não cobrava sua participação em casa. Com os filhos ele sempre participou mais, e a educação é dividida, apesar de Julia ter uma responsabilidade maior. Ela não precisa solicitar sua ajuda. "Ele se prontifica, ele é um ótimo pai... percebe as coisas com relação aos filhos mais do que com a mulher".

De acordo com Julia, ela e o esposo já tiveram muitos problemas por causa de religião, pois ela é evangélica e o marido não é "convertido". Hoje ele respeita mais, e aceita que os filhos sejam criados na religião, apesar de não freqüentar.

Acha que a responsabilidade do homem na família é ser "o cabeça" da casa e sustentar a família. Acha que trabalhar fora é uma obrigação do homem. Como responsabilidade da mulher, aponta a educação dos filhos. "Não que o pai não tenha que participar não, faz, tem a participação", mas a principal responsabilidade é da mulher, inclusive pela educação religiosa. Seus filhos não têm obrigações em casa.

Quando jovem, ter filho não era um assunto discutido em sua casa ou entre amigas. Só após o casamento é que começou a pensar nisso. Acha que "Deus" é que coloca na mulher esse desejo pela maternidade.

Julia tinha “medo” de ter filhos, por isso demorou a engravidar. Quando se casou não pensava muito sobre o assunto. Com o passar do tempo começou a sentir vontade de ter filhos. *“A vontade de filhos era maior do que esse medo da dor que eu poderia sentir... A mulher começa a sentir falta de alguém com você, aí eu via aquelas crianças, todas as mulheres tinham filhos”*.

Engravidou da primeira filha. Queria uma menina, mas por crer que a mulher tem o contrário do que deseja, achava que seria um menino. Ficou muito feliz quando soube que era uma menina. A gravidez e o parto foram “ótimos”. A mãe a ajudou muito na gestação e quando o bebê nasceu. *“Minha mãe foi ótima, fazia tudo pra mim, me ajudava em tudo”*. A sogra também ajudou, só que menos. Não planejavam outro filho, mas se tivessem, queria um menino. Uma “irmã da igreja” teve uma revelação de que ela estava grávida do segundo filho. *“Eu fiquei muito feliz que Deus me deu esses dois filhos, um casal maravilhoso, é muito bom”*.

O filho nasceu no ES, e após alguns dias voltaram para onde moravam na época. O marido tem uma filha de outro relacionamento e não tem vontade de ter mais filhos. Julia, às vezes, tem vontade de ter outro filho. *“Tem hora que eu sinto que eu tenho vontade sim, só que eu penso assim que eu não tenho mais a mesma paciência de antes de ter filho, começar tudo de novo”*.

Sempre teve pessoas trabalhando em sua casa, que cuidavam da casa enquanto ela cuidava dos filhos. Com o filho mais novo teve ajuda de babá. Quando se mudou de estado só pode contar com a ajuda das “irmãs de oração”. Apesar de sempre ter empregada em casa, nunca deixou de ter algumas responsabilidades em casa.

Sua expectativa com relação à maternidade era ser uma mãe “coruja”. *“Cuidadosa, amorosa, sempre pronta pra ajudar eles quando precisassem... aquela mãe corujona, eu achava que seria assim e eu sou até hoje”*. Achava que estava preparada “psicologicamente” para ser mãe quando engravidou, mas, em relação aos cuidados com a criança, não se considerava pronta. *“Isso você só aprende depois... Com certeza você acha que não sabe... mas as coisas vão acontecendo, você vai adquirindo experiência”*.

Crê que seu relacionamento conjugal mudou depois que teve filhos. *“Muda sim, até porque nosso tempo não é mais sozinhos o tempo inteiro igual era, é dividido... agora o sentimento não, continua o mesmo, o amor é o mesmo”*. Acha que em termos de relacionamento íntimo não há mudanças, a não ser num pequeno período, no início, e que filho “não prejudica em nada o relacionamento”, assim como não interferiu em outros

projetos de vida. *“Eu escolhi ser mãe... depois de um tempo eu me conscientizei de que ser mãe, ser dona de casa, é bom pra mim, mesmo!”*

Crê que seu modo de ver a vida mudou com a maternidade. *“Muda, é muito mais responsabilidade, você pensa muito neles... você olha a vida de outro jeito”*. Acha que seu *“jeito de pensar”* mudou. *“Eu acho que a gente se torna mais... autoconfiante... mais firme... mais preparada pras coisas... no sentido de ser mãe, ser mulher”*. Aponta também algumas mudanças físicas, mas está satisfeita com seu corpo.

Crê que sua relação com a mãe mudou depois que se tornou mãe. *“Muda muito, a gente se torna mais amiga, a gente tem o mesmo papo, o mesmo assunto, o que ela passou eu também estou passando ou passei”*.

Para Julia, ser mãe *“é ótimo”*. *“É maravilhoso, é uma experiência linda... é dádiva de Deus... é dar sem querer receber... é amar mesmo, sem receber, querer receber nada em troca”*. Acha que a maternidade é a coisa *“mais linda”* que Deus colocou no casamento. Acredita que a pessoa que não quer ser mãe, um dia vai sentir essa necessidade *“pra completar”*. *“Só você e ele... é uma família, mas tá faltando alguma coisa entre vocês”*. Como positivo na maternidade, aponta a questão do amor que surge na mulher, não apenas em relação aos próprios filhos. *“Ser mãe é amor puro, é amor, muito amor”*. Afirma que não há nada de negativo nessa experiência.

Julia gostaria de ter tido mais filhos. *“Eu gostaria de ter tido pelo menos uns quatro filhos, a casa cheia, com todos os trabalhinhos que eles dão, as noites perdidas”*. Não teve porque acha que hoje é difícil educar e sustentar financeiramente.

Acha que é uma boa mãe na opinião dos filhos. As pessoas de fora a vêem como uma mãe dedicada, e o esposo também a considera dedicada aos filhos e a casa, uma boa mãe, apesar de não dizer isso a ela, já que é muito *“fechado”*.

Considera muito importante na criação dos filhos a formação religiosa. *“Criar eles no caminho do Senhor, isso é fundamental pra mim”*. Também incentiva muito a educação escolar, apesar de não ter tido esse incentivo dos pais. Procura estar atenta ao que os filhos gostam para ajudá-los futuramente na escolha da profissão.

Julia afirma que meninos e meninas têm que ser educados de maneira igual, principalmente em relação à religião. Porém, acha que há coisas que menino faz e que menina não pode fazer. *“Menino, eles se desprendem um pouquinho mais rápido do que menina dos pais, por mais criado que seja... é homem”*.

Mesmo tendo babá para ajudá-la com os filhos, sempre gostou de cuidar deles. *“Eu sempre gostei de ficar com eles muito no colo, nada de deixar em cama porque achava que*

tinha que curtir demais, curti demais meus filhos, muito colo, muito beijo... muito carinho, atenção o tempo inteiro". Leva e busca os filhos na escola, ajuda com as tarefas escolares, é aquele "corre-corre". Também procura corrigir os filhos, mas acha que oração é a melhor coisa. "Eu falo que é mais oração do que você chamar a atenção".

Segundo Julia, sua mãe sempre trabalhou muito. Ela costurava para fora e sempre foi muito esforçada e dedicada. Após o acidente do esposo, teve que ficar tomando conta dele, que ficou três anos internado no hospital. Os irmãos mais velhos começaram a trabalhar para ajudar com as despesas, e sua irmã mais velha tomava conta dos irmãos menores. A mãe não tinha muito tempo para conversar com os filhos, era muito "severa" e "seca", não deixava os filhos saírem de casa, batia e brigava muito, não falava abertamente com os filhos. Julia, ao contrário, dá liberdade aos filhos para falarem o que pensam. "Eu sou diferente nisso aí, sou mais liberal, e o meu esposo também". Apesar disso, acha que foram muito bem criados.

Considera-se uma mãe parecida com a mãe na questão da *preocupação* e dedicação aos filhos. A mãe também criou os filhos na igreja, na época eram católicos. Julia se "converteu" e cria os filhos na religião evangélica.

Julia nunca pensou em como a filha será como mãe. Apesar disso, acha que pela educação que tem dado, ela desejará ser mãe. "Não sei se ela vai ser uma mãe como eu sou, como eu fui, assim, dedicada". Em relação ao filho, acha que o filho "vai ser mais dedicado ainda", e vai ser um "excelente marido".

Crê que ser mãe, hoje, "é melhor" que antigamente em termos de recursos em relação ao parto. Em relação à criação e educação dos filhos, crê que antigamente os filhos eram mais "educados, mais mansos", respeitavam mais. Por outro lado, acha que os pais eram muito severos. "Por eles serem tão severos, até carrancudos, existia muito temor, muito medo, e não é isso que eu quero passar pros meus filhos". Outra diferença é que antigamente os filhos definiam o que queriam ser cedo. "Hoje em dia as crianças cada vez mais cedo se formam e não sabem o que querem".

3.2 Visão geral dos dados – O programa Alceste

Como já mencionado, trabalhamos com dois corpora de textos no presente estudo: um composto pelas entrevistas das participantes da primeira geração e outro pelas

entrevistas das participantes da segunda geração. Apresentaremos separadamente os resultados obtidos a partir das entrevistas de cada grupo geracional.

Observações associadas aos dados foram incluídas com o propósito de torná-los mais compreensíveis, mas não constituem a análise propriamente dita de tais dados, o que aparecerá mais adiante.

Convém mencionar que baseamo-nos, principalmente, nas considerações de Camargo (2005) e Kronberger e Wagner (2002) sobre o funcionamento do programa Alceste e sobre a análise dos resultados que ele pode proporcionar.

3.4.1 Casamento, maternidade e família na análise Alceste: A 1ª Geração

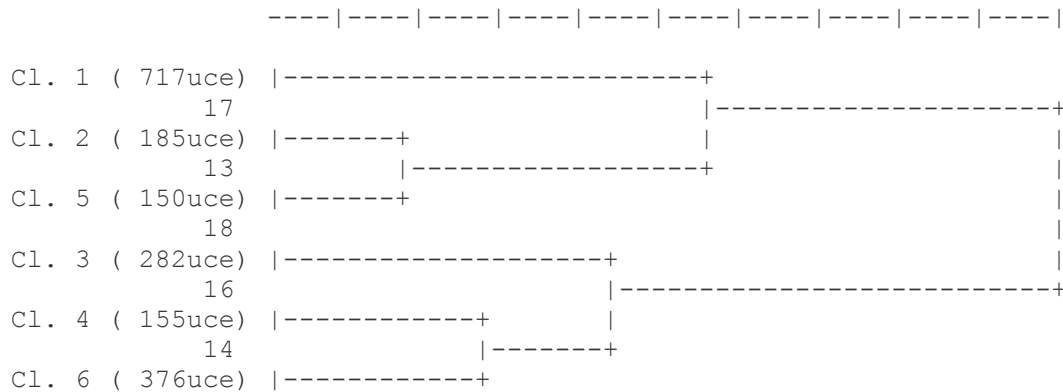
O corpus, constituído por dez UCI (entrevistas), após ser inicialmente reconhecido pelo programa, distinguiu 7264 formas distintas, que ocorreram 103.433 vezes, com frequência média igual a 14 (Etapa A).

Posteriormente (Etapa B), o programa efetuou a seleção das UCE, dividindo o corpus em 2566 UCE, e realizou o cálculo dos dados. Após a redução das formas em função de seus radicais, o programa obteve 1340 formas analisáveis, com frequência igual ou superior a quatro, que ocorreram 48.712 vezes, 276 palavras “com função” e 21 variáveis (palavras previamente destacadas com asterisco, indicando para o programa a necessidade de considerá-las como variáveis a serem cotejadas com as diversas configurações dos dados resultantes do processamento das informações contidas nas entrevistas).

A intersecção das classes (Etapa C) a partir dos dois procedimentos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD) gerou a classificação de 1865 UCE das 2566 UCE totais selecionadas, o que resultou num aproveitamento de 72,68% do

material textual (eliminação de apenas 27,32%). O dendrograma abaixo ilustra o resultado da CHD e a intersecção das classes.

Figura 1 – Dendrograma das Classes estáveis



Como é possível observar na Figura anterior, num primeiro momento o programa executou uma divisão do corpus em dois subcorpus (primeira partição) que não têm, praticamente, qualquer ligação entre si. Numa segunda partição, um dos subcorpus originou uma classe estável identificada como 1, e um subgrupo, que posteriormente foi dividido. Num terceiro momento o outro subcorpus gerou uma classe estável identificada como Classe 3 e um subgrupo, que num quarto momento foi dividido em dois, formando as classes 4 e 6. Por fim, o subgrupo originado na segunda partição sofreu uma divisão originando as classes 2 e 5.

A escala existente no topo da figura (que deve ser interpretada da direita para esquerda, numa variação de 0 a 100) indica o percentual de associação entre os subcorpus e entre as classes (ou, dizendo de outra forma, o percentual de elementos que eles compartilham). Pode-se verificar, por exemplo, que não há qualquer associação entre os subcorpus que irão constituir as classes 1, 2 e 5 e aquele do qual serão

originadas as classes 3, 4 e 6. A Classe 1 e o subgrupamento constituído pelas classes 2 e 5 apresentam 44% de associação, enquanto a Classe 3 e o subgrupamento formado pelas classes 4 e 6 apresentam 58%; as classes 4 e 6 apresentam 72% e as classes 2 e 5 apresentam 83% de associação.

As classes foram constituídas por formas reduzidas¹³ associadas entre si por co-ocorrência de forma a resultar em um X^2 maior que 5,51, sendo o número mínimo de UCE exigido para formação de uma classe igual a 129. Na figura a seguir (Figura 2) apresentamos novamente o dendrograma das classes resultante da CHD com informações mais completas: número de UCE por classe, percentual relativo de cada classe no conteúdo analisado, percentual de relação entre as classes, principais formas reduzidas (palavras ou radicais) associadas a cada classe (obtidas a partir da frequência de ocorrência e do percentual de contribuição para a classe – bases para o cálculo do X^2 como medida de associação), dispostas numa ordem decrescente segundo o valor do X^2 . Também apresentamos a denominação dada por nós a cada classe e aos grupamentos de classes, o que foi realizado considerando não apenas as palavras e radicais selecionados, mas uma análise mais ampla do relatório, sobretudo dos conjuntos de UCE típicas de cada classe (contexto em que as palavras ocorrem), que foram definidas pelo programa, e que devem ser compreendidas como um todo.

Em seguida, ilustramos (Figuras 3, 4 e 5) a representação espacial das relações entre as classes, as variáveis e as formas reduzidas (palavras e radicais), o que é possível através da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) que o programa executa (Etapa C). Tal análise é muito importante, pois permite uma melhor visualização da ligação e

¹³ O programa reduz automaticamente as palavras a sua radical através do auxílio de um dicionário, resultando numa matriz que contém formas reduzidas (Kronberger & Wagner, 2002).

oposição entre as classes, além de também servir de base para a interpretação dos resultados.

Na figura 3 encontramos a projeção da relação entre as classes detectadas pelo programa e as variáveis definidas pela pesquisadora na construção do banco de dados. As variáveis significativamente associadas à classe (de acordo com o valor do X^2) são destacadas na figura¹⁴. Na figura 4 aparece a projeção das classes (cuja identificação numérica foi inserida por nós) e formas reduzidas em um plano fatorial, sendo necessário destacar que a apresentação de tal figura serve apenas como ilustração para facilitar a compreensão da distribuição, uma vez que não há espaço para que todas as palavras e radicais sejam impressas (algumas estão encobertas). Lidar com este tipo de representação diretamente no programa Alceste é um processo interativo que proporciona uma riqueza de detalhes muito grande. Na figura 5 (para a qual também valem as observações acima) a representação no plano fatorial inclui diferentes circunscrições de palavras e radicais, parcialmente sobrepostas, que constituem as classes.

Entendemos que a Figura 5 possibilita uma leitura bastante interessante dos resultados. Considerando a disposição das classes e das palavras / radicais no plano fatorial, assim como uma compreensão geral dos dados, verificamos polarizações nos dois eixos (x e y). No eixo vertical (y) encontramos a polarização: *redução das imposições da maternidade, contestação tanto real quanto na esfera dos planos e das discussões x inexistência de alternativas aos deveres e imposições da maternidade: conformismo*. Já no eixo horizontal (x), a polaridade se dá entre: *questões práticas de*

¹⁴ Cabe destacar que algumas dessas variáveis que aparecem na figura apresentam X^2 no limite de corte, de forma que têm pouco valor significativo para a classe. Optamos por apresentar aqui da forma como o programa trouxe, mas na descrição dos resultados apresentaremos as variáveis realmente significativas para cada classe.

interação e rotina no casamento e na família x questões em torno do casamento como instituição ao longo do tempo e das gerações. Com a leitura dos resultados dessa 1ª geração de forma conjunta, a compreensão dessa figura se tornará mais clara.

Figura 7: Dendrograma das classes – RS de mulheres da 1ª Geração sobre ser mulher, mãe e esposa

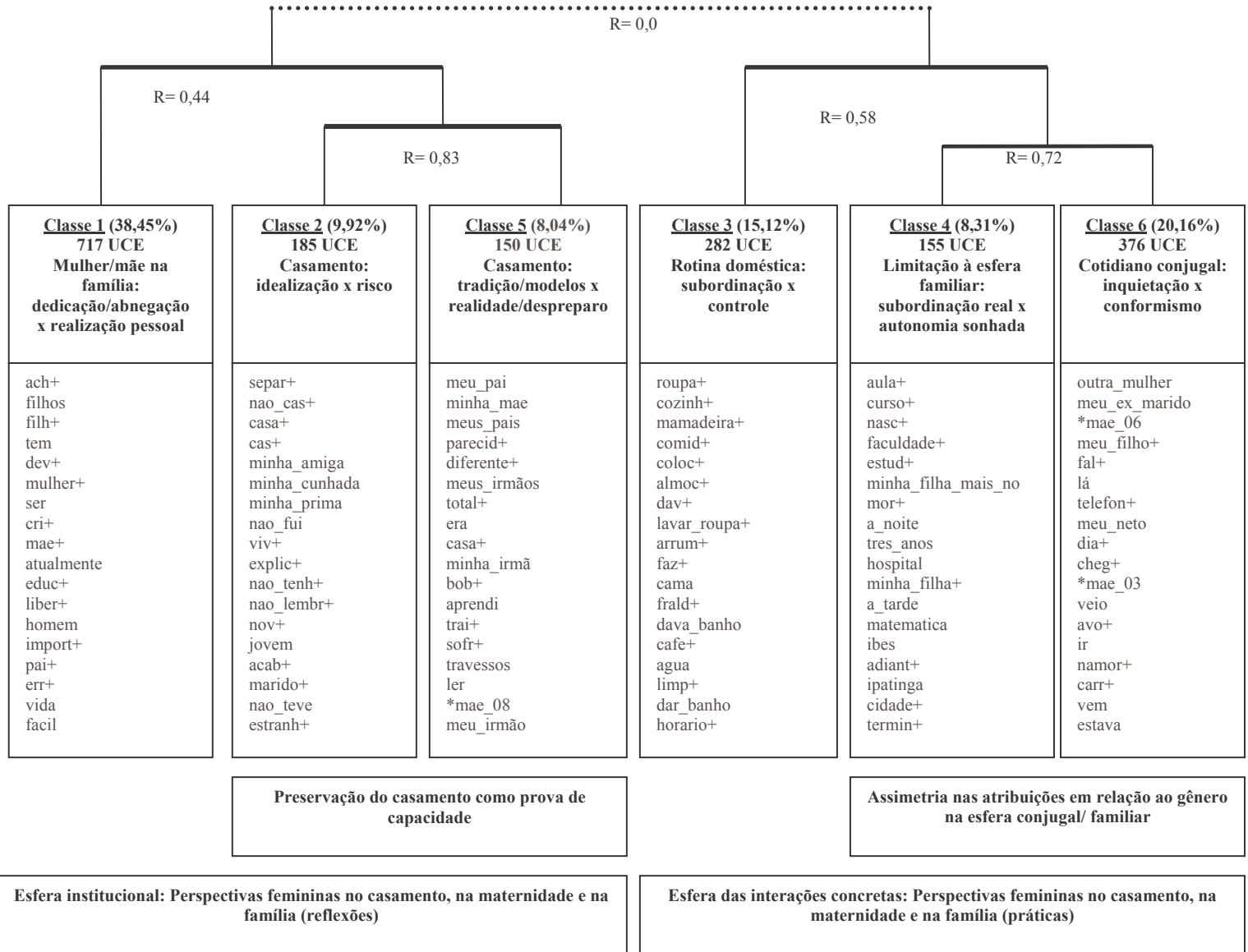


Figura 3: Análise Fatorial de Correspondência - Projeção das classes (identificadas pelo sinal #), das variáveis e das participantes no plano fatorial

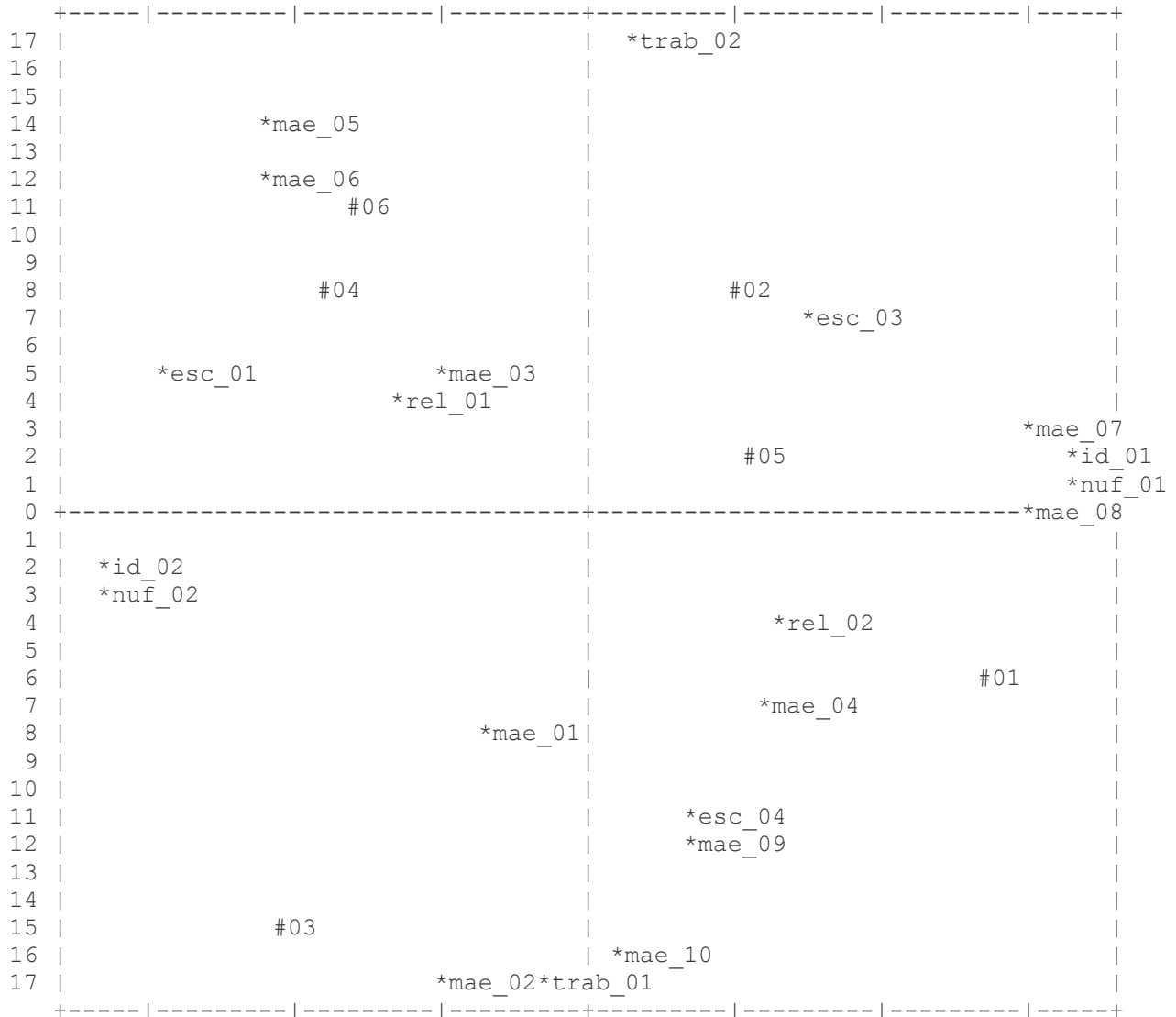
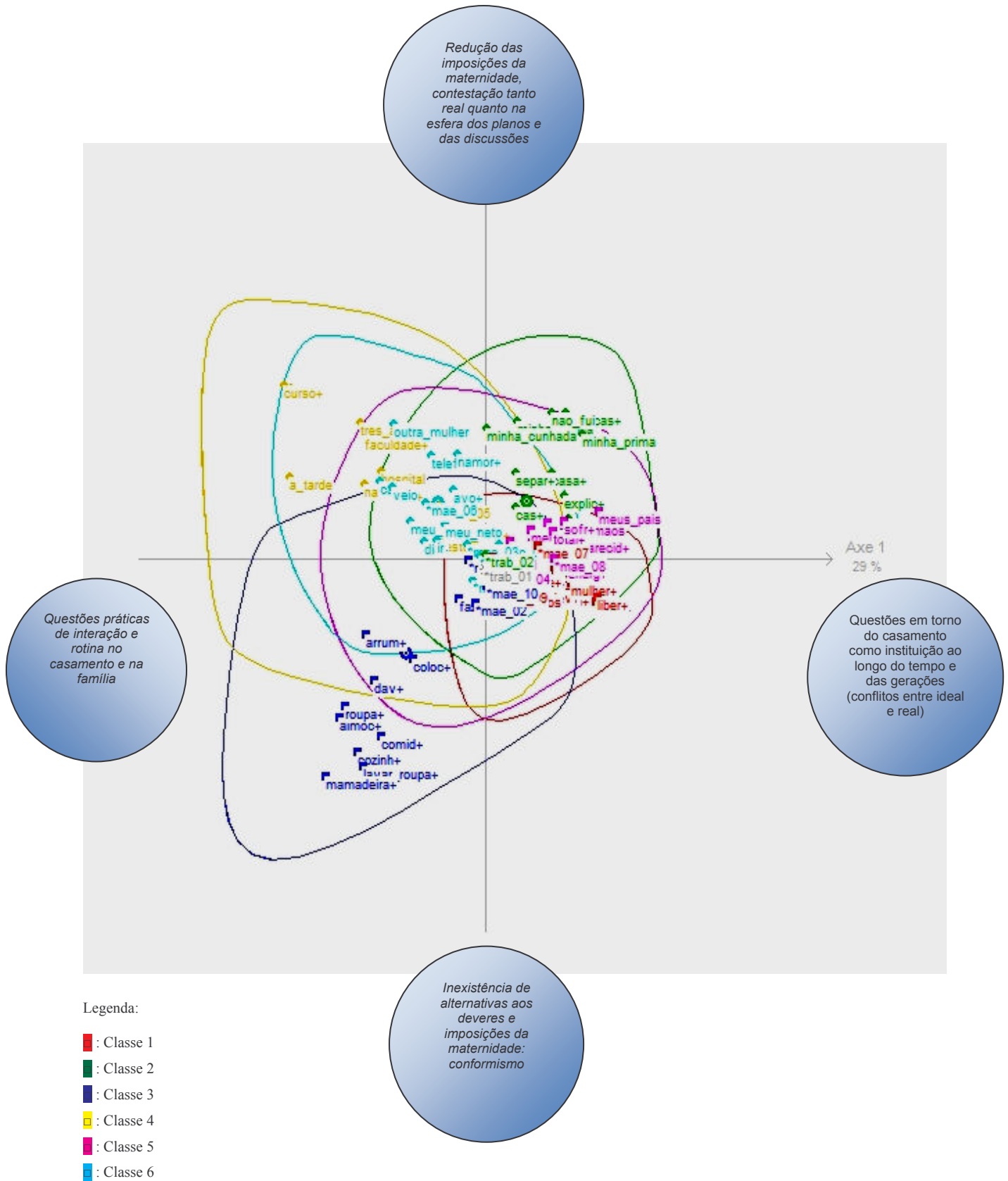


Figura 5: Análise Fatorial de Correspondência



É importante retomarmos algumas considerações para melhor entendimento dos resultados fornecidos pelo Alceste. O programa atua por “contraste”, ou seja, constrói classes de palavras e / ou radicais que estão associadas por co-ocorrência e que não estão associadas no mesmo nível a outros conjuntos de palavras e radicais que constituem as demais classes. Nesse sentido, as classes devem ser compreendidas umas em relação às outras, pois formam um sistema que expressa o dinamismo do discurso das participantes, e das representações que o sustentam. Na verdade, dentro das próprias classes encontramos oposições / antinomias, que expressam sua dinâmica.

Quando se estuda um texto produzido por diferentes indivíduos, o objetivo é compreender os pontos de vista que são coletivamente partilhados por um grupo social em determinado tempo. Quando se pensa sobre um objeto, existem sempre diferentes e contrastantes pontos de vista. O pressuposto de Alceste é que pontos diferentes de referência produzem diferentes maneira de falar, isto é, o uso de um vocabulário específico é visto como uma fonte para detectar maneiras de pensar o objeto (Kronberger & Wagner, 2002, p. 427).

Moscovici (2003) propõe que as RS estão ancoradas em “sistemas de oposições” pré-existentes, ou seja, originam-se de termos / idéias contrastantes entre si, mas que se relacionam, e que existem antes de nós. Como vimos, para esse autor, as representações são engendradas por “idéias-fonte” (os *themata*), que implicam em polaridade, oposição, e que estão além do que é apresentado no discurso. Essas idéias-fonte (*themata*) geram temas conceituais derivados que irão orientar nossos comportamentos, ações, e operar como “núcleos semânticos” que produzem e organizam classes de discursos.

Acreditamos que as classes geradas pelo Alceste podem nos dar “pistas” dos *themata* que produzem o sistema de representações em questão, já que os mesmos não se mostram com clareza.

É importante mencionar que em nosso entender as antinomias identificadas estão sempre em algum ponto da zona de significados que liga *themata* e temas conceituais, ou seja, são partes componentes dos *themata*, sendo sua distinção muito sutil. Por conta disso, fizemos a opção de nos referirmos às antinomias identificadas nas classes sempre como *themata*.

O proponente do programa, Max Reinert, ressalta que há diferentes formas de se compreender as classes formadas, que não precisam ser vistas como excludentes:

As classes obtidas podem ser interpretadas de três pontos de vista: a) como conteúdo, ou seja, observando-se a lista de palavras ou a lista de UCE que lhe são específicas; b) como funcionamento, porque por suas oposições, exprimem um certo dinamismo do percurso discursivo; c) como representação, pois essas classes formam um sistema e refletem uma certa estabilização do funcionamento do autor (Reinert, 2001, p. 34).

Compreendemos, então, que as classes, além de apresentarem uma lista temática de palavras, apontam a construção dinâmica do discurso das pessoas que nos falam, e ao mesmo tempo, trazem indicações do sentido do que foi falado por elas. Como se trata de um sistema dinâmico, as oposições / contradições identificadas não estão sendo pensadas como absolutamente irreconciliáveis, até porque os discursos são marcados por ambigüidade.

Passamos, então, à descrição das classes. Como já mencionamos, para maior compreensão das classes, o programa oferece ainda uma lista de UCE características de cada classe (Etapa D), com seu respectivo X^2 (coeficiente de associação à classe). Optamos por apresentar em seqüência algumas dessas UCE à medida que formos expondo os resultados de cada classe.

Classe 1 – Mulher / mãe na família: dedicação / abnegação x realização pessoal

Para essa classe o programa selecionou 717 UCE, 38,45% do material textual analisado (maior percentual entre as classes), proporcionando constatar 190 palavras características da mesma. Os discursos das participantes mãe_07 (Glória), mãe_08 (Hilda) e mãe_09 (Ivone) foram os principais responsáveis pela produção de UCE dessa classe, e a variável *ensino superior completo* (ens_04) é a que está mais significativamente associada à classe.

As dezoito formas (palavras ou radicais) mais significativas associadas a essa classe são apresentadas no quadro a seguir, que contém também informações sobre a frequência da palavra ou radical na classe e no corpus, o percentual na classe, e o valor do X^2 .

Quadro 2 – Formas significativas da Classe 1

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência na classe</i> | <i>Frequência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| ach+ | 286 | 457 | 62,58 | 149,0 |
| filhos | 227 | 367 | 61,85 | 105,8 |
| filh+ | 207 | 328 | 63,11 | 102,3 |
| tem | 231 | 385 | 60 | 95,25 |
| dev+ | 132 | 186 | 70,97 | 92,34 |
| mulher+ | 127 | 186 | 68,28 | 77,71 |
| ser | 96 | 136 | 70,59 | 64,05 |
| cri+ | 73 | 96 | 76,04 | 60,45 |
| mae+ | 158 | 264 | 59,85 | 59,53 |
| atualmente | 143 | 241 | 59,34 | 51,04 |
| educ+ | 41 | 47 | 87,23 | 48,5 |
| liber+ | 34 | 41 | 82,93 | 35,05 |
| homem | 66 | 100 | 66 | 33,9 |
| import+ | 18 | 18 | 100 | 29,1 |
| pai+ | 91 | 157 | 57,96 | 27,59 |
| err+ | 29 | 37 | 78,38 | 25,44 |
| vida | 74 | 124 | 59,68 | 25,3 |
| fácil | 36 | 50 | 72 | 24,44 |

As palavras reunidas nos radicais que aparecem nessa classe são:

ach+: acha(22), acham(6), achando(2), achar(5), achava(10), achei(1), acho(419)
 filh+: filha(55), filhas(12), filhinho(2), filho(253)
 dev+: (172), devem(2), devemos(1), devia(2), deviam(1), devo(1);
 mulher+: mulher+ : mulher(202), mulheres(29);

cri+: (10), criação(22), criada(10), criado(6), criam(1), criando(8), criar(24), crie(1),
 criei(8), criou(2)
 mãe+: mãe(220), mães(8), mãezinha(2);
 educ+: educa(1), educação(23), educado(5), educando(5), educar(16), educaram(1)
 liber+: liberada(1), liberado(1), liberais(1), liberal(6), liberava(1), liberdade(30), liberei(2)
 import+: importa(1), importante(20)
 pai+: pai(112), pais(28)
 err+: erra(1), errada(8), errado(20), errando(1), errei(3), erro(7)

Essa classe congrega conteúdos relacionados à *educação* e *criação* dos *filhos*. Educar e criar os filhos aparece como uma responsabilidade da *mulher*, da *mãe*, o que *deve ser* assim, independente da época, pois o que os filhos serão no futuro depende do adequado exercício dessa função. Por conta disso, a mãe *deve* se dedicar a essa *importante* função, corrigindo e transmitindo valores aos filhos, e ensinando o respeito que *devem* ter pelo por ela e pelo *pai* (pelos *pais*). Diante de tamanha responsabilidade, existe a possibilidade do *erro*.

A classe também expressa uma comparação em relação à educação entre a época em que as participantes tinham os filhos pequenos e hoje em dia, não expressando consenso: embora *achem* que a *educação atualmente* é mais *fácil* porque há mais abertura e *liberdade* entre pais e filhos, há mais diálogo, mais recursos, os *pais* estudam mais, também está presente a idéia de que criar os filhos nos dias de hoje é mais difícil, de forma que os pais, principalmente as mães, devem ter o controle sobre os filhos, evitando agir de forma errada.

Como mencionado, para a compreensão das classes é necessário também uma análise das UCE selecionadas como características de cada classe. Sendo assim, apresentamos, abaixo, algumas UCE da Classe 1, lembrando que as palavras precedidas

pelo sinal # são aquelas identificadas pelo programa como características da classe.

por esse #lado eu #acho que #atualmente é mais #difícil. mas tem o lado de #atualmente ser assim mais #moderno e #poder se #abrir mais com #filhos, eu #acho que é mais #fácil. (X²=34)

o que #mantém? é aquela #responsabilidade de #manter #os #filhos educados, uma #vida que você tem de #responsabilidade estar passando para #os #filhos. os #filhos #dependem na #educação, na #formação, o comportamento deles, então essas #coisas #não_mudaram. #pode ser o nível que #pessoa #tiver, nível social, mas de ser bem, zelar pelo bem, #respeitar outro, ser #honesto, ser #íntegro, correto. (X²=29)

os #filhos #não_podem #vencer #pai nem #mãe, a #mãe falou com #filhos, o #filho #deve #obedecer, eu #acho muito #errado, quando #não_obedecer, eu #acho #deve #bater. meu_marido sempre, meu_marido sempre foi muito, meus_filhos sempre tiveram muito #respeito com meu_marido. (X²=28)

os #valores #não_mudaram, e nem #podem #mudar, #valores de #respeito, de amor, de consideração, #não_mudou não, aquele #princípio básico continua até hoje. #atualmente as #mães têm mais #recursos, são mais preparadas intelectualmente, #mães executivas, mas aquele compromisso com #filho #não_mudou e #não_pode #mudar. (X²=28)

para #educar não, mas. atualmente eu #acho que. agora eu #acho está mais #fácil para #educar. porque antigamente era mais #difícil, eu #acho, atualmente as #coisas estão mais #modernas, eu #acho mais #fácil, o #diálogo com os #filhos está mais #fácil. (X²=25)

até para #educar #filhos é melhor, #não é, não_tem #dificuldades. eu #acho que, nessa #vida #atualmente eu #acho é mais #fácil, mais #fácil de #criação, para #criar #filhos agora #vida esta até melhor, passados esses anos todos, #acho está melhor. (X²=21)

por essas #coisas #atualmente está mais #fácil. eu #acho #educar é mais #difícil, #educar é mais #difícil, porque os #filhos, só, só na classe_alta é mais #fácil, mais nessa classe_baixinha, é mais #difícil. (X²=21)

e eu #vejo em tudo a mão do senhor_deus, tanto livramento, tanta proteção, tanta #orientação. no momento de tomar uma #decisão #difícil, em tudo o senhor_deus ali #orientando a_gente, é muito bom. muito #importante, #principal, que #não_pode #abrir mão é essa #convivência de #mãe com #filho, é a_gente ser verdadeiro para #filho, o que a_gente #ensina praticar, ser coerente com aquilo que #ensina. (X²=21)

#ser_mãe? É a melhor #coisa mundo. de #positivo é que os #filhos, a_gente #vê os #filhos crescendo, a_gente #ensinando. as_vezes a_gente #erra, as_vezes a_gente #acerta, porque ninguém é #perfeito, mas é o #caminho que a_gente trilhou e foi seguindo em frente. (X²=19)

E está quase todos assim, eu #acho que está assim, está desse jeito. eu #acho que #atualmente é melhor, tanto para #homem, quanto para #mulher. eu #acho e só mesmo #mudança #devido as #pessoas estudarem mais, ter uma, uma #mente mais #aberta, mais #compreensão, tem mais #diálogo, #conversa mais. (X²=19)

depois que eu casei também eu não pensei, porque meu_marido também não_gostava que eu trabalhasse fora, e tinha os #filhos também. #criar #filhos com outras #pessoas, é #difícil, a #mãe mesmo #criando #filho é mais #fácil #criar #filho, #ensinar o que quer que o #filho #seja, como é que é, é a #maneira que você #cria, #ensina, que #cria ele. (X²=19)

mas eu sempre ajudei nas tarefas_escolares, nas #coisas, que eu #pude ajudar, eu ajudei. então eu #acho tudo é #obrigação da #mãe. porque o #pai trabalha, então. mas está certo que #pai também #pode ajudar, mas #mãe, eu #acho é a #obrigação da #mãe, na #educação #filhos, também, tem que. (X²=18)

Lima (2007) propõe que é possível identificar dentro das classes formadas pelo programa Alceste dicotomias / antinomias (Moscovici chama de oposições), que revelam a presença de *themata*, o qual atua na produção das Representações Sociais. Nessa Classe 1, observamos conteúdos relacionados ao *ser mãe* (hoje e antigamente) que revelam a contradição / oposição *abnegação x realização*, pois ao mesmo tempo que a educação dos filhos aparece como responsabilidade feminina, dever materno, fica claro o desejo / satisfação dessas mulheres em cumprir esse papel, “que é visto como delas”, da melhor forma. Acreditamos que a existência dessa dicotomia é que permite que essa “obrigação” feminina não seja caracterizada como tal por essas mulheres.

Classe 2 – Casamento: idealização x risco

A Classe 2 englobou 185 UCE (9,92%), e foram selecionadas 136 palavras ou radicais para essa classe. As formas reduzidas mais significativas dessa classe são destacadas abaixo.

Quadro 3 – Formas significativas da Classe 2

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência classe</i> | <i>na</i> | <i>Frequência corpus</i> | <i>no</i> | <i>% Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|--------------------------|-----------|--------------------------|-----------|-----------------|----------------------|
| separ+ | 33 | | 69 | | 47,83 | 115,22 |
| não_cas+ | 13 | | 14 | | 92,86 | 108,59 |
| casa+ | 28 | | 61 | | 45,9 | 91,37 |
| cas+ | 64 | | 242 | | 26,45 | 85 |
| minha_amiga | 16 | | 25 | | 64 | 82,94 |
| minha_cunhada | 13 | | 21 | | 61,9 | 64,24 |
| minha_prima | 8 | | 9 | | 88,89 | 63,12 |
| nao_fui | 6 | | 7 | | 85,71 | 45,17 |
| viv+ | 24 | | 73 | | 32,88 | 44,81 |
| explic+ | 8 | | 12 | | 66,67 | 43,53 |
| nao_tenh+ | 11 | | 21 | | 52,38 | 42,86 |
| nao_lembr+ | 9 | | 15 | | 60 | 42,44 |
| nov+ | 23 | | 72 | | 31,94 | 40,66 |
| jovem | 4 | | 4 | | 100 | 36,4 |

| | | | | |
|----------|----|-----|-------|-------|
| acab+ | 14 | 36 | 38,89 | 34,48 |
| marido+ | 33 | 136 | 24,26 | 33,78 |
| nao_teve | 9 | 18 | 50 | 32,68 |
| estranh+ | 5 | 7 | 71,43 | 29,75 |

As palavras englobadas pelos radicais presentes na Classe 2 são apresentadas a seguir.

| |
|--|
| separ+: separa(3), separação(8), separada(3), separado(5), separar(2), separaram(2), separasse(2), separavam(1), separe(2), separei(6), separou(7) não_cas+: não_casa(1), não_casar(3), não_casaram(2), não_casasse(1), não_casava(3), não_casavam(1), não_casou(5) casa+: casamento(36) cas+: casa(6), casada(12), casado(3), casal(10), casar(39), casaram(2), casasse(2), casava(1), casavam(3), casei(18), casou(12) viv+: vive(6), vivem(4), viver(7), viveu(1), vivia(5), viviam(3), vivo(4) explic+: explica(1), explicar(6), explicaram(1), explicou(1) não_tenh+: não_tenho(12) não_lembr+: não_lembro(12) nov+: nova(11), novas(1), novinha(3), novinhas(1), novinho(3), novo(4) acab+: acaba(1), acabam(1), acabando(2), acabar(1), acabasse(1), acabou(11) marido+: marido(48), maridos(1) estranh+: estranha(1), estranho(7) |
|--|

Conforme podemos observar no Quadro 2, os elementos que constituem essa classe abordam especificamente a questão do *casamento* e da *separação*. As participantes mencionam casos em que houve separação, como por exemplo, o *irmão* que se separou da *cunhada*, a *amiga* que se separou do *marido*, aparecendo também a questão da própria separação. Os conteúdos sugerem como o *casal* *vivia* e o porquê do casamento não ter dado certo e ter *acabado* (o marido bebia muito; o casamento não foi como ela esperava; a amiga quis se mudar, prejudicando o trabalho do marido), ou seja, trazem *explicações* para a separação. Também há menção a *casais* cujo casamento parece *estranho* pelo modo como *vivem*.

Interessante observar que o casamento e a constituição da família própria aparecem como projeto de vida para as participantes na época em que eram *jovens* / *novas* (era o “destino” das mulheres), de forma que *não* casar era a exceção. A *separação* era algo pouco comum e indesejado, o que justifica o fato de algumas *não*

lembrarem casos conhecidos acontecidos naquela época.

As UCE abaixo nos ajudam a compreender os conteúdos dessa classe.

eu também #fiquei #triste na #época, mesmo sendo bem mais #nova que meu_irmão. na #época que eu #casei meu_irmão não_estava #separado ainda não, mas a_gente, eu #sabia que #minha_cunhada não #teve #paciência porque é muito difícil. (X²=56)

nisto que a #esposa estava ali na vila_rubim #esperando para #atravessar, viu os dois passando, e #teve certeza. todo #mundo #sabia, mas a #esposa, #sabia, mas não_queria acreditar. E a filha deles, e, pronto, a #esposa #não_quis mais o #marido mesmo, e #acabou a filha deles não_considerando o pai em nada. o caso dessa #esposa foi mais, porque eram, eram compadres, #viviam muito junto. (X²=36)

foi, uma fatalidade muito #ruim que #aconteceu na #minha_vida, #marcou muito, porque eu me #separei do meu_marido e dai quarenta_dias meu_marido #faleceu, infarto_fulminante. e eu não_estava na residência, eu já tinha saído da residência, #abandonado a residência para #viver com meu #segundo_marido que eu estou hoje. (X²=36)

até eu #fiquei sabendo agora que #minha_prima ficou até, ficou até viúva, o #marido dela morreu, #minha_prima foi para rondônia, lonjura toda, #fiquei sabendo agora. não, não, eu acho que não, porque se fosse atualmente, teria #atrapalhado, mas como antigamente todo #mundo #casava #novo, ninguém tinha esse interesse como tem atualmente. (X²=30)

tantos anos, passa tanto #tempo que a_gente até #esquece, foi há muito #tempo, pode até ter #tido outros casos também que eu #não_lembro. tem meu_irmão, que era mais velho que eu, mas não_é #daquela #época não. meu_irmão que #teve #separação, #separação, mas a #culpa foi dele, porque meu_irmão bebia muito, #acabou o #casamento, perdeu emprego e tudo. (X²=29)

foi tudo bom, foi tudo bom. #aconteceu tanta coisa boa que o que foi de #ruim fica até despercebido, porque é tanta coisa boa. eu lembro, tem minha_amiga, dessas #época de #solteira que #separou, #separou do #marido, mas eu nem #sei bem, porque #minha_amiga não_morava aqui, #casou, foi para o rio_de_janeiro e de lá veio para vitória depois. (X²=28)

eu #dou tanto #gloria ao #senhor_deus por_isso, que eu sou tão #feliz que eu até #esqueço que o #tempo está passando. tem hora que eu #penso eu já estou com esta #idade, daqui pouco eu vou e ficam meus_filhos, meus_netos por aí. (X²=27)

no momento que #acontecia coisas a_gente parava um pouco para #pensar e o #senhor_deus sempre nos abençoou, nunca ninguém saiu ferido, #machucado, decepcionado, #magoado, calejado, nada disso. #não_tenho não, porque. eu acho que, quando, no #início do #meu_casamento meu_marido era muito ciumento, manipulava_me muito, e eu sentia #presa, #pensava eu nao_ganhei um #marido, eu ganhei um pai. (X²=27)

eu queria melhor, eu queria bem melhor do que minha_irmã. até mais #jovem que eu, eu #casei com dezenove, as outras #casavam com dezesseis, com dezessete_anos. não_interferiu, não, porque naquele momento da #minha_vida era o #casamento e eu queria #ter_filho logo. eu #engravidiei com #vinte_e_um dias de #casada, porque eu queria mesmo. (X²=26)

assim, e tudo para mim, família é tudo para mim. eu falo que #minha_família é o #pedacinho, do #céu que #senhor_deus deu para mim #viver aqui na #terra, e eu #tenho que defender isso. (X²=26)

e esse #casal, #aturam_se, #não_gostam_se não, #não_gostam_se de jeito nenhum, a mulher mesmo #diz todo para #mundo que não_gosta dele. estão #juntos, mulher cozinha para o #marido, lava_roupa, aquele negócio que eu não. a_gente #viver com uma pessoa, lavando_roupa e cozinhando sem, sem ter retorno nenhum, horrível, é muito #chato. (X²=24)

mas eu #imaginava que eu ia ter, mas só que #piovou tudo. eu #casei para sair garras da minha_mãe e do meu_pai, eu queria minha_liberdade. eu sempre fui #meio avoadada, eu achei que o #casamento fosse libertar_me da minha_mãe, porque eu era muito #presa. só que depois que eu #casei que eu vi que não_era nada #daquilo que eu #sonhava que fosse, que era uma #tristeza. (X²=24)

porque o #marido era bem empregado rio_de_janeiro, #minha_amiga convenceu o #marido de vir para aqui, então, foi a mais #culpada do #fim do #casamento. mas nem #sei bem, porque poucas vezes eu vi #minha_amiga depois, ainda até mora aqui, mas eu #não_tenho #tido #contato com essa amiga. (X²=24)

Também é possível observar uma valorização do próprio casamento por parte das participantes (obviamente as que não vivenciaram a separação), e uma tendência a supervalorizar as situações boas em detrimento das ruins.

Nessa classe identificamos uma antinomia que revela a presença do *themata idealização x riscos*. Percebemos que o casamento, especificamente o “casamento feliz”, é apresentado como ideal feminino na época em que as participantes eram jovens. A separação (ou a possibilidade desta) e a infelicidade conjugal, por sua vez, representam a vida real, que nem sempre pode ser como se sonhou. Casos conhecidos ou pessoais em que a separação aconteceu mostram que o “felizes para sempre” não constitui realidade para todas, e que há riscos de não concretização do ideal.

Classe 5 – Casamento: tradição / modelos x realidade / despreparo

Como a Classe 5 se encontra associada à Classe 2, constituindo um subgruposamento, optamos por apresentá-las próximas.

A Classe 5 foi formada por 150 UCE, o que resulta no menor percentual em relação às demais classes (8,04%). Congrega elementos sobre o *casamento dos pais* (como *era*), permitindo uma comparação no sentido do que é *parecido* e do que é *diferente* em relação ao próprio casamento.

As palavras / radicais mais significativas dessa classe são apresentadas no quadro abaixo.

Quadro 4 – Formas significativas da Classe 5

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência classe</i> | <i>na</i> | <i>Frequência corpus</i> | <i>no</i> | <i>% Classe</i> | <i>na</i> | <i>X²</i> |
|---|--------------------------|-----------|--------------------------|-----------|-----------------|-----------|----------------------|
| meu_pai | 67 | | 144 | | 46,53 | | 312,49 |
| minha_mae | 88 | | 240 | | 36,67 | | 305,14 |
| meus_pais | 24 | | 28 | | 85,71 | | 231,87 |
| parecid+ | 18 | | 36 | | 50 | | 87,37 |
| diferente+ | 28 | | 86 | | 32,56 | | 73,26 |
| meus_irmãos | 10 | | 18 | | 55,56 | | 55,48 |
| total+ | 8 | | 13 | | 61,54 | | 50,65 |
| era | 79 | | 531 | | 14,88 | | 46,89 |
| casa+ | 18 | | 61 | | 29,51 | | 39,29 |
| minha_irmã | 11 | | 28 | | 39,29 | | 37,52 |
| bob+ | 8 | | 17 | | 47,06 | | 35,31 |
| aprendi | 4 | | 5 | | 80 | | 35,10 |
| trai+ | 4 | | 5 | | 80 | | 35,10 |
| sofr+ | 9 | | 21 | | 42,86 | | 34,81 |
| travessos | 3 | | 3 | | 100 | | 34,36 |
| ler | 5 | | 8 | | 62,5 | | 32,22 |
| *mae_08 | 35 | | 189 | | 18,52 | | 31,21 |
| meu_irmão | 11 | | 32 | | 34,38 | | 30,52 |

parecid+: parecida(10), parecido(13)
diferente+: diferente(37), diferentes(1)
total+: totalmente(10)
casa+: casamento(
bob+: boba(7), bobagem(2), bobo(5)
trai+: trai(1), traia(2), traição(1)
sofr+: soframos(1), sofrer(2), sofreu(6), sofria(5), sofriram(1)

Como podemos perceber, o discurso da mãe_08 (Hilda) está entre as formas mais representativas dessa classe, sendo um dos principais responsáveis pela produção de UCE características da mesma (apresentadas abaixo).

#igual eu estava falando, #a_gente só #via #amor nos #meus_pais. como que #meus_irmãos #aprontaram tanto, porque #meus_pais passavam tanto #amor para os filhos, não_tinha #discussão, #meus_pais não_brigavam, #a_gente só #via assim. (X²=51)

não, foi tudo #diferente. #meus_pais viviam muito bem, #meu_pai e #minha_mae viviam muito bem. #a_gente nunca #ouviu #uma #discussão, um falando mais alto com o outro, havia mais, mais, mais respeito, eu acho, deles que no #meu_casamento. (X²=46)

#a_gente #reunia muito, #a_gente sempre estava #visitando, a #família sempre muito #unida. então, e que acontece aqui, #a_gente é muito #unido assim. #igual, #minha_mãe morreu, eu falei que eu fiquei matriarca da #família, porque eu sou mais velha, tem dois #irmãos mais velhos, mas a mais velha das filhas sou eu. (X²=45)

E #meu_pai ensinava_me tanto que, depois, antes de receber minhas_amigas, eu é que compartilhava com minhas_amigas. #meu_pai preparou_me para o casamento, era muito #exigente, foi #meu_pai. era, era assim. #antigamente todas as moças a prioridade era o casamento, #parece que #a_gente era educada, #preparada para isso. E a #visão que #a_gente tinha de casamento era de casamento por #amor e casamento era definitivo, só a #morte separaria. (X²=45)

mas meu_marido nunca bateu neles, não, mas eu, bem que eu batia quando eram pequenos. tem, tem muito, o respeito que #a_gente tinha, #quer_dizer. #meu_pai e #minha_mãe #deram muito #amor para os filhos, foi muito bom, mas só que eu tenho uns #irmãos que. por_isso que eu falo que eu sou muito feliz, eu sou mais feliz que #minha_mãe #nessa parte porque meus_filhos são mais #obedientes que #meus_irmãos foram. (X²=35)

nada foi #igual, #completamente #diferente. #meu_pai sempre, sabendo que #minha_mãe gostava de alguma coisa, #meu_pai procurava, #agradar #minha_mãe, sempre procurava #agradar #minha_mãe, fazia tudo por #minha_mãe. #minha_mãe faleceu primeiro que, mas #meu_pai sempre ajudava, #parecia assim, #a_gente notava, sempre #meu_pai. (X²=34)

mas no final #meus_pais viveram bem também, mas #meu_pai era muito #enérgico. foi #diferente, #totalmente #diferente. #parecido? porque #meu_pai lutou com tanta dificuldade, #coitado, para criar aqueles filhos dele. (X²=33)

mas havia #uma certa agressividade, #meu_pai como homem era #agressivo com #minha_mãe. #minha_mãe era muito #submissa, tolerava tudo, nunca vi #minha_mãe #gritar, querer melhor, nunca #exigiu nada, #totalmente #diferente, #totalmente #diferente. (X²=33)

#meus_pais eram, #meu_pai #traía muito #minha_mãe, #minha_mãe era muito #nervosa, muito #brava, não_aceitava, e eu presenciei cenas horríveis de briga dos #meus_pais, e aquilo me marcou muito. eu acho e por_isso que eu nunca quis ter #ciúme do meu_marido, porque eu #vivi #uma vida com #meus_pais que era terrível. (X²=33)

não_era comum também não, #meus_pais tinham aquele #relacionamento de todo mundo #via, todo mundo sabia, que era aquele #amor bonito, e não_era todo mundo que era assim, #meus_pais eram #especiais, porque #diferente os dois. (X²=29)

#meu_pai tinha suas paquerinhas, #antigamente um fazendeirão, quanto mais famoso mais, muito bonito o #meu_pai. #totalmente #diferente, #totalmente #diferente, embora #minha_mãe sempre respeitou muito, foi muito foi #honesto. (X²=29)

E meu_marido é o mais velho dos #irmãos também, então, ficou também a #família dele. então, #reúne a #família dele e a minha, e #a_gente junta sempre aqui na residência, é #uma coisa #parecida com a residência da #minha_mãe, que era o #ponto de #reunir, juntar todo mundo. (X²=27)

e #minha_mãe também era #parecido, fazia tudo para poder #agradar #meu_pai, era um casal perfeito que #a_gente nunca, #a_gente nunca #ouviu falar mais alto um com outro, sempre ali conversando e tudo. (X²=26)

Nessa classe encontramos menção à forma como os pais das participantes viviam (bem, em alguns casos, e mal em outros), e se sobressai o “amor” entre os pais de uma

das participantes (Hilda), visto como algo pouco comum antigamente, e a idéia do “casamento perfeito”.

A ambigüidade é elemento presente nessa classe. Apesar de destacarem pontos de semelhanças em relação ao próprio casamento, parece que, na maioria dos casos, o casamento dos pais era melhor, com menos brigas, discussões, e com mais amor (*totalmente* diferente). Por outro lado, aparece a questão da agressividade e infidelidade do pai e as brigas horríveis por ciúme. A mãe aparece em certos momentos como “nervosa”, “brava”, insatisfeita com as traições do marido, e em outros como honesta, a que agrega a família. O *sofrimento* causado pelos filhos (desobedientes e *travessos*) é destacado como uma diferença, assim como a questão da infidelidade conjugal.

Podemos notar que, assim como na Classe 2, aqui a oposição também está relacionada à questão do casamento. A diferença é que nessa classe a antinomia indica a presença do *themata tradição / modelos x realidade / despreparo*, pois o que está em questão é o contraste entre a forma como as participantes e seus pais lidam com o casamento, ou seja, entre o modelo que têm e o despreparo com o qual estão se deparando. Mesmo sendo destacadas semelhanças, sobressaem-se as diferenças.

Guardadas as especificidades, como mencionamos, tanto a Classe 2 quanto a Classe 5 abordam a temática do casamento (ponto de ligação entre elas). Obviamente há pontos de contraste, pois do contrário poderiam constituir uma mesma classe. Acreditamos que o ponto de distanciamento reside no fato de, enquanto a Classe 2 exprime uma idealização do casamento na época em que as participantes desse grupo eram jovens, a Classe 5 centra-se numa comparação entre o modelo e a realidade, o que permite percebermos melhor as nuances do casamento, que nem sempre é perfeito, nem sempre é a melhor alternativa. De qualquer forma, esse grupamento constituído pelas

classes 2 e 5 gira em torno do ideal feminino de casar-se e manter o casamento, por isso recebeu a denominação *Preservação do casamento como prova de capacidade*.

Como é possível observar no dendrograma (Figura 2), o referido grupamento está ligado à Classe 1, constituindo um grupamento maior, ao qual demos o nome de *Esfera institucional: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (reflexões)*, visando abarcar o conteúdo presente nas três classes.

Classe 3 – Rotina doméstica: subordinação x controle

Esta classe, composta por 282 UCE (15,12%), compreende 204 formas características selecionadas pelo programa. No quadro abaixo apresentamos as mais significativas.

Quadro 5 – Formas significativas da Classe 3

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência na classe</i> | <i>Frequência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| roupa+ | 34 | 47 | 72,34 | 123 |
| cozinh+ | 29 | 36 | 80,56 | 122,47 |
| mamadeira+ | 21 | 23 | 91,3 | 105,31 |
| comid+ | 28 | 38 | 73,68 | 103,66 |
| coloc+ | 46 | 90 | 51,11 | 95,44 |
| almoc+ | 24 | 32 | 75 | 90,96 |
| dav+ | 33 | 55 | 60 | 88,94 |
| lavar_roupa+ | 18 | 22 | 81,82 | 77,17 |
| arrum+ | 31 | 59 | 52,54 | 66,48 |
| faz+ | 111 | 394 | 28,17 | 66,3 |
| cama | 15 | 18 | 83,33 | 65,89 |
| frald+ | 15 | 18 | 83,33 | 65,89 |
| dava_banho | 11 | 11 | 100 | 62,11 |
| cafe+ | 14 | 17 | 82,35 | 60,42 |
| agua | 15 | 20 | 75 | 56,48 |
| limp+ | 15 | 20 | 75 | 56,48 |
| dar_banho | 15 | 21 | 71,43 | 52,47 |
| horario+ | 15 | 21 | 71,43 | 52,47 |

As UCE típicas desta classe são apresentadas a seguir.

mas antes era um #apartamento, sempre #meu_marido #ajudou, #dava_banho, #trocava #fralda, ajudava_me. só de #meu_marido #organizar as coisas e não_bagunçar já era. #meu_marido nunca foi de #fazer #comida, sempre fez #cafezinho. não, mas #meu_marido #organizava, #colocava tudo no lugarzinho, não_bagunçava e #cuidava das #crianças para mim, #deixava o #banheiro em #ordem, a #cama #arrumada, a #roupa dele #certinha, já era uma maneira dele #ajudar. (X²=55)

juntos, #meu_marido #ajudava muito. #meu_marido #pegava, eu estava #ocupada numa #tarefa, #meu_marido #ia #brincar, #fazia #dormir, #dava #mamadeira, #trocava #fralda, #dava_banho, #ajudava. não, não, era o contrário, porque #meu_marido #gostava mesmo, #gostava muito de sair com a_gente #passear, #gostava muito, sempre foi muito participativo. (X²=39)

#fazia uma higiene #neles, depois #dava #mamadeira, ficava um #pouquinho com #meus_filhos no #colo, depois #colocava no carrinho. depois #acostumava #meus_filhos voltarem a #dormir, #colocava no #berço. mais tarde tinha uma, enquanto #meus_filhos #dormiam eu #fazia a papinha deles. nove_horas, #as_vezes nove, dez_horas, eu #dava uma maçã raspada, uma #banana amassada, depois vinha papinha, depois. (X²=34)

só minha_filha_mais_velha #ajudava, depois eu #não_exigi mais não, porque eu tinha quem #fazia para mim e eu nunca exigi. até #minha_filha_adotiva atualmente #não_gosta de #arrumar nem a #cama dela, eu brigo, #deixa a #roupa #molhada #em_cima da #cama, é meio desorganizada. (X²=32)

#empregada não_tive não. eu #fazia tudo, eu nunca #deixei uma #roupa sem #lavar, até atualmente eu sou assim, hoje mesmo eu já #lavei_roupa, atualmente tem #máquina, tem tudo para #lavar_roupa, antigamente, #não_tinha nada, #tirava a #roupa já #colocava de #molho. (X²=32)

nunca #precisei, só #minha_filha_adotiva aqui que eu #levava na escola, aquela #rotina. esperava para o #almoço aquele #cuidado de #fazer o que um #gostava, o que o outro #gostava, ensinava #meus_filhos a #comer bastante legumes, #tomar suco #direitinho, eu mesmo dando #comida para #meus_filhos quando eu podia estar. (X²=30)

quando #meus_filhos eram pequenos eu #fazia tudo para #meus_filhos, #dava_banho #neles, #dava #comida, #passava_roupa deles, #lavava_roupa, #saía, quando eu #saía, eu #saía, mas não_é de #colo não que estou falando, é já #andando. (X²=28)

igual, #não_tem nada disso, #gosto mais de um não, #gosto igual, tudo igual, filho é igual, tudo é igual. O #dia_a_dia? O #dia_a_dia era #cuidar de #meus_filhos, tudo no #horário certo! #meus_filhos tinham #horário de #dormir de #meio_dia #as_duas_e_meia. (X²=27)

para depois mais tarde enxaguar. e #dava_banho na #hora #almoço, e na #janta, na #hora #almoço tomava_banho, #dava_banho para almoçarem, porque sempre morei aqui vitoria em residência que tinha #quintal, e #criança #gosta de #brincar, #sujava muito. (X²=27)

mas quando atrapalhava os #estudos #não_fazia nada, eu #deixava, porque #horário de estudar, #minhas_filhas tinham #horário para estudar. #colocava para estudar #quatro_horas tarde, #horário que #não_tinha mais nada, sentava e #ia estudar, aquela #hora não_ouvira radio, nada, tinha que estudar, era #horário de estudar. (X²=25)

A mulher tem de #dar #mamadeiras, deve #dar #roupa, o #cuidado mesmo, deve ter o #cuidado, tudo #limpinho. O que mais eu tenho que falar? eu tinha que #fazer #tudinho, eu tinha que ter #cuidado com roupinhas delas, com #fraldas. porque antigamente #não_tinha #fralda_descartavel, era fralda_de_pano, eu #passava aquilo, #passava pelo #direito, #passava pelo avesso, tudo muito #cuidadinho. (X²=25)

#tivesse umas cuecas assim, #meu_marido #tirava, #ia de baixo, enfiava a #mão, #colocava #em_cima da #cama e #pegava a dele e voltava para o mesmo lugar dobradinha. #meu_marido tinha um quarto, tinha um quarto ali que era um escritório, e quando #meu_marido parava de trabalhar, estava tudo #arrumado, não_encontrava uma folha #espalhada, um lápis #espalhado, nada. (X²=24)

eu acho não, eu acho #não_tem nada de negativo. #rotina? #levantar cedo e muito cedo, porque a_gente naquela luta com #criança, #levantar e #dar #café, #arrumar a residência, a_gente #faz #almoço e #lava_roupa, é uma #correria, porque com #criança #pequena é tudo na #correria.

Conforme podemos observar a partir das palavras / radicais e UCE mais significativas da Classe 3, os conteúdos desta classe organizam-se em torno do dia a dia com os filhos pequenos. Os cuidados práticos com os filhos e com a casa, como dar banho, trocar, cozinhar, lavar e passar roupas são mencionados como rotina diária das participantes. A “ajuda” do marido é mencionada, sobretudo, no sentido de não desarrumar o que foi organizado pela esposa e também de cuidar dos filhos quando a mesma estava ocupada com alguma outra tarefa. A ajuda dos filhos nas tarefas domésticas não aparece como prioridade – se tivessem que estudar, por exemplo, não precisavam ajudar com a casa.

A oposição que se vislumbra nessa classe indica a existência do *themata* subordinação x controle, pois o fato da mulher ser a principal responsável pelas tarefas domésticas, estando subordinada às necessidades da família (filhos, marido e lar) não é mencionado como algo negativo por elas, ao contrário, parecem ficar orgulhosas disso, satisfeitas, pois este é o território de domínio feminino (questão do poder), no qual o homem tem apenas um papel secundário, ao passo que a mulher é indispensável.

Classe 4 – Limitação à esfera familiar: subordinação real x autonomia sonhada

Composta por 155 UCE (8,31%), esta classe teve 156 formas (palavras e radicais) selecionadas. O discurso da mãe_05 (Eva) foi um dos que mais contribuiu para produção de UCE dessa classe.

Quadro 6 – Formas significativas da Classe 4

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência classe</i> | <i>na</i> | <i>Frequência corpus</i> | <i>no</i> | <i>% Classe</i> | <i>na</i> | <i>X²</i> |
|---|--------------------------|-----------|--------------------------|-----------|-----------------|-----------|----------------------|
| aula+ | 13 | | 14 | | 92,86 | | 132,32 |
| curso+ | 11 | | 11 | | 100 | | 122,07 |
| nasc+ | 23 | | 47 | | 48,94 | | 104,42 |
| faculdade+ | 16 | | 25 | | 64 | | 103,13 |
| estud+ | 38 | | 112 | | 33,93 | | 102,62 |
| minha_filha_mais_no | 18 | | 31 | | 58,06 | | 102,4 |
| mor+ | 38 | | 118 | | 32,2 | | 94,37 |
| a_noite | 20 | | 44 | | 45,45 | | 81,59 |
| tres_anos | 10 | | 15 | | 66,67 | | 67,58 |
| hospital | 11 | | 19 | | 57,89 | | 61,93 |
| minha_filha+ | 57 | | 289 | | 19,72 | | 58,45 |
| a_tarde | 7 | | 9 | | 77,78 | | 57,27 |
| matematica | 5 | | 5 | | 100 | | 55,31 |
| ibes | 5 | | 5 | | 100 | | 55,31 |
| adiant+ | 5 | | 5 | | 100 | | 55,31 |
| ipatinga | 6 | | 7 | | 85,71 | | 55,24 |
| cidade+ | 11 | | 21 | | 52,38 | | 54,38 |
| termin+ | 12 | | 25 | | 48 | | 52,38 |

Os radicais dessa classe abarcam as palavras abaixo:

| |
|--|
| aula+: aula(14), aulas(3) |
| curso+: curso(12), cursos(2) |
| nasc+: nascer(1), nasceram(12), nasceu(25) |
| faculdade+: faculdade(22), faculdades(2) |
| estud+: estuda(3), estudando(2), estudar(24), estudaram(3), estudava(15), estudavam(3), estudo(6), estudou(10) |
| mor+: mora(10), moramos(1), morando(3), morar(11), moraram(2), morava(14), moravam(2), morávamos(1), morei(3), moro(1), morou(8) |
| minha_filha+: minha_filha(96) |
| adiant+: adiantado(1), adiantar(1), adiantei(1), adiantou(1) |
| cidade+: cidade(13) |
| termin+:: termina(2), terminado(4), terminar(3), terminava(3), terminei(1), terminou(4) |

Nesta classe identificamos elementos que apontam a questão da continuidade aos *estudos* por parte do marido após o casamento (*fez* ou *terminou a faculdade / cursos*) e da atuação profissional do mesmo. Uma das participantes continuou *estudando* após o casamento, e começou a dar *aulas à noite*, ficando em casa com os *filhos à tarde*.

Mesmo nesse caso, parece-nos que a prioridade de estudar foi do marido.

Ainda com relação à educação formal, há menção aos irmãos do marido que moraram na casa de uma das participantes antes de se casarem para continuar / terminar os estudos.

A classe também aborda a *cidade* onde os filhos *nasceram*, e, conseqüentemente, onde as participantes já *moraram*, onde foi realizado o parto (em casa ou no *hospital*), os cuidados com a saúde dos filhos, e aparece nesta classe a *morte* do filho de uma das participantes quando era pequeno.

aquilo foi. e eu já queria #trabalhar. nessa #escola eu #trabalhava só #a_noite, e #de_manha eu fazia um #curso #senac para #melhorar o #curso, para #a_noite. então, #a_tarde eu ficava em, #a_tarde eu ficava em #minha_casa. #minha_filha_mais_velha #estudava #de_manha e meu_filho, #minha_filha outra #não_estudava ainda não, meu_filho #estudava #a_tarde. (X²=69)

um pouco, um pouco, mas meu_marido também #estudou, meu_marido #fez #faculdade, até passou na época para engenharia, mas a vale #começou a #não_dar horário para meu_marido. meu_marido #parou o #curso e #terminou #fazendo #matemática. meu_marido #deu #aula muitos anos no eliezer_batista, #deu até para #segundo_grau, para, para científico, meu_marido dava #aula. (X²=69)

#trabalha, meu_marido já é #aposentado #duas vezes, e continua #trabalhando, é #aposentado da vale, e #aposentado do estado, #professor, e continua dando #aula. meu_marido #fez, #fez três #cursos, pensou? meu_marido é tão #danado que #trabalhava #a_noite e #estudava. quando meu_marido #fez direito, meu_marido tem #curso de direito, #administração e #matemática. (X²=57)

não, meu_marido tinha, tinha, tinha cuidado sim. não_tinha não, eu só fui ao #medico da minha_filha_mais_velha, porque eu tinha pressao_alta, e eu #inchava, #inchava, eu #comecei #inchar. eu ia ao #médico, e da #última filha que foi, que foi, #minha_filha_mais_nova eu tive #hospital. porque antes, com #três_meses de gravidez, eu tive que fazer uma #cirurgia, então, o #médico achou que o dia de eu #ganhar, eu tinha que fazer uma #cesárea, e #fiz. (X²=40)

meu_marido #saiu para fazer #estágio na #área dele e #estudar mais, fazer #curso #senac. depois meu_marido foi ser #instrutor do #senac, a_gente estava investindo mais no #estudo do meu_marido e no meu_estudo também. (X²=38)

meu_marido #trabalhou depois do #acidente ainda, #aposentou, então, foi e #fez um cômodo e #fez um #salãozinho para #trabalhar. E #trabalhou, #trabalhou até, tem dois, #três_anos que meu_marido não_trabalha mais. (X²=36)

#moramos em #jardim_américa, #minha_filha_mais_velha tinha #seis_anos quando nos #vimos para aqui, a outra #minha_filha tinha três, #moraram em #jardim_américa. A família do meu_ex_marido era de #minas_gerais também, não podia contar não. era com #meus_vizinhos, #meus_vizinhos muito bons. quando #minha_filha #nasceu, e esteve doente, eu, não_tinha hora de sair para levar #minha_filha para #médico. (X²=34)

onde é que meus_filhos foram criados? muitos #nasceram na #residência, os dois filhos mais #velhos #nasceram na #residência, #nasceram no #ibes, e #minha_filha_mais_nova e a outra #minha_filha, #minha_filha #nasceu na #residência. meu_filho #nasceu no #hospital e o outro meu_filho #nasceu na

#residência, o que morreu pequenininho #nasceu na #residência, e #minha_filha, #nasceram lá no #forte. (X²=33)

eu acho que caminha assim. a #minha_filha #nasceu em #Colatina. até dois_anos_e_meio #mais_ou_menos, depois eu mudei para essa #residência, essa #residência não, era outra, era da cohab, depois nós desmanchamos e #fizemos essa. (X²=31)

mas aquelas #vacinas eu #dei a meu_filho, aquelas. meu_filho morreu, tadinho, morreu assim, nós fomos para o #hospital, eu saí, nós já #saímos com meu_filho no colo #a_noite, fomos #parar lá na #residência do #médico, o #médico falou deve #internar imediatamente no hospital_infantil. (X²=30)

Com base nas principais palavras / radicais e UCE da classe, inferimos que a mesma apresenta o contraste entre os caminhos traçados pelo marido e pela esposa no início do casamento. Ao passo que o marido deu prosseguimento aos estudos, visando melhorar sua condição profissional, subentende-se que a mulher, nesse mesmo período, ficou às voltas com o nascimento de seus filhos e com a vida doméstica, ou seja, limitada à esfera familiar e conjugal. Até a mudança de cidade deu-se sempre em função do trabalho do marido. Mesmo a participante que voltou a estudar após o casamento, o fez depois que já tinha dois filhos – primeiro *investiram* no marido.

Logo, os conteúdos revelam o aparecimento do *themata subordinação real x autonomia sonhada*, já que a dicotomia está relacionada a uma divisão entre o espaço feminino e masculino no início do casamento (papéis do homem e da mulher). Enquanto o homem aparece voltado para a vida pública, para o trabalho e carreira profissional, a mulher aparece subordinada à vida familiar, sem autonomia, seguindo os “passos” do marido. Apesar do casamento ter sido idealizado por algumas participantes como a alternativa para escapar do controle dos pais, ele acabou representando um aprisionamento ainda maior, já que era entendido como “para sempre”. Agora elas estavam submetidas a outro tipo de autoridade: a do marido.

Classe 6 – Cotidiano conjugal: inquietação x conformismo

Esta classe foi composta por 376 UCE (20,16%), e teve 188 formas selecionadas. Os discursos de duas participantes contribuíram de forma expressiva para a composição das UCE dessa classe: mãe_06 (Fátima) e mãe_03 (Célia).

Quadro 7 – Formas significativas da Classe 6

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Frequência na classe</i> | <i>na</i> | <i>Frequência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| outra_mulher | 44 | | 50 | 88 | 146,9 |
| meu_ex_marido | 74 | | 136 | 54,41 | 106,9 |
| *mae_06 | 95 | | 213 | 44,6 | 89,23 |
| meu_filho+ | 76 | | 165 | 46,06 | 75,44 |
| fal+ | 166 | | 516 | 32,17 | 63,92 |
| lá | 100 | | 269 | 37,17 | 56,53 |
| telefon+ | 25 | | 38 | 65,79 | 50,17 |
| meu_netto | 40 | | 80 | 50 | 46,24 |
| dia+ | 59 | | 142 | 41,55 | 43,68 |
| cheg+ | 63 | | 158 | 39,87 | 41,67 |
| *mae_03 | 77 | | 211 | 36,49 | 39,43 |
| veio | 30 | | 57 | 52,63 | 38,51 |
| avo+ | 23 | | 40 | 57,5 | 35,41 |
| ir | 45 | | 107 | 42,06 | 33,81 |
| namor+ | 28 | | 55 | 50,91 | 33,29 |
| carr+ | 21 | | 36 | 58,33 | 33,23 |
| vem | 19 | | 31 | 61,29 | 33,13 |
| estava | 71 | | 206 | 34,47 | 29,44 |

meu_filho+: meu_filho(116)
 fal+: fala(27), falado(2), falam(4), falando(10), falar(19), falasse(3), falava(39), falavam(3), falei(56), falo(12), falou(56)
 dia+: dia(54), dias(10)
 cheg+: chega(5), chegada(1), chegamos(3), chegando(4), chegar(13), chegasse(2), chegava(12), chegavam(2), chego(1), chegou(35)
 avo+: avo(28), avos(1);
 namor+: namora(6), namorada(10), namorado(10), namorando(5), namorar(7), namorava(8), namorinho(1), namoro(5), namorou(1)
 carr+: carrinho(2), carro(38)

Com o intuito de facilitar a compreensão da classe, a seguir apresentamos as UCE significativas da Classe 6.

como #meu_ex_marido #não_deixou nada para a #outra_mulher, tinha dez_meses, #nao_deixou nem aposentadoria no inps, que #não_estava #pagando mais, na #firma, a #outra_mulher recorreu na #firma do #meu_filho, minha_filha_mais_velha e a outra minha filha tinha de #assinar para #ver se a #outra_mulher #recebia. o, como é que #fala, juiz, inspetor, não, juiz de, #veio aqui na residência, para #meu_filho e para minha_filha_mais_velha, oficial_de_justica, é. (X²=30)

então, meu_marido acha que agora nós estamos com nossa vida toda enrolada. tem reclamado com os outros, #não_estou nem gostando #disso, mas. desde de outubro. #meu_netto #vai, #fica um #dia com a mãe, dois, #telefona #falando que #quer #voltar, eu #vou buscar. tem o meu_netto_mais_velho que fala #avó, eu #queria muito ter #saído #dessa #barriga. (X²=27)

quando nós estávamos, nós #chegamos #num #barzinho, #num #barzinho, foi lá no, onde foi. foi naquela #praia, lá perto da praia_do_canto, por ali a fora, e #meu_ex_marido foi e #sentou #num #barzinho lá, #ficamos sentados esperando a #outra_mulher. (X²=27)

não, #meu_netto, aquele #netto que eu #falei, não, porque #namora uma, #namora outra, #namora outra, não_tem esse #negócio de #ficar com ninguém. mas eu tenho meu_sobrinho que tem uma #namorada, #fica #quase #doido, #fica #quase #doido por_causa dela. #meu_ex_marido #ficou, #quase #doido #ficou por_causa da #outra_mulher. (X²=23)

#meu_netto #não_conhece o pai, mas #ano que #vem #vai #conhecer. se eu for #ficar viva até #ano que #vem eu #vou procurar o pai dele, porque ontem, eu, você já #viu no canal_sete, cinco_horas tem um #programa de família com esses problemas de família. (X²=20)

#meu_netto inventou que #queria #jogar bola, porque #joga muito bem, #joga muito bem, até o homem, o treinador #falou que #joga melhor que muito jogador, e #queriam que #meu_netto #fosse #jogar bola no #rio_de_janeiro, no flamengo. (X²=19)

quando #meu_ex_marido #chegou lá, #viu que eu tinha visto, quando #meu_ex_marido #chegou de colatina, e #voltou. #meu_ex_marido viajava para vários #lugares, mas a #namorada dele, a #outra_mulher dele era de colatina. (X²=19)

foi preciso #disso, #vinha gente aqui #querendo saber. quando #descobriram que, teve #certeza, a família dela, da #outra_mulher, sabe como a #outra_mulher, a #outra_mulher é tão sabida, sabe como ela #ficou #sabendo, a #outra_mulher #telefonou para #firma, aquele #negócio de plano_de_saude, esses #negócios. (X²=18)

ontem nos fomos na #dança, cedo eu #perguntei você #vai comigo ou não #vai? caso #não_for, eu #vou assim mesmo, #vou com minhas_colegas. porque a_gente quando #vai na #dança a_gente #vai de ônibus, eu e #minhas_amigas, tem uma porção #daqui da #rua. (X²=16)

não, #meu_netto gosta de #ficar aqui. #meu_netto já #telefona a #cobrar para meu celular, pega_me. teve um #dia que #meu_netto #falou assim, #avó, eu #vou trazendo minhas roupas, já está #quase tudo aqui. (X²=16)

Essa classe abarca elementos que envolvem a relação do *ex-marido* com a *outra mulher*. Aborda a questão da descoberta da traição, do comportamento do ex-marido em relação à outra mulher, do *dia* em que a esposa conheceu a outra mulher, e das conseqüências do relacionamento extraconjugal do marido para a família, como por exemplo, os *filhos* assinarem um documento abrindo mão de um benefício em favor da outra mulher do pai; pessoas investigando a vida da participante com seu marido.

Notamos que apesar de englobar conteúdos sobre infidelidade masculina, essa classe não apresenta elementos que explicitam uma reação negativa das participantes em relação a tal fato, passando inclusive a idéia de um conformismo – parecem falar com naturalidade sobre a questão. Apesar de representar uma interferência na vida a dois, a traição parece não receber, aqui, grande ênfase.

Também nessa classe se evidenciam conteúdos sobre a relação *avó* e *neto*. Observamos uma relação estreita das avós com os netos, o que em certo caso (mãe_03), tem causado interferência no relacionamento conjugal, que já não é como antes (isso na percepção do marido, que tem reclamado com outras pessoas). O neto, que está praticamente morando em sua casa, quando está com a mãe *telefona* pedindo para a avó buscá-lo, e esta tem se dedicado muito ao mesmo. É como se o casal estivesse revivendo a época em que tinham os filhos pequenos, e precisavam abrir mão de algumas coisas em função deles. A participante parece julgar esse fato “natural”, um dever dos avós, o que não é percebido da mesma forma pelo esposo.

Compreendemos que, de uma forma geral, essa classe trata das interferências no cotidiano conjugal (percebidas como tal ou não), de um lado decorrentes da infidelidade do marido (que se envolve com outra mulher e fica como um adolescente apaixonado) e de outro da super dedicação da avó ao neto (o que não é visto como prejuízo pela própria participante). Inferimos que a classe traz uma oposição que revela a existência do *themata inquietação x conformismo*, pois os fatos que parecem perturbar a vida conjugal são mencionados pelas participantes com naturalidade, como se tivesse que ser “assim mesmo”, como se fosse um “mal necessário”. cremos que essa dicotomia está diretamente relacionada aos papéis esperados para o homem e para a mulher no casamento, refletindo as desigualdades de gênero na família.

A Classe 6, juntamente com a Classe 4, constituem um subgrupamento, que denominamos *Assimetria nas atribuições de gênero na esfera conjugal / familiar*. Ligada a esse subgrupamento está a Classe 3, o que permite a formação de um grupamento maior, que não apresenta qualquer associação com o grupamento formado pelas classes 1, 2 e 5. Ao grupamento constituído pelas classes 3, 4 e 6 demos o nome *Esfera das interações concretas: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (práticas)*.

Na ocasião da discussão dos resultados retomaremos essa análise. Porém, na apresentação dos resultados do Alceste referentes à 2ª geração, procuraremos já estabelecer um diálogo com os resultados da 1ª geração a fim de facilitar o entendimento.

3.4.2 Casamento, maternidade e família na análise Alceste: a 2ª Geração

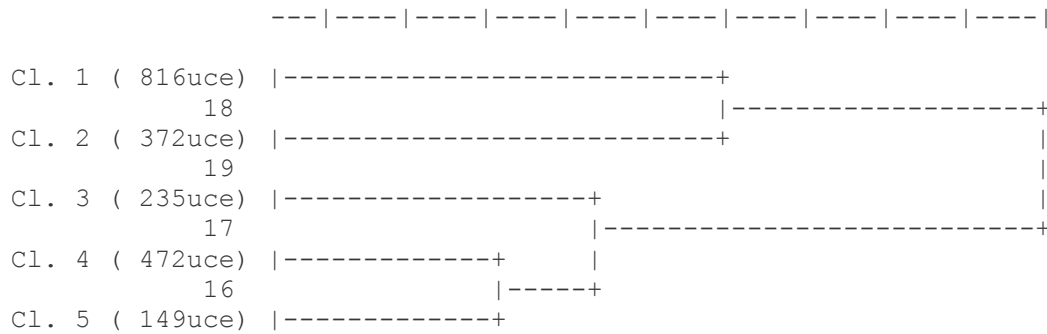
Assim como no caso da 1ª geração, o corpus desse grupo foi constituído por dez UCI (dez entrevistas). Estas foram inicialmente reconhecidas pelo programa, que assinalou 8093 formas distintas, que ocorreram 112.783 vezes, com frequência média igual a 14.

Na etapa seguinte, o programa realizou a seleção das UCE, dividindo o corpus em 2786 UCE, e efetuou o cálculo dos dados. Com a redução das formas em função de seus radicais, o programa obteve 1197 formas analisáveis, com frequência igual ou superior a quatro, que ocorreram 47.138 vezes, 261 palavras “com função” e 19 variáveis (palavras previamente destacadas com asterisco).

Na terceira etapa, o programa realizou os procedimentos de Classificação Hierárquica Descendente (CHD), efetuando a intersecção das classes (conforme a figura

6). Houve classificação de 2044 UCE das 2786 UCE totais selecionadas, o que resultou num aproveitamento de 73,37% do material textual (eliminação de apenas 26,63%).

Figura 6 – Dendrograma das Classes estáveis



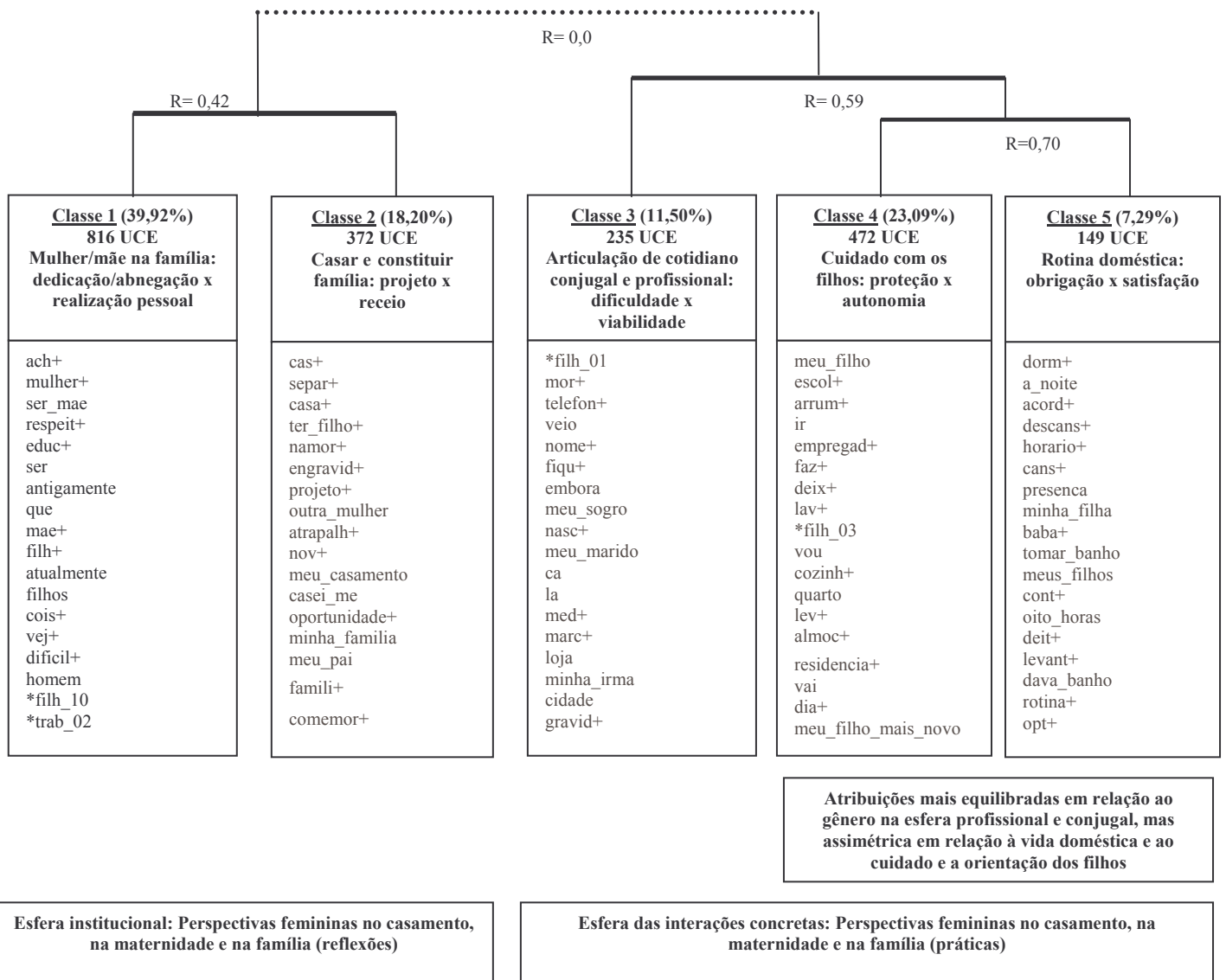
Podemos notar que num primeiro momento o programa executou uma divisão do corpus em dois subcorpus (primeira partição) que não têm, praticamente, qualquer ligação entre si. Numa segunda partição, um dos subcorpus originou duas classes estáveis identificadas como 1 e 2, e num terceiro momento o outro subcorpus gerou uma classe estável identificada como Classe 3 e um subgrupo, que num quarto momento foi dividido em dois, formando as classes 4 e 5.

Com base na escala, verificamos que não há qualquer associação entre os subcorpus que irão constituir as classes 1 e 2 e aquele do qual serão originadas as classes 3, 4 e 5. As classes 1 e 2 apresentam 42% de associação, enquanto a Classe 3 e o subgrupo formado pelas classes 4 e 5 apresentam 59%, e as classes 4 e 5 apresentam 70% de associação.

As classes foram compostas por formas reduzidas associadas entre si por co-ocorrência com X^2 maior que 7,05, e o número mínimo de UCE exigido para formação de uma classe foi 140. Apresentamos o dendrograma das classes com o número de UCE

por classe, o percentual relativo de cada classe no conteúdo analisado, percentual de relação entre as classes, principais formas reduzidas (palavras ou radicais) associadas a cada classe, dispostas numa ordem decrescente segundo o valor do X^2 , e a denominação dada por nós a cada classe e aos grupamentos de classes (Figura 7).

Figura 7: Dendrograma das classes – RS de mulheres da 2ª Geração sobre ser mulher, mãe e esposa



Nas figuras a seguir (Figuras 8, 9 e 10) apresentamos a representação espacial das relações entre as classes, variáveis e formas reduzidas, decorrentes da Análise Fatorial de Correspondência (AFC).

A Figura 8 ilustra a projeção da relação entre as classes formadas pelo programa, as variáveis definidas previamente na construção do banco de dados e as participantes. As Figuras 9 e 10 apresentam a projeção das classes (cuja identificação numérica foi inserida por nós) e formas reduzidas em um plano fatorial.

A mesma interpretação dada a Figura 5 (referente à 1ª geração) pode ser empregada para a Figura 10. No eixo vertical (y) encontramos a polarização: *redução das imposições da maternidade, contestação tanto real quanto na esfera dos planos e das discussões x inexistência de alternativas aos deveres e imposições da maternidade: conformismo*. Já no eixo horizontal (x), a polaridade se dá entre: *questões práticas de interação e rotina no casamento e na família x questões em torno do casamento como instituição ao longo do tempo e das gerações*.

Figura 8: Análise Fatorial de Correspondência - Projeção das classes (identificadas pelo sinal #), das variáveis e das participantes no plano fatorial)

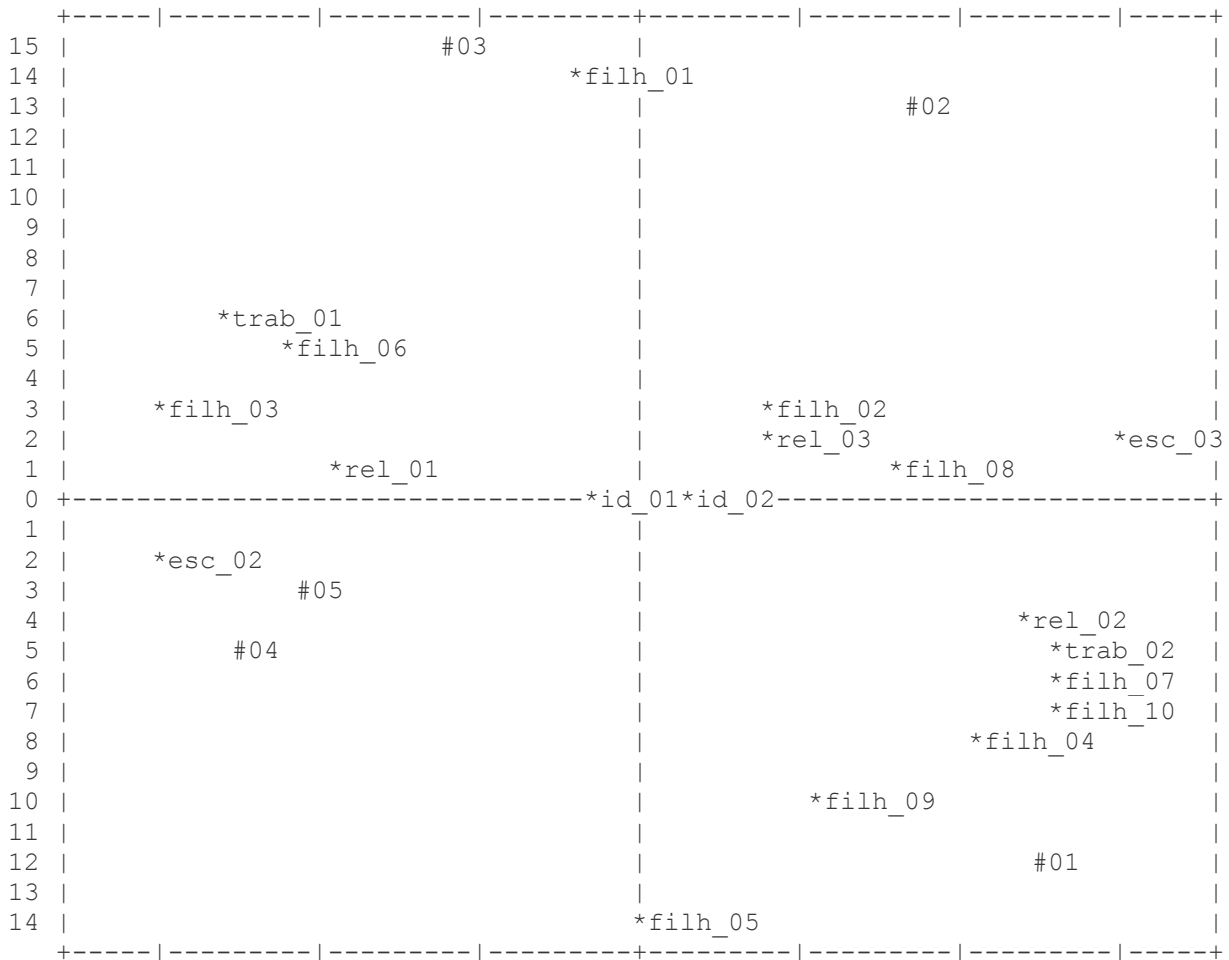
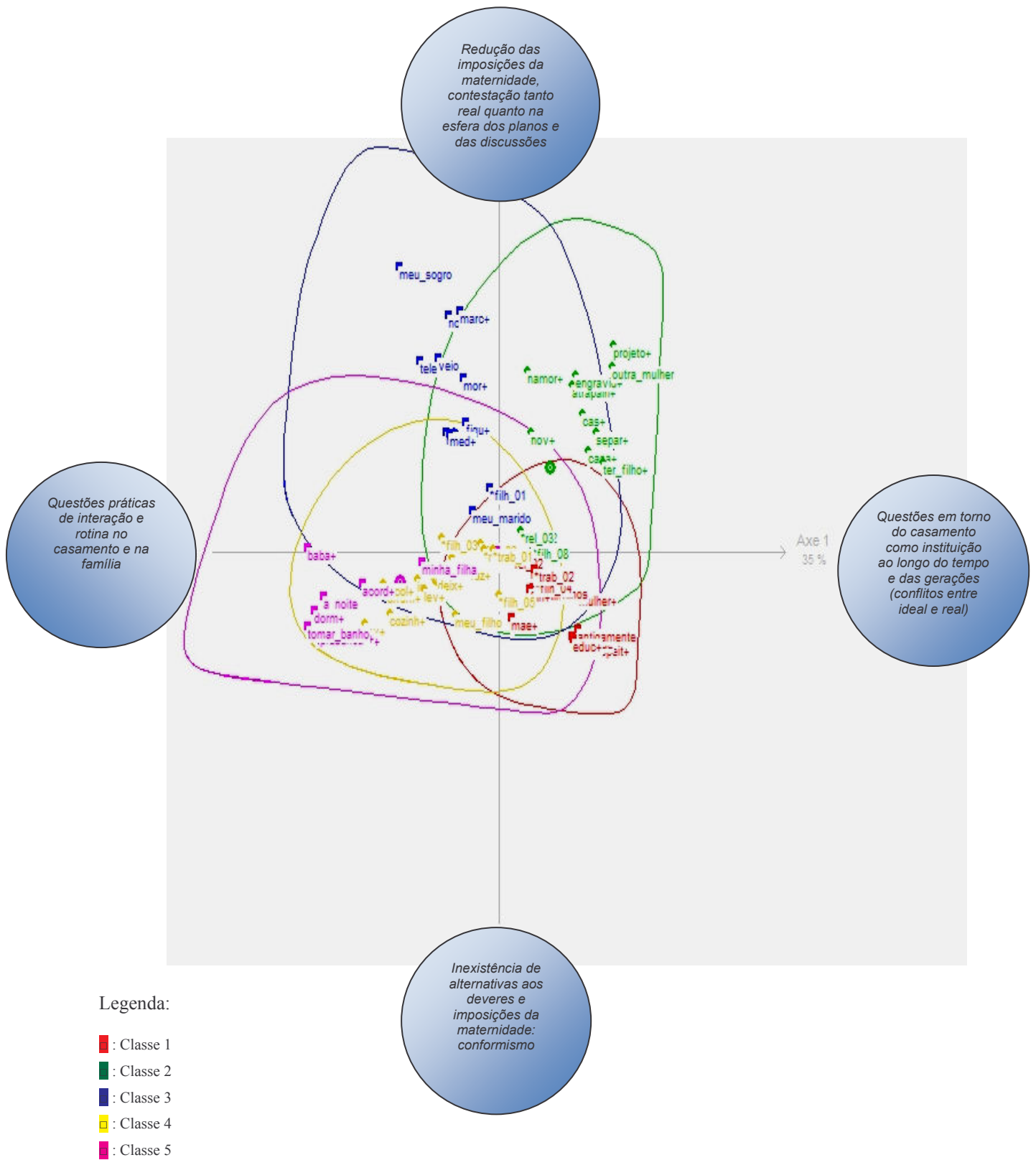


Figura 9: Análise Fatorial de Correspondência (Projeção das classes e formas reduzidas no plano fatorial)

| | | | | | | | | | | |
|----|--|--|--|---------------------|----------------|------------------------|---------------|--------------------------|--|-----------------|
| 20 | | | | fest+ | | namor+ | gravid+ | minha_famili | | |
| 19 | | | | meu_irmao | | | | meu_pai | | |
| 18 | | | | marc+ | | | | naquela_epoc | | |
| 17 | | | | figu+mor+ | | | teve | nao_ter+ | | |
| 16 | | | | saiu+vim | inici+ | | faria+famili+ | junt+oportunidade | | |
| 15 | | | | mand+volt+ | 03 veio | aniversari+nome+ | | dezoito_anosfaculdade | | |
| 14 | | | | meu_marido+trabalh+ | | aprovad+cidade | | 02 casei_me | | |
| 13 | | | | minha_irma | | med+meu_sogronov+ | | cas+atrapalh+projeto+ | | |
| 12 | | | | maranhaovinh+ | tia+ | minha_casaloja | decis+ | comemor+tra+i | | |
| 11 | | | | encontr+nasc+ | | ano_passadotoc+ | noiv+ | casadosconheci+ | | |
| 10 | | | | | | nao_trabalh+ | | conviv+ | | |
| 9 | | | | | | | | ter_filho+influenci+ | | |
| 8 | | | | | | | | | | |
| 7 | | | | ia | | | | | | |
| 6 | | | | meu_filho_ma | | | | | | |
| 5 | | | | nenem | | | | | | |
| 4 | | | | sai+ | | | | | | |
| 3 | | | | dia+ | | | | | | |
| 2 | | | | | | | | | | |
| 1 | | | | empregad+cont+ | | coitado+primeiro_fil | | | | |
| 0 | | | | coloc+-cheg+-baba+- | | de_manhatranquil+ | | | | |
| 1 | | | | sair | | voudeit+minha_filha | | | | |
| 2 | | | | almoc+ café | | opt+peguei+atividade+ | | | | diferente+ |
| 3 | | | | limp+com+dorm+ | 05 | davaa_noitetomar_conta | | | | |
| 4 | | | | sent+ | 04 ir | domingo+rotina+histor+ | | | | pens+ |
| 5 | | | | | | deix+cans+surf+cozinh+ | | | | |
| 6 | | | | brinc+lav+ | | lev+faz+bol+ | divid+ | | | |
| 7 | | | | pouquinhocha+ | | | | mesma+mulher+ ach+ | | |
| 8 | | | | | | entr+tarefa_escol | | | | dificil+ |
| 9 | | | | | | | | | | filhos |
| 10 | | | | meus_filhos | meu_filho | | | acredit+cri+ | | |
| 11 | | | | | | | | antigamenteveve | | 01 homem |
| 12 | | | | precis+minha_filha_ | | | | respeit+atualmente | | |
| 13 | | | | | | vaiensin+ | | ser_maeentend+ nao_educ+ | | |
| 14 | | | | | | | | mud+ sej+filh+ | | |
| 15 | | | | | | | | vej+ | | |
| 16 | | | | | | | | psicolog+ | | |
| 17 | | | | | | | | | | |
| 18 | | | | | | | | cois+ | | |
| 19 | | | | | | | | mae+ | | |

Figura 10: Análise Fatorial de Correspondência



Classe 1 – Mulher / mãe na família: dedicação / abnegação x realização pessoal

O programa selecionou 816 UCE para a Classe 1, e há 158 palavras características dessa classe. As formas (palavras ou radicais) mais significativas associadas a essa classe (com as respectivas freqüências na classe e no corpus, percentual na classe e o valor do X^2) são apresentadas no Quadro a seguir.

Quadro 8 – Formas significativas da Classe 1

| <i>Forma (palavra / radical)</i> | <i>reduzida classe</i> | <i>Freqüência na classe</i> | <i>Freqüência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|----------------------------------|------------------------|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| ach+ | | 409 | 706 | 57,93 | 145,86 |
| mulher+ | | 111 | 149 | 74,50 | 80,10 |
| ser_mãe | | 70 | 85 | 82,35 | 66,57 |
| respeit+ | | 41 | 45 | 91,11 | 50,27 |
| educ+ | | 45 | 54 | 83,33 | 43,58 |
| ser | | 125 | 207 | 60,39 | 40,22 |
| antigamente | | 41 | 49 | 83,67 | 40,07 |
| que | | 720 | 1668 | 43,17 | 39,78 |
| mãe | | 133 | 224 | 59,38 | 39,69 |
| filh+ | | 157 | 275 | 57,09 | 39,05 |
| atualmente | | 127 | 213 | 59,62 | 38,49 |
| filhos | | 93 | 145 | 64,14 | 38,16 |
| cois+ | | 264 | 516 | 51,16 | 36,37 |
| vej+ | | 45 | 58 | 77,59 | 35,31 |
| dificil+ | | 62 | 90 | 68,89 | 32,94 |
| homem | | 48 | 65 | 73,85 | 32,21 |
| filh_10 | | 150 | 272 | 55,15 | 30,32 |
| trab_02 | | 150 | 272 | 55,15 | 30,32 |

As palavras relacionadas aos radicais que aparecem nessa classe são:

ach+: acha(28), acham(4), achando(12), achar(9), achava(33), achavam(2), achei(9),
 achem(1), acho(531), achou(5)
 mulher+: mulher(172), mulherada(1), mulherão(1), mulheres(10)
 respeit+: respeita(1), respeitada(1), respeitar(16), respeite(1), respeitei(1), respeito(29),
 respeitou(2);
 educ+: educação(40), educado(2), educar(12)
 filh+: filha(32), filhas(3), filho(201)
 cois+: coisa(206), coisas(134)
 vej+: veja(1), vejo(53)
 dificil+: dificil(65), dificilmente(1)

A Classe 1, que representa 39,92% do material textual analisado, maior percentual entre as classes, apresenta conteúdos relacionados a como as participantes *acham que* deve ser a *educação* e criação dos *filhos*. Acreditam que deve haver muito amor, respeito e disciplina, e que a base para a vida futura dos filhos depende da educação dada pelos pais. O conteúdo da classe também expressa uma comparação entre épocas (*antigamente x atualmente*) no que se refere à educação dos filhos e à relação entre *homem e mulher* (relações de gênero) na família. Aparece também uma comparação entre a educação que as participantes receberam dos pais e a forma como educam seus filhos hoje, sinalizando diferenças e semelhanças em relação às suas mães.

Nessa classe os elementos expressam forte ambigüidade: ao mesmo tempo em que se considera que atualmente é melhor para educar os filhos, pois há mais liberdade e diálogo com os mesmos, aparece a idéia de que antigamente havia mais respeito dos filhos pelos pais, os filhos eram mais “mansos”, não falavam o que pensavam. Essa ambigüidade também aparece na questão da relação entre homens e mulheres.

Essa classe também traz elementos sobre o *ser mãe*, ou melhor, sobre a *mulher* como *mãe*. Expressa como a mulher se sente com a maternidade e em relação aos filhos, aparecendo a questão da doação / amor incondicional. Essa idéia da doação parece vir acompanhada da sensação de ocupar um lugar privilegiado na família (espaço de poder) – como se o amor da mãe fosse insubstituível, e por isso o mais importante. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que ser mãe implica uma dedicação quase absoluta aos filhos (dedicação / abnegação), na outra ponta encontramos a satisfação de estar nesse lugar (realização pessoal).

O discurso da *filh_10 (Julia) aparece como um dos principais responsáveis pela produção das UCE dessa classe, e a variável não *trabalhar fora* com os filhos pequenos (*trab_02) aparece fortemente associada a essa classe.

A seguir destacamos algumas UCE selecionadas pelo programa como significativas para a composição dessa classe.

mesmo, e eu #não_sou assim #igual a #minha_mãe não, assim, essa, eu, como #explicar agora. talvez eu #seja como #minha_mãe, porque #a_gente, #a_gente é #criado de #forma, eu #acho que a #pessoa é #moldada #pelos seus #pais de certa #forma. (X²=24)

na #educação dos #filhos? eu #acho que é #amor, quando #a_gente #ama #consegue #transmitir para #filho #coisas #boas, #consegue #criar com #carinho, e, tem que saber regular também, em tudo, e as #coisas que o #filho faz. (X²=23)

eu já estou estressada, mesmo. mas, na #educação #filhos? disciplina e #respeito. E #amor, #lógico. disciplina, #respeito e #amor. sem essas três #coisas é #difícil. tem que ser #diferente. #não que a #educação tem que ser, #não que a #educação é #diferente, eu #acho assim, #limites, disciplina, #amor, #respeito são iguais. (X²=24)

então falar assim, eu espero que meu_filho faça isso, #a_gente nem #pensa #nisso, são #coisas que nem #passam #pela #cabeça de #mãe. então eu #acho que é realmente se doar, a #mãe #doa #amor, #doa tudo de bom que tem e #querendo que aquela #pessoa #cresça e se #realize, #seja #feliz, eu #acho que #realiza #a_gente. (X²=21)

apesar de que eu continuo #acreditando que tem que ter certa #submissão da #mulher, um #respeito, mas não como #antigamente, #antigamente a #mulher não_aparecia, era capachinho de #marido mesmo. então #atualmente eu #acho que #melhorou, com a #modernidade #melhorou. (X²=19)

o #homem já #aprendia que podia fazer o que quisesse com a #mulher mesmo, e a #mulher a #obedecer o #homem. a #filha já #crescia daquele #jeito e já casava e era a #mesma #coisa. até que tudo foi #mudando e #acho que cada um tem #liberdade de ser o que é mesmo, sem #impor o #caminho que tem que seguir. eu #acho que a #evolução mesmo, a #modernidade. (X²=19)

aonde a #pessoa vai, aonde um #adolescente vai tem mil #coisas #boas, mil #coisas #ruins, mil #coisas erradas. então eu #acho que a #base de tudo e #educação dos #pais. (X²=17)

eu #acho que tem #muita #diferença, #principalmente com #respeito. As #pessoas #atualmente, não todas, mas, nem #homem, nem #mulher, não_tem muito #respeito, nem #respeito com #filhos. tudo bem que também tinha #antigamente, mas as #pessoas eram mais conservadoras, e #atualmente, #a_gente não_vê muito isso. (X²=16)

depois #melhora e tudo. mas #não_é aquela #coisa que #minha_mãe entra e participa, não, #minha_mãe é telespectadora, #minha_mãe #vê de longe e #dá a #opinião dela. até #atualmente é assim, mas eu #aprendi, a convivência está tudo certo, #respeito o #jeito #da #minha_mãe. (X²=16)

eu #acho que é um #amor que, é aquele #amor que a #mulher. quando a #mulher #ama um #homem espera #muita #coisa em troca, #filho não, #a_gente, eu #pelo_menos, eu espero, a #única #coisa que eu espero é que meu_filho #seja #feliz. (X²=15)

#os #filhos têm mais #liberdade e #com isso eu #acho que #aprendem mais e estão mais preparados para #cair no #mundo depois. porque #antigamente eu #acho que caía #meio assim, era bolinha_de_neve, a #mãe atolada dentro da residência, #cuidava dos #filhos daquele #jeitinho, a #mulher, #criava a #mulher assim, e o #homem daquele #jeito. (X²=15)

meu_pai e #minha_mãe #não_eram assim não, tinha, #lógico, #temor normal, mas #não_era não. mas a #criação, #antigamente os #filhos eram mais educados, #atualmente o #filho fala o que #quer na cara do #pai, fala mesmo, até quando é #criado no #caminho_do_senhor os #filhos falam o que #pensam. (X²=15)

Conforme as palavras / radicais e UCE mais significativas dessa classe, podemos perceber oposição relacionada ao ser mãe, que indica a presença do *themata abnegação x realização pessoal*. Nessa classe o discurso se centra, principalmente, no significado da maternidade para nossas participantes. O que está em questão é o que acham que a maternidade deve representar na vida de uma mulher e como a mesma deve ser exercida, de forma que ao mesmo tempo em que percebemos a idéia de doação e amor incondicional aos filhos, também fica evidente a possibilidade de realização pessoal nos dias de hoje.

Ao fazerem uma comparação entre como acham que era e como é a relação pais - filhos, sobretudo, mãe - filhos, contrastando a educação dada aos filhos atualmente e antigamente, as participantes apresentam uma avaliação de como acham que uma boa mãe deve ser.

Como se pode observar, a denominação dada a essa classe coincide propositadamente com o nome atribuído à Classe 1 do dendrograma da 1ª geração. Fica evidente a semelhança entre o conjunto de palavras selecionadas como características dessa classe e o da referida classe do dendrograma das mães, o que implica certa repetição do conteúdo. Mesmo não reconhecendo o efeito cultural sobre a decisão de ter filhos, o fato das participantes desse grupo pensarem em casar e ser mãe desde pequenas já explicita uma adequação aos padrões culturais de gênero. Porém, parece-nos que a

diferença, aqui, reside no fato de estarmos falando de uma maternidade projetada, não automática, ou seja, envolve planejamento e preparação.

Classe 2 – Casar e constituir família: projeto x receio

Constituindo um mesmo eixo com a Classe 1 encontramos a Classe 2, que representa 18,20% do total das UCE classificadas, com 165 palavras / radicais selecionados.

Apesar de guardar certa proximidade com a Classe 1 ($R = 0,42$), constituindo um mesmo grupamento, ao passo que se distancia totalmente das demais classes, a Classe 2 apresenta conteúdos específicos que se distanciam dos da Classe 1. Apresentamos no Quadro abaixo as principais palavras ou radicais que a constituem.

Quadro 9 – Formas significativas da Classe 4

| <i>Forma (palavra / radical)</i> | <i>reduzida</i> | <i>Frequência na classe</i> | <i>Frequência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|--------------------------------------|-----------------|---------------------------------|---------------------------------|--------------------|----------------------|
| cas+ | | 112 | 161 | 69,57 | 309,73 |
| separ+ | | 48 | 71 | 67,61 | 120,60 |
| casa+ | | 47 | 80 | 58,75 | 91,96 |
| ter_filho+ | | 36 | 57 | 63,16 | 79,61 |
| namor+ | | 38 | 68 | 55,88 | 67,09 |
| engravid+ | | 23 | 31 | 74,19 | 66,29 |
| projeto+ | | 14 | 14 | 100,0 | 63,36 |
| outra_mulher | | 14 | 15 | 93,33 | 57,30 |
| atrapalh+ | | 16 | 20 | 80,00 | 51,82 |
| nov+ | | 23 | 38 | 60,53 | 46,60 |
| meu_casamento | | 16 | 23 | 69,57 | 41,23 |
| casei_me | | 10 | 11 | 90,91 | 39,27 |
| oportunidade+ | | 10 | 11 | 90,91 | 39,27 |
| minha_familia | | 22 | 39 | 56,41 | 38,99 |
| meu_pai | | 47 | 120 | 39,17 | 37,65 |
| famil+ | | 32 | 70 | 45,71 | 36,86 |
| comemor+ | | 8 | 8 | 100,0 | 36,10 |
| decis+ | | 9 | 10 | 90,00 | 34,80 |

Apresentamos, abaixo, as palavras relacionadas aos radicais presentes na Classe 2.

| |
|--|
| <p>cas+: casa(4), casada(26), casado(14), casais(3), casal(24), casamos(12), casando(2), casar(37), casaram(4), casasse(2), casava(3), casei(19), casou(11)</p> <p>separ+: separação(13), separada(4), separado(8), separam(1), separamos(2), separando(3), separar(13), separaram(7), separasse(1), separou(8)</p> <p>casa+: casamento(56), casamentos(1)</p> <p>ter_filho+: ter_filho(34), ter_filhos(13)</p> <p>namor+: namor+ : namora(2), namorado(3), namoramos(7), namorando(5), namorar(19), namoraram(1), namorava(3), namorei(3), namoro(11), namorou(5)</p> <p>engravid+: engravida(1), engravidar(15), engravidei(9), engravidou(2)</p> <p>projeto+: projeto(5), projetos(12)</p> <p>atrapalh+: atrapalha(5), atrapalhando(2), atrapalhar(3), atrapalhou(7)</p> <p>nov+: nova(15), novas(3), novinha(2), novinho(2), novo(7)</p> <p>oportunidade+: oportunidade(9), oportunidades(1)</p> <p>famíl+: família(36), famílias(3)</p> <p>comemor+: comemora(2), comemorar(7), comemorei(1), comemorou(2)</p> <p>decis+: decisão(7), decisões(3)</p> |
|--|

As variáveis associadas à Classe 2, que apresentaram maior X^2 , foram ausência de religião (rel_03) e idade entre 34 e 39 anos. O discurso da filh_02 (Bárbara) foi importante para a produção de UCE dessa classe.

A Classe 2 congrega conteúdos relacionados aos *projetos* de vida das participantes em relação ao *casamento*, à maternidade (*ter filhos*) e à constituição de *família*. As participantes tinham planos de casar e ter filhos quando eram jovens e o namoro era visto como uma etapa para a realização de tal projeto. Os elementos da classe apontam as expectativas de como seria o casamento e o marido, e também os projetos de quando engravidar. As *decisões* tomadas em relação ao casamento e à maternidade também aparecem nessa classe. A idéia de que o casamento pode ou não *atrapalhar* a realização de outros projetos também se faz presente.

Essa classe traz ainda conteúdos sobre *separação*, expressando o que as participantes e suas *famílias* pensam sobre essa questão e como lidam com a mesma. Inclusive, aparece nessa classe a situação do casamento dos pais de uma das participantes, no qual o *pai* que tem *outra mulher* e outra família, todos sabem, mas os pais não se separam, pois tem uma concepção do casamento como algo “para sempre”.

As UCE abaixo auxiliam na compreensão dos conteúdos dessa classe.

mas fazia parte meus #projetos sim, eu sempre quis #casar, #ter_filhos, constituir #família, não tão precocemente, mas #deu tudo certo. até que #não_atrapalhou não, porque depois que eu tive meu_filho_mais_velho, eu tive #oportunidade de fazer #faculdade. (X²=39)

#deixando a #confusão do #meu_pai para lá, mas em #minha_familia nós somos, nós somos uma família_sólida, nos prezamos muito isso, #família, e #meu_pai também. minha_mãe fala conosco, fala assim, são palavras dela, que tem pena do #meu_pai porque #meu_pai era um homem muito bom, era, não teve, esse #problema, a #outra_mulher #interferiu muito na #vida da minha_mãe porque era #vizinha, e sabia que minha_mãe era #casada. (X²=37)

vinte_e_oito_anos. #conheci meu_marido num #grupo_de_amigos. como eu #conheci o meu_marido? num #grupo_de_amigos. fomos apresentados assim. entre #namoro e #noivado, acho que #cinco_anos. tem que ver somatória se dá, se bate. acho que foi isso. fazia parte meu #projeto de #vida ter #família, #ter_filhos, depois que eu #tivesse razoavelmente estabilizada na minha profissão. (X²=37)

vinte_e_dois_anos. bom, quando eu mudei para cá, com #dezoito_anos, eu fui #freqüentando a igreja_batista daqui, e foi na #igreja que eu #conheci meu_marido. E nos encontros_jovens e tudo, e nos #conhecemos na #igreja. #namoramos três_anos e, quase quatro. porque até a_gente que é criado na #igreja, cresce na #igreja, tem como, a constituição de #família e tudo, então era #projeto de #vida de #casar mesmo. (X²=37)

#namoramos #sete_anos. eu pensava o seguinte, que para ficar #noiva eu tinha que ter #idéia de #casamento, e para #casar também, tinha que #casar assim, um gostando outro, #não_casar para só #casar. (X²=32)

então, nós conversávamos muito quando nós éramos namorados, e nós tínhamos conversado que nós íamos #casar e que íamos dar um tempo, depois íamos #ter_filhos, que #nao_foi o que #aconteceu. e que se nós #não_pudéssemos #ter_filhos, nos #iríamos #adotar. (X²=32)

não que a #maternidade não #traga essa #interferência. eu estou referindo_me #especificamente a relação_conjugal, é obvio que a chegada de um filho, sim, #interfere nesses #projetos de #vida. (X²=29)

a pessoa #apanha ou o marido #sofre na mão mulher anos e anos a fio e a_gente jamais #imagina que aquilo #acontece, de_repente #fulano #separou? não, não, tem pessoas que acham que #apanhando ou não, tem que #continuar #para_sempre. outras acham que qualquer coisinha também é #motivo de #separar. (X²=29)

eu arrependo_me de #decisões que nós #tomamos. porque se nós #tivéssemos #casado e #continuado aqui, não_precisávamos de ter ido embora, até mesmo para #viver a nossa #vida, como nós queríamos, longe dos pais, não_era necessário ter ido embora. (X²=28)

sei_lá, eu #cresci com a #influência de #minhas_primas, eu tinha #duas primas, que a_gente cresceu #juntas, então a_gente brincava muito, e nas nossas brincadeiras sempre tinha esse detalhe de #casar e #ter_filho. (X²=28)

meu_irmão quis #separar, #tomou a #decisão. minha_mãe #não_aceita, minha_mãe acha que tem que, #usa até esse termo, comeu a carne tem que roer ossos, minha_mãe #usa esse termo, #inclusive #meu_pai, tem #outra_mulher, todo mundo sabe, tem um filho_bastardo, outro #casamento. (X²=26)

#naquela_época #em que eu #namorava? tinha, tinha essa conversa. E eu tinha sempre muito receio do #casamento, porque minha_mãe é #separada e eu tinha, assim, e eu tinha realmente, eu tinha até assim, um pé_atrás no #casamento, #por_causa disso. (X²=25)

#interfere. eu não_sei se a minha_mãe #comentou que #meu_casamento, esse #meu_casamento é meu_segundo_casamento. eu tive um primeiro_casamento, #naquela_época eu tive muitos #problemas com meu_primeiro_marido, eu estava assim, #por_isso eu, até #devido a vários #problemas eu afastei_me #profissão. (X²=25)

Conforme podemos notar, os conteúdos da Classe 2 expressam dicotomia em relação ao projeto de constituição da família própria. Embora o casamento e a constituição de família apareçam na classe como um projeto inquestionável para as participantes, a questão da separação também surge de forma expressiva, representando uma possibilidade sempre presente na vida de um casal. Mesmo que não expressem consenso acerca do assunto, havendo os favoráveis e os desfavoráveis, é indiscutível que a separação constitui um desfecho possível. Dessa forma, podemos falar nessa classe em *themata* ligado à oposição entre o esperado (*projetos*) e o temido (*receios*).

Notamos que o casamento para esse grupo, embora seja aspecto importante, parece perder a posição de destaque absoluto evidenciado na 1ª geração - os projetos femininos não se restringem ao casamento. Nesse sentido, podemos supor que a Classe 2 do dendrograma das mães sobre casamento (na qual encontramos a antinomia *idealização x riscos*) perde sentido para essa segunda geração, o que se pode constatar pelo fato de que ela nem mesmo aparece. Nessa Classe 2 a capacidade feminina não está em preservar o casamento a todo custo; a prova de capacidade está em planejar e manejar o conjunto formado pelas esferas de vida conjugal, familiar e profissional.

Podemos perceber que os elementos dessa Classe 2 não tratam especificamente da vivência do casamento e da maternidade em si, focando mais nas expectativas e planos acerca da vida familiar. Assim sendo, acreditamos que o ponto de ligação com a Classe 1, à qual se encontra associada formando um grupamento, esteja na questão de que os elementos da Classe 1 também nos permitem ir além da experiência concreta das

participantes no que se refere à educação dos filhos e à maternidade, abordando as concepções e crenças das mesmas sobre o ser mãe e a criação dos filhos.

De qualquer forma, o fato de na Classe 1 estarmos diante de um momento da vida cronologicamente posterior ao da Classe 2 (a vivência com os filhos), enquanto na Classe 2 encontramos basicamente “planos e expectativas” acerca da maternidade e casamento, sugere o ponto de contraste entre essas classes.

Consideramos que esse eixo que compreende as classes 1 e 2 pode ser descrito com propriedade pela expressão: *Esfera institucional: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (reflexões)*. Tal denominação já foi atribuída a um grupamento presente no dendrograma da 1ª geração, e reaparece aqui justamente para marcar que idéias e questões de natureza similar estão em foco.

Classe 3 – Articulação de cotidiano conjugal e profissional: dificuldade x viabilidade

Essa classe, composta por 235 UCE e 172 formas características, congrega UCE produzidas, principalmente, pelo discurso de uma das participantes (filh_01 – Alice), e as variáveis associadas foram *religião católica* (rel_01), e *idade entre 40 e 45 anos* (id_02). Os conteúdos abordam o namoro, início do casamento e nascimento dos filhos. Aqui encontramos menção ao namoro à distância (ela *morando cá*, em uma *cidade*, e ele *morando lá*, em outra cidade), cuja comunicação se dava por *telefone*, cartas, o que se estendeu para o início do casamento (o *marido* foi e ela *ficou* para ir depois).

Com relação à questão de filhos, aparecem elementos sobre a *gravidez*, parto, acompanhamento *médico*, escolha do *nome* e sobre o início da vida com filhos.

Também está presente a questão dos arranjos necessários para conciliar a chegada dos filhos com o trabalho.

No Quadro abaixo apresentamos as principais palavras ou radicais que compõem essa classe.

Quadro 10 – Formas reduzidas significativas da Classe 3

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Freqüência na classe</i> | <i>Freqüência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| filh_01 | 77 | 250 | 30,80 | 104,30 |
| mor+ | 30 | 56 | 53,57 | 100,17 |
| telefon+ | 22 | 34 | 64,71 | 96,20 |
| Veio | 21 | 33 | 63,64 | 89,61 |
| nome+ | 16 | 21 | 76,19 | 87,27 |
| fique+ | 32 | 78 | 41,03 | 69,49 |
| embora | 19 | 34 | 55,88 | 66,94 |
| meu_sogro | 8 | 8 | 100,0 | 61,82 |
| nasc+ | 18 | 33 | 54,55 | 61,09 |
| meu_marido | 105 | 505 | 20,79 | 56,95 |
| Cá | 16 | 29 | 55,17 | 55,15 |
| Lá | 33 | 98 | 33,67 | 49,75 |
| med+ | 18 | 38 | 47,37 | 48,96 |
| marc+ | 11 | 17 | 64,71 | 47,70 |
| Loja | 6 | 6 | 100,0 | 46,32 |
| minha_irmã | 28 | 82 | 34,15 | 43,07 |
| cidade | 9 | 13 | 69,23 | 42,86 |
| gravid+ | 19 | 47 | 40,43 | 39,56 |
| achava me | 5 | 5 | 100,0 | 38,58 |

Palavras relacionadas aos radicais da Classe 3:

mor+: mora(4), morando(1), morar(5), moraram(1), morava(20), moravam(1), morei(1), moro(3), morou(1)
 telefon+: telefona(3), telefonando(3), telefonar(5), telefonava(2), telefone(8), telefonou(4)
 nome+: nome(19), nomes(3)
 fique+: fique(1), fiquei(37)
 nasc+: nascer(4), nasceram(3), nasceu(15)
 med+: medico(27)
 marc+: marca(3), marcamos(1), marcar(1), marcavam(1), marco(4), marcou(6)
 gravid+: grávida(16), grávidas(1), gravidez(11)

Para compreender melhor do que a classe trata, é preciso analisar o conjunto de UCE selecionados como típicos dessa classe. Selecionamos algumas a seguir.

#meu_irmão tem cartório em #cachoeiro, #registrou como a_gente quis. nenhum dois tem #bolzan, porque são #irmãos, já que um #ficou casimiro, outro também. #meu_filho_mais_velho, eu #fiquei mae_exclusiva, mãe vinte_e_quatro_horas. anulei_me #praticamente, inexperiência, apesar de ser madura, eu era assim, eu acho, eu #achava_me imatura. (X²=37)

#meu_marido #ficou em belo_horizonte um #tempo, não_recordo se foi um #ano, ou menos, a_gente continuou namorando por #carta, #telefone, #encontrava #feriados. eu formei, #voltei para minha #cidade. #meu_marido foi fazer, foi #passar_férias na residência minha_cunhada, em campo_belo, chegou #meu_marido #viu um edital de um concurso_do_exercito, #meu_marido foi fazer para ser sargento exercito. (X²=34)

a #medica #mandou eu #ficar deitada, e a #medica #ficava #telefonando para mim toda hora, tudo bem, tudo bem. #marcou para tarde, eu fui, #fiz a #cesária, #nasceu tudo bem, foi para quarto. eu falei amor, eu queria colocar aquele #nome. esse #nome? #meu_marido não_gostava. (X²=32)

fomos, levamos, passaram dias, meu_filho_mais_novo #nasceu em #outubro, #saiu a transferência do #meu_marido para #amazonas, sao_gabriel_da_cachoeira, na divisa com a Colômbia e Venezuela. a_gente, #vieram #férias em dezembro. #ficamos #novembro, #finalzinho de #outubro, #novembro. quando chegou em dezembro a_gente #veio de #férias. (X²=32)

#meu_marido #veio, se aproximou de mim e #começamos a conversar ali, nós dois, #ficamos ali conversando tarde inteira, e #nasceu #grande amizade, eu #apaixonada e #meu_marido tendo_me como #amiga. (X²=31)

eu #custo bastante a #ficar #grávida, eu sou bem #ansiosa, então eu #custo bastante, quando eu resolvo, eu já sei que #dali é #quase #um_ano para eu #ficar #grávida. (X²=30)

nossa, eu acho que foi o que? #seis_anos, seis, sete_anos. não, quando meu_filho #nasceu eu acabei afastando_me da #loja. eu #voltei para a #loja tem o que? #três_anos, meu_filho com seis. quando meu_filho #começou a estudar com quatro_aninhos, três para #quatro_anos, ainda eu #fiquei um #tempo sem trabalhar, nao_queria #voltar para #comércio, por_isso eu acabei #ficando parada. (X²=30)

nós fomos, a_gente sempre #encontrava na #cidade onde minha_mãe #morava. mais para o #final que a_gente, #meu_marido #vinha, #quase meio escondido assim, mas a_gente #ficava quando #minha_irmã estava aqui. mas foram pouquíssimas vezes, mais era na residência minha_mãe, #encontrava lá. (X²=29)

acho que com #cinco_meses já almoçava, meu_filho almoçava. quando eu #comecei a, quando eu #comecei, depois com #quase #quatro_meses meu_filho já almoçava. quando eu #inicieei o #trabalho, eu tive #cinco_meses de licença, meu_filho já estava almoçando, então tudo o que meu_filho #passaria, eu estava passando antes de eu ir #trabalhar. então #nessa parte de #alimentação, de_manhã eu #ficava com meu_filho. (X²=28)

#meu_marido #morava em #vitória, estudava aqui, jogava no álvaes, estudava aqui. depois a coisa foi #ficando mais séria, #meu_marido foi para #cidade onde eu #morava, #terminou os #estudos, arrumou um #emprego. (X²=27)

mas eu acho que não_mudou entre eu e #meu_marido, acho que não. foi um pouco complicado, mas com, eu #fiz #seguinte. O #médico, pediatra do meu_filho #ajudou_me muito, porque o pediatra falou comigo que meu_filho teria que fazer a #alimentação de acordo com meu #trabalho, então com #cinco_meses, meu_filho, com #três_meses meu_filho já almoçava, três, cinco, #não_lembro. (X²=25)

#nesse #período eu #não_quis ir, porque logo que eu #terminei o #segundo_grau, no #finalzinho do #segundo_grau a_gente #começou a namorar, então aquela empolgação, acabando que eu #não_quis ir, #perdi oportunidade, talvez se, eu teria prosseguido isso. (X²=24)

Como mencionamos, essa classe congrega elementos sobre a vida das participantes na época do namoro e no início do casamento, e também na época do nascimento dos filhos. Aqui, o marido não significa tudo na vida da participante, pois entra em questão também o mundo do trabalho. Logo, podemos perceber que o que está em questão são as interferências e inseguranças decorrentes de uma experiência nova; contudo, em momento algum encontramos indícios de intenção de desistir ou recuar diante das mesmas. Isso nos leva a inferir uma oposição e a presença do *themata dificuldade x viabilidade*.

Classe 4 – Cuidado com os filhos: proteção x autonomia

A Classe 4 englobou 472 UCE, e foram selecionadas 152 palavras ou radicais para essa classe. As formas reduzidas mais significativas dessa classe são destacadas abaixo.

Quadro 11 – Formas significativas da Classe 4

| <i>Forma reduzida (palavra / radical)</i> | <i>Freqüência na classe</i> | <i>Freqüência no corpus</i> | <i>% na Classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| meu_filho | 132 | 235 | 56,17 | 163,59 |
| escol+ | 60 | 89 | 67,42 | 102,94 |
| arrum+ | 48 | 66 | 72,73 | 94,61 |
| Ir | 55 | 91 | 60,44 | 74,80 |
| empregad+ | 63 | 117 | 53,85 | 66,09 |
| faz+ | 146 | 374 | 39,04 | 65,54 |
| deix+ | 70 | 137 | 51,09 | 64,84 |
| lav+ | 22 | 25 | 88,00 | 60,04 |
| filh_03 | 113 | 275 | 41,09 | 57,96 |
| Vou | 68 | 138 | 49,28 | 57,13 |
| cozinh+ | 22 | 26 | 84,62 | 56,13 |
| quarto | 23 | 28 | 82,14 | 55,74 |
| Lev | 42 | 74 | 56,76 | 49,00 |
| almoç+ | 23 | 31 | 74,19 | 46,28 |
| residência+ | 110 | 283 | 38,87 | 46,04 |
| Vai | 113 | 294 | 38,44 | 45,52 |
| dia+ | 51 | 103 | 49,51 | 42,64 |
| meu_filho_mais_novo | 59 | 129 | 45,74 | 39,76 |
| cheg+ | 65 | 149 | 43,62 | 38,15 |

O dicionário dos radicais referentes à Classe 3 é apresentado logo abaixo:

escol+: escola(76), escolar(1), escolas(4), escolinha(2)
 arrum+: arruma(16), arrumacao(1), arrumada(4), arrumado(3), arrumam(3), arrumando(2),
 arrumar(30), arrumava(3), arrumei(1), arrumo(2), arrumou(4)
 empregad+: empregada(121), empregadas(1), empregado(1)
 faz+: faz(40), fazem(2), fazer(142), fazia(24)
 deix+: deixa(24), deixado(1), deixam(1), deixando(5), deixar(39), deixaram(1),
 deixava(5), deixe(1), deixei(5), deixo(14), deixou(1)
 lav+: lava(3), lavada(1), lavando(1), lavar(15), lavava(1), lavei(1), lavo(2)
 cozinh+: cozinha(21), cozinhar(6)
 almoç+: almoca(2), almocar(3), almocava(2), almocei(1), almoco(19), almocou(1)
 residência+: residencia(137)
 dia+: dia(58), dias(11)
 cheg+: chega(22), chegamos(2), chegando(2), chegar(16), chegava(12), chego(2),
 chegou(23)

As variáveis descritivas sugerem que essa classe foi produzida, principalmente, por participantes *católicas* (rel_01), que *trabalhavam fora* quando os filhos eram pequenos (trab_01). As participantes que aparecem mais fortemente vinculadas a essa classe são Clara (*filh_03) e Elisa (*filh_05). Ambas têm apenas filhos homens.

Os conteúdos dessa classe abordam a questão do cuidado e atenção com os filhos especificamente. Cuidado no sentido de estar atenta ao que o filho faz (não deixar o filho brincar sozinho na rua, ir a locais perigosos), e não no sentido de cuidados práticos (dar banho, alimentar, trocar fralda, etc.). Percebemos grandes semelhanças com a Classe 3 do dendrograma das mães, embora nessa classe apareça o apoio da empregada, mesmo o número de filhos sendo menor. Isso tem relação com o fato de que aqui a profissionalização feminina é evidente.

A idéia de que os filhos podem contribuir em tarefas domésticas mais simples, como arrumar a própria cama, levar o lixo para fora de casa, almoçar sozinho, lavar o prato em que comeu, entre outras, também está presente, mas não como obrigação, e

sim como atividade que irá se desenvolver gradualmente, e que pode ser importante para o filho no futuro.

Apresentamos algumas UCE características da classe em questão, que nos ajudam a compreender seu sentido.

que #cozinha, #meu_filho? quando meu_filho tem o #prato, meu e dele só, porque eu já #lavei outro, eu já #vou #arrumando, então quando #meu_filho #chega, que #chega meio_dia_e_quarenta, eu #falei não, tem que aprender porque se #for na #residência de outra pessoa #sabe #ajudar, #sabe se #organizar. (X²=24)

mas meus_filhos estão #jogando #bola na rua, #posso #brincar? #filho, estou terminando o #serviço, daqui vinte_minutos termino, meia_hora ou mais, e #vou. eu #não_deixo #sozinho, não porque eu tenho receio de, eu acho, eu acho que se eu #deixar uma #vez, #daqui #meu_filho #vai para outra #rua, como eu vejo. (X²=24)

vamos comprar, mãe, estou #precisando comprar #roupa. #vou #falar com meu_marido, se meu_marido #der ok, a_gente compra. então, aqui a_gente #leva assim muito, e #não_tem esse #negócio de #joga, #vai para lá, #vem para cá, #joga para pai, pai #joga para mãe não, meu_marido pergunta E ai, vamos #supor, dormir na #residência de alguém, pai, #posso dormir na #residência de Rafaela? (X²=22)

era #criança, acho que só tinha três_anos também, eu ficava, #chegava aqui na #hora, eu #chegava, eu já estava trabalhando em outro #lugar, trabalhava #dia #inteiro, eu #chegava na #hora #almoço, eu #olhava estavam os dois no quarto, a #empregada com a vassoura na #mão. (X²=21)

#ia lá, #arrumava a #cozinha quando eu mandava, mas vontade de #fazer, #não_tinha. agora não, agora tudo quanto é doce, minha_filha_mais_velha #fala #deixa #por_conta minha que a sobremesa eu #faço. (X²=21)

não_arrumei a #residência ainda. #não_tem problema não, fez o #almoço? fiz. então está bom, outras coisas depois #faz, tem a tarde para #fazer. E por aí #ia, então, tive outra pessoa para #ajudar, e #meu_filho #brincava, eu #falava com a #empregada, qualquer #criança que vier aqui #pode #deixar, #deixa, #pode #entrar. (X²=20)

eu #gostava porque aqui eu #fazia o mundo #meu_filho. #meu_filho #ia, no quarto #meu_filho tinha #brinquedo, #brinquedo, só #brinquedo, mais #brinquedo que tudo. então as #crianças vinham para cá, vinham, cinco #crianças, amigos dele #daqui que são até hoje, grandes agora, amigos vinham para cá, ficavam #brincando, #dia_de_sabado, então que era #dia que eu estava em #residência. (X²=19)

mas o dia_a_dia é esse: de_manhã eu fico mais #vendo #almoço, #uniforme, #levo #meu_filho para #inglês, agora #meu_filho #vai começar #natação também, #vai ser terca_feira e #quinta_feira a #natação, #segunda_feira e #quarta_feira, terca_feira e #quinta_feira #inglês. (X²=19)

#brinca na #rua, porque na #rua eu estou #vendo, mas tem #hora de vim embora para #residência, se #não_fez #tarefa_escolar não_pode #ir para #rua. E eu não, eu #chegava na sala_de_aula eu pegava #tarefa_escolar de colega para copiar #rapidinho, porque eu #brinquei na #rua tanto, que nem lembrei de #tarefa_escolar. (X²=19)

mas eu #não_gostava mesmo, tinha quintal_da_residencia grande, um #monte de amigo. #meu_filho começou a #brincar na #rua, começou, #brincar por aqui, #pique_bandeira, esse #negócio todo, até #gostar de #surf, que para mim foi terrível. (X²=18)

#meu_filho tinha que #ir de #bicicleta porque era mais #rápido, eu achava que #meu_filho tinha que #ir #a_pé. um #dia roubaram relógio do #meu_filho na #rua, eu comecei a #deixar, #meu_filho #falava se tivesse de #bicicleta não_acontecia isso. ($X^2=18$)

Percebemos que a questão da proteção e controle é bastante significativa nessa classe. Contudo, também está presente a idéia de que o filho precisa saber “se virar” sozinho e estar pronto para situações futuras. Cabe à mãe prepará-lo para o futuro. Assim, entendemos que o pano de fundo dessa classe é a oposição entre o compromisso de cuidar dos filhos e protegê-los, e a garantia de autonomia, o que sugere a presença do *themata proteção x autonomia*.

Classe 5 – Rotina doméstica: obrigação x satisfação

Essa classe congregou 149 UCE, constituindo a classe com o menor percentual do material textual analisado (7,29%). Foram selecionadas 144 palavras ou radicais característicos dessa classe. As variáveis com maior X^2 associadas a essa classe foram mulheres com *idade entre 34 e 39 anos* e *ausência de religião*. O discurso da filh_02 (Bárbara) foi o que mais contribuiu para a produção de UCE dessa classe; o discurso de outras participantes também se mostrou associado à mesma, porém, de modo menos expressivo.

A seguir apresentamos o Quadro 5 com as palavras e radicais mais significativos dessa classe.

Quadro 12 – Formas significativas da Classe 5

| <i>Forma reduzida (palavras / radicais)</i> | <i>Frequência na classe</i> | <i>Frequência no corpus</i> | <i>% na classe</i> | <i>X²</i> |
|---|-----------------------------|-----------------------------|--------------------|----------------------|
| dorm+ | 30 | 40 | 75,00 | 216,77 |
| a_noite | 27 | 47 | 57,45 | 179,07 |
| acord+ | 15 | 25 | 60,00 | 104,05 |

| | | | | |
|---------------------|----|-----|-------|-------|
| descans+ | 8 | 9 | 88,89 | 89,06 |
| horário+ | 12 | 19 | 63,16 | 88,57 |
| cans+ | 11 | 17 | 64,71 | 83,62 |
| presença | 7 | 8 | 87,50 | 76,46 |
| minha_filha | 18 | 46 | 39,13 | 70,60 |
| Babá | 7 | 9 | 77,78 | 66,46 |
| tomar_banho | 8 | 12 | 66,67 | 62,97 |
| meus_filhos | 40 | 191 | 20,94 | 58,11 |
| cont+ | 15 | 41 | 36,59 | 53,13 |
| oito_horas | 5 | 6 | 83,33 | 51,49 |
| deit+ | 7 | 12 | 58,33 | 46,54 |
| levant+ | 7 | 12 | 58,33 | 46,54 |
| opt+ | 5 | 7 | 71,43 | 42,76 |
| rotina+ | 5 | 7 | 71,43 | 42,76 |
| dava_banho | 5 | 7 | 71,43 | 42,76 |
| meu_filho_mais_novo | 28 | 129 | 21,71 | 42,34 |

Para efeitos de esclarecimento, as palavras relacionadas aos radicais apresentados na Classe 5 são expostas abaixo.

dorm+: dorme(5), dormia(3), dormir(33), dormirem(2), dormiu(1)
acord+: acorda(4), acordam(1), acordar(6), acordaram(2), acordava(8), acordo(1), acordou(1)
descans+: descansa(1), descansada(2), descansar(2), descansava(1), descanso(2)
horário+: horário(11), horários(1)
cans+: cansada(6), cansado(5)
cont+: contar(3), contato(5), contava(8), contei(3)
deit+: deita(2), deitada(3), deitar(2)
levant+: levanta(3), levantam(1), levantando(3), levantaram(1), levantava(1), levantei(1), levanto(1), levantou(1)
opt+: opta(1), optamos(1), optei(3), optou(1)
rotina+: rotina(5)

A Classe 5 reúne elementos relacionados à *rotina* familiar e à participação do *marido* nessa rotina. Aqui aparecem os cuidados práticos, como *dar banho*, colocar para *dormir*, *acordar* os filhos, levar para as atividades, ajudar com *tarefa escolar*, entre outras, e é significativa a questão dos *horários*. A participação da *babá* é destacada nessa classe, o que tem relação com o fato da mulher trabalhar fora.

Aqui está presente a idéia do cansaço decorrente dessa rotina (*viver em função dos filhos*) e a necessidade de abrir mão de algumas coisas em função dos filhos. Contudo, o

nascimento dos filhos não é considerado prejudicial ao relacionamento conjugal ou a própria vida, não aparecendo como queixa, mas como realização. Assim como na Classe 3, aqui também não há uma limitação à esfera familiar, pois a profissionalização passa a ser um fato.

Notamos que a participação do marido refere-se exclusivamente aos filhos – estar presente, ajudar a cuidar, ser compreensivo – não implicando uma divisão de tarefas domésticas. Mesmo no caso dessa participação, fica claro que a tarefa de cuidar dos filhos é vista como sendo delas próprias, ou seja, da mãe, cabendo ao marido / pai apenas colaborar.

Selecionamos algumas UCE típicas dessa classe para endossar nossas inferências.

#tomar_banho no #colo de nós, sempre nós tivemos isso. ficava assim, #minha_filha_mais_velha #sentava no banquinho no #banheiro, enquanto eu #dava_banho no #meu_filho_mais_novo no #colo, ficava. eu #gritava marido, #pega. (X²=83)

E foi #indo, e foi #indo, e foi #indo. nosso #contato sexual nós nunca escondemos dos #meus_filhos. nós nunca tivemos #horário, de que é #a_noite, depois que #meus_filhos #dormirem, não. (X²=63)

#sete_e_meia, eu #levanto #sete_e_meia, já #venho de lá assim vamos gente, vamos gente. #meus_filhos #levantam, então fica assim, sempre #levantaram #sete_e_meia, #oito_horas. naquela época era assim, #muitas_vezes, meu_marido já estava até em #aula já, mas se meu_marido #não_tivesse, sempre ajudava a #trocar um, #trocava #minha_filha_mais_velha, enquanto eu dava mamadeira a #meu_filho_mais_novo. (X²=63)

eu estou #vivendo isso. eu, para mim? é realização, é isso. não, fora as estrias, e #ganhar #peso, mas nada de ponto_negativo. só estética. como sempre eu vivia #em função de #meus_filhos, porque filho é assim, de-manha #acorda para #tomar_banho, #mamar e #dormir, porque #neném só #dorme, e era assim a minha #rotina, era viver #em função de #meus_filhos. (X²=63)

no começo, no começo aqui, com quatro_meses eu ficava #sozinha e eu sentia_me muito #cansada porque muda um #pouquinho a #rotina, #neném #acorda de #madrugada, #acorda #a_noite, quer #dormir #a_tarde, nao_quer. então é meio cansativo mesmo. (X²=54)

A minha #rotina #dia_a_dia? #geralmente meu_filho_mais_velho #sai #de_manha para escola, não_estou #levantando, porque eu sempre fiz isso, sempre eu estou ali #presente, mas não_estou #levantando justamente porque #doze_anos, não_é #questão de levantar_cedo, não. (X²=50)

#muitas_vezes deixei de ir, mas quando #meus_filhos estavam #maiorzinhos, #neném eu abri_mão #totalmente, mas quando estavam #maiorzinhos, que já #dormia noite toda eu até deixava, mas para ver como é que é. (X²=47)

E #a_noite #janta, #meu_filho_mais_novo #dorme no meu, #deita no meu quarto, depois vai para #cama é assim, está #tranquilo, eu, eu gosto de estar junto, e eu estar fazendo coisas com #meus_filhos, vendo tarefa_escolar, por_exemplo. (X²=46)

a_gente, eu que #acordo #meus_filhos, depois assim, eu, #minha_filha_mais_velha atualmente já se #veste #sozinha, mas se deixar eu ainda visto, #pede para #vestir, colocar uniforme #de_manha, dou leite para um filho, #pego outro filho, arrumo #lanche. (X²=42)

não, não, essa #participação não, #divisão_de_tarefas não. não, nisso meu_marido #ajudava_me sempre, até #a_noite. se tivesse que #acordar meu_marido #acordava. assim, eu como sendo mãe não_achava no direito, #coitado, não, meu_marido está #cansado, até eu colocava um colchão para meu_marido #deitar em outro, no corredor ou no outro quarto, porque meu_marido teria que trabalhar de #madrugada. (X²=42)

nesse período #minha_filha_mais_velha tem #aulinha de inglês, aqui no wizard, essas coisas, #deita, a_gente #dorme um pouco #juntos. A #minha_filha_mais_velha, o inglês da #minha_filha_mais_velha é #terca_feira e quinta_feira e meus, meus #horários na igreja é #terca_feira e quinta_feira, então #minha_filha_mais_velha vai comigo, três_horas que #minha_filha_mais_velha #sai, eu #pego, vamos comigo? (X²=42)

eu acho podia ser menos #estressante, eu acho meu relacionamento_familiar #estressante. O #nascimento dos #meus_filhos mudou meu_casamento para melhor, #apesar, era tudo em cima de mim, #cobrava demais. nasceram #meus_filhos e #dividiu, focou mais, enquanto estava #neném não, mas quando foi #crescendo começou a focar muito no meu_filho_mais_velho. (X²=38)

a #roupinha #arrumadinha, e #meu_filho_mais_novo, #neném, tinha a #babá que ficava com #meu_filho_mais_novo, mas #meu_filho_mais_novo #descia para baixo para ficar comigo e tudo, mas colocava a #roupinha. (X²=38)

não, meu_marido sempre foi compreensivo, está parecendo até que meu_marido é bom demais, mas meu_marido sempre foi compreensivo de #ajudar_me bastante, de #dividir, então se meu_marido chegasse e #percebesse que eu estava muito #cansada com #meus_filhos. (X²=35)

E sempre foi um pai assim muito #presente. nós tínhamos duas opções, ou a_gente #determinava esse negócio de que filho vai #dormir #nove_horas #a_noite, porque tem que #acordar cedo no outro dia ou porque criança tem #dormir cedo, ou nós abríamos_mão para #meus_filhos #ficarem acordados. (X²=31)

Verificamos que apesar da questão do cansaço decorrente da rotina com os filhos estar presente entre os elementos dessa classe, tal cansaço não é expresso como algo negativo, penoso. O viver em função dos filhos não aparece como algo ruim para as participantes ou como interferência em relação a outros projetos, mas como algo esperado de uma mãe. A participação do marido contribui no sentido de *descansá-las* um pouco dessa rotina, mas não como substituta ou equivalente ao papel materno. Sendo assim, percebemos a oposição nessa classe, o que pode indicar a existência do *themata obrigação x satisfação*, ou *dever x querer*.

Por estarem mais próximas, as classes 4 e 5 constituem um grupamento, ao qual demos o nome de *Atribuições mais equilibradas em relação ao gênero e na esfera*

profissional e conjugal, mas assimétrica em relação à vida doméstica e ao cuidado e à orientação dos filhos. Ambas trazem conteúdos sobre como as participantes procuram cuidar de seus filhos. Contudo, é possível perceber o contraste entre elas: enquanto a Classe 4 sugere um cuidado mais no sentido de atenção às necessidades do filhos e de proteção, a Classe 5 aponta questões mais corriqueiras, do dia a dia, relacionadas à rotina.

Não podemos perder de vista que o grupamento anterior formado pelas classes 4 e 5 está ligado à Classe 3, formado um subgrupo maior que chamamos de *Esfera das interações concretas: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (práticas)*. Esse, por sua vez, não apresenta qualquer ligação com o subgrupo formado pelas classes 1 e 2, o que pode parecer estranho, num primeiro momento, já que ambos giram em torno do mesmo tema: o feminino na família.

Contudo, é preciso considerar que o grupamento *Esfera institucional: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (reflexões)*, formado pelas classes 1 e 2, está tratando mais de opiniões, expectativas e planos acerca da vida familiar e conjugal, ao passo que o segundo grupamento traz elementos das experiências vividas concretamente pelas participantes no âmbito da família.

Estabelecendo um paralelo com o dendrograma da 1ª geração, podemos perceber que no grupo das filhas há menos classes enfocando a questão do casamento, que parece perder a centralidade absoluta na vida feminina. Os conteúdos das classes 2, 4, 5 e 6 (presentes no dendrograma das mães), que de alguma forma tocam nessa questão da vida conjugal, perdem parte do sentido nas condições vividas pela segunda geração e por isso nem chegam a aparecer no dendrograma das filhas. A Classe 6, por exemplo, que aborda dificuldades práticas que a mulher deve administrar no cotidiano conjugal

não se evidencia para a segunda geração, já que o investimento na relação conjugal parece deixar de ser apenas preocupação / obrigação da mulher.

Avaliando conjuntamente todos os resultados apresentados pelo programa, acreditamos que as classes obtidas confirmam a existência de um sistema dinâmico de representações em torno da mulher na família, pois as representações do ser mãe, esposa e de casamento, que aparecem em diferentes classes, estão intimamente relacionadas, constituindo uma grande rede. Como os discursos são dinâmicos, e expressam a posição dos indivíduos num determinado momento, verificamos contrastes e semelhanças, o que permite a identificação dos *themata* que estão engendrando as representações em torno do ser mulher.

4. DISCUSSÃO - Compreendendo as trajetórias

Como mencionamos no capítulo referente ao Método, utilizamos procedimentos complementares para organização e análise dos dados, e até o momento apresentamos separadamente os resultados provenientes dos mesmos. A partir desse capítulo propomos uma discussão mais ampla, considerando tanto as estruturas individuais quanto os resultados do programa Alceste de cada geração, assim como uma comparação entre as duas gerações e entre as mulheres de uma mesma família. Optamos por retomar a apresentação de alguns resultados no intuito de estabelecer uma ligação entre as experiências individuais das participantes, paralelamente a uma articulação com os resultados do Alceste, visando, assim, tornar a discussão mais proveitosa.

Para a discussão, centramo-nos nos três eixos de análise definidos de acordo com os objetivos do presente estudo, já citados anteriormente – casamento, maternidade e relações de gênero na família – buscando conhecer / compreender a rede de representações formada em torno do ser mulher na família, ou seja, desvendar a forma como nossas participantes significam tal fenômeno e o vivenciam.

Assim, buscamos conhecer o saber construído acerca do ser mãe, esposa e mulher no confronto com a realidade vivida, o “saber leigo”, identificando a ancoragem desse fenômeno e o sentido atribuído pelas próprias participantes às suas experiências.

4.1 A 1ª geração de mulheres

“Não é necessária muita perspicácia para perceber sintomas de insatisfação nas mulheres de hoje. Casadas e solteiras, ociosas e trabalhadoras, estudantes e profissionais, artistas e donas-de-casa, todas elas em algum momento deixam transparecer resquícios de frustração, um desejo ora nostálgico, ora invejoso, de outra existência diferente, outro caminho distinto do que escolheram – como se a felicidade estivesse lá. Parecia que lá – o lado oposto, o inatingível – se encontrava tudo que é belo e desejável, tudo o que nos proporcionaria um verdadeiro senso de realização”. (“A Protagonista”, Carmem da Silva, 1963 apud Civita, 1994, p. 17).

4.1.1 O casamento

Nesse trecho do primeiro artigo da seção “A Arte de Ser Mulher” da *Revista Claudia*, a contestadora e feminista Carmem da Silva chama a atenção para a insatisfação feminina naquele contexto da década de 1960. Intitulado “*A Protagonista*”, o artigo abordou questões relacionadas à condição da mulher na época, que ocupava um papel coadjuvante na sociedade – não era dona de nada, nem mesmo de seu próprio destino (Civita, 1994). Carmem da Silva inconformada com o contexto de vida das mulheres nos anos 1960, as “chama” ao protagonismo:

As mulheres não eram donas da sua vida, não tinham objetivos e projetos pessoais, limitando-se a secundar os objetivos e projetos de seus homens; não possuíam uma tarefa ou um ideal próprio, algo que as entusiasmava e lhes permitisse expandir-se e transcender a miudeza do ramerrão cotidiano. Não eram donas do dinheiro, dependendo para sua subsistência do papai ou do marido – e mesmo as que ganhavam um salário sentiam-se obrigadas a prestar contas ao chefe da família, o cabeça-do-casal, que decidia seu uso. Não detinham a menor parcela de poder. (...) Não eram donas de seu corpo e de sua sexualidade. (...) Não era donas sequer de seus sonhos e expectativas: já nasciam com uma existência traçada, com um papel prefixado a desempenhar, com a lista de “aspirações” previamente confeccionada: tinham que querer isso ou aquilo, cultivar tal ou qual vocação – o casamento, o lar, a maternidade, a domesticidade – sob pena de serem rotuladas de anormais, estranhas, neuróticas (Civita, 1994, p. 73-74).

É interessante registrar que os escritos de Carmem da Silva substituíram, a partir de 1963, textos totalmente apoiados na tradição de submissão e conformismo veiculados nas primeiras edições da mesma revista por uma consultora que se apresentava como Dona Letícia, caracterizando significativa ruptura. Um exame detalhado da mudança de perspectiva exemplificada por tal substituição de idéias pode ser encontrado em Santos (1987).

Como demorou ainda certo tempo desde os artigos de Carmem da Silva para que as mulheres passassem a “segurar o leme” de suas vidas, saindo da situação de “deriva”, podemos observar que nos anos 1960 não havia muitas opções para as mulheres: tinham que casar e ter filhos, ou *casar e ter filhos*.

Bassanezi (2002) e Del Priore (2005) apontam que em meados do século XX o casamento permanecia como objetivo primeiro das mulheres. Os discursos das participantes da 1ª geração, que nasceram nas décadas de 1930 e 1940, e, portanto, viveram sua adolescência e juventude nos anos 1950, comumente chamado de *Anos dourados*, são categóricos nesse sentido:

Todas as moças da minha época a função delas era o casamento. (...) O casamento era uma estabilidade para a mulher, porque geralmente a mulher não tinha profissão, tinha que viver submissa ao marido. (Berenice)

Naquele tempo todo mundo casava novo, ninguém tinha esse interesse como tem hoje, a gente só pensava em casar, que se não casasse o pessoal ficava falando que a gente era solteirona, essas coisas. (Fátima)

Naquele tempo todas as moças, a prioridade era casamento, parece que a gente era educada, preparada para isso. (Ivone)

Mesmo a participante que relatou que não pensava em se casar quando jovem, pois queria ser freira, reconhece a força do argumento a favor do casamento: *Eu sempre*

dizia que eu não ia casar, eu não ia casar, e quando eu vi eu tava casada. Então eu acho que eu não fiz muito plano pra casar não, aconteceu. (Berenice)

O grande temor das moças nessa época era não se casar, ficar solteira, pois assim não teriam cumprido o “destino feminino”, e sofreriam com esse estigma. “Uma mulher com mais de 20 anos de idade sem a perspectiva de um casamento corria o risco de ser vista como *encalhada*, candidata a *ficar pra titia*. Aos 25 anos, considerada solteirona, já era fonte de constrangimento”. (Bassanezi, 2002, p. 619).

A partir de um trabalho paralelo que estamos desenvolvendo sobre o que dizem as letras das canções brasileiras sobre o casamento e as relações conjugais, julgamos que seria interessante utilizar alguns exemplos para colaborar na caracterização do contexto em que viviam nossas entrevistadas da 1ª geração, quando o rádio era o principal mecanismo de difusão de informações e a música popular um dos principais ingredientes da programação desse veículo de comunicação de massa. Menandro e Nascimento (2007) fazem a seguinte observação sobre o tema:

A música popular brasileira é fonte riquíssima de elementos que permitem recuperar parte do caminho da formação cultural do país no século XX. A produção “literária” na forma de letras de canções reflete a visão que os compositores têm, ou tinham no momento da composição, de determinadas temáticas, visões essas que, ao mesmo tempo, espelham práticas culturais correntes e voltam a incidir sobre tais práticas com uma boa dose de poder influenciador (p. 214-215).

As considerações de Napolitano (2002) abordam a mesma questão de forma similar:

Entre nós, brasileiros, a canção ocupa um lugar muito especial na produção cultural. Em seus diversos matizes, ela tem sido termômetro, caleidoscópio e espelho não só das mudanças sociais, mas, sobretudo, das nossas sociabilidades e sensibilidades coletivas mais profundas (p. 77).

Que tipo de observações sobre a vida conjugal era objeto de registro nas letras das canções brasileiras produzidas entre meados da década de 1940 e o início dos anos

1960, ou seja, a época da juventude e do casamento de nossas entrevistadas da 1ª geração?

A idéia do casamento como objetivo de vida, ressaltando a perfeição e a harmonia da relação conjugal era tema presente nas canções, mesmo não tendo o apelo das desventuras amorosas – talvez o tema mais freqüente das canções. Alguns exemplos de fragmentos de tais canções:

Os casadinhos felizes se vão, ai, que inveja no meu coração. Um casalzinho em lua-de-mel tem passaporte direto pro céu. Muitos solteiros rezando para o seu dia chegar. Muitos casados chorando para o seu dia voltar. Imaginando saudades, choram mamãe e papai, votos de felicidade e o casalzinho se vai. [Valsa dos casadinhos, 1954, Pedro Caetano e Clemente Muniz]

Todo dia bem cedinho gosto de acordar pra beijar o meu paizinho que vai trabalhar. E quando chega a tardinha tomo banho, então, pra esperar o meu paizinho, fico no portão. E minha mãezinha tão contente a cantar põe flores no jarro e põe a mesa pro jantar. E o meu pai chega e me abraça a sorrir, e depois da janta, ganho um beijo e vou dormir. Vivo tão feliz com minha mãe e o meu paizinho, sou sempre tratada com cuidado e com carinho. Esta vida boa foi Papai do Céu quem deu. Deus que abençoe o meu papai, mamãe e eu. [Papai, mamãe e eu, 1958, Peterpan]

Um sorriso e depois um aperto de mão, um encontro no cinema, um namoro no portão. Muitos beijos e abraços dados com muito calor, foi assim que começou o nosso grande amor. Passam dias e semanas e passam meses também, vem papai, vem mamãe, e tudo vai muito bem, uma igreja e o altar, todo mundo a cantar, lá, lá. Terminado o casamento vem saindo os noivinhos, mas agora com outro nome, os dois estão amarradinhos. Muitos beijos e abraços, carinhos a granel, foi assim que começou a nossa lua de mel. Passam dias, passam meses, passa um ano também, sou mamãe, ele é papai, e vai tudo muito bem. Nosso ninho é feliz e bem juntinho nós vivemos, e aquele grande dia não esqueceremos. [Casadinhos, 1948, Luiz Bittencourt e Tuyú]

Beijando teus lindos cabelos que a neve do tempo marcou, eu tenho nos olhos molhados a imagem que nada mudou. Estavas vestida de noiva, sorrindo e querendo chorar, feliz, assim, olhando para mim, que nunca deixei de te amar. Vinte e cinco anos, vamos festejar, de união, e a felicidade continua em meu coração. Vai crescendo sempre mais o meu amor por ti, eu também fiquei mais velho e quase não senti. Vinte e cinco anos de veneração e prazer, pois até nos momentos de dor o teu coração me faz compreender que a vida é bem pequena para tanto amor. [Bodas de Prata, 1945, Roberto Martins e Mário Rossi]

O risco de não casar também merecia a atenção dos compositores, muitas vezes tratado de forma jocosa:

Dona Vera, quando moça, foi bonita, foi dengosa, foi catita, mas não soube aproveitar. Levava a vida em casa, tricotando, tricotando, tricotando, tricotando, sem sair pra namorar. Mas passou a primavera e ficou a Dona Vera solteirona toda a vida, sem casar. E agora sem dinheiro, tá difícil, Dona Vera, com esta cara só se a sorte lhe ajudar. Dá pena, ora se dá, dá pena, mas dá raiva também, mulher velha sem vintém, aí, querendo se casar. [Dona Vera tricotando, 1950, Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira]

Pensar, professor, pensar, o que ela quer saber eu não posso falar. Ela quer saber se vai casar ou se vai ficar pra titia, quer saber se ele ainda vai voltar e ficar em sua companhia, professor. [Pensar, professor, 1960, José Costa e Fernandinho]

Casou Maria, com o Zé casou, jogou o buquê, solteirona Isabel pegou. Isabel no seu quarto, sozinha e distante da gente, chorando, desfolha o buquê. Isabel toda vez que uma amiga casava, comprava um vestido, se empoava pra ver se arranjava também um casamento, pois que era um tormento viver sem ninguém. Mas o tempo passando, esquecia de dar-lhe, algum dia, um noivo também, e ela agora já sabe que vida tornou-a esquecida por tudo e por quem. [Buquê de Isabel, 1958, Sérgio Ricardo]

Eu vivo aflita, anda atrás de um casamento, não pretendo ir pro convento, nem ficar pra titia. Eu não sou feia e nem sofro da tiróide, jogo tênis, leio Freud, mas não posso trabalhar. Traz-me alegria, tenho um bom gênio, e não sou nada teimosa, eu sou muito carinhosa, também sou condescendente. E se alguém se agradou da descrição, e se quiser a minha mão, por favor, que se apresente. Eu só exijo que o meu futuro esposo seja muito carinhoso e me dê um palacete pra morar. [Esposa modelo, 1950, José Maria de Abreu e Carlos R. B. de Souza]

Mesmo quando as canções retratavam eventuais dificuldades da relação conjugal, ficava explícito que tudo poderia ser resolvido com a resignação e a submissão da mulher, mantendo-se as aparências e a continuidade do casamento a qualquer preço. Alguns dos exemplos de letras de canções arrolados a seguir parecem verdadeiros retratos de algumas das entrevistadas.

A mulher que é mulher, não quer saber de intriga, diga o povo o que quiser, é a melhor amiga, a mulher que é mulher não deixa o lar à toa, a mulher que é mulher, se o homem errar perdoa. E se perdoa é porque sabe muito bem, que ele não troca por ninguém o seu amor, o seu carinho. [A mulher que é mulher, 1953, Klécio Caldas e Armando Cavalcanti]

Nada mais me sobressalta, contigo não mais me iludo. Dizes que nada me falta, no entanto falta-me tudo. Eu vivo sim, é verdade, debaixo de um rico teto, mas falta-me a vaidade da jóia do teu afeto. És tu que as brigas provocas, e sempre a razão é tua. És tu que ainda me trocas pelas mulheres da rua. E eu vivo assim, conformada, sem nunca ter te traído, vivendo como casada, casada sem ter marido. [Conformada, 1952, Francisco Alves e René Bittencourt]

Você vive ao meu lado e eu não tenho você. Existe algo errado, porém não sei o que. Choramos sempre juntos os nossos dissabores. Vivemos lamentando esta ausência de amores. Você vive ao meu lado e eu não tenho você. Você vive pra outra que também nunca lhe quis. Que certamente faz pouco do seu viver infeliz, enquanto eu quase louca procurei o meu próprio fim, definhando pouco a pouco, e você não gosta de mim. [Não Tenho Você, 1951, Paulo Marques e Ary Monteiro]

Se mil vezes você me deixar e voltar, eu aceito, quem sou eu para dizer o que é e o que não é direito? Meu amor é sincero, é o amor e será sempre assim, quem sou eu pra querer que você goste apenas de mim? Se mil vezes você me trair, perdorei, e palavras amargas e tristes jamais lhe direi. Sou assim, ai de mim! Sou assim e não posso mudar, meu amor é mais forte que eu, quem sou eu pra lutar? [Quem sou eu? 1959, Dolores Duran e Ribamar]

A minha patroa é boa, faz tudo pra me agradar. Sabendo que eu ganho pouco, trabalha pra me ajudar. Passa o dia numa tina, passa a noite a costurar. E aos domingos quando vem da missa engoma a nossa roupa branca e vamos passear (isso é verdade). E quando chega na segunda-feira levanto alegre para trabalhar. Assim passamos a semana inteira vivendo apenas para o nosso lar. Mulher assim é uma felicidade que muita gente vive a procurar. Por isso eu te digo com sinceridade: mulher igual a ela para mim não há. [Minha patroa é boa, 1944, Waldemar Silva e Estanislau Silva]

Nunca me falte, querida, nas horas negras da vida, a tua mão de enfermeira nas noites de tempestade da minha infelicidade. Minha doce companheira, se chego em casa cansado, suado, desanimado, porque a luta é desigual, uma só palavra tua mata o cansaço da rua. Transforma em bem todo o mal, acalentado o meu sono, velando o meu abandono, ao coração dando calma. Tu és mulher carinhosa, a companheira bondosa, a enfermeira da alma. [Enfermeira, 1955, Herivelto Martins e David Nasser]

Tome continha de você, meu bem, não deixe essas mulheres me roubar você, é perigoso, eu tenho medo que elas descubram o amor que você é. Se aparecer uma mulher assim, com essa banca de mistério, lembre dos conselhos tão certinhos que eu lhe dou e tome continha de você. Sei que a tentação está soltinha por aí, cuidado bem, é bom se prevenir, e vai ser preciso muita fé, muito amor para você resistir, e assim tome continha, tome, por favor, guarde pra mim todinho seu amor, lembre-se dessa vida tão bonita que eu lhe dou, e tome continha de você, meu bem, que eu sei tomar conta de mim. [Tome continha de você, 1959, Dolores Duran e Edson Borges]

Antes de retomar os resultados, e já que foi mencionado o texto conservador da consultora matrimonial que atendia leitoras da revista Cláudia nos anos 1961 e 1962, vale destacar como apresentavam semelhanças com algumas dessas canções. Santos (1987) reproduz um dos conselhos (de Dona Leticia) em resposta a uma mulher casada, com filhos, que se queixava da infidelidade do marido: *Suporte-o pelos seus filhos. Procure apenas controlá-lo, exercendo uma discreta e firme defesa de seus direitos,*

enquanto dura essa fase lamentável na vida de todos os homens. Outro exemplo do texto de Dona Letícia, também reproduzido em Santos (1987): Temos que admitir que existe por parte da mulher uma implacabilidade funesta. Dir-se-ia que, incapazes de obter uma liberdade e independência tão desejadas, elas vingam-se sobre o homem matando nele a faculdade típica do seu sexo, de pertencer, mesmo que em pequena parte, só a si próprio.

É conveniente ressaltar que tais canções conviviam com outras (em verdade muitas outras, certamente a maioria) nas quais a mulher é apresentada como perigosa, dissimulada, interesseira, volúvel, grande responsável pelo sofrimento masculino. Em um estudo com canções populares gravadas pelo cantor Amado Batista nos anos 1980 e 1990, muito consumidas por mulheres de baixa renda, é repetida à exaustão a história do homem romântico e apaixonado que implora pela volta da mulher que o abandonou, injustamente, malvadamente (Menandro, Pereira, Amim & Santos, 2002). Fica o registro, embora tais canções que de alguma forma desqualificam a mulher não interessem diretamente ao presente trabalho, uma vez que ele, por lidar com dados provenientes de entrevistas com mulheres, não produziu informações dessa natureza, com exceção de alguns momentos nos quais o que é dito pelas entrevistadas permite tal interpretação, ainda que não tenha sido essa a intenção ao dizê-lo. É importante lembrar que as canções produzidas por mulheres eram raras e, em alguns casos, também nelas se desqualificava as mulheres. A história da desqualificação das mulheres é muito longa, estando registradas em inúmeras formas de produção cultural, entre as quais podem ser mencionados os provérbios que, como assinalado por Menandro, Rölke e Bertollo (2005),

Captaram o drama masculino da dificuldade, não obstante a condição dominante vivida pelo homem, de lidar com as incertezas e inseguranças relacionadas com o

comportamento feminino e com os limites da subjugação da esposa na fronteira entre a paixão, o companheirismo e a quase escravidão. Mesmo a dupla moral sexual em privilégio do homem não elimina o risco da traição, da desonra social e da dúvida quanto à paternidade. Captaram também a solução que impregna nossa cultura ainda hoje: relações conjugais marcadas pela subordinação, às vezes pela violência (p. 98). [Dez exemplos de tais provérbios, apenas como ilustração: 1) Lágrimas de mulher, têmpera de malícia; 2) Mulher honrada, em casa, de perna quebrada; 3) A mulher, o jogo e o vinho fazem errar o caminho; 4) Ninguém se fie em cachorro que fica na cozinha, nem em mulher que passeia sozinha; 5) Não há urubu sem carniça, nem mulher sem cobiça; 6) Quando uma mulher não sabe o que responder, é porque não há mais água no mar; 7) O que a mulher quer, Deus quer; 8) Não confie no céu de março mesmo que ele ria, não confie na mulher mesmo que ela chore; 9) Três coisas enganam os homens: as mulheres, os copos pequenos e a chuva miúda; 10) A sombra de um homem vale mais que cem mulheres]

Retomando os dados coletados no presente estudo, destacamos que os resultados gerados pela ação do programa Alceste confirmam com expressividade a importância e a centralidade do casamento para as mulheres naquela época, conforme podemos observar nas classes 2 e 5 (que estão intimamente associadas) do dendrograma das classes da 1ª geração de mulheres, nas quais o casamento ocupa um lugar central entre os conteúdos, e aparece como projeto de vida feminino.

Percebe-se que, nesse grupo, a construção da identidade feminina passa, necessariamente, pelo ideal do casamento e da vida privada em um lar próprio. Contudo, isso não quer dizer que o discurso sobre o casamento seja absolutamente homogêneo entre essas mulheres; como enfatizamos em outro momento, as classes construídas pelo programa Alceste conjugam oposições / antinomias, que atuam engendrando representações sociais, e nos possibilitam compreender a dinâmica do discurso das participantes. Além disso, essas classes, interpretadas como representação, constituem um sistema articulado, que só pode ser compreendido conjuntamente.

Ainda com base na análise proporcionada pelo Alceste, notamos que os discursos das participantes da 1ª geração se organizam em dois grandes eixos - *Esfera institucional: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família*

(reflexões) e *Esfera das interações concretas: Perspectivas femininas no casamento, na maternidade e na família (práticas)*. O primeiro eixo, constituído pelas classes 1, 2 e 5, é referente ao conhecimento socialmente produzido e partilhado sobre o ser mulher, ser mãe e ser esposa, que possibilita às participantes compreenderem e lidarem com tais fenômenos em meio aos receios, estranhamentos e despreparos. O segundo eixo, por sua vez, refere-se às situações concretas, cotidianas, nas quais as participantes confrontam suas perspectivas e representações com a realidade. A partir desses grandes eixos formam-se outros associados, mas que devem ser entendidos como abarcados pelos eixos principais.

Considerar essa configuração mais ampla da representação, não implica desconsideração dos conteúdos das classes individualmente; ao contrário, a análise destas acaba sendo bastante reveladora e favorece a compreensão do campo da representação.

Na Classe 2, por exemplo, identificamos a antinomia *idealização x riscos*, de modo que ao mesmo tempo em que o casamento aparece como almejado pelas mulheres, encontramos elementos que indicam que ele não é tão ideal assim, havendo a possibilidade ou risco da infelicidade, que ganha forma com a separação. Já a Classe 5 comporta a oposição entre a vida conjugal dos pais, tomada como exemplo ou modelo, e a realidade concreta, ou seja, o themata *tradição / modelos x realidade / despreparo*.

Tudo isso nos leva a crer que foi construída uma rede de significações em torno do ser mulher na família, na qual um dos elementos centrais é o casamento (o que não significa que seja o único ou o mais importante), de modo que há um conhecimento socialmente partilhado sobre o que casamento representa, como deve ser, como não deve ser, conhecimento esse que exerce evidente função na dinâmica social. Em outras

palavras, as classes 2 e 5 abarcam um conteúdo que ancora a condição de ser mulher no casamento.

Mesmo com as mudanças sociais que começaram a ganhar forma nos anos 1950, impulsionadas, sobretudo pelos processos de urbanização e modernização, trazendo novas oportunidades para as mulheres, nessa época o casamento figurava como “destino inevitável” do qual as “moças de família”¹⁵ não poderiam escapar. Ainda que nem todas as mulheres se rendessem a tal “sina”, a representação social do casamento como realização feminina, presente inclusive nos periódicos e revistas da época, como destaca Bassanezi (2002), orientava comportamentos da sociedade como um todo, definindo o que era apropriado ou não para as mulheres. Logo, uma mulher não se casar era algo mal visto.

O fato de o casamento ser altamente valorizado naquela época não significava que fosse objeto de discussão em todos os aspectos, como podemos observar nas estruturas. Algumas participantes (Dalva, Eva, Fátima) revelaram que algumas questões relacionadas ao relacionamento, como atividade sexual, por exemplo, não eram comentadas entre as moças ou ensinadas por suas mães. Aprendiam apenas que deveriam cuidar da casa e dos filhos, e agradar o marido. Essa censura, ou reserva, ou silêncio, visava manter a reputação e a pureza das moças, porém a desinformação e o desconhecimento tornavam a iniciação sexual feminina, normalmente (mesmo no casamento), um momento pouco tranquilo (Bassanezi, 2002). Há uma canção que faz menção a tal tema, mas de forma muito sutil: *Casados. Igreja. Abraços. Papai, mamãe. Despedida. Enfim sós. Mil embaraços*. [A vida em quatro tempos, 1943, Paulo Orlando e Custódio Mesquita]. As falas a seguir ilustram tal contexto:

¹⁵ Distinção encontrada nas revistas femininas dos anos dourados, segundo Bassanezi (2002).

Eles não conversavam nada com a gente, né... e eu fiquei assim, durante a semana do casamento que minha mãe ou uma pessoa ia conversar comigo sobre sexo, que naquele tempo a gente não conversava sobre isso, né, a gente não tinha nada disso e acabando que minha mãe não conversou mesmo e eu fui assim sem saber. (Fátima)

Conversava coisa nenhuma! Quando eu me formei eu nem sabia... minha mãe nunca conversou comigo nada não, quanto mais meu pai né. (Eva)

Representando seu principal projeto de vida, muitas mulheres viam no casamento a possibilidade de se libertarem da opressão dos pais. A educação era muito rígida naquela época e as mulheres eram controladas por “rédeas curtas”. Mais da metade das participantes mencionou o controle e rigor dos pais na educação (Célia, Dalva, Eva, Glória, Ivone e Joana). As moças não podiam sair, e quando saíam, não podiam sair sozinhas sem a companhia de um responsável, e não podiam ficar a sós com um homem, principalmente o namorado. Tinham que se preservar e não darem motivos para serem alvo de fofocas e ficarem “mal faladas”, pois do contrário não conseguiriam chegar ao casamento. A fala transcrita a seguir exemplifica bem a força da repressão assumida como auto-repressão, e que inclui até mesmo elementos conspiratórios: *Eu mesma pensava assim, sempre pensei, eu não vou dá confiança a esse rapaz não porque depois ele fala com os colegas dele... aí depois ninguém vai querer me namorar. Eu pensava isso, isso não saía da minha cabeça. (Ana)*

Bassanezi (2002) destaca que nos anos 1950 havia um código da moralidade que era de conhecimento de todos, portanto *todos* (pais, vizinhos, parentes, amigas, educadores, entre outros) estavam aptos a julgar o comportamento das moças. Esta, para garantir boa reputação deveria evitar roupas ousadas, evitar sair sozinha com um rapaz e ficar em lugares escuros ou em situação que sugerisse intimidade, e principalmente, evitar a fama de namoradeira e garota fácil.

Mais uma vez, é possível selecionar fragmentos de canções da época que abordavam o tema:

Os meus sonhos todos coloridos na esperança do primeiro amor. Então, um sonho de mulher tão de repente começou. Depois mais tarde, o namoro frente ao portão, o primeiro beijo bem roubado, no meu peito aquela agitação. [Coisas Distantes, 1963, João Donato, Lysias Ênio e João Gilberto]

Chuva vai, chuva vem, chuva miúda não mata ninguém. Moça que muito namora não encontra casamento. Um amor de hora em hora é chuva de vento. [Chuva Miúda, 1942, Silvio Caldas e Eratóstenes Frazão]

Saias engomadas, golas no pescoço, faces em rubor, só de pensar no primeiro amor. Fita no cabelo, luvas bem compridas, quarto bem fechado, encurtando as nossas vidas. Que importava que faltasse o ar? O que era preciso era não namorar. [Antigamente era assim, 1943, Ari Monteiro e Custódio Mesquita]

Mesmo que o casamento já fosse algo certo e estivesse próximo, as moças deveriam evitar certas situações com o namorado para garantir sua reputação, ou mais claramente, a virgindade. Uma das entrevistadas (Glória) mencionou superficialmente que quando já estavam com tudo pronto para casar ela engravidou, e o casamento acabou sendo antecipado. O rótulo de “mãe solteira” e de “mulher fácil”, praticamente sinônimos na época, deveria ser evitado. Mais uma vez fica evidente que a valorização da mulher passava pela questão da virgindade e do casamento.

Em meados do século XX a manifestação da sexualidade feminina continuava sendo considerada um perigo: recato sexual era um selo de garantia de uma mulher honrada e pura. Já aos rapazes, a moral social permitia experiências sexuais antes do casamento e com várias mulheres, pois o homem tinha essas *necessidades naturais*. Dessa forma, enquanto havia uma restrição da sexualidade feminina aos parâmetros do casamento convencional, as experiências sexuais masculinas eram amplamente favorecidas e aceitas (Zechlinski, 2006, p. 28).

Vale mencionar ainda uma vez uma letra de música sobre a situação da mãe solteira, apesar de certo exagero do compositor, para registrar que mesmo uma situação como a relatada na canção poderia ser considerada plausível naquele momento: *Hoje não tem ensaio não, na escola de samba. O morro está triste e o pandeiro calado.*

Maria da Penha, a porta-bandeira, ateou fogo às vestes por causa do namorado. O seu desespero foi por causa de um véu, dizem que essas Marias não têm entrada no céu. Parecia uma tocha humana rolando pela ribanceira. A pobre infeliz teve vergonha de ser mãe solteira. [Mãe solteira, 1954, Wilson Batista e Jorge de Castro]

Essa concepção era tão forte que uma participante (Fátima) fala que a grande decepção de sua vida foi a filha mais velha ter engravidado sem casar e se tornado mãe solteira, e tinha até vergonha de sair na rua por causa disso. Outra participante (Ana) menciona que avisava às filhas e hoje fala com as netas que não aceita que tenham filhos sem se casarem.

A partir desse ponto deixaremos de chamar a atenção para aspectos do contexto, a partir das idéias registradas nas canções, para evitar repetições de situações já retratadas, concentrando a argumentação apenas nas falas das entrevistadas e na literatura pertinente.

No caso de nossas participantes, os namoros iniciaram-se, em geral, em locais públicos, como praças, casamentos, festas, onde as moças e rapazes costumavam circular, visando, muitas vezes, encontrar pretendentes. No caso de namoro, os pais estabeleciam o horário e dia de namorar, normalmente era o domingo ou sábado. Os namoros não eram muito longos e não envolviam tanto contato físico. O clima era marcado, muitas vezes, por grande ansiedade, como ressalta uma participante que afirma que chegava a “passar mal” no dia de namorar. As moças não podiam sair sozinhas sem a companhia dos “seguradores de vela”, como denomina Bassanezi (2002).

E naquela época a gente passeava muito na praça, a gente num saía assim igual hoje fica sozinha com o namorado, você sair com o namorado (...) só ia se fosse com uma pessoa da família pra estar junto pra tomar conta. (Ana)

A gente namorava, era a coisa mais engraçada, sentava minhas irmãs tudo na escada assim, uma atrás da outra ali... que são três irmãs que tavam namorando na época né, aí a gente sentava na escada uma mais em cima, uma mais em baixo, tudo junta... E ela, chegava dez horas ela batia a janela, sabia que era a hora de ir todo mundo embora, não fosse entrar não pra ver, o troço pegava. (Dalva)

Para garantir o controle, os namoros deveriam necessariamente ser aprovados pelos pais, pois do contrário, a moça sofria as conseqüências de uma escolha desaprovada. As experiências abaixo exemplificam bem essa questão:

Papai não gostava dele, né, porque ele era pobre, então eu passei uma vida! Mas, né, é por isso que eu casei logo com dezenove anos... Mas nem comigo na igreja ele entrou porque num fazia gosto. Fazia gosto com um outro que eu não queria. (Berenice)

Quando a mãe da gente gostava de um rapaz, ela queria que a gente casasse com ele... como o meu marido, o pai dos meninos aqui, ela gostava demais dele, porque ele morava na cidade, estudava, trabalhava né, aí ela fazia tudo pra... e eu gostava de uma cara lá na roça, mas ela fazia tudo pra eu ficar com ele. (Eva)

Então eles já gostavam dele, não é que eles escolheram ele pra mim, mas, as coisas, Deus faz as coisas do jeito certo, né. (Hilda)

Meus pais também fazia gosto, né, do casamento... porque naquele tempo tinha que conhecer a família, né, como que era, ainda mais italiano, né, tinha que conhecer. Conheceram e gostaram dele. (Joana)

No que se refere às expectativas em relação ao casamento, há participantes que ressaltaram expectativas mais concretas, como ter uma casa, cuidar da casa, do marido e dos filhos, que na verdade, era o que aprendiam desde pequenas. Também foi enfatizada a questão de ter uma vida boa junto com o marido, sem muitas dificuldades, com mais liberdade, enquanto outras enfatizaram a idéia de que o casamento fosse “para sempre”.

As falas a seguir são ilustrativas:

Eu achava que ia casar e ia viver legal, sempre pensava assim, sempre pensava em ter minha casa pra não ficar morando com os outros. (Ana)

Casa, filhos, marido, aquela rotina de vida que eu vi minha mãe fazendo assim, né. (Berenice)

Eu pensava que a gente casava e ficava sempre casado, sabe? Porque a minha mãe e o meu pai ficaram sempre casados... eu pensei que fosse uma coisa certa, né, uma coisa pra sempre. (Eva)

Sabia que tinha que trabalhar, já trabalhava mesmo na cozinha, dona de casa mesmo, né, sabia que tinha era isso. (Fátima)

Achava que era tudo bonito, tudo lindo, ia ser muito lindo... Eu idealizava uma vidinha legal, aí eu ia sair com ele, ia passear, porque todo lugar que eu queria ir minha mãe não deixava, era isso que eu imaginava que fosse (Glória).

Em vários casos as participantes mencionaram que suas expectativas não foram completamente alcançadas, algumas sugerem que nem parcialmente isso ocorreu (destacamos que essa é a avaliação que fazem hoje, logo, não necessariamente pensavam assim na época). Há as participantes que, de uma forma geral, avaliam positivamente sua experiência, mesmo enfatizando grandes dificuldades na vivência conjugal. Percebemos certa tendência em algumas participantes de relevar dificuldades do passado, como se não valesse à pena ressuscitar determinados “fantasmas” (Hilda e Joana).

Uma participante (Berenice) afirma enfaticamente que se fosse hoje não se casaria, e que sua experiência foi bastante negativa, sendo positiva apenas pela questão de ter tido seus filhos: *Se fosse hoje em dia pra eu casar eu não casaria... ter meus filhos, eu ia ter meus filhos independente. Eu ia procurar estudar, ter um emprego onde eu pudesse manter os meus filhos... não tenho arrependimento dos meus filhos ... mas eu ia ter meus filhos, mas eu ia cuidar deles sozinha, sem homem... Não casaria não, ter responsabilidade com homem, marido, de jeito nenhum. (Berenice)*

Há também o caso de Glória que destaca que seu casamento foi um erro, porque havia muita briga, incompreensão, muito ciúme por parte do marido, não havia respeito mútuo. Tanto que quando os filhos se tornaram adultos, Glória saiu de casa para viver

com outro homem. Só não se separou antes por causa dos filhos. É a única participante que tomou a iniciativa da separação: *Não foi nada do que eu pensei não, foi muito pior... Nosso relacionamento já não devia ter começado antes dos filhos nascerem, já começou errado, não tem nada a ver* (Glória).

É importante destacar que metade das participantes (Ana, Eva, Fátima, Hilda e Joana) vivenciou uma situação de infidelidade do marido durante seu casamento. Hilda e Joana apenas dão a entender a traição, o que acaba se confirmando na fala de suas filhas.

Hilda chega a dizer que o casamento não foi totalmente como esperava, que o marido não foi como ela imaginava, mas que se realizou no casamento e deu para “segurar as pontas”. Acha que o marido só “aprontou” depois de casado porque era muito novo, “sem juízo”, e não estava preparado para casar como ela. Deixa claro que ele saía com mulheres.

Joana coloca a traição como algo a ser relevado pela mulher, assim como outras coisas, para que o casal possa permanecer junto, o que está de acordo com o pensamento socialmente valorizado na época: *A mulher também tem que entender muitas coisas, né, tem que deixar passar muitas coisas pra poder viver também, né... Assim, não ligar para certas coisas porque marido ele sai, né, eles gostam de um jogo, eles gostam de tomar uma cerveja, eles gostam de...* (Joana)

Como enfatiza Del Priore (2005), as mulheres nos anos 1950 tinham que se fazer de “cegas, surdas e mudas” diante dos deslizes do marido para manter o casamento e não incitar ainda mais o interesse do marido por outras mulheres. Até porque a separação era “a grande ameaça que pairava sobre as esposas” naquele período (p. 294).

A referida autora continua

Maridos não deviam ser incomodados com suspeitas, interrogatórios ou ciúmes por suas esposas. Permitir que eles saíssem com amigos, relevar suas conquistas amorosas e aventuras e atraí-los com afeição eram procedimentos aconselhados para quem quisesse manter uma boa vida conjugal. (Del Priore, 2005, p.294)

Para ser uma boa esposa, a mulher não deveria incomodar o marido com questões do dia-a-dia, vistas como menores, sem importância, nem deveriam queixar-se ou reclamar atenção, muito menos falar de suas insatisfações. Do contrário, estaria estimulando o marido a buscar a tranquilidade e felicidade fora de casa. Inclusive, as revistas da época davam todas as dicas de como a boa esposa deveria se comportar para manter a “felicidade conjugal”, desestimulando os protestos, e incitando o uso de estratégias sutis - “o jeitinho feminino” (Bassanezi, 2002). Goellner (2003, p. 80) reproduz alguns dos conselhos constantes de texto intitulado “Queres ser feliz com teu marido?”, publicado em 1941 na Revista Educação Physica: *Nunca se mostres superior a ele. Nunca lhe demonstres os teus ciúmes. Nunca lhe perguntes o que esteve fazendo para chegar tão tarde. Nunca o censures na vista de amigos e de criados. Se o vires aborrecido, distrai-o. Se é um intelectual não faças barulho enquanto estiver trabalhando. Nunca sejas desleixada, deixando de te enfeitares.*

Nos casos de Eva e Fátima os maridos deixaram a família por causa da outra mulher. Ambos saíram de casa com os filhos ainda pequenos. No caso de Fátima, mesmo tendo descoberto a traição e sabendo que o marido mantinha esse relacionamento extraconjugal, ela ainda continuou casada por mais de sete anos, inclusive conversava com o marido sobre sua outra mulher. Fátima nunca propôs a separação e por ela teria continuado daquele jeito, tinha levado a situação “até o fim”, mas o marido quis deixá-la. Ela chegou a conhecer a outra mulher do ex-marido por sua própria insistência.

Eva e Fátima destacam o preconceito contra a mulher separada naquela época – ela era vista como má influência, liberada, e alguém que não soube cumprir bem seu papel de esposa – conforme falas abaixo. Inclusive foi esse um dos motivos que levou Fátima a permanecer casada tantos anos mesmo sabendo que o marido tinha outra mulher. Ambas criaram e sustentaram os filhos sozinhas após a separação, pois os ex-maridos não pagavam pensão regularmente.

Porque é chato uma mulher separada do marido, né, hoje em dia é comum, né, mas naquela época... a minha família, a família dele, era assim, era um escândalo, né, então queria evitar esse escândalo, eu agüentava se ele tivesse, se ele tivesse... (Fátima)

O pessoal censurava demais a mulher separada, né. (Eva)

A esse respeito, Bassanezi (2002) esclarece que nos anos 1950 a grande ameaça que pairava sobre as mulheres casadas era a separação, pois além da questão afetiva, das necessidades financeiras, havia a questão do preconceito em relação às mulheres separadas e a questão de que a realização da mulher dependia do casamento que, então, deveria ser mantido de qualquer maneira.

O marido de Ana, com quem está casada há 53 anos, nunca quis se separar e há mais de trinta anos mantém um relacionamento com outra mulher. Ana sabe da situação há anos (quando descobriu chegou a ser internada numa clínica de repouso), mas permanece casada. O marido frequenta diariamente a casa da outra mulher, tem filhos com ela, mas tanto ele quanto Ana não aceitam a separação. Hoje dormem em quartos separados.

Ana acredita que a mulher foi atrás de seu marido e não o contrário, logo, ele *não tem culpa*. Seu marido apenas “não resistiu”, o que se deve à sua natureza de homem: *A gente vivia muito bem, só atrapalhou mesmo depois dessa história que eu te falei... ela, a mulher estragou tudo*. Ressalta que pelo fato de ter muitos filhos e se dedicar

integralmente aos mesmos não tinha tempo de ficar atrás do marido, que bebia muito, era alcoólatra.

Percebe-se que a revolta da participante é com a *outra mulher*, a *amante*, e não com o marido - ela que era a culpada, a *destruidora de lares*, *aproveitadora sem escrúpulos*, e *leviana*. O marido, “coitado”, simplesmente foi fraco.

A infidelidade masculina justificava-se pelo *temperamento poligâmico* dos homens – um fator *natural* que, mesmo quando considerado uma fraqueza, merecia a condescendência social e a compreensão das mulheres. *Paciência e sacrifício, integridade e determinação* para manter a integridade da família. (Bassanezi, 2002, p. 635)

Os pais de todas as participantes ficaram casados “até a morte”, nenhum se separou, mesmo que não vivessem muito bem. Há menção ao pai de Ivone, que se separou da primeira mulher (que não era a mãe dela) em virtude de traição por parte da mesma (o que não era comum na época). As participantes, em sua maioria, relataram que os pais viviam bem, com semelhanças e diferenças em relação ao casamento delas (o que também foi evidenciado pelos resultados organizados pelo Alceste – Classe 5). Apenas Célia e Glória ressaltaram que os pais não viviam bem, embora nunca tenham se separado:

Meu pai sempre foi muito levado, mas a minha mãe levou o casamento ao túmulo. E ele morreu, daí dois meses e onze dias ela morreu apaixonada. Ele nunca bateu nela, mas tudo quanto ele podia fazer pra sacanear ela, ele fazia, namorava as empregadas, entendeu, era coisa horrível. Meu casamento foi em cima assim de liberdade. (Célia)

“*Eu presenciei cenas horríveis de briga deles, e aquilo me marcou muito*”. (Glória)

Chama atenção a fala de Hilda, que queria um casamento igual ao dos pais, ou melhor, um marido igual a seu pai. *Nossa, meu pai amava minha mãe demais... eu sempre falava pra ela: Poxa, mãe, a senhora pode dizer que a senhora foi uma mulher*

feliz, muito amada... ele amou ela demais, até velhinho, até na hora de morrer, a gente via que... ela amava ele também, mas ele tinha aquele amor que mostrava... Meu marido é muito bom, mas ele não me ama igual meu pai amou minha mãe. (Hilda)

Na comparação entre a época em que se casaram e a vivência do casamento atualmente as opiniões das entrevistadas se dividiram. Ana, Célia, Dalva, Fátima, Ivone e Joana avaliam que antigamente era melhor, pois havia mais respeito e amor entre o casal, e a família era mais “estruturada”. Apontam que hoje em dia as pessoas já se casam pensando na separação, e que a mulher está muito independente, o que não é bom. Também destacam a questão do consumismo e a influência da televisão. Os trechos a seguir ilustram tal avaliação:

Porque a pessoa nem casa tá separando, às vezes tem o filho, logo separa, e as crianças que sofrem, né, com a separação dos pais. (Dalva)

Hoje não há respeito, porque você casa já pensando na separação... anos atrás a pessoa casava mais por amor, né, por consideração até. Primeiramente a falta de respeito, depois a mulher querer mandar em casa não dá certo. (Fátima)

Então tá pior, e o motivo é esse que a mulher tá muito independente. E o nosso mundo quando Deus criou tudo, Ele colocou leis para reger, e Deus colocou a mulher pra ela direcionar dentro de casa, administrar, e o marido que ia pra fora pra sustentar, né, pra manutenção do lar”. (Ivone)

A mulher respeitava muito o marido, e o marido a mulher... Elas pegaram o direito em tudo, elas querem sair sem o marido, querem fazer o que o marido faz, em tudo elas querem ser igual ao marido, e não é assim, o direito é você trabalhar... por isso que o casamento não atura. (Joana)

Já Berenice, Eva, Glória e Hilda acham que atualmente a vivência do casamento é melhor e comporta mais facilidades. Naquela época a mulher tinha que agüentar muita coisa para permanecer casada, pois não tinha como sustentar a si mesma e aos filhos. Não havia igualdade nos lares, diálogo. Hoje as mulheres trabalham fora, conquistaram

seu espaço, e as pessoas têm uma cabeça “mais aberta”. Destacam a importância da TV e internet para que essas mudanças ocorressem.

As mulheres de antigamente, sua mãe, a minha, eu, casamos pra ser empregada de homem... eles não queriam uma esposa, uma companheira, eles queriam uma empregada pra tomar conta da casa, lavar roupa, passar e pronto, a barriga no fogão. (Berenice)

Como é que ela ia sustentar a família, a mulher sem emprego, sem instrução, sem nada, aí ficava difícil pra mulher sobreviver, né. Então ela agüentava muita coisa. (Berenice)

Hoje em dia se tem mais liberdade... a moça tem mais liberdade, não é?! E naquele tempo não se tinha chance, era muito ruim... Hoje é mais liberdade... hoje tem mais separação, mas naquele tempo também as pessoas ficavam... não viviam, ficava um com o outro dentro de casa sem viver... não se gostavam. (Eva)

Hoje é melhor, hoje o casal casa, vive sem mistério dele se separar ou não, se tá bem vão viver, se não tá, vão se separar, troca de marido, troca de mulher, e vai. E no meu tempo, há cinqüenta, sessenta anos atrás as pessoas não estudavam tanto como hoje... era casar pra ter filhos. (Glória)

Considerando os resultados de forma conjunta, inferimos que as participantes na época em que eram jovens compreendiam o casamento como “única opção” para a mulher, como realização feminina, o que não significa que isso representasse o caminho mais fácil. Percebemos que a representação social das participantes sobre o casamento está ancorada em circunstâncias histórico-sociais que definiram diferenciações de gênero por meio de processos de normatização. Mesmo afirmando que não pensavam em como seria o casamento (como foi o caso de muitas) e que não discutiam sobre o assunto, ressaltam que a importância do mesmo para a definição da identidade feminina era inquestionável - eram educadas para o casamento. Até porque, nessa época, a importância do casamento e do papel da mulher na família era enfatizado de todas as formas, inclusive com o auxílio da mídia e da própria Psicologia.

Ao longo dos séculos, em virtude de interesses diversos, principalmente aqueles relacionados à transmissão da propriedade, a instituição do casamento consolidou-se

legalmente em inúmeras sociedades, e foram definidos os comportamentos apropriados para homens e mulheres no âmbito da relação conjugal. Nesse sentido, essa idéia do casamento como única saída apresentada pelas participantes está ancorada em concepções cuja determinação obedece aos fatores condicionantes socioculturais que se articularam no decorrer da história, e que também contribuíram para engendrar significações próprias para a condição feminina e para a maternidade.

4.1.2 A maternidade

Nossos resultados demonstram que, assim como o casamento, a maternidade era considerada “destino” das mulheres que viveram sua juventude nos anos 1960, sendo o centro da identidade feminina. Na verdade, maternidade e casamento, aqui, podem ser entendidos como faces da mesma moeda: ser mulher, que está inscrita em um sistema articulado, no qual também estão presentes representações de masculino, família, pai, marido, etc.

Casar-se e ter filhos constituía o ser mulher em meados do século passado, tanto que não se casar ou casar e não ter filhos significava “fracasso”. Ter filhos sem se casar também não era bem visto socialmente, o que deixa claro *quando* e *como* a maternidade era valorizada – no casamento. Assim, o gosto por crianças, a idéia de que o casamento só era completo com filhos e a crença em uma “natureza maternal” constituíam justificativas comuns quando a questão era a motivação para a maternidade:

E o casamento só é completo, gente, com os filhos, né? Como é que vai... a menos que a pessoa tenha problema. (Célia)

Ah, porque eu achava que o casamento tinha que ter filho, né, casamento sem filho é muito ruim, né. (Eva)

Não... era uma coisa minha mesmo, não foi influência não de ninguém, de nada não... vem da gente mesmo. (Hilda)

Naquele tempo pra ser mãe tinha que casar, né, foi uma coisa que me motivou muito a casar, porque através do casamento eu teria meu marido, o meu amor, e teria também meus filhos. (Ivone)

Como podemos notar em tais afirmações, o sentido atribuído à maternidade pelas participantes da 1ª geração também está ancorado em idéias que foram sendo construídas ao longo da história sobre o que era próprio ou não para as mulheres, e que foram sendo transmitidas de geração a geração. Logo, essa idéia da maternidade como função feminina ancora-se em concepções construídas a partir de uma interpretação restrita de fundamentos biológicos difundidos a partir do século XVIII, concepções essas que foram empregadas para convencer as mulheres de seu papel primordial na reprodução, e convencê-las da adequação da fusão feminilidade - maternidade. Nesse sentido, acreditamos que essas idéias decorrentes de contextos historicamente localizados estão sedimentando as representações de nossas participantes, apesar das próprias mulheres não conhecerem em toda a extensão as implicações que estão em jogo.

Isso explica o fato de tal questão também não chegar sequer a ser discutida ou comentada entre as moças da época ou com seus maridos, mantendo o desconhecimento de como se dá a concepção e de como ela poderia ser evitada (métodos contraceptivos). A maioria das participantes afirma que não havia qualquer planejamento em relação à maternidade.

Bassanezi (2002) ressalta que ter filhos fazia parte dos projetos dos cônjuges, sem que isso fosse muito questionado. Para a mulher, ter filhos e dedicar-se aos mesmos era

sua obrigação social, sua missão, da qual dependia não apenas a continuidade da família, mas o futuro da nação.

Tinha amigas que tava noiva e tudo, mas não comentava nada de filho, nem nada, acho que... não sei, naquela época a gente não conversava essas coisas, a gente não comentava essas coisas não, que eu me lembre não. (...) Aconteceu, porque a gente não conversava sobre se ia arrumar filho, se queria um ou dois, nada disso a gente num... nunca conversei sobre isso, porque eu logo casei, fiquei grávida. (Dalva)

Ia acontecendo, conversava não, naquele tempo ninguém conversava não, filha, ninguém conversava não, não é como hoje que a pessoa vai ganhar neném, sabe, né, idealiza e tudo... Naquele tempo não era assim não... o negócio era fogo, minha filha. (Eva)

Eu só pensava em casar pra mim... casar, ter meu marido, ter minha liberdade, ter minha vida, mas filho não, eu não sabia nem como é que os filhos vinham ao mundo direito, como é que eu ia planejar um filho? (Glória)

As expectativas em relação aos filhos se restringiam, principalmente, à questão de nascerem com saúde - “sempre pedindo a Deus que viesse perfeito né, que viesse perfeito” (Célia) -, e terem oportunidade de estudar, embora também tenha surgido a questão do cuidado. Não havia, de forma geral, preparação para a maternidade, ia-se aprendendo no dia-a-dia, com a prática mesmo. Quando já havia um contato prévio com crianças, como por exemplo, sobrinhos, essa experiência ajudava no cuidado com os próprios filhos.

Sabia nada, tava preparada nada, sabia nada, fui aprendendo, né, com a minha sogra, com a minha mãe, né, porque a gente num espera, né, não sabe nada, e logo fica grávida, então a gente vai aprender depois que tem o filho, né, que a gente vai tendo e aprendendo, né. (Dalva)

Não tinha como evitar não, não tinha remédio, não tinha outro jeito, eu não tinha experiência (...) A gente não podia tomar remédio, que era pecado, era isso, era aquilo, era contra a lei de Deus, então a gente teve os filhos que teve e pronto (...) Eu não achava que sabia tudo, eu só achava que tinha esse sofrimento todo né, que a gente, que a mulher passa. (Joana)

Como se pode perceber, a crença religiosa também tem papel bastante importante para as mulheres dessa geração. Ter filhos, sobretudo, com saúde e “bem encaminhados” na vida é motivo de agradecimento a Deus. Além disso, garantir uma formação religiosa aos filhos é visto como importante na sua educação.

Mas graças a Deus tá muito bom, Deus é muito bom, ter os meus filhos, peço a Deus que dê saúde a todos. (Ana)

Eu tenho os meus quatro filhos perfeitos, uma bênção de Deus, uma bênção! (Célia)

A religião também, muito, porque né, a gente ao ler a bíblia, a gente vê qual o que Deus determinou, Deus falou que não era bom que o homem estivesse sozinho né, que Ele ia arranjar pra ele uma companheira, uma ajudadora e mandou que crescesse e multiplicasse, que a mulher gerasse filhos, né... então também aí a religião teve muita influência na minha vida. (Ivone)

De qualquer forma, na avaliação da maternidade todas as participantes ressaltam os aspectos positivos: “A melhor coisa do mundo” (Berenice), “Meus filhos foram a bênção... tudo o que eu queria, entendeu? Tudo o que eu queria” (Célia), “É muito bom, ser mãe é a coisa melhor do mundo, você ter um filho é bênção do Senhor, filho é bênção do senhor, bênção de Deus” (Joana). As dificuldades relacionadas à maternagem e ao cuidado dos filhos, à falta de tempo para si própria e para o marido, às interferências no relacionamento conjugal, e à impossibilidade de dar continuidade aos estudos e trabalhar fora acabam ficando de lado. Para nove de dez participantes, ter filhos não interferiu em outros projetos, embora em vários momentos apontem as dificuldades encontradas para cuidar sozinhas dos filhos.

Tais crenças estão ancoradas na idéia da maternidade como fonte de realização e completude para a mulher, como parte da essência feminina, o que as leva a conferir menor importância a outras questões relacionadas ao ser mãe.

Remetendo-nos aos dados tal como resultantes da utilização do Alceste, constatamos que a Classe 1 aborda exatamente essa questão da maternidade ser vivenciada como realização, justificando-se qualquer dificuldade ou sacrifício em favor dos filhos. Considerando os conteúdos dessa classe, verificamos que a representação social do ser mulher / mãe foi engendrada pela oposição presente no *themata abnegação x realização*, o que justifica que as avaliações da maternidade tenham se revelado, normalmente, positivas, pois há naturalização do sofrimento, dos problemas, como se fossem inerentes à maternidade.

Mesmo a participante que afirma que a maternidade atrapalhou toda sua vida e que se não tivesse tido filhos seu casamento teria sido melhor (Glória), ressalta que não se arrepende ter tido seus filhos, pois “*é muito bom ser mãe*”, e o amor da mãe pelos filhos nunca é “abalado”. Tal fato evidencia a ambigüidade com que a maternidade é, muitas vezes, experimentada. Há também a questão de que as mudanças pessoais atribuídas à chegada dos filhos são consideradas positivas, de forma geral.

Não podemos perder de vista que essas participantes estão falando, hoje, sobre representações e comportamentos que apresentavam quando eram jovens, de acordo com sua memória. Nesse sentido, algumas representações que revelam atualmente (que estão inseridas numa rede de significações mais ampla) podem atuar reconstruindo e agregando significados à forma como entendiam o fenômeno da maternidade no passado. Até porque as transformações pelas quais passaram ao longo dos anos podem ter infirmado algumas de suas crenças.

Como compreendemos que as representações sociais são orientadoras das práticas sociais, buscamos conhecer as práticas cotidianas das participantes (através de relato)

quando tinham os filhos pequenos para aumentar a chance de verificar correspondência entre representações e práticas.

A vida em função dos filhos fica evidenciada nas estruturas da grande maioria das participantes. Como já mencionado, apenas três participantes trabalharam fora quando os filhos eram pequenos; as demais se dividiam entre o cuidado com os filhos e com a casa. Mesmo aquelas que exerciam atividades remuneradas em casa, como costurar ou bordar, eram também as responsáveis pelo gerenciamento da vida doméstica e se dividiam entre as tarefas. Algumas contaram com a ajuda dos filhos maiores, sobretudo das filhas, com a casa e com os filhos menores. Algumas mulheres puderam contar com o apoio de empregada e / ou lavadeira (uma minoria). A despeito disso, em todos os casos fica clara a responsabilização da mulher por essas questões domésticas, conforme exemplos abaixo:

Então você pode entrevistar os meus quatro filhos que tudo primeiro era eles, entendeu? Não é porque eu... babaquice minha não, porque é que eu assumi o que Deus me deu. (Célia)

Eu não pensava em mim naquela época... eu girei em torno deles, você entendeu como que é, nunca girei pra mim, trabalhei a minha vida inteira pra eles, não pra mim. (Fátima)

Mas era aquela vida corrida... Com as crianças tudo pequenas e eu sozinha... então, era aquela vida corrida (...) Eu mesma que corrigia, castigava, era tudo eu porque ele não tava aqui, então, era tudo eu mesma, passava tudo por mim. (Hilda)

É muita luta, porque uma mãe tem muita luta com os filhos. (Joana)

Os resultados organizados a partir do programa Alceste também apontam nessa direção. Os conteúdos da Classe 1, interpretados como afirmações passíveis de serem reunidas sob uma categoria que se caracteriza por referir-se a “reflexões”, apontam a criação e educação dos filhos como responsabilidade da mulher, da mãe, que, sendo assim, precisa assumir esse encargo da melhor forma possível. A questão da rotina

doméstica, já em um plano categórico referente a “práticas”, constitui a Classe 3, que aborda o cotidiano da mulher com os filhos pequenos, incluindo os cuidados cotidianos com os filhos e com a casa. Nessa classe também aparece a “ajuda” do marido e dos filhos; com a ressalva de que essa ajuda deve ocorrer no sentido de manter o que foi “arrumado” pela esposa. Como mencionamos anteriormente, identificamos a presença do *themata obrigação x satisfação* nessa Classe 3, contribuindo, portanto, para a produção do sistema de representações em torno da mulher / mãe.

A vinculação da mulher à esfera privada e do homem à esfera pública, por sua vez, aparece nas classes 4 e 6, que, inclusive, constituem um subgrupamento, que destaca as desigualdades de gênero na esfera familiar e conjugal. Acreditamos que as oposições presentes na Classe 4 – *subordinação real x autonomia sonhada* – e na Classe 6 – *inquietação x conformismo* – também participam da produção da rede de representações sociais que abarca o feminino na família.

Quanto à educação dos filhos, é interessante perceber que várias participantes desse grupo fazem referência à necessidade dos filhos respeitarem os pais e à necessidade de discipliná-los, em vários casos batendo ou castigando (como faziam Ana, Célia, Dalva, Hilda e Joana). Apesar disso, também destacam como importante na educação e criação a formação religiosa (Ana, Célia, Glória, Ivone), diálogo (Célia, Fátima, Glória), compreensão (Eva), ser amiga dos filhos (Glória, Ivone), o amor (Dalva, Hilda, Joana), ensinar a ter responsabilidade (Célia, Glória) e a ser honesto (Berenice), ter respeito pelos outros (Berenice), incentivar a estudar (Ana). Há aquelas que defendem que bater não é a melhor alternativa, como Eva e Fátima:

Eu nunca bati em filho, não precisa bater pra educar, sabe, às vezes, às vezes os filhos saem da linha, sabe, às vezes tem hora que o filho sai da linha mesmo, sabe, mas eu nunca bati. (Eva)

Não adianta bater, não adianta brigar, você tem que sentar e conversar: Isso está errado, isso está certo, cê deve fazer assim... né, pra ver se a gente chega a um acordo né... Eu nunca fui de ficar batendo muito não, mas... batendo muito não, mas eu sempre conversava. (Fátima)

Uma participante (Joana) também enfatiza que se a mulher puder não trabalhar fora é melhor para a educação dos filhos. Ressalta que as mulheres não estão atentando para isso, por isso há tantos problemas: *Se não mudar o jeito das mulheres novas que vem hoje, o mundo vai muito mal, porque o seio da causa é a mulher, porque ela vai trabalhar, ou deixa os filhos dentro de casa com a televisão ligada, ou deixa uma pessoa qualquer, ou deixa na rua... e a mãe é muito importante na criação dos filhos.* (Joana). Outra participante (Dalva) menciona que o fato de não ter estudado dificulta a educação dos filhos: *Acho que depois que a gente tem filho, a gente começa a querer educar, e não sabe às vezes a maneira certa de educar né, a gente acaba educando... a gente fica assim né. Mas eu acho que isso tudo é falta de, da gente estudar.* (Dalva)

Algumas participantes mencionaram a rotina difícil e solitária com os filhos pequenos, como foi o caso de Ana, Glória e Hilda, que tinham que dar conta de tudo sozinhas, o que inclusive afetava outros aspectos de suas vidas, como o próprio relacionamento conjugal (Ana e Glória). A preocupação com a questão dos horários (de alimentar, dar banho, trocar, levar para escola, colocar para dormir, etc.), o cuidado com a saúde, o apoio e o controle em relação à educação formal, a separação das brigas entre irmãos, a disciplina, a orientação / aconselhamento, são aspectos da rotina diária explicitados nas falas de várias de nossas participantes, e nos dão indícios claros de que as representações sociais tradicionais acerca do ser mulher / mãe estão orientando suas práticas. Tais práticas, ao mesmo tempo, contribuem para a manutenção das mencionadas representações.

Pelos relatos das práticas podemos observar que tudo que diz respeito ao dia-a-dia dos filhos acaba ficando sob responsabilidade das participantes-mães, embora algumas mencionem a participação dos maridos. Nesse sentido, percebemos que a maternidade acaba ocupando um lugar central na vida dessas mulheres.

Isso também fica explícito quando as participantes fazem comparação entre épocas e gerações. Embora destacando as transformações que possibilitaram à mulher o exercício de outros papéis além do de esposa e mãe, percebemos que a maioria das entrevistadas vê a atividade materna como principal tarefa feminina, de forma que tal tarefa não pode ficar em segundo plano “jamais”, nem deve ser dada a outros (como empregadas, avós, professoras, etc.), pois dela depende a boa educação e o futuro dos filhos. Há quem julgue que a situação hoje está pior justamente porque as mulheres têm abdicado de seu verdadeiro papel (Ana). Por outro lado, é quase unânime a opinião de que atualmente há mais facilidades para se ter e criar filhos.

Apenas três participantes (Berenice, Dalva e Glória) afirmam explicitamente que a maternidade, hoje, não é e não deve ser o centro da vida feminina, pois cabe à mulher seguir também seus próprios objetivos, e dividir a responsabilidade referente aos filhos como o marido. A fala de Berenice espelha tal opinião: *A mãe com esse negócio de precisar trabalhar fora e... quer ser independente, né, (...) elas tão criando o espaço delas e eu acho isso certo... elas estão também olhando pro lado delas... Porque na minha época a gente só vivia pros filhos, hoje a mulher já tá aprendendo a dividir, uma parte pra ela e uma parte pros filhos”*.

De qualquer forma, podemos perceber a existência de um lugar de destaque na família para a mulher, pois tudo gira em torno dela. A esse respeito Rocha-Coutinho (1994) propõe:

A nova concepção de maternidade e família, desta forma, elevou a mulher à condição de “rainha” do lar, o que, de um lado lhe fechou as possibilidades de poder e prestígio no espaço público – espaço do homem por excelência –, construindo para ela uma identidade cujo eixo central é a maternidade inscrita no corpo feminino, e de outro, lhe deu uma quase total autoridade e controle sobre a casa, os filhos e a família (Rocha-Coutinho, 1994, p. 152).

4.1.3 Papéis masculinos e femininos na família – Representação social e identidade de gênero

Com os processos de modernização e urbanização que começaram a ganhar força nos anos 1950 e atingiram, especificamente, as famílias dos estratos médios, a escolarização formal passa a ser fonte de êxito, e surge como uma possibilidade na preparação dos filhos, seja para manter a posição social da família, seja para possibilitar sua ascensão econômica e social (Vaitsman, 1994).

Contudo, esse incentivo à educação era diferenciado de acordo com o gênero, tendo sentidos diferentes para meninos e meninas, que precisam cumprir diferentes expectativas.

No caso das meninas, o estímulo à educação significava, na maioria dos casos, sobretudo um investimento para o bom cumprimento dos papéis na família. (...) Para os rapazes, as carreiras que se colocavam como apropriadas constituíam um investimento para o bom desempenho de papéis públicos (...) aos homens, o mundo instrumental do prestígio, poder e riqueza; às mulheres, as atividades expressivas associadas à vida familiar e privada (Vaitsman, 1994, p. 183).

Apesar de constituírem possibilidade complementar ao casamento para as mulheres da camada média, a escolarização e a profissionalização não estavam igualmente disponíveis para as mulheres das classes populares, sobretudo as da zona rural. Estas tinham suas tarefas em casa e na roça e não podiam “perder tempo” com os estudos, atividade vista como “desnecessária” para as mulheres. Além disso, naquela época, não havia escolas públicas nas cidades do interior do estado, de forma que para

estudar as pessoas tinham que se mudar para os grandes centros urbanos, o que acabava sendo menos aceitável para a mulher.

No caso de nossas participantes, a possibilidade de dar prosseguimento aos estudos antes do casamento esteve presente apenas para Célia, pertencente à classe média na época em que era jovem, que chegou a concluir o ensino médio – cursou o “magistério”. Sete participantes não concluíram o ensino fundamental (quatro dessas cursaram apenas o primário). Após o casamento, apenas Glória e Ivone puderam dar continuidade ao processo de escolarização, a primeira chegando a concluir o ensino médio e a segunda, o ensino superior. A fala de Joana é ilustrativa: *“Não tinha esse negócio, casou era ali pra tomar conta da casa e até ir pra roça com o marido”* (Joana).

Interessante notar que o Magistério ou Curso Normal, na época em que as participantes eram jovens, representava uma “possibilidade” para as moças de classe média. Tal profissão era vista como apropriada às mulheres, pois se ajustava aos papéis de esposa e mãe, e não entrava em choque com os interesses familiares. Ana, a participante mais velha, “formou” todas as filhas professoras, e destaca a idéia da “professora como segunda mãe” e o valor dessa profissão.

Considerado o mais próximo da função de “mãe”, o magistério era o curso mais procurado pelas moças, o que não significava sequer que todas as estudantes fossem exercer a profissão ao se formarem, pois muitas contentavam-se apenas com o prestígio do diploma e a chamada “cultura geral” adquirida na escola formal. (Bassanezi, 2002, p. 625)

A educação formal no contexto de vida de nossas participantes era prioridade apenas para o homem, que precisava de qualificação para conseguir um bom trabalho, e para cumprir com seu papel de homem. Tanto é que os maridos de cinco participantes continuaram estudando após o casamento, concluindo o ensino superior (em três casos,

os maridos cursaram mais de um curso de nível superior). À mulher bastava saber “assinar o nome”, já que seu principal projeto / função era casar e ter filhos.

Vontade de estudar eu tive muito, desde solteira, de nova, mas meu pai não deixava, porque ele achava que a mulher quando sabia assinar o nome dela chegava, porque ela ia casar, porque o marido que tinha que ter estudo, ele que tinha que trabalhar, entendeu, não a mulher. (Joana)

Como quando a gente casou ele [marido] continuou estudando, porque ele continuou e ele estudou mais, porque ele também era novinho quando casou, então se ele, se ele fosse pensar, talvez fosse hoje ele me daria força pra mim estudar, eu não liguei e ele também num, num achou que precisasse não, aí eu num estudei, né. (Hilda).

Quando eu quis voltar [a estudar] eu já tinha começado a namorar com ele [marido], ele achou que não, que não precisava... Ele era machista, o meu marido era machista, achava que ele que tinha que, ele que tinha que dar a conta do recado. (Berenice)

Mesmo com a abertura à escolarização e profissionalização feminina nos anos 1950, e com a entrada maciça da mulher nas universidades a partir da década de 1960, demorou certo tempo para que a inserção da mulher no mundo do trabalho fosse significativa, e para que as mudanças políticas, econômicas e sociais transformassem efetivamente as relações de gênero. Até porque, o fato de cursar o nível superior não significava, necessariamente, o exercício profissional depois de formadas. De qualquer modo, é inegável a importância desse contexto em que as mulheres passaram a poder se dedicar aos estudos para o rompimento com as hierarquias de gênero e com os preconceitos seculares, que justificavam o uso de provérbios do tipo: *Mulher sabida é mulher perdida*. Ou ainda: *Da burra que faz “him” e da mulher que sabe latim, livra-te a tu e a mim*.

A pouca expressividade do trabalho feminino fora de casa (considerada a classe média) em meados do século XX é evidenciada em nossos dados. Entre as participantes da 1ª geração, apenas três trabalharam quando os filhos eram pequenos (Célia, Glória e Ivone). Dessas, duas desenvolviam atividades que permitiam certa flexibilidade

(vendedora de jóias, no caso de Célia, que chegou a trabalhar um tempo no magistério, mas depois parou, e vendedora de roupas, no caso de Glória, que começou a trabalhar quando o filho mais novo já tinha sete anos). Apenas Ivone tinha um emprego formal (professora), e uma maior carga horária de trabalho.

A grande maioria das mulheres, nessa época, dedicava-se aos filhos e ao lar, o que constituía, então, a principal função feminina. O trabalho fora de casa exercido pelas mulheres não era bem visto socialmente, de forma que os homens impediam a participação de suas filhas e esposas em funções extradomésticas. O preconceito contra o trabalho feminino ainda estava muito presente e com características bem agudas nessa época, conforme podemos observar nas falas a seguir:

Meu marido falou: Ah, nós vamos casar, mas eu quero... naquele tempo a mulher não usava trabalhar... quase não usava, né, ele falou: Eu quero... eu quero que você fique em casa. Aí eu num, num trabalhei mais. (Ana)

No começo não, eu me acomodei, mas depois eu senti necessidade, mas ele [marido] nunca deixou fazer... eu comecei até a fazer... porque eu gosto muito de cozinha né, aí eu comecei a fazer bolo, torta, essas coisas pra fora e ele proibiu... E a "besta" aqui... abaixei a cabeça. Quis voltar a estudar, Não, vai voltar a estudar não, e os filhos, ficam com quem? Então, ele [marido] jogava tudo em função dos filhos. (Berenice)

Vaitsman (1994) destaca que, apesar da legislação de 1943 conceder permissão à mulher casada para o trabalho fora de casa sem autorização expressa do marido, essa prática só era legitimada se o marido não conseguisse sustentar sua família sozinho. Do contrário, cabia ao homem o exercício de atividade profissional fora, ficando mantida a dicotomia e a desigualdade de gênero.

Articulando tais considerações com os resultados obtidos a partir do processamento do Alceste podemos notar que a Classe 4 constante do dendrograma referente a esse grupo aborda a limitação feminina à esfera doméstica. Nessa classe, os projetos femininos que ultrapassam os limites do lar parecem ficar em segundo plano,

dando lugar aos projetos masculinos, sobretudo os profissionais, que se desenvolvem no espaço público. Dessa forma, o *themata subordinação real x autonomia sonhada* está na base de como o papel feminino na família é compreendido pelas participantes.

É importante ressaltar que as próprias mulheres mantêm concepção bem tradicional a respeito da função feminina. Como podemos observar nas estruturas individuais, a maioria de nossas participantes propõe que a principal função da mulher é cuidar dos filhos, da casa e do marido (incluindo, fazer tudo para “agradá-lo”), ao passo que ao homem cabe o provimento. Mesmo as que destacam os avanços feministas e os valorizam, não desprezam a importância da dedicação feminina ao lar. Além disso, fica evidente a ambiguidade em relação à questão: Fátima, por exemplo, ao mesmo tempo que diz ter feito uma “burrada” por ter vivido em função dos filhos e do marido, argumenta que hoje as coisas pioraram porque a mulher quer mandar em casa, e cumprir um papel que não é seu. A fala de Glória também é bastante ilustrativa:

A mulher trabalha fora, tudo bem, a mulher trabalha fora, mas ela, as que eu conheço, elas não compram nada pra dentro de casa, elas não compram um imóvel, não pagam uma casa, elas não compram um carro pro marido, elas querem “que o marido dá” a elas, entendeu? Se for “pra elas manter” uma casa, elas não vivem com o marido, elas querem que o marido mantenha tudo e ainda faça o papel delas, que é ser mãe, dona de casa. Então, elas podem trabalhar, mas elas têm que cumprir com a obrigação delas dentro de casa, porque ela trabalha pra vaidade, pra luxo, a mulher só trabalha pra isso, pra comprar brinco bonito, pra comprar roupa bonita, é, cuidar da pele, do cabelo, e o homem não, o homem trabalha pra sustentar a família, ela, os filhos, a casa, é o que eu vejo hoje. (Glória)

Sarti (2003), ao estudar as relações entre homem e mulher em famílias populares brasileiras, destaca a explícita divisão de papéis, sendo a mulher a chefe da casa (dona de casa, cuidadora - a “patroa”), e o homem o chefe da família (autoridade moral, mediador com a esfera externa).

Merece destaque também a questão da mulher acompanhar o homem em seus projetos. Em vários casos, a mudança de cidade, por exemplo, deu-se em virtude do trabalho / carreira do esposo. Da mesma forma a impossibilidade da participante continuar os estudos ou trabalhar fora aparece relacionada à questão da prioridade de aperfeiçoamento profissional ser do marido, como evidenciado na Classe 4.

Unbehaum (2001) enfatiza que “entre as atribuições maternas e paternas uma delas continua sendo definida como tarefa das mulheres: o cuidado com os filhos, mantendo-se os homens como coadjuvantes nessa atividade” (p. 169). Propõe que para justificar essa situação, são amplamente utilizados argumentos que defendem a vocação natural da mãe para o cuidado e para a compreensão das necessidades da criança.

Todas as tarefas relacionadas ao lar eram realizadas pelas participantes, o que era visto como obrigação da mulher na época. A Classe 3 do dendrograma de classes referentes às mulheres da 1ª geração aborda, como vimos, essa questão. Algumas contaram com lavadeira, empregada, mas constituíam minoria. Não solicitavam a participação dos maridos, pois isso significava que não estavam dando conta do cumprimento de seu papel. Os maridos, quando muito, ajudavam a “olhar” os filhos quando isso não era possível para a esposa. Apenas três participantes (Célia, Dalva e Hilda) enfatizaram uma participação mais efetiva dos maridos em tarefas de casa; de qualquer forma, a responsabilidade maior cabia a delas.

Os resultados também apontam a educação e criação dos filhos como responsabilidade essencialmente feminina, sendo enfatizada sua rotina doméstico-familiar, como já foi observado nas classes 1 e 3 do dendrograma de classes.

A maioria das participantes da 1ª geração crê que ao homem cabe o provimento e a manutenção da família. Algumas vêem positivamente sua participação na esfera

doméstica, como Berenice, Célia, Eva, Joana, mas a maioria não vê tal participação como imprescindível, ocupando um papel “coadjuvante”. Na maioria dos casos a atividade preferida ou mais desempenhada pelos maridos em relação aos filhos era brincar e passear, ou seja, atividades relacionadas ao lazer, ficando a responsabilidade dos cuidados com a mãe (o que confirma dados de outras pesquisas com homens que se tornaram pais na década de 1980). Aos pais cabe apenas, como observou Jablonski (1998) nas respostas de seus participantes masculinos, *ajudar* suas esposas numa tarefa que é delas.

Interessante observar a fala de uma das participantes a esse respeito:

O homem não tem obrigação de chegar em casa e dar banho em filho, passar a roupa dele, lavar a roupa dele, não, a mulher tem a obrigação dela e ele tem a dele (...) E o homem, eu acho que não é tarefa do homem chegar dentro de casa depois do serviço e ir lavar roupa, passar roupa, cuidar de menino não, eu acho errado, eu acho um absurdo, não é errado não, eu acho o absurdo dos absurdos (...) Quem casa a vida é assim... Então eu acho muito esquisito o homem hoje em dia querer dar uma de mulher, homem é homem, mulher é mulher, cada um tem sua obrigação, um tem um jeito, o outro tem outro. (Glória)

Quanto à participação dos filhos nas tarefas domésticas, Berenice, Dalva, Hilda e Ivone destacam que os filhos não tinham tarefas em casa quando eram pequenos, independente de serem meninos ou meninas, pois sua obrigação era apenas estudar. Já Ana, Fátima, Glória e Joana apontam que as filhas tinham obrigação de ajudar a cuidar da casa e os filhos não (no caso de Ana, os filhos ajudavam o pai na oficina; Glória acredita que menino não deve fazer tarefas domésticas, pois isso pode afetar sua “masculinidade”; os filhos homens de Fátima e Joana até ajudavam, às vezes, mas não era uma tarefa definida, uma exigência). Célia e Eva são as únicas que afirmam que atribuíam igualmente tarefas aos filhos homens e mulheres quando eram pequenos (“todos faziam de tudo”).

Apesar das participantes enfatizarem, de forma geral, que educaram os filhos e filhas de forma igual, e que acham que é assim que deve ser, fica clara a diferenciação de acordo com o gênero no caso de algumas. Os filhos homens, na maioria dos casos, não eram envolvidos nas tarefas domésticas ou não participavam de forma equivalente à das filhas, realizando apenas tarefas específicas (como ir ao supermercado, encher litro de água, por exemplo). Eles também recebiam tratamento diferenciado por serem homens, em alguns outros casos - podiam chegar mais tarde da rua do que as filhas; não eram muito paparicados para não terem sua “masculinidade” afetada.

As meninas já eram mais, mais responsáveis, me ajudavam muito em casa, os meninos sempre foram mais malandrinhos, e eu num, num dava uma prensa mesmo, entendeu... (Glória)

O homem ele fica mais fora de casa, a menina é mais amiga da mãe, né, mas eu acho que tem que educar igual, né, mas sabendo que o filho homem, ele, por exemplo, se ele vai pra rua, ele pode chegar mais tarde, é só saber onde ele que está... (Ana)

Porque a filha você pode paparicar mais, você pode assim, é... tô falando de um modo geral, você pode paparicar, você pode enfeitar, você pode fazer mais chameguinho, mais carinho e se você ficar com muita coisa com o menino pode prejudicar a criança, eu acho que prejudica, eu conheço também caso que aconteceu isso. Prejudica na maneira da criança ser quando crescer... (Glória)

Antigamente tinha esse negócio: Ah, porque se o menino for fazer isso vai virar veado, se o menino fazer aquilo vai virar veado, tudo era... caía em cima da menina, né. (Berenice)

Assim, em termos práticos, o que se evidencia é uma educação assentada em relações de gênero assimétricas, em que fica muito claro o que é papel/função do homem e da mulher.

Nascimento (2006) também verificou divisão desigual de tarefas domésticas de acordo com o gênero em pesquisa com famílias de classe popular. Nestas, as filhas eram mais “exigidas” na realização de tarefas domésticas do que os filhos homens.

4.2 A 2ª geração de mulheres

4.2.1 O casamento

Como vimos, as participantes desse grupo nasceram nos anos 1960 e 1970 (quatro e seis participantes, respectivamente), de modo que viveram sua adolescência e / ou juventude principalmente nos anos 1980, período em que se deu, entre outros fatos, a abertura política após longo período de ditadura. Como fruto das discussões inauguradas com os movimentos feministas, sobretudo, nessa época já não havia um discurso uníssono acerca do papel da mulher na família e na sociedade, coexistindo idéias que, de um lado, apregoavam novas possibilidades para a mulher além da vida doméstica, e de outro, valorizavam o papel feminino tradicional (voltado para a maternidade e o casamento).

Apesar disso, observamos que para a maioria das participantes dessa geração que teve filhos nos anos 1990, o casamento ainda era um dos projetos de vida, como demonstram as falas a seguir: *Eu sempre fui assim, muito assim, tive poucos namorados e, assim, namorados com um tempo... assim, longo de namoro né, então, assim, a gente sempre com essa idéia de casamento.* (Diana); *Constituir família, ter filhos, eu acho que sempre tá assim nos planos da gente.* (Giovana); *Eu cresci pra casar e ter a minha família, ter minha casinha, eu fui, acho que eu fui educada pra isso.* (Isa).

Mesmo as participantes que planejavam primeiro seguir uma carreira profissional para depois se casarem (como Alice e Bárbara), ressaltam o casamento como projeto pessoal. Encontramos também entre algumas participantes certo temor de não se casarem, do casamento não dar certo, ou de “não darem conta do recado”.

Jablonski (2001) propõe que as pressões sociais para o casamento, embora sejam menos evidentes em nossos dias, afetam principalmente as mulheres. “Uma mulher que chegue aos 40 anos sem nunca ter se casado ou se unido maritalmente a alguém, será vista com reservas, desconfiança, podendo vir a sofrer algum tipo de discriminação” (p. 83). Isso nos leva a crer que mesmo com a disseminação de novas expectativas femininas (e também masculinas) de realização pessoal, o casamento ainda é uma opção “de peso” para as mulheres, o que possibilita a manutenção de configurações tradicionais em se tratando de vida familiar.

Também não podemos perder de vista que, atualmente, o casamento não é mais visto como incompatível com a realização de outros projetos femininos (como a carreira profissional, por exemplo), sendo possível a conciliação entre várias “prioridades”. Além disso, um dos ingredientes valorizados entre os indivíduos da sociedade contemporânea no que se refere ao casamento é a possibilidade de preservação da individualidade, o que tira o casamento da posição de oponente direto em relação a outros projetos pessoais.

Araújo e Scalon (2005) destacam que nos dias atuais a conjugalidade tende a ser norteadas pela autonomia, sendo passível de finitude e recomeço, o que expressa “um movimento de busca de relações orientadas por identidades afetivas e sexuais” (p. 35).

A participante Bárbara explicita claramente o desejo de primeiro se estabilizar profissionalmente e financeiramente para depois se casar. Atribui essa forma de pensar ao aprendizado com a mãe, que a incentivou a seguir um caminho diverso do seguido por ela: *Fazia parte do meu projeto de vida ter uma família, ter filhos, depois que eu tivesse razoavelmente estabilizada na minha profissão. Não passava pela minha cabeça*

me casar antes de ser independente dos meus pais, e essa é uma concepção que eu recebi da minha mãe. (Bárbara)

Apesar de valorizarem o casamento, e terem a “intenção” de continuarem casadas, como sugerem algumas participantes, a separação é sempre uma possibilidade, sendo aceitável desde que os motivos sejam “justos” (agressões físicas, ausência de amor, traição, desrespeito). A separação é entendida como processo comum nos dias atuais, e todas mencionam casos de pessoas próximas que se separaram (irmãos, pais, amigas) - uma participante, inclusive, revelou ter se separado do primeiro marido (Giovana). Apesar disso, há quem reconheça (Diana) que ainda hoje há preconceito contra a mulher que se separa, não havendo consenso em relação à separação ser ou não uma boa “saída”.

A Classe 2 do dendrograma de classes referente à 2ª geração agrupa conteúdos que colocam o casamento e a constituição de família entre os projetos de vida das participantes desse grupo, ao mesmo tempo em que a separação é vista como uma possibilidade. Isso sugere que do mesmo modo que o casamento continua sendo um dos projetos femininos, caso não dê certo existe a possibilidade de ruptura do relacionamento conjugal (separação), atualmente mais admitida pela sociedade.

A identificação do *themata projeto x receio* nos mostra que ao mesmo tempo em que a constituição de família e o casamento estão incluídos nos planos femininos, isso não significa que sejam o único projeto, nem que sejam idealizados como “mil maravilhas”, sem receios e inseguranças. Como já registramos antes, no caso da 1ª geração as participantes falavam mais de um ideal, que continha riscos, mas que deveria ser buscado, já para a 2ª geração estamos falando de algo mais concreto, um projeto dentre vários outros.

Vale destacar que, de forma geral, as participantes desse grupo se casaram jovens (média 22,7 anos – todas se casaram pela primeira vez com menos de 30 anos), sendo que duas participantes se casaram com menos de 20 anos (Helena e Julia). Percebemos estar em vigência uma idéia bastante romantizada do casamento e do marido entre a maioria: casar por amor, casar com o grande amor de sua vida. Também aparece a idéia do casamento como uma “obra divina” (Fernanda).

É preciso considerar que ser / ficar solteira deixou de ser o grande fantasma que assombrava a vida feminina, ao mesmo tempo em que o casamento passou a ser localizado em um contexto basicamente afetivo / sentimental, como propõe Jablonski (1998).

Ao passo que na 1ª geração o consentimento dos pais em relação aos pretendentes e escolha do marido estava bastante evidente, e tinha grande peso (sendo determinante, na maioria das vezes), nesse segundo grupo essa questão é menos expressiva. Apesar disso, Clara explicita a reprovação de sua mãe em relação à escolha de seu marido, o que perdurou por muitos anos ainda após o casamento. Julia, por sua vez, destaca que em sua família as mulheres tinham que casar muito jovens (em torno dos dezoito anos), pois os pais não aceitavam namoros longos e muito menos namorar e estudar ao mesmo tempo (tinha que ser uma coisa *ou* outra, não havia possibilidade de conciliação). Não existia uma valorização da continuidade dos seus estudos, posto que eram “criadas para casar”. *“Era aquela coisa de ter que namorar com dezoito anos e casar, lá em casa era assim”*. (Julia)

De uma forma geral, quanto ao namoro, no caso desse grupo, não havia tantas restrições, ou estas eram menos explícitas. Apenas Alice (que destaca que não podia ficar sozinha com o namorado no apartamento em que morava, tendo que ir encontrá-lo

na casa dos pais - a mãe temia que ela engravidasse), e Isa (cuja orientação religiosa reforçava que os namoros não fossem muito longos, e que não houvesse sexo fora do casamento), deixam mais claro um controle sobre o namoro. Já a participante que se casou com um homem mais velho e separado (Diana) afirma que não sofreu qualquer tipo de reprovação por parte de sua família, o que não significa que seu casamento tenha sido bem aceito pela sociedade. Giovana tinha total liberdade quando moça, pois a mãe não queria que se casasse jovem (e cometesse os mesmos erros que ela cometeu).

Podemos perceber também nesse grupo a importância da religião na manutenção de valores e papéis tradicionais. No caso das participantes evangélicas (metade das participantes) isso fica ainda mais evidente, pois ressaltam a importância dos ensinamentos recebidos na igreja em relação ao namoro e casamento (por exemplo, preservação da virgindade antes do casamento, escolha do pretendente entre membros da igreja, etc.). As participantes evangélicas também são as que mais enfatizam a necessidade de subordinação da esposa ao marido (mesmo fazendo ressalvas – a mulher não deve ser tão subordinada quanto antigamente), mantendo o homem no lugar de chefe da família.

Segundo as participantes, o casamento era assunto freqüente nas conversas com amigas e com parentes e era um ideal compartilhado pela maioria. Apenas Bárbara afirmou que não conversava muito sobre o assunto, pois isso não era uma preocupação para ela, que tinha outros planos além do casamento. As expectativas, de modo geral, eram positivas e bastante romantizadas, e em alguns casos essas expectativas não foram totalmente concretizadas:

Achava assim que, que seria a lua de mel, em todo o sentido da palavra, sem uma briguinha, sem um desentendimento, aquela casa maravilhosa igual de boneca, tudo limpinho, tudo arrumadinho, imaginava isso. (Alice)

Eu acho assim, que quando a pessoa tá pra casar, uma jovem que tá pra casar, ela pensa no casamento completamente o oposto do que o casamento é (...) eu acho que é mais complicado, a gente pensa de um jeito e na hora não é nada daquilo. (Diana)

De fato, a sociedade contemporânea contribui para a criação de expectativas conjugais difíceis de serem alcançadas. A esse respeito, destaca Jablonski (1998):

Ao tornar sinônimos amor e casamento, este ainda visto pela maioria das pessoas como indissolúvel e monogâmico, a cultura, ela própria, cria uma armadilha inescapável para os jovens nubentes, gerando uma expectativa que não poderá se cumprir, com todas as frustrações e conseqüências funestas que advêm de esperanças alimentadas e em seguida abortadas. (p. 85)

Dois participantes (Bárbara e Elisa) destoam do restante do grupo ao apresentarem expectativas menos romantizadas e mais realistas: *Como eu nunca procurei um príncipe encantado... como eu nunca tive expectativa de nada muito perfeito e sem problemas, não tive decepções nesse sentido (Bárbara; Às vezes eu tinha até assim, um pé atrás no casamento, por causa disso [separação dos pais]... eu nunca tive aquela coisa de ilusão, eu tinha pé no chão mesmo. (Elisa)*

Todas as participantes afirmam que o casamento não atrapalhou outros projetos de vida; as mudanças decorrentes do casamento não são vistas como interferências. Mudar-se de cidade em função do trabalho do marido (como foi o caso de Alice, Fernanda e Julia), não ter dado prosseguimento aos estudos, ter parado a faculdade, ter “pulado uma etapa da vida” em virtude do casamento (Helena), não são fatos mencionados como prejuízos. Uma das participantes (Bárbara), inclusive, foi categórica em afirmar que não permitiria qualquer interferência em seus projetos: *Nunca permiti que o casamento interferisse em absolutamente nada que fosse meu projeto de vida. (Bárbara)*

A possibilidade de continuar trabalhando e estudando após o casamento, e com a “aprovação” e incentivo do marido, é apresentada por algumas mulheres desse grupo como exemplo de que foi possível conciliar o casamento com outros projetos pessoais.

A classe 3 do dendrograma da 2ª geração aponta as dificuldades encontradas no início da vida familiar e conjugal e, ao mesmo tempo, as possibilidades de lidar com tais desventuras, revelando a presença do *themata* dificuldade x viabilidade. Isso sugere que a forma como as participantes dessa geração estão compreendendo a vida conjugal e familiar distancia-se de concepções muito idealizadas, características da geração mais velha.

Ao avaliarem o relacionamento conjugal as participantes desse segundo grupo parecem falar mais tranquilamente das dificuldades relacionadas à vida a dois. Alice, por exemplo, expôs as dificuldades do início do casamento (ciúme excessivo do marido, insegurança, agressão física) e problemas mais atuais, como dificuldades financeiras, controle excessivo do marido em relação aos filhos. Chega a reconhecer que errou em ter ficado muito dependente e submissa no início do casamento. Clara destaca as dificuldades iniciais resultantes da convivência e o período em que o marido esteve desempregado. Elisa também aponta os problemas conjugais decorrentes do fato do marido beber muito, e diz que hoje estão num momento melhor do casamento, depois de ter chegado a pensar em desistir (separar-se). Julia, apesar de se considerar muito feliz, expõe a infidelidade do marido no início do casamento (chegaram a ficar vários meses separados por conta dessa situação), a dificuldade do marido em se abrir com ela, e ressalta o problema que estão vivenciando hoje em decorrência da grave doença da sogra.

Contudo, no todo, percebemos uma tendência a ressaltar os aspectos positivos ao avaliarem o casamento (companheirismo, ter constituído uma família, chegada dos filhos, não estar sozinha, fazer planos juntos, ter uma pessoa especial como esposo ao seu lado, compra do apartamento, entre outros) e uma tentativa constante de superar os aspectos negativos, tais como as dificuldades financeiras, as concessões constantes, a renúncia aos desejos pessoais, a imaturidade do casal, entre outros itens. O amor e o companheirismo são realçados como importantes ingredientes para lidar com as adversidades da vida familiar e conjugal.

Em relação ao casamento dos pais, as participantes apontam semelhanças e diferenças. Bárbara, Elisa, Fernanda, Giovana e Isa enfatizam a inexistência de similaridades, ressaltando apenas pontos de divergências, e destacam que buscaram ter um relacionamento totalmente diferente do casamento dos pais. Bárbara, inclusive, ressalta que foi sua própria mãe quem lhe incentivou a buscar um relacionamento diferente do dela.

Minha mãe me preparou para necessariamente não passar por alguns erros que, segundo ela, ela cometeu. Então, eu recebi instruções explícitas (risos) de: Não dependa nunca de um homem, é... tem uma expressão que ela usa, como é que é, que é pesada pra caramba, é, Não seja nunca capacho de um homem. Então, não tem, não tem absolutamente... eu não consigo pelo menos enxergar nada de parecido. (Bárbara)

Eu sempre pensei em nunca ser igual minha mãe, porque a minha mãe ela se omitiu muito... ela cuidou muito dele, eu acho que você tem que cuidar dele e de você... mamãe era a sombra de papai, mamãe cuidava dos filhos, fazia tudo que papai queria... acho que não dá certo você ser a sombra de outra pessoa, você tem que ter suas vontades, suas necessidades, objetivos. (Elisa)

Eu acho que é muito diferente... se tiver [semelhança] eu não percebo. (Isa)

A principal diferença mencionada pela maioria das participantes (seis delas - Alice, Diana, Bárbara, Elisa, Helena, Julia) é o fato da mãe não ter trabalhado fora, como pode ser observado no trecho a seguir: *Antigamente o mercado de trabalho era*

muito restrito, como que minha mãe ia trabalhar, né. Teria condição, mas nós iríamos ficar abandonados, praticamente, né, e ela ia ficar mais na licença maternidade do que tudo. (Alice)

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) ressaltam que um dos aspectos que diferencia a geração atual de gerações anteriores é que a maioria das mulheres atualmente trabalha fora (nove das dez participantes da 2ª geração trabalham ou trabalharam fora). Propõem que a realização profissional e o sucesso pessoal são objetivos das mulheres dos dias atuais, o que faz com que, muitas vezes, abram mão ou posterguem projetos tradicionalmente vinculados às mulheres, como o casamento e a maternidade.

A classe 4 resultante do processamento dos dados proporcionado pelo Alceste foi produzida principalmente pelas participantes que trabalham ou trabalhavam fora quando os filhos eram pequenos, e sugere que a entrada da mulher no mundo do trabalho não se deu sem ônus, pois elas tiveram que articular a rotina profissional com a familiar.

Também se evidenciam diferenças em relação à geração das mães decorrentes especificamente do comportamento e “temperamento” do pai (muito ciumento, mais calmo, mais expansivo), e do temperamento / características pessoais da mãe (mais autoritária, mais “brava”, mais controladora). Julia destaca que os pais são mais unidos que ela e o marido, o que constitui uma diferença. Isa, por sua vez, resalta que a mãe sempre foi muito omissa, e deixava todas as decisões por conta do esposo, o que não acontece em sua casa.

Como semelhança / repetição as participantes apontam: a submissão da mãe (Alice), a valorização e união da família (Alice, Helena, Diana), a discussão de problemas perto dos filhos (Clara), a dedicação aos filhos (Giovana, Helena), a

dificuldade em trocar carinho com o esposo publicamente (Isa), o adultério do marido (Julia), a arrogância e grosseria do marido (Julia).

Ao fazerem comparação entre a vivência do casamento atualmente e na época de suas mães, percebemos que não há consenso de opiniões. Com exceção de Bárbara, as demais participantes apontam diferenças entre as épocas. Contudo há quem considere as mudanças positivas - como Alice, que aponta que nos dias de hoje homens e mulheres compartilham decisões; Giovana, Helena, e Isa, que acham que hoje as pessoas ficam juntas porque querem e não por obrigação, o que se deve à independência feminina e à sua valorização; e Julia, que crê que hoje há mais diálogo e menos submissão feminina – e quem avalie que antigamente era melhor em certos aspectos, como respeito, certa submissão feminina, menos liberdade (Clara, Diana, Fernanda).

Naquela época a mulher não era independente, então, quer dizer, hoje em dia... antigamente a mulher não peitava o marido, assim, chegava na cara e falava as coisas, hoje em dia, fala, ela fala o que ela pensa, ela fala o que ela quer, se não gostou, não gostou, entendeu? Então ela... hoje a mulher não tem medo de pegar os filhos e ficar sozinha junto com eles, eu acho que o que mudou foi isso. (Diana)

E hoje, eu acho que tá uma safadeza, uma permissividade, tudo pode, tá liberado demais da conta. (Fernanda)

Interessante notar a contradição apresentada por Isa e Julia: apontam hoje como sendo mais fácil porque a mulher deixou de ser submissa; por outro lado acham deve haver certa submissão (não tanta como antigamente) para que o casamento dê certo. Acreditamos que essa ambigüidade está assentada no confronto entre valores atuais e valores tradicionais e religiosos.

Para Bárbara, não dá para dizer que o casamento hoje é diferente de há trinta anos, pois há diferentes realidades. “*Mudou pra uns, pra outros não*”. Contudo, admite que hoje haja muito mais informação que antigamente. Apesar de Clara afirmar que na época de sua mãe a vivência conjugal era melhor, faz uma ressalva. “*Mas eu acho que*

antigamente não era ruim e nem agora é ruim, é, épocas diferentes, situações diferentes". (Clara)

Elisa aponta tanto transformações que considera positivas (maior abertura entre o casal, que não precisa ficar junto se não quiser), como mudanças que vê como negativas (hoje em dia as pessoas não vêem o casamento com seriedade, acham que é “brincadeira”), o que também demonstra a ambigüidade com que essa questão é vivenciada.

Com base em todo o exposto, podemos inferir que essa 2ª geração compreende o casamento não mais como um destino para o qual não há saídas (“ter” que casar e “ter” que permanecer casado “até que a morte nos separe”). Essa representação social do casamento, que está ancorada em concepções feministas e igualitárias que emergiram a partir da segunda metade do século XX, não descarta, contudo, a importância do casamento como um projeto de vida – apenas não se trata mais de conceber o casamento como o único projeto possível, incompatível com quaisquer outros. Apesar disso, o ideal de casamento feliz, baseado no amor, socialmente difundido nas sociedades contemporâneas, contrasta com as dificuldades cotidianas e com as incertezas de quais caminhos seguir, o que faz com que a vida a dois seja experimentada em meio a ambigüidades e conflitos.

A grande maioria das pessoas continua a querer se casar, ter filhos e manter uma relação heterossexual monogâmica estável e permanente. Mas esse desejo esbarra nas condições criadas pela sociedade, que transformam o casamento contemporâneo num insolúvel quebra-cabeças, do qual não se obteve ainda a fórmula – ou ao menos o analgésico – que nos permita lidar harmonicamente com a complexidade das conflitantes demandas da tradição e da modernidade. (Jablonski, 1998, p. 233-234)

4.2.2 A maternidade

“Foi, assim, estabelecido um dos pilares da subjetividade feminina, o ser para os outros”.
(Rocha-Coutinho, 1994, p. 151)

Decisões como escolher ter ou não filhos, quando tê-los, e como tê-los, começaram a figurar como possibilidade feminina no final do último século. As dificuldades e o trabalho envolvido na maternagem, o adiamento de projetos profissionais, a inteira responsabilização pelos filhos, são fatos que começam a ser considerados e questionados nas últimas décadas do século XX pelas mulheres, sobretudo as que se dedicam a uma carreira profissional, o que possibilitou que a maternidade começasse a ser vista como uma “opção” entre outras.

Segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), o adiamento da maternidade passou a ser comum entre mulheres com uma carreira profissional, pois, muitas vezes, tais mulheres não pretendem interromper suas carreiras em favor de ter filhos, postergando ao máximo essa “opção”.

Duas participantes, por exemplo, afirmaram que inicialmente não queriam ter filhos. Uma delas (Alice) achava que dava muito trabalho (julgamento feito com base na experiência de mulheres que tinham filhos), e queria “curtir a vida” com o marido, e a outra (Giovana) queria dedicar-se aos estudos e ao trabalho.

Eu a princípio não queria ter filho, eu falava que eu não ia ter filho, que eu não queria, que filho dava muito trabalho, minha mãe me prendia, então eu queria, queria ter liberdade, e eu achava que se eu tivesse filho eu não ia ter a liberdade... de sair a hora que quisesse, porque eu via minhas irmãs, tem que se privar, é... de determinadas coisas, né. (Alice)

Eu sempre achei tudo muito difícil, eu sempre pensava muito assim, né, no meu trabalho, em estudar... Eu sempre pensava: Não, agora não, agora não é hora de ter filho, aí a gente vai protelando, protelando, demorei muito a ter filho por isso. (Giovana)

Por outro lado, para a maioria das participantes da 2ª geração (nove delas), inclusive as que pretendiam primeiro realizar-se profissionalmente, a maternidade constituía um “sonho antigo”, desde a época de menina, que urgia concretizar. Até

mesmo a participante que inicialmente não pensava em ter filhos (Alice), após um tempo de casada, percebeu que estava faltando “algo”, que só podia ser preenchido pela maternidade. Clara e Helena também destacam essa necessidade de “preenchimento” através da maternidade:

Foi ficando um vazio. É... aquela coisa de, eu e ele, ele e eu, né, aquele negócio, todo dia, ficou muito rotina, virou rotina. (Alice)

Tem alguma coisa que tem que preencher. (Clara).

Depois que a gente casa acaba faltando alguma coisa né, então o filho acaba sendo um desejo dos dois, e foi isso que aconteceu. (Helena)

Só você e ele... é uma família, mas tá faltando alguma coisa entre vocês. (Julia)

Também merece destaque o fato de que as participantes não consideram que sofreram qualquer tipo de influência para serem mães, falando de um desejo inerente à mulher, algo que “vem de dentro dela”, que mais cedo ou mais tarde vai ser despertado (algo “natural”). Os fragmentos de falas apresentados abaixo exemplificam bem o sentido que se repete nos discursos de várias participantes em relação à crença sobre a maternidade como parte da “essência” feminina, como desejo natural de toda mulher:

Eu acho que nada, acho que essa coisa assim, já nasce com a gente, eu acho, né, a mulher já tem essa coisa de ser mãe mesmo, né, eu acho, eu acho que a mulher já tem esse dom, né, de ser mãe (Elisa).

Não, era uma coisa já minha de, de... eu sempre me dei bem com as criancinhas, assim. Quando eu era adolescente, jovem, as criancinhas sempre gostavam de mim assim. Nunca... não posso dizer assim que foi influência, é uma coisa minha mesmo. (Fernanda)

A gente cresceu pensando em casar e ter filho... acho que é mais instinto de menina, sempre tive muita boneca, sempre brinquei de casinha, essas coisas assim de menina. (Helena)

Uma das participantes (Julia) tinha medo de ter filhos por conta do parto e chegou a pensar em não ter filhos por causa disso. Contudo, com o tempo foi sentindo a

necessidade “natural“ de ser mãe, que em sua concepção é determinada por “Deus”. *A vontade de filhos era maior do que esse medo da dor que eu poderia sentir... A mulher começa a sentir falta de alguém com você, aí eu via aquelas crianças, todas as mulheres tinham filhos. (...) Acho que é de Deus, que é Deus que coloca isso na gente mesmo... geralmente parece que é um desejo nosso de ser mãe* (Julia)

Isso nos leva a concordar com Barbosa e Rocha-Coutinho (1997) quando enfatizam que apesar das idéias de instinto e natureza humana serem cada vez mais questionadas, quando se referem à maternidade, estas mesmas idéias parecem não sofrer significativos abalos. Dessa forma, apesar da mulher poder ocupar outros espaços e desempenhar outros papéis, como o profissional, por exemplo, a maternidade continua sendo vista como uma característica que lhe é própria, sendo um dos aspectos centrais de sua identidade.

Ao mesmo tempo que há um incentivo à profissionalização da mulher e uma cobrança por parte dos pais e da sociedade para que as meninas estudem e invistam em uma carreira profissional, permanece a expectativa de que um dia venham a cumprir seu “principal” papel, o de mãe. (Barbosa e Rocha-Coutinho, 2007, p. 165)

Santos, Novelino e Nascimento (2003) também observaram em seu estudo que ausência de filhos é vista como causadora de uma sensação de *vazio*, de *falta* na mulher. Os resultados do referido estudo indicam que a mulher que não pode ou não quer ter filhos ainda é vista com reservas, sendo consideradas “frias”, “vazias”, “insensíveis”. Já Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) não constataram tais resultados, encontrando que a mulher para ser “completa” não precisa necessariamente ser mãe.

A dificuldade para engravidar é um fator destacado por uma de nossas participantes. Bárbara se deparou com a dificuldade de realizar seu sonho de ser mãe, e temia que não pudesse concretizá-lo. Mencionou a questão de saber como é sentir-se como uma “árvore que não dá frutos”, e poder ter filhos lhe trouxe o sentimento de

“*completude*”, da “*potencialidade completa do feminino*”. Outra participante (Clara) perdeu o primeiro filho e ressalta o quanto foi difícil lidar com a situação, pois receava que isso acontecesse novamente e que não conseguisse ter filhos.

A idéia de fracasso e incompletude da e em relação à mulher que não tem filhos foi discutida por Trindade e Enumo (2002) ao investigarem as representações sociais da infertilidade feminina em um grupo de mulheres, mostrando que a maternidade ainda permanece como elemento primordial na definição do feminino.

É importante observar que nesse grupo, em todos os casos, a decisão de ter filhos aparece como algo definido conjuntamente pelo casal, o que representa uma diferença importante em relação à geração mais velha, para a qual a chegada dos filhos não era planejada, menos ainda pelo casal. Aqui fica claro o uso de métodos contraceptivos para evitar uma gravidez não planejada; apesar disso, mesmo nos casos em que a gravidez foi inesperada, foi ressaltada a característica de ser bem vinda. Algumas participantes mencionam que gostariam de ter mais filhos (Alice, Giovana, Helena, Isa, Julia), mas há fatores que o impedem, como a atual situação financeira e a dificuldade para educar filho presentemente, por exemplo.

Aí depois nós pensávamos em ter mais filhos só que a situação financeira... e a gente quer dar uma qualidade de vida melhor, todo, a... pelo menos os que eu convivo, querem dar melhor do que teve. (Alice)

Falava que queria ter muitos filhos, se eu tivesse nascido a uns, a uns trinta, quarenta anos atrás talvez eu fosse mãe de uns dez, porque eu gosto muito de filho, de estar grávida, de ter filho, de ver aquele monte de menino com a minha cara. (Helena)

Tem hora que eu sinto que eu tenho vontade sim, só que eu penso assim que eu não tenho mais a mesma paciência de antes de ter filho, começar tudo de novo, mas eu gostaria... depois que eu tive os meus filhos, eu pensei quanto tempo eu perdi com medo, achando que não ia poder ter filho. (Julia)

O que eu faço de mais bem feito na minha vida é ser mãe, se eu pudesse, eu queria ter uns cinco filhos, e viver só pra cuidar de filhos, mas como não pode, então eu tive as minhas duas, graças a Deus. (Isa)

Apesar de representar um sonho para a maior parte das participantes, estas revelam que as expectativas concernentes à maternidade, para algumas, não foram totalmente concretizadas. Alice achava que ser mãe fosse “mais tranquilo”. Para outras participantes as coisas aconteceram como imaginavam, como por exemplo, ser amiga dos filhos (Elisa, Isa), e os filhos serem pessoas de bem (Fernanda).

Vale revelar que nesse grupo as participantes reconhecem que a maternidade não representa um “mar de rosas”. A quantidade de trabalho gerada pela maternidade não era clara para algumas participantes, como é o caso de Bárbara, que reconhece que ser mãe é “*extremamente trabalhoso*” e “*sacrificante*”. Tal como outra participante (Diana), Bárbara ressalta que muito do que ouvia sobre a maternidade, principalmente através dos meios de comunicação (comerciais, filmes, novelas, etc.), não era real. Há quem destaque também (como é o caso de Helena) que esperava maior retribuição por parte dos filhos face ao amor despendido.

Até hoje eu não posso assistir um filme, novela ou qualquer outra coisa que eu perceba uma criança absolutamente quietinha no canto com a cena transcorrendo (...) O que eu escutava, na verdade, não era realidade, o que eu escutava assim, o que a mídia me trazia não era realidade. (Bárbara)

Então aquela... só aquela imagem de perfuminho, bonitinho, cheirosinho, que é o que a gente vê, né, quando não tem filho... e a preocupação é outra, o trabalho é outro, a educação... é muito difícil educar, eu acho, hoje em dia, então, é mais complicado. (Diana)

A maioria das participantes fala das mudanças decorrentes da maternidade, mas, em geral, não as considera negativas. Ao contrário, a maternidade parece ter “despertado” nelas sentimentos e características nobres. Kitzinger (1978) observou a

partir de seus estudos que em nossa sociedade ocidental é muito forte o mito do amor absoluto pelos filhos, de forma que ao falar sobre a maternidade normalmente são destacados os aspectos positivos, ficando os negativos camuflados pela idéia da maternidade como realização.

É como se o fato de gerar e dar a luz, por si só, fosse suficientemente forte para transformar as mulheres em pessoas melhores, responsáveis, altruístas, generosas, desprendidas de vaidades, e conformadas com a idéia do sacrifício em prol dos filhos. Algumas participantes (Bárbara, Fernanda e Giovana) destacam como mudança decorrente da maternidade a insegurança e o medo da morte em virtude de ter alguém sob sua responsabilidade. Helena ressalta que nunca imaginou sentir um amor tão grande quanto o que sente pelos filhos.

Eu acho que eu tô bem melhor agora, sabe, é... eu era mais focada na, na, na vaidade, na coisa exterior, hoje eu tô mais focada no ser, não no ter, né, eu acho que isso de... mudou muito... pra melhor. (Alice)

Veio [com a maternidade] um sentimento que eu não consigo ter por mais ninguém (...) eu nunca me, me imaginei dando a minha vida por alguém e por ela eu daria e isso te traz um... me traz um enriquecimento pessoal enorme porque é uma experiência tão única, te alarga o sentimento em relação às outras pessoas (...) te alarga a possibilidade de amar mesmo, né. (Bárbara)

Você quando é mãe, você... você é mais responsável também, né, é mais mãe de todo mundo, fica mais sensível a tudo, muito mais, vê uma criança na rua fica pensando logo, você fica logo sensível e tudo, é mais difícil ver as coisas, assim, do mundo, eu acho. (Elisa)

Eu costumo analisar as pessoas, em qualquer situação, eu fico me imaginando como mãe daquela pessoa, nas piores situações, entendeu, porque eu lido muito com, com presos e tal, e eu fico, eu não consigo condenar a pessoa, eu fico imaginando Meu Deus, se fosse o meu filho que tivesse passando por aquela situação, aí eu já vejo... é, adotando o mundo. (Helena)

Eu acho que a maternidade ela amadurece, sabe, porque não é você só, você tem uma responsabilidade, e quando você tem uma responsabilidade, você pensa duas vezes antes de fazer as coisas (...) Ah, eu me tornei uma mulher muito melhor. Você passa a dar valor a muita coisa... e a tirar o valor de muita coisa também (...) Você passa a ser

mais humano, não sei, você se emociona mais fácil com as coisas, parece que você fica com o coração mais mole... não sei. (Fernanda)

A gente deixa de ser egoísta, né, a vida... a gente passa viver a vida de forma diferente, porque tem mais gente ali por trás, e que tem que, que tá acompanhando junto. Então com certeza muda muito. A gente, antes eu só pensava em mim, e agora eu tenho mais, mais gente aí atrás pra poder preocupar também. (Isa)

Para uma participante (Alice) o nascimento dos filhos representou um alívio, pois antes a cobrança do marido era toda em cima dela e com a chegada dos filhos o marido passou a cobrar deles também e acabou ficando um pouco mais leve para ela.

A maternidade também é marcada como uma experiência única, “mágica”, o que sustenta a idéia socialmente difundida de que “só sendo mãe para entender o que isso significa”. Várias participantes (como Clara, Diana, Fernanda) verbalizam precisamente essa idéia. Muitas destacaram, inclusive, que após terem filhos conseguiram entender melhor as atitudes de suas mães para com elas (como Alice, Fernanda, Giovana, Helena, Isa e Julia), passando a dar mais valor às mães, ficando mais próximas delas, mais amigas. Bárbara, Clara e Diana mencionaram que a relação continuou a mesma, pois já era “legal”, já eram muito próximas.

Apesar de reconhecerem que a chegada dos filhos afeta a liberdade do casal, sobretudo no início, e diminui o tempo de que cada cônjuge dispõe para o outro, a maioria das participantes acredita que tal interferência pode ser contornada, o que depende do casal. As falas a seguir ilustram bem essa questão:

No início muda bastante, porque a gente (...) quando você tem um neném você vive em função, né. Então no início... quer dizer, é... muda o ritmo porque você acorda de noite, é neném o dia todo, então até você pegar aquele pique você que meio sem querer você deixa realmente o casamento meio de lado. Por isso que eu falo: Gente, um filho você tem que querer muito, mas você tem que querer muito, porque muda muito a vida do casal. Então não só, né, eu mulher tenho que querer como ele também porque senão mexe bastante no casamento, mexe muito, mas mexe muito. (Clara)

Aí vêm os filhos e, assim, não é que esfria... mas é uma coisa que tem outras pessoas pra você poder tá dando sua atenção, então o que muda é isso, que você tem que dividir sua atenção com mais... né, com outras pessoas assim. (Diana)

Eu acho que isso aí quem faz são as duas pessoas, sabe, o relacionamento não é feito só de sexo não, é uma consequência, tem que existir, mas em consequência de um relacionamento bom. (Elisa)

Agora questão de dizer que, assim, que, que... em termos de nós dois, no relacionamento sexual, afetivo, não mudou em nada, em nada! Sabe?! Muito pelo contrário, depois de velho... como é que é, como é que é, como é que se fala, “o vinho velho...” “Panela velha é que faz comida boa”, “vinho velho que é bom”. (Fernanda)

Bárbara e Giovana são as únicas participantes que reconhecem que a maternidade interferiu em outros projetos de vida, sobretudo, na área profissional. Acreditamos que esse fato tem relação com o grau de escolarização das participantes (superior) e com a questão de, em ambos os casos, elas mencionarem a ausência de suporte, como o de mãe, de sogra, etc. Também é conveniente observar que tanto Giovana quanto Bárbara destacaram que foram incentivadas por suas mães para não terem filhos, o que pode ter relação com o fato de, em ambos os casos, as mães terem vivenciado um casamento infeliz, uma vida de dificuldades. No caso de Bárbara, a carreira profissional escolhida também pode ter possibilitado a problematização de alguns aspectos relativos à maternidade. Apesar disso, a participante enfatizou que conseguiu adaptar todos os seus projetos à maternidade, pois a filha está em primeiro lugar.

Quanto à avaliação da experiência de ser mãe, todas as participantes ressaltam aspectos positivos – acreditam que nada há de negativo nessa experiência. Mesmas as que mencionaram a maternidade como interferência na realização de outros projetos, e as que falam da perda de liberdade, e das inúmeras concessões em prol do filho, manifestam avaliação altamente positiva da maternidade.

Ah... muito gratificante ser mãe, né, é mais coisas boas do que ruins. (Alice)

Ah, é muito melhor do que eu tinha imaginado, muito melhor do que eu tinha imaginado (...) Com tudo que eu falei, com todas as noites sem dormir, ainda assim é maravilhoso (Bárbara)

Porque a gente, a gente faz realmente tudo com tanta... tanto amor, com tanto desprendimento que não existe negativo, mas positivo sim, a gente aprende muito, a gente cresce muito, amadurece bastante e eu acho que é isso. (Clara)

Eu acho assim, uma coisa maravilhosa porque um filho é uma coisa fantástica, é um amor que você nunca sentiu na vida, né. (Elisa)

Pra mim a maternidade foi uma coisa maravilhosa e é uma coisa maravilhosa. (Fernanda)

Eu acho que toda mulher deveria ser mãe, é uma experiência de doação mesmo... quando você ama um homem você espera muita coisa em troca, o filho não, a gente, eu pelo menos eu espero, a única coisa que eu espero é que o meu filho seja feliz. (Giovana)

Filho é uma coisa maravilhosa que acontece na vida da gente. Ser mãe pra mim foi e tá sendo uma coisa boa demais (...) é uma realização. (Helena)

A melhor coisa da vida é ser mãe... Não trocaria por nada nessa vida a experiência de ser mãe... é divino, é maravilhoso, é tudo, é fantástico. (Isa)

É maravilhoso, é uma experiência linda, muito bonita, muito linda mesmo... é dádiva de Deus... é dar sem querer receber... é amar mesmo, sem receber, querer receber nada em troca. (Julia)

Traçando um paralelo com os resultados obtidos a partir dos procedimentos efetuados pelo Alceste, podemos perceber que as diferentes classes explicitam o lugar central da maternidade na rotina feminina. A classe 1, que apresenta o maior percentual de material analisado entre as classes do dendrograma referente à 2ª geração, traz justamente elementos que abordam como as participantes compreendem a maternidade e como acreditam que esta deve ser vivenciada. Ao revelarem o papel essencial da mãe na educação dos filhos, conjugam elementos que sugerem uma sensação de realização pessoal por estarem cumprindo tal papel, e, ao mesmo tempo, um sentimento de obrigação para com os filhos (presença do *themata* *abnegação x realização pessoal*)

As classes 4 e 5, por sua vez, trazem conteúdos que abordam a vida da mãe com os filhos e seu papel no cuidado prático e na orientação dos filhos. Na Classe 5 aparece a idéia do cansaço decorrente da conciliação entre o cuidado dos filhos, da casa e o trabalho fora; apesar disso, essa conciliação não é vista como negativa pelas mulheres, mas sim como algo “próprio” das mães, o que nos revela um paradoxo, indicando a presença do *themata obrigação x satisfação*.

Resultados similares foram encontrados por Santos, Novelino e Nascimento (2003), que, então, destacam: “É, no mínimo, paradoxal o contraste entre o tom queixoso dos relatos acerca da renúncia pessoal, aprisionamento e excesso de responsabilidade implicados na maternidade e a supervalorização dessa experiência” (p. 270).

Na tentativa de compreender essa contradição, precisamos considerar que as mulheres estão sujeitas às pressões sociais que lhes indicam, ao mesmo tempo, o que é próprio ou não de uma mulher-mãe, e o que é esperado de uma mulher moderna, “emancipada”. Diante disso, não é de se estranhar que muitas mulheres atualmente se encontrem “perdidas”.

As mulheres atuais encontram-se sem um referencial, sem modelos [únicos, vale acrescentar] a seguir e, assim, têm que buscar novas formas de lidar com os problemas que a elas se apresentam agora e que são distintos daqueles que eram comuns às mulheres das gerações anteriores. No nível social, ainda não surgiu uma solução satisfatória para a sobrecarga decorrente de ter que conciliar e dividir-se entre o trabalho fora de casa e a família. (Barbosa & Rocha-Coutinho, 2007, p. 165).

Algumas participantes julgavam-se preparadas para ser mãe, como é o caso de Alice e Julia, mas a maioria, em algum aspecto (prático, emocional), senão em todos, não se considerava devidamente pronta (como Bárbara, Clara, Diana, Elisa, Giovana, Isa). Há ainda aquelas que não se preocupavam com essa questão e por isso preferiram deixar as coisas irem acontecendo (Helena). Há participantes (como Clara, Diana,

Giovana) que se sentiam inseguras diante de tanta responsabilidade (algumas até hoje ainda se sentem assim, como destacam Alice e Giovana), mas acabaram “dando conta” de suas atribuições. Ao perceberem que não estavam prontas ou tão prontas quanto imaginavam, recorriam a todo tipo de ajuda (literatura especializada, conselhos da mãe, sogra, irmãs, oração a Deus, etc).

Não sei é nada, nunca soube de nada, sou uma... um zero à esquerda. Tudo que fazia achava que tava errado e até hoje eu sinto isso. (Alice)

Você fica com medo de errar, né, então a gente tem aquela... um cuidado maior, tanto que o primeiro filho a gente acaba estragando eu acho, né, o meu filho mais velho é totalmente dependente. (Clara)

Eu nunca me achei preparada não, sempre tive muito medo (...) Você fica muito insegura com tudo, ele sentia muita cólica e ele chorava, gritava, e você não sabe o que faz, você fica louca. (Giovana)

Em seu estudo com três gerações de mulheres, Benincá e Gomes (1998) observaram que entre a geração mais jovem pesquisada a dúvida e a insegurança se fizeram presentes, o que levava as mulheres a recorrerem a estratégias como leituras, conversar com outras mães com a mesma faixa de idade, além de também utilizarem sua própria intuição para compreenderem os desejos e necessidades dos filhos. Almeida (2007), em seu estudo com mães trabalhadoras, também observou que, quanto aos cuidados infantis, as mães da camada média sentiam-se muito inseguras nos primeiros meses de cuidados do bebê, apesar do suporte que tiveram de parentes.

De fato, a educação dos filhos, hoje, muitas vezes, é marcada por incertezas. Em meio a tantas informações – de um lado há o saber de familiares, amigos, vizinhos, e de outro, o saber especializado, disseminado pela indústria cultural, apontando qual a melhor maneira de educar os filhos – fica difícil saber o melhor caminho a seguir. Uma das participantes (Fernanda) enfatiza que hoje, temendo “frustrar e reprimir os filhos”, e

por sentirem-se culpados muitos pais acabam tendo uma postura muito liberal, tendo dificuldades em impor limites aos filhos, o que discorda.

Hoje em dia... aqui em casa a gente fala não e, muitas vezes, não pode se dizer o porquê naquele momento, e os nossos meninos tiveram que aprender isso. E muitos pais não, “Ah, não, não pode... não pode...” como é que fala? Ah, esqueci a palavra... “Não pode frustrar...” não é frustrar não... “Não pode reprimir o adolescente, não pode reprimir...” Que não pode?! Ah, um bom tapa no bumbum na hora certa e com motivo certo, faz, faz coisa boa. Então, assim, aí se deixa demais, antigamente não se deixava nada. Então, aqui em casa a gente nós criamos os meninos assim, Não é não, pronto, acabou. (Fernanda)

Cabe mencionar os fatores que as participantes apontam como fundamental para a educação dos filhos: formação religiosa (Alice, Clara, Fernanda, Helena, Julia), valor moral (Bárbara), diálogo (Diana), amor (Elisa, Fernanda), ser presente na vida do filho (Elisa), disciplina (Fernanda, Isa), e respeito (Fernanda, Giovana, Helena). Como boas mães, devem buscar garantir todos esses aspectos.

Cabe destacar ainda que os relatos da maioria das participantes sobre seu dia-a-dia familiar mostram o quanto representações tradicionais da maternidade e de gênero estão orientando suas práticas cotidianas. Mesmo havendo participação dos maridos na educação dos filhos e até mesmo nos cuidados práticos, a maior parte das participantes (incluindo algumas que trabalham fora) são as grandes responsáveis pelos filhos, ou pelo menos, as que se colocam mais atentas a tudo que diz respeito aos filhos. Uma das participantes (Diana), inclusive, revela fato ainda bastante corriqueiro entre as mulheres atuais: procura resolver ela mesma os problemas do dia-a-dia doméstico, principalmente se for assunto de menor importância. *“Porque eu acho que é mais um problema, mais uma enchecção de saco que você vai passar pro homem” (Diana).*

Percebemos que dividir tarefas, nesse caso, não significa inverter papéis, pois as mulheres continuam se orientando por representações tradicionais. Tal fato evidencia as

repercussões das representações sociais na forma como interpretamos o que nos acontece e acontece a nossa volta (Vala, 1997) e na forma como nos posicionamos / comportamos diante das situações.

Além da maternidade ser associada diretamente à identidade feminina, também existe uma “prescrição social” da forma como a maternidade deve ser exercida. Socialmente, existe um modelo de mãe ideal, que então acaba sendo incorporado pelas mulheres, ou pelo menos “deve” ser incorporado. As próprias mulheres avaliam sua atuação como mães, e quando se distanciam do ideal estabelecido, ou não se consideram suficientemente boas mães, sentem-se culpadas e frustradas. Esse fato é confirmado pelas participantes dessa geração, que trazem a questão da “culpa” por não estarem cumprindo o que acham que é papel da mãe (fato que não é destacado pelas mulheres da 1ª geração). Acreditam que não estão cumprindo devidamente seu papel (que, no caso de Alice, vem sendo “invadido” pelo marido), acham que erram muito, cobram-se serem mães melhores, e sentem-se culpadas por ficar muito tempo fora por causa do trabalho. É daí que emergem as tentativas de compensar a ausência.

Só que eu me culpo muito, eu acho que eu erro muito, eu tenho isso... uma das coisas que vai... que tá me levando a procurar uma terapia é isso, eu, tem hora que eu fico assim, parece que eu erro mais do que acerto. Aí me culpo, às vezes eu choro, fico angustiada e essa culpa me leva a errar até mais. (Alice)

Eu acho que eu, que eu ainda... eu poderia ser melhor... assim, principalmente, da minha exigência, que eu sou muito exigente, eu cobro muito as coisas, aí eu acho que eu, assim, eu acho que eu poderia ser menos, entendeu, acho que eu peço nisso um pouco. (Diana)

A esse respeito, Santos, Novelino e Nascimento (2003) propõem: “as normas implícitas e explícitas decorrentes do ideal da mãe perfeita mesmo quando não convertidas em práticas, são assimiladas como guias confiáveis para o desempenho da função materna” (p. 259). E concluem:

O desempenho da função materna, portanto, é pautado por esquemas referenciadores que não só substancializam como, acima de tudo, normatizam essa experiência através de regras prescritivas cujo rompimento mobiliza sentimentos e sensações numerosas tais como “frustração”, “angústia”, “auto-recriminações”, “culpabilização”, “impotência”, “sensação de imaturidade”, etc. (p. 256)

Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) constataram que o fato da mulher trabalhar fora de casa traz como conseqüência a culpa e a necessidade materna de compensar sua ausência em relação aos filhos, o que também repercute no comportamento dos filhos, que se tornam mal-educados, “cheios de vontade”. Almeida (2007) encontrou resultados similares.

Vale destacar que o fato da mãe ter mais tempo para os filhos não é visto como sendo necessariamente melhor para a criança, pois a qualidade do tempo despendido também precisa ser considerada. Uma participante chama a atenção para esse aspecto (Elisa), justificando que as mulheres que trabalham fora podem proporcionar um tempo de qualidade para os filhos igual ou melhor que as mães que não o fazem. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) encontraram resultado semelhante entre as participantes de seu estudo, que destacaram que o fato das mães, antigamente, terem mais tempo para os filhos, não significa que existia uma relação melhor entre mãe e filhos.

A mãe não precisa ficar o dia inteiro com o filho, ela tem que ter qualidade, uma quantidade de tempo, porque às vezes você fica o dia inteiro com seu filho, mas você briga com ele o dia inteiro... briga, bate, e bota de castigo, não tem o que fazer, né? (...) eu acho que, quando você sai para trabalhar, quando você volta, você tem que ter um tempo para ele (...) então eu acho que o momento... acho que o momento, assim, tem que ser um momento grandioso quando você tá com seu filho. (Elisa)

Por outro lado, uma participante (Julia) destaca que o fato de não trabalhar fora garante disponibilidade de um tempo maior e mais proveitoso com os filhos.

Vale à pena, assim, você construir um lar, com seus filhos bem criados, eu penso, eu penso assim, pra mim vale a pena você criar os seus filhos, educar no caminho do Senhor, hoje eu penso assim, do que você sair e largar, sem saber com quem tá, entendeu, e não ter tempo pra conversar... Aqui não, os meus filhos têm tempo pra

conversar, hoje têm tempo pra conversar comigo, falar de tudo, com liberdade, quando eles tão doentes, meu Deus, eu tô presente o tempo inteiro. (Julia)

Pensando na vivência da maternidade hoje e na época em que suas mães tiveram filhos, as participantes desse grupo destacam diferentes questões. Alice considera que hoje está muito pior para criar os filhos, pois não há sincronia entre a forma como os pais estão educando os filhos (cada um educa de um jeito). Por outro lado, acha que hoje a mulher é mais envolvida diretamente com os filhos, mais preocupada com eles diretamente, o que é aspecto positivo. Bárbara, por sua vez, destaca que não é possível estabelecer diferença entre ser mãe hoje e ter sido mãe há trinta anos apenas em virtude de época, pois isso depende de vários fatores, como o marido, a situação financeira, o desejo de ser mãe. Clara acredita que os filhos, hoje, têm abertura maior do que antes pra conversar com os pais, fazer perguntas, o que também foi destacado por Isa. Diana acredita que hoje a mulher está mais preparada para ser mãe, em virtude da escolarização e da independência financeira, mas destaca que a educação dos filhos é mais complicada por causa da televisão, do computador e da influência dos outros. Helena também enfatiza essas influências, e lembra que outro problema dos dias atuais é que há mais violência. Elisa também ressalta a questão da violência, e acrescenta o problema das drogas, e da educação e saúde pública sem qualidade. Giovana acha que hoje é mais difícil, pois a mulher tem que se dividir entre o cuidado com os filhos, com a casa e o trabalho fora, e os homens não estão assumindo sua responsabilidade. Julia crê que atualmente é mais fácil do ponto de vista de recursos materiais, mas com relação à educação dos filhos, acha que hoje é pior porque os filhos não têm mais o mesmo respeito para com os pais.

Podemos observar que, de um modo geral, as participantes colocam a maternidade como o centro de suas vidas. Porém, não podemos desconsiderar que encontramos elementos que destoam dos modelos tradicionais e sugerem uma ressignificação da representação social tradicional da maternidade e da mulher. O exercício de atividade profissional, só pelo fato de retirar a mulher do espaço doméstico (mesmo que não seja totalmente) e inseri-la no espaço público, faz com que a mesma precise reorganizar suas rotinas e expectativas, possibilitando a inserção de novos elementos em “antigas pautas”, como apontam Santos, Novelino e Nascimento (2003).

Destarte, apesar da mulher que se tornou mãe nas últimas décadas do século XX poder vislumbrar novas possibilidades de realização, diferentemente de gerações anteriores, ainda é prematuro dizer que a definição do feminino está assentada em bases nas quais a maternidade tenha importância equivalente a outros aspectos.

A maternidade permanece soberana em seu papel fundante das representações de mulher. Nem mesmo as transformações que ocorreram na vida das mulheres nas últimas décadas foram suficientes para desconfirmarem a crença de que a experiência da maternagem é a meta legítima e natural do percurso feminino, embora a esta tenham sido agregados outros objetivos menores. (Santos, Novelino & Nascimento, 2003, p. 274-275)

4.2.3 Papéis masculinos e femininos na família – Representação social e identidade de gênero

Como vimos abordando ao longo do trabalho, por muito tempo as relações familiares foram marcadas pelo estabelecimento de posições assimétricas entre homens e mulheres, aos primeiros cabendo o provimento e manutenção instrumental da família, e as segundas, afastadas dos negócios e do processo econômico, a responsabilidade pelo cuidado com os filhos e com a casa, e a manutenção afetiva do lar.

Nessa divisão tradicional de papéis masculinos e femininos, que se consolidou a partir do surgimento da sociedade industrial moderna e ainda perdura, de certo modo,

até nossos dias, o espaço de atuação da mulher acabou ficando circunscrito à esfera privada. Só muito lentamente foi se dando a inserção feminina no espaço público, impulsionada, como já assinalado, pelos movimentos feministas que buscavam outras possibilidades para a mulher além do casamento e da maternidade.

Cursar o ensino superior e exercer uma carreira profissional começa, então, a fazer parte das perspectivas de várias mulheres de classe média e alta a partir da segunda metade do século XX. Entrar para a faculdade e trabalhar fora de casa passou a representar possibilidade de transitar entre espaços e posições antes reservados apenas aos homens. Em contrapartida, os homens foram sendo “convocados” a uma inserção mais concreta no âmbito doméstico.

Os resultados de nosso estudo ilustram de forma expressiva essa transição gradativa da esfera de atuação feminina. Se considerarmos que entre as participantes da 1ª geração apenas três exerceram algum tipo de atividade fora de casa quando os filhos eram crianças, ao passo que na segunda nove das dez participantes¹⁶ trabalhavam nesse mesmo período de suas vidas, fica evidente que a carreira profissional passou a fazer parte dos projetos femininos. Da mesma forma, dar continuidade ao processo de escolarização formal, chegando a cursar o ensino superior, como foi o caso de várias participantes do grupo mais jovem (sete, embora uma não tenha concluído), passa a figurar como possibilidade, enquanto no primeiro grupo significativa parcela não concluiu sequer o ensino fundamental (quatro, inclusive, cursaram apenas o primário).

Araújo e Scalon (2005), ao estudarem como homens e mulheres estão conciliando o trabalho e a vida familiar e suas percepções sobre realização pessoal, profissional, conjugalidade, entre outras questões, apontam que uma das possibilidades de

¹⁶ Cabe mencionar a situação específica de Diana - voltou a trabalhar assim que teve seu filho, mas logo depois parou, só retornando quando ele já estava com seis anos de idade.

compreensão do trabalho é como fonte de realização e autonomia. Propõem que no caso da mulher o significado dessa autonomia pode apresentar um duplo sentido:

Poder ter maior independência em relação ao parceiro ou ao pai ou a alguma figura que exerça essa autoridade em relações ainda marcadas por assimetria de poder e prevalência masculina; e também poder se sentir incluída, como consumidora, para si e para outros membros da família. (Araujo & Scalón, 2005, p. 20)

Ainda que o trabalho represente para a mulher a possibilidade de autonomia em diferentes níveis, como o nível social e o econômico, representa também um novo desafio: conciliação entre o trabalho fora e a vida familiar. Isso porque, a inserção feminina no mercado de trabalho não representou o afastamento da mulher de funções domésticas; ao contrário, a mulher, a partir de então, passou a se colocar na intersecção entre essas duas esferas, posição que acaba sendo, muitas vezes, geradora de angústia e sofrimento, principalmente porque uma função parece ainda se sobressair perante as demais: ser mãe.

A esse respeito Scavone (2004) propõe que “com mais acesso à educação formal e à formação profissional, as mulheres vão, no decorrer do século XX, ocupar gradativamente o espaço público, ao mesmo tempo em que mantêm a responsabilidade pela criação dos(as) filhos(as)”. (p. 174)

Mesmo entre as participantes que apresentavam certa flexibilidade no trabalho quando os filhos eram pequenos (como foi o caso de Alice e Clara), evidencia-se certa dificuldade na conciliação entre essas experiências, e também fica visível a tentativa de se adequar à rotina do trabalho com a dos filhos da melhor forma, como podemos perceber nas falas abaixo.

Foi [difícil], demais da conta. Primeiras vezes, depois que eu voltei a trabalhar, parecia assim... Eu me considero uma, é... assim, uma profissional boa, né. Só que eu... no início fiquei... quando retornei ao trabalho fiquei tão insegura, tão insegura, que parecia que eu não sabia dar mais aula, parecia que tudo que eu tava falando, falando e fazendo, não era aquilo, não estava certo, sabe, fiquei muito insegura (...) foi muito difícil, eu tive que vencer barreiras, assim, dentro de mim mesma. (Alice)

Foi um pouco complicado. (Elisa)

Então eu procurava deixar as minhas coisas que eu tinha pra resolver pra ela tudo na parte da tarde pra poder né, na parte da manhã ficar mais com ele, levar na natação, era mais assim. (Clara)

Mas eu sempre fiz assim, eu sempre montei meus horários de modo que à noite eu estivesse em casa (...) Então, assim, eu sempre fiz meus horários, e eu trabalhei desde que ela nasceu até três anos atrás, eu trabalhei sempre, sem parar (...) então, minha vida... você imagina, né?! E eu carregava comigo (...) como eu era professora de escola, sem, sem ser a dona de uma escola, eu sempre montava meus horários assim: eu procurava uma hora que as crianças tivessem na escola. (Fernanda)

Eu trabalhei... com ele [filho] até com cinco meses eu voltei pra loja, pra você ver como que eu tava tão desestruturada que eu não consegui, é, não consegui deixá-lo, ir pra loja, e acabei parando de vez. Hoje, hoje tá... é bom, porque eu trabalho só à tarde, né, eu, pela manhã, eu tenho tempo (...). Então hoje em dia tá bom pra conciliar (...) então é claro que a gente deixa de fazer muita coisa que a gente queria fazer, até mesmo no curso, eu tenho muita coisa à noite que eu não vou, por não ter com quem deixá-lo, mas... a gente vai levando. (Giovana)

No primeiro filho foi complicado, porque aí eu tinha que ter, por exemplo, uma pessoa só pra tomar conta, aí eu ficava aquele negócio, dependendo de mãe, menina levava na casa da mãe, aí foi mais complicado, porque eu saía de casa muito cedo, e chegava tarde, né, mas agora é tranqüilo (...) eu optei em trabalhar só meio período, então esse meio período que eu trabalho, as crianças estão pra escola (...) aí a parte da tarde eu tô em casa (Diana)

E aí eu senti a necessidade de voltar a trabalhar, foi quando eu voltei, no final do ano passado (...) opção minha, opção, pra realização pessoal (...) de vez em quando é meio complicado, né, ainda mais por eu tá em comércio, então dá pra... porque às vezes exige demais, então às vezes reclama um pouquinho Poxa, isso, não sei o que, agora só trabalha, é só isso, só aquilo... mas depois acaba, eles mesmo acabam entendendo, porque sabe, é o ramo que eu entrei né. E aí de vez em quando tem as compensações, porque aí eu arrumo uma folga, arrumo outra, e aí tudo se, se encaixa direitinho. (Isa)

Sempre trabalhei. Olha, eu acho que tudo, tudo é uma questão de desejo. (Bárbara)

Almeida (2007) também observou dificuldade nas mães de camada média em conciliar maternidade e trabalho, e algumas, inclusive, achavam que não conseguiriam retornar ao trabalho após a licença-maternidade. A autora constatou que tanto nesse grupo como no de mulheres de camada popular, “o significado atribuído à maternidade

antagonizava-se e coexistia com os sentidos construídos sobre trabalho, o que em muitos casos gerou explicitamente um sentimento de culpa em relação aos cuidados dispensados aos filhos” (p. 420).

A constituição de uma rede de apoio torna-se essencial para a conciliação entre esses papéis. O apoio da mãe, de irmãs, comadres, empregadas (bastante presente nesse grupo), foi de grande importância para as participantes. Bárbara destaca que ter encontrado uma babá de confiança foi essencial para conseguir conciliar trabalho e maternidade.

As participantes desse grupo também explicitam o incentivo dos maridos a sua carreira profissional. Em alguns casos, porém, não se pode falar propriamente de incentivo, mas de “concordância” desde que a rotina doméstica não seja afetada.

Concordou, sempre incentivou, sempre incentivou voltar a trabalhar, não... nem só pelo lado financeiro... também, lógico, mas pra mim mesmo, como realização profissional, ele sempre incentivou. (Alice)

Sempre incentivou muito (...) se tem uma pessoa que eu falo que sempre foi incentivador meu em tudo, em tudo que eu faço (...) Ele é assim, ele sempre incentiva muito. E eu sempre incentivo ele. (Fernanda)

Olha, ele nunca achou nada porque eu sempre dei conta, entendeu? As vezes é... eu acho assim que é capaz que ele nunca... ele nunca falou nada, porque eu sempre, eu... eu sempre eu colocava uma pessoa, eu tive outra menina que ficou aqui, né, depois disso quando ele foi pra escola ele ficava com minha irmã. (Elisa)

Nossa senhora, Deus me livre se eu não trabalhar fora (risos), porque tem marido que não gosta né, ele não gosta que eu fique sem trabalhar, de forma alguma, nunca... sempre incentivou. (Diana)

Foi uma opção, assim, em comum acordo, né, porque depois que a gente casa a gente não é mais uma pessoa agora nós somos, é... nós dois somos uma pessoa. (Helena)

Ele preferia que eu ficasse em casa, mas... eu falei Não, eu quero... ele falou Bom, então, a gente só tem que respeitar a sua vontade... vai. Mas eu tenho certeza que se amanhã eu falar assim Oh, cansei, não quero mais... tudo bem, graças a Deus, isso aí eu também tenho o apoio dele. (Isa)

Também cabe destacar que a aceitação do trabalho da mulher não significa, necessariamente, uma alteração nas relações familiares de gênero; na verdade, o trabalho feminino também pode ser entendido como uma “colaboração” ao homem, que continua a ser visto como o responsável pela família financeiramente. Tal fato pode ser claramente identificado nas falas de algumas participantes, como é o caso de Isa: *Apesar de que ele que mantém a casa todinha, mesmo eu trabalhando, é ele, até mesmo por ele querer assim, mas no mais as coisas são divididas direitinho mesmo, a gente entra em acordo e vamo levando. (Isa)*

Nesse segundo grupo a participação do marido em atividades domésticas aparece na fala da maioria das entrevistadas. Apesar disso, fica claro que se trata de um “apoio” à mulher no exercício de suas funções. Além disso, o apoio refere-se, basicamente, ao cuidado e atenção com os filhos, ficando as atribuições relacionadas à casa por conta das mulheres, mesmo no caso das participantes que trabalham fora. Assim, a divisão de tarefas parece ainda estar assentada em concepções tradicionais.

Meu marido sempre me ajudou demais com o bebê, ele acordava, pegava ele, levava pra eu amamentar, punha pra arrotar, colocava no berço de novo. Sempre me ajudou muito. Mas eu ficava assim, nos seis primeiros meses, assim, praticamente, só em função do bebê. (Alice)

A gente dividia, mas não era aquela coisa de... as tarefas divididas era o seguinte... era mais do lado de F. [filho], né, que tinha uma pessoa pra me ajudar... mesmo que eu fizesse tudo dentro de casa, entendeu, mas ele sempre tava junto com o F. (...) Não que ele falasse assim ah, vou varrer a casa, não, ele assim... ele consegue assim, pegar uma toalha, colocar no varal, não fazer muita bagunça na pia, lavar o prato, a louça da pia, ou fazer uma sopa,... . Não assim, ah eu vou lavar o banheiro, isso não existe aqui em casa não, varrer casa pra mim mesmo, né, no meu caso. Agora, de colaborar com o que eu fiz, eu acho que, que existe sim, tem que existir. (Elisa)

O tempo que ele [marido] tava em casa, que eu não tinha ninguém, ele fazia... lavava um banheiro, não era muito de tomar a frente não, você tinha que pedir, até hoje né, cê tem que pedir (...) da casa eu tenho que pedir, agora com os filhos, não. (Clara)

Ele não é muito chegado a... se for, assim, parte do lar, não! Ele num... mas eu também não ligo não, porque eu gosto de fazer, só que eu trabalho fora, né, então fica assim...

quando a gente tá sem empregada, fico meio que sobrecarregada porque isso acaba... assim, mas ele não é muito de dividir não, as tarefas não, não. [E com relação ao cuidado e a educação dos filhos?] Ah, isso com certeza, é dividido (...) na educação é bem dividido. (Diana)

Bom, hoje eu acho que os papéis eles estão muito... muito iguais, né, tanto do... que a mulher trabalha fora o dia todo e o homem também, não tem porque ser diferente, né, chegar em casa e, e, e um ter um papel e o outro ter outro papel. Eu acho que os papéis deveriam, né, não sei se são, deveriam ser bem parecidos, né, na forma de, de, de divisão de tarefas até dentro da casa, do sustento mesmo, de ajudar a orientar os filhos, eu acho que deveria ser meio a meio. (...) Como eu tô te falando, aqui em casa eu não... eu acho que deveria ser igual, mas não é muito não, aqui em casa, assim, o meu marido ele não, não é de, de... só se... tipo, se eu pedir... (Giovana)

Ele sempre me ajudou bastante, claro que a responsabilidade principal ficava comigo, né, mas ele sempre me ajudou bastante (...) ele sempre foi compreensivo de me ajudar bastante, de dividir, então se ele chegasse e percebesse que eu tava muito cansada com as crianças e tal, sempre dividiu comigo, nunca foi... muito machista de “isso eu não faço, isso é mulher que faz”. (Helena)

[em relação a tarefas domésticas] Ah não, não, aí não. Ele faz comida, faz... mas arrumar a casa não, aí tinha que ser comigo mesmo. Chegava à noite ia dar um jeitinho, sábado, domingo, ia dar um jeitinho. Aí nessas coisas de arrumação, de organização de casa não, é só comigo mesmo. (Isa)

Não, divisão de trabalho não (...) Eu acho que eu tô ainda meio antiga, né, no que se relaciona a cuidado em casa... eu nunca cobrei, se ajudar é maravilhoso, eu acho lindo homem que participa (Julia)

O fato de o homem trabalhar “muito” e ficar o dia todo fora é justificativa freqüente para a pouca participação masculina:

Meu marido, ele... ele sempre acordava, ele sempre acordou muito cedo, ele saía de casa seis e meia, seis, seis e meia pra ir trabalhar e (...) Então assim, eu não achava justo... eu... isso partiu até de mim mesma... eu não achava justo assim... às vezes ele chegava cansado, acordava muito cedo, é... realmente é aquele pique, né, muito, muito cansativo (...) eu sempre fui muito... tentei ser super mãe, uma coisa que a gente não deve nem, nem tentar ser, mas eu achava... acabei pegando essa parte pra mim, né. (Giovana)

E de madrugada ele [marido] saía, de manhã ele saía, quase não via ele. O tempo que ele tinha, coitado, eu nem podia cobrar tarefa dele de casa, e ficar falando, eu nem podia cobrar isso dele. (Julia)

Além disso, percebemos que as próprias mulheres reforçam essa divisão desigual de tarefas, e colocam a rotina doméstica como sua responsabilidade.

Eu não... não tenho muito o feitiço de pedir. Eu, se eu, se eu vejo que tem alguma coisa pra fazer, eu vou lá e faço, eu acho que isso também ajudou muito ele a ficar meio assim, né, deixar as... de me ajudar, muito assim na berlinda, mas... é... ele assim me ajuda assim, papel... apesar de que eu fiquei sem trabalhar um tempo, eu voltei tem pouco tempo, eu tô estudando, eu não trabalho de manhã, eu só trabalho à tarde, então eu também não... (Giovana)

Eu acho que poderia ser a mesma, quase a mesma coisa que a mãe, só que às vezes não consegue ser igual... Agora, eu acho que a mãe, a mulher da casa, ela deve dar, ela deve passar pro homem o que ele deve fazer, porque às vezes o homem acha que ele tá trabalhando, tá colocando tudo ali dentro de casa, a mulher também coloca, mas ele tá trabalhando (...) Porque sempre a gente quer fazer tudo sozinha, querer pegar o mundo sozinha, mas isso pra mim acabou, fazendo análise, graças a Deus. (Elisa)

Eu sempre assumi o papel de mãe mesmo. Então quando eu era... quando a mais velha nasceu, que eu fiquei de licença maternidade e ele continuava trabalhando, eu não exigia dele que ele passasse a noite acordado me ajudando a cuidar do neném, porque no outro dia eu tava sem trabalhar, e ele trabalhava. Então, essas coisas assim eu assumo mais pra mim. (Isa)

Nas palavras de Rocha-Coutinho (1994)

Sem se dar conta, portanto, a mulher contribui para a manutenção do esquema machista que prevaleceu na sociedade tradicional e contra o qual ela própria, ainda que, muitas vezes apenas em discurso, se rebela. Romper com essa situação significa, antes de mais nada, tomar consciência desse jogo mútuo de poderes entre homens e mulheres, um jogo que se estabeleceu ao longo dos séculos e no qual homens e mulheres são perdedores (p.239)

Cabe destacar a posição da participante Bárbara, que ressalta que sempre houve uma divisão de tarefas em sua casa, embora nem ela nem o marido nunca tenham se dedicado muito à casa por causa do trabalho. Também enfatizou que nunca quis assumir uma dupla jornada de trabalho. *A casa, eu nem poderia falar assim em relação à divisão, até porque eu não sou boa dona de casa. (...) É sofrido pros dois, porque a gente tá sempre cansado, né, mas, mas se divide (Bárbara)*

No que se refere à educação dos filhos, a maior parte das participantes ressalta que é tarefa dos dois e não apenas da mãe. Contudo, vimos, tanto a partir das estruturas quanto dos resultados organizados pelo Alceste que as participantes têm tomado para si tal função. Alice, por exemplo, ao mesmo tempo em que ressalta que a educação dos filhos é tarefa dos dois, queixa-se do fato do marido interferir demais na educação e acabar tomando um lugar que acha que é seu: *Tem hora que eu acho que ele interfere demais na educação dos meninos. A primeira fase até dez anos é muito com a mãe, né, e ele, ele é muito (...) interferiu demais, cobra demais (...) É uma coisa de mãe, não é?! (...) E lá em casa, ele, eu acho que ele tomou o meu espaço um pouco, entendeu? Invadiu meu espaço de mãe (...) Então, eu acho que ele invadiu um pouco, devia ficar mais, como se diz, mais na dele, entendeu?* (Alice)

Interessante notar que no que se refere ao papel do homem na família, as participantes apontam que sua função não deve ser apenas o provimento, devendo agregar também outras funções, sobretudo em relação aos filhos. Contudo, percebemos que, de um modo geral, é justamente o papel de provedor que continua a estar no centro da atuação masculina na família, o que explicita ambigüidades no discurso das mães.

Ah, eu acho trabalhar, né, e as despesas, as despesas, devido meu, meu, é... como fala, meu salário ser inferior ao dele, eu acho, assim, as despesas mais pesadas, né (...) É mais essa parte aí (...) não só isso, e a educação dos filhos com certeza. É 50% pra cada um, né, 50 pra mim 50 pra ele. (Alice)

No caso eu não trabalho fora né, então quem arca com todas as despesas, de tudo é ele, tá, então... mas num é que seja só... teria que ser só dele no caso. (Clara)

A gente aprende que a responsabilidade do homem, é... eu aprendi isso, né, que era manter, sustentar a família, só que hoje em dia não é nada disso, né, então (...) a responsabilidade que eu acho do homem é tá junto com a família, presente na educação, que eu acho que é o mais importante disso tudo, eu nem digo de dividir as tarefas do lar, porque... eu gosto muito assim de tá presente, da gente tá participando tudo junto, em família. (Diana)

Olha, aqui na nossa casa, e é uma coisa que eu sempre tenho feito, eu acho que o marido ele é o chefe da família (...) Então a gente até, pode até conversar, mas a última palavra... eu posso até, às vezes... já aconteceu de eu não concordar, mas é a última palavra, entendeu?! Eu acho que o marido ele é sim o chefe-da-casa, e aqui o meu marido ele é o chefe da casa, ele é o chefe espiritual nosso também, sabe, ele tem essa preocupação de, de, de zelar pela vida espiritual de cada um. (...) eu não acho que o marido tem que ser aquele que compra comida pra dentro de casa, eu não vejo assim. Mas eu vejo que o chefe tem que ser o homem. (Fernanda)

Eu acho que o papel principal do homem é sustentar a família... é sustentar a família. (Helena)

Olha, o homem é o provedor né, é o que a gente... é a ordem natural das coisas, mas eu acho que as responsabilidades são, são todas em comum. (Isa)

Eu acho que o homem ainda continua sendo o cabeça, que ele precisa trabalhar fora, entendeu, e, e que ele tenha responsabilidade dentro de casa, de cuidar, de, de trazer mesmo mantimento, de cuidar da mulher, entendeu?! Não é como se fosse assim, ela não trabalha... ele não trabalha, ela tem a obrigação de trabalhar... não, eu acho que essa obrigação é dele, continua sendo dele, entendeu?! Eu penso assim, continua sendo dele. É claro que na falta do trabalho dele se ela puder ajudar ou de uma outra forma, de uma renda, sair pra... eu concordo com isso, mas eu ainda continuo achando que o homem tem que trabalhar e não ficar dentro de casa e a mulher trabalhar fora pra sustentar. O homem continua sendo homem, não... ele mudou em nada. (Julia)

Bárbara destaca que não consegue separar responsabilidades só do homem ou mais do homem, nem tarefas exclusivas da mulher: *Ah, não consigo ver isso, não consigo, nem só da mulher... não consigo. Acho que depende do contexto, depende da necessidade, depende... é, das possibilidades, eu acho que o contexto é, é, é... e a necessidade mesmo é que tem que marcar quem vai fazer o que, né. (Bárbara)*

Para a maioria das participantes desse grupo a atividade preferida dos maridos em relação aos filhos refere-se ao lazer (passear, brincar), embora também exerçam outras.

Mas gosta muito de passear, andar de bicicleta, e jogar bola. (Alice)

Só aos domingos, né, eu contava com ele [marido] mais assim pra gente sair, dar uma volta, mas pra... organizar não, a casa não (...) Ele gosta de fazer bagunça (risos), me deixa nervosa. (Giovana)

Brincar é o que ele [marido] faz muito com os meninos, entendeu? Pai, vão jogar bola, pai vã..., vão brincar de, de carrinho, pai... sabe... não, isso... chamou ele (...) Isso eu

vejo que... aí, corre, brinca, brincam de pique... não, isso ele faz bastante, brincar... ele gosta de brincar bastante com os meninos. (Clara)

Rocha-Coutinho (2003) alcançou resultados similares em seu estudo com casais em que ambos os cônjuges trabalham fora, observando que em relação aos filhos, os homens acabam se dedicando muito mais às atividades de lazer e entretenimento, muitas delas realizadas fora de casa.

De qualquer modo, não podemos desconsiderar que há indícios de alterações, mesmo que tímidas, no âmbito da participação masculina no mundo doméstico, pois é fato que os homens atualmente estão mais inseridos no dia-a-dia familiar, principalmente, se comparados a gerações anteriores.

Sem dúvida, já não é mais possível pensar que, no Brasil, estamos diante, apenas, do homem tradicional e machista. Relações mais igualitárias e relações mais tradicionais se mesclam, indicando faces “modernas” e faces conservadoras, que evidenciam as ambigüidades da esperada modernização. (Araújo & Scalon, 2005, p. 34-35)

Em relação ao papel da mulher na família as participantes destacam, principalmente, questões relacionadas à esfera doméstica, tais como, cuidar da casa, orientar a empregada, cuidar dos filhos, orientá-los, ajudar-lhes com tarefas escolares, apoiar emocionalmente, cuidar do marido, agradá-lo, etc. A nosso ver, as mulheres devem ser verdadeiras “heroínas” para dar conta de todas as tarefas incluídas em sua “jurisdição”. Fica subentendido na fala das participantes que “naturalmente” a mulher tem a capacidade de lidar com todas essas questões.

Eu acho que ela tem que trabalhar, ela tem que dar conta de casa, ela tem que dar conta de filho, ela tem que dar conta do marido, entendeu? Eu acho que a mulher tem que ser o eixo da casa, ela tem que ver tudo que tá se passando, tudo que tá acontecendo, entendeu? E conversar sobre tudo, não só ver, passar direto, mas falar sobre tudo que tá acontecendo, eu vejo dessa forma. Porque não adianta falar que a mulher não vai dar conta de tudo isso, porque ela dá, não tem jeito, querendo ou não, ela quer dar conta disso também, né, então, eu acho que é isso, entendeu? (Elisa)

Olha, eu acho que a mãe tem que tá, é... em primeiro lugar assim nas atividades, nas coisas que, que, quer dizer do filho, eu acho que ela tem que tá, é... não que ela tem que tá só ela à frente, né, mãe, e tudo, mas eu acho que a participação é muito importante na vida da criança, é coisa que... que marca muito, né. (...) Então eu acho que, que isso é importante, são pequenas coisas que eu acho que a mãe tem que, que tá presente, tem quer participar, não só, né, das alegrias, mas também das tristezas, nas dificuldades, de tudo. Então eu acho que a mãe tem... tem que... aquele negócio Ah não vou nada, fico aqui, ai tô cansada, hoje trabalhei muito, lavei roupa, né, ah não vou na escola não, deixa pra lá, mas... não, eu acho que tem que... que assumir! A partir do momento que você quer ser mãe, você tem que assumir o ser mãe mesmo. (Clara)

Tem a amamentação, não podemos esquecer, foi o que nos sobrou (risos), porque o resto todo a gente divide. A amamentação, com certeza. (Bárbara)

Cuidar dos filhos, principalmente. Eu acho assim, eu não espero, por exemplo, ah eu acho que isso não sou que tem que fazer, por exemplo, acho que é o pai que tem que fazer, eu não espero isso (...) Então, assim, eu acho que o principal da mãe é cuidar dos filhos, assim, da mulher que tá... dos filhos, do marido, da casa, né, e eu gosto disso, de não deixar faltar nada, de tá tudo ali certinho, por exemplo, meu marido chega em casa à noite tem... o que ele precisar tem, não gosto de deixar faltar nada, se precisar de fazer, eu vou fazer, eu gosto disso. (Diana)

E a mãe é mais o lado emocional, assim, do diálogo, é isso que eu tenho percebido aqui em casa. Quando, quando os filhos precisam de alguma coisa, precisam conversar, eles procuram a mãe, agora se precisam de alguma coisa material, procuram o pai. E isso a gente acaba passando, vai passando, e isso... isso fica incutido na cabeça da gente e a gente vai. (Helena)

Eu acho que uma mãe ela tem que ser conciliadora. A gente fica entre marido, filho, filho, marido, sabe?! Fazer esse, esse... sabe, esse... esse tripé ali de filho, marido e esposa, puxar, eu acho que vai muito da mãe. Porque o marido pode ser maravilhoso, mas se a mãe, a mulher não souber conduzir isso, ser conciliadora. (...) Conciliadora, nesse sentido de relacionamento, conciliadora quando falta dinheiro, sabe?! Você tem que saber lidar com isso de que o marido não se sintam um “Zé ninguém”, que os filhos não se sintam também que estão sendo privados e achem isso um absurdo e se sintam.

Eu acho que a mãe tem mais jeitinho para conversar. (...) Então, eu acho que a gente tem mais jeitinho pra, pra entrar na intimidade da criança, e conversar e dá conselho, né. Eu acho, porque... eu não sei, aqui em casa pelo menos é assim, porque o pai é carinhoso, carinhoso e carinhoso, mas tem hora que é bruto, bruto, bruto. (...) Então, assim, não sei, parece que a gente controla mais as emoções na hora de falar e de corrigir até (...) eu acho que a gente participa mais, a gente é mais preocupada em saber o que tá acontecendo do que o pai, o pai já... eu acho que já é natural dele deixar pra mãe resolver isso, né. (Isa)

No meu caso, porque eu tô em casa, então eu acho que a responsabilidade da educação, na maior parte, é minha, não que o pai não tenha participado não, faz, tem a participação e, e também de concordar com aquilo que a mãe ensina, porque se não a

gente ensina... E mãe, eu acredito que mãe só tem a ensinar o melhor pros filhos, entendeu, e a responsabilidade de, de puxar eles, né, no meu caso, educar na igreja direitinho, né, é nossa. (Julia)

Uma participante (Fernanda), ao falar das responsabilidades femininas na família, ressalta que o não exercício do que considera papel da mulher é o grande responsável pelo fim de vários casamentos: *Eu acho que a mulher é muito importante nisso aí [conciliação], e muitos casamentos têm ido embora porque as mulheres não querem esse papel, e não é fácil, não é fácil, e as mulheres não querem esse papel, mas tem que ser, porque não tem quem faça. Não adianta que não é característica do homem essa. (...) Então assim, eu vejo, eu tenho colegas minhas que não aceitam esse papel de jeito nenhum, Por mim, que briguem, que se matem, que se danem, que... Eu não vejo assim. (Fernanda)*

Convém destacar a fala da participante que não trabalha fora (Julia) em relação ao trabalho doméstico, que em seu entender é pouco valorizado socialmente. Por conta disso, ao mesmo tempo em que diz sentir-se feliz pelo fato de poder estar em casa com os filhos, sente-se frustrada e desvalorizada por não exercer uma atividade profissional. *Às vezes a dona de casa é pouco valorizada, eu acho assim, entendeu?! Quem fica em casa nunca tem valor, parece que as mulheres de fora têm seu valor, mas as mulheres de dentro de casa não têm valor, serviço doméstico o pessoal não dá valor não e é muita coisa, é muito trabalho, né. (...) Tem momentos que eu sinto a falta de não... de não ter estudado mais, você vê assim, né, quando... ah, hoje é dia de tal, hoje é dia de tal, mas quando fala que é o dia da, da dona de casa, ninguém dá valor a isso, né, da mulher em casa, vê a mulher lá fora e não dentro de casa, e isso é duro, a gente sente isso, mas eu, eu tô muito feliz da forma que eu vivo hoje, entendeu, eu não sinto mais aquela vontade, ah, vontade de estudar, estudar, nada disso, entendeu?! (Julia)*

Nascimento (2006), investigando famílias de camadas populares, observou que o cuidado com os filhos permanece como responsabilidade da mulher, da mãe, e o trabalho doméstico como função feminina (mãe, filhas), de forma que o ser mulher é definido por atribuições ligadas à esfera doméstica, como ser dona de casa e mãe.

Quanto à participação dos filhos em tarefas domésticas, as participantes revelam que tal participação não constitui obrigação, regra, sendo mais uma colaboração e uma preparação para situações que no futuro os filhos podem vir a experienciar.

Não, não, não existe essa coisa não, porque... não existe, não adianta que às vezes ele quer... ah, não tem que estudar, Ah tenho que botar... ele fica mais na escola que dentro de casa, ele fica o dia inteiro na escola, Escola Técnica, né, é o dia inteiro, então ele não tem aquela obrigação não, mas se ele ver para fazer ele faz, o que tiver que fazer ele faz, qualquer coisa, ele sabe fazer tudo, porque eu ensinei ele desde criança. (Elisa) Mas eu tô ensinando a todos dois e com isso, com eu querer ensinar o mais velho, o mais novo tá entrando no meio, né, que ainda... quer dizer ele tá com oito anos, o outro com doze, eu nunca com oito eu nunca mandei ele fazer nada e o de oito tá entrando na dança também. (Clara)

Não, a única coisa assim que eu cobro muito, principalmente da minha filha é a arrumação do quarto dela, porque eu falo, eu não gosto de nada bagunçado (...) então eu falo “você não faz nada”, mas pelo menos suas coisas, você tem que... mais ou menos manter, né. (Diana)

Não é forçado, não é (...) Eu acho que não tem necessidade (...) Eles ajudam, todos eles, todos dois ajudam em casa, mas ajudam naquilo que... sabe, eu não vou tirar... vamos supor, ela tem prova hoje, e ela estuda mesmo (...) Então, eu ia fazer, sabe, tirar ela do estudo dela, se ela tinha prova hoje de física um e física dois, ela tinha duas provas, física um e física dois, eu ia tirar ela porque eu acho que ela tinha que arrumar cozinha... sabe, eu não vejo por aí. (...) O quarto não, todos dois arrumam seu quarto, todos dois arrumam seu quarto. Então, eu não fico me estressando e nem estressando eles com coisas que eu acho que não é necessário, entendeu? Então, assim, eu não vejo essa necessidade de ter que obrigar eles, só pra dizer Ah, meus filhos fazem tudo dentro de casa. (Fernanda)

É uma dificuldade que a gente tem, mas justamente por ter uma pessoa em casa ajudando a gente, então eles [os filhos] não têm muita obrigação não, porque tem sempre alguém que faça, né, e como às vezes eu fico fora, então fica difícil, os dois não têm esse tipo de obrigação, de compromisso, não têm não. (Helena)

Eu até acho que é importante, mas ainda não consegui estabelecer como hábito não (...) sabe qual é problema, eu sou uma péssima dona de casa, então é difícil... é difícil você ensinar algo que você não, que você não tem. (Bárbara)

Então, eu ensino e falo que não pode ser preguiçosa, que tem que acostumar a ser trabalhadeira desde agora, porque é muito feio moça que não, não cuida das coisas, né. (Isa)

As próprias participantes acabam reforçando a desigualdade de gênero nas relações familiares na medida em que propõem que há coisas “próprias” para menino e coisas “próprias” para menina:

Eu acho que é diferente, porque... eu tenho uma cunhada que tem um casal e, assim... eu, o meu ponto de vista, eu não tenho... eu falo assim: Eu não tenho filho homem não, mas eu acho que... o mesmo dengo que ela dá pra menina, ela dá pro menino ou até mais, porque o menino é mais novo, e já a menina ela trata igual um... Não é assim, a mulher, a menina, a gente é mais sensível que o homem, a gente é mais isso, você dá todo o carinho que você tem para o menino, e a menina você vive chutando, você vive xingando. Então assim, eu acho que... é natural, a menina tem que ser mais protegida, tem que ser mais aquilo, é aquela coisa mais meiga, não sei se tô certa ou não, eu penso assim, apesar de não ter o menino pra botar em prática né. Mas eu acho que a criação é um pouco diferente sim. Menino é mais bruto, é muito machista. (...) Não concordo em dá tarefas femininas demais pro menino porque, não sei, eu acho que não deve. Então assim, mas tem aquela coisa que o homem até vê o pai fazendo e vai fazendo igual, né. Então, eu acho que é diferente...as tarefas a serem dadas... é diferente sim. (Isa)

A educação é a mesma, é a mesma, a educação é a mesma. Tem coisa que menino faz que menina... não pode fazer né. (...) menino eles se desprendem um pouquinho mais rápido do que menina dos pais, por mais criado que seja, mas eu acho que eles são... é homem! (...) Então, tem coisas... não que, não digo assim... tem coisas que menino faz e menina não pode fazer, entendeu?! Tipo assim, é... menina você pode estabelecer um horário, eu acredito que até mais cedo do que menino... não pra... mas é diferente. (Julia)

Como podemos perceber, os discursos são fortemente marcados por ambigüidade no que se refere à questão dos papéis de gênero na família, revelando oposições / antinomias, das quais se originam as representações sociais do feminino. Ao mesmo tempo em que as participantes dizem que não há um papel específico para a mulher ou para o homem nos dias atuais, fica subentendido que, no dia-a-dia, ou seja, no plano prático, essa divisão ainda teima em persistir. Além disso, apesar de criticarem a sobrecarga de trabalho feminina, depositam na mulher inúmeras responsabilidades.

Assim sendo, a forma como se compreende os papéis femininos e masculinos na família parece estar incorporando elementos que apontam relações mais igualitárias, ao passo que nas práticas cotidianas o descompasso parece ser maior.

Nas palavras de Rocha-Coutinho (2003):

O discurso social contemporâneo, que exalta a igualdade entre homens e mulheres, convive ainda, mesmo que de forma muitas vezes velada, com o antigo discurso que esperava de homens e mulheres diferentes papéis e posições sociais, especialmente na família, fazendo com que a antiga idéia de que “mãe é mãe” e de que “só a mãe sabe como melhor cuidar de seus filhos” continue a prevalecer. (p.94)

4. 3 Desvendando a rede de representações em torno do ser mulher na família e contrastando gerações

Vimos que as representações sociais consistem no conhecimento informal produzido nas relações sociais cotidianas acerca de assuntos e temas que exigem sua apreensão e posicionamento, na medida em que têm grande valor e funcionalidade na vida das pessoas. Esse conhecimento que emerge a partir das trocas cotidianas, no contexto das comunicações, é engendrado por condições sócio-históricas específicas, e tem relação com a posição dos indivíduos e com as funções que exercem naquele contexto.

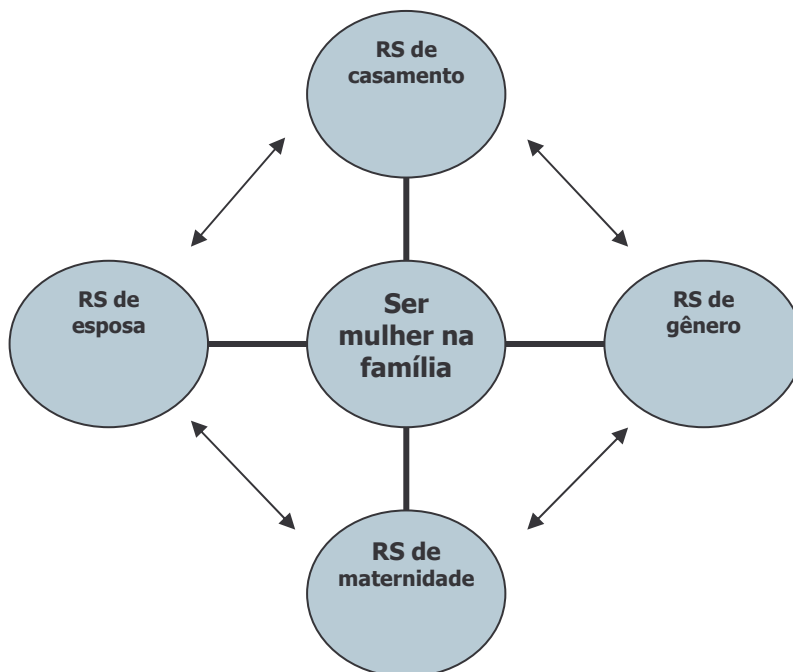
O modo como nossas participantes compreendem a maternidade, o casamento e os papéis de gênero na família foi por elas construído a partir da necessidade de entenderem e se relacionarem com a realidade em que estavam inseridas. Nesse processo, foi necessário lançar mão de conhecimentos e crenças anteriores, visando transformar o desconhecido familiar e ancorá-lo numa rede de significações, construindo um sistema explicativo que pudesse orientá-las no dia-a-dia.

O contato com as experiências de vida de nossas participantes desde a época de sua juventude através da configuração das estruturas individuais e dos procedimentos do

Alceste possibilitou-nos identificar alguns elementos da representação social de maternidade, casamento, esposa e gênero, já assinalados anteriormente. O que observamos é que a maneira como as entrevistadas representam o ser mãe, ser esposa e o casamento, está ancorada em representações sociais de gênero, ou seja, no que aprenderam ser próprio do homem e próprio da mulher num contexto histórico específico. Ao mesmo tempo, este aprendizado do papel feminino e masculino também está ancorado nas representações de maternidade, casamento e esposa.

Dessa forma, as práticas cotidianas de nossas participantes são orientadas por essas representações interligadas entre si (que estão inscritas em um sistema de representações mais amplo), de modo que consideramos mais apropriado falarmos em rede de representações (como ilustrado na figura abaixo), que se organizam em torno do ser mulher na família, norteando as práticas sociais e sendo por elas determinadas.

Figura 11: Diagrama da rede de representações sociais



Wachelke (2005) ressalta que quando representações sociais formam um conjunto coerente e coeso, estando ancoradas em noções próximas, pode-se dizer que elas estão formando um *sistema representacional*. Esse sistema representacional pode abarcar uma quantidade de subsistemas de representações, muitas vezes incompatíveis entre si.

Essa noção de sistema, segundo Wachelke (2005), apesar de parecer “estranha” a alguns, não constitui novidade na TRS. “Seria possível, por exemplo, em vez de empregar a noção de *sistemas*, chamar a essas representações de *representações que regulam outras representações, matrizes representacionais* ou algum nome semelhante” (p. 318).

Almeida (2005b) conceitua as representações sociais como sistemas “que têm por objetivo substituir as *teorias* espontâneas por versões com uma definição específica, definição esta compartilhada pelos membros de um grupo, que passa a incorporá-la no seu cotidiano. (p. 42)

Andrade (2000) também ressalta a idéia das representações constituírem um sistema dinâmico:

O sentido da representação de um objeto advém da relação com outras representações de outros objetos que forma um campo de representação. Portanto, o que confere seu sentido a uma representação não é tanto seu conteúdo, os elementos que a formam, mas a relação entre esses elementos (p.143)

Acreditamos que essa rede de representações sociais constitui uma referência importante para a formação e sustentação da identidade de nossas participantes, situando-as dentro da realidade social. Como propõe Duveen (2003, p. 268) “enquanto processo psicossocial, a construção de uma identidade é um modo de organizar significados que possibilitam à pessoa se posicionar como ator social”.

A forma das participantes da 1ª geração compreenderem e vivenciarem o casamento, a maternidade e os papéis de gênero na família é condizente com o que se esperava da mulher nos anos 1950 e 1960, ou seja, com os valores socialmente estabelecidos sobre o papel feminino na família. Da mesma forma, as diferenças apresentadas pela 2ª geração (filhas) em relação ao casamento, vida familiar / conjugal e criação dos filhos estão diretamente relacionadas com os novos papéis assumidos pelas mulheres nas últimas décadas. Tal fato evidencia a importância do contexto na produção, manutenção e transformação das representações sociais.

Cabe mencionar que quando falamos que as participantes da 1ª e da 2ª geração apresentam uma representação social específica de casamento e maternidade, não estamos propondo que todas as participantes dos respectivos grupos significam tais fenômenos exatamente da mesma forma. Na realidade, estamos falando da existência de elementos compartilhados, que são significativos e sustentam a identidade do grupo, apesar de haver também elementos particulares na medida em que são determinados pelas circunstâncias e pelo tipo de inserção no grupo. As considerações de Santos (2000) são bastante esclarecedoras a esse respeito:

O caráter de conhecimento compartilhado de uma representação não implica em absoluto consenso pelos membros de determinado grupo. Mesmo considerando que uma Representação Social é uma teoria compartilhada por um grupo de sujeitos, não se pode afirmar que cada membro do grupo compartilhe inteiramente com o conjunto de significados dessa representação em qualquer momento e sob quaisquer circunstâncias. Embora compartilhada pelo grupo, ao estudar a representação social de um dado objeto, busca-se compreender a articulação entre o consensual e o heterogêneo, entre o coletivo e o individual. (p. 155)

Em virtude da coexistência desses elementos particulares e compartilhados é que as representações sociais comportam elementos, muitas vezes, contraditórios. A TRS se propõe justamente a apreensão dessas ambigüidades e incoerências na compreensão do objeto de estudo, cumprindo, segundo Trindade e Enumo (2002, p. 158), “importante

papel no desvendamento do sentido das metáforas, das simbologias, das imbricações sincréticas e das aparentes contradições que são parte constituinte do pensamento social”.

Nas palavras de Spink (1993) “as representações sociais, portanto, são tanto a expressão de permanências culturais como são o *locus* da multiplicidade, da diversidade e da contradição” (p. 305)

Com a apropriação do conceito de *themata*, Moscovici (2003) se propôs a enfatizar que na base da produção do conhecimento social existem contradições / oposições, que constituem idéias-fonte, produtoras de famílias de representações sociais. Coube a Marcová (2006) endossar tais proposições, propondo que a TRS deve se dedicar justamente ao estudo das antinomias que estão na base do discurso público, engendrando representações.

Buscamos no presente trabalho captar essas antinomias com o auxílio do programa Alceste que, segundo Lima (2007), possibilita a identificação das dicotomias / antinomias dentro das classes formadas, revelando a presença do *themata*, que opera na produção das Representações Sociais.

As oposições / antinomias identificadas estão sendo consideradas com *themata*, embora em alguns casos se aproximem da noção de temas conceituais derivados. De qualquer modo, essas antinomias atuam moldando comportamentos e condutas, ao mesmo tempo em que agem como “núcleos semânticos” que geram e organizam discursos, posicionamentos cognitivos e culturais – classes de argumentação (Moscovici, 2001). Como mencionamos, em virtude da dificuldade de fazer a distinção entre *themata* e temas conceituais em cada caso, preferimos dizer que as antinomias

identificadas estão sempre em algum ponto da zona de significados que liga *themata* e temas conceituais.

Uma vez que estamos considerando que as classes formadas pelo processamento do Alceste englobam antinomias / oposições, e se estas conformam comportamentos, e organizam / sustentam classes de discursos, podemos dizer que as antinomias identificadas na 1ª geração - *abnegação x realização pessoal, subordinação x controle, subordinação x autonomia, idealização x riscos* - organizam classes de discurso como: “mãe dedicada / abnegada x mulher realizada”, “responsabilidades no território do lar x controle no espaço privado”, “mulher / esposa no espaço doméstico x homem / marido no espaço público”, “casamento feliz x infelicidade conjugal”, que são produtoras de representações sociais de mulher, mãe e esposa inspiradas em concepções tradicionais. Acreditamos que na base dessas antinomias está a oposição, a idéia-primeira *homem / mulher (themata)*, a qual todas essas oposições parecem estar relacionadas, até porque as representações sociais raramente são geradas por um único *themata*. Além disso, um *themata* em conexão com outros *themata* pode sofrer alterações, tendo seus conteúdos transformados ao longo do tempo (Marcová, 2006).

As antinomias identificadas na 2ª geração, por sua vez, embora também engendrem discursos e práticas tradicionais, sobretudo em relação à maternidade, denotando a forte presença da *oposição homem x mulher*, também possibilitam discursos com elementos que apontam para uma desvinculação da mulher da esfera privada, como é o caso das antinomias *projeto x receio, dificuldade x viabilidade, proteção x autonomia*, que fundam classes de argumentação como “casar é um projeto x separar é uma possibilidade”, “conciliar vida familiar e trabalho x dificuldades em

conciliar vida profissional e doméstica”, “a mãe deve proteger os filhos x a mãe deve estimular autonomia nos filhos”.

Podemos observar, com base no conjunto de resultados, pontos de aproximação e distanciamento entre as duas gerações estudadas, ou melhor, continuidades e rupturas na forma de compreender e vivenciar o papel feminino na família. Mesmo que as transformações de uma geração a outra não tenham deslocado completamente o lugar da mulher no âmbito das relações familiares e de gênero, até porque estamos falando de um intervalo de relativamente poucas décadas, indiscutivelmente verificamos mudanças importantes no papel feminino no contexto familiar e conjugal.

Já fomos, ao longo da discussão, destacando nuances e estabelecendo algumas comparações entre as gerações; contudo, consideramos conveniente retomar, aqui, as que julgamos mais significativas. Com este intuito, elaboramos um quadro (Quadro 13) baseado nas estruturas individuais no qual dispomos alguns aspectos mais gerais para comparação tanto entre as gerações quanto entre membros do par mãe-filha. A opção pelo quadro deveu-se à preocupação de não nos tornarmos repetitivos e enfadonhos, e à tentativa de apenas resgatar informações que revelem ou não a transmissão de representações e práticas de uma geração a outra.

Quadro 13 – Contrastando as participantes componentes dos pares de mãe e filha

| Mãe / Filha | Motiv. para casar | Expect. em relação ao casamento | Avaliação da vida conjugal | Sobre o casamento dos pais | Motivação para maternidade | Expect. em relação à maternidade | Avaliação da experiência de ser mãe | Práticas educativas | A mãe como mãe | A(s) filha(s) como mãe(s) |
|-----------------|---|--|--|--|---|--|---|--|---|---|
| Ana | Ter a própria casa para fazer o que quisesse. | Pensava que ia "viver legal". | No início foi bom; depois o marido se envolveu com outra mulher, com quem se relaciona há mais de 30 anos. | Os pais viviam muito bem, não brigavam. Sem filhos biológicos. | Não pensava sobre o assunto; não pensava em ter muitos filhos; não foram planejados. | Que o filho nascesse perfeito, com saúde; pudesse dar estudos; não se sentia preparada para ser mãe. | Acha muito bom, gosta de ter família grande; reconhece que não foi fácil cuidar de nove filhos. | Preocupação com regras e horários; batia e castigava os filhos quando faziam "arte". | Era muito boa, mas não conversava sobre o certo e errado; se acha um pouco parecida. | Algumas são parecidas no jeito de agir e educar, já a mais nova não – trabalha fora o dia todo. |
| Alice | Sempre sonhou em se casar, mas quis primeiro graduar-se. | Achava que seria a "lua de mel", e viveriam bem. | No início brigavam muito por ciúme e foi difícil. Depois as coisas melhoraram. | A mãe era muito submissa, o que é parecido, embora ela seja menos; a mãe nunca trabalhou fora. | De início não queria ter filhos; depois sentiu necessidade de "complementar" o vazio entre ela e o marido. | Achava que seria mais tranquilo do que realmente foi, e percebeu que não estava preparada. | Acha muito bom, muito gratificante; porém, cre que "erra" muito com os filhos e sente-se culpada. | Grita muito com os filhos e às vezes bate; procura educá-los na religião. | A mãe era rígida, batia e gritava muito, não era carinhosa. Identifica-se com ela em alguns aspectos negativos. | - |
| Berenice | Não pensava em casar, queria ser freira. | Achava que dava muito trabalho, e que seria como o casamento de sua mãe. | Se fosse hoje não se casaria; a única coisa positiva em seu casamento foram os filhos. | Seu casamento foi muito parecido com o dos pais; a diferença é que a mãe podia lavar e costurar para fora, já ela não. | Pensava em ser mãe por gostar muito de criança. | Pensava em educar seus filhos, ensinar-lhes o bom caminho e dar-lhes estudo. | A melhor coisa do mundo. | Procurou ensinar a verdade, a ser honesto; era muito cuidadosa e superprotetora | A mãe era muito sofrida, doente, trabalhava. Achava-se parecida com ela em muitas coisas. | A filha é "bem diferente", é mais aberta e carinhosa. Mas ensina coisas que ela também ensinava aos filhos. |
| Bárbara | Pensava em se casar depois que estivesse estabilizada na profissão. | Nunca idealizou um príncipe encantado, e não pensava em casamento pra sempre, queria alguém para "dividir" a vida com ela. | Julga-se uma felizarda, encontrou o que procurava. | Não há nada parecido. | Sempre pensou em ser mãe, desde pequena. Teve dificuldade para engravidar, sentia-se incompleta. | Achava que seria menos trabalhoso, e que estava preparada para os aspectos emocionais, mas não para os práticos. | É muito melhor do que imaginava, é uma experiência maravilhosa. Tornou-se melhor com a maternidade. | Procura passar valor moral à filha, e ensiná-la a respeitar as pessoas. | A mãe sempre foi uma "legal", e foi muito presente. Não era tão carinhosa. Como parecido aponta falar muito alto. | - |
| Célia | Casou por amor para ficar casada | Achava que seu casamento iria dar certo porque sempre teve "fundo religioso". | Para ela o casamento foi uma "benção", representou uma liberdade. Nunca deixou sua vida conjugal ficar monótona. | Seu pai era muito "levado" e aprontava muito; acha parecido apenas o desejo de levar o casamento ao "túmulo". | Pensava em ser mãe por gostar muito de criança. Era algo dela. Acha que seria frustrada ou doente se não fosse mãe. | Esperava que o filho nascesse perfeito. Acreditava que estava preparada, pois ajudou a cuidar dos sobrinhos. | Foi uma "realização", o que sempre quis. Acha um "papal lindo". | O cuidado com os filhos era "excessivo", tinha horário para tudo. Sempre buscou dialogar e orientar os filhos para serem pessoas de "caráter". | Acha-se muito parecida com a mãe, que vivia para os filhos. A diferença é que sabe dialogar com a família | Acha a filha "uma esposa excelente, é resignada". É muito parecida com ela. |
| Clara | Casou por amor. Queria casar e constituir família. | Achava que sua vida ia mudar com o casamento. Nunca sonhou com tudo "lindo". | No início foi difícil e acha que o casamento tem "altos e baixos". | Seu casamento é diferente do dos pais (a mãe era muito autoritária). | Sempre sonhou em ser mãe; era algo que queria mesmo, precisava "preencher". | Querida assumir os filhos em todos os aspectos. Ficava muito insegura. | Ser mãe é "ótimo", não tem coisa melhor. Acha ótimo amamentar. | Procura conversar muito com os filhos, orientá-los, estar sempre próxima. | A mãe era muito cuidadosa, participativa e se acha bem parecida. | - |
| Dalva | Quando jovem não pensava muito em se casar. | Não tinha muita noção de como era o casamento, não tinha "experiência" das coisas. | Acha que foi uma coisa muito boa em sua vida, viveram muito bem. | Os pais eram "enérgicos". O pai era muito "duro", bravo, e a mãe sofria com ele. | Não pensava a respeito de filhos, e não foi algo planejado, foi acontecendo. | Não se achava preparada para ser mãe. Foi aprendendo com a sogra. | Foi uma experiência muito boa, ótima. | Era muito cuidadosa com as filhas. Batia muito, e hoje acha que fazia errado; perdia a paciência. | A mãe também era muito cuidadosa. O pai que era diferente do seu marido. | As filhas não são diferentes, mas também são bravas com os filhos. |

| | | | | | | | | | | |
|-----------------|--|--|---|--|--|---|--|--|---|---|
| Diana | O casamento fazia parte de seus projetos, sempre teve intenção de casar. | Tinha expectativas de que o casamento fosse bom e feliz. | O casamento não foi o que esperava, mas no geral é bom. A compra do apartamento é um dos pontos positivos. | Como semelhança aponta a união da família. Como diferença o fato de trabalhar fora e o "jeito" do marido. | Sempre pensou em ser mãe, sempre quis. | Achava que não estava pronta para ser mãe. Acreditava que seria mais fácil educar os filhos. | Acha que só sendo mãe para saber como é. É uma "mãezona". Acha que é muito "estourada" | É muito exigente com os filhos, cobra muito. Acha que quando eram menores era mais fácil. Queria ser melhor mãe. Conversa muito com os filhos. | A mãe era muito "brava", batia muito. Como semelhança aponta ser muito exigente com os filhos. É mais aberta com os filhos. | - |
| Eva | Não gostava muito do marido, gostava de outro, casou para sair de casa. | Achava que casamento era "para sempre". | No início do casamento o marido era muito ruim, mas não deixava faltar nada em casa. O marido saiu de casa para ir viver com outra mulher. | Acha que o casamento dos pais foi diferente porque ficaram sempre juntos, mesmo não sendo em grandes "amores". | Sempre pensou em ser mãe, achava que o casamento tinha que ter filhos. "Casamento sem filho é muito ruim". | Não tinha expectativas, ficava apreensiva em relação ao parto. Estava preparada para cuidar dos filhos porque ajudou a cuidar dos irmãos. | Acha que ter filhos é bom. O que foi ruim foi "perder" dois filhos. | Acha que é necessário ter muita compreensão | A mãe era "brava", demais, uma "fera", batia muito. Nunca foi parecida com ela; procurava conversar com os filhos. | Acha que as filhas são diferentes. Duas delas são muito permissivas, e a outra é mais "positiva", mais brava, briga muito, grita. |
| Elisa | Para casar, achava que tinham que gostar de verdade um do outro. | Sempre teve "medo" do casamento em virtude da separação dos pais, não tinha ilusão, tinha o pé atrás. | Hoje estão num bom momento. Já pensou em separar por causa do marido beber muito, brigavam muito nessa época. | Seu casamento foi diferente dos pais. Nunca foi "submissa" como a mãe, sempre trabalhou fora. | Sempre pensou em ser mãe. Acha que esse desejo nasce com a mulher. | Esperava ser amiga do filho e criá-lo como o fez. | Sente-se realizada em ser mãe, acha "fantástico" | Procura estar sempre presente na vida do filho, e acha que amor é fundamental. É muito preocupada e protetora. | A mãe era muito "calma", não batia, era presente, mas não muito próxima dos filhos. Tentou ser diferente, é amiga do filho. | - |
| Fátima | Quando jovem pensava em se casar. | Não imaginava como o casamento seria, pois ninguém conversava sobre isso. Achava que o papel da esposa era ser dona de casa. | No início o casamento foi muito bom. O problema foi o marido se envolver com outra mulher. Por ela não teria se separado, temia o "escândalo". | Os pais viviam muito bem, não brigavam, não discutiam, havia mais respeito que em seu casamento. Era um "casal perfeito". | Sempre pensou em ser mãe. | Suas expectativas eram em relação ao parto. Não queria ter filhos com parteira. Sentia-se preparada para ser mãe. | Foi muito bom, apesar de "luta". Viveu para os filhos. Hoje tem os filhos e não está sozinha. | Sempre fez tudo para agradar os filhos e procurava conversar. | A mãe fazia tudo pelos filhos e é parecida dela, pois em sua época havia mais autoridade. | Acha que as filhas são um pouco diferentes dela, pois em sua época havia mais autoridade. |
| Fernanda | Queria se casar. Estava à espera de seu grande amor. | Esperava que seu casamento fosse diferente do casamento de seus pais. Queria que houvesse respeito e doação mútua. | Faria tudo de novo. Tem um relacionamento muito bom com o marido. Espera ficar com o marido para o resto da vida. | O pai era muito ciumento, e se envolveu com outra mulher. Brigavam muito. Seu casamento é totalmente diferente. | Sempre sonhou em ser mãe. Sempre gostou de criança - é uma coisa "sua" mesmo. | Esperava que os filhos fossem pessoas de bem. Achava que estava preparada. Queria ter com os filhos uma relação como a que tinha com a mãe. | Foi uma coisa fantástica. Tornou-se uma pessoa melhor. | Sempre teve muito cuidado com os filhos, procurava conversar com eles. Nunca quis ser "mártir" pelos filhos e depois cobrar isso deles. | A mãe era muito "rígida", mas também era amiga, cuidada, caprichosa. É menos exigente que a mãe. | - |
| Glória | Queria casar para ser livre e sair de casa. Casou muito jovem, grávida. | Sua expectativa em relação ao casamento era "ter liberdade". Achava que seria "tudo lindo", ia viver uma "vidinha legal". | Pensou em separar logo no início do casamento quando viu que não era o que imaginava. Brigavam muito, não havia diálogo, o marido era ciumento. Foi muito ruim. | O casamento dos pais foi "péssimo", seu pai era ciumento, traía muito a mãe, que era "nervosa". Acha que seu casamento não foi parecido. | Quando jovem não pensava a respeito de filhos, só queria ter liberdade. | Não sabia como os filhos nasciam. Não estava preparada para a maternidade. | Sua vida foi muito "dura" quando os filhos eram pequenos, mas não se arrepende de tê-los tido. | Procurava conversar com os filhos. Sempre orientou as filhas para não casarem com jovens como ela. | Sua mãe era muito severa e batia muito, não conversava com os filhos. Mas fazia tudo por eles. Nesse sentido é parecida. | As filhas têm menos filhos. Uma é parecida e a outra é diferente, pois mimou muito o filho. Não concorda com isso. |

| | | | | | | | | | | |
|----------------|--|---|--|---|--|--|---|---|--|--|
| Giovana | Sempre pensou em casar. | Nunca idealizou o casamento, mas achava que deveria ter como base muito respeito. Achava que o casamento era para sempre. | Considera muito positivo ter uma pessoa como o marido ao lado. Destaca que o casamento envolve muita renúncia em favor do outro, e esse é o aspecto difícil. | Sempre quis que seu casamento fosse diferente do casamento dos pais, que eram felizes, toleravam-se. | Pensava em ser mãe, mas quando começou a trabalhar passou a adiar esse desejo. Quando se casou pela segunda vez decidiu ter. | Sua expectativa ser uma mãe presente. Achava que não estava preparada para ser mãe. | É uma experiência "ótima", uma realização. | Procura fazer tudo pelo filho, estar sempre atenta, conversar com ele, ser amiga. | Acha que a mãe poderia ter sido mais amiga dos filhos, como ela procura ser. Parecido são as concessões em favor do filho. | - |
| Hilda | Sempre pensou em casar. | Achava que o marido estava preparado para casar, mas era muito inexperiente. | O casamento não foi exatamente como sonhou. Apesar disso, realizou-se no casamento, do deu para "segurar as pontas". | O pai expressava mais seu amor pela mãe. Seu casamento é semelhante na questão do respeito e união da família. | Sempre pensou em ser mãe, era um desejo que já estava nela. | Suas expectativas se relacionavam ao cuidado com os filhos, como iria cuidar. Achava que estava preparada para ser mãe | Acha que é "tudo de bom". Foi muita "luta", pois ficava muito sozinha com os filhos. | Procurava passar os valores de amor e respeito aos filhos. Batia e castigava quando julgava necessário. Era "brava" para que a respeitassem | Sua mãe era muito boa, cuidadora, mas muito "brava", batia muito. Acha que é mais aberta e "liberal" com os filhos. | A filha não é parecida, pois ela era mais "exigente", e menos permissiva. |
| Helena | Quando criança brincava de casar e ter filhos. | Temia que seu casamento não desse certo pelo fato de serem muito jovens. | Vê a constituição de sua família como muito positiva. Não consegue se imaginar sem o marido. | Acha que a mãe é muito "linha dura" com o pai, e ela quis ser diferente. | Sempre quis ser mãe. | Não se preocupava se estava preparada para ter filhos. | Sua expectativa foi superada. Vive para os filhos. Negativo só "estrias" e ganho de peso. | Procura ensinar respeito e passar uma formação religiosa. Sua vida gira em torno dos filhos. | Sua mãe era "nervosa", mas boa mãe. Acha que são parecidas, apesar de ser mais flexível que a mãe. | - |
| Ivone | Foi educada para se casar. Era o que queria. | Achava que tinha que ser por amor e ser definitivo, "para sempre". | Foi o casamento de seus sonhos. Vivem sempre juntos e se respeitam. Superaram todas as dificuldades. | Acha que é diferente, pois a mãe era muito submissa, o pai era agressivo. Ambas buscaram preservar o casamento. | Sempre quis ser mãe. Pensava em casar para poder ter filhos. Via os irmãos com filhos e achava muito bonito. | Achava que estava preparada para ser mãe, pois foi preparada pelo pai para isso. Achava que seria uma "realização". | Foi a melhor coisa de sua vida. | Acha importante estar próxima aos filhos, ser presente. Sua rotina era em função dos filhos. | A mãe era "mansa", cuidadora, amorosa e caseira. É parecida nesse sentido. A mãe nunca estudou, ao contrário dela. | Acha que a filha mais velha é muito protetora. A outra é mais parecida com ela, pois é amiga das filhas. |
| Isa | Casar era seu projeto de vida, foi educada para casar. | Sua expectativa era de ter um companheiro. | O casamento foi o que esperava. Planeja tudo junto com o marido. No início não entendia a necessidade dele de sair sozinho. | A mãe era omissa, deixava tudo por conta do marido. Em sua casa não trocavam carinho perto dos filhos, o que é parecido. | Sempre sonhou em ser mãe. Sempre teve esse desejo aflorado por ter ajudado a cuidar da irmã. | Esperava ser uma mãe presente na vida dos filhos. Não se sentia preparada. | Ser mãe é "fantástico. Só pensa nas filhas. Acha que ser mãe amadurece | Acha importante impor limite. Procura estar próxima das filhas e orientá-las. | Sua mãe trabalhava muito e não tinha tempo para os filhos. Era ausente e omissa. Procura ser diferente. | - |
| Joana | Sempre quis se casar, foi preparada para isso. | Achava que a mulher casava para ter filhos e tomar conta da casa, não havia opção. | Ela e o marido pensam muito parecido, e acha que teve sorte no casamento. | Os pais não trocavam carinho perto dos filhos. O respeito entre os pais também existia em seu casamento. | Sempre pensou em casar. Os filhos, segundo a religião, não podiam ser "evitados". | Achava que não estava pronta para ser mãe, pois não se conversava sobre o assunto. | Ser mãe é muito bom, é a "melhor coisa do mundo", apesar de muita "luta". Filho "é benção de Deus". | Sempre procurou ensinar aos filhos coisas boas, ser cuidadora e sempre procurou impor horário. | Sua mãe era muito "séria". Dava tarefas aos filhos e se precisasse batia Criou os filhos como a mãe, porém, conversa mais com os filhos. | Acha a filha mais velha diferente - é muito permissiva. As outras filhas são mais parecidas com ela. |
| Julia | O pai achava que as filhas tinham que casar e não estudar. | Achava que ia viver bem, ser feliz, cuidar do marido e ele dela, e que fosse viver "para sempre". | O início do casamento foi "muito difícil. O marido se envolveu com outra mulher e separam-se. Voltaram, e hoje vivem bem. | Como no casamento dos pais houve "adultério". Nunca precisou trabalhar fora, assim como a mãe. Os pais são mais cúmplices que ela e o marido. | Após um tempo de casada sentiu vontade de ter filhos, começou a sentir falta de algo para "completar". | Tinha medo do parto, depois superou. Achava que seria uma "mãe coruja", disponível. Acha que não estava pronta em termos práticos. | Ser mãe é ótimo, é "lindo", "dádiva de Deus". É a coisa "mais linda" do casamento. | A formação religiosa é essencial, assim como a educação formal. Corrige os filhos quando precisa, mas prefere orar. É presente. | É parecida com a mãe na questão da dedicação e preocupação o Criou os filhos na religião, como a mãe. | - |

Em nosso entender, as principais diferenças entre essas duas gerações de mulheres se localizam na vivência do casamento. Ao passo que na 1ª geração o casamento representava “a” alternativa para a mulher, que temia o estigma da “solteirona” e da “separada”, e, portanto, deveria fazer de tudo para manter a paz e harmonia conjugal, sem causar aborrecimentos ao marido (capacidade feminina de manter o casamento), na 2ª geração as participantes, apesar de ainda incluírem o casamento em seus projetos de vida, deixam claro seu desejo de vivenciarem um casamento baseado no amor, diálogo e afeto, sendo a separação uma possibilidade sempre presente. A expectativa explicitada direta ou indiretamente nos relatos de várias participantes da 2ª geração de construir uma vida conjugal absolutamente diferente do casamento dos pais confirma o surgimento de novos contornos para a relação conjugal.

Observamos que as expectativas no grupo das mães em relação ao casamento oscilavam, invariavelmente, entre: ter uma casa “sua” para cuidar e para nela fazer o que bem entendesse, constituir família própria, libertar-se da opressão dos pais e ficar casada “para sempre”. Mesmo que tais expectativas não fossem cumpridas nem mesmo parcialmente, cabia à mulher suportar todas as dificuldades em prol dos filhos e de sua reputação. Além disso, nesse contexto, a união conjugal, apesar de não ser rigidamente determinada pela família, como nas décadas anteriores, ainda está marcada pela necessidade de aprovação ou pelo menos simpatia dos pais e familiares em relação ao futuro cônjuge.

A perspectiva de casar com quem os pais “aprovassem” e de manter o casamento a qualquer custo, colocando-se numa nítida posição de submissão, tolerando tudo, inclusive as “escapadas” e traições do marido, julgadas decorrentes de sua “natureza masculina”, perde força de uma geração a outra, passando a predominar um ideal

liberdade de escolha e de respeito mútuo entre os cônjuges. Certamente, isso não significa que os pais tenham deixado de interferir de alguma forma nas escolhas dos filhos, e que situações de infidelidade conjugal, por exemplo, tenham deixado de existir – inclusive, a infidelidade feminina (que no início do século passado era punida com a morte da mulher), ainda que reprovável, torna-se mais comum; na verdade, o que muda é a forma como essa situação passa a ser avaliada e vivenciada pelo casal.

Assim, entre as gerações identificamos alguns importantes deslocamentos no que se refere ao casamento: a preocupação com o risco de perder o marido dá lugar à preocupação de ganhar autonomia e orientar / preparar adequadamente o filho, de modo que manter o casamento deixa de ser o objetivo principal; as relações conjugais, de uma forma geral, tornam-se mais abertas e parecem envolver maior cumplicidade entre os cônjuges, diminuindo-se as interdições em relação à mulher; reduz-se a limitação à esfera doméstica e a profissionalização feminina ganha lugar; e o investimento feminino no casamento passa a dividir espaço com o maior envolvimento masculino.

O controle sobre a mulher no contexto da 1ª geração já se evidenciava antes mesmo do casamento, ficando ao encargo dos pais exercê-lo. O receio de ser alvo de fofocas e ficar mal falada era presente na vida dessas jovens, que, então, seguiam os preceitos familiares e sociais, e exerciam uma espécie de autocontrole sobre seus próprios comportamentos. Biasoli-Alves (2000) destaca que uma série de valores tradicionais, como “respeito”, “obediência”, “submissão”, eram considerados atributos indispensáveis a uma boa moça até meados do século XX, e foi esse o pano de fundo da socialização inicial das participantes da 1ª geração.

Influenciadas por essa ideologia da necessidade de vigilância e controle constante sobre os filhos, e sobre as mulheres, em especial, por certo que algumas participantes

dessa 1ª geração exerceram um rigoroso domínio na educação de suas filhas; entretanto, isso não constituiu regra, pois algumas delas, sobretudo as que vivenciaram um casamento infeliz e manifestaram insatisfações conjugais, incluíram a possibilidade de liberdade e autonomia na educação das filhas.

Na 2ª geração o controle social e familiar em relação à mulher deixa de ser exercido de forma excessivamente rígida e autoritária. Os valores de autonomia, liberdade e individualidade começam a ser considerados, como podemos observar nas falas das participantes dessa geração, e o diálogo aberto passa a ser a grande referência na orientação dos filhos e filhas. O desejo de que os filhos sejam felizes e se realizem passa a ser o objetivo primeiro dessas participantes.

A maior escolarização e o trabalho feminino fora de casa constituem importantes mudanças entre os grupos e estão na base de outras modificações substanciais, possibilitando o contato social mais amplo e o questionamento de valores tradicionais. A possibilidade real de seguir uma carreira amplia os horizontes das mulheres antes circunscritas ao território privado; porém, impõe-lhes, ao mesmo tempo, uma série de novas exigências para conciliar essas diferentes esferas. O ideal que vincula trabalho e autonomia, na prática, não se dá sem custos.

O conflito que permanece, então, embora sofra alterações, é aquele entre o real e o ideal. Maior autonomia feminina só tem sido possível com o acúmulo de atribuições. Nesse contexto, a separação pode agravar ainda mais as responsabilidades femininas, e talvez seja esse um dos motivos que ainda mantém o casamento entre os projetos femininos.

Essa necessidade de conciliar diferentes campos de atuação, sobretudo quando envolve a maternidade, sem dúvida, não é vivenciada sem dificuldades nos dias atuais;

porém, tais dificuldades não são sentidas como empecilho a essa conciliação, como pudemos observar entre as participantes do grupo mais jovem. “O discurso atual da ‘escolha’ parece colocar a mulher diante de impasses que não são por ela percebidos enquanto tal, levando-a a buscar, de forma individual (...) uma vivência harmoniosa de todas essas múltiplas atribuições”. (Rocha-Coutinho, 2004, p. 9)

Fica evidente que apesar das mulheres da 2ª geração buscarem outras formas de realização fora do contexto privado-doméstico, ainda assim veem esse espaço como seu, ou seja, como seu espaço de poder. E brigam por mantê-lo como tal. Várias, inclusive, trabalham fora, mas afirmam que não são responsáveis pela manutenção financeira da família, o que cabe ao homem. Este, por outro lado, mesmo sendo participativo e atuante em casa, não pode ultrapassar os limites estabelecidos para essa atuação. A fala da participante Alice é categórica nesse sentido quando afirma que o marido interfere demais na educação dos filhos, e “invade” um espaço que é dela. Elisa expressa reflexão similar quando diz que a participação do marido na rotina doméstica e educação dos filhos é necessária, mas a mulher é o “eixo da casa”. Assim, nossos resultados evidenciam que a manutenção dessa configuração assimétrica nas relações de gênero acabam sendo reforçadas e mantidas pelas próprias mulheres, muitas vezes em virtude da busca de garantir um espaço de poder.

Outra mudança importante de uma geração a outra, se pensarmos num intervalo de relativamente poucos anos, refere-se ao número de filhos (na 1ª geração a média é de 4,2 filhos, e na segunda 1,7). O fato de a mulher ter começado a se profissionalizar e passar a ficar menos tempo em casa pode ser um fator explicativo para essa redução. Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) destacam que essa diminuição cada vez maior no número de filhos pode estar relacionada ao fato de um grande número de mulheres nos

dias de hoje estar percebendo que há outras experiências que podem ser tão gratificantes quanto ser mãe, e também à questão da possibilidade de “escolher” se vai ter, quando vai ter e quantos filhos quer ter.

Não podemos perder de vista que mesmo se afastando dos modelos oferecidos pelos pais, esses acabam sendo importantes referências para o comportamento das gerações seguintes. Se considerarmos os pares de uma mesma família, percebemos que, mesmo havendo diferenciação entre mãe e filha, a mãe acaba funcionando como referência, mesmo que seja para não ser seguida. Várias participantes destacam o quanto a experiência da mãe em relação ao casamento e também em relação à maternidade foi importante para que pudessem delinear seus próprios caminhos.

Significativas diferenças em relação ao cuidado e à educação dos filhos são encontradas entre uma geração e outra. Enquanto na 1ª geração as mulheres, em geral, demonstram não ter dúvidas sobre como agir em relação aos filhos, na segunda encontramos incertezas e inseguranças. Isso fica evidenciado também pelo fato de apenas as participantes da 2ª geração buscarem outras referências para “aprender” a educar os filhos (profissionais, livros / revistas especializados, etc.), o que não aconteceu com suas mães.

Rocha-Coutinho (1994) observou resultados análogos ao comparar as estratégias de controle utilizadas por mães e filhas. A autora aponta que a certeza e a segurança evidenciadas nas falas das mães contrastam com a insegurança e a incerteza com relação à melhor forma de educar os filhos presente no discurso das filhas, que expressam sentimentos de despreparo, dúvida e de culpa por não estar atuando corretamente. A mesma autora acredita que tal discrepância tem relação com o fato de que nos anos 1960, os papéis na família eram muito bem definidos, não havendo espaço

para dúvidas. A mãe sabia o que podia e o que devia fazer, assim, como o pai e os filhos.

Ao falarem sobre a criação e educação dos filhos, o grupo de mulheres da 1ª geração destaca o controle e autoridade que tinham sobre os filhos, expresso, sobretudo pela utilização das punições físicas (como bater e castigar quando faziam “arte”), pelo rigor com horários e regras, e pela exigência de respeito e obediência na relação pais - filhos (que, na verdade, foi o que aprenderam com os pais – muitas participantes da 1ª geração destacam essa questão dos pais, e especificamente da mãe, terem sido muito severos e rígidos). Tal fato é confirmado inclusive pelas mulheres da 2ª geração (filhas) ao falarem sobre a forma como foram criadas e ao se compararem com suas mães. Mencionam que suas mães eram “bravas”, “enérgicas”, “nervosas” e pouco carinhosas com os filhos (normalmente, em virtude da falta de tempo pela rotina estressante que tinham), ao contrário delas, que são mais tolerantes com os filhos, e procuram estabelecer uma relação de maior proximidade, cumplicidade e afeto com os filhos, protegendo, mas ao mesmo tempo, promovendo a autonomia. Apesar disso, em vários momentos destacam que acabam agindo exatamente como as mães, em alguns casos, sem perceberem ou quererem, e / ou mencionam que na época de suas mães era melhor e mais fácil para criar filhos, havia mais autoridade, respeito, entre outras coisas.

Sobre a educação / criação de meninos e meninas, pudemos perceber que, nos dois grupos, as participantes responderem de formas variadas, conforme sua compreensão da questão - algumas falaram da diferença na educação decorrente das diferenças de gênero, outras sobre ambos terem que ser bem educados, outras sobre formação moral e civilidade para ambos, etc. Além disso, várias participantes relataram que ofereceram aos filhos e filhas uma educação / criação igual, independente de serem meninos ou

meninas, mas em outros momentos do relato fica evidente a diferenciação de gênero, e a naturalização dessas diferenças, aparecendo a contradição.

Sem dúvida, mudanças importantes no que se refere à qualidade do relacionamento pais-filhos e mães-filhos se processaram nas últimas décadas, o que fica bastante visível em nossos resultados. A qualidade da relação estabelecida com os filhos passa a receber grande importância, e os pais têm procurado se colocar mais acessíveis e próximos dos filhos, e construir uma relação baseada no diálogo e afeto. Contudo, isso não significa um abandono completo de significações e práticas das gerações precedentes.

Além disso, não podemos perder de vista que o lugar ocupado pela maternidade na vida feminina não sofreu grandes alterações. Sem dúvida, há certo enfraquecimento dos modelos conhecidos, mas isso é mais perceptível nas esferas profissional e conjugal, e não na familiar e no contexto da maternidade. Ser mãe ainda continua sendo o elemento sobre o qual repousa a identidade feminina para a maioria das participantes da 2ª geração, e a contestação dos padrões e modelos da geração anterior parece não se processar em termos práticos. Até porque na geração mais jovem encontramos a insegurança diante do exercício da maternidade, o que faz com que as mulheres busquem nos modelos disponíveis, muitas vezes, mães, irmãs, primas, os caminhos a seguir. O receio de agir errado com o filho e isso trazer consequências futuras para o mesmo; a culpa por deixá-lo em casa nas mãos de “outros” para ir para o trabalho; a falta de tempo para uma relação mais próxima com o filho; a ambivalência de sentimentos diante das situações cotidianas; entre outras, são questões que passam a ser incorporadas às pautas femininas, tirando-lhes as certezas, e impondo-lhes a busca de modelos tanto atuais quanto do passado.

A respeito da educação dos filhos nos dias atuais Caldana (1995, p. 110-111)

destaca três aspectos:

1. O declínio da autoridade parental; 2. A responsabilização dos pais por quaisquer desvios do caminho que leva à felicidade – bem supremo – dos filhos; e 3. A ligação entre esta situação e a veiculação de conhecimentos ligados à psicologia e psicanálise.

Fica difícil falar em transmissão geracional direta, mas sem dúvida a observação da geração anterior, consideradas as mudanças contextuais / culturais (menos hipocrisia, mais informação, redução da assimetria de gênero, separação não excessivamente traumática, padrão de relação esposo-esposa e pais-filhos menos autoritário, controle da natalidade, desmistificação da experiência sexual) assegura que diversos elementos são absorvidos pelos filhos.

Na verdade, o que se nota é que a realidade social mais ampla, na qual a família está inserida, está marcada pela heterogeneidade, de forma que estão coexistindo modelos do passado e valores atuais, sendo impossível falar apenas em transformações ou apenas em prosseguimentos. Como assinala Rocha-Coutinho (2006, p. 100-101):

Diferentemente do passado, em que, na família, um modelo identitário (...) era oferecido a cada um de seus membros e em que valores e padrões de comportamento mais ou menos estáveis eram passados de geração a geração, estamos assistindo agora a um momento de indefinição e ausência de modelos fixos e imutáveis. Valores e padrões de comportamento tradicionais parecem coexistir, muitas vezes em conflito, com novos valores e padrões de comportamento no interior das famílias.

Biasoli-Alves (1997), ao discutir as transformações nas práticas de educação ao longo do século XX, também traz interessantes considerações:

Se de um lado tem-se a imposição de normas e valores, de outro, existe a sua reformulação ao serem assinaladas pelos mais novos, e com o passar do tempo, à medida que a história daquela família vai sendo construída, as diferentes gerações vão, mais ou menos conscientemente, construindo uma interpretação compartilhada de alguns aspectos cruciais da vida (p. 48).

Ousamos dizer que para uma próxima geração talvez exista mais transmissão direta porque os pais viverão num contexto mais similar ao de seus filhos, no qual as

práticas também serão mais similares quando comparada a realidade vivida pelas duas gerações - o que não quer dizer que irão desaparecer completamente as diferenças intergeracionais.

5. ALGUNS COMENTÁRIOS FINAIS

Ao final desse trabalho a conclusão a que chegamos é que há ainda muitas outras coisas a serem ditas sobre o tema. Mesmo em *tantas* páginas não foi possível esgotar todas as possibilidades de análise e reflexões que o tema permite, dada a sua complexidade, nem foi essa nossa pretensão. Nesse último capítulo ressaltamos alguns pontos que ficam como possibilidade para novos trabalhos que pretendam se debruçar sobre a instigante e inesgotável temática: ser mulher na família e na sociedade.

Antes, porém, queremos falar do que foi possível com o presente estudo que se apoiou em abordagem psicossocial, resultando em “saldo” que consideramos positivo. É certo que esse tipo de avaliação está evidentemente comprometida pela parcialidade e marcada pela emoção de concluir um empreendimento sobre o qual nos debruçamos durante alguns anos, mas consideramos que deveríamos fazer o registro.

Ao buscarmos compreender a forma como mulheres de duas gerações representam a vida conjugal e familiar e a experiência da maternidade, bem como suas práticas cotidianas, identificando a rede de representações que as sustentam, foi possível desvendar / entender os processos psicossociais envolvidos na construção de suas identidades e captar as transformações e continuidades ocorridas de uma geração a outra.

Os resultados nos possibilitaram explicitar a importância do contexto na produção, manutenção e / ou transformação das representações sociais. Percebemos que o modo como as participantes de ambas as gerações compreendem e experienciam a condição feminina é condizente com o momento histórico-social em que tais participantes viveram / vivem, o que não significa que as particularidades estejam sendo desconsideradas.

Também nos permitiram perceber a interferência da afiliação grupal e do nível de instrução na produção das RS, e em sua manutenção ou modificação. Embora exista um núcleo consensual de significações na estruturação das RS, os indivíduos e grupos ajustam dinamicamente as representações às suas realidades (Santos, Novelino & Nascimento, 2003), de acordo com seus grupos identitários. Isso fica evidente no caso do grupo que constitui a 1ª geração, pois apesar de composto por mulheres que viveram sua adolescência e juventude nos anos 1960, esse grupo difere completamente das participantes do estudo de Gianórdoli-Nascimento (2006), que viveram a adolescência e juventude no mesmo período. Em ambos os casos estudados, as mulheres queriam sair de casa e fugir do controle dos pais, contudo, seguiram diferentes vias. As entrevistadas do presente estudo, de forma geral, quando jovens moravam em pequenas cidades, pertenciam à classe média e baixa, tinham baixa escolarização, e não participaram dos movimentos reivindicatórios em defesa dos direitos da mulher que começam a se delinear nos anos 1960; essas mulheres viam no casamento a única possibilidade de se libertar do controle dos pais. Já suas contemporâneas que participaram do estudo de Gianórdoli-Nascimento (2006), por exemplo, durante sua adolescência e / ou juventude faziam parte de grupos mais “intelectualizados” nas opções e na moralidade, eram militantes políticas (período da ditadura militar brasileira – 1964 a 1982) – e buscavam revolucionar costumes, valores, relações, e romper com os tradicionais papéis de gênero, inclusive com o de esposa, mãe e dona de casa.

Isso nos leva a pensar que as mulheres, mesmo quando submetidas ao modelo tradicional de relações de gênero no processo de socialização, quando dão continuidade ao processo de escolarização, e entram na faculdade/universidade podem ter ampliadas

suas possibilidades de contato com conteúdos e contextos capazes de favorecer mudanças na forma como representam e vivenciam as relações de gênero.

Da mesma forma, a religião mostrou-se fator interferente na construção de representações sociais. Em vários momentos as participantes deixam claro o quanto sua orientação religiosa é determinante na forma como encaram e vivenciam o casamento e a maternidade. Isso fica bastante evidente na 2ª geração, especialmente entre as participantes evangélicas, pois mesmo sendo muito mais jovens que suas mães e vivendo em contexto sociocultural bastante diverso, mantêm representações muito próximas às da geração anterior, sobretudo na questão das relações de gênero assimétricas (homem provedor x mulher subordinada).

Cabe destacar que o referencial teórico assumido na presente pesquisa - a Teoria das Representações Sociais - capacitou-nos nessa busca pela compreensão dos processos implicados na construção da identidade feminina, permitindo-nos ir além do aparente, e enveredar pelo caminho das contradições, crenças e simbologias que estão na base do conhecimento construído cotidianamente.

O uso do conceito de *themata*, recentemente introduzido por Moscovici à TRS, também se mostrou agradável desafio. A proposição de que a forma como o homem constrói o conhecimento tem por base *idéias primeiras* em torno das quais famílias de representações são geradas (nossos discursos, crenças e representações derivam dessas idéias, que foram estabelecidas e legitimadas ao longo da história e que estão ancoradas em sistemas de oposições), possibilitou-nos compreender a gênese das representações sociais em estudo. Pudemos perceber que na base das antinomias identificadas nos discursos de nossas participantes está a oposição/idéia-fonte *homem x mulher (themata)*,

que gera temas conceituais derivados, como “subordinação x poder”, que conformam comportamentos, e organizam classes de discursos.

Porém, como dissemos, apesar de agradável, foi um grande desafio trabalhar com esse conceito, até pela carência de trabalhos que o abordam. Fica a sugestão para novos trabalhos baseados na TRS, sobretudo os que busquem trabalhar com a idéia de rede / sistema de representações sociais.

A conjugação entre dois procedimentos de organização/análise de dados distintos, que num primeiro momento tememos constituir desnecessária ousadia, afigura-se agora uma escolha acertada e proveitosa. Primeiro porque ambos os métodos podem ser articulados com a Teoria das Representações Sociais, segundo, porque como ambos têm suas vantagens e limitações, a complementação foi importante para alcançar uma análise mais abrangente.

O procedimento adaptado que foi identificado como *Método fenomenológico para investigação psicológica*, ao possibilitar maior conhecimento das experiências de cada uma das participantes, permitiu a identificação tanto de aspectos particulares a cada uma delas (as especificidades, contradições, crenças), como de aspectos compartilhados entre suas histórias. Conciliando com a TRS, foi possível a identificação de aspectos consensuais, que apontam para uma base de significação compartilhada (as representações sociais), e de aspectos individuais.

O fato de termos optado por primeiro construir as *estruturas* com base na experiência vivida por cada participante nos permitiu grande familiarização com os dados e facilitou a construção dos bancos para o processamento do *Alceste* e também a análise dos resultados provenientes do mesmo.

O *Alceste*, por sua vez, além de proporcionar uma visão mais geral dos dados, permitiu-nos confirmar aspectos captados a partir do método fenomenológico, e perceber nuances que dificilmente seriam observadas a partir de outros tipos de metodologia. Além disso, o uso do programa nos auxiliou na busca da identificação das antinomias presentes nos discursos.

Julgamos conveniente dizer que o contato pessoal com as mulheres que se dispuseram a participar do estudo durante as entrevistas e o “mergulho” em suas experiências de vida a partir dos procedimentos de organização e análise constitui processo altamente prazeroso, apesar de todo o esforço que a empreitada exigiu. Muitas reflexões foram possibilitadas a partir desse contato.

Acreditamos que uma interessante possibilidade de estudo acerca da temática aqui abordada, sobretudo considerando o enfoque intergeracional, seria articular memória social, identidade e representações sociais, visto que tais noções encontram-se claramente articuladas. Porém, infelizmente, isso não foi possível no âmbito do presente estudo por questões óbvias de tempo, o que nos levou a optar por conferir ao trabalho a presente configuração. Fica o incentivo a pesquisadores que queiram seguir por essa trilha.

Outra possibilidade, inclusive por nós cogitada, seria entrevistar também os parceiros/maridos das participantes com base no mesmo roteiro de entrevista para contrastar com as representações e práticas femininas e masculinas.

Nossos resultados mostram que a maneira como as mulheres estão vivenciando o cotidiano familiar e, sobretudo, o conjugal a partir das últimas décadas tem incorporado novas significações e práticas, que se afastam em certa medida de concepções tradicionais. A escolarização e a profissionalização feminina, e as decorrências de tais

processos, como maior participação na esfera pública, foram essenciais para essa ressignificação. Contudo, a identidade feminina e as relações de gênero ainda se vêm assentadas em bases tradicionais, as quais atribuem à mulher uma função principal e um espaço privilegiado: ser mãe e “dona” do lar. Estamos falando de territórios de poder, que no caso da mulher ainda está associado à esfera privado-doméstica. De qualquer modo, passado e presente convivem, e novas possibilidades/alternativas de identidade são engendradas.

Foi possível constatar que relações de gênero mais “flexíveis” não implicam, necessariamente, relações equânimes; inserção feminina no espaço público, não significa, fundamentalmente, partilha de poder e reconhecimento nesse espaço; participação masculina na esfera privada, não significa, essencialmente, sentimento de pertencimento a essa esfera. O descompasso ainda é claro. De qualquer modo, passos estão sendo dados nessa direção, e novos caminhos estão sendo percorridos por mulheres e homens em busca de territórios “mistos”.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abric, J. C. (2000). A abordagem estrutural das representações sociais. In. A. S. P. Moreira & Oliveira, D. C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares em representação social* (pp. 39-46), Goiânia: AB.
- Almeida, G. J. (2005). As representações sociais, o imaginário e a construção social da realidade. In. M. F. S. Santos e L. M. Almeida (Orgs.) *Diálogos com a Teoria das Representações Sociais* (pp. 41-76) Ed. Universitária da UFPE.
- Almeida, M. I. M. (1987a). *Maternidade: Um destino inevitável?* Rio de Janeiro: Campus.
- Almeida, M. I. M. (1987b). A “nova maternidade”: Uma ilustração das ambigüidades do processo de modernização da família. In. S. A. Figueira (Org.) *Uma nova família?* (pp. 55-68). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Almeida, L. S. (2007). Mãe, cuidadora e trabalhadora: As múltiplas identidades de mães que trabalham. *Revista do Dep. de Psicologia - UFF*, 19 (2), 411-422.
- Amaral, C. M. M. (1997). O sentido do trabalho na vida de mulheres de três gerações: um estudo de caso em Psicologia Social. *Interações*, 2 (4), 89-96.
- Andrade, M. A. A. (2000) A identidade como representação e a representação como identidade. In. A. S. P. Moreira & Oliveira, D. C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares em representação social* (pp. 141-149). Goiânia: AB.
- Araújo, M. F. (2005). Diferença e igualdade nas relações de gênero: revisitando o debate. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 17 (2), 41-52
- Araújo, C. & Scalon, C. (2005) Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In. C. Araújo e C. Scalon (Orgs.) *Gênero, trabalho e família no Brasil* (pp. 15-88), Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Áries, P. (1981). *História social da criança e da família*. São Paulo: LTC.
- Arilha, M., Medrado, B. & Unbehaum, S. G. (2001). Introdução. In. M. Arrilha, S. G. Unbehaum & B. Medrado (Orgs.) *Homens e masculinidades: Outras palavras* (pp.15-28). São Paulo: Ecos / Editora 34.
- Assmar, E. M. L., Ferreira, M. C., Novaes, H., & Tomaz, M. (2000). Premissas histórico-socioculturais sobre a família brasileira em função do sexo e da idade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (1), 89-96.

- Badinter, E. (1985). *Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Banchs, M. A. (2000). Aproximaciones procesuales y estructurales al estudio de las representaciones sociales. *Papers on Social Representations*, 9 (3.1), 3-15.
- Barbosa, P. Z. & Rocha-Coutinho, M. L. (2007) Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 19 (1), 163-185.
- Bardin, L. (2000). *Análise de conteúdo*. Portugal, Lisboa: Edições 70.
- Barros, S. M. M. (2007). *Parentalidade “prematura”: um estudo sob a ótica da Teoria das representações sociais*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade federal do Espírito Santo.
- Bassanezi, C. (2002). Mulheres dos anos dourados. In: M. Del Priore (Org.) C. Bassanezi (Coord. de textos) *História das mulheres no Brasil* (pp.607-639). São Paulo: Contexto.
- Bastos, A. C.S., Alcântara, M.A.R., & Ferreira-Santos, J. E. (2002). Novas famílias urbanas. In: E.R. Lordelo, A.M.A. Carvalho, & S.H. Koller (Orgs.) *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento* (pp. 99-135). São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia.
- Bastos, M. D. F. (1997). Mulheres chefes de família. In. *Debates Sociais – Família ontem hoje amanhã* (pp. 65-71), Rio de Janeiro: CBCISS.
- Benincá, C. R. S & Gomes, W. B. (1998). Relatos de mães sobre transformações familiares em três gerações. *Estudos de Psicologia*, 3 (2), 177-205.
- Biasoli-Alves, Z. M. (1997). Famílias brasileiras do século XX: Os valores e as práticas de educação da criança. *Temas em Psicologia*, 3.
- Biasoli-Alves, Z. M. M. (2000). Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 233-239.
- Brasileiro, R. F., Jablonski, B. & Féres-Carneiro, T. (2002). Papéis de gênero, transição para a paternidade e a questão da tradicionalização. *PSICO*, 33 (2), 289-310.
- Bullington, J. & Karlsson, G. (1984). Introduction to phenomenological psychological research. *Scandinavian Journal of Psychology*, 25, 51-63.
- Caixeta, J.E. e Barbato, S. (2004). Identidade feminina – um conceito complexo. *Paidéia*, 14 (28), 211-220.
- Caldana, R. H. L. (1995). A educação de filhos em camadas médias: transformações no ideário e orientação de pais. *Temas de psicologia*, 1.

- Camargo, B. V. (2005). Alceste: Um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In. A. S. P. Moreira (Org.) *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (511-539). João Pessoa: UFPB/Ed. Universitária.
- Civita, L. T. (1994). *O melhor de Carmem da Silva*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos.
- Corrêa, M. (1993). Repensando a família patriarcal brasileira. In. A. A. Arantes (Org.) *Colcha de retalhos: estudos sobre a família no Brasil* (pp. 15-42). Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Costa, J. F. (1999). *Ordem médica e norma familiar* Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Cunha, M.T.S. (1999). *Armadilhas da sedução: os romances de M. Delly*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Del Priore, M. (1995). *Ao Sul do Corpo: Condição feminina, maternidades e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: EDUNB.
- Del Priore, M. (2002). Magia e medicina na colônia: O corpo feminino. In. M. Del Priore (Org.) C. Bassanezi (Coord. de textos) *História das mulheres no Brasil* (pp. 78-114). São Paulo: Contexto.
- Del Priore (2005). *História do Amor no Brasil*. São paulo: Contexto.
- Dessen, M. A. & Braz, M. P. (2000). Rede social de apoio durante transições decorrentes do nascimento de filhos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 221-231.
- Dias, A. C. G. & Lopes, R. C. S. (2003). Representações de maternidade de mães jovens e suas mães. *Psicologia em Estudo*, 8 (n. esp), 63-73.
- D’Incao, M. A. (2002). Mulher e família burguesa. In. M. Del Priore (Org.) C. Bassanezi (Coord. de textos) *História das mulheres no Brasil* (pp. 223-240), São Paulo: Contexto.
- Duveen, G. (2003). Crianças enquanto atores sociais: As representações sociais em desenvolvimento. In. P. Guareschi e S. Jovechelovitch (Orgs.) *Textos em representações sociais* (pp. 261-293). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Esteves, J. R. (2003). *Trajetórias de vida: Repercussões da gravidez adolescente na biografia de mulheres que viveram tal experiência*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES, Vitória/ES.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2000). Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito. *Estudos de Psicologia*, 5 (2), 421-441.
- Falcke, D. & Wagner, A. (2005). A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: definição de conceitos. In. A. Wagner (Org.) *Como se*

perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares (pp. 25-46). Porto Alegre: EDIPUCRS.

- Féres-Carneiro, T., & Szapiro, A. M. (2002). Construções do feminino pós anos sessenta: O caso da maternidade como produção independente. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1), 179-188.
- Fidalgo, L. (2003). *(Re)construir a maternidade numa perspectiva discursiva*. Coleção Horizontes pedagógicos, Lisboa: Instituto Piaget.
- Figueira S. A. (1987). O “moderno” e o “arcaico” na nova família brasileira: Notas sobre a dimensão invisível da mudança social. In. S. A. FIGUEIRA (Org.) *Uma nova família?* (pp. 11-30). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fonseca, C. (2002). Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros. *Psicologia USP* [On line], 13 (2). Disponível em: http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200005&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2004.
- Gaskell, G. (2000). Entrevistas individuais e grupais. In. M. B. Bauer, G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático* (pp. 64-89). Petrópolis: Vozes.
- Gianórdoli-Nascimento, I. F. (2006) *Mulheres e militância no Espírito Santo: Encontros e confrontos durante a ditadura militar. Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Goellner, S.V. (2003). *Bela, maternal e feminina – imagens da mulher na Revista Educação Physica*. Ijuí: Editora Unijuí.
- Goldschmidt, E.M.R. (1998). *Convivendo com o pecado: na sociedade colonial paulista (1719-1822)*. São Paulo: Annablume/Fapesp.
- Grisci, C. L. I. (1995). Imagens de mulher-mãe. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 12-17.
- Grzybowski, L. S. (2002). Famílias monoparentais: Mulheres divorciadas chefes de família. In. A. Wagner (Coord.) *Família em cena: tramas, dramas e transformações* (pp. 39-53). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Hall, S. (2000). Quem precisa da identidade? In. T. S. Silva (Org.) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp. 103-133). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Hyrd, S. B. (2001). *Mãe Natureza: Uma visão feminina da evolução – Maternidade, filhos e seleção natural*. Rio de Janeiro: Campus.
- Jablonski, B. (1998). *Até que a vida nos separe: A crise do casamento contemporâneo*. Rio de Janeiro, Agir.

- Jablonski, B. (2001). Atitudes frente à crise do casamento. In. T. Féres-Carneiro (Org.) *Casamento e família: do social à clínica* (pp. 81-95).
- Jacques, M. G. (1998). Identidade. In. M. N. Strey et al. (Orgs.) *Psicologia Social contemporânea: Livro-Texto* (pp. 159-180) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: Um domínio em expansão. In. D. Jodelet (Org.) *As representações sociais* (pp.17-44). Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Kitzinger, S. (1978). *Mães: um estudo antropológico da maternidade*. Editorial Presença/ Martins Fontes.
- Kronberger, N. & Wagner, W. (2002). Palavras-chave em contexto: análise estatística de textos. In. M. B. Bauer, G. Gaskell (Orgs.) *Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual prático* (pp. 416-441). Petrópolis: Vozes.
- Leite, I. L. (2004). *Gênero, família e representação social da velhice*. Londrina: Eduel.
- Lima, L. C. (2005). *As representações sociais da redução do tempo de trabalho, um sistema complexo. Estudo de indicadores lingüísticos dos processos de formação de representações sociais nos três registros de produção de conhecimento. Tese de Doutorado*. EHESS, Paris.
- Lima, L. C. (2007). Articulação entre os conceitos de “thêmata” e de “fundos tópicos”, por uma abordagem pragmática da linguagem em Psicologia Social. Resumo. *Anais da V Jornada Internacional e II Conferência brasileira de representações Sociais*. Disponível em: <http://www.gosites.com.br/vjirs/> Acesso em 09 de Janeiro de 2008.
- Lins de Barros, M. (1987). *Autoridade e afeto – Avós, filhos e netos na família brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lins de Barros, M. (2006). *Família e gerações*. Rio de Janeiro: FGV.
- Lisboa, A.V., Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2007). Transmissão intergeracional da cultura: um estudo sobre uma família mineira. *Psicologia em Estudo*, 12 (1), 51-59.
- Marcon, S. S. (1998). *Criar os filhos: Experiências de famílias de três gerações. Tese de Doutorado*. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis/SC.
- Marcová, I. (2006). *Dialogicidade e representações sociais: as dinâmicas da mente*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Matos, M.I.S. (2000). *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

- Medrado, B. (2001). Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In. M. Arrilha, S. G. Unbehaum & B. Medrado (Orgs.) *Homens e masculinidades: Outras palavras* (pp.145-161). São Paulo: Ecos / Editora 34.
- Menandro, M. C. S. (2004). *Gente jovem reunida: Um estudo de representações sociais da adolescência/juventude a partir de textos jornalísticos (1968/1974 – 1996/2002)*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES, Vitória/ES.
- Menandro, P. R. M. (1998) A curva generosa da compreensão: temas em metodologia. In. L. Souza, M.F.Q. Freitas & M.M.P. Rodrigues (Orgs.) *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes* (pp. 397-417). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Menandro, P. R. M., Rocha, M. L. & Silveira, A. E. (2003). Estudo exploratório do relacionamento conjugal em casais com um dos cônjuges brasileiro. *Psicologia Clínica - PUC RIO*, 15 (2), 31-48.
- Menandro, P.R.M.; Pereira, J.F.; Amim, I.D. e Santos, S.M. (2002). Aspectos do relacionamento amoroso presentes em letras de músicas dirigidas à camada popular urbana. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*. 54 (1), 3-19.
- Menandro, P.R.M.; Rölke, R.K. e Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas/conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica*, 17 (2), 81-100.
- Menandro, P.R.M. e Nascimento, A.R.A. (2007). Análise de conteúdo de material documental pré-existente à avaliação: o caso da música popular. Em: M.M.P. Rodrigues e P.R.M. Menandro (Orgs.). *Lógicas metodológicas: trajetos de pesquisa em Psicologia* (207-224). Vitória: Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES e Editora GM.
- Minayo, M. C. S. (1995) Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa social. In. M. C. Minayo (Org.) *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade* (pp. 9-29). Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes.
- Mira, M.C. (2001). *O leitor e a banca de revista: a segmentação da cultura no século XX*. São Paulo: Olho d'Água/Fapesp.
- Moscovici, S. (1978). *Representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moscovici, S. (2003). *Representações sociais: Investigações em Psicologia Social*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nader, M. B. (2001). *Mulher: do destino biológico ao destino social*. Vitória: EDUFES.

- Napolitano, M. (2002). *História & Música: história cultural da música popular*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nascimento, C. R. R. (2006). *Masculino e feminino no contexto da família: Representações sociais e práticas educativas em famílias de classe popular*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo.
- Nóbrega, S. M. (2003). Sobre a teoria das representações sociais. In: A. S. P. Moreira & J. C. Jesuíno (Orgs.) *Representações sociais: Teoria e prática* (pp. 51-80). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.
- Pinheiro, D. P. N. (2004). A resiliência em discussão. *Psicologia em Estudo*, 9 (1), 67-75.
- Queiroz, A. B. A. (2002). *O ser mulher e a infertilidade: Um estudo de representações sociais*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro / Escola de Enfermagem Anna Nery. Rio de Janeiro.
- Quintas, F. (2000). *A mulher e a família no final do século XX*. Recife: FJN, Massangana.
- Rêgo, N. N., Bastos, A. C. S., & Alcântara, M. A. R. (2002). As mulheres da família: Mundos partilhados, mundos em conflito. *Paidéia*, 12 (22), 27-37.
- Reinert, M. (1990). Alceste – une méthodologie d’analyse des données textuelles et une application: Aurélia de Gérard de Nerval. *Bulletin de Méthodologie Sociologique*, (26), 24-54.
- Relvas, A.P. (2002). A mulher na família: “em torno dela”. Em: A.P. Relvas e M. Alarcão. *Novas formas de família* (299-340). Coimbra: Quarteto.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: A mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2001). Dos contos de fadas aos superheróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, 12 (2), 65-82
- Rocha-Coutinho, M. L. (2003). O papel de homens e mulheres na família: podemos falar em reestruturação? *Psicologia Clínica*, 15 (2), 93-107.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2004). Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil. *Temas em psicologia da SBP*, 12 (1), 2-17
- Rocha-Coutinho, M. L. (2006). Transmissão geracional e família na contemporaneidade. In: M. Lins de Barros (Org.) *Família e gerações* (pp. 91-106) Rio de Janeiro: FGV.

- Rodrigues, M. M. P. & Trindade, Z. A. (1999). Em nome do pai e do filho: Relações afetivas e instrumentais. In. P. R. M. Menandro, Z. A. Trindade & E. B. Borloti (Orgs.) *Pesquisa em Psicologia: Recriando métodos* (pp. 125-139). Vitória: UFES. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: CAPES, PROIN.
- Rodrigues, M. M. P. (2000). “Quem tem mãe tem tudo”: Os pais e o desenvolvimento de crianças e jovens. In. H. A. Novo & M. C. S. Menandro (Orgs.) *Olhares diversos: Estudando o desenvolvimento humano* (pp. 143-156). Vitória: UFES. Programa de Pós-Graduação em Psicologia: CAPES, PROIN.
- Romanelli, G. (2003). Autoridade e poder na família. In. M. C. Brant De Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp. 73-88). São Paulo: EDUC/Cortez.
- Rouquette, M. L. (2000). Representações e práticas sociais: alguns elementos teóricos. In. A. S. P. Moreira & Oliveira, D. C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares em representação social* (pp. 39-46). Goiânia: AB.
- Sá, C. P. (1995). Representações sociais: O conceito e o estado atual da teoria. In. M. J. P. Spink (Org.) *O conhecimento no cotidiano* (pp. 19-45). São Paulo: Brasiliense.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: EdUERJ.
- Samara, E. M. (1987). Tendências atuais da história da família no Brasil In: A. M. M. Almeida (Org.) *Pensando a família no Brasil – da colônia à atualidade* (pp. 25-36). Rio de Janeiro: Espaço e Tempo.
- Samara, E. M. (1989). *As mulheres, o poder e a família – São Paulo, Século XIX*. São Paulo: Editora Marco Zero e Secretaria de Estado e da Cultura de São Paulo.
- Samara, E. M. (1998). *A família brasileira*. São Paulo: Brasiliense.
- Samara, E. M. (2002). O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade) *Psicologia USP* [On line], 13(2). Disponível em: <http://scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&Ing=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 de março de 2004.
- Santos, M. F. S. (2000). Representação social e identidade. In. A. S. P. Moreira & Oliveira, D. C. (Orgs.) *Estudos interdisciplinares em representação social* (pp. 151-159). Goiânia: AB.
- Santos, M. F. S., Novelino, A. M. & Nascimento, A. P. (2003). O mito da maternidade: Discurso tradicional sob roupagem modernizante? In. A. S. P. Moreira & J. C. Jesuíno (Orgs.) *Representações sociais: Teoria e prática* (pp. 255-278). João Pessoa: Editora Universitária/UFPB.

- Santos, T.C. (1987). De Dona Letícia a Carmem da Silva: as revistas femininas e a modificação do comportamento da mulher. Em: S.A. Figueira (Org.). *Uma nova Família?* (83-98). Rio de Janeiro: Zahar.
- Scavone, L.(2004). *Dar a vida e cuidar da vida: feminismo e ciências sociais*. São Paulo: Editora UNESP.
- Scott, J. (1995). Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 20 (2), 71-99
- Silva, D. V. & Salomão, N. M. R. (2003). A maternidade na perspectiva de mães adolescentes e avós maternas dos bebês. *Estudos de Psicologia*, 8 (1), 135-145.
- Soihet, R. (1986). É Proibido não ser mãe – Opressão e moralidade da mulher pobre. In. R. Vainfas (Org.) *História e Sexualidade no Brasil* (pp. 191-212). Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Spink, M. J. (1993). O conceito de representação social na abordagem psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública*, 9 (3), 300-308.
- Strey, M. N. (1998). Gênero. In. M. N. Strey et al. (Orgs.) *Psicologia Social contemporânea: Livro-Texto* (pp. 181-198) Petrópolis, RJ: Vozes.
- Teixeira, M. C. T. V., Schulze, C. M. N. & Camargo, B. V. (2002). Representações sociais sobre a saúde na velhice: Um diagnóstico psicossocial na Rede Básica de saúde. *Estudos de Psicologia*, 7 (2), 351-359.
- Therborn, G. (2006). *Sexo e poder: A família no mundo (1900-2000)*. São Paulo: Contexto.
- Thompson, P. (1993). A transmissão cultural entre gerações dentro das famílias: Uma abordagem centrada em histórias de vida. In. E. Diniz, J. S. L. Lopes & R. Prandi (Orgs.) *Ciências Sociais hoje, 1993* (pp. 9-19). São Paulo: Anpocs / Hucitec.
- Torres, A. (2000). A individuação no feminino, o casamento e o amor. Em: C.E. Peixoto; F. Singly e V. Cicchelli (Orgs.). *Família e Individuação* (135-156). Rio de Janeiro: FGV.
- Torres, A.K.R. (2005). *Transformações em concepções a respeito de mulher casada: um estudo com mulheres de três gerações baseado em afirmações extraídas de uma revista feminina*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo.
- Trindade, Z. A. (1991). *As representações sociais da maternidade e da paternidade: Implicações no processo de aconselhamento genético*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. São Paulo/SP.

- Trindade, Z. A. (1998a). Concepções de maternidade e paternidade: O convívio atual com fantasmas do século XVIII. In. L. Souza, M.F.Q. Freitas & M.M.P. Rodrigues (Orgs.) *Psicologia: Reflexões (im) pertinentes* (pp. 129-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Trindade, Z. A. (1998b). Reflexão sobre o estatuto das práticas na Teoria das Representações Sociais. *Textos para Discussão – Anais do Simpósio Internacional sobre Representações Sociais: Questões epistemológicas*. Natal/RN, (1), 18-28.
- Trindade, Z. A. (1999). Concepções arcaicas de maternidade e paternidade e seus reflexos na prática profissional. *Interfaces – Revista de Psicologia*, 2 (1), 33-40.
- Trindade, Z. A. & Enumo, S. R. F. (2002). Triste e incompleta: Uma visão feminina da mulher infértil. *Psicologia USP*, 13 (2), 151-182.
- Trindade, Z. A., Menandro, M. C. S. & Gianórdoli-Nascimento (2007). Organização e interpretação de entrevistas: uma proposta de procedimento a partir da perspectiva fenomenológica. In. M. M. P. Rodrigues e P. R. M. Menandro (Orgs.) *Lógicas metodológicas: Trajetos de pesquisa em Psicologia* (pp. 71-92). Vitória: UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia / GM Gráfica Editora, 2007.
- Tubert, (1996). *Mulheres sem sombra: Maternidade e novas tecnologias reprodutivas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ulrich, M. & Weatherall, A. (2000). Motherhood and infertility: Viewing motherhood through the lens of infertility. *Feminism & Psychology*, 10 (3), 323-336.
- Unbehaum, S. G. (2001). A desigualdade de gênero nas relações parentais: o exemplo da custódia dos filhos. In. M. Arrilha, S. G. Unbehaum & B. Medrado (Orgs.) *Homens e masculinidades: Outras palavras* (pp.163-184). São Paulo: Ecos / Editora 34.
- Vaitsman, J. (1994). *Flexíveis e plurais: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Vala, J. (1997). Representações sociais – para uma psicologia do pensamento social. In. J. Vala & M.B. Monteiro (Orgs.) *Psicologia Social* (pp. 353-384). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veloz, M. C. T., Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (1999). Representações sociais do envelhecimento. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, [On line], 12 (2). Disponível em: <http://scielo.php?script=sci_arttext&pidS012-79721999000200015&ing=pt&n r =iso>. Acesso em: 5 de julho de 2004.
- Venâncio, R. P. (2002). Maternidade negada. In. M. Del Priore (Org.) C. Bassanezi (Coord. de textos) *História das mulheres no Brasil* (pp. 189-222). São Paulo: Contexto.

- Verucci, F. (2002). O direito de ter pai. In. Leite, E. O. (Org.) *Grandes temas da atualidade: DNA como prova de filiação* (pp. 87-100). Rio de Janeiro: Editora Forense.
- Vitale, M. A. F. (2002). Socialização e família: uma análise intergeracional. In. M. C. Brant De Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (pp. 89-96). São Paulo: EDUC/ Cortez.
- Wachelke, J. F. R. (2005). O vácuo no contexto das representações sociais: uma hipótese explicativa para a representação social da loucura. *Estudos de Psicologia* 2005, 10(2), 313-320.
- Woollett, A. & Phoenix, A. (1991a). Motherhood: Social construction, politics and psychology. In. Phoenix, A., Woollett, A. & Lloyd (Eds.) *Motherhood: Meanings, practices and ideologies* (pp. 13-27). London / Newbury Park / New Deli: SAGE Publications.
- Woollett, A. & Phoenix, A. (1991b). Psychological views of mothering. In. Phoenix, A., Woollett, A. & Lloyd (Eds.) *Motherhood: Meanings, practices and ideologies* (pp. 28-46). London / Newbury Park / New Deli: SAGE Publications.
- Zechlinski, B. P. (2006). *Imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues: Um estudo das representações de gênero na literatura publicada em jornal entre 1944 e 1961. Dissertação de mestrado.* Programa de Pós-Graduação em História da Universidade federal do Paraná.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Protocolo de Entrevista Semi-Estruturada

1. Dados de identificação da participante

- 1.1 Nome:
- 1.2 Idade:
- 1.3 Estado civil:
- 1.4 Tempo de união:
- 1.5 Número de filhos:
- 1.6 Idade dos filhos:
- 1.7 Grau de escolaridade – na época do casamento: atualmente:
- 1.8 Atividade profissional – na época do casamento: atualmente:
- 1.9 Vinculação religiosa – na época do casamento: atualmente:

2. Cotidiano familiar e relacionamento conjugal

- 2.1 Quantos anos tinha quando se uniu ao seu companheiro/marido (aqui também estão sendo consideradas as “uniões consensuais”)? Como se conheceram?
- 2.2 As famílias de origem foram/são favoráveis a união de vocês?
- 2.3 Como o casamento entrava no seu plano de vida? O que se conversava a esse respeito entre amigas, primas, irmãs...?
- 2.4 Quando você se casou, como achava que um casamento deveria ser?
- 2.5 Quais eram as suas expectativas em relação ao seu casamento e a constituição de sua família? Foram alcançadas?
- 2.6 O casamento interferiu (ou concretizou) algum de seus planos de vida (estudos, trabalho...)? [Estar atenta às falas anteriores].
- 2.7 Como era/é sua relação com a família do companheiro (sogros, cunhadas, etc.)?
- 2.8 Como é a relação de seu companheiro com sua família?
- 2.9 Como se decidia/decide ter filhos na sua época? Esse era/é um assunto discutido entre você e seu companheiro?
- 2.10 No dia-a-dia familiar havia/há uma divisão de tarefas domésticas entre você e seu companheiro? O cuidado e educação dos filhos são tarefas de quem?
- 2.11 Você solicitava/solicita o seu companheiro no cuidado e atenção com os filhos? Qual era/é a reação dele?

2.12 [Para as mães que não se separaram] Como era/é o seu marido com os filhos? Seu marido atendeu as suas expectativas como pai?

2.12.1 [No caso das mães que se separaram] Como ficou o contato de seu ex-companheiro com os filhos após a separação (ele os via com que frequência; ele dava algum tipo de apoio financeiro?) Como você via/vê essa forma de contato dele com os filhos?

2.13 Mudou alguma coisa em seu relacionamento conjugal após o nascimento dos filhos?

2.13.1 [No caso das mulheres que exerciam/exercem algum tipo de atividade profissional] Como foi/é para você conciliar casamento e família com trabalho?

2.14 O trabalho foi uma opção sua?

2.15 Como você avalia, de uma forma geral, seu casamento e sua vida familiar?

2.15.1 [No caso das mães que se separaram] Como você avalia o rompimento de seu casamento e a sua vida familiar com a separação?

2.16 Você se lembra de alguma pessoa relativamente próxima e com a sua faixa etária (no caso da primeira geração ressalta-se que está se referindo à época em que ela teve os filhos) que rompeu com o casamento? O que se conversava e falava a respeito?

2.17 Do que conversamos até aqui, o que você acha que repetia/repete em relação ao casamento de seus pais e o que diferia/difere? Em que momentos você se via repetindo o modelo de casamento de seus pais e em que momento você percebia que o seu casamento era bem diferente?

3. Experiência da maternidade

3.1 Você pensava em ser mãe? O que te levou a ser mãe?

3.2 Você acredita que sofreu algum tipo de influência (religiosa, familiar, dos meios de comunicação, de pessoas famosas...) em sua opção pela maternidade?

3.3 Que coisas você ouvia/ouve dizer sobre ser mãe? O que se conversava/conversa entre amigas, primas, etc., sobre maternidade?

3.4 Quais eram as suas expectativas em relação a ser mãe? Foram alcançadas?

3.5 Como a maternidade interferiu em sua vida (estudo, trabalho, projetos de vida, saúde física e mental, “modo de ver a vida”, etc.)?

3.6 Havia/há algum tipo de apoio/suporte das famílias de origem durante as gestações?

3.7 E de empregados?

3.8 Quem era/é responsável pelas atividades de casa (lavar, passar, cozinhar...)?

3.9 Como era/é seu companheiro durante as gestações? Ele oferecia/oferece algum tipo de apoio/suporte nesse período?

3.10 E depois que os filhos nasceram, seu companheiro ofereceu/oferece algum tipo de apoio/suporte? E as famílias de origem? Alguém mais? E quando os filhos foram crescendo?

3.10.1 [No caso das mães separadas] Seu companheiro oferecia/oferece algum tipo de apoio/suporte em relação aos filhos após a separação?

3.11 Você acha que meninos e meninas devem ser educados de maneira igual ou diferente?

3.12 Como você avalia a experiência de ser mãe?

3.13 Você julga que estava preparada no sentido de saber o que fazer como mãe?

3.14 Quais são as coisas positivas e negativas de ser mãe?

3.15 Como era/é você no dia-a-dia como mãe (suas práticas)? Como é sua rotina?

3.16 Como você acha que as pessoas te vêem como mãe (companheiro, filhos, familiares...)?

3.17 O que você considera muito importante na criação e educação dos filhos?

3.18 Você se lembra de como era sua mãe como mãe?

3.19 Comparando-se com sua mãe, você se acha uma mãe parecida ou diferente dela? Em quais aspectos?

3.20 Você percebe alguma diferença na forma como foi criada/educada e na forma como cria/educa seus filhos?

3.20.1 [No caso das mães da primeira geração] E em relação às suas filhas (que também são mães), você percebe semelhanças ou diferenças na forma delas serem mães?

3.20.2 [No caso das mães da segunda geração que tenham filhas] Você tem alguma expectativa de como será sua filha como mãe?

3.21 Como era/é sua relação com sua mãe?

3.22 Como você se via, como mulher, antes de ser mãe?

3.23 Mudou alguma coisa com a maternidade? As modificações foram/são positivas ou negativas?

3.24 A chegada dos filhos interferiu de alguma forma em sua vida afetiva?

3.25 Você acha que há alguma diferença entre ser mãe há trinta anos atrás e ser mãe hoje?

APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO PARA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA

“Concordo em participar da pesquisa abaixo discriminada, nos seguintes termos:

Projeto: *Representações sociais da maternidade e práticas familiares da mulher/mãe em duas gerações.*

Responsável: Sabrine Mantuan dos Santos

Orientador: Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo – UFES – Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Justificativas e objetivos da Pesquisa

Considerando as inúmeras transformações socioculturais no panorama brasileiro, a presente pesquisa objetiva investigar as representações sociais de maternidade em duas gerações de mulheres, atentando para as transformações e permanências nas representações da maternidade e nas práticas cotidianas da mulher/mãe nessas gerações, e considerando sua intersecção com as modificações no contexto familiar e conjugal na sociedade brasileira a partir das últimas décadas do século XX.

Descrição dos procedimentos a que as participantes serão submetidas

A responsável pela pesquisa realizará com as participantes uma entrevista individual, cujos pontos principais foram previamente definidos em um Roteiro de Entrevista. As entrevistas serão gravadas, conforme autorização.

As questões objetivam, exclusivamente, responder o problema anteriormente colocado. Os dados coletados deverão ser utilizados somente para fins acadêmicos, ficando arquivados e disponíveis ao pesquisador responsável por um período de 10 anos. Fica assegurado aos participantes o anonimato, o acesso às entrevistas transcritas e ao relatório final aprovado da tese, ficando assegurado também a possibilidade de desistência a qualquer momento.

Análise dos riscos, benefícios e aspectos éticos da pesquisa

A pesquisa a ser desenvolvida, tal como detalhada no projeto, não utilizará procedimentos que apresentam risco de qualquer natureza para os participantes, encontrando-se em conformidade com as Resoluções 196/96/CNS e 016/2000/CFP, que regulam a ética em pesquisa com seres humanos. Qualquer reclamação ou recurso com relação aos procedimentos da pesquisa poderá ser encaminhado ao Comitê de Ética do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES.

Pretende-se divulgar e publicar os resultados da pesquisa em periódicos e outros meios de divulgação científica, apresentá-los em eventos científicos, visando contribuir com novas análises sobre o tema.

Identificação da participante

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias”.

Participante

Sabrine Mantuan dos Santos
Tel. 3335-2501

_____, ____ de _____ de 2006.

APÊNDICE C– Unidades de Significado e Fases de construção da “Estrutura”¹⁷

Entrevista 1 - Fase II

ANA tem 74 anos, é casada há 53 anos, tem nove filhos (seis mulheres e três homens), nasceu no interior de MG, mudou-se com seus pais adotivos para o interior do ES com 5 anos de idade, onde reside até hoje. Possui ensino fundamental incompleto (até 4ª série), trabalhava fora antes de se casar, mas após o casamento não pôde continuar porque o marido era contra, é católica praticante.

UNIDADES DE SIGNIFICADO

1) Concepções, expectativas e planos em relação ao casamento

E naquela época a gente passeava muito na praça, a gente num saía assim, igual hoje, fica sozinha, você sair com o namorado (...) só ia se fosse uma pessoa da família pra tá junto pra tomar conta (...) e também o horário mais tardar de chegar em casa era dez horas.../ Mas a gente também num se via todo dia não, igual hoje que... todo dia, toda semana né, era só dia de domingo, às vezes sábado, quando ele ia lá na casa do meu pai.../ Ele não dava a mão, não tinha esse negócio de agarrão, nada disso, num ficava beijando (...) só beijei o meu marido depois que eu casei, aí sim, eu aproveitei (...) por isso que eu tenho um monte de filho.../ Eu mesmo pensava assim, sempre pensei, eu não vou dá confiança esse rapaz não porque depois ele fala com os colegas dele *Alá, eu fiz aquilo com aquela moça*, aí depois ninguém vai querer me namorar. Eu pensava isso/ Nunca fui de... sempre tinha muito rapaz que queria me namorar, mas eu não queria não/. Aí foi até... nós levamo cinco ano pra casar, namorar e noivar e casar/ Eu sempre tive vontade de casar pra ter a minha casa, não importava como fosse a minha casa, mas eu queria ter a minha casa (...) Aí eu falava Tenho fé em Deus que no dia que eu me casar eu quero ter a minha casa pra eu fazer o que eu quero / Eu achava que ia casar e... ia viver legal, sempre pensava assim... sempre pensava em ter a minha casa pra não ficar morando com os outros né. Eu fiz dezesseis anos dia dezesseis de julho, eu comecei a namorar no dia de São Pedro, na festa de Cachoeiro. (...) Eu queria me casar no dia do meu aniversário/ ... casei no dia vinte e quatro, no dia de São João, porque eu não pude casar no dia do meu aniversário (...)/ nós ficamos noivos na véspera de Natal/

2) Mudanças decorrentes do casamento

Trabalhava, comecei trabalhar com catorze anos (...) Não... é... meu marido falou *Ah, cê... nós vamo casar, mas eu quero...* naquele tempo a mulher não usava trabalhar mais... quase não usava, né, ele falou *Eu quero... eu quero que você fique em casa*. Aí eu num, num trabalhei mais./ Não assim, eu, eu gostaria de parar de trabalhar, mas só que eu não podia né porque... às vezes eu ajudava em casa, porque eu queria ajudar...

3) Aspectos da vida conjugal

¹⁷ Como mencionamos, a 1ª fase consiste na transcrição literal da entrevista. Optamos por não apresentá-la aqui para evitarmos quaisquer possibilidades de identificação da participante.

- Avaliação

Oh, graças a Deus eu acho que o meu casamento foi muito bom. / Eu acho que na época que eu casei foi muito bom meu casamento, muito, muito legal mesmo, apesar de eu ser pobre, mas foi muito bom, a gente vivia *muito* (ênfase) bem, só atrapalhou mesmo depois dessa história que eu te falei, não fosse isso acho que a gente tava muito bem, bem que eu digo não é sobre... amor mesmo (ênfase), né, que agora que a gente tá velho podia passear junto né, ficar fora, jantar fora, voltar pra casa de noite, né./No início cuidava da casa e passeava com o marido, ia na igreja, ia onde ele queria ir e podia ir, só... era mais amor, mais carinho, brincadeira né, mais tempo/ A gente tinha uma vida, menina, maravilhosa, nossa senhora/

- marido

E quando nascia um filho, nossa, que alegria que ele ficava, ele fazia igual uma criança, principalmente quando essa menina mais velha nasceu/ O pai saía com eles, comigo, quando eles eram pequenos a gente saía muito, passeava muito com eles e, graças a Deus, tinham as coisas direitinho.../ Quando nascia um ele vinha duas, três vezes em casa, vê o neném, vê como é que tava, todo bobo, pra ver como é que eu... como é que eu estava, como é que o neném tava, se tava tudo bem, aí ele voltava./ É, aí comprava as coisas direitinho, tudo direitinho, pro que precisava ele tava sempre pronto, muito atencioso/ ele é muito bom pai, muito bom, bom demais. Ele, tá, foi um grande pai, muito bom, foi e é, muito bom./ , ele... gostava que saía todo mundo junto./...ele era muito... carinhoso, cuidadoso com os filhos, brincava com os filhos, passeava, às vezes a gente ia na igreja.../ com os filhos não... quando eles eram pequenos, ih, ele era mais amoroso (...) tinha mais amor e carinho nós dois / Ele arranjou uma... amante./ Menina, mas aconteceu isso sem eu saber, inocente mesmo, era minha vizinha, aí ela foi lá e pediu carona ele, aí ele deu carona, no serviço, mas isso, oh, tinha tempo e eu não sabia/ E ele tem dois filhos com ela/ Mas *ela* (ênfase) que procurou ele, não foi ele que foi atrás dela./ Porque ela [amante] é muito danada, ela liga pra cá, me atenta.../ Eu descobri assim, ele sempre fazia serão e *ela ia lá* (ênfase) no serviço dele chamar ele, pegar carona com ele pra... e ir passear com ele./ Aí agora fica essa tentação, ele vai lá, mas não deixa de ficar em casa não, não dorme lá nem nada, mas... também fala que não faz nada, mas eu não sou boba né, eu acho que ele dá muito dinheiro pra ela porque.../ mas ele... ótimo pai/ Ih... deu muita confusão, aí eu já até mandei ele embora, mas ele não quer ir, falou que só sai daqui morto, quando quatro pessoas carregar ele (...) mas eu não quero assim, eu falo com ele que eu não quero que ele fique lá e cá, ou fica lá ou fica aqui, eu zango né, porque quem que, que guenta né./ [Está com a amante] há mais de trinta anos./ Eu penso, mas eu acho feio, eu acho horrível ir pra Justiça, esses negócio, né (...) de vez em quando eu penso assim, se ele não quiser largar ela, eu vou... inclusive eu tenho um neto que é advogado (...), mas sei lá fica esquisito. / Ele fala que, que não quer sair daqui, que não quer separar de jeito nenhum, mas eu queria ter certeza de que ele não fosse atrás dela/ Inclusive, nem eu durmo com ele, ele tem o quarto dele e eu minha cama de casal tudo direitinho, tem a cama de solteiro dele, guarda-roupa dele.../ Ele não é homem pra ficar aqui e ficar lá não, eu sempre falo isso, tem que comer junto, sofrer junto, morrer junto é difícil, mas.../ A dona lá acho que fica doida que separasse pra ir... mas ele fala que num vai, mesmo que, que ele separar que ele num vai morar com ninguém. Eu não posso ficar atrás do meu marido de salto alto porque como que eu vou fazer, eu tenho uma porção de filho pequeno, eu tenho que cuidar dos filhos, se eu ficar atrás de marido num... como que os meus filhos vão ficar? (...) eu fui mais pra parte dos

filhos né/ Inclusive antigamente, menina, ele bebia muito, fazia “arte”, bebia, fazia “arte”/ Às vezes eu ia lá, não tava, tava com ela nos bares bebendo (...) mas graças a Deus, esse negócio de bebida acabou, não bebe mais, só toma refrigerante agora, nem bar assim.../ ele era ótimo, agora hoje em dia ele não dá, não me dá dinheiro, se bem que eu também sou aposentada, se não fosse isso eu tava n’água.../

4) Separação

Ah, não... antigamente era difícil de vê umas coisa assim né./ ...aí eu já até mandei ele embora, mas ele não quer ir, falou que só sai daqui morto, quando quatro pessoas carregar ele (...) mas eu não quero assim, eu falo com ele que eu não quero que ele fique lá e cá, ou fica lá ou fica aqui, eu zango né, porque quem que, que guenta né./ Eu penso, mas eu acho feio, eu acho horrível ir pra Justiça, esses negócio, né (...) de vez em quando eu penso assim, se ele não quiser largar ela, eu vou... inclusive eu tenho um neto que é advogado (...), mas sei lá fica esquisito. / Ele fala que, que não quer sair daqui, que não quer separar de jeito nenhum, mas eu queria ter certeza de que ele não fosse atrás dela/ Inclusive, nem eu durmo com ele, ele tem o quarto dele e eu minha cama de casal tudo direitinho, tem a cama de solteiro dele, guarda-roupa dele.../ A dona lá acho que fica doida que separasse pra ir... mas ele fala que num vai, mesmo que, que ele separar que ele num vai morar com ninguém.

5) Comparação com o casamento dos pais

Não sei porque eles já eram de mais idade, mas eles viviam muito bem, mas não tinham filhos, ela pegou pra me criar porque ela não tinha filhos./

Ela era costureira e ele trabalhava numa fábrica de bebida e... mas eles viviam muito bem. Mas ela costurava e ajudava ele né, e ele trabalhava e fazia... eles viviam muito bem, num brigava...

6) Responsabilidades femininas e masculinas na família

Não, não, eu que fazia tudo em casa, com os filhos e tudo. / Não, não, ele ajudava assim, quando ele chegava, se o almoço não tivesse pronto, aí ele pegava um menino até eu poder... dava mamadeira, se bem que nesse tempo num mamava muito não, não na mamadeira, aí ele segurava até eu esfriar o, o... a mamadeira, ele dava a mamadeira, esperava eu terminar o almoço, assim./ Eu acho que... eu acho que ele tem que comprar tudo pra casa né, e assim... vamo dizer assim... comida, tudo que é necessário né (...) sustentar a casa né/ ...eu acho que é um dever né, a não ser que a mulher trabalhe fora, aí cada um ajuda um pouco né. / Quando ele chegava eu... eu falava assim, oh, fulano fez isso, isso e isso, mas ele sempre foi muito calmo./ Não, isso não, nunca ele fez isso não, trocar fraudada não, só pegava, dava uma mamadeira... Só dava mamadeira, e se fosse pra grandinho.../... até que os meus três filhos eles num... num estudaram, porque não quiseram, mas as filha, todas são formada né, aí ele falou assim *Você toma conta das filha e eu tomo conta dos meninos...* Falei Oh, seus filhos num formaram... as minhas formaram./ Ele agia, mas... ele nunca tava em casa né, e sempre eu que enfrentava mesmo... barra pesada, menino fugia/ Sempre fui eu! (...) Nada, nunca ele foi de, de fazer nada dentro de casa, só pegava o neném e.../ [*As filhas*] Ajudavam, cada uma tinha sua tarefa, sua obrigação. (...) Os filhos ficavam mais por conta do pai quando eles tavam já rapaizinho (...) até que o meu filho mais velho ele ajudava em casa também, ele arrumava a cozinha, enquanto ele não tinha idade de, de trabalhar né, ele ia pra escola, quando ele voltava ele ajudava a arrumar a cozinha, ajudava a mais velha a arrumar a

cozinha, ajudava/. Aí a mais velha, é... ia tomando conta do mais novo, aquele depois ia tomando conta do outro.../ Da mãe? Eu acho que uma... a mãe... da mulher, mesmo que ela não tenha filho, é cuidar do almoço do marido, das coisas do marido, tá... ela tem que ter tempo, se ela não tiver empregada ela tem que cuidar da casa, fazer tudo né, ela não deve deixar que o marido fale dela, eu acho!/ Eu acho que a mulher tem que fazer tudo e fazer... como dizia o povo antigo, das tripas coração, mas não deve deixar a desejar. / Porque uma mulher é mais suficiente de ficar sem o marido, do que o marido sem a mulher, porque o marido não faz o que uma mulher faz, uma mulher, ela trabalha fora, ela cuida de casa, ela faz tudo em casa e ainda trabalha fora, e o homem ele não faz (...) homem não guenta o que mulher aguenta não.../

7) Concepções, expectativas e planos em relação à maternidade

Não, nunca pensei em ter muitos filhos. Eu achava, é... assim... moça muito inocente né, eu achava que... eu tinha uma prima que só tinha uma filha, e eu vi os outros assim com um filho, dois filho, eu pensava (...) eu acho que quando eu casar eu vou ter só um filho ou dois... porque fulana tem só um, fulana tem dois.../ Eu nunca pensei que eu tivesse um monte de filho assim não, mas aí... Deus me deu né, graças a Deus, tão tudo vivo, bom demais. / Não, não, a gente num pensava isso não, porque num tinha remédio, num usava camisinha, esses negócio, e.../ Ficava esperando neném e nem sabia, também não passava mal, graças a Deus/ Aí ele falava assim, *Ah, não quero mais filho*, aí quando eu pensava que não, tava esperando neném, aí eu falava Só esse, só esse... (risos), aí foi vindo./ Cê sabe que eu nunca pensei isso [sobre ter filhos], casei mas num... pensava só em abraçar, beijar.../ Essa menina mesmo, eu falava com as minhas colegas, Ah se eu casar, se eu casar com o Hélio se eu tiver uma filha vai chamar Edna Aparecida e se eu tiver um filho vou chamar Edson Carlos, e eu tive os filhos e chama, mas assim, foi por falar, se sabe como, brincadeira que a gente faz./ Não, não falava não, ninguém falava nada disso não [sobre a maternidade]/ eu sou muito contra quem mora... tem filho sem casar, eu falo com minhas filhas, com minhas neta demais da conta./ Eu acho feio é ter filho sem marido, igual tem mulher que tem três filho, cada um de um pai, Deus que me perdoe, meu pai, tem condições não, esses assuntos.../ quando eu tava esperando neném eu queria saber que ele nascesse perfeito né, com saúde. / porque naquele tempo as pessoas de idade não conversavam esse negócio com a gente não, não falava igual o povo fala hoje tudo né, num falava não./ Ah, eu pensava assim dos filho estudar e até ultimamente, antes da minha filha casar, eu pensava assim, se a minha filha não quisesse casar eu achava bom, ficava comigo toda vida, mas não pra ficar namorando à doidado, não, elas podiam trabalhar e não casar não, trabalhar e comprar um carro pra passear, só passeando, aí me levava, pensava eu né, mas.../ Eu tive, é... sete filhos em casa, e essas duas últimas eu tive no hospital. Eu não! (ênfase) Tinha preparação nenhuma pra ter filho não (risos), hoje pode né, mas naquele tempo não./ com uma porção né, como é que eu ia arrumar, mas graças a Deus, Deus deu um jeito./ fui aprendendo, com a vida mesmo, e lidei com eles... Aí a mais velha, é... ia tomando conta do mais novo, aquele depois ia tomando conta do outro.../

8) Mudanças decorrentes do nascimento dos filhos

Isso aí ia atrapalhar né, porque muito filho né, ninguém gosta de, de trabalhar na casa que tem muito filho né, porque dá muito serviço, criança amola né, mas graças a Deus eu não precisei de trabalhar fora né, aí dei conta dos filhos, do marido./ Não, aí eu cuidava da minha casa e passeava com o meu marido, ia na igreja, ia onde ele queria ir e podia ir,

só... era mais amor, mais carinho, brincadeira né, mais tempo/ Mudou assim, que certas coisas a gente não pode fazer perto dos filho né, é falta de respeito né.../ É menos tempo pra gente né, menos tempo pra gente né, porque se cuidar muito dos filho a gente não tem tempo, às vezes eu ia tomar banho onze horas da noite, quando ele chegava, porque criança pequena você não pode deixar acordado e você tomar banho, cê deixar a porta aberta... naquele tempo era muito feio, mau exemplo, né e, fechar a porta, menino faz “arte”, machuca, ficava esperando, às vezes, o marido chegar em casa pra tomar banho/ Nesse ponto aí que eu acho que a... (referindo-se à amante), né... (...) Porque eu fiquei muito... num tinha tempo de pensar, se eu tivesse mais tempo tinha ido lá, mas eu não tinha tempo. Quando eu fui, por acaso, voltei pra casa... com a porta fechada, aí voltei... Vê se eu podia ficar atrás do marido com um monte de filho pequeno, tinha que dar banho, dar comidinha, né. Eu não posso ficar atrás do meu marido de salto alto porque como que eu vou fazer, eu tenho uma porção de filho pequeno, eu tenho que cuidar dos filhos, se eu ficar atrás de marido num... como que os meus filhos vão ficar? (...) eu fui mais pra parte dos filhos né.

9) Experiência da maternidade

Não, eu acho muito bom, eu acho... a família grande é bom né, porque se um não pode o outro pode né (...) graças a Deus, os meus filho tão sempre aqui, tudo unido aqui, se acontecer uma coisa, qualquer um vai falando pro outro, né, graças a Deus, eu acho muito bom./ se fosse o caso, que graças a Deus tá muito bom de ter essa porção de filho que Deus me deu né, mas se fosse hoje, no caso que hoje escolhe quantos filhos vai ter, eu acho que uma pessoa deveria ter três a quatro filho, mais não (ênfase), porque dá muito trabalho né, mas eu acho que ter um filhinho só, dois, é muito pouco, eu acho./ Mas graças a Deus tá muito bom, Deus é muito bom, ter os meus filho, peço a Deus que dê saúde a todos.../ Eu imagino que eles devem pensar que eu sou uma boa mãe, graças a Deus, eu... se fosse... uma boa mãe, porque, porque eu fazia tudo pra eles, eu queria que eles melhor do que eu, toda mãe quer que os filho sejam melhor do que ela foi né. / Não era, assim, num vou dizer que eles era santo, porque criança é levado né, mas num era igual eu vejo essas crianças de hoje não./ Eles não eram muito desobediente não, porque também eu (ênfase) batia neles se eles me desobedecessem. /

10) Práticas cotidianas

Ah, quando eles tavam “piquininhos” eu sempre... até hoje eu acho que criança tem que ter horário pra comer, tomar seu leite ou Nescau, sei lá o que for, e eu vejo aí que as pessoas não têm horário/ Tem que ter hora pra tomar seu lanche, de manhã cedo antes de ir pro colégio, negócio pra mim era assim, levantou os maiorzinho, lavou o rosto, escovou os dente, penteou o cabelo, se não pentear pelo menos, lavar o rosto, escovar os dente, tomar seu leite, seu café, mas tem que ter hora, depois então vai brincar ou vai, por causa da escola, vai fazer dever né, ou vai pra escola, mas eu acho que tem que ter horário. Na hora de almoço também tem que ter horário, também tem que dar sua, sua fruta na hora certa./ Assim que era, tudo na hora certa. Quase não tinha tempo pra... pra nada não, ué, era almoço, café, lavar a roupinha, lavei roupa, minha filha, até uma hora da manhã, porque antigamente não podia comprar muita roupa igual hoje que tem tudo pronto né, lavava as fraldinhas.../ antigamente as fraldas era feita de pedaço de lençol, quem não podia comprar e também não tinha pra comprar, quando tinha era muito caro, era Johnson, né, os meus filho tiveram, porque ganharam também, dos tios, padrinhos. Eu comprava, mas pouca, assim, não podia comprar, mas graça a Deus, tranqüilo, lavava

roupa até uma hora da manhã, enquanto eles dormiam, fazia o serviço, dava graças a Deus quando aparecia um, uma pessoa conhecida pra pegar um pouquinho pra mim fazer alguma coisa depressa, quando eles dormiam fazia as coisas, quando eles não dormia... ficava mais no berço, num ficava só no colo porque depois fica manhoso num quer fazer... num quer ficar em cama né, era assim./ Quando eles tavam maiorzinho prendia eles, não deixava solto com medo de... se queimar, se machucar. Hoje as crianças fica solta, a ponto de cair uma água fervendo no fogão, que menino é levado né, essa menina mais velha mesmo derrubou a prateleira.../ Eu acho que a mãe tem que levar os filho pra igreja, botar num bom caminho, ensinar o melhor possível né, ir à igreja, ir na escola, eu acho que a mãe deve ir ao favor do professor e não contra, não deve escutar conselho dos filho, que o, que o filho fala mentira, e ir a favor do filho e ir contra a professora, eu acho isso errado (...) o filho tem que sair de casa com um pouco de educação pra acabar de aprender na escola, não é ele sair de casa sem educação e fazer grosseria com professor não, obedecer./ Os meus filhos, se eu soubesse, se eu fosse chamada na escola porque eles faziam qualquer coisa na escola, chegava em casa eles apanhava./ Não... por ser homem a gente tem que... o homem ele fica mais fora de casa, a menina é mais amiga da mãe né, mas eu acho que tem que educar igual né, mas sabendo que o filho homem, ele, por exemplo, se ele vai pra rua, ele pode chegar mais tarde, é só saber onde ele que está e num deixar.../ quando os meus filho estudavam, eu... teve os que não quiseram estudar, mas eu era ali oh, eles tinha que fazer dever, eu tô sempre ali, o que eu... o que eu sabia, o que eu podia ensinar eu ensinava, agora o que eu não podia, às vezes, eu pagava professor particular./ eu começava, às vezes, dar banho nos filho quatro horas pra dar janta seis horas, até que dava banho... eu dava banho, se eu queria sair, dava banho neles cedo e botava eles de castigo, sentado na cadeira, no banco/ Aí eu ficava com raiva, pulava no meio dos menino assim, empurrava um pra lá, dava cada um tapa neles.../ Sofri por causa que eu não queria que ele fosse pra rua, então ficava tudo preso, aí dentro de casa, às vezes, se eu não fosse... mas eu era muito esperta, minha filha, ah, aqui oh, muito esperta mesmo pra dá conta, porque não é qualquer um que dá conta não. Aí eu botava, às vezes, eu tava com um pequenininho, o outro ia lá, eu botava... tudo que ele comia eu botava junto com ele, aí eu pegava, tinha que amarrar a porta do quarto pra ele não ir lá mexer com o outro que tava no berço, num foi fácil não! /

11) Comparação com práticas da sua mãe

Ela era muito boa,/ ela não saía de casa, era eu, depois de grande né, tinha uns doze anos, era eu que fazia... ela era costureira... era eu que fazia... comprava as coisas pra ela, aviamentos todos,/ ela costurava vestido de noiva também, eu que comprava os aviamentos, eu que ia comprar as flores pra ela fazer o buquê, eu que fazia esses negócio tudo pra ela na rua, ela não saía de casa, como é que pode né, pessoa não sair de casa? Eu que fazia isso pra ela./ É, mais ou menos, porque eu... ela... ela falava assim comigo, mas, graças a Deus, eu fui uma pessoa obediente/ Sim, assim em comprar as coisas, de cuidar, né (...) Ela tinha assim muito cuidado comigo, ela não saía, ela me arrumava, e eu saía com meu pai adotivo, ia pra igreja/ Porque eu fui uma só né, e eu tive uma porção, aí fica mais, mais difícil né, mas se a gente ensinou a um, ensinou a todos né./ quando meus filho ia lá visitar, fazia aquela farra, ela sempre foi muito amiga da gente, do meu marido, às vezes ela... naquela época que matava-se galinha em casa né, hoje a gente compra tudo pronta, morta, aí ela fazia, tirava aqueles pedaços bonitos e mandava pra ele, né. Ih, ela sempre foi muito... muito carinhosa, assim, boa./ também tinha uma coisa, se a minha mãe adotiva falasse uma coisa comigo, se eu respondesse ela me batia *pra*

valer (ênfase), me batia pra valer mesmo. Só uma vez eu fui... não sei o que ela me mandou fazer, eu falei que eu não ia fazer, eu ia fazer, mas eu falei com ela que eu não ia fazer, ela me bateu tanto... não foi bom? Eu não fiz mais.

12) Comparação com práticas da(s) filha(s)

o próprio, o próprio meu neto não come com horário, eu falo por causa disso (...) eu acho que tem que ter horário./ Eu acho minha segunda filha e essa aí. [*Mais parecidas com a senhora?*] É [*Em que sentido?*] De olhar os filhos, agir. [*De educar?*] É [*E as outras, a senhora acha que são mais diferentes? Em que aspectos?*] Essa que eu falei pra você, mais nova, que tem um filho que tem... vai fazer dezessete anos e trabalha fora, o dia inteiro, num tem tempo de agir o filho que vai fazer dezessete anos, só estuda, e não é um bom aluno, porque o bom aluno ele tem que tirar boa nota né, eu acho. Eu falo com ela, essa... Menina, cê tem que agir mais, você tá descuidando muito o seu filho. (...) eu falo com ela, falo com ela Você não pode... você trabalha, eu sei que cê tem que trabalhar, mas você tinha que ter um tempo pra falar *Meu filho vamo estudar agora, você estudou?* Porque ela tá só olhando e num tá vendo, eu não tenho... eu não tô lá na casa dela, ele mora aí perto, mas eu não tô lá, mas eu acho que ele fica estu... fica dormindo ou vendo televisão/.

13) Rede de apoio/suporte social

Quando eu não dava conta, aí eu arranjava uma pessoa pra me ajudar, mas eu nunca fui de muita gente me ajudar não porque eu num dava sorte, arrumava uma menina pra ajudar, menina ia embora no dia que mais precisava/ E os mais velhos iam ajudando olhar os mais novos, igual essa menina mais velha, ela ajudava olhar os outros menores, mas ela também tinha pouca idade né./ Ih... a minha mãe adotiva ela morreu, o meu filho, esse que eu falei que vai vim aqui hoje, ele, ele tava com um aninho e três meses, quatro meses, quando ela morreu, mas ela adorava as crianças, e eles também adorava ela. [*E ela ajudava a senhora a cuidar?*] Não, ela, ela não gostava de criança não, ela gostava de brincar com a criança, mas ficar com a criança não. Gostava de brincar, ficar um pouquinho né, mas ficar com eles, assim, uma coisa mais... ficar com eles pra tomar conta, não. Ia lá, tomava bença e tal, mas.../ aí a minha sogra ficava aqui comigo uns dias, quando eu ia, às vezes, no Rio com meu marido ela ficava aqui, muito boa, muito boa mesmo... minhas cunhadas, tudo gente muito boa, me ajudaram muito, foram muito boa mesmo./ Mas as minhas cunhadas eram muito boas, elas vinha, às vezes me ajudava, assim dia de sábado, que elas não estudavam nem trabalhavam, e os rapazes também que trabalhavam lá com o meu marido vinha também, encerava a casa pra mim.../

14) Comparando épocas

[*Em relação ao casamento*] Ah eu acho que hoje... não acho que, sei lá que eu vejo aí, eu acho que hoje tá *pior*, antigamente era melhor./ Tem muitas coisas que hoje é melhor né, mas no desrespeito que é pior/ Eu acho que a mulher hoje em dia, mulher, moça, o que for, tem que trabalhar, mas eu não concordo, falo com elas mesmo, da mulher trabalhar o dia inteiro porque... principalmente a mulher que tem filho, porque se ela trabalha o dia inteiro ela não tem tempo de ver o filho, de cuidar do filho, de ver o que o filho fez de errado, o que ele tem que fazer, o que que ele tem que estudar./ Eu acho que a mulher deve trabalhar, porque a mulher ficar pedindo coisa pro marido não é bom né, tem vez que ele dá, tem vez que ele não quer dá.../...a mulher deve trabalhar, só não acho que ela deve trabalhar o dia inteiro e não olhar a casa./ / Eu não acho que, que pessoa de idade

não pode ter filho, eu não acho que ela deve ter filho sem casar, agora se ela tem marido o que tem ela ter filho que ela tá velha, tem nada a ver, filho dela, marido dela.../ [*acha que ser mãe hoje é diferente ser mãe há trinta anos?*] É, deve ser né, porque... né. (...) Ah, porque quando eu fui era melhor né, porque hoje é... as minhas filhas falam que, que os filho são tudo diferente né, que... que... sei lá, eu acho que é difícil porque... eu imagino (ênfase) que os próprio pais não sabe educar, porque se agisse mais eu acho que os filhos não seria do jeito que são não./ Igual por exemplo *Ah se bater no filho, ele vai pra justiça porque ele vai falar no juizado de menor*, falei Ah meu Deus do céu, eu ia ser presa (risos) porque eu batia, hoje eu batia./ Eu acho que falta, falta, porque se cê fala com uma criança uma vez, duas vezes, três vezes, não é possível, menina, esse menino a gente fala, cê fala com ele assim Menino num faz isso porque isso... cê fala bem, *Meu filho não faz isso não, que isso é feio, isso não pode, papai do céu não gosta*. Ah, eu faço!/ ...que eu acho feio um filho chamar o pai de você, hoje em dia se chama, né, mas eu acho isso muito feio, eu acho que deve impor respeito/ : Eu fico admirada quando eu vejo alguém falar que casou e que tem três meses, seis meses, um ano e já separou, eu fico horrorizada./ eu acho que esse povo tem que agir mais com os filho, pais, todos eles/ que a maioria dos filho de hoje em dia, que a gente ouve falar por aí, esse que é maconheiro, que é ladrão, que é não sei o que lá, isso tudo é filho de pais sem casar, né, mãe solteira, eu acho que as mulheres tão muito *desvalorizando a si mesmas* (ênfase), as mulheres, moça, mulher, mulher de modo geral né, eu acho que elas têm que se valorizar mais, resguardar mais. (...) os homens não querem casar porque tá achando quem dá de graça, vai casar pra quê? Não é?

Entrevista 1 - Fase III

ANA tem 74 anos, é casada há 53 anos, tem nove filhos (seis mulheres e três homens), nasceu no interior de MG, mudou-se com seus pais adotivos para o interior do ES com 5 anos de idade, onde reside até hoje. Possui ensino fundamental incompleto (até 4ª série), trabalhava fora antes de se casar, mas após o casamento não pôde continuar porque o marido era contra, é católica praticante.

UNIDADES DE SIGNIFICADO

4) Concepções, expectativas e planos em relação ao casamento

Segundo Ana, naquela época as moças passeavam muito na praça, não saíam sozinha, não saíam com o namorado, só saíam se fosse uma pessoa da família pra tomar conta. O horário máximo de chegar em casa era dez horas. Os casais também não se viam todo dia não, igual hoje, era só dia de domingo, às vezes sábado. Não davam a mão, “não tinha esse negócio de agarrar”, nada disso, não se beijavam. Viu o marido pela primeira vez num casamento, mas começou a namorar com ele na praça, com dezesseis anos. Disse que só beijou o marido depois que casou, “(...) aí sim, eu aproveitei (...) por isso que eu tenho um monte de filho...” Relatou que sempre pensava “eu não vou dá confiança esse rapaz não porque depois ele fala com os colegas dele (...) e aí depois ninguém vai querer me namorar”. Segundo Ana, tinham muitos rapazes querendo namorá-la, mas ela não queria. Disse que sempre teve vontade de casar pra ter a própria casa, pra não ficar morando com os outros. “Tenho fé em Deus que no dia que eu me casar eu quero ter a minha casa pra eu fazer o que eu quero”. Achava que ia casar e ia viver “legal”. Disse que começou a namorar no dia de São Pedro, na festa de Cachoeiro, e que queria se casar no dia do aniversário, mas não pode por causa da idade. Foram cinco anos entre namoro, noivado e casamento.

5) Mudanças decorrentes do casamento

Ana relatou que começou a trabalhar com catorze anos. Quando casou o marido falou não queria que ela trabalhasse, queria que ela ficasse em casa, aí ela não trabalhou mais.

6) Aspectos da vida conjugal

- Avaliação

Segundo Ana, o casamento foi muito bom na época em que casou, “foi muito legal mesmo, apesar de ser pobre, viviam muito bem”. Disse que o que atrapalhou foi o marido ter “arrumado” uma amante. Acha que se não fosse isso estavam muito bem, “... bem que eu digo não é sobre... amor mesmo...” Relata que no início cuidava da casa e passeava com o marido, ia na igreja, ia onde ele queria ir e podia ir, era mais amor, mais carinho, mais tempo. Disse que tinham uma vida maravilhosa.

- marido

De acordo com Ana, o marido ficava muito feliz com o nascimento dos filhos, sobretudo com o da primeira filha. Quando nascia um filho ele ia em casa duas, três vezes por dia para ver o bebê e para vê-la. Disse que ele comprava todas as coisas necessárias, “pro que precisava ele tava sempre pronto, muito atencioso”. Relata que quando os filhos eram pequenos eles passeavam muito em família e tinham boas condições. O marido

gostava que saíssem todos juntos. Afirma que ele era muito amoroso, carinhoso e cuidadoso com os filhos quando eram pequenos, brincava, passeava, às vezes iam na igreja, e que foi muito bom pai, ótimo pai. Ele se envolveu com uma outra mulher (vizinha) e teve dois filhos com ela. Acha que foi a mulher que procurou seu marido, não foi ele que foi atrás dela. Destaca que não podia ficar atrás do marido por causa dos filhos, tinha que cuidar deles, e que não sabia que o marido tinha uma outra pessoa, demorou a descobrir. Segundo Ana, ainda hoje o marido frequenta a casa da amante, mas não dorme lá. Disse que já mandou ele embora, mas ele não quer sair de casa, não quer se separar “...falou que só sai daqui morto, quando quatro pessoas carregar ele...” Acha que ele dá dinheiro para a amante, com quem se relaciona há mais de trinta anos, já para ela ele não dá mais dinheiro, disse ter sorte por ser aposentada. Pensa em se separar, mas acha “feio”, “horrível” ir pra Justiça. Afirmou que não quer que continue desse jeito, “eu falo com ele que eu não quero que ele fique lá e cá, ou fica lá ou fica aqui...” e queria ter certeza de que ele não vai atrás dela. “Eu sempre falo isso, tem que comer junto, sofrer junto, morrer junto, é difícil, mas...” Disse que não dorme com ele, têm quartos separados. Segundo Ana, o marido fala que mesmo que se separassem ele não vai ir com ninguém. Mencionou que antigamente ele bebia muito, ficava com a amante nos bares bebendo. “...mas, graças a Deus, esse negócio de bebida acabou, não bebe mais, só toma refrigerante agora, nem bar assim...”

- Comparando épocas

Acha que o casamento hoje “*tá pior*” e que antigamente era melhor. Disse que hoje é melhor em muitas coisas, mas no “desrespeito” é pior. “Eu fico admirada quando eu vejo alguém falar que casou e que tem três meses, seis meses, um ano e já separou, eu fico horrorizada.”

4) Separação

Ana afirmou que antigamente era difícil ver casais separados. Disse que já mandou o marido embora, mas ele não quer ir. Não quer que continue assim, não quer que ele “fique lá e cá”. Pensa em se separar, mas acha “feio” ir pra Justiça. Ana afirma que ele não quer separar de jeito nenhum, mas ela queria ter certeza de que ele não vai atrás da amante. Não dormem juntos, têm quartos separados. Acha que a amante fica “doida” que eles se separem, mas o marido fala que, mesmo que se separem, não vai morar com ninguém.

5) Comparação com o casamento dos pais

Ana relatou que os pais viviam muito bem, não brigavam, ambos eram de “mais idade”. Não tinham filhos biológicos, por isso a “pegaram” pra criar. A mãe era costureira e o pai trabalhava numa fábrica de bebida. A mãe costurava e ajudava ao marido.

6) Responsabilidades femininas e masculinas na família

Segundo Ana, ela que fazia tudo em casa, que sempre foi responsável pelas tarefas de casa. Afirmou que o marido nunca foi de fazer nada em casa, e com os filhos só ajudava assim “...quando ele chegava, se o almoço não tivesse pronto, aí ele pegava um menino até eu poder...” “Não trocava fralda, não dava banho, só dava mamadeira e se fosse para crianças maiores. Disse que ela ficou responsável por tomar conta e educar as filhas e ele os filhos. “...ele falou assim *Você toma conta das filha e eu tomo conta dos meninos...* Falei Oh, seus filhos num formaram... as minhas formaram”. Relatou que ele corrigia os

filhos, mas como nunca estava em casa, ela que sempre “enfrentava mesmo”. Disse que as filhas ajudavam, cada uma tinha sua tarefa, sua obrigação, e que os filhos ficavam mais por conta do pai quando eles já estavam “rapazinho”. O filho mais velho, enquanto não tinha idade de trabalhar com o pai, ajudava em casa também, arrumava a cozinha. A filha mais velha ia tomando conta do mais novo, aquele depois ia tomando conta do outro. Na opinião de Ana, o marido tem que comprar tudo pra casa, sustentar a casa. “... eu acho que é um dever né, a não ser que a mulher trabalhe fora, aí cada um ajuda um pouco né”. Acha que a mulher, mesmo que não tenha filhos, deve cuidar do almoço do marido, das coisas do marido, tem que ter tempo, se ela não tiver empregada, tem que cuidar da casa, fazer tudo, não deve deixar que o marido fale dela “Eu acho que a mulher tem que fazer tudo e fazer... como dizia o povo antigo, das tripas coração, mas não deve deixar a desejar”. “Porque uma mulher é mais suficiente de ficar sem o marido, do que o marido sem a mulher, porque o marido não faz o que uma mulher faz, uma mulher, ela trabalha fora, ela cuida de casa, ela faz tudo em casa e ainda trabalha fora, e o homem ele não faz (...) homem não guenta o que mulher agüenta não...”

7) Concepções, expectativas e planos em relação à maternidade

Segundo Ana, quando se casou não pensava a respeito de filhos, “pensava só em abraçar, beijar...” Disse que não pensava em ter muitos filhos, “mas aí... Deus me deu né, graças a Deus, tão tudo vivo, bom demais”. Achava que ia ser como outras pessoas (como uma prima) que só tinham um ou dois filho. “Eu pensava (...) quando eu casar eu vou ter só um filho ou dois... porque fulana tem só um, fulana tem dois...” Relatou que os filhos não eram planejados, que não tinha remédio e nem usavam camisinha. Disse que “Ficava esperando neném e nem sabia, também não passava mal, graças a Deus”. Segundo Ana o marido falava “*Ah, não quero mais filho*, aí quando eu pensava que não, tava esperando neném, aí foi vindo”. Falava com as amigas que se casasse com o atual marido, e tivesse uma filha a mesma ia se chamar Edna Aparecida e se tivesse um filho ia chamar Edson Carlos, e teve os filhos e colocou os nomes. Disse que falava mais por brincadeira. Mencionou que quando estava esperando neném queria que o filho nascesse perfeito, com saúde, e também imaginava que os filhos pudessem estudar. Relatou que não tinha preparação nenhuma pra ter filho “(...) hoje pode né, mas naquele tempo não”. Destacou que temia não dar conta pelo grande número de filhos, mas “Deus deu um jeito” “(...) com uma porção né, como é que eu ia arrumar, mas graças a Deus, Deus deu um jeito (...) fui aprendendo com a vida mesmo e lidei com eles...” De acordo com Ana, na época em que era jovem as pessoas não falavam sobre o assunto, sobre ter filhos. “... porque naquele tempo as pessoas de idade não conversavam esse negócio com a gente não, não falava igual o povo fala hoje tudo né, num falava não”. Disse ser contra quem tem filho sem casar (mãe solteira), até fala com as filhas e com as netas sobre isso. “Eu acho feio é ter filho sem marido, igual tem mulher que tem três filho, cada um de um pai, Deus que me perdoe, meu pai, tem condições não...” Relatou que teve sete filhos em casa e as duas últimas no hospital.

8) Mudanças decorrentes do nascimento dos filhos

Disse que o fato de ter muitos filhos atrapalhava conseguir alguém para trabalhar em sua casa, “(...) ninguém gosta de, de trabalhar na casa que tem muito filho né, porque dá muito serviço, criança amola né, mas graças a Deus eu não precisei de trabalhar fora né, aí dei conta dos filhos, do marido”. Relatou que antes de ter os filhos cuidava da casa e passeava com o marido, ia na igreja... “era mais amor, mais carinho, brincadeira né, mais

tempo”. Disse que com o nascimento dos filhos passou a ter menos tempo para ela e o marido, “(...) porque se cuidar muito dos filho a gente não tem tempo”. Disse que às vezes eu ia tomar banho onze horas da noite, quando o marido chegava, “(...) porque criança pequena você não pode deixar acordado e você tomar banho, cê deixar a porta aberta... naquele tempo era muito feio, mau exemplo, né e, fechar a porta, menino faz ‘arte’, machuca...” Acha que pelo fato de não ter muito tempo por causa dos filhos que o marido se envolveu com uma amante. “Porque eu fiquei muito... num tinha tempo de pensar, se eu tivesse mais tempo tinha ido lá, mas eu não tinha tempo”. “Vê se eu podia ficar atrás do marido com um monte de filho pequeno, tinha que dar banho, dar comidinha, né...” “Eu fui mais pra parte dos filhos né.” Não acha que sua forma de encarar a vida e as coisas mudou com a chegada dos filhos. O relacionamento com o marido mudou no sentido de que certas coisas não podiam ser feitas perto dos filhos, “é falta de respeito né...”

9) Experiência da maternidade

Disse que acha muito bom ser mãe, ter família grande, os filhos estão sempre por perto, unidos. “... graças a Deus tá muito bom, Deus é muito bom, ter os meus filho, peço a Deus que dê saúde a todos...” Mas menciona que cuidar de muitos filhos “não foi fácil”. Acha que hoje, que se escolhe quantos filhos se quer ter, “uma pessoa deveria ter três a quatro filho, mais não, porque dá muito trabalho né”. Também não concorda em se ter um ou dois filhos apenas, acha muito pouco. Acredita que os filhos a consideram uma boa mãe “(...) porque eu fazia tudo pra eles, eu queria que eles fossem melhor do que eu, toda mãe quer que os filho sejam melhor do que ela foi né. Afirma que os filhos não eram “santos”, mas também não eram como as crianças de hoje. Não eram muito desobedientes, e se fossem batia neles.

10) Práticas cotidianas

Relatou que sempre cuidou dos filhos e da casa. Disse que sempre se preocupou com a questão de ter horário para as coisas: comer, ir para a escola, brincar. “Assim que era, tudo na hora certa”. Acha que hoje as pessoas não se preocupam com horário. “Quase não tinha tempo pra... pra nada não, ué, era almoço, café, lavar a roupinha, lavei roupa, minha filha, até uma hora da manhã (...) enquanto eles dormiam, fazia o serviço, dava graças a Deus quando aparecia um, uma pessoa conhecida pra pegar um pouquinho pra mim fazer alguma coisa depressa...” “(...) começava, às vezes, dar banho nos filho quatro horas pra dar janta seis horas, até que dava banho... eu dava banho, se eu queria sair, dava banho neles cedo e botava eles de castigo, sentado na cadeira, no banco”. Disse que não ficava com os filhos muito no colo porque depois ficava “manhoso” e não queria ficar na cama. Quando os filhos já estavam maiores “prendia eles”, não deixava “solto” com medo de acontecer alguma coisa, se machucarem. Não gostava que os filhos fossem pra rua, então os deixava “preso” dentro de casa. Acha que hoje as crianças ficam soltas. “Eu acho que a mãe tem que levar os filho pra igreja, botar num bom caminho, ensinar o melhor possível né, ir à igreja, ir na escola (...) deve ir ao favor do professor e não contra, não deve escutar conselho dos filho, que o, que o filho fala mentira...” “Acha que os filhos devem sair de casa “...com um pouco de educação pra acabar de aprender na escola, não é ele sair de casa sem educação e fazer grosseria com professor não, obedecer”. Relatou que se fosse chamada na escola por causa dos filhos batia neles quando chegasse em casa. Acha que tem que educar filhos e filhas de forma igual, “(...) mas sabendo que o filho homem, ele, por exemplo, se ele vai pra rua, ele pode chegar

mais tarde, é só saber onde ele que está...” Para ela o filho homem fica mais fora de casa, e filha é mais amiga da mãe. Sempre valorizou a questão dos estudos, embora alguns filhos não tenham estudado. Quando os filhos estavam brigando, “pulava” no meio deles, separava, e dava um tapa em cada um. “(...) eu era muito esperta, minha filha, ah, aqui oh, muito esperta mesmo pra dá conta, porque não é qualquer um que dá conta não”. “(...) num foi fácil não!”

11) Comparação com práticas da sua mãe

Segundo Ana, sua mãe era muito boa, era costureira. Como não saía de casa, era ela (já com uns doze anos) quem comprava os materiais de costura (aviamentos) para a mãe. “(...) eu que fazia esses negócio tudo pra ela na rua, ela não saía de casa... Disse que a mãe não conversava com ela sobre o que era certo ou errado. Se acha uma mãe mais ou menos parecida com ela no sentido de cuidar, de comprar as coisas. Mas acha que pelo fato de ter muitos filhos enquanto a mãe só teve ela foi mais difícil, “mas se a gente ensinou a um, ensinou a todos né”. Disse que a mãe tinha muito cuidado com ela, a arrumava para sair com o pai adotivo, para ir à igreja. Acha que foi uma filha obediente. “(...) se a minha mãe adotiva falasse uma coisa comigo, se eu respondesse ela me batia *pra valer*, me batia pra valer mesmo (...) não foi bom? Eu não fiz mais”. Relatou que a mãe sempre foi muito carinhosa com os netos e com o genro, fazia coisas para agradá-los quando iam visitá-la. A relação com a mãe continuou a mesma depois que teve os filhos.

12) Comparação com práticas das filhas

Acha duas filhas (a mais velha e a Eliana) parecidas com ela no sentido de “olhar” os filhos, de agir, de educar. Já a filha mais nova acha diferente dela. Disse que essa filha trabalha fora o dia inteiro e não tem tempo de “agir o filho”, que vai fazer dezessete anos. Disse que fala com ela “Menina, cê tem que agir mais, você tá descuidando muito o seu filho (...) Você não pode... você trabalha, eu sei que cê tem que trabalhar, mas você tinha que ter um tempo pra falar *Meu filho vamo estudar agora, você estudou?*” Acha que a filha não está atentando para isso.

13) Comparando gerações

Acha que a mulher hoje em dia tem que trabalhar, mas não concorda que trabalhe o dia inteiro, principalmente a mulher que tem filhos, “(...) porque se ela trabalha o dia inteiro ela não tem tempo de ver o filho, de cuidar do filho, de ver o que o filho fez de errado, o que ele tem que fazer, o que que ele tem que estudar”. Acha que a mulher pode trabalhar, até para não ficar pedindo as coisas ao marido, mas não pode deixar de “olhar” a casa. Afirma que a mulher de mais idade pode ter filho, o que não concorda é que a mulher tenha filhos sem casar. Acha que quando foi mãe era melhor do que hoje, “(...) porque hoje é... as minhas filhas falam que, que os filho são tudo diferente né, que... que... sei lá, eu acho que é difícil porque...” Acredita que os próprios pais não sabem educar, não impõem respeito, “(...) porque se agisse mais eu acho que os filhos não seria do jeito que são não”. Disse que se fosse hoje seria “presa” porque iria bater nos filhos. “(...) a maioria dos filho de hoje em dia, que a gente ouve falar por aí, esse que é maconheiro, que é ladrão, que é não sei o que lá, isso tudo é filho de pais sem casar, né, mãe solteira, eu acho que as mulheres tão muito *desvalorizando a si mesmas* (...) eu acho que elas têm que se valorizar mais, resguardar mais. (...) os homens não querem casar porque tá achando quem dá de graça, vai casar pra quê? Não é?

14) Rede de apoio/suporte social

Disse que quando não dava conta, arranjava uma pessoa para ajudá-la, mas não podia contar com isso, pois as pessoas não ficavam trabalhando muito tempo na casa dela por conta do grande número de filhos. Contava com a ajuda dos filhos mais velhos, que “(...) iam ajudando olhar os mais novos”. Disse que a mãe adotiva não gostava de ficar com criança para tomar conta, gostava de brincar, de ficar um pouquinho, mas tomar conta não. Mas era muito boa, “(...) ela adorava as crianças, e eles também adorava ela”. Disse que a mãe faleceu quando os netos ainda eram crianças. Relatou que a sogra era muito boa, ficava na casa dela uns dias, e quando viajava com o marido ela ficava com os netos. As cunhadas também ajudaram muito, “(...) as minhas cunhadas eram muito boas, elas vinha, às vezes me ajudava, assim dia de sábado, que elas não estudavam nem trabalhavam...” Disse que uns rapazes que trabalhavam com o marido dela também ajudavam, tanto que são padrinhos de uma filha dela. “(...) os rapazes também que trabalhavam lá com o meu marido vinha também, encerava a casa pra mim.”

Entrevista 1 – Fase IV
Estrutura 1 – A experiência de Ana

ANA tem 74 anos, é casada há 53, tem nove filhos (seis mulheres e três homens), nasceu em uma pequena cidade de MG, e aos 5 anos de idade mudou-se para uma cidade de porte médio no sul do ES, onde reside até hoje. Coursou o ensino fundamental até a 4ª série. Trabalhava fora, mas após o casamento parou. É católica praticante.

Casou com 21 anos. Conheceu seu esposo passeando na praça com as amigas. Tinha 16 anos quando começaram a namorar. *“Foram cinco anos entre namoro, noivado e casamento”*.

Na sua época de jovem as moças não saíam sozinhas, nem com o namorado. Só saíam com uma pessoa da família para tomar conta, e com horário máximo de voltar para casa. Os namorados não se viam todos os dias, *“só dia de domingo, às vezes, sábado”*, sem dar as mãos, *“não tinha esse negócio de agarrão”*, não se beijavam. Só beijou o marido depois que casou: *“aí sim, eu aproveitei (...) por isso que eu tenho um monte de filhos”*. Muitos rapazes queriam namorá-la, mas ela não *“dava confiança”* porque tinha medo de ficar *“mal falada”* e ninguém querer namorá-la.

Sempre teve vontade de casar para ter a própria casa. *“Tenho fé em Deus que no dia que eu me casar eu quero ter a minha casa pra eu fazer o que eu quero”*. Imaginava que ia casar e viver bem.

No começo o casamento *“foi muito legal mesmo, apesar de ser pobre, vivia muito bem”*. Cuidava da casa e passeava com o marido, *“era mais amor, mais carinho, mais tempo”*. Tinham uma vida maravilhosa. O marido não quis que ela continuasse trabalhando (trabalhava desde 14 anos), e aí parou.

O marido ficava muito feliz com o nascimento dos filhos, sobretudo com o da primeira filha. Quando tinha filho recém-nascido aparecia em casa várias vezes por dia para vê-la e ao bebê. Comprava todas as coisas necessárias, era *“muito atencioso”*. Passeavam muito em família, pois ele gostava que sássem todos juntos. Era muito amoroso e cuidadoso com os filhos, brincava, passeava. Foi ótimo pai e tem bom relacionamento com os filhos.

Com os filhos ainda pequenos, o marido se envolveu com uma vizinha. Acredita que se não fosse isso estariam bem. Crê que a mulher o *“procurou”*, *“não foi ele que foi atrás dela”*. Não podia ficar atrás do marido por causa dos filhos, tinha que cuidar deles, e demorou a descobrir que ele tinha outra pessoa.

Com o nascimento dos filhos Ana ficou com pouco tempo para ela e o marido, “*porque se cuidar muito dos filhos a gente não tem tempo*”, e acha que por isso o marido se envolveu com outra mulher. “*Porque eu fiquei muito... num tinha tempo de pensar, se eu tivesse mais tempo tinha ido lá, mas eu não tinha tempo. (...) Vê se eu podia ficar atrás do marido com um monte de filho pequeno. (...) Eu fui mais pra parte dos filhos*”.

Segundo Ana, o marido continua a freqüentar a casa da amante, com quem se relaciona por mais de trinta anos, sustentando-a e aos dois filhos que tem com ela, mas nunca dorme nessa casa. Já o mandou embora de casa, mas ele não quer se separar, “*falou que só sai daqui morto*”. Pensa em se separar, mas acha “*feio*”, “*horrível ir pra Justiça*”. Dormem em quartos separados.

Ana e os filhos não têm nenhum tipo de contato com os filhos do marido com a amante, e muito menos com essa última, embora a mesma, segundo Ana, até hoje a “*atente*” e perturbe.

Afirmou que antigamente era difícil ver casais separados. Acha que a amante deseja muito que eles se separem, mas o marido diz que, mesmo se separando, não vai morar com ninguém.

Relatou que antigamente o marido bebia muito, ficava com a amante nos bares. “*Graças a Deus, não bebe mais, só toma refrigerante agora*”.

Avalia que antigamente casamento era melhor. Hoje é melhor em muitas coisas, mas no “*desrespeito*” é pior. “*Fico admirada quando eu vejo alguém falar que casou e que tem três meses, seis meses, um ano e já separou, eu fico horrorizada*”.

Com relação ao casamento de seus pais, estes viviam muito bem, não brigavam, ambos eram de “*mais idade*”. Não tinham filhos biológicos, por isso a “*pegaram pra criar*”. A mãe era costureira e o pai trabalhava numa fábrica de bebida. A mãe costurava e ajudava ao marido.

Segundo Ana, quando se casou não pensava sobre filhos, “*pensava só em abraçar, beijar*”. Não pensava em ter muitos filhos, “*mas aí... Deus me deu né, graças a Deus, tão tudo vivo, bom demais*”. Achava que ia ser como outras pessoas que só tinham um ou dois filhos. Não planejavam filhos, não tomava remédio e nem usavam preservativo. “*Ficava esperando neném e nem sabia*”. O marido falava que não queria mais filhos, mas quando ela menos esperava, estava grávida. Teve sete filhos em casa e as duas últimas no hospital.

Mencionou que quando engravidava esperava que o filho nascesse perfeito, com saúde, e que ele pudesse estudar. Não tinha preparação alguma para ter filhos, e temia não dar conta de tantos filhos, mas “*graças a Deus, fui aprendendo com a vida mesmo e lidei*

com eles". Em sua época de jovem as pessoas não falavam sobre ter filhos *"porque naquele tempo as pessoas de idade não conversavam esse negócio com a gente não"*.

Sempre foi a responsável pelas tarefas de casa e pelo cuidado com os filhos. O marido nunca foi de fazer *"nada"* em casa, e com os filhos ajudava pouco. Ele até dava mamadeira, mas apenas se fosse para crianças maiores. Mencionou que o marido propôs que ela *"tomasse conta"* das filhas e ele dos filhos: destaca que os filhos não *"formaram"* e as filhas sim. Ele corrigia os filhos, mas como nunca estava em casa, ela que sempre *"enfrentava mesmo"*.

Continuamente preocupava-se com a questão de horário dos filhos - para comer, ir à escola, brincar: *"Tudo na hora certa"*. Acha que hoje não há preocupação com isso. Por conta dos filhos, não tinha tempo para nada: *"era almoço, café, lavar a roupinha, lavei roupa, minha filha, até uma hora da manhã (...) enquanto eles dormiam, fazia o serviço, dava graças a Deus quando aparecia um, uma pessoa conhecida pra pegar um pouquinho pra mim fazer alguma coisa depressa"*.

Quando os filhos já eram maiores não gostava que fossem para rua, então os deixava *"presos"* dentro de casa com medo de acontecer alguma coisa, de se machucarem. Acha que hoje as crianças ficam muito *"soltas"*. *"Eu acho que a mãe tem que levar os filhos pra igreja, botar num bom caminho, ensinar o melhor possível"*. Se fosse chamada na escola por causa dos filhos batia neles.

As filhas ajudavam em casa, cada uma com sua tarefa. Os filhos, quando já estavam *"rapazinho"*, ficavam mais com o pai. Os filhos mais velhos, mas ainda sem idade de trabalhar com o pai, ajudavam a *"olhar"* os mais novos.

Acha que filhos e filhas devem ser educados de forma igual, com as mesmas regras, *"mas sabendo que o filho homem, ele, por exemplo, se ele vai pra rua, ele pode chegar mais tarde"*. Filho fica mais fora de casa e filha é mais amiga da mãe.

Sempre valorizou os estudos, embora alguns filhos homens não tenham dado continuidade. Batia quando achava necessário. Afirma que os filhos não eram *"santos"*, mas também não eram como as crianças de hoje. Não eram muito desobedientes, e se fossem batia neles.

Para Ana, a responsabilidade do homem/marido na família é sustentar a casa: *"acho que é um dever né, a não ser que a mulher trabalhe fora, aí cada um ajuda um pouco"*. Acha que a mulher, mesmo sem filhos, deve cuidar do almoço do marido, das coisas do marido, tem que ter tempo para ele, e se não tiver empregada, tem que cuidar da casa, fazer tudo, não deve deixar que o marido fale dela. *"Eu acho que a mulher tem que fazer tudo e*

fazer, como dizia o povo antigo, das tripas coração, mas não deve deixar a desejar (...) Porque uma mulher é mais suficiente de ficar sem o marido, do que o marido sem a mulher, porque o marido não faz o que uma mulher faz, uma mulher, ela trabalha fora, ela cuida de casa, ela faz tudo em casa e ainda trabalha fora, e o homem ele não faz (...) homem não guenta o que mulher agüenta não”.

Ter muitos filhos dificultava encontrar alguém para trabalhar em sua casa, pois *“ninguém gosta de, de trabalhar na casa que tem muito filho né, porque dá muito serviço, criança amola né.”*. Agradece a Deus não ter precisado trabalhar fora, porque assim *“deu conta”* dos filhos e do marido. Contava com a ajuda dos filhos mais velhos, com a sogra, que era muito boa, e com as cunhadas: *“as minhas cunhadas eram muito boas, elas vinha, às vezes me ajudava, assim dia de sábado, que elas não estudavam nem trabalhavam”*. Uns rapazes que trabalhavam com o marido dela também ajudavam, tanto que são padrinhos de uma de suas filhas. Já a mãe adotiva não gostava de ficar com criança para tomar conta, gostava apenas de brincar, de ficar um pouquinho, mas era muito boa, *“adorava as crianças, e eles também adorava ela”*. Faleceu quando os netos ainda eram crianças.

Ana acha muito bom ser mãe, ter família grande, com os filhos sempre por perto, unidos. *“Graças a Deus, tá muito bom, (...) peço a Deus que dê saúde a todos”*. Contudo, menciona que cuidar de muitos filhos *“não foi fácil”*. Acha que hoje, quando se escolhe quantos filhos se quer ter, *“uma pessoa deveria ter três a quatro filhos, mais não, porque dá muito trabalho”*. Também não concorda com ter um ou dois filhos apenas, acha muito pouco.

Sua forma de encarar a vida não mudou com a chegada dos filhos. O relacionamento com o marido mudou no sentido de que certas coisas não podiam ser feitas perto dos filhos.

Acredita que os filhos a consideram boa mãe porque *“fazia tudo pra eles, eu queria que eles fossem melhor do que eu, toda mãe quer que os filhos sejam melhor do que ela foi né”*.

Mencionou que sua mãe era muito boa. Como não saía de casa, era Ana (já com uns doze anos) quem comprava os materiais de costura (aviamentos) para ela. A mãe não conversava com ela sobre o que era certo ou errado, e se acha uma mãe mais ou menos parecida com ela. Pelo fato de ter muitos filhos, enquanto a mãe só teve uma, acha que viveu situação mais difícil.

A mãe tinha muito cuidado com ela, a arrumava para sair com o pai, e acha que foi uma filha obediente. *“Se a minha mãe adotiva falasse uma coisa comigo, se eu respondesse ela me batia pra valer”*. A mãe sempre foi muito carinhosa com os netos e com o genro e

fazia coisas para agradá-los quando iam visitá-la. Sua relação com a mãe não mudou depois que teve os filhos.

Considera duas de suas filhas parecidas com ela no sentido de “olhar” os filhos, de agir, de educar. Já a filha mais nova acha diferente dela. Essa filha trabalha fora o dia inteiro e não tem tempo de “agir o filho”, que vai fazer dezessete anos. Acha que a filha deve trabalhar, mas precisa tirar um tempo para “olhar” o filho.

Concorda que a mulher hoje em dia trabalhe, até para não ficar pedindo as coisas ao marido, mas não concorda que trabalhe o dia inteiro e deixe de “olhar” a casa, principalmente a mulher que tem filhos, *“porque se ela trabalha o dia inteiro ela não tem tempo (...) de cuidar do filho, de ver o que o filho fez de errado, o que ele tem que fazer, o que ele tem que estudar”*.

Afirma que na época em que foi mãe era melhor do que hoje, *“porque hoje é... as minhas filhas falam que os filhos são tudo diferente”*. Acredita que os próprios pais não sabem educar, não impõem respeito, *“porque se agisse mais eu acho que os filhos não seria do jeito que são”*. Acha que se fosse hoje seria “presa” por bater nos filhos.

Em sua opinião a mulher de “mais idade” pode ter filhos, mas não concorda que a mulher tenha filhos sem casar (seja “mãe solteira”), inclusive conversa sobre isso com as filhas e netas. *“A maioria dos filhos de hoje em dia, que a gente ouve falar por aí, esse que é maconheiro, que é ladrão, que é não sei o que lá, isso tudo é filho de pais sem casar, né, mãe solteira, eu acho que as mulheres tão muito desvalorizando a si mesmas (...) eu acho que elas têm que se valorizar mais, resguardar mais. (...) os homens não querem casar porque tá achando quem dá de graça, vai casar pra quê?”*